HAL
open science

A escrita da história na França de 1380 a 1404 : as representações discursivas sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin (†1380)

Carmem Druciak

▶ To cite this version:

Carmem Druciak. A escrita da história na França de 1380 a 1404 : as representações discursivas sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin (†1380). History. Université de Poitiers; Universidade Federal do Paraná (Brésil), 2018. Portuguese. NNT : 2018POIT5002 . tel-01992286

HAL Id: tel-01992286
https://theses.hal.science/tel-01992286v1

Submitted on 24 Jan 2019

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

CARMEM LÚCIA DRUCIAK

A *escrita da história* na França de 1380 a 1404: as representações discursivas sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin (†1380)

Tese apresentada como requisito à obtenção do grau de Doutora em História do Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná em cotutela com a Université de Poitiers (CESCM).

Orientação :
Prof.ª Dr.ª Marcella Lopes Guimarães (UFPR) e
Prof. Dr. Stéphane Boissellier (Un. de Poitiers)

Curitiba, abril de 2018

THESE

Pour l'obtention du Grade de

DOCTEUR DE L'UNIVERSITE DE POITIERS
(Diplôme National - Arrêté du 25 mai 2016)

U.F.R. : Sciences Humaines et Arts

Ecole Doctorale : Lettres, Pensée, Arts et Histoire

Section CNU : 21

Présentée par :

Mme Carmem Lucia DRUCIAK

****

L'écriture de l'histoire en France de 1380 à 1404 : les représentations narratives concernant le chevalier Bertrand Du Guesclin († 1380)

****

Directeurs de Thèse : M Stéphane BOISSELLIER et
Mme Marcella LOPES GUIMARAES (UFPR – Brésil)

JURY

Mme Andrea Carla DORÉ (UFPR – Brésil)
Mme Fátima Regina FERNANDES (UFPR – Brésil)
M Charles GARCIA (Université de Poitiers)
Mme Isabelle GUYOT-BACHY (Université de Lorraine)
M----------
M----------
M----------

Soutenue le : 12 juin 2018

"Des savoirs & des talents" | Université de Poitiers 1431

Sumário

I) Agradecimentos p. v
II) Resumo p. vi
III) Résumé p. vii
IV) Abstract p. viii
V) Resumo longo em francês p. ix
1) Introdução Geral p.1
2) *Uma vida e um mito forjados pelas armas: a gesta de Bertrand Du Guesclin* p. 13
2.1) Introdução à primeira parte p. 13
2.2) Cavaleiro antes da cavalaria: o cerco de Rennes (1356-1357) p. 23
2.3) Pela causa do rei: a batalha de Cocherel, quinta-feira, 16 de maio de 1364 p. 34
2.4) Cavaleiro adubado: a batalha de Auray, domingo, 29 de setembro de 1364 p. 50
2.5) Legitimado pelos poderosos: a Campanha das Grandes Companhias p. 61
2.5.1) A campanha das Grandes Companhias como banimento dos mercenários p. 61
2.5.2) Intrépido prisioneiro e fiel aos Valois: as batalhas de Nájera e Montiel p. 72
2.6) Du Guesclin, condestável das hostes régias (2 de outubro de 1370) p. 85
2.7) O nascimento do mito: a morte de Bertrand Du Guesclin em 13 de julho de 1380 p. 99
3) *A Escrita da História na França da Baixa Idade Média* p. 113
3.1) Introdução à segunda parte p. 113
3.2) A representação na história e a poética do relato cronístico p. 119
3.3) A memória nos prólogos de Cuvelier, do autor anônimo e de Christine de Pizan p. 128
3.4) *La chanson de Bertrand Du Guesclin* de Cuvelier (1380-1385) e o uso renovado de um gênero estabelecido p. 136
3.5) *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin* (1387) e a prosa historiográfica p. 154
3.6) *Le Livre des fais et bonnes meurs du sage roi Charles V* de Christine de Pizan (1404) e a historiografia a serviço de uma dinastia p. 166
4) *A cavalaria como tema da Escrita da História na França da Baixa Idade Média* p. 179
4.1) Introdução à terceira parte p. 179
4.2) Philippe de Mézières e a proposta de uma nova cavalaria para a defesa do bem comum p. 183
4.3) Honoré Bovet e o perfil de um bom cavaleiro p. 205
4.4) O conceito de cavalaria na *Chanson* de Cuvelier, na *Histoire* do autor anônimo e no *Livre des fais* de Christine de Pizan p. 219
4.5) Bertrand Du Guesclin como *preux chevalier* na *Chanson* de Cuvelier, na *Histoire* do autor anônimo e no *Livre des fais* de Christine de Pizan p. 231
5) Conclusão p. 238
6) Anexos p. 244
6.1) Dossiê iconográfico p. 244
6.2) Quadro comparativo dos despachos régios p. 247
7) Referências bibliográficas p. 249

Table de matières

I) Remerciements p. v
II) *Resumo* en portugais p. vi
III) Résumé p. vii
IV) Abstract p. viii
V) Résumé long en langue française p. ix
1) Introduction générale p.1
2) *Une vie et un mythe forjés par les armes : la geste de Bertrand Du Guesclin* p. 13
2.1) Introduction à la première partie p. 13
2.2) Chevalier avant la chevalerie : le siège de Rennes (1356-1357) p. 23
2.3) Pour la cause du roi : la bataille de Cocherel, jeudi 16 mai 1364 p. 34
2.4) Chevalier adoubé : la bataille d'Auray, dimanche 29 septembre 1364 p. 50
2.5) Légitimé par les puissants : la Campagne des Grandes Compagnies p. 61
2.5.1) La Campanha des Grandes Compagnies en tant que banissement des mercenaires p. 61
2.5.2) Prisonnier hardi et fidèle aux Valois : les batailles de Nájera et Montiel p. 72
2.6) Du Guesclin, connétable des armées royales, 2 octobre 1370 p. 85
2.7) La naissance du mythe : la mort de Bertrand Du Guesclin le 13 juillet 1380 p. 99
3) *L'Écriture de l'Histoire en France au Bas Moyen Âge* p. 113
3.1) Introdução à la deuxième partie p. 113
3.2) La représentation en histoire et la poétique du récit historique p. 119
3.3) La mémoire dans les prologues de Cuvelier, de l'auteur anonyme et de Christine de Pizan p. 128
3.4) *La chanson de Bertrand Du Guesclin* de Cuvelier (1380-1385) et l'usage renouvelé d'un genre établi p. 136
3.5) *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin* (1387) et la prose historiografique p. 154
3.6) *Le Livre des fais et bonnes meurs du sage roi Charles V* de Christine de Pizan (1404) et l'historiografie au service d'une dynastie p. 166
4) *La chevalerie comme thème de l'Écriture de l'Histoire en France au Bas Moyen Âge* p. 179
4.1) Introduction à la troisième partie p. 179
4.2) Philippe de Mézières et la proposition d'une nouvelle chevalerie pour la défense du bien commun p. 183
4.3) Honoré Bovet et le portrait d'un bon chevalier p. 205
4.4) Le concept de chevalerie dans la *Chanson* de Cuvelier, dans l'*Histoire* de l'auteur anonyme et dans le *Livre des fais* de Christine de Pizan p. 219
4.5) Bertrand Du Guesclin en tant que *preux chevalier* dans la *Chanson* de Cuvelier, dans l'*Histoire* de l'auteur anonyme et dans le *Livre des fais* de Christine de Pizan p. 231
5) Conclusion p. 238
6) Anexes p. 244
6.1) Dossier iconographique p. 244
6.2) Tableau comparatif des ordonnances royales p. 247
7) Références bibliographiques p. 249

I) Agradecimentos

Agradeço a meus orientadores, Prof.ª Dr.ª Marcella Lopes Guimarães e Prof. Dr. Stéphane Boissellier pelo trabalho que dedicaram a meu projeto nesses últimos anos e que agora chega a seu termo, para mim, motivo de grande satisfação.

Da mesma forma, agradeço aos examinadores, Prof.ª Fátima Regina Fernandes, Prof.ª Dr.ª Andréa Doré, Prof.ª Dr.ª Isabelle Guyot-Bachy e Prof. Dr. Charles Garcia pela leitura e preciosa contribuição para a conclusão desta tese.

Sou grata à minha família, aos amigos e aos colegas que contribuíram, cada um a seu modo, para a realização deste trabalho.

Não posso deixar de expressar meu agradecimento a Deus que, em Jesus Cristo, dá sentido a tudo que faço em minha vida.

II) Resumo

A presente tese analisa as representações discursivas sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin na escrita da história na França da Baixa Idade Média, nas obras do trovador Cuvelier, *La chanson de Bertrand Du Guesclin* (1385), do autor anônimo da *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin* (1387) e de Christine de Pizan em seu *Livre des fais et bonnes meurs du sage roi Charles V* (1404). Nossa análise se pauta sobre os conceitos de representação na história de Paul Ricoeur, com ênfase nos preceitos de *representância* e de *identidade narrativa* do autor, bem como na *poética do relato histórico*, metodologia desenvolvida por Leonardo Funes. A partir da leitura das fontes, verificamos que a construção da identidade narrativa de Bertrand Du Guesclin pelos autores se dava sobre uma reflexão do perfil de um *preux chevalier*, e principalmente sobre a cavalaria que estava em transformação naquele final de século XIV. Com base nessa análise, apontamos que a Escrita da História elegeu Bertrand Du Guesclin como modelo para uma redefinição da cavalaria cujos princípios se dariam pelo serviço à coroa francesa, pela disposição permanente das tropas, pela remuneração regular e pela performance guerreira de seus membros em detrimento dos laços linhagísticos.

Palavras-chave: Escrita da história; Representação; Cavalaria francesa; Bertrand Du Guesclin.

III) Résumé

La présente thèse analyse les représentations narratives concernant le chevalier Bertrand Du Guesclin dans l'écriture de l'histoire en France du Bas Moyen Age, dans les œuvres du trouvère Cuvelier, *La chanson de Bertrand Du Guesclin* (1385), l'auteur anonyme de *l'Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin* (1387) et Christine de Pizan dans son *Livre des fais et bonnes meurs du sage roi Charles V* (1404). Notre analyse est basée sur les concepts de représentation dans l'histoire de Paul Ricœur, en insistant sur les préceptes de la *représentance* et de l'*identité narrative* formulés par l'auteur, ainsi que sur la *poétique du récit historique*, approche développée par Leonardo Funes. A partir de la lecture des sources, nous observons que la construction de l'identité narrative de Bertrand Du Guesclin était fondée sur une réflexion à propos du profil d'un *preux chevalier*, et surtout sur une chevalerie en transformation à la fin du XIVe siècle. Sur la base de cette analyse, nous avons souligné que l'écriture de l'histoire a choisi Bertrand Du Guesclin comme modèle pour une redéfinition de la chevalerie dont les principes ont été dictés par le service à la couronne française, par la disposition permanente des troupes, par la rémunération régulière et par la performance guerrière de ses membres au détriment du lignage.

Mots-clés : Écriture de l'histoire ; Représentation ; Chevalerie française ; Bertrand Du Guesclin.

IV) Abstract

This thesis analyses the discursive representations about Knight Bertrand du Guesclin in the writing of history in Late Medieval France, in the works of troubadour Cuvelier, *La chanson de Bertrand du Guesclin* (1385), of the anonymous author of *Histoire de Messire Bertrand du Guesclin* (1387) and of Christine de Pizan, in her *Livre des fais et bonnes meurs du sage roi Charles V* (1404). Our analysis is based on the concepts of Representation in History of Paul Ricoeur, with emphasis on the precepts of the author's *narrative identity* and *représentance*, as well as on the *poetics of historical account*, methodology developed by Leonardo Funes. From the reading of the sources, we found that the construction of the narrative identity of Bertrand du Guesclin by the authors occurred on a reflection regarding the profile of a preux chevalier, and mainly of the chivalry that was in transformation in that late 14th Century. Based on this analysis, we point out that the Writing of History elected Bertrand du Guesclin as a model for a redefinition of the chivalry, whose principles were the service to the French Crown, the permanent disposition of the troops, the regular remuneration and the warrior performance of its members to the detriment of lineagistic ties.

Keywords: Writing of history; Representation; French Chivalry; Bertrand Du Guesclin.

V) Résumé long en langue française

Cette thèse doctorale a été conçue dans deux espaces institutionnels, l'Université Fédérale du Paraná (UFPR) et l'Université de Poitiers selon l'accord de cotutelle de thèse conventionné sur l'amitié entre les laboratoires de recherche, le NEMED, Núcleo de Estudos Mediterrânicos, et le CESCM, Centre d'études supérieures en civilisation médiévale, en 2016. Le dialogue entrepris par les laboratoires se présente heureux depuis 2011, grâce à la coopération entre ces membres, ce qui montre l'importance des études réalisées par l'équipe brésilienne et française pour la diffusion des études médiévales des deux côtés de l'Atlantique. Nous avons donc une grande satisfaction de proposer notre recherche au sein d'une si fructueuse amitié en vue de motiver d'autres études en coopération.

Notre parcours professionnel et académique avait déjà favorisé une formation hybride en Lettres et en Histoire pendant les années qui ont précédé nos études doctorales, surtout dans les champs de la littérature française et de la traduction[1]. Cependant, être médiéviste a demandé beaucoup plus en ce qui concerne de nouvelles méthodes de recherche, une nouvelle approche, un nouvel élan dans ce monde tout à fait nouveau qu'alors on découvrait, l'historiographie. Cette façon différente de travailler l'écrit nous a conduits à notre sujet de recherche dont il est question dans cette thèse : ***L'écriture de l'histoire en France de 1380 à 1404 : les représentations narratives concernant le chevalier Bertrand Du Guesclin (†1380).***

Si la traduction pour nous est très proche de la pratique historiographique, c'est parce que le traducteur révèle ce qui est caché dans une langue étrangère, et l'historien, pour sa part, réveille le passé en le faisant lisible à l'autre, dans une relation d'échange très généreux. Les deux professionnels doivent respecter leurs sources et être limités par elles, mais nous pensons être impossible de ne pas y verser un peu de notre propre identité et de notre temps. Il serait impossible de traduire de manière neutre, et non plus d'écrire une histoire neutre. Selon Peter Burke :

> L'activité de la traduction demande nécessairement une dé-contextualisation ainsi qu'une re-contextualisation. On « perd » toujours

[1] La traduction de textes de Jacques Revel à la demande de la maison d'édition UFPR a été notre première grande incursion par l'historiographie (cf. REVEL, J. *História e historiografia* : exercícios críticos. Trad. Carmem L. Druciak. Curitiba : Ed. UFPR, 2010, 264p). Quelques années plus tard, déjà saisie par le Moyen Âge, nous avons traduit l'œuvre de Michel Zink dans laquelle Jean Froissart et son rapport avec le temps a été décortiqué : ZINK, M. *Froissart e o tempo*. Trad. Carmem L. Druciak e Marcella L. Guimarães. Curitiba: Ed. UFPR, 2016, 276p.

> quelque chose dans la traduction. Toutefois, l'observation attentive de ce qui a été perdu se montre l'une des manières les plus effectives d'identifier les différences interculturelles. D'où la centralité de l'étude de la traduction pour la pratique de l'histoire culturelle[2].

Lorsque l'historien de la culture travaille ces différences, il peut proposer à son public « des explications de ce qui est arrivé »[3] en leur offrant un récit cohérent à propos des événements qu'il s'était proposé de problématiser ; en fin de comptes, l'historien présente sa traduction du passé. Pour le faire et « démontrer comment les groupes humains ont compris et représenté eux-mêmes et le monde où ils ont vécu »[4], l'historien choisit, compare, lit et se place dans un champ de l'histoire. Pour nous, dans ce travail, ce domaine est celui de l'Histoire de la Culture, puisque les notions de pratiques et représentations forment la base de l'approche que l'on fait des œuvres étudiées. Evidemment, le parallèle proposé entre la traduction et l'activité historiographique se limite à l'Histoire de la Culture dans la mesure où la traduction a servi au propos d'une approche et d'une lecture plus approfondie des sources, c'est-à-dire que pendant la traduction vers le portugais des extraits de ces textes, nous avons réfléchi sur des aspects formels ainsi que sur des aspects qui nous ont montré la vision du monde des auteurs étudiés. Ainsi, l'expérience traductive nous a servi également en tant qu'analogie pour que notre parcours des Lettres à l'historiographie devienne plus abordable.

Nous pensons que la culture lettrée produite dans la cour française au Bas Moyen Âge nous permet de tisser quelques considérations sur les thèmes travaillés par les hommes et les femmes de lettres dans leurs pratiques narratives, ainsi que sur la réception de ces écrits et ce que le public y voyait représenté.

Ayant défini le lieu d'où nous parlons, voyons le sujet principal de cette thèse, l'écriture de l'histoire. Nous comprenons qu'en travaillant avec des sources écrites de la fin du XIVe siècle, nous traitons d'un groupe producteur de culture spécialisé, qui détenait le privilège de l'intimité de puissants, et qui, pour sa part, parlait aussi d'un lieu bien défini à l'intérieur de ce contexte. Nous n'avons pas trouvé toutes les réponses à nos questions durant notre recherche, compte tenu des innombrables lacunes sur la vie, l'origine et l'action des lettrés auteurs des sources que nous avons choisies. Mais n'est-ce pas cela

---

[2] BURKE, P. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: _____ e HSIA, R. Po-Chia (orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Roger M. dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 46.

[3] DUBY, G. *Idade Média, idade dos homens*: do amor e outros ensaios. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 163.

[4] GUIMARÃES, M. L. Cultura na Baixa Idade Média. In: GIMENEZ, J. C. (org.). *História Medieval II*: a Baixa Idade Média. Maringá: EDUEM, 2010, p. 115.

même qui insuffle la vie à notre travail ? Seulement des vestiges... mais qui excitent notre curiosité historique. Ainsi, il est possible de considérer leurs écrits dans la perspective du fait que leurs œuvres, essentiellement narratives comme nous le verrons, se sont occupé d'événements, en fournissant une logique fondamentale pour que ce qu'ils racontaient ait du sens pour leur public : chroniqueurs, troubadours, biographes médiévaux... tous ceux que l'histoire a intéressés, comme l'affirme Pierre Courroux sur les chroniques françaises du Bas Moyen Âge :

> Avant d'être des sources primaires […] qui écrivaient l'histoire à partir de matériaux divers. C'est en tant qu'historiens maniant une poétique capable de fabriquer un récit du passé que je propose de les lire. Dès lors, peu importe la fiabilité de leurs travaux. Peu importe aussi leurs erreurs. Ils nous apprennent autre chose qu'une trame événementielle si nous les voyons comme des écrivains-historiens poursuivant un projet littéraire précis, et non comme des sources naïves et peu fiables, capables seulement de comprendre la surface d'événements qui les dépassent[5].

Nous ne pouvons comparer, ou plutôt donner la même valeur aux auteurs étudiés ici et aux historiens contemporains, cependant, ce que nous ferons, c'est tenter de montrer que, selon des normes et des composantes théoriques propres au contexte médiéval[6], ces hommes et femmes de lettres ont réalisé un travail historique pertinent dans leur société, et qu'ils ont écrit l'histoire. Tout comme on attend du traducteur qui connaît l'auteur qu'il traduise à la fois son œuvre et le contexte dans lequel elle a été produite, de l'historien on attend que, en portant son regard sur le passé, il n'ait pas de préjugés ni ne se positionne en tant que juge face à ce passé. C'est cela que nous avons cherché à faire en posant une problématique pour nos sources, en quête de réponses sur le chevalier Bertrand Du Guesclin (vers 1320-1380), en tant qu'individualité vers laquelle converge le problème. Nous avons essayé d'établir comment Du Guesclin a été représenté dans le discours de ces hommes et femmes de savoir comme modèle, à partir duquel une chevalerie, qui était en train de se transformer, pourrait progressivement devenir un corps militaire permanent.

La chanson de geste qui a donné naissance au chevalier en le faisant passer des lignes de bataille à celles de l'histoire, a été composée entre 1380 et 1385, peu après la mort de Du Guesclin au poste de connétable des armées de Charles V, roi français de 1364 à 1380. *La chanson de Bertrand Du Guesclin* est notre source principale, c'est à

---

[5] COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises* (XIIe-XVe siècle). Paris : Classiques Garnier, coll. Histoire Culturelle, 2016, p. 23.

[6] Il faut dire que les questions de philologie et linguistique n'occuperont pas les réflexions abordées dans cette thèse, quoique le contexte soit celui de formation de la langue française. Nous nous pencherons surtout sur les aspects historiographiques ainsi que littéraires, tels que les genres de textes et les structures narratives dès que ces éléments aideront à l'explication envisagée.

partir des vers de Cuvelier que nous présentons nos questions. Née de la plume de ce trouvère de Picardie, c'est une chanson de geste de plus de vingt-quatre-mille vers, divisée en laisses monorimes, dont la caractéristique principale est le ton épique utilisé pour traiter de la matière historique. Il faut dire que, dans la tradition littéraire dans laquelle elle s'insère, encore que tardivement, la chanson de Cuvelier ne vise pas seulement à élire un héros dont la quête de gloire personnelle en l'honneur d'un seigneur féodal justifierait toute l'action. Des lignes du trouvère nous pouvons inférer que l'histoire racontée n'est pas seulement celle de la vie de Bertrand Du Guesclin, mais également celle du royaume de France, où, et au service des seigneurs duquel, le chevalier a mis ses armes et combattu[7]. On peut trouver les événements évoqués par Cuvelier dans un grand nombre de documents, chroniques royales, correspondances et dépêches officielles des royaumes impliqués dans les conflits de l'époque, des écrits auxquels il a pu avoir accès.

En mettant en évidence dans notre travail les vers du trouvère Cuvelier, en présentant notre traduction en portugais dans le corps du texte et les originaux dans les notes de bas de page, nous dévoilerons une petite partie de cette très longue chanson de geste encore très peu prise en compte dans le milieu académique brésilien, aussi bien en ce qui concerne le champ de l'Histoire que celui des Études Littéraires. Nous espérons ainsi que cette œuvre commencera à figurer dans les travaux des médiévistes brésiliens pour sa portée documentaire sur la Guerre de Cent Ans et son déroulement, en ce qui concerne, surtout, la question des productions médiévales qui ont aussi servi à la création du mythe et pas seulement à la réalité des faits, celui qui se constitue dans la compréhension de l'horizon historique médiéval dont nous traitons dans ce travail. De plus**,** la partie qui touche au mythe[8] ou à la légende qui implique la figure de Du Guesclin fait déjà partie de son histoire, n'ayant pas le moyen de séparer son existence réelle de celle venue des mots des lettrés qui ont écrit à son propos. Il y a des analyses et controverses sur la validité du mythe de « sauveur » du royaume français ou encore d' « excellent stratège » de la reconquête territoriale française après le traité de Brétigny,

---

[7] A la différence de ce que présente la *Chanson de Roland*, par exemple, où le point de départ du récit est confirmé par l'historiographie. Le développement de cette chanson de geste antérieure à celle de Cuvelier n'assure pas la vérité historique ; en plus, l'histoire de Roland se construit sur un seul épisode, la bataille de Roncevaux qui aurait été contre les Basques transformés en sarrasins dans les textes, tout cela pour que les valeurs féodales de Charlemagne et de ses vassaux soient exaltées. Pourtant, dans cette fin du XIVe siècle, la geste continue d'être « le mode d'expression privilégié de l'exploit militaire et des combats de la chrétienté » (ZINK, M. *Littérature française du Moyen Âge*. Paris: PUF/ Quadrige, 2004, p. 96.)

[8] On peut comprendre mythe par « une dramaturgie de la vie sociale ou de l'histoire poétisée […] N'importe quel système d'interprétation aide à la perception d'une dimension de la réalité humaine et montre dans l'œuvre la fonction symbolique de l'imagination » (CHEVALIER, J. (org.). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1996, p. 714-715).

auquel on oppose l'image d' « usurpateur » galvanisé d' « honneur chevaleresque »[9]. Cette image négative de Du Guesclin a fini par se cristalliser dans les études qui ont considéré son action principalement dans la Péninsule Ibérique, pendant la campagne en Castille, dans laquelle il a soutenu Henri de Trastamare pour prendre le trône contre le roi légitime Pierre Ier [10]. Nous pensons que les alliances politico-militaires qui ont mené Charles V au côté des Trastamare dans les conflits castillans ont été trop compliquées pour que l'action de Du Guesclin soit vue seulement comme celle d'un escroc parti de ses terres en quête de gloire personnelle, pour laquelle il aurait participé au terrible fratricide de Pierre Ier en territoire étranger. Évidemment, les récits partisans des Valois, réalisés dans la période que nous avons étudiée, auront tendance à défendre les forces légitimées par la volonté du roi, en contribuant à la mythification de leurs acteurs :

> Assurément, les limites de l'homme sont patentes, son droit au titre de grand stratège est contestable, mais sa gloire n'est pas usurpée puisque le mythe était nécessaire. Comme le disait déjà Guillaume d'Ancenis à Froissart, « messire Bertrand fut si vaillant homme qu'on le doit augmenter ce qu'on peut »[11].

Nous croyons que Cuvelier a été le lettré qui a le plus contribué au renom et au mythe autour de son héros, et que la chanson a aussitôt atteint un certain succès, ses vers ayant été transposés en prose par un autre auteur, dont on ne connaît pas le nom, en 1387. Cette seconde œuvre, qui fait partie de notre corpus de sources, *l'Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin*, sera analysée dans cette thèse précisément au niveau de ses transformations : Que peut nous apprendre une lecture de Cuvelier sous forme de chronique en prose sur l'écriture de l'histoire en France à la fin du XIVe siècle ?

La troisième œuvre qui compose notre corpus principal de sources est la biographie du roi Charles V réalisée en 1404 par Christine de Pizan à la demande du frère

---

[9] CONTAMINE, P. « Bertrand Du Guesclin, une gloire usurpée ? ». In : _____.(org.). *Les Chevaliers*. Paris: Editions Tallandier, 2006, p. 76-77.

[10] Covadonga Valdaliso discute la construction de la mémoire de la bataille de Nájera (1367) dans les chroniques médiévales, dont le texte de Cuvelier, en disant que le récit de la bataille a été idéalisé dans les deux traditions, l'anglaise et la française, puisque déjà raconté en vers. Nous ne sommes pas d'accord avec Valdaliso sur le point où elle affirme que la forme versifiée choisie par les auteurs ne puisse que chanter les gloires des personnages au détriment de la vérité historique. Nous pensons, par exemple, à l'Antiquité et ses récits historiques en vers, et aux chroniques en prose, telle que les *Chroniques* de Froissart, où les éloges aux chevaliers dépassent la vérité attestée par l'historiographie. Cependant, l'auteure continue dans sa réflexion et montre que le récit des auteurs étudiés transformerait un « succès passé en un moment légendaire » qui servirait à une fin très bénéfique à ces acteurs. (VALDALISO, C. Construcciones de la memoria: la batalla de Nájera en las crónicas de la época. in *VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média*. Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaça, Batalha, 2009. V. II. p. 301).

[11] CONTAMINE, P. « Bertrand Du Guesclin, une gloire usurpée ? »…, p. 89.

du roi, le duc de Bourgogne, Philippe II, le Hardi, *Le livre des faits et bonnes mœurs du sage Roi Charles V*. Bien que plus distante des événements, et peut-être par là-même intéressante pour notre approche, l'œuvre de Christine de Pizan nous fournit des informations sur la manière dont Bertrand Du Guesclin était vu par ses contemporains, ou plutôt ce qui avait perduré de plus pertinent dans l'histoire du chevalier breton. De plus, la lettrée fait référence aux écrits sur Du Guesclin, aussi bien à la chanson en vers qu'à sa transposition en prose. Elle les utilise comme source pour étayer ses considérations, et elle suggère de surcroît qu'ils sont importants pour le lecteur qui aimerait approfondir ses connaissances sur le chevalier. De cette manière, nous verrons comment les trois œuvres sont reliées entre elles et s'il y a suffisamment d'intertextualités pour que nous établissions un mouvement de confluence[12] entre ces écrits.

Il faut souligner que, si le contexte de Cuvelier et de l'auteur de la version en prose était une période d'instabilité politique due à la minorité du roi Charles VI et à la régence de ses oncles, la situation finit par presque se reproduire quand Christine de Pizan a rédigé la biographie de Charles V, car il y avait alors les crises de démence de Charles VI, qui avait abandonné une fois de plus aux oncles la direction du royaume français. Ainsi, nous pouvons suggérer que les deux moments d'écriture se ressemblaient beaucoup dans leur exaltation de la figure d'un roi fort soutenu par un corps militaire fidèle et efficace, dont l'exemple reposait sur Bertrand Du Guesclin, en étant très utile à la monarchie pour nourrir le mythe. Nous pouvons suggérer qu'il était nécessaire de mettre en place pour les maisons seigneuriales la figure d'un roi sage pour servir d'exemple au fils qui rencontrait des difficultés à gouverner et peut-être ainsi tenter de montrer que la stabilité de la France, dans cette période de relative paix avec l'Angleterre, serait beaucoup plus profitable qu'un royaume divisé par les disputes entre les princes[13]. Dans tous les cas, la guerre civile allait arriver entre Armagnacs et Bourguignons, partisans respectivement de la France et de l'Angleterre et aussi dans des camps opposés du fait du schisme de l'Église : « l'enjeu est de mettre la main sur le dauphin pour lui servir de mentor, de lever des aides, de dominer le Conseil pour nommer aux offices et pour procéder à des réformes politiques »[14]. Nous

[12] Nous pensons à la notion de "confluence" dans le sens de "convergence", ce qui nous donne, pour expliquer ce qui se passait entre producteurs et produits culturels au Bas Moyen Âge, une notion plus fidèle que celle d'« influence », terme qui pourrait supposer une valeur de domination entre les courants littéraires et les thèmes travaillés par les gens de savoir de cette époque-là. Nous remercions la prof. Dr. Marcella L. Guimarães et les discussions menées à propos de ce sujet, ainsi que ses considérations, encore inédites, présentées dans l'article « Sintomas de renovação na poética tardo-medieval ».

[13] Nous signalons le désir de réforme des royaumes de la chrétienté explicité par Philippe de Mézières dans ce résumé dans un instant.

[14] GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge*. Du Ve au XVe siècle. Paris : PUF/Quadrige, 2010, p. 456.

ne savons pas exactement si l'atmosphère du royaume était à ce point instable que nous puissions dire que les lettrés dont nous traitons auraient aimer éviter ce qui peut-être s'annonçait en ayant au pouvoir un roi, soit faible parce que mineur, soit éloigné du pouvoir parce que fou. Ce que nous avons, ce sont leurs mots tournés vers la figure d'un roi qui concentrait en lui la reconquête de leurs possessions territoriales. Un roi qui soit capable de pourvoir au bien commun en ayant comme l'un de ses axes principaux l'organisation d'un corps militaire à disposition de la couronne, ayant à sa tête son valeureux connétable, d'où la possible exaltation de Charles V et de Bertrand Du Guesclin.

Bernard Guenée suggère encore que l'histoire qui surgissait dans les lignes de ces hommes et femmes de lettres pendant cette période assouvirait un besoin auquel les juristes n'étaient pas capables de répondre, du fait d'en « savoir très peu sur l'histoire de leur royaume », car:

> Avec le progrès de l'érudition, un jour arriva où les princes ne demandèrent plus simplement à l'histoire quelques grandes idées simples sur lesquelles appuyer leur pouvoir. Ils attendirent d'elle des dossiers plus précis qui leur permissent de défendre des droits déterminés. Là encore, l'histoire devait démontrer une continuité plus particulière et plus limitée[15].

Cette continuité dont parle Guenée, plus symbolique que légale, peut être comprise quand, dans les vers de Cuvelier, Du Guesclin est un nouveau Roland, digne de figurer parmi les *neuf preux*, et quand Christine de Pizan dépeint Charles V au côté des grands rois et empereurs de l'Antiquité. La réunion de ces deux hommes pourrait être la réponse à la situation difficile que traversait le royaume de France. D'ailleurs, il y avait en ce temps-là, des chroniqueurs qui étaient de bons juristes, ainsi nous pensons que le roi leur demandait, à eux aussi, des contenus légitimateurs de ses décisions politiques. On pourrait même suggérer que les auteurs étudiés dans cette thèse ont réussi à se placer entre ces deux types d'écrivains de l'histoire : ni juristes, ni chroniqueurs, mais en gardant un peu de chaque pratique ils ont aidé à forger un mythe intéressant politiquement à la monarchie.

Ainsi, nous avons deux coupures temporelles qui représentent une conjoncture de cinquante ans : le temps du récit, entre 1357, date approximative de l'adoubement de Bertrand Du Guesclin et sa mort en 1380 ; et le temps de la narration ou temps de l'écriture, entre 1380 et 1404, d'où le titre de la thèse. Comme on peut le noter, la date de

[15] GUENÉE, B. *Histoire et culture historique dans l'Occident Médiéval*. Paris : Aubier/Flammarion, 2011, p. 349-350.

l'adoubement de Du Guesclin, advenue pendant le premier grand fait d'armes dont nous traiterons dans la partie initiale de cette recherche, a été choisie parce que c'est à partir de ce fait que le chevalier commence à avoir de l'importance dans les stratégies politico-militaires du royaume de France. Cela nous importe plus que sa vie d'avant, faite de joutes et d'actions menées avec les bandes de guerriers durant ses premières années dans sa terre natale, la Bretagne. Il faut rappeler que, dans ce contexte du Bas Moyen Âge, l'adoubement n'était déjà plus un rituel éminemment religieux qui marquerait le passage de l'adolescence à la vie adulte, réservé seulement à une élite, mais bien une cérémonie qui donnerait « distinction et récompense à l'homme de guerre expérimenté »[16].

Le choix de cette chronologie se fonde aussi sur la pertinence de Du Guesclin en tant que chevalier, c'est-à-dire comme membre d'une chevalerie qui, par extension, constitue aussi un thème important dans ces pages. Les trois sources nous donnent des indices sur la situation dans laquelle se trouvait la chevalerie en cette fin de XIVe siècle et début du XVe, c'est-à-dire qu'à partir de leurs lignes nous avons pu observer que les exemples laissés par la dynastie capétienne, par exemple dans l'organisation militaire de ses armées, avaient déjà été assimilés et renvoyés à cette temporalité. Si, de Philippe Auguste (1180-1223) aux premières années de la Guerre de Cent Ans, la levée des armées s'effectuait d'une manière féodale et avec des troupes composées de « pairs », il pourrait y avoir à partir de là une meilleure évaluation du fait que l'armée ne répondait plus aux besoins du royaume. Et pour cause, compte tenu de l'appel à l' « arrière-ban »[17], pour ne citer qu'une forme de recrutement, des troupes composées de combattants venus d'une sous-vassalité déjà exigées par les rois capétiens de façon sporadique. D'où l'idée que les derniers rois de cette dynastie auraient visé un « système militaire progressivement élaboré » où « le service du roi ferait désormais pleinement partie de l'idéologie des chevaliers »[18].

À nos yeux, il reviendrait, par conséquent, à la dynastie suivante, celle des Valois, de mettre en œuvre plus efficacement ce système militaire. Le changement, pourtant, a

---

[16] TOUREILLE, V. (dir.). *Guerre et société 1270-1480*. Clefs concours – Histoire Médiévale. Neuilly : Atlande, 2013, p. 124.

[17] L'arrière-ban, selon une organisation féodale des osts, se définissait en une convocation des vassaux par leur suzerain, pour la plupart des nobles composant l'entourage royal et qui, à leur tour, appelaient leurs propres vassaux, en complétant ainsi la hiérarchie existante dans ce contexte. Ce qui attire l'attention, c'est que la performance guerrière n'était pas une condition pour cet appel à l'arrière-ban, alors que l'efficacité serait, à partir des Valois, l'une des contraintes, selon notre recherche, pour la formation des osts royaux. Nous verrons d'autres détails sur ce sujet plus tard.

[18] HÉLARY, X. *L'armée du roi de France* : la guerre de Saint Louis à Philippe le Bel. Paris : Perrin, 2012. (Livre numérique (KOBO) – Chapitre 6 et Conclusion).

été très lent : les ordonnances royales étudiées au cours de cette thèse le montrent. Ce que nous pouvons en déduire, c'est que le personnage de Du Guesclin dépeint par les vers de Cuvelier a eu un rôle important dans le processus de création des armées permanentes dans le royaume de France, tout comme l'écriture de l'histoire qui s'est occupé de la vie du connétable et de la chevalerie en tant qu'institution en mutation. Bientôt, la description de l'action de Du Guesclin, dans les épisodes que nous avons énumérés pour composer la première partie de la thèse, se justifierait de la même manière. Il nous revient de déterminer, par conséquent, pourquoi et comment cette institution militaire était le centre d'attention d'auteurs qui se préoccupaient de l'histoire du royaume français. C'est à ce moment de l'analyse que nous ferons appel aux autres sources, Honoré Bonet, Philippe de Mézières et des ordonnances royales nous aideront dans notre travail en traitant de la chevalerie en tant que thème de l'écriture de l'histoire.

Nous croyons également qu'il est important de savoir comment le roi considérait son corps militaire, c'est pourquoi nous verrons comment se passait la relation du monarque avec la chevalerie, principalement en ce qui concerne ses commandants, d'après ses ordonnances royales, même s'il s'agit de textes qui présentent des aspects partiels sur les rassemblements militaires[19]. Ainsi, nous examinerons tout au long de notre thèse les ordonnances officielles de trois des rois de la dynastie des Valois: la circulaire de Jean le Bon du 30 avril 1351, dans laquelle il y a eu une première organisation des combattants en groupes de 25 à 80 hommes; la réglementation de la chevalerie proposée par Charles V le 13 janvier 1374, dans laquelle le roi attribue plus de responsabilités à ses commandants et concentre entre leurs mains le paiement des soldes, et les deux ordonnances de Charles VII, du 2 novembre 1439 et du 26 mai 1445. Bien que très distants de la coupure temporelle que nous avons déterminée pour notre recherche, ces deux derniers documents serviront d'exemple à ce que nous avons montré dans cette thèse: une transformation de la chevalerie en un corps militaire permanent au service du roi et du royaume français.

L'organisation de notre approche s'effectuera, dans la première partie de la thèse (*Une vie et un mythe forgés par les armes : la geste de Bertrand Du Guesclin*), avec la présentation de la vie de Du Guesclin à partir de six épisodes que nous avons considérés comme marquants pour traiter de sa trajectoire militaire. Nous ouvrirons notre thèse de cette façon, parce que nous croyons que la reprise de ce qui a été écrit sur Du Guesclin à

[19] BESSEY, V. *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François Ier. Turnhout : BREPOLS, 2006, p. 8.

partir de Cuvelier indique des éléments essentiels pour l'écriture de l'histoire dans la période et pour la manière dont il a été représenté chez ses contemporains. Ce sera l'objet de notre analyse également d'établir à quel point le thème des batailles de Du Guesclin a déterminé la façon dont les auteurs ont fait usage des genres textuels déjà établis. Notre manière d'interpréter ces sources s'effectuera par le biais des conceptions de Paul Ricoeur et Leonardo Funes.

Une explication plus détaillée de ces conceptions sera donnée dans la deuxième partie de la thèse : *l'écriture de l'histoire dans la France du Bas Moyen Âge*. Nous avons opté pour cette séquence entre la première et la troisième partie de la recherche, parce que nous voulons présenter dans notre travail une ébauche de biographie chevaleresque de Du Guesclin, et commencer avec ce récit peut rendre la lecture plus fluide, pour ensuite décortiquer ce qui avait été fait. De plus, c'est le mode de fonctionnement dont nous avons convenu avec le lecteur/examinateur de la thèse, notre pacte de lecture, en anticipant déjà ce que cette proposition a de pertinent ici selon ce que Ricoeur désigne dans ses œuvres avec les trois *mimèsis*, la notion de « *représentance* » et d'*identité narrative*. La brève biographie chevaleresque de Du Guesclin a été finalement faite en tant que méthode d'approche historiographique en en étant le produit.

Le professeur et chercheur médiéviste argentin Leonardo Funes, en élaborant l'étude de la *poétique de l'horizon historique médiéval*, a fourni à notre approche la manière dont nous avons cherché à comprendre quel pourrait être le mode de pensée de nos auteurs et comment ils traduisaient cela dans les mots de leurs textes. À partir de là, nous allons examiner les détails de chaque source que nous avons considérés comme déterminants pour montrer le caractère historique de chaque œuvre et leur base, ce que nous pouvons considérer comme une méthode dans ce contexte, puisque nous sommes d'accord avec Bernard Guenée, quand il indique :

> La continuité de l'effort historique, la solidarité de tous ces historiens qui ont voulu retrouver, à tout le moins conserver, et dire le passé. Et dans cette longue chaîne de solidarité, les mille ans que l'on appelle le Moyen Âge ne représentent pas une rupture […]. Cessons de voir avec condescendance ces temps peuplés de naïfs conteurs. Certains le furent. Mais beaucoup d'autres ne furent rien de moins que nos lointains « camarades », nos dignes collègues […][20].

[20] GUENÉE, B. *Histoire et culture historique dans l'occident médiéval*. Paris : Aubier/Flammarion, 2011, p. 367.

Ce qui nous éloigne de ces lointains collègues, au-delà du temps, c'est leur horizon historique propre à la période tardo-médiévale française, par conséquent nous en traiterons dans ce travail.

L'hypothèse de la troisième partie de la thèse se fonde sur ce que nous avons considéré comme un thème dérivé du principal, Du Guesclin, le *preux chevalier*, pour la chevalerie : *La chevalerie comme thème de l'écriture de l'histoire*. Nous voulons dire qu'en traitant de cette matière, les auteurs étudiés ont mis leur écriture de l'histoire au service d'une idéologie, c'est-à-dire que nous avons cherché à montrer que, même en étant financés par les maisons royales, ce qui pourrait déterminer une tendance, ces hommes et femmes de lettres ont défendu un point de vue critique sur les événements. C'était une ligne très ténue sur laquelle ils ont dû tenir en équilibre, cependant, nous avons trouvé des éléments qui renforcent nos observations.

Nous ne pouvons omettre de considérer le rôle que ces écrits ont eu dans les décisions politico-militaires du royaume français, encore que leur influence ait été lentement assimilée. Les documents qui ont fourni ces indices sont les ordonnances royales que nous énumérons dans la thèse, avec eux nous pouvons supposer de quelle façon la culture littéraire des auteurs étudiés a dépassé peut-être les limites du divertissement ludique et alimenté les discussions des conseillers. A cela on peut ajouter bien sûr la critique féroce de l'Église et quelques d'autres œuvres polémiques, telle que la *Complainte sur la Bataille de Poitiers*[21].

Évidemment, l'exigence de la vérité, l'effet de réel et la notion d'utilité de l'histoire écrite par ces auteurs se présentent dans les lignes de notre travail pour que nous nous interrogions nous-mêmes, historiens de la contemporanéité, sur notre rôle dans la société d'aujourd'hui, vu que « l'historien, finalement, doit insister sur l'importance de l'histoire, comme sur un élément particulièrement actif parmi ceux qui composent une idéologie pratique»[22],

Nous espérons que notre thèse contribue à cette réflexion, et que, tout comme une traduction réussie, nous proposions notre travail à la lecture et nous fassions revivre un passé, en lui donnant une raison d'exister à nouveau, et qu'en revenant de notre

[21] Dont il sera question dans quelques pages.
[22] DUBY, G. *Idade média, idade dos homens*: do amor e outros ensaios. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhias das Letras, 2011, p. 166.

« exploration réfléchie du passé »[23], nous soyons des lecteurs qui lisent de manière différente. Que ceci soit le moteur des lignes de *notre* écriture de l'histoire.

***

Bertrand Du Guesclin a été un chevalier, désignation qui en soi devrait seulement renvoyer à des valeurs qui le qualifient comme un guerrier honoré, valeureux, fort et fidèle. En cette de fin de XIVe siècle, de tels attributs n'étaient pas seulement mis au service de l'Église, puisque Du Guesclin était chrétien et agissait dans un royaume chrétien, mais, et surtout, ils étaient au service du roi. Pour ses contemporains, Bertrand Du Guesclin a été un *preux* chevalier, celui qui, par ses faits d'armes, a attiré l'attention envers lui-même et alors a obtenu la faveur du prince et de la dynastie des Valois qui viendrait favoriser la performance guerrière plutôt que la lignée en la personne du chevalier breton.

Lors du siège de Rennes, par exemple, où Du Guesclin a affronté le duc de Lancastre, *La chanson de Bertrand Du Guesclin* nous livre les vers suivants :

> Par ma foy! Dist li ducs, a grant honneur venra,
> Il est gentilz de cuer, se lui profitera,
> Car oncquez large cuer maiesement ne fina.
> S'il dure longuement, faisant ce que fait a,
> Trestouz les chevaliers du monde passera.
> Mais oncques ne le vis, par Dieu qui tout crea.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 1758-1763)

L'usage du discours de Lancastre pour l'éloge à son héros démontre que son auteur, Cuvelier, avait conscience de la construction de son poème pour récupérer des événements qui confirment le choix de Du Guesclin pour la connétablie ainsi que pour la propagation du mythe du chevalier déjà mort. L'admiration de son opposant favoriserait la légitimation de la carrière non conventionnelle du Breton. En outre, quelques vers plus loin, lorsque le duc de Lancastre offre la chevalerie à Du Guesclin contre ses services de vassal, il la refuse en disant qu'il ne pourrait jamais trahir son seigneur ni obéir à celui qui était son ennemi déclaré. La fidélité dont la chevalerie devait faire preuve y est avérée, signe des transformations importantes dans un contexte d'affaiblissement de la figure royale étant donné la minorité de Charles VI. C'est là où l'écriture de l'histoire pourrait contribuer à l'exaltation de la personne du roi pour qui le service militaire devait être l'un des piliers du royaume, comme on verra chez Philippe de Mézières plus loin, dans quelques pages. Et cette efficacité pour les combats devrait passer par les mains d'un

[23] ZINK, M. Bricoler à bonne distance. *La lettre du Collège de France*. Hors-série 2 | 2008, mis en ligne le 24 juin 2010. Disponible sur : http://lettre-cdf.revues.org/218. Accédé le 17 mai 2017.

capitaine démontrant de l'expérience guerrière, d'où l'effort des lettrés de dire que la souveraineté du prince serait assurée par une armée bien dirigée et disciplinée en détriment des liens de sang. D'où notre thèse de Du Guesclin servir de modèle à une collectivité : une chevalerie en transformation.

D'ailleurs, la fidélité et le service à la couronne de France sont, comme dans cet extrait évoqué ci-dessus, plusieurs fois référés, ce qui confirme le point traité dans les biographies plus récentes de Du Guesclin : lors de la reconstitution des faits de la vie du Breton, Thierry Lassabatère, par exemple, remarque l'importance d'un réseau de relations maintenu par le chevalier et qui l'a amené chaque fois plus près de Charles V et sa conséquente nomination à la connétablie[24]. Laurence Moal, dans la biographie de Du Guesclin à partir des images, fait observer également l'efficacité du chevalier en servant la dynastie des Valois, « car plus qu'aucun autre chevalier, dans ce contexte de la Guerre de Cent Ans, il [Du Guesclin] a œuvré à la cause du royaume »[25].

L'un des « meilleurs chevaliers du monde ». N'y aurait-il pas d'autre terme qui puisse mieux résumer la biographie du personnage Bertrand Du Guesclin ? Quand on parle d'une vie, cela ne suffit pas. Bien qu'il soit un personnage aussi distant dans le temps, les sources auxquelles nous avons accès sont très généreuses. De cette façon, quand nous approchons et ajustons la perspective par laquelle nous aimerions aborder le chevalier, surgissent des questions qui finissent par délimiter le déroulement de la recherche, et qui remplissent, pas seulement avec des qualificatifs positifs, ce qui pourrait être le récit de l'aventure biographique de ce personnage. Non, nous n'avons pas l'intention de reconstituer la vie de Du Guesclin dans sa totalité, de la suivre de sa naissance à sa mort, car ce n'est pas de l'homme Du Guesclin que nous nous occupons dans ce travail. Ici, dans ces pages, le chevalier est né quand son efficacité à la bataille a commencé à se manifester et à avoir un sens tel que des hommes et des femmes de lettres, en examinant sa trajectoire dans des poèmes, chroniques et biographies, entre 1380 et 1404, l'ont inséré dans l'écriture de l'histoire, comme l'un des chevaliers qui un jour ont été dignes d'être appelés « le meilleur chevalier du monde »[26]. Quand nous étudions, par exemple, une biographie sous forme de chanson de geste, liée, par conséquent, au genre épique et à la tradition orale,

---

[24] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin.* Vie et fabrique d'un héros médiéval. Paris : Perrin, 2015, p. 424.
[25] MOAL, L. *Du Guesclin*. Images et histoire. Rennes : Presses Universitaire de Rennes, 2015, p. 16. Nous verrons, dans quelques instants, d'autres détails à propos des biographies de Du Guesclin.
[26] Cette désignation de "meilleur chevalier" ou "meilleur chevalier du monde" est attestée dans des textes tels que les poèmes d'Eustache Deschamps et la *Chanson* de Cuvelier, tous les deux contemporains du chevalier. Ce terme a été référencé par les biographes de Du Guesclin tout au long des siècles pour répondre parfois à la tendance du moment à élire un héros pour la France.

nous sommes d'accord avec François Dosse qui affirme que de telles biographies ont été nombreuses aux XIVe et XVe siècles,

> Et elles sont le résultat d'un processus de laïcisation ainsi qu'une revendication d'identité d'une lignée dans son insertion dans l'espace et dans le temps. Elles s'intégreraient au sein d'une généalogie dont le récit est à la fois exemplification et affirmation de l'auto-conscience d'un groupe social[27].

Ce sont ces indices de laïcisation, d'exemplification et d'affirmation d'auto-conscience d'un groupe social que nous aborderons dans cette thèse. La laïcisation, car nous verrons qu'une partie des auteurs étudiés dans ces pages n'étaient pas liés au clergé, mais étaient des « fonctionnaires » des maisons princières. La notion d'exemplification sera aussi liée au caractère didactique que les œuvres étudiées ici gardaient en soi, comme de l'Histoire maîtresse de la vie. L'affirmation de l'auto-conscience d'un groupe en ce qui concerne la chevalerie en tant que groupe d'hommes d'armes combattant pour un objectif commun est l'un des éléments qui finissait par les identifier. En outre, nous verrons que cet objectif commun est allé en se modifiant à mesure que la chevalerie a subi des réglementations. De plus, Du Guesclin agissait dans un contexte dans lequel la fidélité au roi, comme service, s'articule entre service dû et faveur, non plus comme la relation qui existait entre serfs et seigneur féodal, mais bien comme un capitaine qui étend sa fidélité au roi pour tout le royaume de France, « par un lien de sujétion et d'amour »[28]. Nous discuterons de cet aspect de la chevalerie dans les deux autres parties de la thèse.

Dans la première partie de la thèse, nous énumérons six épisodes parmi les faits d'armes de Du Guesclin que nous avons considérés comme importants pour le développement de notre approche : le siège de Rennes (1357-1358); la bataille de Cocherel (1364) ; la bataille d'Auray (1364) ; la Campagne des Grandes Compagnies (1365-1369); l'élection de Du Guesclin comme connétable des armées royales (1370), et finalement le siège du château de Châteauneuf-de Randon (1380), où le chevalier a perdu la vie.

C'est encore aux considérations de François Dosse que nous nous référons pour l'approche biographique de notre thèse, afin de proposer « un nouveau souci pour l'étude de la singularité et une attention particulière aux phénomènes émergents qui sont considérés comme des objets bons à penser grâce à leur complexité, et à l'impossibilité

---

[27] DOSSE, F. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. Trad. Gilson de Souza. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 152.
[28] TOUREILLE, V. (dir.). *Guerre et société* 1270-1480…, p. 118.

de les réduire à des schémas mécaniques »[29]. Nous adhérons à une telle proposition, en gardant à l'esprit que parler d'une vie, encore qu'ici "réduite" au contexte de la chevalerie, permet à l'historien de comprendre l'identité de qui a agi dans ce contexte, s'agissant d'une *identité narrative* construite dans les écrits qui constituent nos sources, en évoquant encore une fois Paul Ricoeur :

> La notion d'identité narrative montre encore sa fécondité en ceci qu'elle s'applique aussi bien à la communauté qu'à l'individu […] : individu et communauté se constituent dans leur identité en recevant tels récits qui deviennent pour l'un comme pour l'autre leur histoire effective […] En un mot, l'identité narrative est la résolution poétique du cercle herméneutique[30].

D'où, nous pensons qu'il est important de partir de l'individu Du Guesclin et des épisodes chevaleresques pour avancer vers la communauté du corps militaire de la chevalerie, selon les représentations discursives, ou récits, que nous avons choisis d'analyser. Nous soulignons une fois encore que c'est là que réside notre travail, c'est le Du Guesclin présent dans les lignes des lettrés que nous avons étudié dans la thèse.

Nous croyons que Bertrand Du Guesclin a très bien profité de ses aptitudes guerrières au bénéfice de sa carrière militaire, sans qu'il ait fait cela seulement par ambition pour les postes haut placés dès ses premiers faits d'armes – cela nous n'avons aucun moyen de le savoir. Quoi qu'il en soit, en se montrant fidèle et très efficace aux yeux de ses seigneurs, Charles de Blois, Henri de Trastamare et principalement le roi français Charles V, il a obtenu le prestige et la légitimité pour être élu[31] à la plus haute charge de la hiérarchie militaire dans la France de la deuxième moitié du XIVe siècle, en se construisant une carrière militaire exemplaire.

> Quoi qu'il en soit, la nomination au poste de connétable ainsi que toute une série de victoires militaires lors de la reconquête du Poitou et de l'Aunis contribuent à façonner le mythe d'un du Guesclin libérateur de la France et artisan de son redressement […]. En 1380, à la mort du connétable, la monarchie a récupéré les territoires qui étaient les siens dix ans auparavant. Forte de ces succès, elle espère mobiliser autour de la dynastie et de la défense du royaume[32].

En partant toujours de la chanson composée par le trouvère Cuvelier, nous reprendrons le déroulement de ces entreprises guerrières en cherchant à construire un

---

[29] DOSSE, F. *O Desafio Biográfico...*, p. 406.
[30] RICOEUR, P. *Temps et récit*, t. 3. Le temps raconté. Paris : Edition du Seuil, 1985, p. 444, 446.
[31] Le terme "élection" apparaît dans les sources en nous offrant des indices d'un épisode qui peut avoir eu lieu réellement après la réunion du Grand Conseil du roi Charles V à l'occasion de la nomination de Du Guesclin au poste de connétable. Il faut dire qu'élection désigne plutôt un choix (par préférence), sans forcément qu'il y ait plusieurs candidats ni un vote collectif.
[32] MOAL, L. *Du Guesclin*. Images et histoire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015, p. 94.

panorama de l'efficacité de Du Guesclin à la bataille. Pour cela nous allons recourir à une reconstitution des faits, en cherchant à montrer comment l'action du chevalier au cours de cette période peut caractériser la transformation de la chevalerie en un corps militaire à disposition du royaume de France et, par conséquent, de ses entreprises dans le contexte de guerre où elle se trouvait. Sur ce point, d'autres documents, tels que les chroniques des contemporains de Cuvelier, comme Jean Le Bel, Jean Froissart, Pero Lopez de Ayala, les *Grandes Chroniques de France*, la *Chronique des quatre premiers Valois*, la *Chronique normande du XIVe siècle*, *La Vie du Prince Noir*, la *Chronique de Flandres*, *Le Livre du Bon Duc Jean*, les poèmes d'Eustache Deschamps, et certaines dépêches royales des rois de France, d'Angleterre et de Castille aideront à compléter et à recouper les informations contenues dans les vers de Cuvelier sur les batailles choisies.

Le même procédé sera utilisé avec la version en prose de la chanson de Cuvelier et avec la biographie du roi Charles V de Christine de Pizan, bien que ces deux textes, considérés comme des sources secondaires à l'intérieur de l'ensemble principal de sources, soient mieux exploitées dans la deuxième partie de notre thèse.

Il convient de souligner qu'il ne s'agit pas d'une approche qui pourrait considérer Cuvelier comme un historien mineur, la chronique en prose comme une version améliorée de Cuvelier et la biographie de Christine de Pizan comme un travail d'historiographie médiévale idéal, car il ne s'agit en aucune manière de considérer les trois œuvres comme une évolution, comme si la biographie du roi Charles V de Christine de Pizan était le modèle d'écriture de l'histoire que nous voudrions démontrer dans cette recherche. Il s'agit auparavant de mettre en évidence le dialogue possible entre les lettrés qui étaient au service des maisons nobles, c'est-à-dire les intertextualités entre leurs œuvres, et le travail de recherche que chacun a entrepris en mettant en mots un passé qui s'intéressait beaucoup aux puissants, principalement à la couronne française.

C'est pour cela que nous chercherons à montrer de quelle manière l'image mentale, c'est-à-dire la mémoire collective de Du Guesclin qui existait parmi ses contemporains, a été mise en texte et comment ce texte a été utilisé par d'autres, suivant des intentions sociales, politiques, voire littéraires, au sens esthétique du mot, encore dans les vingt premières années après sa mort, comme l'a fait le poète et officier de la cour Eustache Deschamps, par exemple dans les vers 4 à 12 de sa ballade 1125:

> Les prouesces que fist li bon Bertrans,
> Connestable de Guesclin, qui engrans
> Fut de garder l'utilité publique,
> Et qui maintint si sa guerre punique

Sur les Anglois, que France reformée
En fut et est par mainte belle armée
Faitte a son temps, et mourut en la guerre
De son segnour ; moult fut sa mort plourée :
Noble chose est de bon renom acquerre ![33]

Ce sont les vers de Cuvelier qui nous diront en premier lieu comment Du Guesclin a été représenté dans l'écriture de l'histoire, car nous croyons que la chanson a été l'œuvre qui a contribué de manière incontestée au mythe du chevalier, sans cesser de parler d'un passé réel, servant de source historique à nos deux autres lettrés. En ce sens, il sera très important d'observer à quel point le mythe Du Guesclin a forgé un nouveau modèle pour la chevalerie au-delà du propre personnage historique Du Guesclin, et quelle a été la contribution des auteurs étudiés pour que cela se produise. Cela nous amène donc à acquiescer à ce qu'affirme Roger Chartier sur le rapport du texte avec le réel, c'est-à-dire, le texte « se construit selon les modèles narratifs et les délimitations intellectuelles propres de chaque contexte d'écriture », et en plus, la réalité visée par le texte n'est pas forcément le réel, mais une façon de le créer.[34]

Ainsi, la vie mise en mots servirait à une conception de l'historien très répandue en cette fin de siècle parmi les auteurs que nous étudierons dans ce travail : celui qui doit « raconter les prouesses qui sont dignes de mémoire, et de donner les noms des preux pour assurer à jamais le souvenir de leur renommée »[35]. Pour notre recherche, de plus, il sera important d'identifier quels sont les mots que le trouvère a utilisés pour désigner son héros, en lui assurant le renom bien au-delà de son temps.

Dans la première partie de la thèse, nous expliquerons à partir des épisodes choisis comment le trouvère a construit, selon les méthodes qu'il avait à sa portée, une figure exemplaire pour une chevalerie en mutation. Nous pouvons même suggérer que dans la *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, le chevalier est présenté comme le représentant pionnier de cette chevalerie, dont le succès même à travers ses supposées « fautes chevaleresques » serait attesté. Le meilleur chevalier du monde, celui qui observe les règles d'une guerre juste, transformée ensuite en guerre sainte en Castille, celui qui sait commander ses hommes au point de faire qu'ils luttent pour vaincre en épargnant les civils, celui qui, détaché de ses propres biens, offre ceux-ci pour financer ses troupes, le

[33] Eustache Deschamps. *Œuvres Complètes d'Eustache Deschamps* publiées d'après le manuscrit de la Bibliothèque nationale par le Marquis de Queux de Saint-Hilaire et Gaston Raynaud. T. 6. Paris: Librairie de Firmin Didot, 1879, p. 42-43.
[34] CHARTIER, R. *A História Cultural* – entre práticas e representações. Trad. Maria M. Galhardo. 2ª ed. Lisboa : DIFEL, 2002, p. 63.
[35] GUENÉE, B. *Du Guesclin et Froissart*. La fabrication de la renommée. Paris : Tallandier, 2008, p. 71.

même qui avec ses mots convaincra des hommes puissants à propos de ses stratégies de combat.

En acceptant ce « pari biographique »[36], ce n'est pas le personnage au complet qui figure dans nos paragraphes, mais ce que nous aimerions que l'on apprenne de lui : un ardent guerrier, avide de batailles, digne d'être commémoré dans les rangs d'une chevalerie au service du roi et du royaume français, ce qui peut être avéré dans les épisodes travaillés dans la première partie de la thèse. C'est sur cette chevalerie que nous nous penchons. Qui serait intéressé par un tel portrait à la fin du XIVe siècle en France ? Et en quoi cela a-t-il contribué à l'historiographie contemporaine sur l'écriture de l'histoire du Bas Moyen Âge ?

Il y a lieu de relever encore que l'intention de récupérer la trajectoire de Du Guesclin sous la forme d'une brève biographie chevaleresque, dans cette première partie de la thèse, sert aussi à insérer notre travail dans la tradition d'une écriture biographique sur le chevalier, en nous inspirant des travaux antérieurs et en les utilisant comme balises de ce qui peut être dit sur Du Guesclin toujours à la lumière des sources.

Si nous avons considéré les études entreprises par Siméon Luce déjà au XIXe siècle[37] comme la première grande enquête historiographique sur le chevalier, bien qu'incomplète du fait de sa mort, et si nous l'avons cité tout au long de ces pages, c'est parce que l'historien français a apporté sa pierre de manière incontestée en révélant à l'historiographie des documents jusqu'alors inédits et aussi en proposant aux études de la Guerre de Cent Ans une nouvelle vision pour ce siècle, avec une approche beaucoup plus impartiale sur la vie du chevalier breton et son rôle dans le conflit. L'œuvre suscite encore l'intérêt chez les spécialistes de Du Guesclin, compte tenu de sa récente réédition en mars 2017 dans la collection de la Bibliothèque Nationale de France avec les éditions Hachette.

Plus près de nous dans le temps, trois autres biographies de Du Guesclin, parmi plus de quinze publiées seulement dans les dix dernières années[38], ont précisément attiré

---

[36] DOSSE, F. *O Desafio Biográfico*..., p. 11.

[37] LUCE, S. *Histoire de Bertrand Du Guesclin et son époque*. La jeunesse de Bertrand. Paris : Librairie Hachette et Cie, 1876, 624p. Dans ce volume, Luce se penche sur la trajectoire de Du Guesclin jusqu'à l'année 1364.

[38] Les biographies publiées auxquelles nous faisons référence comprennent les études réalisées de nos jours et les rééditions de volumes produits au XIXe siècle et début du XXe: BAGES, S. *Du Guesclin* – Le chevalier intrépide. Belin Jeunesse, 2014; BONNECHOSE, E. *Bertrand Du Guesclin* : connétable de France et de Castille. Paris : Hachette BNF, 2014 [1880] ; BUET, C. *Bertrand Du Guesclin*, connétable de France et son époque. Paris : Hachette BNF, 2017 [1883] ; CASSAGNES-BROUQUET, S. *Bertrand Du Guesclin* – entre le lys et l'hermine. Ed. Ouest-France, 2015 ; FALLET. *Bertrand Du Guesclin*. Lacour, 2008 ; FREREJEAN, A. *Douze Bretons extraordinaires d'hier et d'aujourd'hui* – De Du Guesclin à Edouard Leclerc, Paris : L'Harmattan, 2017 ; GOURMONT, R. *Bertrand Du Guesclin*. Paris : Hachette BNF, 2016

l'attention par la proposition différenciée de leurs auteurs. George Minois a ouvert dans les années 1990[39] une nouvelle voie d'approche sur le thème, avec une biographie de Du Guesclin fondée sur un immense travail d'archives, en rassemblant des œuvres littéraires et des documents administratifs. En outre, la plus grande contribution de cette approche, c'est le souci qu'a eu Minois en retirant de la biographie du Breton les images-cliché et les lieux communs existant sur le connétable et qui l'ont maintenu dans un mythe glorieux, en versant également au débat historiographique ses défaites et ses mauvaises décisions, lesquelles, durant longtemps, ont été niées par la grande majorité des biographes positivistes de la deuxième moitié du XIX siècle, qui ont érigé l'image de Du Guesclin comme l'un de leurs héros patriotiques.

En 2015 ont été publiées les deux autres biographies de Du Guesclin que nous mentionnons dans notre travail. Le propos de Laurence Moal, spécialiste de la Bretagne, dans son œuvre *Du Guesclin* – Images et histoire[40], a été de faire un relevé des images du chevalier dans les enluminures médiévales, dans l'art statuaire, tumulaire et commémoratif, dans les films, dans les manuels scolaires, dans les histoires en bandes dessinées et même dans les ornements architecturaux de Las Vegas. Cela a été fait avec l'objectif de montrer comment le personnage historique de Du Guesclin s'est progressivement transformé en mythe, et comment ce mythe a été utilisé au cours de plus de six siècles après sa disparition. En plus d'analyses iconographiques très instructives des presque 300 illustrations que son œuvre présente, Laurence Moal a voulu établir une connexion entre les images mentales et leurs supports visuels très propres à chaque temporalité étudiée. Dans la première partie de son œuvre qui regroupe le XIVe et le XVe siècle, c'est, selon l'auteure, l'image du preux chevalier qui est la plus significative; dans la deuxième partie, du XVIIe siècle au début du XXe, l'image de héros national fabriquée là s'est perpétuée, et c'est celle qui encore aujourd'hui est perçue dans les références au Breton; et finalement, dans la troisième partie de l'œuvre qui rassemble des images du milieu du XXe siècle à nos jours, l'historienne défend que Du Guesclin a atteint son

---

[1883] ; GUENÉE, B. *Du Guesclin et Froissart* : la fabrication de la renommée. Paris : Tallandier, 2008 ; JACOB, Y. *Bertrand Du Guesclin* : connétable de France. Paris : Editions Pascal Galoté, 2013 ; LABANDE L.-H. *Bertrand Du Guesclin et les États Pontificaux de France* – passage des routiers en Languedoc (1365-1367). Paris : Hachette BNF, 2014 [1904]; MORVAN, F. *La chevalerie bretonne au temps de Bertrand Du Guesclin (1341-1381)*. Centre d'Histoire de Bretagne, 2017 ; NEVEUX, F. *Du Guesclin, chef de guerre*. Ed. Charles Corlet, 2016 ; VERCEL, R. *Du Guesclin*. Paris : Albin Michel, 2014 ; VILLE, L. *Nos grands capitaines*, Du Guesclin. Lacour, 2008. Cette collecte de données a été réalisée auprès des sites internet de librairies françaises en décembre 2017.

[39] MINOIS, G. *Du Guesclin*. Paris: Fayard, 1993, 518p.

[40] MOAL, L. *Du Guesclin* – Images et histoire. Rennes : Presses Universitaire de Rennes, 2015, 335p.

apogée, en représentant la fascination pour le Moyen Âge et l'utilisation de son image à des fins politiques, ce qui s'est produit tout au long de la chronologie présentée dans l'œuvre. La conclusion est qu'en servant autant à la création qu'à l'entretien de la légende, les représentations visuelles du chevalier, "sont des sources pour comprendre comment se construit un imaginaire collectif"[41].

Thierry Lassabatère[42] dit insérer son étude dans la continuité de l'approche de George Minois, en affirmant qu'en travaillant avec des textes littéraires, qui alors comblent les lacunes laissées par les documents officiels, il est encore possible de révéler quelque chose de l'histoire et de la biographie de Du Guesclin. C'est ce qui se produit, par exemple, avec les informations sur l'enfance du chevalier dont l'unique source est le texte de Cuvelier. L'analyse de Lassabatère, pour ces lacunes comblées par la littérature, est très critique, tout en leur donnant suffisamment de crédit pour qu'elles soient encore prises en considération par les études historiographiques, car il croit qu'en cherchant à expliquer le mythe Du Guesclin construit au cours du temps, nous élargirons aussi la compréhension du personnage, étant donné que la mythification fait déjà partie de son histoire.

Son œuvre est présentée en sept chapitres qui contiennent la chronologie de Du Guesclin, l'introduction et la conclusion qui, au-delà des considérations finales de l'auteur, traite de la mort de Du Guesclin en 1380 comme le début de sa transfiguration dans l'Histoire. Le travail de Lassabatère fournit aussi au lecteur quelques annexes, ce qui apporte une intéressante analyse de la structure de l'œuvre de Cuvelier en ce qui concerne les séquences rhétoriques, comme les nommait l'auteur, constantes dans la chanson, au total 75 séquences narratives mettant en exergue les moments dans le texte où le trouvère fait ses appels au public, intervient dans le discours, insère des conjonctions logico-temporelles et fait allusion aux arguments de vérité et d'autorité, comme quand ainsi il affirme « l'histoire nous dit et fait connaître »[43]. En expliquant ses considérations sur la trajectoire de Du Guesclin, Thierry Lassabatère met en lumière les événements les plus pertinents survenus dans ce siècle, car c'étaient des temps de crise économique et religieuse, de peste et de guerre.

---

[41] MOAL, L. *Du Guesclin*..., p. 312.
[42] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*. Vie et fabrique d'un héros médiéval. Paris : Perrin, 2015, 543p.
[43] «La ystoire nous dit et va signifiant ». CUVELIER. *La Chanson de Bertrand Du Guesclin*. Ed. J.-C. Faucon, T. 1, v. 21007, Toulouse : Editions Universitaires du Sud, 1990, p. 412.

En outre, suivant le conseil de Carlo Ginzburg dans un chapitre intitulé « Ekphrasis et citation »[44], il ne suffit pas de considérer l'imagination historique de nos auteurs, mais aussi la preuve. Celle qui dans leurs récits renvoie à la véracité et à la réalité des événements, en les montrant à leur public comme un fait d'expérience, de cela nous nous méfions en tant qu'historiens. C'est ainsi que l'historiographie s'est progressivement modelée au cours du temps: du témoin qui raconte pourquoi il a vu à l'enquêteur qui se demande pourquoi et confirme ses arguments avec les preuves scientifiques.

Nous ne proposons pas dans cette partie de la thèse la biographie de Du Guesclin, dans ce que le terme sous-entend comme totalité d'une vie, pendant sa vie et après sa mort, comme l'ont fait nos collègues historiens. Nous l'avons déjà dit, ce n'est pas l'homme Du Guesclin qui nous intéresse dans ces pages, mais la geste du chevalier en tant que figure qui, initialement construite par Cuvelier, a imposé un modèle de capitaine et d'homme d'armes dans le processus de création de troupes permanentes au royaume de France. Nous espérons que le dépassement des stéréotypes sera la principale contribution de notre recherche sur cette temporalité. Ainsi, nous avons cherché à mettre en lumière son rôle historique dans la transformation de la chevalerie pour ses contemporains jusqu'aux premières années du XVe siècle.

Si ce processus d'armées permanentes peut être observé dans les représentations discursives sur le connétable parmi ceux qui ont été témoins de son temps, que nous disent les propos de la littérature et des documents officiels sur une action de la chevalerie qui viserait en premier lieu la victoire collective au lieu de la gloire personnelle? Si ces témoins, hommes et femmes de savoir ont osé, malgré leurs engagements personnels, servir ou non les intérêts des puissants promoteurs de leur travail et écrire sur Du Guesclin, pouvons-nous dire qu'il a pu représenter une rupture avec le modèle préexistant de chevalier admis jusqu'alors ? En quête de ces réponses et de bien d'autres, nous examinons, par conséquent, de quelle façon Du Guesclin a parcouru différents espaces seigneuriaux, sortant de la Bretagne, continuant par la Normandie, puis capitaine commandant les compagnies en Castille, et finalement menant les troupes du roi Charles V jusqu'aux frontières du royaume français.

Les épisodes de la vie guerrière de Du Guesclin nous ont fourni les bases de l'identité narrative du chevalier, une identité construite sur sa performance en champ de combat, d'où l'importance de repérer les événements concernant les batailles où les

[44] GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Trad. Antonio Narino. Lisboa:DIFEL; Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil, 1989, p. 215-232.

décisions de Du Guesclin comme simple homme d'armes ou comme capitaine ont changé le sort des armées servant le roi Charles V, selon l'avis de nos auteurs. À partir de l'exemple de Du Guesclin, acclamé par Cuvelier, favorable à la cause des Valois, nous pouvons constater que les genres textuels travaillés par ces lettrés, la chanson de geste, suivi de la transposition à la prose et de la réflexion de Christine de Pizan ont bâti un modèle de chevalier pour qui les valeurs éthiques chevaleresques se concentreraient en un seul : le service fidèle et efficace au roi et au royaume de France.

***

Dans la deuxième partie de la thèse, nous avons cherché à approfondir l'analyse de l'écriture de chacun de nos auteurs, en ce qui concerne l'écriture de l'histoire en cette fin de XIVe siècle et début du XVe siècle en France. Avec cela, nous voulons dire que, en dépassant les données biographiques de Du Guesclin contenues dans leurs œuvres, nous verrons de quelle façon Cuvelier, l'auteur de la mise en prose et Christine de Pizan se sont mis dans le texte. Finalement, comme le suggère Jacques Verger, c'étaient des « gens de savoir » qui

> Désiraient [...] mieux servir l'ordre établi, selon leurs doctrines, sans négliger leurs propres intérêts [...] ils étaient hommes d'autorité [...] mais penchés plutôt à servir et à perfectionner l'ordre existant qu'à assumer le risque de subvertir les hiérarchies sociales où eux-mêmes n'étaient pas mal placés et où ils aspiraient à une ascension encore plus élevée.
> Il est certain que dans telles conditions, ils ont reconnu dans le savoir un pouvoir essentiellement intégrateur et moderne, qu'ils ont vu dans ce même savoir le ciment de la cohésion sociale et politique et qu'ils n'ont été si heureux qu'au moment où ils ont eu comme interlocuteur un roi "sage" qui partageait de leurs convictions et qui était ouvert à quelques reformes tel que le roi de France Charles V.[45]

Nous verrons, par conséquent, si cette atmosphère propice de la cour de Charles V s'est maintenue lors du début du règne de son fils et successeur Charles VI, et dans quelle mesure ces lettrés se sont bien gardé de bouleverser les hiérarchies sociales, si nous pouvons en trouver de tels indices dans nos sources. Il y a lieu de considérer que le contexte du royaume français aux deux moments du temps d'écriture, la première décennie après la disparition de Bertrand Du Guesclin et les premières années du XVe siècle, était très semblable à cause de la fragilité du nouveau monarque, soit du fait de sa minorité, soit de son état mental. L'instabilité issue d'une telle situation mettrait les maisons princières, et, par conséquent la noblesse, dans une position de premier plan face

[45] VERGER, J. *Homens e saber na Idade Média*. Trad. Carlota Boto. Bauru, SP : EDUSC, 1999, p. 205-206.

à un roi affaibli. En outre, le grand Schisme de l'Église (1378-1417), avec la division de la papauté entre Rome et Avignon, exigerait d'eux qu'ils maîtrisent la plume et leurs réflexions sur le moment de crise que traversait la chrétienté dans l'Occident latin. Sous Charles VI[46] ; nous pouvons penser qu'il y avait une forte motivation à réunir à nouveau la chrétienté, ce qui se confirme dans les lignes des hommes et femmes de savoir étudiés dans nos recherches. On peut déjà voir ici une différence entre Charles VI et son père, Charles V, à qui l'on attribue un « jugement » partial d'Urbain VI, pape à Rome, en faveur de son parent, l'antipape Clément VII, établi en Avignon avec le soutien manifeste de la monarchie française. Le schisme a aussi servi à opposer une fois de plus les royaumes de France et d'Angleterre et leurs alliés correspondants, compte tenu du fait que cette dernière soutenait la papauté de Rome. Il paraît nécessaire, par conséquent, de mentionner le rôle de Charles V en faveur de la chrétienté et d'amenuiser sa responsabilité au début du Grand Schisme pour avoir soutenu l'exil d'Avignon en 1378[47].

Bien que le contexte de la période que nous avons étudiée se présente de manière si agitée, il faut signaler que les règnes de Charles V et Charles VI se caractérisent :

> semblablement par une profonde mutation des lettres françaises. Tandis que la prose finit de s'imposer comme le mode d'expression privilégié du récit, le vers se fait le véhicule de l'écriture du moi, combinant l'esthétique narrative du dit et le lyrisme par des poèmes à forme fixe. Mais, plus encore, le renouvellement du paysage littéraire tient au foisonnement de la littérature d'idées, dont la richesse de contenu et la souplesse formelle sont sans commune mesure avec la production didactique des siècles antérieurs[48].

Pour une telle analyse, les prologues des œuvres sont étudiés plus minutieusement, afin que, dans la mesure du possible, nous voyions ce que chaque auteur pensait de son écriture, son rendement, sa notion de mémoire, sa relation avec le passé, avec le public pour qui il écrivait, le potentiel historique de chaque œuvre et aussi sa relation avec d'autres œuvres. Enfin, il existe des éléments qui nous aident à reconstruire l'horizon historique médiéval dans lequel s'insèrent ces lettrés.

> Ces prologues que les historiens du XIXe et XXe siècles ont longtemps vus comme des morceaux conventionnels qu'ils pouvaient négliger sans dommage, les historiens du Moyen Âge les ont parfois lus avec la plus

[46] Selon la « soustraction d'obédience » de 1398 à 1403, "on était fondé à refuser d'obéir à un pape qui, au lieu de travailler à l'édification de l'Église comme il en avait l'obligation, causait sa perte en la maintenant divisée; ce crime contre l'unité en faisait un hérétique incorrigible qu'il fallait rejeter » (MILLET, H. "Schisme". In: GAUVARD, C.; LIBERA, A. ; ZINK, M. *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris : PUF/Quadrige, 2004, p. 1294).

[47] GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge* – du Ve au XVe siècle. Paris: PUF, 1996, p. 422.

[48] DEVAUX, J. « Introduction. Littérature et Politique sous les premiers Valois ». *Le Moyen Âge* nº 3, Tome CXVI. Paris : De Boeck Supérieur, 2010, p. 534

> grande attention. Ils s'en sont inspirés dans leurs propres prologues et, ce qui est plus important, dans leurs œuvres mêmes[49].

Les caractéristiques générales de chaque source feront également l'objet d'analyses pour observer comment l'écriture de l'histoire s'alimentait de formes connues dans ce contexte socioculturel, obtenant ainsi une bonne réception du public. En ce sens, nous nous interrogeons sur le passage du vers à la prose de la chanson de Cuvelier et ce que cela peut nous apprendre sur l'horizon d'attente[50] autour de ces œuvres. Nous croyons que le passage à la prose pourrait être intervenu suite à une demande qui avait considérablement grandi à partir du XIIIe siècle: la demande en chroniques, c'est-à-dire de compilations bien documentées et bien écrites qui satisfaisaient le lecteur dans son intérêt pour l'Histoire, comme le récit de hauts-faits, pour aller au-delà de la chronologie à laquelle était lié le terme[51].

Cette nouvelle perspective « du monde apportait en soi une forte réaction contre la scolastique médiévale, vu ses exagérations contraires à la réalité, étrangères aux fondements du monde naturel tel qu'il était dans la réalité, tel qu'il était conçu et selon la forme dont il devrait être conçu »[52]. Peut-être le passage à la prose, au-delà d'actualiser le langage, au-delà de la brièveté requise et de la recherche de l'exactitude, répondrait aussi à la crise de la scolastique à travers une nouvelle façon de proposer de l'histoire, plus proche de son public et de son horizon d'attente, plus humaine donc, mouvement que l'on peut comprendre en tant que pré-humaniste.

En outre, le passage à la prose démontre que l'importance d'enregistrer le passé de Du Guesclin était soutenue par les nobles de la cour française. Si dans l'œuvre en prose, le chevalier ne parlait plus par des rimes et ses excès avaient été nuancés, nous pouvons suggérer que sa renommée servirait désormais à une image d'un roi qui donnerait

---

[49] GUENÉE, B. L'écho d'un prologue : de Guillaume de Tyr à Michel de Pintoin. In : *Les prologues médiévaux*. Actes du Colloque international organisé par l'Academia Belgica et l'Ecole française de Rome avec le concours de la F.I.D.E.M. (Rome, 26-28 mars 1998). Turnhout : Brepols, 2000, p. 242-243.

[50] Nous employons le terme "horizon d'attente" selon les principes établis par Hans Robert Jauss dans son œuvre *L'Histoire littéraire comme provocation de la Théorie Littéraire* où l'auteur développe douze thèses à propos de l'importance de l'Histoire de la Littérature pour la compréhension et la théorisation dans l'évolution littéraire en tant qu'élément constitutif de la société. Ainsi, on comprend « horizon d'attente » comme une « prédisposition spécifique du public sur laquelle l'auteur compte pour une telle œuvre […] en rendant possible de déterminer son caractère artistique à partir de la façon et du degré dont elle se sert pour produire son effet chez un public […] pour connaître l'histoire de sa réception » JAUSS, H. R. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ed. Ática, 1994, p. 29, 31 et 35.

[51] GUENÉE, B. Histoire et chronique, nouvelles réflexions sur les genres historiques au Moyen Âge. In : POIRION, D. (dir). *La chronique et l'histoire au Moyen Âge, colloque des 24 et 25 mai 1982*. Paris : Presses de l'Université de Paris Sorbonne, 1986, p. 10-11.

[52] ULLMANN, W. *Principios de gobierno y política en la Edad Media*. Trad. Graciela Soriano. Madrid : Alianza Editorial, 1985, p. 301.

à son connétable la responsabilité du maintien du bien commun, valeur très chère aux penseurs de la cour de Charles VI. Il faut remarquer que le passage à la prose a gardé le ton épique dans les récits des batailles où les détails techniques ont été délaissés en vue d'une fluidité de la narrative. Ce point peut signaler que l'auteur anonyme a quand même voulu conserver une image de Du Guesclin en tant qu'héros mais un peu plus fidèle à une cause collective : le bien commun du royaume de France, d'où l'importance majeure aux résultats des batailles et non leur description technique, dont les textes didactiques en prose s'occupaient plus fréquemment.

Chez Cuvelier nous voyons que le dévouement de Du Guesclin à son roi et la réorganisation de la chevalerie en un corps militaire permanent prouveraient l'intention de l'auteur de diffuser la cohésion des troupes d'hommes d'armes, ainsi qu'une meilleure disposition à servir la couronne de France, ce que nous observons dans les vers suivants :

> Quant Bertran de Glaiequin si ot paié sa gent,
> Tant de sa grant vaisselle conme de son argent
> Dont il avoit d'Espaigne rapporté largement,
> D'eulx tres bien aprester leur fist conmandement,
> Conme pour eulx deffendre, ce besoing leur seurprent.
> Et bien leur dist Bertran qu'acés prochainement
> Leur fera deservir les soudaies c'on prent,
> Bacinés esclaicir, bien bonnir gentement,
> Et espees fourbir dont li aciers resplent,
> Et enhanter ces fers de gleves gentement,
> Et ces chevaux ferrer et clouer fermement ;
> Chascun en son endroit se pourvoit noblement,
> Et dit li uns a l'autre a la fois et souvent :
> « Vive cil Bertran, vive ! Qu'i regne tellement
> Qu'i ne nous lara mie si jouchier longuement
> Et n'atendera mie qu'Englois nesunement
> Le vienent requerir n'asegier nulement
> Ainçois yra sur eulx bien et hardiement !
> A tel honme doit on donner or et argent,
> Et bailler soudaier a son conmandement
> Et l'espee bailler qu'a connestable apent ».
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 19143-19163)

Ces vers nous informent sur la préparation de la bataille de Pontvallain, juste après l'élection de Du Guesclin à la connétablie. Cuvelier contribue à l'idée d'une armée bien organisée et bien rémunérée, et le poète confère à son héros la capacité d'une bonne gestion des hommes et des équipements, ce qui confirme les ordonnances de Charles V à propos du paiement des troupes[53]. En composant une chanson de geste, Cuvelier a célébré

[53] Ce sont quatre ordonnances datées de novembre 1370 où Charles V assure le montant de 156 francs en or "pour payer les gens du connétable" (*Mandements et actes divers de Charles V (1364-1380)* : recueillis

la gloire du connétable, avérée par une transmission orale de ses faits, mais en même temps, le trouvère a montré que la « nécessité de propagande » de la cour de France attribuait à la *Chanson* un message de «célébration de la chevalerie au service de l'État avec la loyauté comme vertu suprême, [ce qui] se rattache extrêmement bien aux intérêts royaux »[54]

Nous cherchons également à débattre des proximités et des différences entre la littérature et l'Histoire et ce que cela implique dans le travail de l'historien actuel, car nous travaillons avec des sources écrites pour une époque à laquelle il n'y avait pas cette séparation de domaines, même si les lettrés dont nous traitons ici connaissaient avec une grande conscience les différents styles du langage écrit dans lequel ils se lançaient: vers ou prose, expressions lyriques subjectives du moi et récit historique, par exemple.

Ces analyses seront balisées par les considérations du philosophe Paul Ricoeur sur la représentation dans l'Histoire à partir de son explication sur les trois *mimèsis* et ses concepts de « *représentance* » et d'*identité narrative* discutés dans deux de ses œuvres, la trilogie *Temps et Récit*, des années 1980, et *La mémoire, l'histoire et l'oubli* des années 2000. En gardant à l'esprit que nous prenons les œuvres des auteurs étudiés comme des récits qui rendent présent un passé qui n'existe plus selon une opération qui peut être appelée *mimèsis*, ou recréation d'une réalité sous forme d'écriture. Ricoeur propose comme un cercle herméneutique dans l'Histoire trois *mimèsis*: la mimèsis I est fondamentalement concentrée sur l'activité de l'historien quand il aborde les sources et récupère les éléments du passé, c'est le moment de la recherche proprement dite; la mimèsis II quand les éléments récupérés sont incorporés dans le langage narratif, phase dans laquelle l'historien se sert de l'écriture. Et finalement la mimèsis III avec la réception du texte, le moment de la lecture, dans le travail de reconstruction de ce passé par le lecteur, alors à ce point nous retournons à la mimèsis I, en refermant le cercle[55], puisque le lecteur découvre aussi à son tour un passé, pas directement à travers des sources, comme l'historien, mais à travers le récit historiographique.

Nous avons compris que la différence entre le travail de l'historien et celui de l'écrivain de fiction littéraire se trouve essentiellement dans la mimèsis I : si l'historien cherche ses références dans le document, l'écrivain peut chercher les siennes seulement

---

dans les collections de la Bibliothèque Nationale / publ. ou analysés par M. Léopold Delisle, Paris: Imprimerie Nationale, 1874, p. 372-373).

[54] VERMIJN, Y. *Chacun son Guesclin: la réception des quatre versions de l'oeuvre de Cuvelier entre 1380 et 1480*, Mémoire de Master de l'Université d'Utrecht, 2010, p. 39.

[55] RICOEUR, P. *Temps et récit*, Tome 1: L'intrigue et le récit historique. Paris : Points, 1983, p. 105-162.

dans son imagination, donc, ce n'est pas le résultat-texte qui différencie l'un de l'autre, mais la phase de recherche. Aussi vraisemblables et cohérents que puissent être les deux processus narratifs, historiographique et fictif, pourtant, on ne s'attend pas à ce que le produit présenté par l'historien le soit ; fiction dans le sens de totale invention du passé, car il est nécessaire que ce que raconte l'historien soit arrivé. Et nous voici revenus à Aristote[56] ! Pourtant, au plus près de la vérité que l'historien ait l'intention d'arriver, le résultat sera une version d'un événement, une reconstruction à partir des archives et des sources qu'il choisit pour sa tâche. Son succès sera marqué par l'expérience de lecture que le public fera de son œuvre, ici encore une fois c'est Ricoeur qui conceptualise le pacte existant entre lecteur et historien, celui que le philosophe appelle « représentance », comme une intention ou intentionnalité historique qui présuppose que l'auteur et le lecteur d'un texte historique s'accordent qu'il s'agira de personnages et d'événements qui ont existé. Il convient ici de rechercher dans quelle mesure l'historien répond aux attentes de son public fixées dans ce pacte de lecture[57], en construisant une identité narrative d'un personnage ou d'un groupe social réels.

Nous observons aussi nos sources pour voir s'il y a en elles une production légitimée par le pouvoir monarchique et aristocratique qui puisse illustrer les relations de ce pouvoir et l'atmosphère culturelle de la cour[58]. D'où notre hypothèse de l'utilisation de ces œuvres comme propagande au profit de la dynastie des Valois, principalement en mettant en évidence le roi Charles V ; on l'atteste facilement dans l'œuvre de Christine de Pizan, mais comment cela peut-il être vérifié chez Cuvelier et dans la transposition en prose ? Ce sont les questions à partir desquelles nous avons lancé nos hypothèses.

Nous verrons, par conséquent, de quelle façon *La chanson de Bertrand Du Guesclin*, sa transposition en prose et la biographie de Christine de Pizan proposent des éléments à l'historien qui cherche à comprendre comment s'effectuait l'écriture de l'histoire en France dans la période tardo-médiévale. Quels seraient ces éléments et de quelle façon les auteurs satisfaisaient-ils les attentes de leur public et l'ont-ils fait ? Et encore, quelles seraient les attentes de ce public de cour ? Dans un contexte dans lequel la fragilité politique du roi, les implications du Grand Schisme et la guerre contre les Anglais exigeaient des réactions de toutes les couches sociales, nous pouvons dire que

---

[56] Dans sa *Poétique*, Aristote propose la différenciation entre l'Histoire et la Poésie en se servant exactement de cette opposition : la première traite de ce qui est arrivé, la deuxième de ce qui pourrait avoir lieu.
[57] RICOEUR, P. *La mémoire, l'histoire et l'oubli*. Paris : Editions du Seuil, 2000, p. 359.
[58] CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013, p. XX-XXI.

l'exigence implicite des lettrés, puisqu'ils ne prenaient pas l'épée, et ne payaient pas les impôts réclamés au peuple pour financer la guerre, du fait d'être clercs ou officiers des maisons princières, était celle de fournir des contenus qui répondraient aux attentes autant de la monarchie que de la noblesse, lesquelles, en écoutant les faits déjà connus, pourraient se reconnaître en eux et auraient leur part de "divertissement". Il faut considérer, pourtant, que même s'ils élaboraient un contenu attractif pour ces groupes, les hommes et femmes de savoir les ont aussi critiqués et ont laissé des indices de leurs positionnements devant les circonstances qui se présentaient alors.

En expliquant nos considérations à ce sujet, nous fondons également notre analyse sur la proposition du chercheur Leonardo Funes, qui a formulé le concept de Poétique du récit historique médiéval. Il s'agit d'une enquête sur les processus qui concernent les normes de l'écriture des textes, ainsi que les composantes théoriques qu'elles revêtent, restituant ainsi l'horizon historique propre du système culturel médiéval dans ses représentations narratives[59], c'est-à-dire que nous examinerons *les modes d'écriture, de pensée et d'exposition*[60] de ces auteurs.

***

La troisième partie de la thèse sera dédiée à la chevalerie comme thème choisi par les auteurs énumérés comme sources. Nous savons que la chevalerie n'a pas été l'unique matière travaillée par ces lettrés. Ce que nous avons l'intention de réaliser dans notre recherche, donc, c'est montrer comment ce thème a été inséré dans leurs œuvres de manière à ce qu'aujourd'hui nous puissions y chercher des éléments qui nous informent sur ce groupe d'hommes d'armes qui agissaient alors dans le royaume de France. Pour cela, nous verrons avec quelle(s) notions de chevalerie les auteurs ont travaillé dans leurs œuvres, puisque la guerre faisait partie du quotidien de tous à cette période, c'est pourquoi « il convient de penser à elle [la guerre], d'apprendre au prince à la mener et de l'inclure dans la réflexion politique »[61]. À nous, historiens contemporains, il incombe de comprendre comment ces « gens de savoir » ont organisé leurs considérations sur la chevalerie et son rôle dans les conflits de la Guerre des Cent Ans dans l'espace de

---

[59] FUNES, L. Elementos para una poética del relato histórico. In: ARIZALETA, A. *Poétique de la chronique*. L'écriture des textes historiographiques au Moyen Âge (Péninsule Ibérique et France). Toulouse : CNRS, coll. Méridiennes, 2008, p. 241-273 ; _____. Reflexiones en torno a una poética del relato cronístico. *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre, BUCEMA*, Hors-série n° 2, 2008, p. 2-14. Disponible à : revue.org. Accès : août 2014.

[60] BARROS, J. D'A. *O campo da história*. Especialidades e abordagens. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010, p. 80.

[61] DEMARTINI, D. [et al.] (org.). Introduction. In : _____. *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge. Le Livre des faits d'armes et de la chevalerie de Christine de Pizan.* Paris : Honoré Champion, 2016, p. 13.

l'écriture, au sens de produit culturel qui aujourd'hui informe sur l'époque. Nous prendrons en compte, évidemment, l'horizon d'attente dont nous avons déjà parlé dans la deuxième partie de la thèse, car autant à la réalisation qu'à la réception de l'œuvre, vues ici dans une coupure synchronique, ce sont des constructions, qui proviennent et sont modifiées par le milieu où elles sont produites, dans le cas d'un groupe social qui, ne pouvant s'exprimer par l'épée, utilisait, par conséquent, la plume.

Comme il était question d'un temps de redéfinition des valeurs chevaleresques telles qu'elles étaient connues jusque-là, les lettrés interféraient avec leur environnement proche et enregistraient leurs considérations sur le thème. Ce que nous récoltons de leurs propos montre que tous, chacun à sa manière et genre littéraire, pensaient la chevalerie comme un corps militaire qui avait besoin d'être permanent pour renforcer la figure royale en lui donnant les moyens d'assurer le bien commun du royaume.

En établissant un cadre comparatif entre les trois sources, nous verrons comment la chevalerie était présentée, si elle diffère d'une œuvre à l'autre, et aussi, dans la mesure du possible, si ce qu'ils comprenaient comme chevalerie était en accord avec l'action des groupes de chevaliers à la bataille, c'est-à-dire s'il y a dans leurs œuvres des orientations ou des critiques en relation à cela. La manière que nous avons trouvée pour étayer nos considérations, en élargissant un peu notre corpus, a été d'apporter, pour cette troisième partie de la thèse, les œuvres de Philippe de Mézières, le *Songe du Vieux Pèlerin*, et d'Honoré Bonet, *L'Arbre des batailles*. Les deux œuvres datent de 1389 approximativement, et elles ont été offertes au successeur de Charles V, Charles VI (1380-1422), et écrites par de supposés membres du groupe de conseillers du roi, appelés Marmousets, actifs durant les premières années du règne de Charles VI, de 1388 à 1392, année où le roi est atteint de démence.

L'Arbre des batailles est un traité de droit de guerre, dont l'auteur, le prieur Honoré Bonet, né en Provence, diplômé en Droit, décrit la guerre, pendant les conflits de la Guerre de Cent Ans, comme un phénomène salutaire à société, dès qu'elle obéit au concept de guerre juste. En utilisant la figure de l'arbre, Bonet établit une certaine hiérarchie des mouvements de guerre et conceptualise, tout au long du livre, la nature de la bataille et explique qui sont les agents légitimes à y jouer un rôle et de quelle façon ils doivent la faire. De plus, il caractérise, dans différents passages de l'œuvre, l'activité des chevaliers et, par extension, finit par nous informer sur toute la chevalerie en tant que groupe légitimé par le roi, à son service et celui de son royaume. Nous nous concentrerons sur les chapitres où Bonet énumère des caractéristiques louables des chevaliers, en

cherchant à identifier des éléments qui montrent des différences et des continuités en ce qui concerne l'activité militaire exercée par ces hommes d'armes dans notre contexte spatio-temporel. Il convient de souligner qu'Honoré Bonet est présent dans l'œuvre de Christine de Pizan de façon claire, bien que nous puissions argumenter que, autant dans l'œuvre de Cuvelier que dans la transposition en prose, certaines notions étaient déjà présentes. Une donnée de plus pour que nous observions parmi ces auteurs une convergence de valeurs qui ont contribué au portrait de la chevalerie que nous présentons ici.

Le *Songe du Vieux Pèlerin*, quant à lui, est une œuvre allégorique où Philippe de Mézières lui-même est amené à travers un rêve à parcourir les royaumes de la chrétienté latine, œuvre qui a été composée comme un miroir au prince pour Charles VI. Dans cette œuvre, le lettré incorpore divers symboles pour argumenter sur la meilleure manière de gouverner et sur ce qui devrait constituer un exemple de roi. D'ailleurs, il faut signaler que Philippe décerne du roi Charles V, appelé dans son œuvre de pieux et sage Salomon, un modèle de roi à être suivi par Charles VI, et non seulement, le jeune roi devait continuer le projet de son père : celui de reformer les « gouvernements des rois ». L'homme de lettres affirme ainsi que le roi Charles V avait conçu une idée de gouvernement tout à fait différent de celui pratiqué par les autres royaumes de la chrétienté : « tenir en grand conseil un parlement général des représentants élus, en nombre limité, des trois états de chaque royaume et des autres seigneuries de la chrétienté catholique »[62], il fallait donc, rendre une réalité ce projet si important. Pour cette tâche, le monarque devrait être soutenu par la chevalerie qui lui donnerait les moyens de gouverner les différents groupes sociaux, du clerc au peuple, ce dernier étant plus distant de l'intimité du roi. Il faut observer dans l'œuvre de Philippe de Mézières que, si les valeurs croisées liées à une chevalerie idéale élaborée par le lettré résonnent encore, la distance que la chevalerie, comme groupe social, prenait avec l'Église est mise en évidence, ce qui est intéressant pour notre recherche pour percevoir comment Philippe envisageait les événements. Ce qui pour l'homme de savoir signifiait un déclin, pourrait être en réalité une exacerbation ou « l'exaltation des tendances profondes d'une époque [car], quand nous atteignons les couches profondes de l'Histoire, ce que nous voyons ce sont des continuités »[63], et précisément, la continuité de la chevalerie montrerait qu'elle

[62] Philippe de Mézières. *Le Songe du vieux pèlerin*. Paris : Pocket, 2008, p. 763.
[63] Interview de Jacques Le Goff à Claude Mettra dans l'édition brésilienne de HUIZINGA, J. *O outono da Idade Média*. Trad. Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 589.

« a généré sa propre lumière »[64]. Et sur ce point, nous remettons à la figure de Du Guesclin, évoquée dans l'œuvre de Philippe par la citation de Cuvelier comme un poète qui pourrait apprendre au jeune Charles VI des leçons à travers « des histoires honorables, morales et pleines de piété », tel était le modèle de chevalier que Philippe conseillait au roi de tenir à ses côtés, différemment du chevalier à éviter, référé quelques lignes avant par le lettré : tyran associé à la vaine gloire ; cruel ; de « comportement luxurieux public et excessif, ainsi que le racontent clairement les récits de ses conquêtes de sa vie »[65]. Les traces de ces continuités qui gagnent des caractéristiques nouvelles au cours du temps seront aussi l'objet de nos réflexions.

Il est intéressant d'observer un autre point, le fait que les deux lettrés ont fait mention du bien commun de la chrétienté ou bien public, ou encore chose publique. Conception aussi présente chez Christine de Pizan qui a d'ailleurs considéré Du Guesclin comme l'un de ses promoteurs. Cela montre bien la différence entre l'écriture narrative, moins explicite, et l'écriture didactique qui énonce plus clairement des idées générales.

En outre, pour l'analyse des œuvres d'Honoré Bonet et de Philippe de Mézières, nous nous concentrerons sur les passages de leurs œuvres où les lettrés laissent transparaître leurs manières de penser en ce qui concerne la conduite d'un bon chevalier, et par extension la chevalerie de manière générale.

En analysant les trois œuvres étudiées qui composent notre groupe principal de sources, nous percevons que la tradition chevaleresque des *neuf preux* a été reprise par les auteurs de manière récurrente. Par conséquent, nous consacrerons à ce fait quelques pages étayant nos considérations en ce qui concerne la manière dont Bertrand Du Guesclin a personnifié cette tradition, en méritant un lieu parmi ces neuf valeureux. Pour le faire, nous avons relevé les occurrences de ce terme, preux, dans chaque œuvre, en réalisant un travail de lexicographie appuyé par la tradition sur laquelle le concept de preux a été conçu. La liste canonique des neuf preux a été fixée dans une chanson de geste du début du XIVe siècle, les *Vœux du paon*, de Jacques de Longuyon. Dans cette chanson, qui fait partie du cycle de la geste d'Alexandre le Grand, sont énumérés les noms des personnages célèbres réunis de la façon suivante, trois héros de l'Antiquité, Hector, Alexandre le Grand et Jules César ; trois héros de l'Ancien Testament, David, Josué et Judas Maccabée, et trois héros chrétiens du Moyen Âge, le roi Arthur, Charlemagne et le

[64] COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises* (XIIe-XVe siècle). Paris : Classiques Garnier, coll. Histoire Culturelle, 2016, p. 630.
[65] Philippe de Mézières. *Le Songe*…, p. 710 ; 706.

croisé Godefroy de Bouillon. On y raconte les hauts-faits de héros dans des batailles, des duels et des joutes. La liste devant être déjà bien connue quand Cuvelier a composé sa chanson en l'honneur de Du Guesclin, il y a pu avoir, par conséquent, un recours à un motif littéraire constitué[66], et ce n'est pas une preuve d'audace que le poète l'inclue comme le dixième des valeureux, en le nommant exactement de cette façon. Les répercussions de cet ajout sont vues dans l'œuvre d'Eustache Deschamps, par exemple, dont les poèmes seront mentionnés tout au long de ces pages, s'ils contribuent à une compréhension plus large de la portée du renom de Du Guesclin comme dixième preux, vu que :

> la liste des noms est une forme à la fois ouverte et close ; close en ce qu'elle peut se structurer autour de chiffres symboliques, neuf preux, neuf muses, structures qui fonctionnent comme de véritables cadres de pensée ; ouverte, en ce que toute énumération est appel à un ajout, un enchaînement. Le but poursuivi par l'écrivain qui emploie ce procédé est alors d'inscrire son nom ou le nom de qui il veut louer dans une telle énumération. Il le fait accéder ainsi à une forme d'autorité[67].

Ainsi, nous espérons montrer que la proposition d'une chevalerie réformée et institutionnalisée a joué un rôle dans l'écriture de l'histoire, en mettant ainsi sur un piédestal la figure de Bertrand Du Guesclin, qui, dans la construction du mythe, maintenait encore la gloire de personnages qui gardaient des valeurs traditionnelles de la chevalerie, surtout la prouesse. Pourtant, à la lumière ce que nous avons présenté dans les sections antérieures, Du Guesclin favorisait aussi l'introduction de nouvelles méthodes dans la conduite des hommes d'armes au service de la couronne française, ce qui fait de lui le modèle de cette chevalerie en mutation.

***

Le désastre à la bataille de Poitiers en 1356 constitue un épisode qui a été enregistré dans les chroniques et dans les traités religieux[68] comme une défaillance de la noblesse qui composait les rangs des armées de Jean II Le Bon. Pour le moins, cela a été la version de la *Complainte sur la Bataille de Poitiers*, texte composé probablement juste après l'affrontement par un chanoine de Notre-Dame de Paris :

> Là très grant traïson qu'il ont lonc temps covée
> Fut en l'ost dessus dit très clerement provée ;
> Dont France est à touz temps par euls deshonorée,
> […]

[66] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*..., p. 419.
[67] CERQUIGLINI-TOULET, J. Fama et les preux : nom et renom à la fin du Moyen Âge. *Médiévales*, n°24, 1993, p. 36.
[68] Colette Beaune fait référence au texte du religieux François Montebelluna, le *Tragicum Argumentum,* pour parler de la Bataille de Poitiers ; dans ce texte, la vaillance du roi Jean est largement admirée. Voir BEAUNE, C. *Le Grand Ferré*. Premier héros paysan. Paris : Perrin, 2013, p. 193.

Quant orent mis le roy ou le voloient rendre,
Et virent que ce fut à l'assaillir et prandre,
Ne s'adrecèrent pas d'aller le roy deffendre ;
Mais s'enfuirent tuit – Qu'ancor les puit on pendre !
Il n'est cueur qui peust d'euls dire trop laidure ;
Fauls, traistres, desloyaus, sont infame et parjure ;
Car par euls est le roi mis à desconfiture,
Qui est li très plus nobles de toute créature.[69]

Nous pouvons percevoir que le religieux n'épargne pas la noblesse, c'est-à-dire la chevalerie qui luttait dans les armées royales, il l'a accusée de trahison contre le roi et contre les princes, en lui imputant finalement la capture de Jean II. Bien que la dépréciation du chanoine ait été exagérée, puisque l'abandon du champ de bataille par le dauphin et par ses frères plus jeunes a pu être ordonné par le roi lui-même, il faut considérer que l'aversion envers la chevalerie et ses membres était à l'ordre du jour du lettré. Cela peut indiquer un rejet plus grand dans cette société, compte tenu que d'autres auteurs ont versifié sur la mauvaise conduite des chevaliers[70].

Ce qui attire aussi l'attention, c'est l'admiration avec laquelle le religieux traitait la personne du roi, puisque lui-même était un combattant dans ce jour funeste aux alentours de Poitiers. La *Complainte* révèle un diagnostic sur lequel il faudrait intervenir dans les années qui suivraient : Jean II le Bon avait été aimé du fait d'être un valeureux chevalier, bien que manquant d'un corps militaire qui était à sa hauteur. Charles V, pour sa part, avait été exalté pour son savoir, jamais pour sa conduite sur le champ de bataille, car elle n'a pas existé. Et il n'était pas nécessaire que le roi sage luttât, il avait pour extension de sa personne Bertrand Du Guesclin à la tête d'une chevalerie qui commençait à se libérer de sa mauvaise réputation, position défendue par Christine de Pizan. Nous pouvons imaginer combien d'espoirs ont été placés dans le règne de Charles VI, d'où la bienfaisante construction d'un mythe qui rehausse avec lui la dynastie des Valois.

Mais le règne de ce jeune roi ne s'était pas établi comme un gouvernement réparateur du bien commun, comme le désirait Philippe de Mézières, ni comme le remède pour toute la chrétienté comme l'avait imaginé Honoré Bonet. Pourtant, le roi qui durant

[69] BEAUREPAIRE, C. Complainte sur la bataille de Poitiers. In : *Bibliothèque de l'école de chartes*, tome 12. Paris, 1851, p. 262.
[70] Les poètes Eustache Deschamps, Guillaume de Machaut, par exemple. Il faut dire que chez les religieux l'hostilité envers les chevaliers est un thème classique dès le XIIe siècle, devenu proverbial (militia = malitia).

sa vie n'a reçu aucun épithète[71], va devenir le Bien-Aimé, celui pour qui tout le peuple a pleuré lors de sa mort:

> Il fut porté de son hostel de Sainct Paul jusques à Nostre-Dame de Paris. En la compagnée estoient tous les gens d'eglise de Paris, tant mendians que autres, le college de Navarre, et les autres colleges de l'Université de Paris, avec peuple infiny faisans dueil, lamentations, et pleurs, et non sans cause. Ce jour il ne fut rien ouvert, nu merceries, ny autres marchandises. C'estoit grande pitié d'oüyr les douloureuses complaintes du peuple[72].

De façon solennelle, Jean Juvénal des Ursins a raconté les funérailles de Charles VI, qui enterrait avec lui autant de vœux pour un meilleur quotidien. Serait-ce la raison de tant de larmes pour le roi fou ? Mais même la démence du roi aurait pu servir de leitmotiv aux lettrés auxquels on demandait de renforcer la notion de "royauté sacrée", comme nous le percevons chez Christine de Pizan. En ce sens, nous sommes d'accord avec l'historien Hervé Martin :

> Cette démence à répétition est interprétée comme une punition divine, pour cause du schisme et de péchés collectifs. Cette mise en crise de la monarchie très chrétienne nous permet d'en observer les ressorts ultimes, quand le souverain médiateur et garant de l'ordre du monde se transforme en une scène de Christ bouffon, recrucifié pour le salut de son peuple. On en viendrait à se demander si cette épreuve dramatique n'a pas contribué à renforcer la notion de royauté sacrée[73].

La vérité, c'est que Charles VI ne laissait pas non plus en héritage un règne facile, ni même sûr de sa succession. Il incomberait à Charles VII, avant d'ordonner les transformations effectives dans ses armées, de parvenir au trône, et il n'y a réussi que grâce à l'autre mythe guerrier construit en grande partie par les mots de lettrés intéressés par l'Histoire contemporaine du royaume français – mais débattre de cette question dépasserait déjà le cadre de cette thèse.

Cependant, les ordonnances de Charles VII n'ont pas mis fin à la question du maintien ou non des armées permanentes, bien que leurs règles continuent à servir pour les rois qui, par la suite, ont été confrontés au même problème. Pour que les armées royales en arrivent à se transformer en armées des États Modernes, leur formation devrait non seulement être le résultat :

---

[71] « Mais c'est un fait que Charles VI lui-même n'eut pas de surnom de son vivant. Et, au lendemain même de sa mort, personne ne s'avisa de lui en donner un « à cry public et à son de trompe » (GUENÉE, B. *La folie de Charles VI*. Paris : Perrin/CNRS Editions, 2016, p. 265).

[72] Jean Juvénal des Ursins. *Histoire de Charles VI, Roy de France*. In : Nouvelle Collection des Mémoires pour servir à l'Histoire de France, par MM. Michaud et Poujoulat. Tome 2. Paris : Imprimerie d'Edouard Proux, 1836, p. 568.

[73] MARTIN. H. *Mentalités médiévales,* XIe-XVe siècle. Paris : PUF, 1998, p. 467

> de l'évolution des institutions, d'un certain niveau atteint par l'économie monétaire, ni même des exigences proprement militaires ; [mais] elle est aussi un fait de mentalité ; elle n'est pleinement introduite que lorsque ceux qui sont appelés à y servir, les milieux dirigeants et l'ensemble de la population la considèrent comme allant de soi, rouage censément normal et naturel du complexe politico-militaire[74].

Quelques décennies après la fin de la Guerre de Cent Ans, les rois français et leurs conseillers, tout comme la population pourraient absorber les transformations nécessaires découlant des conflits contre les Anglais et les alliés. Seulement alors, ils ont mis en pratique, dans les troupes des siècles suivants, ce que les hommes et femmes de lettres entre 1380 et 1404 avaient identifié en Bertrand Du Guesclin. D'où les ordonnances des rois Valois concernant l'organisation des troupes, le paiement des soldats et la demande par le service immédiat à un appel du souverain. Il est clair que la guerre a été un grand moteur de plusieurs décisions à propos de la chevalerie, pourtant, les lois militaires qui en dérivaient ont affecté directement le quotidien socio-économique de tout le royaume, même des gens les plus éloignés de la cour. Dans ce sens, l'ordonnance de Charles V de 13 janvier 1374 se montre l'élément le plus transformateur du XIVe siècle concernant ce sujet. Il a dû être :

> Publiée à Paris, aux frontières et autres lieux notable du royaume, à l'initiative du conseil royal et des officiers sur le fait des guerres ; devaient prêter serment sur les évangiles de la garder et de l'accomplir les lieutenants du roi, le connétable, les maréchaux, le maître des arbalétriers, les capitaines des gens d'armes.[75]

En plus, celle-là a été l'ordonnance qui a voulu réglementer la chevalerie comme une armée composée par des groupes de cent hommes où le capitaine avait plus de responsabilité et contrôlait de façon plus systématique les montres des troupes. A partir de cet ordre, il n'y aurait que le roi à designer ses chefs de bataille, par conséquent, on peut dire que Charles V intentait centraliser son pouvoir également sur la formation des pelotons.

Les œuvres que nous traitons dans cette thèse ont été évoquées en ce sens. Nous croyons que *La chanson de Bertrand Du Guesclin* de Cuvelier, *l'Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin*, d'auteur anonyme, et le *Livre des faits et bonnes mœurs du sage Roi Charles V* de Christine de Pizan ont montré comme « rouage censément normal et

---

[74] CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris : PUF, 1980, p. 300-301.

[75] CONTAMINE, P. Préface. In: BESSEY, V. *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François Ier. Turnhout : BREPOLS, 2006, p. 10.

naturel » la transformation de la chevalerie en un corps militaire au service du roi et du royaume français de manière permanente, dont l'exposant et modèle a été pour eux le chevalier breton, le connétable Du Guesclin.

> L'évolution de l'idéal chevaleresque, l'extension du modèle du prince lettré et surtout la connaissance des grands conquérants de l'Antiquité, précédent glorieux d'une alliance réussie entre les armes et les lettres, exigent du chef de guerre une sagesse et une capacité de réflexion qui vont de pair avec une culture littéraire et historique […]. La lecture de bons ouvrages doit permettre à la noblesse de remplir convenablement les fonctions qui lui sont dévolues, la principale demeurant la guerre[76].

Nous devons mettre en évidence que la contribution de Cuvelier, lorsqu'il représente Du Guesclin en tant que chef de guerre exemplaire, au point de mériter toute une œuvre dédiée à son action, a eu une importance considérable dans le milieu auquel elle était destinée. Si la noblesse a eu accès à la *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, cela lui a servi à se nourrir d'une œuvre qui lui offrît de la connaissance et un modèle pour élargir sa perception des conflits qui l'environnaient. En outre, Cuvelier, en composant une chanson de geste sur les événements de son temps, s'est nommé dans la première laisse du poème, introduisant ainsi une valeur nouvelle d'*auteur* dans un genre bien connu du public, vu que « la coïncidence du temps de la matière historique avec celui de la matière narrative offre à la subjectivité une valeur auctoriale nouvelle et lui ouvre tout l'espace de l'œuvre »[77]. Chez l'auteur de la prose cela se passait tout d'une autre manière et chez Christine de Pizan la « conscience du temps de la matière historique » était, disons, plus mûre, étant donné que le temps écoulé lui ouvrait un autre point de vue sur les événements.

En outre, dans son *Livre des fais*, Christine établit Du Guesclin comme le modèle de serviteur chevalier à être conservé par les princes en cherchant dans le passé une attitude utile au présent fragile des trêves avec l'Angleterre au début du XVe siècle. Les vertus du chevalier élèveraient celles du roi et viendraient d'un homme d'armes expérimenté au-delà d'un idéal chevaleresque et ses valeurs. Le service militaire « professionnel » dévoué au roi était donc bienvenu et s'avérait comme la seule valeur chevaleresque mise en évidence par nos écrivains. C'est ainsi que Christine met la chevalerie comme une vertu royale pour ce qu'elle suggère une armée régulière à la

---

[76] FOURCADE, S. De l'utilité des lettres dans la carrière des armes. Guerre et culture écrite en France au XVe siècle. *Le Moyen Âge* nº 1 (Tome CXXI), Paris : De Boeck Supérieur, 2015, p. 39.

[77] GALDERISI, C. Conscience littéraire et émergence de l'individu au Moyen Âge. In : LESTRINGANT, F ; ZINK, M. *Histoire de la France Littéraire*. Naissances, Renaissances. Moyen Âge – XV^le^ siècle. Paris : Quadrige/PUF, 2009, p. 676.

disposition d'un royaume où le roi est la figure « forte, centralisant entre ses mains toutes les prérogatives du pouvoir, dont celle de faire la guerre »[78]. Telle disposition du roi ne laisserait pas le pouvoir dissout dans les mains des nobles de son entourage. L'œuvre de Christine se montre donc comme un instrument pour influencer la politique des puissants de façon à, peut-être, changer les voies de l'Histoire, au moins dans les pages écrites par ces penseurs de la fin du XIVe siècle.

Ainsi, nous avons compris que, dans cette période du Bas Moyen Âge en France, la guerre et la culture écrite se sont associées pour le service de la couronne et le maintien ou l'instauration du bien commun, sur lequel nos auteurs ont mis un accent remarquable. Lorsque les hommes et femmes de lettres évoquent le passé glorieux autant du roi que de son fidèle connétable, ceux-ci ont tous deux un passé qui était digne d'être enregistré, légitimé par l'écriture, et avant tout qui devrait être copié par la génération suivante, dans un effort pour mettre l'écriture de l'histoire au service d'un royaume.

Pour cela, nous avons l'intention de montrer comment chacun des auteurs, selon le genre littéraire dont il s'est servi, a construit dans l'ordre du discours, c'est-à-dire dans l'espace de l'écriture, une représentation de Bertrand Du Guesclin, son identité nattative, qui viendrait à la rencontre des besoins politico-militaires qu'eux, les auteurs, malgré leurs limites, entendaient être dûs dans ce contexte de crise, répondant ainsi aux demandes de leurs commanditaires. S'il était nécessaire au roi d'obtenir de sa chevalerie le service qui n'était plus lié aux bénéfices de la lignée et du favoritisme, c'est de cette façon que les lettrés ont raconté les faits d'armes de Du Guesclin, même si pour cela ils ont amenuisé voire occulté certains faits de la carrière du Breton durant les missions qu'il a accomplies. Cela peut être observé dans la première partie de la thèse par rapport à l'action survalorisée de Du Guesclin à la bataille de Cocherel ainsi que pendant ses combats en Castille, ceci pour citer quelques exemples de la trajectoire militaire du Breton étudiée dans ce travail doctoral.

Nous pouvons nous demander, par exemple, pourquoi Cuvelier a composé des centaines de vers pour contextualiser la bataille de Nájera, pourquoi un tel effort ? Nous observons dans les dialogues, dans les descriptions des ennemis du Trastamare en tant qu'infidèles, dans l'attribution à Pedro I un caractère méchant, nous nous rendons compte que la campagne castillane pouvait susciter des débats contraires chez les contemporains. Il était nécessaire à la gloire du connétable que l'échec de Nájera ait été enveloppé de

[78] DEMARTINI et al. Introduction. *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge…*, 2016, p. 14.

complots et mauvais comportements de la part de ses ennemis, ainsi son emprisonnement serait justifié et son honneur gardé. Ainsi, le public de la chanson ne penserait jamais que la campagne en Castille se configurerait comme une attaque à un roi légitime, bien au contraire. Puisque le trouvère attribuait à Du Guesclin un rôle de sauveur des territoires perdus du royaume français et du peuple souffrant les offensives anglaises, pourquoi ne pas lui attribuer un rôle pareil dans des terres étrangères ? Ceci ne ferait qu'augmenter la renommée du connétable chez qui on trouvait réunis tous les attributs d'un « meilleur chevalier du monde », la « fine fleur de la chevalerie » qui servait au royaume français en tant que corps militaire bien défini.

Pour cette raison, nous avons pu percevoir également une tentative pour maintenir certaines valeurs, comme, par exemple, en référence à l'inclusion de Du Guesclin parmi les neuf preux, dans la continuité d'un imaginaire aussi historique que littéraire, pour obtenir aussi le succès attendu si précieux auprès du public qui voyait de cette manière son horizon d'attente atteint. Nous pensons en effet qu'il y avait, en cette fin de Moyen Âge, un intérêt de toute l'aristocratie pour le roman d'aventures, mais que dorénavant il devrait être bien ancré dans l'Histoire de personnages réels. C'est pourquoi nous voyons que les biographes dont nous traitons dans ce travail devaient « montrer un personnage idéalisé afin d'édifier un modèle de comportement pour leur public »[79].

La vie de Bertrand Du Guesclin a donné à ces hommes et ces femmes de lettres le modèle de chevalier idéal au service d'un roi lui aussi idéalisé. S'ils n'ont pas été impartiaux dans leurs œuvres, Cuvelier, l'auteur anonyme de la chronique en prose et Christine de Pizan ont été fidèles à ce qui dans ce contexte était possible de faire.

En mettant l'écriture de l'histoire du Bas Moyen Âge comme l'un des facteurs contributifs pour l'organisation de la chevalerie en tant que corps militaire permanent, ayant comme modèle de chef de guerre Bertrand Du Guesclin, nous espérons avoir traduit cette écriture médiévale de manière à montrer que les auteurs étudiés ont réalisé une forme de mimèsis en faisant correspondre une réalité littéraire avec une réalité référentielle externe, c'est-à-dire historique. Ainsi, nous avons recouru à la poétique du récit historique pour essayer de comprendre ce qui, pour ces lettrés, alors penchés sur les événements du royaume français, il était important de dire et comment le dire, en ayant pour objectif dernier de dire la vérité. Même si c'était une vérité dictée non seulement par

[79] COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises*..., p. 594.

la situation qu'ils pouvaient observer de leurs cabinets, mais également celle qui favorisait une dynastie.

1) Introdução Geral

Conceber este trabalho entre duas instituições nos levou a considerar mesclar a sua apresentação entre estes dois mundos acadêmicos: a Universidade Federal do Paraná e a Université de Poitiers, as duas instituições que firmaram o acordo de Cotutela de Tese no ano de 2016, após um longo trâmite, porém profícuo. Nestas primeiras linhas de nosso trabalho, desejamos, portanto, explicar a forma que encontramos para colocar à

apreciação de seus examinadores nossas considerações sobre a Escrita da História na França entre 1380 e 1404 e as representações discursivas sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin, cujo desaparecimento se deu em 1380 durante o cerco de Châteauneuf-de-Randon.

Tratemos, logo de início, da forma propriamente dita. Esta tese se apresenta em três grandes partes, prefaciadas por esta introdução geral, sendo que cada parte é igualmente antecedida por algumas páginas introdutórias e organizadas em capítulos, o que caracteriza um trabalho acadêmico francês. Entre a introdução geral e a primeira parte da tese, apresentamos um resumo em francês de toda a tese para cumprir uma das exigências da convenção de Cotutela. Aliás, os nomes próprios e alguns topônimos franceses foram deixados em língua francesa, o que também facilita o manuseio do trabalho pelos examinadores estrangeiros. Ao final, a conclusão e os anexos.

É preciso salientar, antes de avançar ao que anunciamos no primeiro parágrafo, que o percurso acadêmico construído nas duas instituições graças às disciplinas oferecidas pelos programas foi de fundamental importância. Se a UFPR foi o lugar onde trilhamos por um caminho novo, o da História, em Poitiers, foi o lugar de compartilhar a experiência de algo recentemente aprendido e por isso, então aprofundado, pelo ensejo de fazer conhecer ao outro uma rica novidade aos nossos olhos. Ser medievalista implicou em aprender muitos princípios de pesquisa que, para o mundo das Letras, de onde trouxemos sim bons conhecimentos, eram diferentes. Assim, os conteúdos vistos em cursos que abrangeram o mundo medieval, seus conceitos e valores acabaram por completar nosso conhecimento sobre a França, sua língua e sua literatura que já haviam povoado estudos anteriores.

Essa experiência acadêmica e de vida só foi possível graças ao diálogo existente entre os dois laboratórios de pesquisa das duas universidades desde 2011, o Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED), da UFPR, e o Centre d'études supérieures de civilisation médiévale (CESCM), da Universidade de Poitiers na França. O trabalho de cooperação que vem sendo realizado desde então, entre os membros dos dois laboratórios, denota a importância dos estudos em conjunto entre Brasil e França, bem como a necessária colaboração desses dois grupos enquanto parceiros para a divulgação e o aprimoramento dos estudos medievais nos dois países. É com grande satisfação, portanto, que propomos nossa pesquisa no seio de tão proveitosa amizade, para que trabalhos como este se multipliquem estreitando ainda mais esses laços de contribuição mútua.

Isso posto, retomemos então alguns detalhes do percurso de nossa pesquisa.

Muito mais do que apenas uma palavra que designa a transposição de uma língua a outra, a Tradução, como prática e tarefa, foi o que nos trouxe à História[80]. O ato de traduzir é, para nós, muito próximo do fazer historiográfico, porque assim como o tradutor revela o que está escondido em uma língua estrangeira, o historiador desperta o passado, proporcionando sua leitura ao outro, numa relação de generosa troca. Ambos devem respeitar suas fontes e ser delimitados por elas, mas é impossível realizar tal trabalho sem imprimir no produto final algo de sua própria identidade e de seu próprio tempo. Não acreditamos haver maneira totalmente neutra de se traduzir, nem tampouco de escrever história. Como afirma Peter Burke,

> A atividade da tradução necessariamente envolve tanto uma descontextualização como uma recontextualização. Algo é sempre "perdido na tradução". Todavia, o exame detido do que se perdeu é uma das maneiras mais efetivas de identificar diferenças interculturais. Por essa razão, o estudo da tradução é ou deveria ser central para a prática da história cultural.[81]

Ao trabalhar justamente essas diferenças, o historiador da cultura pode propor a seu público "explicações para o que passou"[82], oferecendo-lhe uma narrativa coerente sobre os eventos que procurou problematizar; apresenta, afinal de contas, a sua tradução do passado. Para realizar esse trabalho de mostrar ou apontar para o que teria sido ou existido no passado e "demostrar como os grupos humanos entenderam e representaram a si e ao mundo em que viveram"[83], o historiador faz escolhas, cotejo de fontes, leituras e se insere em um campo da história. Aqui, em nossa pesquisa, esse campo é o da História da Cultura, pois, suas noções de práticas e representações fundamentam a abordagem que fazemos das obras aqui estudadas. Evidentemente, o paralelo que propomos entre a tradução e o fazer historiográfico se limita à História da Cultura na medida em que a tradução serviu ao próposito de abordagem das fontes elencadas em nossa tese, pois ao traduzir os trechos apresentados no trabalho para o português, acabamos por refletir sobre

---

[80] A tradução dos textos de Jacques Revel para a Editora da UFPR foi nossa primeira grande incursão pela historiografia (cf. REVEL, J. *História e historiografia*: exercícios críticos. Trad. Carmem Lúcia Druciak. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, 264p.). Alguns anos depois, e já envolvida pela Idade Média, foi a vez de traduzir as palavras do professor Michel Zink, repletas de história e literatura para tratar do cronista Jean Froissart (cf. ZINK, M. *Froissart e o tempo*. Trad. Carmem Lúcia Druciak e Marcella Lopes Guimarães. Curitiba: Ed. UFPR, 2016, 276p.).

[81] BURKE, P. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: _____ e HSIA, R. Po-chia (orgs.). *A tradução cultural* nos primórdios da Europa Moderna. Trad. Roger M. dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 46.

[82] DUBY, G. *Idade média, idade dos homens*: do amor e outros ensaios. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhias das Letras, 2011, p. 163.

[83] GUIMARÃES, M. L. Cultura na Baixa Idade Média. In: GIMENEZ, J. C. (org.). *História Medieval II*: a Baixa Idade Média. Maringá: EDUEM, 2010, p. 115.

aspectos que nos auxiliaram a tecer considerações sobre a composição e os modos de ler o mundo próprios dos autores que aqui estudamos.

Entendemos que ao observar a cultura letrada que era produzida na corte francesa da Baixa Idade Média, podemos lançar hipóteses sobre os temas trabalhados por homens e mulheres de letras em suas práticas discursivas, bem como sobre a recepção de tais escritos e o que neles o público via representado. Tendo, pois, encontrado algumas contingências, decidimos por definir nosso objeto de estudo da forma como as próximas linhas mostrarão.

Definido o lugar do qual falamos, vejamos de que tratamos nesta tese: a Escrita da História. Entendemos que, ao trabalhar com fontes escritas do final do século XIV, observamos de um grupo produtor de cultura especializado, que detinha o privilégio da privança de poderosos e que, por sua vez, também falava de um lugar bem definido dentro daquele contexto. Não encontramos todas as respostas a que buscamos durante a pesquisa, haja vista as inúmeras lacunas sobre a vida, a origem e a atuação dos letrados autores das fontes que escolhemos. Mas não é isso mesmo que instiga nosso trabalho? Vestígios apenas, e que incitam nossa curiosidade historiadora. Assim, é possível considerar seus escritos sob a perspectiva de que suas obras, essencialmente narrativas como veremos, se ocuparam dos acontecimentos, fornecendo uma lógica fundamental para que aquilo que contavam fizesse sentido para seu público, pois cronistas, trovadores, biógrafos do medievo a quem a história interessou, como afirma o historiador Pierre Courroux sobre os cronistas franceses da Baixa Idade Média:

> Antes de serem fontes primárias, [eles próprios] escreveram história a partir de materiais diversos. É enquanto historiadores manejando uma poética capaz de fabricar uma narrativa do passado que [propomos] que sejam lidos. Desde então, pouco importa a fiabilidade de seus trabalhos. Pouco importa também seus erros. Eles nos ensinam outra coisa para além de uma trama factual se os vemos como escritores-historiadores perseguindo um projeto literário preciso, e não como fontes ingênuas e pouco confiáveis, capazes tão somente de compreender a superfície dos acontecimentos que os atravessam.[84]

Não podemos comparar, ou melhor, equiparar os autores aqui estudados a historiadores da contemporaneidade, porém, o que fazemos é tentar mostrar que, segundo

[84] « Avant d'être des sources primaires […] qui écrivaient l'histoire à partir de matériaux divers. C'est en tant qu'historiens maniant une poétique capable de fabriquer un récit du passé que je propose de les lire. Dès lors, peu importe la fiabilité de leurs travaux. Peu importe aussi leurs erreurs. Ils nous apprennent autre chose qu'une trame événementielle si nous les voyons comme des écrivains-historiens poursuivant un projet littéraire précis, et non comme des sources naïves et peu fiables, capables seulement de comprendre la surface d'événements qui les dépassent ». COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises* (XIIe-XVe siècle). Paris : Classiques Garnier, coll. Histoire Culturelle, 2016, p. 23.

normas e componentes teóricos próprios do contexto medieval[85], esses homens e mulheres de letras realizaram um trabalho histórico relevante àquela sociedade, e que escreveram história. Assim como do tradutor espera-se que conheça o autor que traduz e sua obra e também o contexto em que foi produzida, do historiador espera-se que, ao lançar o olhar para o passado, não tenha preconceitos e nem se coloque como juiz diante daquele passado. Foi isso que buscamos fazer ao problematizar as nossas fontes à procura da resposta sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin (ca. 1320-1380), enquanto individualidade para a qual converge o problema, ou seja, como Du Guesclin foi representado no discurso desses homens e mulheres de saber como modelo a partir do qual uma cavalaria, que estava em transformação, poderia vir a ser um corpo militar permanente.

A canção de gesta que iniciou a existência do cavaleiro nas linhas da história para além das linhas de batalha foi composta entre os anos de 1380 e 1385, logo após a morte de Du Guesclin no posto de condestável das hostes militares de Charles V, rei francês de 1364 a 1380. *La chanson de Bertrand Du Guesclin* é a nossa fonte primordial, foi a partir dos versos de Cuvelier que enfrentamos nossas questões. Feita pela pena de um trovador da Picardia, nomeado Cuvelier, trata-se de uma canção de gesta de mais vinte e quatro mil versos, dividida em *laisses* monorrimas, cuja característica principal é seu tom épico utilizado para tratar de matéria histórica. É preciso dizer que na tradição literária em que se insere, ainda que tardiamente, a canção de Cuvelier não visa apenas a eleger um herói cuja busca pela glória pessoal em honra a um senhor feudal justificaria toda a sua atuação. Das linhas do trovador podemos inferir que a história contada não é apenas aquela da vida de Bertrand Du Guesclin, mas também a do reino da França pelo qual e onde o cavaleiro atuou a serviço dos senhores a quem dedicou suas armas[86]. Os eventos evocados por Cuvelier podem ser encontrados em outros tantos documentos, como crônicas régias, correspondências e despachos oficiais dos reinos envolvidos no conflito, escritos a que ele pode ter tido acesso.

---

[85] É lícito dizer que não nos ocuparemos de questões filológicas e nem linguísticas, embora o contexto seja de formação da língua francesa tal como a concebemos nos dias de hoje. Trataremos sim, de aspectos literários das obras, como gênero textual e estruturas discursivas, por exemplo.

[86] Diferentemente do que ocorre na *Canção de Rolando*, por exemplo, em que o ponto de partida da narrativa é de certo modo atestado na historiografia, mas cujo desenvolvimento já não tem o compromisso com o que podemos chamar de verdade histórica. Além disso, a história de Rolando se faz sobre um único episódio, a batalha de Roncevaux que teria ocorrido, segundo a canção, contra os sarracenos e não contra os bascos, conforme a historiografia, tudo servindo ao mote de exaltação dos deveres morais feudais do imperador Carlos Magno e de seus vassalos. Ainda assim, naquele final de século XIV, a gesta continua a ser o "modo de expressão privilegiado dos feitos militares e dos combates da cristandade" (ZINK, M. *Littérature française du Moyen Âge*. Paris: PUF/ Quadrige, 2004, p. 96.

Ao colocarmos em evidência em nosso trabalho os versos do trovador Cuvelier, apresentando nossa tradução para o português no corpo do texto e os originais nas notas de rodapé, daremos a conhecer ao menos uma parte dessa extensa canção de gesta ainda muito pouco contemplada no meio acadêmico brasileiro, tanto no que se refere ao campo da História, quanto ao dos Estudos Literários. Esperamos assim, que essa obra passe a figurar nos trabalhos de medievalistas brasileiros em seu escopo documental sobre a Guerra dos Cem Anos e seus desdobramentos, no que se refere, sobretudo, à questão das produções medievais que serviram também ao mito e não somente à realidade dos fatos, o que se constitui na compreensão do horizonte histórico medieval de que tratamos neste trabalho. Aliás, a parte que toca o mito[87] ou a lenda que envolve a figura de Du Guesclin já faz parte de sua história, não havendo como separar sua existência real e aquela vinda das palavras dos letrados que sobre ele escreveram. Há controversas análises sobre a validade do mito de "salvador" do reino francês ou ainda de "excelente estrategista" da reconquista territorial francesa pós tratado de Brétigny a que se opõem a imagem de "usurpador" galvanizado de "honra cavaleiresca"[88]. Essa imagem negativa de Du Guesclin acabou por se cristalizar nos estudos que contemplam sua atuação principalmente na Península Ibérica, quando da campanha em Castela, em que apoiou Henrique Trastâmara a tomar o trono contra o rei legítimo Pedro I[89]. Pensamos que as alianças político-militares que levaram Charles V a estar ao lado dos Trastâmaras nos conflitos castelhanos foram muito complicados para que a atuação de Du Guesclin seja vista apenas como a de um defraudador que partiu de suas terras em busca de sua glória pessoal participando do fatricídio do rei Pedro I em território estrangeiro. Obviamente, as

---

[87] Podemos entender mito como "uma dramaturgia da vida social ou da história poetizada [...] Quaisquer que sejam os sistemas de interpretação, ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana e mostram na obra a função simbólica da imaginação. Esta não pretende oferecer verdades como as da ciência, senão expressar a verdade de certas percepções". (CHEVALIER, J. (org.). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1996, p. 714-715).

[88] CONTAMINE, P. « Bertrand Du Guesclin, une gloire usurpée ? ». In : _____.(org.). *Les Chevaliers*. Paris: Editions Tallandier, 2006, p. 76-77.

[89] A historiadora Covadonga Valdaliso discute a construção da memória da batalha de Nájera (1367) nas crônicas da época, entre elas o texto de Cuvelier, colocando que o relato da batalha foi já idealizado tanto na tradição anglo-saxônica quanto na francesa, haja vista que as narrativas tenham sido compostas em versos, em forma de poemas. Discordamos da autora que a forma escolhida por Cuvelier e pelo arauto de Jean Chandos fosse capaz apenas de cantar as glórias de um personagem, haja vista as narrativas dos historiadores da Antiguidade, em versos, e as tantas crônicas em prosa, como a de Froissart, por exemplo, em que os trechos elogiosos colaboraram com a exaltação de vários cavaleiros. Contudo acreditamos que, como a autora aponta mais adiante, o relato dos autores converteria um "sucesso passado em um momento legendário" servindo a um fim muito proveitoso para os favorecidos. (VALDALISO, C. Construcciones de la memoria: la batalla de Nájera en las crónicas de la época. in *VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média*. Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaça, Batalha, 2009. V. II. p. 301).

narrativas partidárias dos Valois, realizadas no período que estudamos, tenderão a defender as forças legitimadas pela vontade do rei, contribuindo para a mitificação de seus atores:

> Certamente, os limites do homem são patentes, seu direito ao título de grande estrategista é contestável, mas sua glória não é usurpada já que o mito era necessário. Como dizia Guillaume d'Ancenis a Froissart, "*messire* Bertrand foi tão valente homem que devemos aumentar [de seus feitos] o que podemos"[90].

Acreditamos que Cuvelier tenha sido o letrado que mais contribuiu para o renome e o mito de que se cercou seu herói, e que a canção logo alcançou certo sucesso, tendo seus versos transpostos para a prosa por um outro autor, de quem não se sabe o nome, em 1387. Essa segunda obra, parte de nosso corpus de fontes, a *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin*, é analisada nesta tese justamente em suas transformações, o que uma leitura de Cuvelier colocada em forma de crônica em prosa pode nos dizer sobre a Escrita da História na França ao final do século XIV?

A terceira obra que compõe nosso corpus principal de fontes é a biografia do rei Charles V realizada em 1404 por Christine de Pizan a pedido do irmão do rei, o duque da Bourgogne, Philippe II, le Hardi, *Le livre des faits et bonnes moeurs du sage Roi Charles V*. Mesmo que mais distante dos acontecimentos, e talvez por isso mesmo, interessante à nossa abordagem, a obra de Christine nos fornece informações sobre como Bertrand Du Guesclin era visto por seus contemporâneos, ou melhor, o que de mais relevante havia permanecido na história sobre o cavaleiro bretão. Ademais, a letrada faz menção aos escritos sobre Du Guesclin, tanto à canção em versos quanto à sua transposição para a prosa, usa-os como fontes para tecer suas considerações, e mais, sugere que são importantes para o leitor que gostaria de se aprofundar no conhecimento sobre o cavaleiro. Dessa forma, vejamos como as três obras se relacionam entre si e se há intertextualidades o suficiente para que estabeleçamos um movimento de confluência[91] entre esses escritos.

---

[90] « Assurément, les limites de l'homme sont patentes, son droit au titre de grand stratège est contestable, mais sa gloire n'est pas usurpée puisque le mythe était nécessaire. Comme le disait déjà Guillaume d'Ancenis à Froissart, « messire Bertrand fut si vaillant homme qu'on le doit augmenter ce qu'on peut ». (CONTAMINE, P. « Bertrand Du Guesclin, une gloire usurpée ? »…, p. 89).

[91] Pensamos em confluência no sentido de convergência, noção mais fidedigna para explicar o que ocorria entre produtores e produtos culturais na Baixa Idade Média, em detrimento de influência, que poderia supor um valor de domínio entre correntes literárias e temas praticados pelos homens e mulheres de saber daquela época. Expressamos aqui nossa gratidão à pesquisadora medievalista prof.ª Dr.ª Marcella Lopes Guimarães e as discussões de sala de aula dirigidas por ela a respeito do assunto, bem como por seu texto, ainda inédito, "Sintomas de renovação na poética tardo-medieval".

Cabe ressaltar que se o contexto em que Cuvelier e o autor da versão em prosa atuaram era de instabilidade política devido à menoridade do rei Charles VI e à regência dos tios, a situação acaba por quase se reproduzir quando Christine de Pizan redigiu a biografia de Charles V, pois, em seu contexto, agora eram as crises de demência de Charles VI que tinham legado a direção do reino francês mais uma vez aos tios. Assim, podemos sugerir que os dois momentos de escrita se assemelhavam e muito ao exaltar a figura de um rei forte apoiado por um corpo militar fiel e eficaz, cujo exemplo recaía sobre Bertrand Du Guesclin, sendo muito útil à monarquia sustentar o mito. Podemos sugerir que era necessário colocar para as casas senhoriais a figura de um rei sábio como exemplo para o filho que encontrava dificuldades em governar e talvez assim tentar mostrar que a estabilidade da França, nesse período de relativa paz com a Inglaterra, seria muito mais proveitosa do que um reino dividido pelas disputas entre os príncipes. De qualquer maneira, a guerra civil viria a acontecer entre Armagnacs e Bourguignons, partidários de França e Inglaterra respectivamente e em campos opostos também devido ao cisma da Igreja: "o desafio era colocar as mãos sobre o delfim para lhe servir de mentor, conseguir ajuda, dominar o Conselho para nomear os ofícios e para proceder a reformas políticas"[92]. Não sabemos com exatidão o quanto instável era o ambiente do reino para que pudéssemos dizer que os letrados de que tratamos gostariam de evitar o que talvez se anunciasse por haver no poder um rei ora fraco porque menor de idade, ora afastado do poder porque louco. O que temos são suas palavras voltadas à figura de um rei que concentrava em si a reconquista de suas possessões territoriais e que deveria ser capaz de proporcionar o bem comum tendo como um de seus principais eixos a organização de um corpo militar à disposição da coroa tendo à frente seu valente condestável, de onde porventura a exaltação de Charles V e Bertrand Du Guesclin.

Bernard Guenée ainda sugere que a história que surgia nas linhas desses homens e mulheres de letras durante esse período atenderia a uma necessidade à qual os juristas não eram capazes de responder, por "saberem muito pouco da história de seu reino", pois:

> Com o progresso da erudição, um dia chegou em que os príncipes não apenas demandaram à história algumas simples grandes ideias sobre as quais apoiar seu poder. Eles esperaram dela dossiês mais precisos que lhes permitissem defender determinados direitos. Ali ainda, a história deveria

[92] « L'enjeu est de mettre la main sur le dauphin pour lui servir de mentor, de lever des aides, de dominer le Conseil pour nommer aux offices et pour procéder à des réformes politiques » (GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge*. Du Ve au XVe siècle. Paris : PUF/Quadrige, 2010, p. 456).

> demonstrar uma continuidade, mas uma continuidade mais particular e mais limitada.[93]

Essa continuidade de que fala Guenée, simbólica e não necessariamente legal, pode ser entendida quando nos versos de Cuvelier Du Guesclin é um novo Rolando e digno de figurar entre os *neuf preux* e quando Christine de Pizan retrata Charles V ao lado dos grandes reis e imperadores da Antiguidade. A reunião desses dois homens, dessas duas "simples grandes ideias", poderia ser a resposta à situação difícil que atravessava o reino da França. Aliás, havia já nesse período cronistas que se ocupavam com louvor de assuntos jurídicos, portanto pensamos, que o fato de o rei demandar desses escritores conteúdo legitimador de seus atos vinha a ser algo mais natural.

Assim, temos dois recortes temporais que perfazem uma conjuntura de cinquenta anos: o tempo da narrativa, entre 1357, data aproximada do adubamento de Bertrand Du Guesclin e sua morte em 1380; e o tempo da narração ou tempo da escrita, entre 1380 e 1404, de onde o título da tese. Como pode-se notar, a data do adubamento de Du Guesclin, ocorrida em meio ao primeiro grande feito de armas de que trataremos na parte inicial desta pesquisa, foi escolhida porque a partir desse fato é que o cavaleiro passa a ter relevância nas estratégias político-militares do reino da França, o que nos é mais caro que sua vida pregressa de justas e atuações junto aos bandos de guerreiros durante os seus primeiros anos em sua terra natal, a Bretanha. Vale lembrar que naquele contexto de Baixa Idade Média, a cerimônia de adubamento já não era um ritual eminentemente religioso que marcaria a passagem da adolescência para a vida adulta, reservado apenas a uma elite, mas que daria "distinção e recompensa ao homem de guerra experimentado"[94].

Essa escolha dessa cronologia também se fundamenta sobre a relevância de Du Guesclin como cavaleiro, quer dizer, como membro de uma cavalaria que, por extensão, é também um tema importante nestas páginas. As três fontes nos dão indícios sobre a situação em que se encontrava a cavalaria naquele final de século XIV e início do XV, ou seja, a partir de suas linhas pudemos observar que os exemplos deixados pela dinastia capetíngia, por exemplo, com relação à organização militar de suas hostes, já haviam sido

---

[93]« Avec le progrès de l'érudition, un jour arriva où les princes ne demandèrent plus simplement à l'histoire quelques grandes idées simples sur lesquelles appuyer leur pouvoir. Ils attendirent d'elle des dossiers plus précis qui leur permissent de défendre des droits déterminés. Là encore, l'histoire devais démontrer une continuité plus particulière et plus limitée » (GUENÉE, B. *Histoire et culture historique dans l'Occident Médiéval*. Paris : Aubier/Flammarion, 2011, p. 349-350).

[94] TOUREILLE, V. (dir.). *Guerre et société 1270-1480*. Clefs concours – Histoire Médiévale. Neuilly : Atlande, 2013, p. 124.

assimilados e rechaçados naquela temporalidade. Se de Philippe Auguste (1180-1223) até os primeiros anos da Guerra dos Cem Anos as convocações das hostes se davam de certo modo sob um aspecto feudal e eram compostas por "pares", a partir dali poderia haver uma melhor avaliação de que tal maneira não mais respondia às necessidades por que o reino passava, tendo em vista o apelo à *arrrière-ban*[95], para citar um dos modos de recrutamento, que eram tropas compostas de combatentes vindos de uma sub-vassalagem, não mais tão próximas do rei e que seguiam regras para se manter a serviço da coroa financiadas por ela, demandadas pelos reis capetíngios de forma apenas esporádica. Daí a ideia de que os últimos reis dessa dinastia teriam apontado para um "sistema militar progressivamente elaborado" em que "o serviço ao rei dali em diante faria plenamente parte da ideologia dos cavaleiros"[96].

Ao nosso ver, caberia, portanto, à dinastia seguinte, a dos Valois, colocar em andamento mais eficiente esse sistema militar. A mudança, no entanto, foi bastante lenta e os despachos régios contemplados ao londo desta tese mostram isso. O que podemos inferir é que a figura de Du Guesclin tecida pelos versos de Cuvelier teve importante papel no processo de criação das hostes permanentes no reino da França, bem como a Escrita da História que se ocupou da vida do condestável e da cavalaria enquanto instituição em mutação. Logo, também dessa forma se justificaria o relato da atuação de Du Guesclin nos episódios que elencamos para compor a primeira parte da tese.

A nós coube indagar, portanto, o porquê e como essa instituição militar era foco de autores que se preocupavam com a história do reino francês. Será nesse momento de análise que faremos apelo a outras fontes, Honoré Bovet, Philippe de Mézières e ordenamentos régios auxiliarão o nosso trabalho ao tratar da cavalaria como tema da Escrita da História.

Acreditamos igualmente que seja importante saber como o rei considerava seu corpo militar, para isso, portanto, vejamos como se dava a relação do monarca com a cavalaria, principalmente no que se refere a seus comandantes, segundo seus

---

[95] A *arrière-ban*, na organização feodal das hostes, tratava-se da convocação dos vassalos pelo suserano, em sua maioria nobres que compunham o entorno do rei que, por sua vez, convocavam seus próprios vassalos, completando a hierarquia existente naquele contexto. O que chama a atenção é que a performance guerreira não era premissa nessa convocação da "arrière-ban", assim, vale lembrar que o desempenho é que passaria, ao nosso ver, ser mais importante na concepção das hostes a partir da dinastia dos Valois. Veremos outros detalhes sobre esse assunto mais adiante na tese.

[96] « Un système militaire progressivement élaboré » où « le service du roi fait desormais pleinement partie de l'idéologie des chevaliers » (HÉLARY, X. *L'armée du roi de France* : la guerre de Saint Louis à Philippe le Bel. Paris : Perrin, 2012. (Livro eletrônico (KOBO) – Capítulo 6 e Conclusão).
mutação

ordenamentos régios, mesmo que se trate de textos que apresentem aspectos parciais e pontuais sobre os grupamentos militares[97]. Assim, analisamos ao longo da tese os despachos oficiais de três dos reis da dinastia dos Valois: o despacho de Jean le Bon de 30 de abril de 1351, em que há uma primeira organização dos combatentes em grupos de 25 a 80 homens; a regulamentação da cavalaria proposta por Charles V em 13 de janeiro de 1374, em que o rei atribui mais responsabilidades a seus comandantes e concentra em si o pagamento dos soldos, e os dois ordenamentos de Charles VII, de 2 de novembro de 1439 e de 26 de maio de 1445. Apesar de bastante distantes do recorte que determinamos para nossa pesquisa, esses dois últimos documentos servirão de exemplo para o que apontamos nesta tese, ou seja, uma transformação da cavalaria em corpo militar permanente a serviço do rei e do reino franceses.

A organização de nossa abordagem se dará, na primeira parte da tese, com a apresentação da vida de Du Guesclin a partir de episódios que consideramos marcantes para tratar de sua trajetória militar, *Uma vida forjada pelas armas: a gesta de Bertrand Du Guesclin*. Aliás, a primeira parte será como que uma base para que sobre ela assentemos as considerações presentes nas segunda e terceira partes. Abriremos a tese dessa forma, por acreditar que a retomada do que foi escrito sobre Du Guesclin a partir de Cuvelier indique elementos essenciais para o que foi importante para a Escrita da História no período, assim como a maneira pela qual ele foi representado a seus contemporâneos. Será objeto de nossa análise igualmente o quanto o tema das batalhas de Du Guesclin determinou a forma como os autores usaram dos gêneros textuais já consagrados. Nosso modo de interpretar essas fontes se dará pelo viés das concepções de Paul Ricoeur e Leonardo Funes.

A explanação mais detalhada dessas concepções será vista na segunda parte da tese: *O Escrita da História na França da Baixa Idade Média*. Optamos por essa sequência entre a primeira e a terceira partes da pesquisa porque gostaríamos de apresentar em nosso trabalho um esboço de biografia cavaleiresca de Du Guesclin, e iniciar com essa narrativa poderia tornar a leitura mais fluida, para em seguida esmiuçar o que fora feito. Esse é, aliás, o modo que convencionamos com o leitor/examinador da tese, o nosso pacto de leitura, já antecipando o que essa proposta tem de relevante aqui segundo o que Ricoeur aponta em suas obras com as três *mimeses*, a noção de *representância* e de *identidade*

[97] BESSEY, V. *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François Ier. Turnhout : BREPOLS, 2006, p. 8.

narrativa. A breve biografia cavaleiresca de Du Guesclin acabou se fazendo enquanto método de abordagem historiográfica e produto dela.

O professor e pesquisador medievalista argentino Leonardo Funes ao elaborar o estudo da *poética do horizonte histórico medieval*, forneceu à nossa abordagem a maneira pela qual buscamos entender qual poderia ser o modo de pensar de nossos autores e como eles traduziam isso nas palavras de seus textos. A partir disso, vamos discorrer sobre detalhes de cada fonte que consideramos determinantes para apontar o caráter histórico de cada obra e sua base que podemos considerar como um método naquele contexto, já que concordamos com Bernard Guenée, quando ele aponta:

> A continuidade do esforço histórico, a solidariedade de todos esses historiadores que desejaram encontrar, ou ao menos conservar, e dizer o passado. E nessa longa cadeia de solidariedade, os mil anos que chamamos de Idade Média não representam uma ruptura [...] Cessemos de ver com condescendência esses tempos povoados de ingênuos contadores. Alguns o foram. Mas muitos outros não foram menos que nossos longínquos "camaradas", nossos dignos colegas [...][98]

O que nos afasta desses longínquos colegas, além do tempo, é seu horizonte histórico próprio ao período tardo-medieval francês, portanto disso trataremos neste trabalho.

A proposta da terceira parte da tese se fundamenta no que consideramos como um tema derivado do principal, de Du Guesclin, o *preux chevalier*, para a cavalaria: *A cavalaria como tema da Escrita da História.* Entendemos que ao tratarem dessa matéria, os autores estudados colocaram sua escrita da história a serviço de uma ideologia, ou seja, buscamos mostrar que, mesmo sendo financiados pelas casas monárquicas, o que poderia determinar uma tendência, os homens e mulheres de letras que estudamos defenderam um ponto de vista crítico sobre os acontecimentos. Era uma linha muito tênue sobre a qual tiveram que se equilibrar, no entanto, encontramos elementos que sustentam nossas observações.

Não podemos deixar de considerar o papel que esses escritores tiveram nas decisões político-militares do reino francês, ainda que tenha sido uma influência que foi apenas lentamente assimilada. Os documentos que forneceram esses indícios são os

---

[98] « La continuité de l'effort historique, la solidarité de tous ces historiens qui ont voulu retrouver, à tout le moins conserver, et dire le passé. Et dans cette longue chaîne de solidarité, les mille ans que l'on appelle le Moyen Âge ne représentent pas une rupture […]. Cessons de voir avec condescendance ces temps peuplés de naïfs conteurs. Certains le furent. Mais beaucoup d'autres ne furent rien de moins que nos lointains « camarades », nos dignes collègues […] ». GUENÉE, B. *Histoire et culture historique dans l'occident médiéval*. Paris : Aubier/Flammarion, 2011, p. 367.

ordenamentos régios que elencamos na tese, com eles podemos supor de que forma a cultura literária dos autores estudados ultrapassou os limites do lúdico entretenimento e povoou as discussões dos conselheiros.

Obviamente, a exigência da verdade, o efeito de real e a noção de utilidade da história escrita por esses autores se apresentam nas linhas de nosso trabalho para que nos indaguemos a nós mesmos, historiadores da contemporaneidade, sobre o nosso papel na sociedade de hoje, haja vista que

> O historiador, finalmente, deve insistir na própria importância da história, como um elemento particularmente ativo entre os que compõem uma ideologia prática. Em larga medida, a visão que uma sociedade forma de seu destino, o sentido que ela atribui, correta ou erradamente, à sua própria história intervêm como uma das armas mais poderosas das forças de conservação ou de progresso, isto é, como um dos sustentáculos, entre os mais decisivos, de uma vontade de salvaguardar ou de destruir um sistema de valores, como o freio ou o acelerador do movimento que, de acordo com ritmos variáveis, conduz as representações mentais e os comportamentos a se transformarem.[99]

Esperamos que nossa tese contribua para essa reflexão e que assim como uma tradução exitosa, ofereçamos nosso trabalho à leitura e façamos reviver um passado, dando a ele uma razão de existir novamente, e que ao retornar de nossa "exploração refletida do passado"[100], sejamos leitores que leem de modo diferente. Que seja esse o alimento das linhas da nossa Escrita da História.

2) *Uma vida e um mito forjados pelas armas: a gesta de Bertrand Du Guesclin*

2.1) Introdução à primeira parte

Bertrand Du Guesclin foi um cavaleiro, designação que por si só deveria remeter a valores que o qualificassem como guerreiro honrado, valente, forte e fiel. Naquele final

[99] DUBY, G. *Idade média, idade dos homens*: do amor e outros ensaios. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhias das Letras, 2011, p. 166.
[100] ZINK, M. Bricoler à bonne distance. *La lettre du Collège de France*. Hors-série 2 | 2008, mis en ligne le 24 juin 2010. Disponível em : http://lettre-cdf.revues.org/218. Acesso em: 17 de maio de 2017.

de século XIV, tais atributos não estavam apenas a serviço da Igreja, já que Du Guesclin era cristão e atuava em um reino cristão, mas, e sobretudo, estavam a serviço do rei. Para seus contemporâneos, Bertrand Du Guesclin era um cavaleiro *preux*[101], aquele que com seus feitos de armas individuais chamou a atenção para si e então alcançou o favor do príncipe e da dinastia que viria a beneficiar a performance guerreira antes da linhagem na pessoa do cavaleiro bretão.

Não haveria outra designação que pudesse resumir melhor a biografia do personagem Bertrand Du Guesclin? Ao falar de uma vida, isso não basta. Ainda que seja um personagem tão distante no tempo, as fontes a que temos acesso são muito generosas. Dessa forma, quando nos aproximamos e ajustamos a perspectiva pela qual gostaríamos de abordar o cavaleiro, surgem perguntas que acabam delineando o andamento da pesquisa e que preenchem, não apenas com qualificativos positivos, o que poderia ser o relato da aventura biográfica desse personagem. Não, não intentamos reconstituir a vida de Du Guesclin em sua totalidade, seguindo-a a partir de seu nascimento até sua morte, pois não é do *homem* Du Guesclin que nos ocupamos neste trabalho. Aqui, nestas páginas, o cavaleiro nasceu quando seu desempenho para a batalha passou a ter um lugar e um significado para que homens e mulheres de letras, ao contemplarem sua trajetória em poemas, crônicas e biografias naqueles anos entre 1380 e 1404, o inserissem na Escrita da História da França da Baixa Idade Média, como um dos cavaleiros que um dia foram dignos de serem chamados de "o melhor cavaleiro do mundo"[102]. Ao estudar, por exemplo, uma biografia em forma de canção de gesta, ligada, portanto, ao gênero épico e à tradição oral, concordamos com François Dosse que afirma que tais biografias, e foram elas numerosas nos séculos XIV e XV,

> Resultam de um processo de laicização tanto quanto de uma reivindicação de identidade de uma linhagem em sua inserção no espaço e no tempo. Integram-se no seio de uma genealogia cuja narrativa é concomitantemente exemplificação e afirmação da autoconsciência de um grupo social.[103]

Serão esses indícios de laicização, de exemplificação e afirmação de autoconsciência de um grupo social que abordaremos nesta tese. Laicização, pois

---

[101] Veremos mais adiante que esse adjetivo, uma das virtudes cavaleirescas, poderia designar as seguintes qualidades: capaz de grandes feitos, leal, de boa vida, cortês, cavaleiresco, cheio de baronia, audaz, destemido, sábio sem vilania.

[102] A designação de "melhor cavaleiro" ou "melhor cavaleiro do mundo" aparece em textos como os poemas de Eustache Deschamps e a *Canção* de Cuvelier, contemporâneos do cavaleiro. Tal expressão foi referendada pelos biógrafos de Du Guesclin ao longo dos séculos, seguindo, por vezes, a tendência do momento em eleger para a França um herói.

[103] DOSSE, F. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 152.

veremos que parte dos autores contemplados nestas páginas não estavam ligados ao clero, mas eram "funcionários" das casas principescas; a noção de exemplificação estará ligada também ao caráter didático que as obras aqui estudadas guardavam em si, como da História mestra da vida, e afirmação da autoconsciência de um grupo no que se refere à cavalaria enquanto grupo de homens de armas combatendo por um objetivo comum, um dos elementos que acabava os identificando, além disso, veremos que esse objetivo comum foi se modificando à medida que a cavalaria sofreu regulamentações. Aliás, Du Guesclin atua em um contexto em que a fidelidade ao rei como serviço a ele se articula entre serviço devido e favor não mais como a relação que havia entre servos e senhor feudal, e sim como um capitão que estende sua fidelidade ao rei para todo o reino da França, "em uma ligação de sujeição e amor"[104]. Sobre esse aspecto da cavalaria discutiremos nas outras duas partes da tese.

Nesta primeira parte da tese, elencamos seis episódios dentre os feitos de armas de Du Guesclin que consideramos importantes para o desenvolvimento de nossa abordagem: o cerco de Rennes (1357-1358); a batalha de Cocherel (1364); a batalha de Auray (1364); a Campanha das Grandes Companhias (1365-1369); a eleição de Du Guesclin como condestável das hostes régias (1370), e finalmente o cerco ao castelo de Châteauneuf-de Randon (1380), onde o cavaleiro perdeu a batalha para a morte.

É ainda com as considerações de François Dosse que referendamos a abordagem biográfica em nossa tese no sentido de propor "uma nova preocupação pelo estudo da singularidade e uma atenção particular aos fenômenos emergentes que são considerados como objetos próprios para pensar graças à sua complexidade e à impossibilidade de reduzi-los a esquemas mecânicos"[105]. Acreditamos em tal proposta tendo em vista que ao falar sobre uma vida, ainda que aqui "reduzida" ao contexto da cavalaria, proporcione ao historiador compreender a identidade de quem atuou naquele contexto, tratando-se de uma *identidade narrativa* construída nos escritos que figuram como nossas fontes, evocando mais uma vez Paul Ricoeur:

> A noção de identidade narrativa mostra ainda sua fecundidade no que ela se aplica tanto à comunidade quanto ao indivíduo [...]: indivíduo e comunidade se constituem na sua identidade recebendo tais narrativas que se tornam tanto para um como para o outro sua história efetiva [...]. Em uma palavra, a identidade narrativa é a resolução poética do círculo hermenêutico[106].

---

[104] TOUREILLE, V. (dir.). *Guerre et société 1270-1480*…, 2013, p. 118.
[105] DOSSE, F. *O Desafio Biográfico*..., p. 406.
[106] « La notion d'identité narrative montre encore sa fécondité en ceci qu'elle s'applique aussi bien à la communauté qu'à l'individu […] : individu et communauté se constituent dans leur identité en recevant

De onde pensamos ser importante partir do indivíduo Du Guesclin e os episódios cavaleirescos para avançarmos para a comunidade do corpo militar da cavalaria segundo as representações discursivas, ou narrativas, que escolhemos analisar. Mais uma vez salientamos que aqui em nosso trabalho, interessa-no o Du Guesclin presente nas linhas dos letrados que contemplamos na tese.

Acreditamos que Bertrand Du Guesclin tenha aproveitado muito bem suas aptidões guerreiras em benefício de sua carreira militar, não que o fizesse apenas por ambição a altos postos desde seus primeiros feitos, isso não temos como saber. Entretanto, ao se mostrar fiel e bastante eficaz aos olhos de seus senhores, Charles de Blois, Henrique Trastâmara e principalmente o rei francês Charles V, alcançou prestígio e legitimação para ser eleito[107] ao cargo mais alto dentro da hierarquia militar daquele contexto na França da segunda metade do século XIV, construindo para si uma carreira militar exemplar.

> De qualquer modo, a nomeação ao posto de condestável, assim como toda uma série de vitórias militares na ocasião da reconquista do Poitou e de Aunis contribuem a forjar o mito de um Du Guesclin libertador da França e artesão de sua recuperação [...]. Em 1380, na morte do condestável, a monarquia recuperou os territórios que eram seus dez anos antes. Segura desses sucessos, ela espera mobilizar em torno da dinastia e da defesa do reino.[108]

Partindo sempre da canção composta pelo trovador Cuvelier, retomaremos o desenrolar desses empreendimentos guerreiros buscando construir um panorama do desempenho de Du Guesclin em batalha, para isso vamos recorrer a uma reconstituição dos fatos, buscando mostrar como a ação do cavaleiro ao longo desse período pode caracterizar a transformação da cavalaria em um corpo militar à disposição do reino da França e, portanto, de seus empreendimentos face ao contexto de guerra em que se

---

tels récits qui deviennent pour l'un comme pour l'autre leur histoire effective […] En un mot, l'identité narrative est la résolution poétique du cercle herméenutique ». RICOEUR, P. *Temps et récit*, t. 3. Le temps raconté. Paris : Edition du Seuil, 1985, p. 444, 446.

[107] A palavra « eleição », a que fazemos referência, aparece em nossas fontes, fornecendo indícios de que teria ocorrido de fato uma consulta ao Grande Conselho do rei Charles V na ocasião da nomeação de Du Guesclin ao posto de condestável. Vale salientar que "eleição" designa antes uma escolha por preferência, sem necessariamente que tenha havido, no caso, vários candidatos ao posto de condestável. Sobre essa questão discorreremos mais adiante.

[108] « Quoi qu'il en soit, la nomination au poste de connétable ainsi que toute une série de victoires militaires lors de la reconquête du Poitou et de l'Aunis contribuent à façonner le mythe d'un du Guesclin libérateur de la France et artisan de son redressement […]. En 1380, à la mort du connétable, la monarchie a récupéré les territoires qui étaient les siens dix ans auparavant. Forte de ces succès, elle espère mobiliser autour de la dynastie et de la défense du royaume ». MOAL, F. *Du Guesclin*. Images et histoire. Rennes: Presses U:niversitaires de Rennes, 2015, p. 93-94.

encontrava. Nesse ponto, outros documentos, tais como as crônicas dos contemporâneos de Cuvelier, como Jean Le Bel, Jean Froissart, Pero Lopes de Ayala, as *Grandes Chroniques de France*, a *Chronique des quatre premiers Valois*, a *Chronique normande du XIV siècle*, *La Vie du Prince Noir*, a *Cronique de Flandres*, *Le Livre du Bon Duc Jean* ; os poemas de Eustache Deschamps, e certos despachos régios dos reis da França, da Inglaterra e de Castela auxiliarão a complementar e a contrapor as informações contidas nos versos de Cuvelier, o que caracteriza o cotejo das fontes sobre as batalhas escolhidas. O mesmo procedimento se dará com a versão em prosa da canção de Cuvelier e com a biografia do rei Charles V de Christine de Pizan, muito embora essas duas fontes, consideradas como fontes secundárias dentro do conjunto principal de fontes, sejam melhor exploradas em nossa segunda parte da tese.

É valido ressaltar que não se trata de uma abordagem que poderia considerar Cuvelier como um historiador menor, a crônica em prosa como uma versão melhorada de Cuvelier e a biografia de Christine como um trabalho de historiografia medieval ideal, pois não se trata de modo algum de considerar as três obras numa trilha evolutiva, como se a biografia do rei Charles V de Christine de Pizan fosse o modelo de Escrita da História que queremos demonstrar nesta pesquisa. Trata-se antes de colocar em evidência o diálogo possível entre os letrados que estavam a serviço das casas nobiliárquicas, ou seja, as intertextualidades entre suas obras, e o trabalho de enquete que cada um empreendeu ao colocar em palavras um passado que muito interessava aos poderosos, principalmente à coroa francesa.

É por isso que buscaremos mostrar de que maneira a imagem mental, isto é, a memória coletiva sobre Du Guesclin que havia entre seus contemporâneos, foi colocada em texto e como esse texto foi utilizado por outros, segundo intentos sociais, políticos e até mesmo literários, no sentido estético da palavra, ainda nos primeiros vinte anos após sua morte, como fez o poeta e funcionário da corte, Eustache Deschamps, por exemplo, conforme os versos 4 a 12 de sua balada 1125:

> As proezas que Bertrand realizou,
> Condestável Du Guesclin, que intentou
> Bem guardar a utilidade pública,
> Manteve assim sua guerra púnica
> Sobre os ingleses, que França reformada
> Foi e é por grande bela armada
> Feita em seu tempo, e morto na guerra
> De seu senhor; foi sua morte chorada:

Nobre coisa é de bom renome adquirida![109]

Serão os versos de Cuvelier que nos dirão em primeiro lugar como Du Guesclin foi representado na Escrita da História, pois acreditamos que a canção foi a obra que contribuiu de modo inconteste para o mito do cavaleiro, sem deixar de falar de um passado real, servindo de fonte histórica aos nossos dois outros letrados. Nesse sentido será muito importante observar o quanto o mito Du Guesclin forjou um novo modelo para a cavalaria do que o próprio personagem histórico Du Guesclin, e qual foi a contribuição dos autores estudados para que isso ocorresse. Isso pois, leva-nos a aquiescer ao que afirma Roger Chartier:

> A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita. O que leva, antes de mais, a não tratar as ficções como simples documentos, reflexos realistas de uma realidade histórica, mas a atender à sua especificidade enquanto texto situado relativamente a outros textos e cujas regras de organização, como a elaboração formal, tendo em vista produzir mais do que mera descrição. O que leva, em seguida, a considerar que os «materiais-documentos» obedecem também a processos de construção onde se investem conceitos e obsessões dos seus produtores e onde se estabelecem as regras de escrita próprias do gênero de que emana o texto. São essas categorias de pensamento e esses princípios de escrita que é necessário atualizar antes de qualquer leitura «positiva» do documento. O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita.[110]

Assim, a vida colocada em palavras serviria a uma concepção de historiador muito difundida naquele final de século entre os autores que estudaremos neste trabalho: aquele que deve "contar as proezas que são dignas de memória, e dar os nomes dos valentes para

---

[109] « Les prouesces que fist li bon Bertrans,
Connestable de Guesclin, qui engrans
Fut de garder l'utilité publique,
Et qui maintint si sa guerre punique
Sur les Anglois, que France reformée
En fut et est par mainte belle armée
Faitte a son temps, et mourut en la guerre
De son segnour ; moult fut sa mort plourée :
Noble chose est de bon renom acquerre ! »
Eustache Deschamps. *Œuvres Complètes de Eustache Deschamps* publiées d'après le manuscrit de la Bibliothèque nationale par le Marquis de Queux de Saint-Hilaire et Gaston Raynaud. T. 6. Paris: Librairie de Firmin Didot, 1879, p. 42-43.

[110] CHARTIER, R. *A História Cultural* – entre práticas e representações. Trad. Maria M. Galhardo. 2ª ed. Lisboa : DIFEL, 2002, p. 63.

assegurar para sempre a lembrança de seu renome"[111]. Para nossa pesquisa, aliás, será importante identificar quais as palavras que o trovador usou para designar seu herói, assegurando-lhe o renome para além de seu tempo.

Nesta primeira parte da tese, explanamos como o trovador constrói, segundo os métodos que tinha a seu alcance, uma figura exemplar para uma cavalaria em transformação. Podemos até mesmo sugerir que na *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, o cavaleiro é apresentado como o expoente pioneiro dessa cavalaria, cujo êxito até mesmo por suas supostas "faltas cavaleirescas" seria atestado. O melhor cavaleiro do mundo, o que observa as regras de uma guerra justa, depois transformada em guerra santa em Castela, aquele que sabe comandar seus homens a ponto de fazer com que lutem para vencer poupando os civis, aquele que desprendido de seus próprios bens os oferece para financiar suas tropas, será o mesmo que com suas palavras convencerá a homens poderosos sobre suas estratégias de combate.

Ao aceitar essa "aposta biográfica"[112], não intentamos preencher lacunas, nem tampouco preocuparmo-nos com elas, pois ao organizar nossa abordagem em episódios, acreditamos que os espaços entre eles, deixados em branco nestas páginas, acabarão por mostrar o inevitável efeito de imperfeição que toda escrita biográfica apresenta. Não é o personagem por completo que figura em nossos parágrafos, mas aquilo que gostaríamos que fosse apreendido dele: um guerreiro ardido, ávido pela batalha, digno de ser lembrado entre as fileiras de uma cavalaria a serviço do rei e do reino franceses. Finalmente, elementos constituintes da vida de Du Guesclin que podem ser averiguados nos episódios cavaleirescos elencados nesta primeira parte da tese. É sobre essa performance de cavalaria que nos debruçamos. A quem tal retrato interessaria no final do século XIV na França? E o que isso contribui para a historiografia contemporânea sobre a Escrita da História da Baixa Idade Média?

Cabe aqui salientar ainda que o intento em recuperar a trajetória de Du Guesclin em forma de uma breve biografia cavaleiresca, nesta primeira parte da tese, serve para buscar inserir nosso trabalho também na tradição de uma escrita biográfica sobre o cavaleiro, inspirando-nos em trabalhos anteriores e utilizando-os como balizas do que pode ser dito sobre Du Guesclin sempre à luz das fontes.

---

[111] « Il doit raconter les prouesses qui sont dignes de mémoire, et de donner les noms des preux pour assurer à jamais le souvenir de leur renommée ». GUENÉE, B. *Du Guesclin et Froissart*. La fabrication de la renommée. Paris : Tallandier, 2008, p. 71.
[112] DOSSE, F. *O Desafio Biográfico...*, 2015, p. 11.

Se consideramos os estudos empreendidos por Siméon Luce ainda no século XIX[113] como a primeira grande investigação historiográfica sobre o cavaleiro, mesmo que incompleta por causa de sua morte, e a citamos ao longo destas páginas foi porque o historiador francês contribuiu de forma inconteste revelando à historiografia documentos até então inéditos e também propondo aos estudos da Guerra dos Cem Anos uma visão nova para aquele século no que se refere a uma abordagem muito mais imparcial sobre a vida do cavaleiro bretão e sua atuação no conflito. A obra ainda desperta interesse entre os estudiosos de Du Guesclin, haja vista sua recente reedição em março de 2017 na coleção da Biblioteca Nacional de França junto às edições Hachette.

Mais próximas a nós no tempo, outras três biografias de Du Guesclin, dentre as mais de quinze publicadas apenas nos últimos dez anos[114], chamaram a atenção justamente pela proposta diferenciada de seus autores. George Minois abriu nos anos de 1990[115] uma nova via de abordagem sobre o tema ao propor a biografia de Du Guesclin realizando um extenso trabalho de arquivo cotejando obras literárias e documentos administrativos. Além disso, e talvez aqui esteja a maior contribuição dessa abordagem, foi o êxito que teve Minois ao retirar da biografia do bretão as imagens-clichê e de senso comum que havia sobre o condestável e que o mantinham sob um mito glorioso, colocando igualmente no debate historiográfico as suas derrotas e más decisões que durante muito tempo foram como que mascaradas pela grande maioria dos biógrafos positivistas da segunda metade do século XIX que erigiram a imagem de Du Guesclin como um de seus heróis patrióticos.

---

[113] LUCE, S. *Histoire de Bertrand Du Guesclin et son époque*. La jeunesse de Bertrand. Paris : Librairie Hachette et Cie, 1876, 624p. Neste volume, Luce se debruça sobre a trajetória de Du Guesclin até o ano de 1364.

[114] As publicações a que nos referimos compreendem edições de trabalhos realizados em nossos dias e também reedições de alguns volumes produzidos no século XIX e início do XX: BAGES, S. *Du Guesclin* – Le chevalier intrépide. Belin Jeunesse, 2014; BONNECHOSE, E. *Bertrand Du Guesclin* : connétable de France et de Castille. Paris : Hachette BNF, 2014 [1880] ; BUET, C. *Bertrand Du Guesclin*, connétable de France et son époque. Paris : Hachette BNF, 2017 [1883] ; CASSAGNES-BROUQUET, S. *Bertrand Du Guesclin* – entre le lys et l'hermine. Ed. Ouest-France, 2015 ; FALLET. *Bertrand Du Guesclin*. Lacour, 2008 ; FREREJEAN, A. *Douze Bretons extraordinaires d'hier et d'aujourd'hui* – De Du Guesclin à Edouard Leclerc, Paris : L'Harmattan, 2017 ; GOURMONT, R. *Bertrand Du Guesclin*. Paris : Hachette BNF, 2016 [1883] ; GUENÉE, B. *Du Guesclin et Froissart* : la fabrication de la renommée. Paris : Tallandier, 2008 ; JACOB, Y. *Bertrand Du Guesclin* : connétable de France. Paris : Editions Pascal Galoté, 2013 ; LABANDE L.-H. *Bertrand Du Guesclin et les États Pontificaux de France* – passage des routiers en Languedoc (1365-1367). Paris : Hachette BNF, 2014 [1904]; MORVAN, F. *La chevalerie bretonne au temps de Bertrand Du Guesclin (1341-1381)*. Centre d'Histoire de Bretagne, 2017 ; NEVEUX, F. *Du Guesclin, chef de guerre*. Ed. Charles Corlet, 2016 ; VERCEL, R. *Du Guesclin*. Paris : Albin Michel, 2014 ; VILLE, L. *Nos grands capitaines*, Du Guesclin. Lacour, 2008. Levantamento realizado através dos sites de livrarias francesas em dezembro de 2017.

[115] MINOIS, G. *Du Guesclin*. Paris: Fayard, 1993, 518p.

Em 2015 foram publicadas as outras duas biografias de Du Guesclin a que fazemos menção em nosso trabalho. A proposta da historiadora Laurence Moal especialista da Bretanha em sua obra *Du Guesclin – Images et histoire*[116] foi fazer um levantamento das imagens do cavaleiro nas iluminuras medievais, na estatuária tumular e comemorativa, nos filmes, nos manuais escolares, nas histórias em quadrinhos e até mesmo nos ornamentos arquitetônicos de Las Vegas com o objetivo de mostrar como o personagem histórico de Du Guesclin foi se transformando em mito e como esse mito foi usado ao longo dos mais de seis séculos desde seu desaparecimento. Além de análises iconográficas bastante elucidativas das quase 300 ilustrações que sua obra apresenta, Laurence Moal pretendeu estabelecer uma conexão entre as imagens mentais e seus suportes visuais muito próprios a cada temporalidade estudada: na primeira parte da sua obra que abrange os séculos XIV e XV, a imagem do *preux chevalier,* segundo a autora, é a mais significativa; na segunda parte, do século XVII ao início do XX ficou a imagem de herói nacional fabricada ali e que ainda hoje é percebida nas menções ao bretão; e finalmente a terceira parte da obra que abrange imagens de meados do século XX até nossos dias, em que a historiadora defende que Du Guesclin alcançou seu apogeu representando a fascinação que se tem sobre a Idade Média e o uso de sua imagem para fins políticos, o que se deu ao longo de todo o recorte apresentado na obra. A conclusão é de que servindo tanto à criação quanto à manutenção da lenda, as representações visuais do cavaleiro, "são fontes para compreender como se constrói um imaginário coletivo"[117].

Já Thierry Lassabatère[118] diz inserir seu estudo na continuidade da abordagem de George Minois, afirmando, ao trabalhar com textos literários que ora preenchem as lacunas deixadas pelos documentos oficiais, ser possível revelar ainda algo da história e da biografia de Du Guesclin. É o que ocorre, por exemplo, com as informações sobre a infância do cavaleiro cuja única fonte é o texto de Cuvelier. A análise de Lassabatère para essas lacunas preenchidas pela literatura é bastante crítica, sem deixar de dar crédito suficiente para que sejam ainda assim contempladas pelos estudos historiográficos, pois ele acredita que ao buscar explicar o mito Du Guesclin construído ao longo do tempo também alargaremos a compreensão sobre o personagem, dado que a mitificação já faz parte de sua história.

---

[116] MOAL, L. *Du Guesclin* – Images et histoire. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2015, 335p.
[117] MOAL, L. *Du Guesclin*..., p. 312.
[118] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*. Vie et fabrique d'un héros médiéval. Paris : Perrin, 2015, 543p.

A sua obra é apresentada em sete capítulos que contam a cronologia de Du Guesclin; a introdução e a conclusão que, além das considerações finais do autor, trata da morte de Du Guesclin em 1380 como o início de sua *transfiguração* na História. O trabalho de Lassabatère oferece ao leitor também alguns anexos, entre eles o que traz uma interessante análise da estrutura da obra de Cuvelier no que se refere às sequências retóricas, como nomeia o autor, constantes na canção, totalizando 75 sequências narrativas com destaque para os momentos no texto em que o trovador faz seus apelos ao público, intervém no discurso, insere conjunções lógico-temporais e alude aos argumentos de verdade e de autoridade, como quando assim afirma "a história nos diz e faz conhecer"[119]. Ao explanar suas considerações sobre a trajetória de Du Guesclin, Thierry Lassabatère põe em destaque os acontecimentos mais relevantes ocorridos naquele século, pois eram tempos de crise econômica e religiosa, de peste e de guerra.

Além disso, seguindo o conselho de Carlo Ginzburgem em um capítulo intitulado "Ekphrasis e citação"[120], não basta considerar a imaginação histórica de nossos autores, mas também a prova. Aquilo que em suas narrativas remete à vivacidade e à realidade dos acontecimentos ao mostrá-los a seu público como quem dá a experimentar, disso desconfiamos, enquanto historiadores. Foi como a historiografia foi se moldando ao longo do tempo: da testemunha que conta porque viu ao inquiridor que se pergunta o porquê e confirma seus argumentos com as provas científicas.

Não propomos nesta parte da tese a biografia de Du Guesclin, naquilo que o termo coloca como totalidade de uma vida, durante e após sua morte, como fizeram nossos colegas historiadores. Já dissemos, não é o *homem* Du Guesclin que nos interessa nestas páginas, mas a gesta do cavaleiro enquanto figura que, inicialmente construída por Cuvelier, impingiu um modelo de capitão e homem de armas no processo de criação de tropas permanentes no reino da França; esperamos que seja essa a principal contribuição de nossa pesquisa sobre aquela temporalidade, intentando, logicamente, ir além de uma busca por esteriótipos. Assim, esperamos trazer à luz seu papel histórico na transformação da cavalaria para seus contemporâneos até os primeiros anos do século XV.

Se esse processo de hostes permanentes pode ser observado nas representações discursivas sobre o condestável daqueles que foram testemunhas de seu tempo, o que nos

---

[119] «la ystoire nous dit et va signifiant ». CUVELIER. *La Chanson de Bertrand Du Guesclin*. Ed. J.-C. Faucon, T. 1, v. 21007, Toulouse : Editions Universitaires du Sud, 1990, p. 412.

[120] GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Trad. Antonio Narino. Lisboa:DIFEL; Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil, 1989, p. 215-232.

dizem as linhas da literatura e dos documentos oficias sobre uma atuação da cavalaria que visasse primeiramente a vitória coletiva em lugar da glória pessoal? Se essas testemunhas, homens e mulheres de saber ousaram, apesar se seus engajamentos pessoais, servir ou não aos interesses dos poderosos financiadores de seu trabalho e escrever sobre Du Guesclin, podemos dizer que ele pode ter representado uma ruptura com o modelo pré-existente de cavaleiro até aquele momento admitido? Em busca dessas e outras respostas, vejamos, portanto, de que forma Du Guesclin percorreu diferentes espaços senhoriais, saindo da Bretanha, seguindo pela Normandia, depois capitaneando as companhias em Castela, e finalmente encabeçando as tropas do rei Charles V até as fronteiras do reino francês.

2.2) Cavaleiro antes da cavalaria: o cerco de Rennes (1356-1357)

O cerco de Rennes durante o inverno de 1356 a 1357 se configura como um dos acontecimentos da Guerra de Sucessão da Bretanha (1341-1364) que acabou por se amalgamar entre os inúmeros conflitos da Guerra dos Cem Anos (1337-1453) fazendo com que a oposição entre franceses e ingleses fosse vivenciada pelos habitantes de muitos vilarejos daquela região.

Devido à sua localização, na confluência entre dois rios navegáveis, Rennes era próspera, situada em uma rota comercial importante e consequentemente disputada entre os senhores ora em conflito no condado.

> À noite em Fougeray nossa gente se abrigou;
> Ali permaneceu Bertrand e aqueles que ali levou.
> Ao conde de Montfort isso muito desagradou,
> De Bertrand Du Guesclin duramente se queixou.
> Por ali houve um grande alvoroço de que muito se falou
> Até Charles de Blois a notícia chegou
> E de bom grado querer receber Bertrand anunciou
> Tendo-o entre os seus, grande bem lhe faria, assim afirmou.
> (*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, vv. 1179-1186)[121]

Esses poucos versos resumem de certa forma a disputa entre Charles de Blois e Jean III de Montfort e a importância que se daria ao desempenho de Bertrand Du Guesclin durante os conflitos na região de Rennes. Cuvelier, na introdução à narrativa do cerco, coloca seu herói na condição de favorecido do nobre que ali detinha o apoio dos Valois, dinastia que, durante o tempo da escrita do poema, exercia o poder no reino da França e que visava ao apoio da Bretanha para fazer frente à investida inglesa. Pode-se imaginar que se a região não fosse controlada por partidários dos Valois, abriria precedentes para um problema de vassalidade assim como o que ocorria na Aquitânia. Situação a ser evitada pelo rei francês. Além disso, o trovador omite os anos que separaram a conquista de Fougeray e o cerco de Rennes, talvez com o objetivo de evidenciar uma intensa atividade militar do bretão.

Por causa dos diferentes episódios que envolveram Rennes nas disputas entre a casa de Montfort e a casa de Blois entre os anos de 1341 e 1356, Cuvelier pode ter confundido as ações de Du Guesclin nessa localidade. Como já dissemos, o fato de ter

---

[121] "La nuit a Fougeray nostre gente se logoit ;
La demourait Bertran o ceulx qu'il amenoyt.
Au conte de Monfort forment en desplaisoit,
De Bertran Guesclin durement se plaignoit.
La ot un tel regnon que chascun en parloit ;
Jusqu'à Charles de Blois la nouvelle en aloit,
Et disoit a sa gent volentiers le verroit,
Et si le peut tenir que grant bien lui feroit".
Cabe aqui salientar que todas as traduções das citações em língua francesa no original são de nossa autoria.

omitido os anos que separaram as investidas levou o trovador ainda a atribuir ao cavaleiro menos de dezoito anos de idade nos versos da narrativa que neste capítulo trabalhamos, quando Du Guesclin já passava dos trinta anos. Teria sido um erro do poeta ou uma forma de apontar que o herói correspondia bem ao perfil de jovem e intrépido cavaleiro tão característico nas canções de gesta? Pode-se dizer que no tempo da escrita da canção, Du Guesclin já havia sido coroado de glória com funerais somente comparáveis aos dos príncipes. Assim, exaltá-lo mesmo quando se tratava de contar seus primeiros empreendimentos guerreiros, antes mesmo de ser adubado cavaleiro, só intensificaria o efeito da obra no público, que já deveria conhecer os feitos do condestável.

> É um jovem vassalo que Bertrand é nomeado,
> Dos Guesclin é nobre aparentado;
> Não tem XVIII anos que é nascido,
> Mas em mais feitos já tem se aventurado
> Do que todos os cavaleiros deste reinado.
> (*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 1239-1243)[122]

Henri de Grosmont, duque de Lancaster, cavaleiro de nobre linhagem[123], fora chamado pelo rei Eduardo III para socorrer a condessa viúva de Montfort, Jeanne de Flandres e seu filho ainda adolescente. É sobre isso que versam a *Chronique* de Jean Le Bel, a *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, a *Chronique de Du Guesclin* em prosa, a *Chronique des quatre premiers Valois* e as *Chroniques* de Jean Froissart, pois todas afirmam que Lancaster havia se deslocado para auxiliar os Montfort na sucessão ao ducado bretão. O duque já passava dos cinquenta anos de idade quando cercou Rennes, era então cavaleiro experiente e com uma carreira notável que vinha de várias e vitoriosas batalhas, perfeito opositor para que o desempenho de Du Guesclin fosse ainda mais relevante e causasse no público da canção de Cuvelier um efeito de admiração constante. Mesmo que, segundo o que podemos aventar, Du Guesclin não passasse de um guerreiro

---

[122] « C'est un jeune vassaulx qui Bertran est nonmez,
De ceulx de Guesclin c'est noble parentez ;
N'a pas .XVIII. ans qui li sien corps fu nez,
Mais en plus de besongnes c'est ja aventurez
Que tous li chevaliers qui sont en ses regnez. »

[123] Segundo o verbete *Lancastre* do *Dictionnaire du Moyen Âge*, a ascendência do duque já havia se envolvido na deposição do rei inglês Eduardo II durante os conflitos da guerra civil e desempenhado papéis importantes na Inglaterra eduardiana. Henri de Grosmont fora feito duque de Lancaster por Eduardo III, seu primo, em março de 1351 e viria a desempenhar com valentia o comando de suas missões durante a Guerra dos Cem Anos. Afirma-se igualmente que tenha sido um dos fundadores da Ordem da Jarreteira, em 1348, a mais antiga ordem de cavalaria existente no século XXI. Já no século XV, seu neto, Henri de Bolingbroke, após o golpe que depôs Ricardo II do trono inglês, proclamou-se rei da Inglaterra, sob o título de Henri IV (CURRY, A. Lancastre. In : GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dicionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 810-811).

a cavalo sem grandes suportes financeiros para ter sido adubado àquela altura, o que nos leva a pensar que o reconhecimento a ele atribuído originava-se muito mais em sua capacidade e eficácia para o combate e não em sua linhagem e os recursos que ela poderia lhe proporcionar[124]. Aqui se percebe uma mudança sensível no status daqueles que poderiam compor oficialmente as hostes dos príncipes, quando as condições para armar-se seriam asseguradas pelo pagamento de soldos e pela melhor organização das tropas por comandantes mais experientes cujas funções estariam bem determinadas, a fim de obter um serviço militar permanentemente à disposição da coroa. Ao menos é o que os decretos régios de abril de 1351 e de janeiro de 1374 deveriam garantir referente ao pagamento de cavaleiros, escudeiros e valetes, bem como o montante concernente às tropas doravante compostas por 100 indivíduos[125].

Os cronistas reportam que o cerco de Lancaster durou "muito tempo" (Froissart, Jean le Bel, Cuvelier), por outro lado, em alguns documentos observa-se uma duração mais precisa, como "um ano ou quase", "oito meses ou mais", "oito ou nove meses". Isso se observa até mesmo nas cartas de Eduardo III enviadas a Lancaster entre abril e julho de 1357. Na primeira carta, além de ser comunicado das tréguas acordadas entre França e Inglaterra, ao duque foi ordenado levantar o *longo* cerco sem demora. O tom da segunda missiva, já que houve necessidade de uma segunda ordem, deve ter sido um tanto mais incisivo da parte do rei inglês que disse estar muito descontente com a desobediência e demora do primo[126].

A cidade fortificada de Rennes era provida pela confluência dos rios Vilaine e Ille, portanto a água não era escassa[127] como podemos observar na figura abaixo, que mostra

---

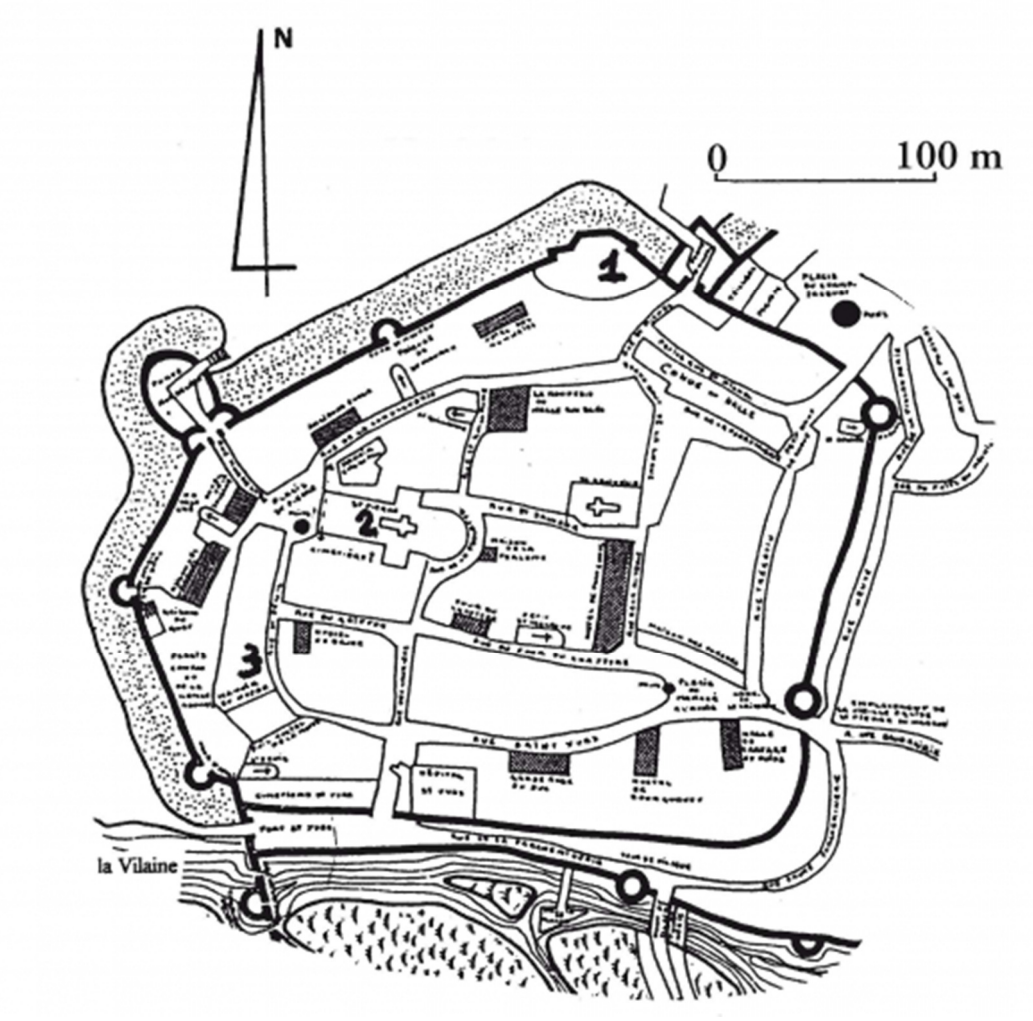
[124] Muitos guerreiros no século XIII renunciavam ao adubamento, segundo Xavier Hélary, devido ao custo das armas e da montaria, ao empobrecimento dos grupos da pequena nobreza e da partilha do patrimônio. Cada cavaleiro deveria se apresentar ao chamado do príncipe com seu armamento completo, várias montarias e homens que lhe servissem (HÉLARY, X. *L'armée du roi de France*... cap. 2, e-book, s/p.), condições asseguradas por um número limitado de combatentes.

[125] Para o texto da transcrição dos documentos ver a recolha realizada por Valérie Bessey, *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François I. Turnhout : BREPOLS, 2006, p. 63-67 ; p. 75-79.

[126] *Foedera, conventiones, literae, et cujuscunque generis acta publica : inter reges Angliae, et alios quosvis imperatores, reges, pontifices, principes, vel communitates, ab ineunte saeculo duodecimo, viz. ab anno 1101, ad nostra usque tempora, habita aut tractata : ex autographis, infra secretiores*. Publicada por RYMER, T. Londres :J. Tonson, t. VI, 1727 , p. 13-14 ; *Lettres de rois, reines et autres personnages des cours de France et d'Angleterre depuis Louis VII jusqu'à Henri IV*. Publicadas por CHAMPOLLION-FIGEAC Paris : Imprimerie Royale, t. II, 1847, p. 113-115. Documentos disponíveis em : gallica.bnf.fr.

[127] Nenhum documento a que tivemos acesso relata corte do abastecimento de água da cidade, sabe-se, após análise de mapas antigos, que as muralhas que existiam na época do cerco datavam do século III, romanas, portanto e não se sabe exatamente em que estado se encontravam. Esses muros chegavam, porém, até a beira do rio Vilaine e após as reformas, ao longo do século XV, aumentaram o perímetro de Rennes, sendo que suas muralhas foram estendidas ao sul do mesmo rio. (Cf. http://www.agencebretagnepresse.com consulta realizada em 24 de setembro de 2015)

as muralhas da cidadela se estendendo à margem do Vilaine. Outro elemento a favor dos habitantes era sua experiência. É lícito, portanto, sugerir que devido a outras batalhas os *rennais* agora pudessem tecer outros estratagemas, mais eficazes, para resistir aos invasores.



Primeira muralha de Rennes e localização dos castelos: Viel Castel (1), Catedral Saint-Pierre (2) e extenção Saint-Pierre (3). In. BRAND'HONNEUR, M. Manoirs et châteaux dans le comté de Rennes. PUR, 2001. Cf. http://books.openedition.org/pur/docannexe/image/11267/img-13.png. Consultado em janeiro de 2017.

Na Chanson de Cuvelier, percebe-se a ênfase na "necessária" intervenção de Du Guesclin no cerco de Lancaster que, mesmo após alguns meses, continuava severo ao redor da cidade. Mas seria preciso uma boa estratégia, já que Du Guesclin não conseguia adentrar, embora tivesse tentado algumas vezes. Seu estratagema foi, portanto, perturbar os sitiantes com aparições no meio da noite, já que a floresta de Paimpont ou

Brocéliande[128] lhe dava a proteção necessária para tais investidas. Eram cavalgadas noturnas regadas a gritos: "Guesclin! ". O que impedia os sitiantes de dormir e até mesmo de comer, conforme Cuvelier relata nos seguintes versos:

> No entanto, ele se mantinha dentro do bosque fechado,
> E vinha sempre aos abrigos e tendas obstinado,
> E ao redor da grande hoste espiava por todos os lados;
> E foram os ingleses por ele muito atormentados,
> Não os deixava dormir nem comer sossegados.
> (*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, vv. 1230-1234)[129]

Logo em seguida, o trovador diz que o duque de Lancaster, incomodado, perguntou a quem se devia tal perturbação, então um cavaleiro bretão lhe disse que se tratava de um jovem vassalo de nome Bertrand Du Guesclin que havia tomado Fougeray das mãos dos ingleses e que já "havia realizado mais feitos do que muitos cavaleiros do reino jamais fariam". Note-se o efeito que Cuvelier deve ter obtido ao colocar nos lábios dos inimigos de Du Guesclin os elogios ao jovem guerreiro que logo viria a se servir de atitudes características das canções de gesta para ludibriar seu inimigo e desestabilizar a seu favor o cenário que se apresentava.

Segundo o poema de Cuvelier, após empreender várias e astutas medidas pelos arredores do sítio, como atear fogo nos campos onde estavam as tropas do duque, tomar prisioneiros entre os sitiantes, auxiliar como podia os habitantes da cidade dando a entender que a ajuda vinha ao seu socorro, Du Guesclin, prevendo que o duque partiria para combater as supostas tropas da casa de Blois, dirigiu-se a Rennes para tentar novamente entrar na cidade prometendo carregamentos de víveres para "confortar suas gentes". E assim fez[130]. Neste ponto da narrativa, Cuvelier exalta seu herói conferindo a

---

[128] A historiografia designou a Bertrand Du Guesclin a alcunha de "dogue noir de Brocéliande" atribuída por seus inimigos por causa das investidas e escaramuças desenroladas na floresta que, aliás, é a localização de importantes monumentos neolíticos que foram resgatados e ricamente referenciados nas lendas arturianas, como o túmulo de Merlin, a fonte da juventude e outros (cf, por exemplo, Chrétien de Troyes, *Yvain, le chevalier au lion; Le Chevalier de la charrette*). No caso de Bertrand, seus modos nada convencionais em uma tradição cortês podem ter lhe dado tal apelido e fizeram correr seu renome entre os grupos de soldados ingleses que muito o temiam (Cf. MINOIS, G. *Du Guesclin*..., 1993, p. 74; LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*. Vie et fabrique d'un héros médiéval. Paris: Perrin, 2015, p. 81; MOAL, L. *Du Guesclin* – Images et histoire. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2015, p. 260, 282-283).

[129] "Nonpourquant se tenoit dedens les bois ramez,
Et venoit bien souvent aux loges et aux trefz,
Et autour du grant ost espioit a touz lez ;
Et furent les Englois par lui souvent grevez,
Ne les laissoit dormir ne mengier a leurs sez."

[130] Aproveitando-se ainda do fato de haver poucos guardas no acampamento do duque, atacou-os tendo logo o auxílio dos habitantes de Rennes que saíram mais uma vez e se lançaram contra as linhas do cerco. Du Guesclin apreendeu os bens que ali estavam disponíveis: carroças carregadas de carne salgada, pão, vinho e trigo, e fez ainda com que os prisioneiros ingleses levassem tudo para dentro da cidade, juntamente com cavalos e éguas, não sem antes açoitá-los como se fossem "escravos sarracenos" (*Chanson*, v. 1665).

ele muitos adjetivos através das palavras dos que com ele estavam ao receber a ordem de preparar-se, selar os cavalos, colocar seus bacinetes, as bandeiras levantar, as lanças empunhar e também ornarem-se a seus modos. De Du Guesclin, a quem serviam corajosamente e com lealdade, disseram ser bom, valente (*preux*), leal, de boa vida, cortês, cavaleiresco, cheio de baronia, audaz, destemido, sábio sem vilania. Disseram ainda que seria rei ou duque! O autor aqui fez como que uma "cena dos próximos capítulos", pois tais títulos, Du Guesclin receberia após suas incursões em Castela, como veremos mais adiante.

Não havia somente soldados no acampamento do cerco, mas também comerciantes que haviam sido detidos pelas tropas do duque a fim de deixar os habitantes de Rennes sem provisões, esses também foram para dentro da cidade com Du Guesclin, em princípio na condição de reféns. Porém, uma vez dentro da cidade, o bretão teria feito com que os *rennais* pagassem pelas mercadorias e teria liberado os comerciantes sem exigir resgate, recomendando que não mais voltassem ao campo do duque e que ainda dissessem a este que as mercadorias estariam sob os cuidados de Du Guesclin e à disposição. Aqui vemos um motivo bastante evocado na construção do mito de Du Guesclin como generoso e justo, um salvador para a população oprimida pela guerra.

Entre a apreensão dos suprimentos e o salvo-conduto concedido pelo duque, como veremos a seguir, Cuvelier salienta a generosidade de Du Guesclin, conferindo a ele o mérito de ser comparado ao próprio Cristo. O cavaleiro é aclamado por seus homens e pelos mercadores como digno de versos a serem cantados. Juntamente a isso, há o lamento dos companheiros de Du Guesclin no caso deste vir a perder a vida, já que aventurava-se para tal. Trechos assim acabam por legitimar a nomeação de Du Guesclin como condestável: não se tratava apenas de um exitoso combatente, mas um combatente apto para uma guerra justa. O modelo que Du Guesclin oferecia naquele contexto de escrita, durante o reinado de Charles VI (1380-1422), deveria ser observado pela corte dos Valois, pois há que se imaginar que por um de seus membros é que o trabalho poético de Cuvelier tenha sido financiado.

Lancaster, ao dar-se conta de que fora ludibriado várias vezes, tanto por artimanhas dos habitantes quanto pelos estratagemas de Du Guesclin, ficou bastante

---

Cabe aqui dizer que na canção de Cuvelier os sarracenos eram apenas a encarnação do mal a ser logo combatido, sem deixar de admirar-lhes a nobreza (*Chanson*, v. 16202-16288). Diferentemente dos judeus, a quem o trovador direcionou graves versos cheios de ódio "pela tal gente maléfica" (*Chanson*, v. 10387), por exemplo.

irritado, e comandou que acirrassem o cerco ainda mais, não sem antes admirar a atitude de Du Guesclin na liberação dos comerciantes:

> Meu Deus! disse o duque, grande honra virá,
> Ele é gentil de coração, isso aproveitará,
> Pois jamais coração tão largo perecerá.
> Se viver muito, fazendo o que fará,
> Logo os cavaleiros do mundo sobrepujará.
> Mas nunca o vi, por Deus que tudo criou, hei de jurar.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 1758-1763)[131]

O uso do discurso de Lancaster para enaltecer Du Guesclin e apontar para episódios futuros demonstra que Cuvelier tinha consciência da construção de seu poema para, ao se servir de um molde épico, recuperar eventos que confirmassem a escolha de Du Guesclin como condestável e depois de sua morte ser merecedor da fama a que o trovador contribuía com sua obra. Colocando a admiração do oponente em evidência, Cuvelier atribui a responsabilidade pelo renome do cavaleiro bretão a instâncias que poderiam legitimar sua carreira militar nada convencional. Aqui podemos apontar para duas características importantes que logo foram assimiladas pela cavalaria: a eficácia de que deveria dar mostrar um membro seu e o serviço à coroa. Transformações importantes em um contexto de enfraquecimento da figura régia devido à menoridade de Charles VI, momento em que a escrita da história poderia contribuir para a exaltação da pessoa do rei para quem o serviço militar se configuraria como um dos pilares sobre os quais o poder era exercido, "permitindo a esse poder central de se reforçar"[132].

Ao narrar a recusa da cavalaria proposta por Lancaster ao herói da canção, vemos que a fidelidade e o serviço à coroa francesa são várias vezes evocados por Cuvelier, confirmando o que as biografias mais recentes sobre Du Guesclin têm salientado: ao reconstituir os passos do cavaleiro, o historiador Thierry Lassabatère, por exemplo, salienta a importância de uma rede de relações mantida pelo bretão que o levou cada vez para mais perto do rei Charles V e sua consequente nomeação a condestável[133]. Laurence Moal, na biografia de Du Guesclin através das imagens, também salienta a importância do cavaleiro para a dinastia dos Valois, "pois mais que nenhum outro cavaleiro, nesse

---

[131] "Par ma foy! Dist li ducs, a grant honneur venra,
Il est gentilz de cuer, se lui profitera,
Car oncquez large cuer maiesement ne fina.
S'il dure longuement, faisant ce que fait a,
Trestouz les chevaliers du monde passera.
Mais oncques ne le vis, par Dieu qui tout crea".

[132] DUMONT, J; MASSON, C. Pour une étude croisée des armes et des lettres. *Le Moyen Âge* nº 1, Tome CXXI, Paris : De Boeck Supérieur, 2015, p. 14.

[133] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*..., 2015, p. 424.

contexto dramático da Guerra dos Cem Anos, ele [Du Guesclin] trabalhou pela causa do reino"[134].

Bertrand Du Guesclin teve, portanto, a chance de demonstrar suas habilidades tanto nos assaltos quanto nos duelos[135] diante de Lancaster e receber a devida atenção sobre elas. Talvez tenha sido de fato um momento como esse que tornou ainda mais difundido o renome do bretão fazendo com que a notícia de seu desempenho chegasse, poucos meses mais tarde, como novidade digna de recompensa ao gabinete do delfim e futuro Charles V. É o que demonstram os dois despachos datados do mês de dezembro de 1357 referentes a Du Guesclin: no primeiro, o delfim reconhece os esforços do *cavaleiro* bretão e senhor de Broons na defesa de Rennes assegurando-lhe o recebimento de duzentas libras a serem pagas pela cidade de Beuvron[136]. No segundo documento, o delfim confere a Du Guesclin, agora já referido como capitão geral de Pontorson, do Monte Saint-Michel, de Montagu et de Sacey, sessenta homens de armas e sessenta arqueiros, bem como o pagamento que lhes seria devido, para não onerar o *cavaleiro*[137].

Como Du Guesclin saiu vitorioso dos combates nas cercanias de Rennes ao receber das mãos do duque um cavalo de combate, teria dito que jamais algum duque ou príncipe havia lhe oferecido alguma coisa de valor, pois tudo pela espada havia alcançado. Tal ênfase denota em Cuvelier um esforço em colocar o desempenho militar de Du Guesclin à frente de um mérito que pudesse ser conferido segundo uma linhagem, já que não era o caso do herói.

Ao conceber uma obra em homenagem a Du Guesclin, tanto Cuvelier quanto o autor anônimo da adaptação em prosa, como veremos mais adiante, atribuíram ao herói as grandes decisões e as soluções para os enfrentamentos do cerco de Rennes, portanto havemos de observar alguns exageros muito comuns nesse estilo de texto de cunho laudatório.

E ainda, mantendo, e com bastante humor, o interesse de seu público, ouvinte ou leitor, as versões rimada e em prosa relatam que ao se afastar das muralhas da cidade,

---

[134] MOAL, L. *Du Guesclin*..., 2015, p. 16.

[135] As fontes relatam pelo menos quatro duelos de que poderia ter participado Du Guesclin durante o cerco de Rennes: em Dinan; depois contra o cavaleiro Nicolas Dagworth; um terceiro contra Jean Bolton e finalmente contra Guillaume Bamborough, este último algum parente do senhor de quem Du Guesclin havia tomado o castelo de Fougeray (*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 1933-1934; Jean Froissart. *Chroniques*. Ed. Buchon, T. 1, 1835, p. 368-370).

[136] Cidade conhecida na época pelo de nome de Saint-James de Beuvron, na fronteira entre a Normandia e a Bretanha, hoje apenas Saint-James. O documento em questão foi transcrito e publicado pela primeira vez por Siméon Luce no volume 52 da *Bibliothèque de l'école de chartes* em 1891.

[137] LUCE, S. *Bertrand Du Guesclin et son*…, 1876, p. 522-523.

Lancaster pôde observar que os habitantes jogaram suas insígnias por terra fazendo grande alarde, ao que muito se indignou o duque, pois não poderia revogar sua promessa em deixar o cerco após colocar suas bandeiras no alto da torre. Tal dose de humor pode revelar muito sobre a sociedade a que se dedicavam esses letrados ocupados com a história, visto que não eram mais os grandes anais latinos os *best-sellers* do período tardo-medieval.

A isso, o historiador francês Jacques Le Goff propõe:

> Assim uma 'nova nobreza' suscitou no século XII um romance histórico que, em um século, descreveu a brilhante e efêmera trajetória dos heróis cavaleirescos apoiados sobre os feitos históricos, e em seguida vivendo suas próprias aventuras e sucumbindo enfim ao absurdo e à morte. Assim o romance histórico 'burguês' do século XII seguiu a curva que conduzia dos heróis medíocres, mas históricos de Walter Scott às famílias lentamente destruídas de Zola (Rougon-Macquart), de Thomas Mann (Buddenbroks) e de Roger Martin du Gard (Thiabault)")[138].

Para além do esforço em marcar uma continuidade histórica, remetendo à longa duração nos estudos historiográficos, Le Goff provoca evidentemente os críticos literários e teóricos da literatura a pensar sobre o status do romance na sociedade medieval e sua natural progressão ao longo dos séculos seguintes para a leitura individual, da qual a adaptação de verso para a prosa realizada em várias obras foi um dos elementos fundamentais. Ao longo do tempo, num recorte diacrônico, a experiência estética se modifica à medida em que a sociedade se transforma, pois, é dada à literatura responder aos anseios de uma época, retratando-a ou afastando-se dela. Já que a "implicação histórica se manifesta na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética"[139]. Dessa forma, a abordagem histórica contemporânea, balizada também na estética da recepção e seu conceito de horizonte de expectativa, como veremos mais adiante, pode fornecer sobre uma obra muito mais que a historiografia do século XIX e início do XX, visto que as características literárias de certa obra podem propiciar uma

---

[138] « Ainsi une « nouvelle noblesse » suscita au XIIe siècle un roman historique qui, en un siècle, décrivit la brillante et éphémère trajectoire des héros chevaleresques appuyés sur les exploits historiques, puis vivant leurs propres aventures et succombant enfin à l'absurde et à la mort. Ainsi le roman historique « bourgeois » du XIIe siècle suivit la courbe qui conduisait des héros médiocres mais historiques de Walter Scott aux familles lentement détruites de Zola (Rougon-Macquart), de Thomas Mann (Buddenbroks) et de Roger Martin du Gard (Thibault) », LE GOFF, J. Naissance du roman historique au XIIe siècle ?. *La Nouvelle Revue Française* nº 238, Paris : NRF, octobre 1972, p. 163-173.

[139] Cf. JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ed. Ática, 1994, p. 23.

descrição mais completa do que foram os centros culturais e suas atividades de mecenato na Baixa Idade Média, por exemplo[140].

Se Lancaster seguiu de Rennes para Auray e dali para alguns outros poucos feitos de armas encontrados nas fontes escritas, Bertrand Du Guesclin foi ao encontro de Charles de Blois que, de retorno de suas negociações com o delfim em Paris, voltava à Bretanha para verificar a situação local. Desse encontro, Cuvelier afirma ter havido duas grandes honras em favor de Du Guesclin: teria sido dado a ele o senhorio do castelo de La Roche-Derrien[141] e também a cavalaria em uma rápida cerimônia de adubamento, sem nenhum pormenor relatado, o que ainda hoje gera discussão entre historiadores que visam a determinar uma data mais exata para tal rito[142].

> Na Bretanha reinou Bertrand, o perfeito
> Tanto que Charles de Blois, a quem foi sujeito,
> Fez-lhe cavaleiro, assim como dizem os escritos.
> (*Chanson de Bertrand Du Guesclin*, vv. 2453-2455)[143]

A ideia de que Du Guesclin tenha sido adubado somente após o fim do cerco de Rennes é reforçada pela maneira como Froissart se refere a Du Guesclin quando relata esse episódio, "*jeune bachelier*"[144]. Sabe-se que após a morte de seu pai, Du Guesclin herdara suas propriedades, mas seriam elas suficientes para sustentar o status e as

---

[140] Cf. ZINK, M. Literatura(s). In LE GOFF, J. e SCHMITT, J.-C. (coords). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp. 79-93.

[141] Como nos atos oficiais já mencionados, em que o delfim confere a Du Guesclin pagamentos e regimentos, não consta o título de senhor de La Roche-Derrien, acreditamos que isso não tenha ocorrido logo após o cerco de Rennes e sim anos mais tarde apenas.

[142] Siméon Luce data o adubamento de Du Guesclin em 10 de abril de 1354 quando de uma escaramuça no castelo de Montmuran. Os companheiros de Du Guesclin e do marechal Arnoul d'Audrehem teriam derrotado um bando inglês liderado por Hugh Calveley e em reconhecimento à atuação destemida do bretão, o castelão de Caen, Eléastre de Marès, também presente no ataque, teria armado Bertrand Du Guesclin cavaleiro naquela mesma noite (LUCE, S. *Bertrand Du Guesclin et son...*, 1876, p. 124-125). Essa hipótese é contestada por Georges Minois (1993, p. 108-110) e por Bernard Guenée (2008, p. 79-81), por exemplo. No entanto, vale salientar mais uma vez, que o termo *chevalier* aparece nos documentos despachados pelo delfim em dezembro de 1357, o que nos leva a considerar que em algum momento daquele ano, Du Guesclin tenha sido adubado cavaleiro, sendo a ocasião relatada por Cuvelier a mais provável.

[143] "En Bretaigne regna Bertran li posteïs
Tant pour Charles de Blois a qui il fu subgis,
Qui le fist chevalier, si con dit li escris".

[144] *Bachelier* designa um combatente, membro das mesnadas, que ainda não havia recebido a cavalaria, isto é, que ainda não havia sido adubado, eram ovens combatentes que atuavam sob a bandeira dos "chevaliers bannerets" (*Dictionnaire du Moyen Français* - http://www.atilf.fr/dmf/, verbete "bachelier". Durante o reinado dos últimos reis capetíngios, Philippe III, por exemplo, os escudeiros surgiram para designar os jovens combatentes que serviam outros cavaleiros. Acreditamos que aqui Froissart tenha empregado o termo "*bachelier*" para diferenciá-lo de "*chevalier*", sendo que o primeiro é designado como aspirante a cavaleiro, estando sob o comando de um outro senhor. Com essa hipótese colaboram os seguintes versos de Cuvelier, em que Du Guesclin confessa ainda desejar provar ser digno da cavalaria momentos antes de sair ao combate contra Bamborough durante o cerco: "Je m'en vois a l'escolle pour aprenre en boustant/ Conment je devenray chevalier souffissant" (Eu ia à escola para aprender combatendo/ Como me tornaria cavaleiro o bastante), *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 2101-2102).

despesas de um cavaleiro? E ainda, Du Guesclin teria dado provas de sua bravura de modo tão marcante quanto no cerco de Rennes tempos antes em ataques e escaramuças com seu bando de *routiers*? Acreditamos que não. Assim, Du Guesclin teria reunido os requisitos fundamentais para ser adubado cavaleiro somente após o cerco de Rennes, obtendo o reconhecimento necessário de Charles de Blois para que avançasse na hierarquia militar tendo seu desempenho recompensado por sua experiência em campo.

Como já apontamos na Introdução, as hostes régias eram compostas essencialmente por cavaleiros, mas o que já estava indicando uma transformação em andamento, era o acesso à cavalaria, instituição não tão fechada comos nos séculos anteriores[145].

Pois se nos séculos XII e XIII,

> Os jovens ambiciosos que a Fortuna fez nascer no seio das grandes linhagens ou a sua sombra poderão então alçar-se um pouco mais alto. A hierarquia da sociedade laica permaneceu fundada sobre o nascimento [...]. Mas os tempos tinham mudado [...]. Bertrand Du Guesclin é sem dúvida o primeiro de quem os contemporâneos estão bem conscientes que, vindo de camadas inferiores, ele subiu tão alto pela voz comum do reino, pelo favor do mundo[146].

Vejamos em seguida, como foram os feitos do então cavaleiro Bertrand Du Guesclin nas batalhas de Cocherel e Auray.

2.3) Pela causa do rei: a batalha de Cocherel, quinta-feira, 16 de maio de 1364

Os anos que seguiram ao cerco de Rennes foram ainda marcados pelas disputas entre as casas de Blois e de Montfort na Bretanha. No entanto, como já salientamos, Bertrand Du Guesclin havia atraído para si a atenção de grandes nobres ingleses e

---

[145] Ver HÉLARY, X. *L'armée du roi de France*..., cap. 2. E-book, s/p : « Dans le courant du XIIIe siècle […] la chevalerie s'est également fermée. On craint les impostures, on prête une attention de plus en plus vigilante à l'hérédité ».

[146] « Les jeunes ambitieux que la Fortune a fait naître au sein des grands lignages ou à leur ombre pourront alors se hisser un peu plus haut. Mais ceux qui partiraient de trop bas ne doivent pas trop espérer. La hiérarchie de la société laïque reste fondée sur la naissance […]. Mais les temps avaient changé […] Bertrand Du Guesclin est sans doute le premier dont les contemporains sont bien conscients que, parti de si bas, il est monté si haut par la commune voix du royaume, par la faveur du monde », GUENÉE, B. *Du Gueslin et Froissart*. La fabrication de la rénommée. Paris : Tallandier, 2008, p. 78; 90

franceses, e principalmente, a do delfim Charles, futuro rei da França, fato que deve ter sido decisivo para projetar a carreira militar de Du Guesclin para além das fronteiras de sua região natal.

Como Jean II, le Bon, ainda era refém de Eduardo III, o delfim se tornara regente do reino francês e começava a tomar importantes decisões para não perder outros territórios pelas imposições dos acordos a que seu pai era obrigado se submeter enquanto prisioneiro dos ingleses. Assim, o delfim, reunindo seus capitães, colocou seus homens de armas para fazer frente ao cerco anglo-navarro tomando de suas mãos Melun, lutando contra as companhias na Normandia e no ducado de Anjou[147].

Apesar dos esforços do futuro Charles V, a notícia da morte de Jean II Le Bon durante seu cativeiro, em 9 de abril de 1364, acirrou os ânimos de Charles II, rei de Navarra e de seus aliados ingleses para que estendessem suas possessões na região da Normandia. Portanto, mais do que defender o reinado de seu pai, Charles deveria garantir sua própria subida ao trono francês, assegurando a tão controversa dinastia dos Valois[148]. Se o tempo da narrativa atesta a necessidade de afirmar a soberania do rei, isso acaba se repetindo no tempo da narração, não era mais Charles V que deveria ter assegurado seu governo, mas Charles VI, vê-se desse modo que exaltar a dinastia dos Valois, como fazia Cuvelier através do êxito do condestável, era a necessidade à qual a escrita da história atendia naquele contexto.

Ao ser convocado pelo delfim para compor as tropas do marechal de Boucicaut, Jean I Le Meingre, na *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, Cuvelier acentua a atuação do capitão dos bretões atribuindo-lhes um belo ardil para que lhes fossem abertas as portas da cidadela. Após um breve conselho, reunindo Du Guesclin e seus comandados para organizar a tomada de Mantes, decidiram pela seguinte estratégia:

> Pela manhã, aparelhados estareis
> Como viticultores, assim vereis,
> Ricamente paramentado, na espera ficarei
> Às portas de Mantes, dois a dois ireis;
> Ao abrir da porta atentos sereis
> A presa da cidade sairá, vereis,
> Bem e ardilosamente a porta tomareis
> Contra os guardas fortemente combatereis.
> Soai a vossa corneta e logo me vereis,

[147] Hoje departamento de Maine-et-Loire.

[148] As derrotas de Crécy em 1346 e de Poitiers dez anos mais tarde, marcaram os reinados de Philippe VI e de Jean II Le Bon, e não da melhor maneira, eram anos de crise sócio-econômica e sobretudo política, além da peste que assolava a região. Os dois primeiros Valois não alcançaram grande apoio da nobreza e nem conseguiram afastar com sucesso a constante ameaça inglesa sobre a coroa e o território franceses, deixando a Charles V a tarefa de se impor em seu domínio, como também diante dos inimigos.

Como digo, ouvis, assim fazer deveis
Combater preparados entrareis,
Até ali, nem todos rendidos havereis,
Nossa é a fortaleza, a cidade tereis,
Bertrand Du Guesclin, bem perto estarei.
(*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, vv. 3992-4005)[149]

E como se pode perceber, mais uma vez o trovador salienta a capacidade de manobra para confundir o inimigo de que dão provas tanto o capitão quanto seus comandados, pois aqui, seriam dois grupos: aqueles que se vestiriam de viticultores e bateriam à porta oferecendo seus produtos, e aqueles que, encabeçados por Du Guesclin, entrariam na cidade após o sinal do êxito dos primeiros. É necessário salientar o esforço de Cuvelier em evidenciar o protagonismo de Du Guesclin ao preparar suas investidas, ainda que o cavaleiro bretão se sirva de ardis conhecidos na tradição das canções de gesta. Os adjetivos e advérbios empregados pelo poeta denotam o quanto Du Guesclin estava apto por empreender os desígnios do delfim: tratava-se de um chefe de batalha aparelhado, paramentado e presente, *appareillé, conraiés, pres*, nas palavras de Cuvelier. Características que, nos versos acima, se aplicavam também a seus homens, cujas ações eram fortes e ardilosas. A partir desses indícios, poderíamos apontar para uma extensão da *arrière-ban*, a sub-vassalagem que passou a acompanhar as tropas convocadas pelos príncipes. Vale salientar que se a convoação para a batalha do entorno mais próximo do rei (seu *hôtel*) era realizada por ele ou por cavaleiros imediatamente ligados a ele, a hierarquia derivada dali chegava a homens como Bertrand Du Guesclin que, por sua vez, convocava seus próprios combatentes, no caso, soldados profissionais, gentes de companhia, o que acaba por se revelar como tendência a partir do século XIII, não sendo

[149] " Endemain a matin appareillé serés
A loy de vigneron, ainsi con vous vées,
Je seray en la gait richement conraiés.
A la porte de Mante II et II en yrés ;
A l'ouvrir de la porte si tost que vous verrés
La proye de la ville qui yra sur les prés,
Bien et hardiement la porte prenderés
Et encontre les gardes fort vous combaterés
Sonnez vostre cornet et tantost vous m'arés,
Et se ainsi vous faittes, con vous dire m'oés,
Bien enterrons dedens de combatre aprestés.
Encor ne sera pas li conmun tout levés,
La ville conquerrons, nostre est la fermetés ;
Bertrand Du Guesclin nous sera asés pres
Cabe salientar que estratagema bastante semelhante fora usado por Guillaume, da canção de gesta *Charroi de Nîmes*, do ciclo de Guillaume d'Orange, da primeira metade do século XII, para adentrar a cidade de Nîmes e conquistá-la das mãos dos sarracenos.

mais o rei a convocar seus homens e nem sair em campo de batalha[150]. Aqui se percebe como a canção ressalta as qualidades de Du Guesclin tanto como combatente quanto comandante. Sabedor do que viria a acontecer na carreira militar do bretão, Cuvelier exalta as qualidades dignas de um condestável a liderar uma nova cavalaria a serviço da coroa. Além disso, para suavizar a imagem que se poderia ter das "gentes de companhia" reunidos sob o comando de seu herói, o poeta logo afirma:

> Mas era uma gente que deve ser honrada
> E de quem boa canção deve ser cantada
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 4538-4539)[151]

Diante de tais acontecimentos, poderia haver uma forte e imediata retaliação anglo-navarra. Foi por esse motivo que, Charles II de Navarra ordenou que seu lugar-tenente fosse à região da Normandia, em Évreux, para combater as tropas francesas que lhe usurpavam as fortalezas[152]. Esse capitão, originário da Gasconha, Jean III de Grailly, futuro conde de Bigorre e primo de Gastão Febo, conde de Foix, era conhecido como Captal de Buch[153].

Nobre senhor, o Captal de Buch era vassalo do rei da Inglaterra e esteve a serviço do Príncipe Negro na batalha de Poitiers, em 1356, episódio que lhe rendeu as honras de ser contado pelo cronista de Valenciennes entre a "valente flor da cavalaria" que ora apoiou a investida do Príncipe de Gales dando-lhe a vitória. Sua aproximação com o rei Navarro, Charles II, mesmo no período imediatamente posterior ao tratado de paz acordado em Brétigny, em 8 de maio de 1360[154], pode designar o quão ardido era o capitão

---

[150] Ver HÉLARY, X. *L'armée du roi de France*…, cap. 6. E-book, s/p.

[151] « Mais c'estoit une gent qui doit estre honnoree
Et dont bonne chançon doit bien estre chantee »

[152] *La chanson de Bertrand Du Guesclin* relata que eram 33 castelos na região da Normandia que não "prezavam o duque" (Charles, o regente francês), aliando-se antes com o rei navarro. Esse tipo de informação denota que Cuvelier trabalhava com sua documentação de modo a bem contextualizar os acontecimentos, observando assim um critério que hoje podemos considerar histórico.

[153] Captal de Buch, do latim *capitalis (chefe, principal)*, era um título concedido aos senhores gascões do porto de Buch, na baía de Arcachon, região da costa atlântica da França. Tal título passou a pertencer à família Grailly a partir do fim do século XIII. O personagem que surge nos documentos estudados, é o terceiro de seu nome, Jean III de Grailly (1330-†1376) e o mais conhecido dentre eles, cujo renome se deve principalmente a Froissart.

[154] O tratado de Brétigny, assinado em maio de 1360 e referendado em outubro do mesmo ano em Calais, entre Jean II Le Bon e Eduardo III, selava a paz entre os reinos e determinava que o rei inglês abdicasse de suas pretensões ao trono da França e às regiões da Normandia, Anjou e Maine, recebendo em contrapartida a Aquitânia, o Poitou, Ponthieu, Guines e Calais. Por sua vez, Jean II seria liberto de seu cativeiro desde Poitiers mediante um pagamento de 3 milhões de escudos de ouro, devendo abrir mão da soberania sobre os territórios doravante ingleses. Assim, quase um terço do reino francês passaria aos ingleses, o que muito contribuiu para o descrédito da dinastia dos Valois (GAUVARD, C. *Le temps des Valois*..., 2013, p. 74-75). Cabe salientar que as cláusulas do tratado no que se refere às renúncias dos dois monarcas jamais foram atendidas, o que possivelmente levou à retomada dos embates em 1369 (CURRY, A. Brétigny (Traité de). In: GAUVARD, C; LIBERA, A. ZINK, M. *Dictionnaire du Moyen Âge*…, 2002, p. 194).

e decidido a lutar contra os franceses. Vemos que Cuvelier ressalta as qualidades dos inimigos de Du Guesclin para exaltar seu protagonista por eleição, assim, por um lado, no caso de vitória do bretão, tal feito se elevaria ainda mais, e por outro lado, a derrota não seria nem um pouco vergonhosa.

Em contrapartida, Charles, ainda como regente francês, nomeou Bertrand Du Guesclin lugar-tenente da Normandia para justamente conter a investida do Captal[155]. Como já havia tido provas da capacidade militar do capitão bretão, o regente reconheceu dessa forma, oficialmente, a qualidade de Du Guesclin como comandante, foi assim que o cavaleiro recebeu a missão de fazer frente às tropas do cavaleiro gascão, após sua partida de Vernon, nos campos aos arredores do monte chamado Cocherel[156]. E da mesma forma como o partidário navarro havia encorpado seus efetivos com os reforços de nobres senhores, Du Guesclin contou, por sua vez, com a presença das tropas de outros grandes cavaleiros franceses, alguns valentes sobreviventes da derrota de Poitiers, reunidos em Rouen, mais ao norte.

Nesse ponto, afirmamos nesta tese que Du Guesclin já havia conquistado um patamar importante na hierarquia da cavalaria a serviço da coroa, em que a prontidão e o desempenho estariam acima da hereditariedade. Elevar essas qualidades do condestável naquele contexto de relativa paz com a Inglaterra por que passava o reino francês, no início dos anos de 1380, leva a pensar que Cuvelier refletisse sobre a guerra como uma "ferramenta de afirmação do poder régio no reino francês"[157] sobre o que Charles VI deveria ser ensinado, já que não se pode negar certas características didáticas de obras como a do poeta Cuvelier.

O que relatam as crônicas sobre Du Guesclin e os letrados Froissart e Christine de Pizan é, de certa forma, bem interessante: esses escritos referem o intento do rei de Navarra de impedir a coroação de Charles V que se daria em Reims no domingo, 19 de maio de 1364, dia da festa da Trindade. Eles dizem que as tropas reunidas em Évreux sob o comando do Captal de Buch deveriam se deslocar a leste em direção a Paris indo de

---

[155] Alguns despachos de Charles V datados de final de abril de 1364 se referem a Du Guesclin como lugar-tenente da Normandia (Cf. LUCE, S. *Histoire de Bertrand Du Guesclin et son époque*. La jeunesse de Bertrand. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1876, p. 593-599). Entretanto, acreditamos que tal nomeação tenha ocorrido anteriormente, e que assinalar tal fato juntamente com as ações para conter o Captal, tenha dado às narrativas uma ênfase maior na prontidão de Du Guesclin em atender a demanda do regente.

[156] Hoje a localidade é uma pequena cidade da França, chamada Houlbec-Cocherel, situada entre as cidades de Évreux e Vernon.

[157] Tal valor já era considerado tempos antes no reinado de Philippe le Bel período em que os conflitos se desenrolavam no interior do reino e não mais nas campanhas cruzadas como o que acontecia nos reinados de seus antecessores (HÉLARY, X. L'armée du roi de France..., cap. 6. E-book, s/p.).

encontro à comitiva de Charles V para lhe fazer "*villenie, vieulté, ennuy*" (humilhação, tormento, tristeza, dor). Froissart e Christine de Pizan ainda atribuem a ideia de impedir a coroação ao próprio Captal. Conforme vemos na iluminura a seguir, que ilustra as *Crônicas* de Froissart no século XV, a ênfase dada à batalha que ocorreria em Cocherel é a associação direta com a coroação de Charles V, confirmando que a ideia desenvolvida por seus escritos ainda era observada no século seguinte. O que poderia denotar uma continuidade dos valores cavaleirescos tão exaltados pelo cronista de Valenciennes.

Bataille de Cocherel – *Chroniques* de Jean Froissart, Bibliothèque Nationale de France, ms fr. 2642, folio 279, séc. XV.

A importância da batalha de Cocherel é atestada em Cuvelier já pela estrutura apresentada na narrativa, cuja organização se dá com a data da refrega sendo referida no início e no fim dos versos que encerram o embate, detalhe que não é recorrente em outros momentos da canção. Vê-se que, além de situar no tempo esse acontecimento tão importante para a dinastia dos Valois, o trovador da Picardia teve o cuidado de contextualizar bem os acontecimentos que levaram ao conflito. Aqui Cuvelier logo dá razão aos franceses, pois se se tratava de fato de uma recuperação de território, configurava-se ali, portanto uma guerra justa[158], o que legitimaria o enfrentamento mesmo às vésperas de uma festa religiosa, a festa da Trindade e logo após as obséquias

[158] A noção de guerra justa evocada por Cícero, depois reexaminada por Santo Agostinho e por outros Pais da Igreja, como Graciano e Tomás de Aquino, orientava que houvesse quatro condições para que uma guerra fosse considerada justa: ela deveria ser ordenada pelo príncipe; não poderia haver participação do clero; deveria servir para a defesa do território atacado ou recuperação de bens roubados, e toda violência e crueldade deveriam ser evitadas. Mais tarde, no século XIV, Baldo degli Ubaldi, jurista italiano, retoma o conceito já com cinco critérios para a declaração de uma guerra justa: *persona, res, causa, animus e auctoritas* (CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris: PUF, 1980, p. 449-450).

do rei Jean II Le Bon. Aliás, a necessidade de haver um novo rei, é dada pelo trovador como uma das razões do enfrentamento, o que corrobora com a ideia de que a canção serviu como propaganda pela dinastia dos Valois.

> Bem perto de Cocherel os franceses se posicionaram.
> Naquele dia fazia muito calor, pois no verão se enfrentaram;
> O duque da Normandia, que Deus o guarde do sofrimento!
> Deveria portar a coroa bem na festa da Trindade,
> Então ia a Reims ser coroado como diz a cristandade
> [...]
> No entanto, os ingleses assim juraram
> Entrar no reino, com vontade expressaram,
> Fazer mal ao jovem rei isso intentaram,
> Pois ele não sabia que isso pensavam.
> O Captal de Buch disso se vangloriava
> Queria entregar o rei e sua rica assembleia
> Ao rico rei inglês, mas Bertrand, o aguerrido
> E suas gentes o fariam logo mudar de ideia.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 4710-4725)[159]

Ambos os exércitos chegaram à região de Cocherel muito provavelmente no fim da tarde de terça-feira, dia 14 de maio, os navarros vindos do Oeste e os franceses do Norte, já que estes saíram de Rouen em direção a Pont-de-l'Arche e seguiram para La Croix Saint-Leufroy, onde se situava uma abadia beneditina. Em Pont-de-l'Arche, os franceses haviam repousado, colocado novas ferraduras em seus cavalos, comprado machadas, punhais e espadas a dinheiro e nesse intervalo, Du Guesclin enviara dez batedores à frente para saber a exata localização do Captal. Segundo o relato em versos de Cuvelier, legitimando o evento já ocorrido como um embate justo e santo, como os franceses passaram a noite na abadia, houve ali um episódio que insere a narrativa mais uma vez dentro da tradição de guerra justa: armar-se para defender o território, estar disposto a morrer pelo senhor da batalha e participar de uma confissão coletiva, assim como podemos observar no discurso inflamado de Du Guesclin a seus homens:

---

[159] « Bien pres de Cocherel sont François arresté.
A ce jour faisoit chaut, car ce fu en esté ;
Li dux de Normendie, que Dieux gart de grieté !
Devoit porter coronne droit a la Trinité,
Et s'en aloit a Rains prendre sa royaulté.
[…]
Et pour tant li Anglois avoient bien visé
D'entrer ens ou royaume tout a leur voulenté,
Pour faire au josne roy villenie et vieulté,
Car il ne savoit pas qu'ilz avoient pensé ;
Li fors castal de Buef c'estoit en luy vanté
Qu'il livreroit le roy et son riche barné
Au riche roy anglois ; mais Bertran l'aduré
Et ses gens li vorront briefment changier le dé. »

Dizendo: "Filhos, tenhais tal sentimento
Memória se obtém verdadeiramente
Com glória dos santos céus primeiramente;
Pois quem por seu senhor morre em combate,
Na glória onde o espera, Deus dele tem piedade;
Pois devemos lutar audaciosamente
Sua terra defender; Cato[160] dá o ensinamento.
Se há algum de vós que vos sentis impenitente
Em pecado mortal, rogo-vos verdadeiramente;
Aos Franciscanos[161] ide vos confessar imediatamente;
Pois Deus diz uma palavra, se a escritura não mente,
Que por um pecador morreu mais de um cento.
(*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, vv. 4620-4631)[162]

Interessante é observar que o ideal de cruzada estava presente no trovador e que suas fontes sobejavam de eventos semelhantes, como é o caso aqui, visto que na *Chanson de Roland*, uma confissão coletiva, antes da batalha de Roncevaux, foi também dirigida por Rolando e pelo arcebispo Turpin[163]. Além disso, Cuvelier mantém a ambiência de uma guerra cavaleiresca, enriquecendo a narrativa da espera pela batalha, com duas propostas de duelo em campo fechado, uma enviada por Du Guesclin e outra pelo Captal, sem muitas consequências.

Outro detalhe importante no trecho da canção citado acima é a evocação da memória e da intuição como fonte de conhecimento, recurso frequente em Cuvelier. Contudo, são os escritos que mais aparecem como fontes seguras para evitar-se o esquecimento e como autoridade legítima das informações que ali são enumeradas, já que

---

[160] Marcus Porcius Dionysius Cato, autor latino do III ou IV século, a ele é atribuída a obra *Disticha de moribus*. Segundo o editor da Chanson de Bertrand Du Guesclin, a obra de Cato foi redigida sob Diocleciano, sendo sua tradução e adaptação em octossílabos, realizada por Jean le Febvre no século XIII que o tornou conhecido no Ocidente latino (Ver *La chanson de Bertrand Du Guesclin*, tomo 2, p. 46).

[161] Em Pont-de-l'Arche, sim, a ordem religiosa era franciscana, mas em Croix Saint-Leufroy, beneditina, como já dissemos.

[162] "En disant : « Mes enfants, or aiez sentement
Et souvenance en vous d'acquerre bonnement
La gloire des sains cieulx tout au commencement ;
Car qui pour son seigneur en bataille mort prent,
Dieu a de lui pitié, en gloire ou il l'atent ;
Car on se doit combatre aventureement
Pour sa terre defendre ; Caton le nous aprent.
S'il y a nul de vous qui se sente noient
Estre en pechié mortel, je vous pry bonnement,
Aux Cordeliers s'en voist confesser erranment ;
Car Dieu dist un parler, s'escripture ne ment,
Que pour un pecheour en morroit plus de cent. »

[163] Na *laisse* LXXXVII da *Chanson de Roland*, após as palavras encorajadoras de Rolando, o arcebispo Turpin profere um sermão dizendo a todos os soldados que clamem a misericórdia de Deus e confessem suas culpas, em seguida todos ficam de joelhos e são abençoados pelo cardeal antes da batalha contra os sarracenos em defesa da cristandade (*La chanson de Roland ou de Roncevaux du XIIe s*. Ed. de Francisque Michel, Paris: Silvestre Libraire, 1837, p. 44).

o que o poeta se propõe a contar é a verdade, traço inerente às obras épicas, como afirma o historiador Pierre Courroux:

> O historiador é poeta, pois fabrica com sua linguagem uma evocação da realidade passada. A separação genérica não se encontra no uso de um estilo trabalhado, mas nas intenções afirmadas pelo escritor e nas matérias contadas. As ligações entre poesia e história são notadamente ilustradas pelo estudo da recepção de um gênero híbrido que não parece ser nem completamente da história, nem pura poesia: a epopeia.[164]

Conforme a tradição cavaleiresca de embate, as tropas francesas deveriam ter um comandante geral e consequentemente um grito de guerra que o representasse. Assim, após a organização dos pelotões e a atribuição de cada um, Froissart diz que "eles se olharam entre si e discutiram longamente qual grito exclamariam e por qual bandeira eles se retrairiam". O escolhido foi o conde de Auxerre e o grito "Conde de Auxerre", pois "vós sois o de maior posição, de terra e de linhagem que está aqui, assim vós podeis por direito bem ser o chefe"[165].

Dessa maneira, na resposta do jovem, Froissart colocou a responsabilidade de se empreender uma batalha. Antes do conselho, os franceses haviam debatido as dificuldades que se anunciavam com a vantagem ao lado do Captal e se preparado para um embate muito duro, o que exigiria conhecimento. Com tais elementos, podemos apontar uma mudança significativa, pois o jovem cavaleiro não aceitou tais honras e justificou-se da seguinte forma, antes o mérito da experiência do que o mérito de uma linhagem:

> "Senhores, muito obrigado pela honra que vós me concedeis e quereis fazer; mas no presente momento não quero, pois sou ainda muito jovem para empreender tão grande feito e tal honra; e é a primeira batalha campal em que jamais estive; por que vós não tomais outro que não eu? Aqui estão vários cavaleiros, senhor Bertrand, senhor Archiprêtre, senhor mestre dos *arbalétriers*, [...] que estiveram em várias grandes batalhas e batalhas campais e sabem melhor como tais coisas devem governar o que eu não sei; assim dispensai-me, rogo-vos"[166].

---

[164] « L'historien est poète car il fabrique par son langage une évocation de la réalité passée. La séparation générique ne se trouve pas dans l'usage d'un style travaillé, mais dans les intentions affirmées par l'écrivain et dans les sujets racontés. Les liens entre poésie et histoire sont notamment illustrés par l'étude de la réception d'un genre hybride qui ne semble ni être complètement de l'histoire, ni pure poécie : l'épopée. » COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises (XIIe-XVe siècle).* Paris : Classiques Garnier, 2016, p. 120.

[165] « Notre Dame, Auxerre!": « Comte d'Auxerre, vous êtes le plus grand de mise, de terre et de lignage qui soit ci, si vous pouvez bien par droit être chef », Jean Froissart. *Les chroniques de sire Jean Froissart…* par Buchon, t. 1. Paris : Desrez, 1835, p. 478.

[166] « Seigneurs, grands mercis de l'honneur que vous me portez et voulez faire ; mais tant comme à présent je ne vueil pas cette, car je suis encore trop jeune pour encharger si grand faix et telle honneur ; et c'est la première journée arrêtée où je fusse oncques ; pourquoi vous prendrez un autre que moi. Ci sont plusieurs bons chevaliers, monseigneur Bertrand, monseigneur l'Archiprêtre, monseigneur le maître des arbalétriers,

Nesses trechos, vê-se o esfoço daqueles que registravam a história em legitimar a atuação de Du Guesclin. De onde a parcela do mito do herói misturando-se à sua realidade. Como contestar o que escritos financiados pelos poderosos estavam a cristalizar? Esse esforço cabe a nós historiadores da contemporaneidade, já que ao público coetâneo de Cuvelier e Froissart tal questionamento talvez não ocorresse, pois não se indagavam pelas razões de se contar o que ouviam ou liam, "eram poucos os seus meios para verificar e criticar"[167] o que era registrado.

Foi dessa maneira que todos concordaram que o melhor a representar as palavras do jovem conde, ou seja, aquele que era "o melhor cavaleiro presente e que mais havia combatido com suas mãos, e aquele que melhor sabia como tais coisas se devem dirigir"[168], seria Bertrand Du Guesclin e por conseguinte o grito que os identificaria naquela batalha deveria ser "Notre Dame, Guesclin!". Invocado o nome da Virgem, os homens se entregavam à batalha também por um outro homem, seu semelhante, seu comandante. Vemos que ainda naqueles primeiros anos do século XV, em que Froissart revisou e reescreveu suas *Crônicas*, Du Guesclin era lembrado como "melhor cavaleiro", renome também reforçado naquele tempo, por exemplo, pelo poeta Eustache Deschamps[169]. Detalhes que nos informam sobre a transformação da cavalaria em corpo militar especializado, cujos comandantes deveriam antes mostrar experiência e êxito nos empreendimentos guerreiros convocados em nome de seu rei.

As mais de sete horas passadas debaixo de um sol impiedoso, naquela quinta-feira, dia 16 de maio, não permitiram que os franceses esperassem além. Portanto, Bertrand Du Guesclin, cavaleiro prático assim como Ulisses, decide por um simples, mas eficaz ardil, fazer crer aos navarros, que os avistavam do alto do monte Cocherel, que estariam deixando o campo de batalha ao cruzar o rio novamente, empreendendo uma fuga desesperada. Disse assim Du Guesclin aos senhores e companheiros de armas:

> Senhores, disse Bertrand, ouvi o que diremos.
> Decidi a maneira com que faremos;

[…] qui ont été en plusieurs grosses besognes et journée arrêtées, et savent mieux comment tels choses se doivent gouverner que je ne fais ; si m'en déportez, et je vous en prie », Jean Froissart. *Chroniques*… Ed. Buchon, t. 1, 1835, p. 478.

[167] GUENÉE, B. *Histoire et culture historique*…, p. 351.

[168] « […] le meilleur chevalier de la place, et qui plus s'étoit combattu de la main, et qui mieux savoit aussi comment tels choses se doivent maintenir […] » , Jean Froissart. *Chroniques*… Ed. Buchon, t. 1, 1835, p. 478.

[169] No *Lay du tresbon Connestable*, Deschamps declara a propósito de Bertrand Du Guesclin os seguintes versos : « C'estoit le meillour,/ En amour,/ En douçour,/ Sanz cremour,/ En puissance et en vigour/ Qui peust venir en armée » (*Œuvres complètes de Eustache Deschamps* par le Marquis de Queux de Saint-Hilaire et Gaston Raynaud. Paris : Firmin Didot, t. 2, 1880, p. 334).

Acordamos que em nossos cavalos montaremos
E toda nossa armadura e tudo o que temos
Faremos passar este rio, e não pararemos;
Os valetes, os cavalos carregados à frente colocaremos,
Iremos logo atrás; nossa gente conduziremos,
Assim parecerá que todos fugiremos.
E os ingleses lá no alto, que verão o que faremos,
Pensarão com certeza que nós partiremos
E por grande medo da batalha o faríamos
(*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, vv. 4993-5003)[170]

Mesmo que o Captal e outros senhores não acreditassem que um tão valente cavaleiro como Bertrand fosse capaz de abandonar um campo de batalha, Jean Jouel, um dos capitães das batalhas anglo-navarras, desceu obstinadamente a montanha acompanhado de seu pelotão forçando os outros a seguirem-no, cumprindo de modo absoluto a previsão de Du Guesclin:

Para baixo descerão, assim os veremos,
Com a força dos cavalos o rio passaremos,
Bandeiras ao vento e pendões dourados.
Estejamos a postos, não falharemos
[...]
Pois acredito firmemente que os esmagaremos."
(*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, vv. 5004-5012)[171]

Embora as tropas anglo-navarras estivessem a pé e um tanto dispersadas pela investida desorganizada que fora provocada por Jean Jouel, houve um momento de grande euforia, já que a batalha parecia ganha com a suposta fuga dos franceses. Mas assim que estes deram meia-volta todos bem montados e preparados para o ataque, os primeiros perceberam o engano, no entanto era tarde para recuar e o choque se deu, agora, todos em solo combatendo duramente uns contra os outros. Escudeiros e cavaleiros se atacavam

---

[170] « Seigneurs, ce dist Bertrand, oyez que nous dirons.
Je me suy advisez conment nous le ferons ;
Nous serons touz d'accord qu'aux chevaulx monterons
Et tout nostre harnois et ce que nous avons
Ferons passer ceste yaue, que n'y arresterons ;
Les varlez, les sonmiers tout devant metterons,
Et nous yrons derriere ; nostre gent conduirons,
Et ferons tous semblant que nous nous en fuyrons.
Et li Anglois lassus, qui verront nos façons,
Cuideront plainement que nous nous en alons
Et que de grant paour de cy nous departons ».

[171] "« Aval descenderont, ainsi que nous cuidons;
Si descendent aval, siques nous le veons,
A force de chevaulx a yaux retournerons,
Banieres desploÿes et les dorez penons.
Et soyons trestous prest et mie n'en faillons
[…]
Que je croy fermement nous les desconfirons. »

com lanças, machadas e com quaisquer outras armas que tivessem nas mãos, segundo suas posições.

A violência atestada em Froissart[172] pode também ser conferida nos versos do trovador da Picardia que diz até mesmo que o sangue escorria pelos ouvidos e bocas dos valetes que se enfrentavam com punhais, facões e bastões, tamanho o fervor da arremetida, como vemos nos versos a seguir:

> E vêm mão a mão combater bem ardidos.
> Com adagas, facas e bastões bem-acabados
> Golpearam tanto uns como outros nos prados floridos
> Que seu sangue lhes escorria pela boca e pelos ouvidos.
> Os valetes dos franceses pegaram machados,
> Por isso foram os ingleses derrotados,
> Feridos e abatidos, e os cavalos conquistados.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 5194-5200)[173]

A propósito, o uso dessas armas ao invés de lanças e arcos, armas consideradas mais nobres, pode denotar outra mudança nos procedimentos da cavalaria que naquele contexto se configurava não mais como grupo exclusivamente de nobres a cavalo, mas como conjunto de todos os soldados implicados na batalha. O que vemos na iluminura a seguir, no entanto, é ainda o uso de lanças, por exemplo, o que pode indicar que entre a escrita de Cuvelier e a interpretação dela nas imagens do artista ilustrador, houve certo abrandamento dos fatos cantados pelo poeta, indicando a figura de Du Guesclin naquele início de século XV como modelo exemplar da cavalaria e que mantinha algumas tradições.

---

[172] Outro documento que pode servir para a averiguação da violência de embates como o de Cocherel, é um ato de Charles V de 11 de julho de 1364 em que concede o pagamento de 100 francos de ouro a Moinpennot de Flez. Este escudeiro gascão a serviço do cavaleiro Amanion de Pommiers, havia prestado serviços na batalha da "desfeita do Captal de Buch" e quase sido contado entre os mortos, pois durante a refrega fora mutilado, perdendo o olho esquerdo e tendo a boca rasgada à espada, e tais eram seus ferimentos que fora abandonado nos campos onde lutou (Cf. *Mandements et actes divers de Charles V (1364-1380)...*, 1874, p. 26).

[173] "Et viennent main a main de combatre aatis.
De dagues, de cousteaux et de bastons faitis
Batirent tant l'un l'autre dessus les prez floris
Que li sans leur filloit et par bouche et par vis.
Les varlez aux François orent haches de pris,
Par ce furent d'Englois les varlez desconfis,
Navrez et abatuz et les chevaulx conquis »

A batalha de Cocherel – CUVELIER, Vie de Bertrand Claquin, Arsenal 3141, fº 75 vº, séc. XV (MOAL, F. Du Guesclin – Images et histoire. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2015, p. 76).

A violência dos combates não é exatamente novidade para o público de Cuvelier, mas há que se reconhecer que o fato das investidas chefiadas por Du Guesclin serem naturalmente referidas dessa forma, leva-nos a um elemento novo introduzido na prática cavaleiresca pelo condestável e de forma legítima, muito distante de ser considerado como exemplo de crueldade, como a alcunha de outros personagens pode denotar. Por esses feitos, Du Guesclin chegou a ser chamado de "boucher", ou homem cruel e sanguinário, mas tal qualificativo não chegou a superar o renome de Olivier de Clisson[174], referido da mesma maneira, por exemplo.

Será frequente ao longo da canção essa descrição um tanto ambígua de Du Guesclin, o que pode salientar a transformação por que passava a cavalaria. Além disso, novidade discutida em tratados de direito de guerra[175], é o fato dos homens de Du Guesclin enfrentarem apenas aqueles que abertamente se posicionassem a favor dos ingleses, o que nos leva a pensar que deveriam poupar os civis. Essa ideia demonstra que Cuvelier estava atento e até mesmo defendia um ponto de vista que propunha uma mudança bastante sensível na conduta dos príncipes da época, o que também condenava a atitude dos homens de guerra que compunham as companhias[176]; os que acompanhavam

[174] Olivier de Clisson (1336-1407) foi nomeado condestável após a morte de Du Guesclin e serviu a Charles VI seguindo os juramentos que seu sucessor havia feito, mostrando sua lealdade ao reino francês, ainda que no início de sua participação nos conflitos da Guerra dos Cem Anos tenha estado no campo dos aliados dos ingleses.

[175] Ver a terceira parte desta tese em que discorremos sobre as obras de Honoré Bovet, a *Arbre des batailles* e o *Songe du Vieux Pèlerin* de Philippe de Mézières, ambas oferecidas a Charles VI em 1389.

[176] Mais adiante, nos versos 18574 a 18582, quando da narrativa do cerco de Paris, pouco antes de Du Guesclin ser nomeado condestável em 1370, Cuvelier reprova com veemência a conduta dos soldados que

Du Guesclin, no entanto, eram cantados por Cuvelier como soldados dignos, como vimos anteriormente.

Ademais, ao longo dos séculos, notamos que, como afirma o medievalista Philippe Contamine,

> Obedecendo a motivações variadas, os poderes e as autoridades militares procuraram com frequência impor a suas tropas a "disciplina da cavalaria", cujo respeito não trazia por resultado apenas certa humanização da guerra, mas também o reforço da eficácia de suas forças armadas[177].

A eficácia de Du Guesclin é que contribuiu para seu renome a ponto da escrita de Cuvelier nos dar a pensar que seus métodos inovaram a referida "disciplina de cavalaria" que não mais era exclusividade dos nobres, como durante o período feudal. A proximidade com as companhias e suas estratégias de chefe de bando deram a Du Guesclin a oportunidade de modificar a atmosfera da guerra, isso pode ter contribuído e muito para a formação dos exércitos nacionais no século seguinte[178].

Entre os grandes senhores franceses, cujas vidas foram perdidas ali em Cocherel neste ponto da batalha, estavam o visconde de Beaumont, o senhor de Betencourt, o senhor de Annequin e vários outros escudeiros e cavaleiros. No entanto, mortos e feridos forravam os campos de ambos os lados, com maior número do lado navarro, pois conforme a *Chronique normande*, foram 800 navarros contra 30 ou 40 do lado francês[179]. E além dos mortos, os franceses podiam se vangloriar igualmente ao negociar grande número de prisioneiros levados dali.

Isso tudo, porém, ocorreu no enfrentamento principal. Havia ainda a retaguarda, composta por gascões ou bretões, encarregada de tomar o pendão do Captal: assim que vira a batalha perdida, o comandante navarro retraiu-se até sua guarda, em volta do espinheiro onde estavam suas insígnias. Os documentos mostram que houve bastante

---

acompanhavam o capitão inglês Robert Knolles devido à violência impingida aos habitantes: clérigos e cidadãos comuns eram assassinados, jovens moças violentadas e burgueses eram aterrorizados.

[177] « Obéissant à des motivations variées, les pouvoirs et les autorités militaires cherchèrent souvent à imposer à leurs troupes la « discipline de chavalerie », dont le respect n'avait pas seulement pour résultat une certaine humanisation de la guerre mais aussi le renforcement de l'éfficacité des armées », CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris : PUF, 1980, p. 460.

[178] O decreto régio de Charles VII (1422-1461) de 2 de novembro de 1439 estabeleceu os primeiros preceitos para a grande reforma dos exércitos do reino francês regulamentada em 1449. Nessas ordenações, Charles VII estabelecia, por exemplo, que a atuação de companhias independentes não seria aceita e que somente o rei poderia arregimentar soldados, segundo pagamentos regulares para que seus homens estivessem à disposição em caso de necessidade (BESSEY, V. *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François I. Turhnout : BREPOLS, 2006, p. 88. Ver Anexos.

[179] A desproporção indicada pela *Chronique normande* contraria a fúria do combate, o que denota a escrita partidária de seu autor.

resistência tanto dele quanto de seus homens, mas por fim, o Captal acabou cedendo e rendeu-se, sendo levado como prisioneiro de um bretão, chamado Rolant Bodin que o entregou a Charles V. Pode ter sido a prisão do Captal que encerrou a batalha e tornou possível que o delfim fizesse um percurso tranquilo até a cidade da coroação e Du Guesclin se tornasse um grande homem de guerra do reino da flor de lis. Os detalhes dessa captura podem ser confirmados pelo documento atribuído ao próprio Jean de Grailly, um ato assinado por ele em setembro de 1364:

> Jean de Grailly, Captal de Buch, reconheço que na batalha de Cocherel, Rolant Bodin, escudeiro, tendo-me tomado prisioneiro, liberou-me e transferindo todo o direito que tinha sobre mim ao rei da França, de quem me tornei e sou ainda leal prisioneiro. Este rei estabeleceu minha morada no mercado da cidade de Meaux, de onde, com sua graça, permitiu-me ir, entre dois sóis, na cidade e até mesmo aos arredores, até meia légua, na condição que antes do sol poente, eu retornasse ao mercado onde passaria a noite e de onde poderia sair somente no dia seguinte, após o sol nascente [...] Feito em Paris, ... de setembro de 1364.[180]

Além do detalhe do nome de seu captor, o Captal de Buch ainda fornece à historiografia elementos que são bastante curiosos sobre a rotina e as possibilidades para um prisioneiro de tal nobreza. Isso porque o capitão continua sua declaração com demandas sobre o local de seu aprisionamento, as viagens e as visitas que lhe seriam concedidas fazer e as condições que o rei francês já havia lhe informado e que são referidas no documento[181], bem como o juramento de ser "leal e bom" ao rei da França, sob pena de perder suas armas, ser declarado "mau e desleal" e por fim excomungado.

---

[180] "Jehan de Greilly, Captal du Buch, reconnois qu'à la bataille de Cocherel, Rolant Bodin, écuyer, m'ayant fait son prison, il m'a depuis quitté ma foi, & en transportant tout le droit qu'il avoit sur moi, au roi de France, dont je devins, & suis encore loyal prison, que ce Roi a établi ma demeure dans le marché de la ville de Meaux ; que, de sa grace, il m'a permis d'aller, entre deux soleils, dans cette ville, & même aux environs, jusqu'à une demi-lieue, à condition, qu'avant le soleil couchant, je reviendrois dans le marché où je passerois la nuit, & d'où je ne pourrois sortir que le lendemain après le soleil levé […] Donné à Paris le ……. septembre 1364". *Mémoires pour servir à l'histoire de Charles II, roi de Nvarre et comte d'Évreux, surnomé le Mauvais*, par M. Secousse, de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Paris : Durand, 1758, 53-54.

[181] Dentre as exigências de Charles V, podemos observar que o Captal estava proibido de se comunicar com o rei de Navarra, Charles II, conforme havia prometido diante dos oficiais a ele enviados em nome do rei: *"[...] j'ai encore juré sur les SS. Evangiles, & sur ma foi, que pendant que je serai prisonnier, que je ne serai aidant, ne conseillant, ne confortant par dis, par fais, par lettres ou par messaiges, ne par signe ou autrement, en public & en secret, au roi de Navarre, ni à aucun de son parti, ni à aucuns autres rebelles, ennemis ou malveillans du roi de France, ou de ses successeurs, ou du royaume, & que par moi, ni par autre, je ne dirai ni ferai rien qui puisse porter préjudice à ces Rois, ni à leur royaume."*([…] jurei ainda sobre os Santos Evangelhos, e sobre minha fé, que enquanto fosse prisioneiro, que não ajudaria, nem aconselharia, nem reconfortaria por dizeres, por feitos, por cartas ou por mensagens, nem por sinal algum ou de outra forma, em público ou em segredo, o rei de Navarra, e nenhum outro de seu partido, nem a nenhum outro rebelde, inimigos ou malquerentes do rei da França, ou de seus sucessores, ou do reino, e que por mim nem por outro, diria ou faria algo que prejudicasse esses Reis ou seu reino). *Mémoires pour servir à l'histoire de Charles II…,* 1758, p. 54.

Dentre os desdobramentos mais importantes da batalha de Cocherel para o renome de Du Guesclin, está a doação do condado de Longueville, conforme o ato registrado no Memorial da *Chambre des Comptes de Paris*:

> Charles pela graça de Deus Rei da França. Saber fazemos a todos no presente e no futuro que por consideração dos bons, favoráveis e proveitosos serviços que nosso amado e fiel Cavaleiro, Barão e Oficial, Bertrand Du Guesclin, Nos fez em nossas guerras agora e outrora, em proveito Nosso e de nossos sujeitos, e que Nós esperamos que ele Nos faça mais ainda no porvir [...] Nós demos e damos por estas Cartas, com graça especial [...] ao referido Bertrand [...] o condado de Longueville.[182]

No documento o rei Charles V deixa claro que, além de seu reconhecimento pelos feitos militares até ali realizados, conferia a Bertrand a expectativa de serviços futuros nas guerras que ainda havia de empreender. Tal confiança se mostrou dali em diante algo habitual na relação entre aqueles dois homens. Para Charles V, talvez, seu cavaleiro, barão e oficial Du Guesclin servisse como exemplo de serviço à coroa diante de nobres que, apesar da privança de que se beneficiavam, não haviam oferecido ao rei a fidelidade necessária para tal reconhecimento. Detalhe que pode ter sido pensado para instrução de Charles VI que ora era envolvido pelas disputas de poder entre as casas senhoriais de seus tios.

Mais do que outra uma batalha violenta do contexto da Guerra dos Cem Anos, Cocherel representa para a historiografia de Du Guesclin um marco na sua maneira de comandar e ser visto pelos senhores. A ele deve-se a consideração renovada sobre os bretões, até ali referidos como selvagens e brutais. Prova disso é a referência que as *Grandes Chroniques de France* fazem a Bertrand Du Guesclin: *Breton-Gallo*, apontando para o lado francês e não puramente bretão, de forte influência inglesa, de quem quer que fosse originário da Bretanha. Esse fato talvez possa nos levar a considerar que o renome logo conquistado por Du Guesclin tenha contribuído de alguma forma para a anexação da região ao reino francês e feito com que a Bretanha e seus habitantes não fossem mais

---

[182] "Charles par la grace de Dieu Roy de France. Savoir faisons à tous présens & avenir, que pour considération des bons, agréables & profitables services que notre amé & féal Chevalier, Baron & Chambellan, Bertrand Du Guesclin Nous a fais en noz guerres orez & autrefois, au profit de Nous & de noz subgez, & que Nous espérons qu'il Nous face ou temps avenir plus grandement […] Nous avons donné & donnons par ces Lettres, de grace spécial […] audit Bertrand […] la conté de Longueville". (*Recueil de pièces servant de preuves aux mémoires sur les troubles excités en France par Charles II, dit le Mauvais, Roi de Navarre et comte d'Évreux*, par M. Secousse. Paris : Durand, 1755, p. 192-195).
Cabe salientar que o condado, conforme o mesmo documento, fazia parte de várias possessões antes pertencentes a Charles II, rei de Navarra que haviam sido "confiscadas". O documento é, além da prova de doação, uma convocação a que os habitantes dessas localidades devessem doravante sujeição ao rei francês.

vistos como "estrangeiros" e que através dele fossem "aproximados"[183] do reino. Conferindo a Du Guesclin o condado de Longueville, Charles V estendia consequentemente seu poder em terras bretãs, podendo assim sujeitar seus habitantes à coroa francesa. Há controvérsias, porém, a respeito de uma suposta traição de Bertrand ao privilegiar sua lealdade ao reino e não a sua terra natal, mas sobre isso falaremos mais adiante.

[183] A expressão aparece no mesmo documento referido acima: « *Nous ou nozdiz successeurs qui ainsi la vouldrions rendre ou reprenre, comme dit est, ferions & serions tenus de faire à ycelui Bertrand ou à sesdiz successeurs, juste & deue récompensacion en autre partie de nostre Royaume, en approchant les marches de la Bretaigne, & de leur faire Conté de la terre ainsi récompensée*. » (Nós e nossos sucessores que assim queríamos tomar ou retomar, como dito está, faríamos e estaríamos decididos a fazer a Bertrand e a seus referidos sucessores, justa e devida recompensa em outra parte de nosso Reino, aproximando a região da Bretanha, e de fazer dela Condado da terra assim recompensada). Ver *Recueil de pièces servant de preuves aux mémoires sur les troubles excités en France par Charles II, dit le Mauvais, Roi de Navarre et comte d'Évreux*, par M. Secousse. Paris : Durand, 1755, p. 194.

2.4) Cavaleiro adubado: a batalha de Auray, domingo, 29 de setembro de 1364

Os reinos da França e de Navarra ainda negociavam a paz, que não seria alcançada naquele momento[184], quando Charles de Blois, mais uma vez, alguns meses após a batalha de Cocherel, necessitava do auxílio do fiel vassalo Bertrand Du Guesclin nas disputas contra Jean de Montfort pela sucessão do ducado da Bretanha. Du Guesclin havia sido designado pelo soberano francês, Charles V, para guardar as fronteiras da Normandia, então, o monarca francês o liberou, deixando o Marechal Boucicaut em seu lugar, o que permitiu a Du Guesclin reunir seus homens e partir em direção à Bretanha, sem que o acordo de paz de Brétigny, ainda em vigor, fosse violado[185].

> "Diz-me, quem é teu mestre, a quem nomear?
> - Senhor, disse o mensageiro, vou revelar,
> É Charles de Blois, podeis logo acreditar.
> O conde de Montfort fez um cerco marcar
> Defronte ao castelo que chamamos Auray;
> Nobre castelo que estão a sitiar.
> Rogo, senhores, a vós todos a me escutar,
> Todos, pequenos ou grandes, ides lutar
> Pois acredita que o tempo está a avançar
> Contra o conde Montfort vai mesmo lutar,
> Fará o cerco defronte a Auray levantar."
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 6204-6214)[186]

---

[184] Nas negociações entre Charles V e Charles II de Navarra, após a batalha de Cocherel, ficara estabelecido que o Captal de Buch seria prisioneiro do monarca francês e que várias possessões navarras ficariam sob domínio do opositor, em troca, Charles II deteria do senhorio de Montpellier. No entanto, já em agosto de 1364, o irmão de Charles II empreende uma marcha passando pelo Maciço Central francês tendo em vista alcançar terras normandas, o que postergou a paz entre os reinos. Aliás, além da pretensão à coroa da França, a Normandia esteve sempre no centro das disputas entre Charles V e Charles II, levando este a buscar alianças com os ingleses, por exemplo, para fazer frente ao rei francês. Apesar de ter desenvolvido o reino de Navarra econômica e politicamente, Charles II, após várias tentativas frustradas e alianças duvidosas, morre em 1387, sem jamais ter conseguido conquistar as terras na região da Normandia (LEROY, B. Charles II de Navarre. In: GAUAVARD, C; LIBERA, A. ZINK, M. *Dictionnaire du Moye Âge*…, 2002, p. 264). Seu filho e sucessor, Charles III (1361-1425), por outro lado, acorda a paz com seus vizinhos e renuncia aos territórios franceses, mantendo boas relações com o reino da flor de lis.

[185] Em uma carta de 26 de outubro de 1360, Jean II Le Bon acorda com o rei inglês que os termos do Tratado de Brétigny concernentes ao ducado da Bretanha, por eles assinado, não afetariam "o direito das partes que contendem sobre o direito do dito Ducado", ou seja, os reis francês e inglês não deveriam interferir na disputa entre a casa de Blois e de Montfort pela sucessão ao ducado (*Mémoires pour servir de preuves à l'histoire ecclésiastique et civile de Bretagne tirés des archives de cette province, de celles de France et d'Angleterre, des recueils de plusieurs sçavans antiquaires*, et mis en ordre par Dom Hyacinthe Morice. Paris : Charles Ormont, t. 1, 1742, col. 1539). Já em outro documento, datado de outubro de 1364, Charles V afirma que Bertrand Du Guesclin foi como seu capitão à Bretanha para fazer guerra em nome do rei (cf. *Mandements et actes divers de Charles V (1364-1380)* : recueillis dans les collections de la Bibliothèque Nationale. Publ. ou analysés par M. Léopold Delisle. Paris :Imprimerie Nationale, 1874, p. 59).

[186] « Dy moi qui est ton maistre, con le va on nonmant?
- Sire, ce dist li més, ja ne l'iray celant,
Charles de Blois a nom, pour vray le vous creant.
Le conte de Montfort a mis un siege grant
Droit devant le chastel c'on va Aulroy nonmant ;
C'est un noble chastel qui bien li est seant.

Reunindo um primeiro grande pelotão em Guingamp, com cerca de 4.000 homens, Charles de Blois seguiu em direção a Auray, passando pelo castelo de Josselin e pela abadia de Lanvaux, na comuna de Brandivy, onde mais 3.000 combatentes se somariam ao comboio. Note-se a importância da parada na abadia, pois Josselin dista mais de 50km de Auray. Esse percurso, que nos dá Cuvelier, portanto, é bem mais realista, visto que Froissart, por exemplo, confunde-se com as distâncias e nomes de cidade, além de cometer um outro pequeno engano sobre a data da batalha, situando-a no mês subsequente, em outubro de 1364[187]. Assim, o trovador picardo, deve ter contado com os relatos de homens que conheciam a região, se ele próprio não a conhecia, como também de combatentes que acompanharam Charles de Blois no trajeto.

Diante das palavras da esposa[188], do apelo dos vilões e de seus homens sedentos por um combate e certos de que ao seu senhor era o direito ao ducado, Charles de Blois se encontrou, a contragosto, impelido a recusar a proposta de acordo oferecida por Jean de Montfort, dando a entender que preferiria o embate; Cuvelier reporta que Charles de Blois tivera um sonho que o havia feito pensar na paz, no entanto seus homens convenceram-no de que era um sonho favorável[189]. Podemos sugerir que a hesitação reportada pelos letrados daquela contemporaneidade estaria ligada ao processo de canonização de Charles de Blois iniciado pelo papa Urbano V (1362-1370) em setembro de 1368[190], não ferindo assim a imagem piedosa do duque santo, e ainda mais quando se

---

Or vous prie messires, et vous touz ensuyant,
Que touz viengnez a luy li petit et li grant,
Car il a enpensé qu'ains long terme passant
Combatera le conte Montfort l'avenant,
Et levera le siege d'Aulroy qui est devant. »

[187] Nas palavras de Froissart, o trajeto de Charles de Blois teria sido feito a partir de Nantes, onde Du Guesclin e seus homens tê-lo-iam encontrado, dali teriam partido a Rennes e então a Auray. Nesse sentido, podemos averiguar que Froissart não conhecia a região ou teria sido mal informado, pois Nantes já não estaria sob o senhorio de Blois e as distâncias entre as cidades teria sido um obstáculo impossível de se transpor em tão pouco tempo: Rennes distando mais de 80km de Auray e Nantes situando-se a 130km aproximadamente, bem mais ao sul.

[188] "Senhor, que quereis? Por Deus, ó rei amado,
Imo de cavaleiro em vós não é achado,
Pois da amável esposa o direito legado
Quer entregar, como quem se diz derrotado!
Terra, não ao cavaleiro que, gorado,
Não a tem ao fio da espada defendido
(*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 6471-6476).

[189] Blois teria tido um sonho com um falcão peregrino vindo de além-mar e uma águia. Após um violento embate, o falcão lançaria a águia ao chão e comeria sua cabeça, levando-a à morte. Na interpretação de Blois, os ingleses eram representados pelo falcão, mas seus homens lhe disseram que não, dizendo que a ele pertenceria a vitória daquele dia (v. 6492-6517).

[190] O processo não seria concluído por Urbano V e nem mesmo por seu sucessor, o que se sabe, no entanto, é que houve uma investigação demandada por Urbano V entre os anos de 1368 e 1370, com algum prosseguimento posterior. Há indícios, ainda que não tenha sido encontrada a bula papal que desse maior

aproximava o dia de São Miguel, domingo 29 de setembro, de quem Charles de Blois era devoto.

É válido ressaltar que em alguns versos antes da passagem do referido sonho, Cuvelier já havia colocado nos lábios de seu herói a defesa do território que pertenceria a Charles de Blois legitimamente e que expulsar Jean de Montfort era um dever daqueles que defendiam a causa do primo do rei francês, num embate, portanto, justo em seus princípios:

> "Senhores, disse Bertrand, e vos diremos
> Se é vosso desejo, ao conde ordenemos
> Que fora do castelo de Auray o queremos,
> Herança é de Charles, se ali o acharmos,
> Daqui quatro dias o combateremos.
> Que ele volte a Montfort, desse modo queremos,
> Que ao santo Pai vá, assim como seus ancestrais".
> Ao que todos disseram: "Assim desejamos".
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 6440-6447)[191]

Se os homens de Charles de Blois são retratados como valentes dispostos a morrer por seu senhor e certos de que a ele seria dada a Bretanha em vitória, observamos, do lado oponente, um paralelismo bastante evidente, pois Montfort era duque no tempo de escrita de que falamos neste trabalho. Jean de Montfort tinha a seu lado John Chandos, experiente

---

segurança em se afirmar, de que Charles de Blois tenha sido canonizado ainda no século XIV. O inquérito realizado em Angers em 1371, teria contado com 56 testemunhas. Seriam indícios favoráveis à canonização, a conduta piedosa do duque, o uso do cilício, os nove anos de cativeiro na Inglaterra e os milagres atribuídos a ele após sua morte em 1364 (ver *Monuments du procès de canonisation du Bienheureux Charles de Blois*, por Fr. Antoine de Sérent (ed.). Saint-Brieuc : René Prud'homme, 1921 e CASSARD, J.-C. Les coulisses de la sainteté ? Charles de Blois vu par son entourage. *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*, Presses Universitaires de Rennes, 2009, p. 183). Apesar do processo de canonização ter sido concluído apenas em 1904, com a beatificação, deve ter havido uma forte comoção popular ainda naquele final de século XIV, pois tanto Froissart, quanto Cuvelier tratam Charles como santo, sem deixar de mencionar o milagre que logo lhe foi atribuído ainda naqueles meses que seguiram à batalha de Auray. Outro argumento favorável, é a menção, no testamento de Du Guesclin, sobre a peregrinação que ele encomendava aos seus: "*Nous ordonnons qu'un pélerin soit pour nous envée en veage à Saint Charles et à Saint Yves en Bretaigne et à chacun d'iceulx cinq cents livres de cire*" (MINOIS, G. *Du Guesclin*…, 1993, p. 480 ; consultar igualmente BOULET, « La canonisation de Charles de Blois (1376) », *Revue d'Histoire de l'Église de France*, vol. 28, nº 114, 1942). Como São Ivo havia sido canonizado em 1347, com data comemorativa estabelecida em 19 de maio como patrono da Bretanha, podemos aventar que Du Guesclin, ao estabelecer a peregrinação, tenha colocado o nome de Charles ao lado de outro santo, já conhecido, ratificando o conhecimento público da santificação do seu senhor. Não acreditamos que se trate de um "nacionalismo bretão" por parte de Cuvelier nesse caso, mas sim uma observação do processo religioso de canonização.

[191] « Seigneurs, ce dist Bertran, et nous vous en dirons
Se c'est vostre vouloir au conte manderons
Qu'il se parte d'Aulroy, le chastel qui est bons,
C'est l'eritage Charle, et se nous l'i trouvons,
Que dedens .IIII. jours nous le combaterons.
Il s'en voist a Monfort, car c'est sa regions,
Li siens père le tint, aussi fist ses tayons »
Et il ont respondu : « Tout ainsi le voulons ».

comandante inglês, descrito pelos cronistas como "valente cavaleiro que nobremente atuou", a quem Froissart não poupou elogios e um dos grandes heróis do Príncipe de Gales, segundo o arauto de Chandos, autor da crônica rimada, a *Vie du prince noir*[192]. Em Cuvelier, é Chandos que incita Jean de Montfort a combater e anima seus companheiros de armas, bradando que maldito seria aquele que empreendesse fuga!

Tréguas recusadas, Charles de Blois seguiu com seus homens a Auray, percorrendo os 20km que o levariam até lá, pelo vale do rio Loch. No sábado, suas tropas se instalaram à margem esquerda daquele rio e prepararam-se para o combate. Tanto o continuador da crônica latina de Guillaume de Nangis, quanto o autor da crônica normanda afirmam que Jean de Montfort tinha a vantagem do terreno, forçando as tropas de Charles de Blois a instalar-se entre o rio e um bosque, em uma área de tamanho reduzido para os homens.

Cuvelier não se detém indiferente ao sofrimento dos civis. Eram homens, mulheres e crianças que ficavam à mercê de seus senhores, enquanto os conflitos lhes privavam de elementos básicos para sua subsistência. Daí o relato de um curioso episódio em que um besteiro teria se apresentado a Charles de Blois para ir até o castelo clandestinamente a fim de levar um sinal aos sitiados de que suas tropas estavam posicionadas e próximas a pôr fim ao sofrimento daquela população. No entanto, mais adiante na narrativa, vemos que os sitiados chegaram a negociar com Robert Knolles a compra de víveres com a promessa de que entregariam o castelo a Jean de Montfort se Charles de Blois não os salvasse até a festa de São Miguel, no domingo seguinte.

Se por um lado, Cuvelier e outros cronistas relatam com reverência as decisões do bem-aventurado Charles de Blois, por outro lado acabam por imputar ao conde Jean de Montfort um caráter também cuidadosamente construído, uma vez que, na data da escrita das obras, como salientamos, ele era o duque da Bretanha. É por isso que podemos observar, na *Chanson* de Cuvelier, a recusa de Jean de Montfort em empreender batalha

[192] Designado com frequência como o arauto Chandos, seu verdadeiro nome não é conhecido, sabe-se que atuou como arauto principalmente entre os anos de 1363 e 1370, ano da morte de seu mestre. Após essa data, ficou a serviço do Príncipe de Gales, como chefe de armas. Sua composição, de mais de quatro mil versos passa os limites de uma biografia e configura-se como propaganda política a favor do irmão do príncipe, Jean de Gand, duque de Lancaster na época da redação da obra, entre 1383 e 1385, pelo trono de Castela (HASENOHR, G; ZINK, M. (dir.). *Dictionnaire des Lettres Françaises*. Paris: Fayard, 1992, p. 677-678). Como John Chandos esteve ao lado do Príncipe de Gales nas campanhas castelhanas, seu arauto deve ter reunido muitas das informações sobre o período de 1366-69 ao acompanhar seu senhor em terras ibéricas, assunto de que trataremos mais adiante neste capítulo.

no dia santificado da semana, temeroso por ferir a Trégua de Deus[193], observância característica de grandes cavaleiros.

É preciso ressaltar que, como já apontamos, Cuvelier atribui a Du Guesclin a observância dos fundamentos de uma guerra sagrada. Aliás, o fato do embate ter sido em um domingo e ainda uma comemoração de um dia santo só reforça essa ideia, ali Deus é invocado a tomar sua posição, aquele a quem desse a vitória poderia contar com seu apoio. Isso só ameniza a derrota sofrida pelo futuro condestável, como não estar de acordo com os desígnios de Deus? Aqui podemos perceber novamente a intenção em legitimar as ações do condestável.

Vê-se que Cuvelier defendia o poder temporal dos Valois, pois atribuiria a essa dinastia a "consciência das obrigações da guerra justa ou ao menos seus esforços em convencer a opinião pública da legitimidade de sua ação guerreira"[194], seria nesse contexto propagandístico que o texto do trovador ofereceria sua contribuição à ideologia do *justum bellum*.

Dado que os relatos mais completos sobre o confronto, que chegaram até nós, vêm de Cuvelier e de Froissart, veremos como eles diferem entre si em dois aspectos principais. O primeiro justamente no que se refere à organização da retaguarda, e a de Jean de Montfort em especial, cujos detalhes mais interessantes estão presentes nas *Crônicas*. O segundo aspecto, e este reportado por Cuvelier, concerne o artifício de que se serviu Jean de Montfort para enganar o adversário e obter um melhor proveito diante de um grupo mais numeroso visando desestabilizá-lo emocionalmente.

Ao posicionamento das hostes, o campo de Charles de Blois teria se organizado da seguinte maneira: na primeira batalha estaria Du Guesclin e seus bretões; na segunda, o conde de Auxerre; na terceira, Charles de Blois e os grandes barões da Bretanha, e na retaguarda, os senhores de Rieux, de la Roye, de Tournemine, de Quintin, du Pont e de Rochefort. Tanto Cuvelier quanto Froissart relatam que a linha de frente de Charles de Blois estava tão cerrada e tão aparelhada, que os arqueiros ingleses foram ineficazes,

---

[193] Após o movimento da Paz de Deus, seguiu-se a Trégua de Deus (concílio de Toulouges, em 1027), ampliando a proteção dada aos civis e às pessoas da igreja e seus bens, com a suspensão de atividade militar entre a noite de quarta-feira até a madrugada de segunda-feira (*Raoul Glaber : les cinq livres de ses histoires* (900-1044). Publiés par Maurice Prou. Paris: A. Picard, 1886, p. 126; PEDRERO-SÁNCHEZ, M. G. *História da Idade Média*: textos e testemunhas. São Paulo: Ed. UNESP, 2000, p. 79-80; LAURANSON, C. Trêve de Dieu. In: GAUVARD, C; LIBERA, A.; ZINK, M. *Dictionnaire du Moyen Âge*…, 2002, p. 1406-1407). Na Baixa Idade Média, o período de que tratamos em nosso trabalho, a trégua se limitava ao dia de domingo e com certa frequência, identificamos batalhas que se deram nesse dia, o que evidencia um distanciamento entre os poderes eclesiásticos e monárquicos.

[194] CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris : PUF, 1980, p. 452.

indício que nos leva a colocar em questão a fragilidade de uma retaguarda com tantos chefes da alta aristocracia. Pois como não aguardar a vitória de um exército mais numeroso e tão bem armado nas suas primeiras linhas?

As batalhas de Jean de Montfort foram organizadas por John Chandos de modo a ter como comandante da primeira, Robert Knolles; da segunda, Olivier de Clisson; da terceira ele próprio, acompanhado de Jean de Montfort. Para a composição da retaguarda, Cuvelier afirma que Hugh de Calveley se apresentou a Chandos, pois considerava que as batalhas de Charles de Blois seriam bastante duras de se enfrentar, então o uso de uma retaguarda seria bastante útil, Chandos aceitou bem a sugestão do companheiro, então Calveley e seus 500 homens se colocaram mais próximos do vale e investiriam de acordo com a necessidade das outras batalhas, cobrindo eventuais perdas.

Froissart relata o episódio exaltando as qualidades de Chandos e principalmente sua autoridade diante de seus homens, características muito apreciadas em tais relatos, todavia o que salta aos olhos, é a capacidade de reflexão atribuída ao chefe das batalhas, sinal de sensíveis mudanças, de que já dera provas Du Guesclin, como vimos em Cocherel.

CUVELIER,, La Chanson de Bertrand du Guesclin, British Library, Yates Thompson, 35, f° 90 v°
(http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=8125)

Na imagem acima, vemos que o ilustrador escolheu representar o choque entre duas cavalarias, no entanto, o que se sabe a partir das fontes em que nos baseamos aqui,

é que o confronto se deu entre combatentes a pé. Assim, guardou-se antes a tradição de um combate cavaleiresco e não o confronto sangrento que se deu naqueles campos. É possível observar igualmente, as insígnias dos dois lados do combate.

Froissart afirma que os homens de Montfort haviam prometido abater Charles de Blois, negando qualquer resgate: "Se Charles de Blois fosse encontrado ali, não deveriam tomá-lo por refém de modo algum, mas dar-lhe à morte"[195]. Cuvelier sustenta que os do partido de Charles de Blois iniciam a refrega com certa vantagem e começam a desfazer as batalhas de Jean de Montfort, muito embora essa situação não tenha se sustentado até o fim do combate. Muito disso se deve ao que Jean de Montfort teria feito, isto é, fazer com que um primo seu vestisse suas armas e corresse o campo de batalha em busca de Charles de Blois, "para evitar que uma profecia se realizasse, a que dizia que aquele que em certa batalha portasse os arminhos seria vencido"[196]. E o cavaleiro, assumindo o destino fatal que o primo lhe reservara, parte orgulhosamente, segundo Cuvelier, e ao se deparar com Charles brada em alta voz:

> "Charles de Blois! Vinde!", na batalha brada.
> A Bretanha, em seu todo, é desafiada,
> No dia de hoje, a sorte está lançada"
> [...]
> Charles de Blois uma machada empunhava,
> Do cavaleiro bretão se aproximava,
> Sobre o bom capacete que ele portava
> Feriu-o com as mãos, decidido estava
> De tal maneira deu-lhe uma pancada
> Que a cabeça ficou por terra curvada
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v, 6955-6957, 6966-6971)[197]

Ao ver o suposto conde morto, Charles de Blois chegou a comemorar a vitória, mas o verdadeiro Jean de Montfort, junto a seus homens que ali também se reuniram, revelou-se vivo e a *mêlée* recomeçou mais dura que antes. Cuvelier lamenta e atribui a derrota de Charles de Blois principalmente a esse revés:

---

[195] « Charles de Blois fût trouvé en la place, on ne le devait point prendre à nulle rançon, mais occire » (Jean Froissart. *Chroniques*…, Ed. Buchon, 1835, t. 1, p. 496).

[196] MOAL, L. *Auray 1364* – Un combat pour la Bretagne. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2012, p. 84.

[197] « Par la bataille crie: « Charles de Blois! Vien ça !
Bretaignes tu chalens et tout quant il y a,
Au jour d'uy sera fait tout ce qu'il en sera »
[…]
Charles de Blois tenoit une hache d'acier ;
Au chevalier breton s'est venu aprouchier,
Dessus le bacinet qu'il avoit tout entier
Le fery a deux mains conme hardi et fier ;
Tellement y a fait son grant cop emploier,
Que la teste li fist contre terre ploier. »

Brava gente teve Charles, bem ordenada,
Teria vencido o combate obstinada,
Não fosse a reviravolta sucedida
(*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 7005-7007)[198]

Tentando uma fuga desesperada, em meio a todo esse sangue, Charles de Blois caiu por terra, quando seus homens tentavam protegê-lo em vão, pois o ataque dirigido pelos comandantes de Chandos era implacável diante de pelotões tão dispersos, além disso, havia a obstinação de Jean de Montfort que o perseguia aguerridamente.

Após a morte de Charles de Blois, houve a capitulação de suas hostes e seus principais comandantes foram mortos ou tomados como reféns. As fontes não são precisas quanto ao número de baixas, mas a diferença entre os que morreram defendendo Blois e Montfort é bastante severa. Alguns autores, como o continuador da crônica latina de Guillaume de Nangis, o autor da *Chronique normande* e Henri Knighton[199] mencionam várias centenas, quase mil homens poderiam ter perdido a vida ao lado de Charles na planície de Auray naquele domingo, 29 de setembro de 1364, contra apenas vinte do lado de Jean de Montfort, segundo seu secretário, Guillaume de Saint-André. Os que não morreram durante a refrega, foram mortos enquanto tentavam fugir, o que mais uma vez confirma o anseio de todos em acabar com a guerra na Bretanha em definitivo, enfraquecendo o partido adversário material e humanamente. Somente os mais rentáveis foram feitos prisioneiros. Os corpos abandonados no campo foram desnudos de suas armas pelo grupo adversário e muitos despojos foram captados, exatamente como os homens de Chandos haviam imaginado fazer antes dos ataques.

Entre as capturas mais importante daquela batalha, estava, sem dúvida, Bertrand Du Guesclin que se entregou a John Chandos após haver lutado tão bravamente quanto seus companheiros de armas não cogitando nem um instante em fugir, preferindo a morte, se assim fosse. Nos versos que seguem, Cuvelier descreve como Bertrand lutou seus últimos momentos antes de se render: nada poderia denegrir a imagem do valoroso combatente, disposto a morrer pelo senhor que reconhecia como legítimo, muito embora, como vimos, não estivesse do lado que Deus havia determinado como vencedor. Talvez isso faça parte do perfil de cavaleiro típico das canções de gesta que aceitava com

---

[198] « Bonne gente ot Charlon et tres bien ordenee,
Et eüssent vaincu l'estour celle journee,
Se ne feust par un tour qui changa leur pensee. »

[199] Henri Knighton (†1396) escreveu uma crônica em inglês antigo, editada e traduzida para o latim em 1652 por Roger Twysden, (Ver *Historiae Anglicanae Scriptores decem*, publicado por Roger Twysden, Londini : Typis Jacobi Flesher, 1652. Disponível em: archive.org).

dignidade o martírio que lhe era impingido, padecendo de extremo sofrimento e guardando sua honra.

> Ah, Deus, disse Bertrand, o gentil foi vencido!
> Morto é o bom que houve neste tempo vivido.
> Apesar de si guerreou aguerrido.
> Não é meu viver melhor que dois olheiros;
> Tenho mais caro morrer que estar fugido"
> Retomou o embate com alguns inimigos,
> E como lutou o cavaleiro ardido
> Nem machada, espada ou arma pôde contê-lo.
> Quando Chandos o viu assim obstinado,
> Logo fez com que revidassem seus sujeitos,
> Logo abatido, maltratado e ferido;
> Logo bradou forte: "Eis-me aqui, rendido!"
> Logo foi o cavaleiro preso e atado,
> Entregue a Chandos, assim como eu vos digo.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 7169-7182)[200]

Chandos levou Du Guesclin a Niort, na região do Poitou, que havia sido entregue ao domínio inglês segundo o acordo de Brétigny, em 1360[201]. Como afirma o historiador Georges Minois, o herói do dia foi John Chandos, sendo o papel de Du Guesclin apenas secundário não podendo fazer mais em uma hoste "franco-bretã que finalmente combateu sem chefe"[202]. A eficácia nos combates que naqueles anos era exigida da cavalaria como corpo militar, segundo as fontes, deveria passar pelas mãos de um comandante que pudesse demonstrar capacidade e experiência. Novamente vemos o esforço de Cuvelier em registrar que a soberania do príncipe, bem como daqueles a quem ele pudesse vir a apoiar, só poderia ser assegurada por um exército bem liderado em detrimento até dos laços de sangue, e na visão do trovador, esse seria Du Guesclin, modelo a ser mantido.

---

[200] « - A, Diex, ce dist Bertran, nous est li bons faillis!
Mors est li plus preudons qui feust au siecle vis.
Maugré lui et a force a guerrié toudis.
Or ne prise ma vie vaillissant deux espis ;
J'ay plus chier a mourir que je soye fuïs. »
Lors se mist sur les rens ainsi c'uns annemis,
Et tant s'i combati li chevaliers fettis
Qu'il n'ot hache n'espee ne fer qui feus fourbis.
Quant Jehan de Chando vit qu'il fu si sousprins,
Lors le fist assaillir de trestouz ses subgiz,
Lors fu las et vaincus, navrez et mal baillis ;
Lors dist a haulte voix : « A raençon me rens prins ! »
Lors fu li chevaliers atrappez et saisiz,
Et livrez a Chando, ainsi con je vous dis. »

[201] Durante as operações no Poitou, em 1372, Du Guesclin recuperou a cidade de Niort para o domínio francês, servindo-se de uma estratégia bastante ardilosa, ele e seus homens teriam vestido as armaduras, os elmos e empunhado as bandeiras dos ingleses derrotados anteriormente em Chizé, e chegando aos portões de Niort, teriam bradado "São Jorge!" e teriam tido livre acesso, confundidos facilmente com os ingleses (cf. *La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 24042-24072).

[202] MINOIS, G. *Du Guesclin*..., 1993, p. 237.

A morte de Charles de Blois para Bertrand significava um importante adiamento de campanhas guerreiras em sua região natal, a Bretanha, muito embora o futuro condestável não soubesse o que isso poderia lhe proporcionar, a bem da verdade. No entanto, o afastamento de sua trajetória daquela região tornou-se significativo para uma projeção com dimensões bem maiores, para fora até mesmo dos limites do território da monarquia francesa, como veremos mais adiante.

A liberação de Bertrand Du Guesclin foi bastante negociada entre John Chandos e Charles V, como podemos observar nos documentos expedidos pelos três personagens. Du Guesclin se compromete com o rei, conforme o documento abaixo, datado de agosto de 1365, em honrar o pagamento que Charles V havia conferido a John Chandos, como parte da quitação de sua dívida, ademais, observamos aqui o engajamento de Du Guesclin em dirigir para fora do reino da França as Grandes Companhias:

> Fazemos saber que por meio de certa quantia de dinheiro que o referido rei, meu soberano senhor, nos fez conceder prestamente, tanto para colocar para fora de seu reino as companhias que estavam nas regiões da Bretanha, da Normandia e de Chartrain e arredores, como para nos ajudar a pagar nossa remição ao nobre senhor John Chandos, visconde de Saint-Sauveur e condestável da Aquitânia, do qual somos prisioneiros, prometemos ao dito rei, meu soberano senhor, por fé e por juramento, colocar e conduzir para fora do reino as ditas companhias sob nosso poder o mais rapidamente possível [...][203]

Em outra correspondência, Du Guesclin deixa ao monarca francês, como garantia, pela dívida paga a Chandos, o condado de Longueville e todas as suas fortalezas[204]. No entanto, no início do ano seguinte, Chandos escreve ao rei Charles V dizendo que ainda não havia recebido o total da quantia acordada, 40.000 francos de ouro[205], pela remição de Bertrand Du Guesclin, caso que seria resolvido apenas em dezembro daquele ano.

---

[203] " Savoir faisons que parmi certaine somme de deniers que le dit roy mon souverain seigneur nous a piéça fait bailler en prest, tant pour mettre hors de son royaume les compaignes qui estoient ès parties de Bretaigne de Normandie et de Chartrain et ailleurs ès basses marches, comme pour nous aider à paier partir de nostre raençon à noble homme messire Jehan Champdos, viconte de Saint-Sauveur et connestable d'Acquittaine, duquel nous sommes prisonnier, nous avons promis et promettons au dit roy, mon souverain seigneur, par noz foy et serment, mettre et enmener hors de son royaume les dittes compaignes à nostre povoir le plus hastivement que nous pourrons […] (*Chronique de Bertrand Du Guesclin*, par Cuvelier, Ed. Charrière, 1839, t. 2, Pièces justificatives, p. 393).

[204] Cf. *Chronique de Bertrand Du Guesclin*, par Cuvelier, Ed. Charrière, 1839, t. 2, Pièces justificatives, p. 394-395.

[205] A menção à quantia devida a John Chandos está em um documento emitido por Charles V em janeiro de 1371, em que o monarca francês faz referência às somas conferidas a Bertrand desde a batalha de Auray até aquele ano, pois seria da vontade do então condestável ressarcir o reino, gesto que o monarca aceitaria de bom grado firmando aquele documento (cf. *Mandements et actes divers de Charles V (1364-1380)* : recueillis dans les collections de la Bibliothèque Nationale / publ. ou analysés par M. Léopold Delisle, Paris: Imprimerie Nationale, 1874, p. 437-438).

É lícito afirmar que, para Du Guesclin, os anos de 1365 e 1366 significaram uma mudança bastante relevante em seu papel de homem de guerra, que ora passaria a servir oficialmente e regularmente ao reino francês. Ao relatar esses episódios dessa maneira, Cuvelier prepararia um ponto de vista muito positivo para justificar e legitimar o empreendimento que viria a se tornar a primeira grande missão do futuro condestável: comandar as Grandes Companhias em terras estrangeiras, em Castela, como veremos a seguir, ao analisarmos os documentos referentes às batalhas de Nájera e Montiel, em 1367 e 1369 respectivamente.

2.5) Legitimado pelos poderosos. A Campanha das Grandes Companhias

Neste capítulo, trataremos primeiramente da Campanha das Grandes Companhias como banimento dos grupos de soldados que ora assolavam o reino da França com suas ações violentas para com a população, sobretudo nos campos franceses. Com esse intuito, veremos como se deu a contrapartida tanto da Igreja quanto da monarquia para conter esses indivíduos, para isso, analisaremos documentos tais como bulas papais e despachos régios que chegaram até nós e que trataram desses homens de guerra.

Acreditamos ser importante a incursão que propomos para entender de que forma Du Guesclin, ainda que capitão de companhia, fosse justamente agraciado com o favor do rei após tê-las conduzido para longe de seu reino. Estaria aí talvez, a grande controvérsia que cerca o personagem do cavaleiro bretão por ter se dirigido a Castela e auxiliado a tomada do poder por um rei bastardo. No entanto, não será essa a visão de Cuvelier com relação à campanha em terras ibéricas, já que um terço de sua obra lhe é dedicada e compõe o que podemos chamar da "consagração do herói" na canção do trovador da Picardia.

2.5.1) A Campanha das Grandes Companhias como banimento dos mercenários

> Os *routiers* constituíam por definição um meio social heterogêneo, devido a sua origem geográfica, mas também social. O estilo de guerra que praticavam também se presta a confusão. Tem-se às vezes a tendência de considerar os *routiers* como brigadistas agindo em larga escala. Essa visão das coisas oculta o fato de que eram considerados em primeiro lugar como homens de armas[206].

Assim define o especialista na atuação das companhias e professor de história medieval, Germain Butaud, quem eram os soldados que as compunham e como devemos observar as informações ainda obscuras sobre a atuação desses *routiers*.

Buscando, portanto, compreender um pouco melhor como foi a atuação dos grupos de homens de armas que circulavam em território francês durante o período de ausência de conflitos entre os reinos francês e inglês, teceremos algumas considerações sobre suas ações e principalmente a contrapartida bem articulada da coroa francesa em

[206] « Les routiers constituaient par définition un milieu social composite, de par leur origine géographique, mais aussi sociale. Le style de guerre qu'ils pratiquaient prête aussi à confusion. On a parfois tendance à considérer les routiers comme des brigands agissant à grande échelle. Cette vision des choses occulte le fait qu'ils étaient considérés en premier lieu comme des gens d'armes ». BUTAUD, G. *Les Compagnies de routiers en France 1357-1393*. Clermont-Ferrant : Lemme edit, 2012, p. 4.

relação a esses indivíduos. Para isso, observaremos como as fontes nos informam sobre esses grupos e de que maneira o vocabulário empregado em crônicas, bulas e despachos régios leva a crer que para a sociedade daquele período tais homens representavam um mal a ser banido do reino.

A ação desses mercenários, reunidos em grandes bandos, chamados companhias, não seria esquecida facilmente. Os registros de seus atos violentos sobejam em relatos muito severos, enumerando a quantidade de mortos, as modalidades de tortura, os incêndios e as pilhagens cometidos. Não há dúvidas de que tais homens, dependentes das ações bélicas dos príncipes, ao agirem por conta própria durante os períodos de paz, eram indesejados, temidos pelo povo e também pelos governantes, merecedores, portanto, de alguma espécie de punição.

Como suas ações mais relevantes se deram principalmente durante os nove anos de tréguas entre França e Inglaterra, com a assinatura do Tratado de Brétigny (1360), esses grupos de mercenários foram igualmente designados por "*Tard-venus*", isto é, aqueles que chegaram tarde, atrasados para a guerra. Tal expressão é empregada pelo cronista Jean Froissart que, em seus escritos referentes aos anos de 1360, relata a ação danosa de tais bandos:

> [...] queriam voltar a guerrear no dito reino da França, assim perseveraram em sua maldade e fizeram muitos males no dito reino contra todos os que intentaram combatê-los.[...] E fizeram por lá grandes bandos e grandes companhias que se chamavam Tard-venus. [...] E seu número sempre crescia,[...] na quaresma, eram bem 15 mil combatentes".[207].

Nas palavras do cronista, fica claro que se tratava de homens de guerra, combatentes, e que cometiam atos incontroláveis e maus contra a população, principalmente contra camponeses e vilões. Na sequência, Froissart relata algumas tentativas de combate aos mercenários, ou *compagnons*, todas frustradas e de grande perda de recursos financeiros e pessoais para o reino francês. Além disso, os capitães formavam conselhos e decidiam conjuntamente tudo o que lhes concernia, por exemplo seus contra-ataques às tropas enviadas pelo rei francês, na época, Jean II Le Bon (1350-1364)[208].

---

[207] « [...] si se vouloient recouvrer à guerroyer le dit royaume de France; de quoi telles gens persévérèrent en leur mauvesté et firent depuis moult de maux au dit royaume contre tous ceux qui gréver les vouloient. […] et firent là grandes routes et grandes compagnies qui s'appeloient les Tard-Venus. […] Et toujours croissoit leur nombre ;[…] si furent bien, dedans le carème, quinze mille combattans ». (Jean Froissart. *Chroniques...*, Ed. Buchon, 1835, t.1, p.453)

[208] Uma dessas investidas ficou conhecida como a batalha de Brignais, em abril de 1362. O rei Jean II comissionou um primo seu, o senhor Jacques de Bourbon, conde de La Marche, que havia sido condestável das hostes reais entre 1354 e 1356, para liderar as tropas que enfrentariam as companhias no vilarejo de

Houve retaliações bastante rígidas contra seus membros, pois vários deles e mesmo alguns capitães foram decapitados em Paris[209]. Tais reações por parte das autoridades nos levam a pensar que os bandos de mercenários eram alvo de medidas, com forte efeito didático, que visavam tão somente o aniquilamento de suas forças, pois, como já dissemos, esses homens de guerra eram tidos como criminosos que feriam o acordo de Brétigny no que concernia os artigos que versavam sobre o cessar das hostilidades e a reintegração de posse de inúmeras localidades[210]. Além do texto do acordo, Jean II Le Bon expediu alguns despachos ordenando que seus nobres reocupassem as propriedades que outrora lhes foram tomadas pelas companhias e mesmo durante os conflitos contra o rei inglês, Eduardo III (1327-1377). A ordem do rei francês era clara, os nobres deveriam até mesmo enfrentar os mercenários que porventura estivessem em seus castelos e se estes não obedecessem,

> Vós [os nobres] deveis reunir gentes de armas e tropas da parte do reino, caso necessário, para colocar cercos diante das propriedades e outras investidas para que pela força e pela obediência a Nós eles se rendam e os malfeitores e rebeldes sejam punidos pela boa Justiça para que aos outros sirva de castigo e exemplo [...]. E que esta Ordem seja para importante memória e diligentemente guardada sem ser transgredida [211].

A isso somem-se as bulas papais que, além de apelar aos artigos do Tratado de Brétigny[212], invocavam os fiéis a empreender verdadeiras cruzadas contra as companhias, já que os bandos atacavam constantemente a região do pontífice em Avignon e somente

---

Brignais, a 15km de Lyon. Ali as tropas reais viriam a sofrer uma grande derrota, com a morte do chefe da batalha e mais de 100 homens tomados como prisioneiros.

[209] O historiador medievalista francês, Philippe Contamine, recupera informações bastante interessantes sobre um desses capitães, Munde le Batillier. Este capitão routier esteve presente na batalha de Brignais, empreendeu outras investidas na Bourgogne e outras localidades do reino francês, e foi também à Castela, ao lado de Du Guesclin. Bataillier acabou decapitado em 1368 em Paris, por ter sido capitão das companhias e cometido crimes no reino da França (CONTAMINE, P. Les compagnies d'aventure en France pendant la Guerre de Cent Ans. *Mélanges de l'Ecole française de Rome*. Moyen-Age, Temps modernes T. 87, N°2. 1975, p. 380).

[210] Sobre essas cláusulas, observar principalmente os artigos 26 a 29 do Tratado de Brétigny (*Foedera, conventiones, literae, et cujuscunque generis acta publica : inter reges Angliae, et alios quosvis imperatores, reges, pontifices, principes, vel communitates, ab ineunte saeculo duodecimo, viz. ab anno 1101, ad nostra usque tempora, habita aut tractata : ex autographis, infra secretiores*. Publicada por RYMER, T. Londres :J. Tonson, t. III, 1740, p. 190-191).

[211] « Si faites tant par Gens d'armes & assemblées de Nobles & autres, & s'il est mestier, comme par Siege mettant devant les lieux, & par toutes autres voies contraintes que vous verrés convenables, que la force en soit votre & que l'obéissance vous en soit rendue pour Nous, comme estre doit : et les malfaiteurs & rebelles punissiez par bonne Justice, tant que ce soit aux autres chastiement & exemple […]. Et ad fin que de notre dicte Ordennance soit greigneur mémoire, & soit diligemment gardée sanz enfraindre » (*Ordonnances des Roys de France de troisième race*, par M. Secousse. Paris : Imprimerie Royale, 1732, t. 3, p. 526-527).

[212] O para Inocêncio VI escreve ao rei Eduardo III, em maio de 1360, data do acordo de Brétigny, por exemplo, pedindo-lhe que tenha "boa serenidade não permitindo que haja prejuízo entre pessoas que têm um mesmo acordo" (*Magnum Bullarium romanum*. Luxemburgo: André Chevalier Imprimeur, 1730, t. 9, p. 200).

a preços bastante altos aceitavam deixar o território, e ainda apenas temporariamente. Froissart dedica um capítulo de suas crônicas à ordem do papa Inocêncio VI (1352-1362) "de uma cruzada absolvendo de pena e culpa todos os que fossem contra as companhias"[213]. O que se constata, no entanto, é que nem as autoridades monárquicas, nem tampouco as eclesiásticas obtinham sucesso contra os *compagnons*, visto que as punições proclamadas até aquele momento pouco ou nenhum efeito tiveram sobre a ação das companhias. Por que não reunir forças? Foi assim que, a partir de 1365, o então rei da França, Charles V, e o papa Urbano V (1362-1370) acordaram livrar-se das companhias dando-lhes um destino para longe do reino francês e de Avignon. Seria a campanha das Grandes Companhias lideradas pelo cavaleiro bretão a serviço da coroa francesa, Bertrand Du Guesclin, em terras ibéricas, mais precisamente em Castela que ora sofria com a guerra civil entre o rei legítimo, o castelhano Pedro I (1350-1369) e o conde de Trastâmara, seu irmão bastardo e requerente da coroa, futuro Henrique II (1366-1379). Du Guesclin foi incumbido e remunerado por Charles V, pelo papa Urbano V e pelo próprio Henrique[214] para auxiliar na destituição de Pedro I do trono de Castela e para ajudar a promover a paz com Aragão[215]. Ele ainda teria recebido a missão em um encontro secreto em Paris com o rei Charles V em pessoa, pois este temia que as companhias assustassem os habitantes da cidade apenas com sua presença, como podemos conferir nos versos de Cuvelier que reportam a ida de Du Guesclin e dos capitães que haviam aceitado compor suas mesnadas:

---

[213] Froissart diz, nesse capítulo, que o papa reunido com o colegiado de Roma decidiu pela cruzada contra "esses maus cristãos", pois eles "roboient sans déport quant qu'ils pouvoient trouver, et violoient femmes, vieilles et jeunes, sans pitié, et tuoient hommes, femmes et enfans sans merci, qui rien ne leur avoient méfait[…] Et absolvoient de peine et de coulpe tous ceux qui prenoient la croix et qui s'abandonnoient de corps et de volonté pour détruire celle mauvaise gent et leur compagnie » (Jean Froissart. *Chroniques*…, Ed. Buchon, 1835, t. 1, p. 459).

[214] Como Henrique encontrava-se foragido fora de Castela para articular seu retorno tendo a ajuda de possíveis aliados, podemos aventar que Henrique tenha estado no reino francês e que tenha ele próprio comissionado Du Guesclin.

[215] Na Crónica del Rey de Aragón D. Pedro IV, a vinda das companhias é justificada da seguinte forma: "[...] de haver companyies de les parts de França qui a sou de la nostra còrt faèssen guerra ensemps ab les gènts de nostres règnes contra lo dit rèy de Castèlla quins havia perseguits e deseritats de mòlta terra en VIIII anys, en los quals la dita guerra èra continuada" (*Crónica des Rey de Aragon D. Pedro IV, El Cerimonioso*. Trad. Antonio de Bufarull. Barcelona: Ed. Imp. Alberto Frexas, 1850, p. 378).
Já o texto do arauto de John Chandos relata que a guerra entre Aragão e Castela durava 14 anos, em vez de 9, e que Du Guesclin havia sido designado para promover a paz entre aqueles reinos conduzindo para lá "Toute la grande compaignie/ Et moult de la chivacherye/ Par le gré du pape de Rome" (*Le Prince Noir* poème du héraut d'armes Chandos. Ed. Francisque Michel. London/Paris:J. G. Fotheringham, 1883, p. 112).

E que venham ao *Temple*[216] e ali sejam reunidos,
Para que os de Paris e a comunidade
Não os encontrem indo ou vindo;
Pois são muitos, em grande quantidade,
Assim poderiam ficar apavorados,
E não quero ter com eles senão amizade,
A partir deste dia em que conosco fazem acordo.
(*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 8390-8396)[217]

Podemos aventar que a ida das companhias à Península Ibérica trataria de alianças e interesses políticos bastante caros tanto à monarquia francesa quanto ao reino de Aragão, em guerra contra Pedro I de Castela, sem deixar de considerar também os interesses do papado em Avignon[218] e das casas nobiliárquicas castelhanas beneficiadas com a possível ascensão de Henrique. É fácil, portanto, entender o fato desses poderes legítimos lançarem mão de um grupo de soldados profissionais para obter vantagens igualmente legítimas. Já inferimos que as companhias eram compostas por grupos de homens de guerra, necessários durante os embates dos príncipes; eram observadores dos valores de fidelidade pessoal; muitos dentre eles obtiveram fama e foram considerados valentes guerreiros, ou seja, não eram tão desprezíveis assim, bastava dar-lhes uma ocupação razoável. Seriam eles punidos de alguma forma?

Na bula expedida em abril de 1365, Urbano V elenca as atrocidades cometidas pelos membros das companhias, os "seguidores de Lúcifer", para justificar o apelo que faz a todos os cristãos do reino: dissolver e destruir tais bandos, "*sed dissolutionem*

---

[216] Os templários, no século XIII, detinham muitos lotes de terrenos na região do Marais em Paris, e ali fizeram construir uma muralha protegendo o local, havia também uma torre forte. Mais tarde, quando da dissolução da ordem, em 1307, essas construções foram tomadas pelo rei francês, Philippe le Bel (1285-1314), juntamente com os tesouros de que eram guardiães os templários, assim no século XIV, a torre do templo funcionava como um grande cofre-forte, vindo a ser administrado pela Chambre des Comptes. Sob Charles V foi iniciada a construção de uma nova muralha em torno de Paris, de 1367 a 1383, cuja delimitação anexava a muralha dos templários (DEMURGER, A. Ordre du Temple. In: GAUVARD, C; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*..., 2002, p. 1023-1024; http://paris-atlas-historique.fr/36.html. Consultado em junho de 2016).

[217] « Et se viengnent, au Temple la soyent assemble,
Par quoy cilz de Paris et la communauté
Ne soient a l'encontre ne venu ne alé ;
Car trop y a de gent et tres grande planté,
Sy ne pourroient estre malement effrayé,
Et je ne vueil avoir a eulx fors amisté,
Puissedi qu'il se sont a nous bien accordé ».

[218] O papado de Avignon havia sido estabelecido em 1305 e duraria até 1377. Tendo sido "começado por uma série de papas franceses que eram eleitos e mantidos no poder graças às redes de solidariedade que tinham dentro do reino". Além disso, Avignon era interessante por sua localização geográfica. Foi durante o exílio de Avignon que o papado "se transformaria em monarquia pontifícia" e se organizaria a ponto de poder ser considerado um "modelo entre os Estados modernos" no que se refere à administração, às finanças e às tarefas de cada um de seus membros. Em Avignon, "os papas estimam estar a serviço da glória divina o desenvolver seu poder temporal" (GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge*..., p. 389-390).

societatis"[219]. Já um pouco mais contido, e talvez conhecedor dos problemas políticos vizinhos, em uma correspondência endereçada a Charles V datada de junho daquele mesmo ano, o papa Urbano permite ao monarca francês, no caso de comissionar um capitão das companhias para retirá-las do território, usar de recursos dos dízimos para financiar a missão que o pontífice define da seguinte forma "levar *para fora do reino* as comitivas, servindo como guia para levar *para fora* os infiéis"[220]. O emprego da expressão "*extra regnum*" que aparece no texto juntamente com o verbo "*duco*", [conduzir, levar, induzir], não supõe que as tropas devessem voltar ao reino, ao contrário, pois se não era possível exterminá-las, a melhor alternativa seria enviá-las para longe. Há que se reconhecer a mudança no tratamento deferido pelo pontífice aos *compagnons* no decorrer daqueles anos, pois existe a menção à excomunhão de que foram alvo e depois ao perdão com que foram agraciados no momento em que aceitaram dar volume às tropas enviadas pelo rei a Castela[221].

No despacho régio de dezembro de 1360, o rei Jean II, Le Bon já havia recorrido às cláusulas do Tratado de Brétigny que determinavam que os bandos que, contra a vontade estabelecida de Eduardo III, ainda ocupavam as fortalezas e castelos em território francês, fossem expulsos. O monarca, ao relembrar essas obrigações, estabeleceu que seu povo o auxiliasse a "*esvaziar* o reino das companhias e dos saqueadores", visto que as finanças do reino eram escassas[222]. Por outro lado, mais tarde em 1366, Charles V favorece certos pagamentos a cavaleiros que, reunindo tropas, fizessem frente aos ataques dos mercenários, podendo armar seus homens adequadamente[223].

---

[219] *Annales Ecclesiastici*, ed. Caesaris Baroni. Tomo XXVI – 1356-1396. Paris: Consociationis Sancti Pauli, 1880, p. 105-106.

[220] PROU, M. Étude sur les relations politiques du pape Urbain V avec les rois de France Jean II et Charles V (1362-1370). *Bibliothèque de l'École des hautes études* ; 76e fascicule, Paris : F. Vieweg, 1888, p.128-129.

[221] A *Chronique normande* faz referência à decisão do papa que "getta sur eulz [as companhias] sentence d'escomeniement moult cruelmente" e logo após o acordo com o rei Charles V, "alerent à Avignon et le pappe les [as companhias] absolit" (*Chronique normande du XIVe siècle*. Publ. pour la Société de l'histoire de France par Auguste et Émile Molinier, Paris : Librairie Renouard,1882, p.178-179).

[222] *Ordonnances des Rois de France*…,1732, t. 3, p. 435.

[223] Aliás, o argumento financeiro usado contra os mercenários esteve sempre presente nos documentos que analisamos, seja por despesas relacionadas à ação direta das companhias (pilhagens, espoliações e depredações), seja por investimentos em tropas que pudessem combatê-las. Exemplo disso, o decreto derivado da Assembleia dos Estados Gerais, reunida em Chartres em julho de 1367, em que Charles V afirma que o pagamento do resgate de Jean II, Le Bon, feito prisioneiro em Poitiers em 1356, não havia ainda sido totalmente quitado por causa das despesas com as operações dos compagnons: "la redemption de feu nostre très cher Seigneur & Pere, de laquelle le payement n'est pas encores parfaict [...] se ne fussent les nouvelles qui des Compaignes Nous sont venuës" (*Mandements et actes divers de Charles V...*, 1874, p. 151; *Ordonnances des Rois de France...*,1736, t. 5, p. 17).

Além desses exemplos, é o ordenamento régio de 29 de agosto de 1366[224], despachado sob Charles V, que nos fornece um elemento bem contundente do que gostaríamos de demonstrar. Referindo-se claramente a cavaleiros e escudeiros, sujeitos ou não ao reino francês, que haviam cometido ali excessos tais como, assassinatos, roubos, estupros, incêndios, latrocínios e outros malefícios estando em *companhias* ou não, estes teriam sido *banidos* para fora do reino da França e agora teriam a oportunidade de arrepender-se para servir lealmente ao rei e ao reino:

> Vários Cavaleiros, Escudeiros e outros, nossos sujeitos e outros, dos quais alguns foram banidos para fora de nosso Reino por seus excessos e deméritos, por terem feito ou cometido vários crimes e delitos em nosso Reino [...] estes ou alguns deles, se tiverem boa vontade e grande desejo de Nos servir e de se tornarem nossos leais vassalos, sujeitos e amigos, arrependendo-se do que cometeram contra Nós: Decretamos que, daremos graça àqueles que em atitude de arrependimento e humilhação vierem a Nós [...] em proveito do bem comum de nosso Reino[225].

A partir do que nos diz essa fonte, os componentes das companhias eram considerados indivíduos cujas atitudes haviam atraído a atenção do monarca, e havendo uma demanda dos serviços que esses mesmos homens eram capazes de prestar, aliou-se a necessidade ao benefício. Estava assim legitimada a campanha das Grandes Companhias em terras castelhanas, livrando ao mesmo tempo, o território francês dos malfeitos dos *compagnons* que cumpririam uma pena de banimento pelos crimes outrora cometidos.

Alguns anos mais tarde, após o sucesso da campanha, em 1371, o mesmo Charles V, em um ato reconhecendo os bons serviços de Du Guesclin, fez "saber que, por consideração do bom e proveitoso serviço que nosso condestável nos fez quando ele conduziu as ditas gentes das companhias *para fora* de nosso reino", outorgou-lhe remuneração e também perdão de algumas dívidas[226]. Ainda que o banimento que sofreram os mercenários enviados a Castela não tenha sido perpétuo, mas temporário, ele pode ser considerado uma punição suficiente para aquele momento por que passava a o reino francês. Cabe lembrar que a França havia acordado paz com Eduardo III, no entanto,

---

[224] Vale ressaltar que as tropas reunidas por Du Guesclin haviam deixado a França em novembro de 1365.
[225] « Comme plusieurs Chevaliers, Escuïers & autres nos subgès, & autres, dont les aucuns ont esté banniz hors de nostre Royaume, par leurs excès & demerites, aient fait & commis plusieurs crimes & deliz en nostredit Royaume […] eulx ou aucuns d'eulz aïent bonne voulenté & grant desir de Nous servir & de devenir noz loyaulx vassaux, subgès & amiz, repentans de ce que il ont commiz & meffait envers Nous, comme Nous avons entendu : Savoir faisons que Nous voulans faire grace à ceulz qui en repentence & en humilité le Nous requierent […] au proffit du bien commun de nostre Royaume », *Ordonnances des Rois de France…*, 1734, t. 4, p. 681-682.
[226] *Mandements et actes divers de Charles V…*, 1874, p. 438.

este rei ao descumprir as cláusulas do Tratado de Brétigny, isto é, não auxiliando a França a liberar fortalezas e castelos tomados por homens de guerra ingleses, como já dissemos[227], Eduardo III suscitou uma nova investida da França com a campanha das Grandes Companhias, numa bem organizada contrapartida nos embates da Guerra dos Cem Anos, mesmo que em segundo plano.

Ademais, para além dessa documentação oficial, há menções sobre as decisões régias e eclesiásticas referentes às companhias entre 1365 e 1369 nas crônicas históricas. A grande parte desses textos nos informa apenas sobre a aliança feita entre Charles V, o papa Urbano V e o rei de Aragão para combater Pedro I, ou seja, o rei que, por sua má conduta, justificaria uma investida dessa magnitude, já alguns outros nos fornecem detalhes sobre o comissionamento das companhias. É preciso considerar, porém, que má conduta não era comportamento raro nos príncipes, o que nos leva a desconfiar do relato dos cronistas em suavizar a investida contra um soberano legítimo[228]. Estão nas narrativas desses cronistas, os usos recorrentes de verbos e substantivos que remetem a *exílio, banimento, levar para longe e para fora do reino*; dentre eles, Cuvelier, como podemos perceber com os versos a seguir:

> Apesar de si mesmos, fazemos deles prudentes,
> Conduzimo-los logo em exílio certamente,
> A fim de que não façam mal às gentes tementes[229].
> (*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 8564-8566)[230]

Cuvelier coloca nos lábios de Du Guesclin, o chefe designado das companhias, a punição deferida aos *compagnons*, o "*essilement*", como uma pena de expiação, pois subentende-se que ao torná-los "homens de bem" voltariam a ser aceitos no âmbito da sociedade guerreira legítima do reino da França e da cristandade. Da mesma forma, Cuvelier colocaria seu herói, Du Guesclin, como o instrumento benfazejo do papa para

---

[227] Conferir o artigo 29 do Tratado de Brétigny: "Rex Angliae faciet liberari, suis Expensis, Fortalitia quae, per ipsum Tractatum, debent pertinere Regi Franciae" (*Foedera, conventiones, literae, et cujuscunque generis acta publica : inter reges Angliae, et alios quosvis imperatores, reges, pontifices, principes, vel communitates, ab ineunte saeculo duodecimo, viz. ab anno 1101, ad nostra usque tempora, habita aut tractata : ex autographis, infra secretiores*. Publicada por RYMER, T. Londres :J. Tonson, t. III, 1740, p.191).

[228] Mesmo que a legitimidade de Henrique Trastâmara, como descendente de Sancho IV, também fosse por sua vez alvo de debates.

[229] Como se pode observar na nota que segue com o original do texto de Cuvelier, traduzimos "gentes cristãs" por "gentes tementes, para uma melhor adequação da rima, no entanto, o uso do vocábulo por Cuvelier denota seu trabalho em descaracterizar a investida de cristãos contra cristãos, uma dificuldade a mais ao defender os princípios de uma guerra justa, assim como ocorreu em Auray.

[230] « Nous les faisons preudons maugré eulz vrayment,
Nous les menons trestouz en droit essilement,
Afin que mal ne facent a crestienne gent. »

que esses homens se redimissem como desejava Charles V, conforme o ordenamento que vimos há pouco.

Outros cronistas, todos coetâneos de Cuvelier, como Froissart; o autor anônimo da *Chronique des quatre premiers Valois*; o autor também anônimo da crônica em prosa sobre Du Guesclin e Christine de Pizan, usam expressões que designam o banimento das companhias configurando o acerto entre o rei Charles V e o papa Urbano V: "*mettre (de)hors*"; "*être dehors*"; "*être osté de son royaume*"; "*envoyer hors*", etc.

Nem mesmo os autores líricos deixaram de criticar os malfeitos das companhias, assim fizeram, por exemplo Guillaume de Machaut (1300-1377) e Eustache Deschamps (1346-1407), seu discípulo. Aliás, os versos dos poetas do tardo-medievo informam muito sobre os acontecimentos, pois acreditamos que revelam detalhes sobre os comportamentos sociais, os costumes e a história daquele período[231]. Podemos notar isso nos versos de Machaut, quando o poeta "denuncia também a situação política e social instável: os impostos excessivos, a insegurança das estradas por causa das Grandes Companhias, elementos que agravam as relações com a dama" desejada[232], problema amoroso que Machaut atribui diretamente aos problemas políticos do reino:

> Ora, vem a Grande Companhia
> [...]
> Assim, o país é pilhado,
> Todo destruído e devastado.
> Com isso, eles nos consomem,
> Estrangulam-nos e matam;
> E tão grande é a mortandade.
> Em todo burgo, vila e cidade.
> (*Le Livre du Voir-Dit*, v. 5190-5198)[233]

Deschamps também tece suas críticas às companhias, referindo-se aos *routiers* como aqueles que têm a pior ocupação do mundo:

> Creio que de todas as labutas,
> No estado deste mundo presente,

---

[231] Concordamos com a abordagem da pesquisadora e professora de História Medieval, Drª Marcella L. Guimarães, que aborda em seus trabalhos a poesia do período tardo-medieval como elemento que pode auxiliar a atividade do historiador, já que ela aproveita da "experiência pessoal" do poeta, sendo "a expressão do seu pensamento, da avaliação crítica do seu mundo" (GUIMARÃES, M.L.,Sintomas de renovação na poética tardo-medieval, inédito).

[232] CORBELLARI, A. ; TILLIETTE, J.-Y. *Le rêve médiéval*. Génève : Droz, 2007, p. 211.

[233] "Or y revient la Grant-compagne
[…]
Si, que li païs est pilliés,
Tous gastés & tous essiliés.
Avec ce, li leu nous menguent,
Qui nous estranglent & nous tuent ;
Et s'est si grans mortalités
En bours, en villes, & en cités »

Seja esta a mais duvidosa, mais do que a dos agiotas,
Esta que toma para si muita gente:
Armar-se e seguir o intento
De má reputação e de maldade
De destruição e de tormento
Quem sábio é não tem essa vontade.

No envio ao fim do poema, que revela a quem o poeta se dirige ao compor sua balada, o eu lírico diz ao príncipe, ao monarca francês:

Príncipe, vejo todos estes na iniquidade
Todos os que tal guerra perseguiram,
No mal todos eles acabaram:
Quem sábio é não tem essa vontade.[234]

O que consideraram esses poetas sobre os *compagnons* vai ao encontro do que encontramos nas fontes junto à documentação oficial e às crônicas históricas, o que isso nos diz? Podemos afirmar que a ação das companhias afetou todos os grupos sociais daquele período, provocando em cada um deles uma reação, da parte dos poetas alguns versos que chegassem aos ouvidos e lábios da corte, ainda que não tivesse um alcance político direto; do papa, o apelo à cruzada e da parte do rei, a investida bélica que mostrasse a todos que as exigências livrariam o reino de soldados que praticavam ações maléficas ao povo, bem como garantiria alianças militares fundamentais com Castela no estado de guerra por que passava o reino francês.

Obviamente, podemos questionar o esforço de Cuvelier em heroicizar todas as medidas tomadas por Du Guesclin que, não obstante por vezes pouco cavaleirescas, segundo os versos do trovador sempre o levaram a bom termo. E se os percalços sofridos não foram poucos, só aumentaram o seu valor. Daí a necessidade de amenizar a perversidade das companhias para que fossem dignas de seu capitão. Mais uma vez relacionamos a convocação de Du Guesclin a homens de companhias como um recurso a uma *arrière-ban*, grupo de sub-vassalos que prestavam serviço aos senhores e se

---

[234] « Je ne croy pas que de touz les mestiers
Et les estas de ce monde present,
Soit plus doubteus, non pas des usuriers,
Comme est celi que prannent mainte gent :
C'est d'eulx armer et suir le tourment
D'exil de corps en convoiteuse vie,
En mal renom et en tout dampnement.
[…]
Prince, je voy hair communement
Tous ceuls qui ont tel guerre poursuie,
Et mal finer ; pour ce vois concluent :
Qui saiges est, n'ait de ce faire envie ! »
Œuvres Complètes, Ed. Marquis de Queux de St-Hilaire, 1878, t. 1, p. 76

remetiam a eles, já transformada pelas novas necessidades daquele conflito. Assim era legitimada uma atuação que havia ocorrido e voltaria de Castela vitoriosa e que agora, no momento da escrita, informava ao jovem rei Charles VI das possibilidades de uma cavalaria cuja maior contribuição estaria em assegurar a soberania do rei e não mais defender uma linhagem.

Como não bastava retirar as companhias do reino, era preciso uma finalidade de "guerra justa"[235] para as ações das companhias em terras castelhanas, é nesse sentido que as atitudes do rei castelhano Pedro I serviram perfeitamente aos argumentos do papa. Aliás, as companhias receberam o nome de *Companhias Brancas*, pelo fato de seus membros levarem sobre a túnica uma cruz dessa cor[236].

Note-se a tentativa, digamos bem-sucedida de para aquela ocasião específica, mudar a imagem que se tinha das companhias. Vemos que, os *routiers*,

> No meio das gentes de guerra, tinham seu lugar e contribuíram para a abertura da carreira das armas aos não-nobres. Alguns admiravam sua ajuda. Mas o povo e o clero os consideravam como "filhos de Satan". Eles encarnavam de algum modo a parte sombria da Guerra dos Cem Anos, um conflito que foi controlado apenas parcialmente pelos Estados[237].

Pedro I, o Cruel, recebeu o epíteto depois que seus métodos controversos e violentos foram analisados pela historiografia com o passar do tempo, muito embora o irmão bastardo Henrique tenha se referido a Pedro como o rei cujo "Sennorio tam Cruel, y tam Duro, y tam Peligroso" merecia ser deposto. Esses adjetivos aparecem na resposta de Henrique à carta do Príncipe de Gales na véspera da batalha de Nájera como veremos mais adiante[238]. A mitificação de Pedro como o Cruel nos foi legada pelo cronista oficial da casa Trastâmara, Pero Lopez de Ayala, portanto, é uma voz de que havemos de desconfiar, muito embora a carta de que falamos acima, tenha nos dado indícios de que

---

[235] Retomando a noção de guerra justa evocada por Cícero e reexaminada por Santo Agostinho, o período tardo-medieval compreendia que se tratava de uma guerra proclamada por uma autoridade; que servisse aos princípios cristãos, ou seja, reparasse uma injustiça e tivesse uma finalidade justa, sem "espírito de vingança nem de crueldade", e que respeitasse os dias próprios para os embates, evitando-se os domingos e dias santificados (CONTAMINE, P. Guerre. In: GAUVARD, C. ; LIBERA, A. ZINK, M. *Dictionnaire du Moyen Âge*…, 2002, p. 619).

[236] A crônica em prosa sobre Du Guesclin reporta esse detalhe da seguinte maneira: "Lesquels au partir d'Arragon prindrent chacun la croix blance. Et pourtant les appelloit-on la Blance Compengne" (*Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin, Connestable de France, Duc de Molina, Comte de Longueville & de Burgos*. Paris : Ed. Claude Ménard, 1618, p. 183).

[237] " Dans le milieu des gens de guerre, ils avaient leur place et contribuèrent à l'ouverture de la carrière des armes aux non nobles. Certains admiraient leurs coups de main. Mais le peuple et le clergé les considéraient comme des « fils de Satan ». Ils incarnaient en quelque sorte la part d'ombre de la guerre de Cent Ans, un conflit qui ne fut contrôlé que partiellement par les États ». BUTAUD. G. *Les Compagnies de routiers en France 1357-1393*. Clermont-Ferrant : Lemme edit, 2012, p. 93.

[238] *Foedera, Conventiones, Literae et Cujuscunque generis, Acta publica inter Reges Angliae et alios quosvis Imperatore, Reges, Pontifices, Principes, Vel Comunitates*. T. Rymer, 1740, 1740, t. 3, p. 132.

já naquele contexto reforçar a ideia da crueldade de Pedro tenha favorecido e muito seus adversários.

Além disso, havia a acusação de que Pedro encomendara a morte da rainha[239] cujo algoz havia sido um judeu: escândalo no Ocidente latino cristão. As crônicas exploram bem esse episódio e com frequência remetem a ele a principal razão de Charles V e Urbano V financiarem a viagem de Du Guesclin e suas mesnadas a Castela.

Passaremos a seguir ao relato de como, segundo as fontes, se sucederam as principais atuações de Du Guesclin em Castela, nas batalhas que opuseram as hostes trastamaristas e pedristas em Nájera e Montiel.

2.5.2) Intrépido prisioneiro e fiel aos Valois : as batalhas de Nájera e Montiel

Em fevereiro de 1366, Henrique Trastâmara, sabedor de que os reforços das Grandes Companhias estavam a caminho, devido provavelmente a um acordo prévio com Charles V, partiu para Aragão, a Barcelona, para encontrá-las, e segundo Pero Lopez de Ayala, permaneceu ali durante todo aquele mês. Ao entrarem em Castela, Henrique e as companhias lideradas por Bertrand Du Guesclin percorriam as cidades a fim de sujeitá-las e em Calahorra, foi aclamado rei pela primeira vez, começava assim a dinastia trastamarista. Dali, era importante chegar a Burgos, a cidade da sagração ao trono castelhano. Enquanto o novo rei fazia seu percurso, Pedro I se adiantava em fugir, evitando embates diretos, pois não parecia poder conter as gentes das companhias com as hostes que ora o acompanhavam, por isso, deixou Burgos e partiu a Toledo acompanhado de seus sujeitos e de 600 sarracenos.

Após ser coroado, Henrique distribuiu dotes aos que o apoiavam e a Du Guesclin, por exemplo, outorgou o condado de Trastâmara, passando-lhe o título que usara até aquele momento. A coroação de Henrique, se por um lado agraciou muitos senhores da

[239] Blanche de Bourbon (1339-1361), a rainha castelhana, era irmã da rainha francesa, Jeanne de Bourbon, esposa de Charles V. Pero Lopez de Ayala relata o assassinato da rainha sustentando a atuação de Pedro I, ou seja, o rei havia mesmo encomendado sua morte, primeiramente ordenando que lhe dessem ervas, a que não aquiesceram, e depois que um besteiro lhe desferisse um golpe mortal, Juan Perez de Rebolledo, que foi entregue a um parente da vítima, durante a perseguição de Henrique a Pedro com a ajuda de Du Guesclin, em 1366, sendo o algoz enforcado logo em seguida. Antes disso, porém, Ayala contara que Pedro havia passado apenas alguns poucos dias em companhia da rainha, em 1353, e que depois disso não a vira mais (LOPEZ DE AYALA, Pero. *Cronicas de los reyes...,* 1779, t. 1, p. 105). Ademais, Pedro já havia sido por muitas vezes admoestado pelo Papa Inocêncio VI a se arrepender do adultério e cuidar de Blanche, sob pena de excomunhão. Outras observações sobre a morte de Blanche, ver LAPLANE, G. La mort de Blanche de Bourbon. Essai d'interprétation d'un cas historique. *Bulletin Hispanique*, 1964, vol. 66, n. 1, p. 5-16.

nobreza territorial, por outro, acirrou os ânimos de Pedro fazendo com que este buscasse reforços dentro e fora de Castela, ampliando a crise econômica, social e política em que se encontrava o reino ibérico.

Cuvelier assenta que Henrique deveria ser rei em Castela, para isso evoca alguns argumentos, entre eles, *vox populi vox Dei*, era a vontade de povo, segundo o trovador:

> E dizia o maior dentre os maiores
> Que era grande pena que Pedro reinasse
> E que Henrique não fosse rei, todos o desejavam
> E havia um dizer, dito há muito tempo
> A voz do povo comum que pelo mundo está.
> É a voz de Deus que o mundo criou.
> (*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 7589-7594)[240]

Cuvelier justificada a guerra contra Pedro I de Castela, encontrando legitimidade para o empreendimento fatricida tanto na voz do povo, quanto nas alianças que haviam sido acordadas com o casamento entre Pedro e Blanche de Bourbon[241], isentando o pai de Charles V de não ter cumprido as partes que lhe cabiam no acordo, e por conseguinte a dinastia dos Valois de ser manchada pela falta de palavra do pai do rei sábio.

No reino dividido de Castela houve ainda mais dissensões, pois, os dois monarcas irmãos detinham dentro do território castelhano um apoio frágil que não lhes garantia a vitória, somente com o respaldo externo é que a primeira grande batalha da guerra civil de Castela tomou lugar, em Nájera, após um ano da coroação de Henrique em Burgos. Vejamos primeiramente, como se deu a aliança entre Pedro e o Príncipe de Gales, Eduardo de Woodstock, filho de Eduardo III, rei da Inglaterra, aquele que, nas palavras de Cuvelier, representava a flor da cavalaria, e viriam dos lábios do próprio Pedro as lisonjas:

> Senhor, digo-vos, sem lisonjaria,
> Como ao soberano e de real família
> Que no mundo vive e o céu confirma
> Quando me queixo a vós, ouvi-me
> Que à Honra me queixo, flor da cavalaria,
> À espada dos valentes que cada um refugia

---

[240] « Et disoient li plus des plus grans qu'il y a
Que c'estoit grant pité que Pietres tant resna,
Et que Henriz n'yert roys ; chascun le desira.
Et on dit un parler, et l'a on dit pieça,
La voix du cunmum peuple qui par le monde va,
Que c'est la voix de Dieu, qui le monde crea ».

[241] Ao firmarem aliança através do casamento de Pedro e Blanche, Jean II le Bon e a mãe de Pedro, Maria de Portugal, viúva de Anfonso XI, haviam acordado pagamento de dotes e transmissão de territórios. O que se aventa foi que o não pagamento por parte do rei francês teria feito com que Pedro já repudiasse a esposa, pedindo ao papa que anulasse seu casamento, como o pedido não foi atendido prontamente, Pedro teria abandonado a esposa após poucos dias de matrimônio.

Àquele que por direito tem a soberania
De todos os cavaleiros, a chave e a mestria
Proeza, valentia, largueza e cortesia.
(*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 11562-11570)[242]

Vale ressaltar aqui que Cuvelier, mais uma vez exalta as qualidades do inimigo de Du Guesclin, buscando justificar, no caso, a derrota honrosa de seu herói a um oponente de grande valor. Além disso, o trovador agrava ainda mais as consequências nefastas do comportamento de Pedro, pois este não manteria a palavra diante daquele que representava tão bem os valores cavaleirescos da época. No entanto, se havia uma falha no Príncipe de Gales, seria o orgulho. Vemos que a construção da narrativa em Cuvelier sempre busca justificar os percalços por que seu herói passou, segundo um retrato bem construído de seus inimigos e que assim manteria quase que imaculada uma imagem de Du Guesclin que muito contribuiu para sua mitificação de cavaleiro modelo.

Alianças firmadas entre Pedro, Charles de Navarra e o Príncipe Negro, após quase três meses de espera, de dezembro de 1366 a fevereiro de 1367, as tropas seguiram viagem. Eram quatro as batalhas do Príncipe e Pedro, organizadas da seguinte forma, ainda segundo o arauto de Chandos, testemunha que julgamos ser bastante fidedigna: a vanguarda com 10 mil cavalos sob o comando do condestável John Chandos, acompanhada de um grupamento liderado por Guillaume Felton[243]. A batalha do centro se apresentava com 20 mil homens e era encabeçada pelo Príncipe, seguido de Pedro, do irmão do rei de Navarra, do senhor de Aubrecicourt, de Olivier de Clisson e de Robert Knolles. Já a retaguarda vinha conduzida pelo rei de Maiorca seguido do conde de Armagnac e a eles foram acrescentadas as tropas do senhor de d'Albret e do Captal de Buch, o vencido de Cocherel, estes últimos com 200 homens cada um. No total, as hostes

---

[242] « Sire, j ele vous di sans nulle flaterie,
Comme au plus souffisant et de royal lignie
Qui soit au mons vivans tant con li cieux tournie.
Quant je m'en plaing a vous, je vous acertifie
Qu'a Honnour je me plaing, fleur de chevalerie,
A l'espee des preux ou chascuns se ralie,
A celui qui de droit porte la seignorie
De touz les chevaliers, la clef et la maistrie,
Proesce, hardement, largesce et courtoisie ».

[243] Em 1363, ainda durante a Guerra de Sucessão da Bretanha, Du Guesclin foi cedido como prisioneiro segundo o acordo de Tréguas de Landes de Évran e deveria cumprir o tratado entregando-se a Robert Knolles e permanecendo ali um mês, provavelmente em Niort, na Aquitânia, domínio inglês, onde Guillaume Felton era governador-geral do Poitou. No entanto, havendo discordância com relação ao tempo em que permaneceria prisioneiro, a partida de Du Guesclin gerou uma circunstância bastante delicada, sendo levada ao Parlamento de Paris, cuja decisão de fevereiro de 1364 impediu que o desafio lançado a Du Guesclin por Felton, sob a forma de um duelo judicial, ocorresse (MINOIS, G. *Du Guesclin*..., 1993, p. 173-179).

anglo-castelhanas somavam por volta de 30 mil combatentes a pé e a cavalo, no entanto, algumas crônicas consideram separadamente os besteiros genoveses, o que acaba dificultando um pouco a contagem dos contingentes, além de haver sensíveis discrepâncias entre os números apresentados por elas[244].

Em seguida, saindo de Logroño em direção a Navarrete, as hostes anglo-castelhanas saem em formação para o agora inevitável confronto. Alcançando as paragens de Navarrete, uma última tentativa de acordo foi, entretanto, empreendida pelo Príncipe ao enviar dali uma carta a Henrique numa quinta-feira, 1º de abril de 1367. O teor da missiva gira em torno dos apelos e das razões de Pedro para reaver a coroa, pois era o sucessor legítimo de Afonso XI, e igualmente em torno da vontade expressa do príncipe inglês de evitar o "derramamento de sangue de cristãos", mas para isso Henrique deveria aceitá-lo como intermediador para paz com Pedro que continuaria sobre o trono de Castela. A resposta de Henrique não foi outra senão a de que não aceitaria a paz proposta pelo Príncipe:

> […] Y no nos parece que aueys sido bien informado, de como es nuestro Adversario, en los tiempos passados, que tuuo estos Reynos, y los Rigio, en tal manera, que todos los, que lo saben, se pueden de ello maravillar; Porque tanto el aya seydo suffrido, en el Sennorio, que tuno Ca, todos los de Castilla y de Lion, con muy Grandes Trabajos, y Dannos, y Pelligros, y Muertes, y Manzillas sostunieron las obras que el hizo, hasta aqui y no lo pudieron mas encubrir ni suffrir; Las quales Obras serian assaz luengas de contar […] Y estando todos con el para lo Ayudar, y para defender los dichos Reynos, en la Ciudad de Burgos, Dios dio sentencia contra el, quel, de su propria voluntad, la desauparasse y se fuesse, Y todos los de los Reynos de Castilla y de Leon huuieron dende grande plazer, teniendo que Dios los auia embiado su Misericordia, para los Librar del su Sennorio, tam Cruel, y tam Duro, y tam Peligroso […] Y todos de los dichos Reynos, de su voluntad propria, vinieron a nos tornar por su Rey y Sennor, assi Prelados como Cavalleros, y Hijos dalgo, como Ciudades y Villas, Por tanto entendemos, por estas cosas sobredichas, que esto, que fue obra de Dios, y de todos los delos dichos Reynos, nos fue dado. Y porende vos no aue des razon ninguna de nos Estoruar ca. Si Batalla huuiere de ser, sabe Dios que a mi desplaze dello, empero no podemos escusar de poner nostro Cuerpo en Defension destos Reynos, a quien tanto tenudos somos, contra Qualquier que contra ello quisiereser. Porende vos Rogamos y Requerimos, con Dios, y con el Apostel Sant Jago, que vos no querays entrar assi Poderosamente en estos Reynos, haciendo en ellos Danno alguno, y vos haziendolo assi podemos escusar el Danno, y en outra guisa no podemos escusar de los Defender […][245].

---

[244] A *Chronique normande* menciona 16 mil homens de armas com o Príncipe; a *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, 17 mil; a sua correspondente em prosa, 27 mil; Pero Lopez de Ayala, 10 mil homens de armas e mais os arqueiros; a *Chronique des quatre premiers Valois*, 20 mil homens, já Henri Knyghton, 3600 lanças. Tantas discrepâncias nos levam a desconfiar dos números absolutos apontados pelas fontes, talvez as cifras mais quebradas sejam as mais próximas da realidade.

[245] *Foedera, conventiones...,* t. 3, 1740, p. 131-132.

A resposta de Henrique foi enviada quando já estava em Nájera e nela o Trastâmara se mostra injuriado pelos feitos de Pedro e não aceita de modo algum resignar-se, afirmando que tem o apoio dos senhores de Castela. Como acreditava ter o auxílio divino a seu lado e buscando mostrar sua valentia, infelizmente, segundo Ayala, que carregava por Henrique o pendão da Banda, este não tomou a melhor decisão e não manteve a vantagem do terreno, já que atravessou o rio Najerilla, afluente do Ebro, e instalou seus efetivos diante da cidade, no campo que ficava entre Nájera e Navarrete. Aquela noite, portanto, seus homens passariam a postos e à primeira hora do dia de sábado uma batalha impiedosa teria lugar.

La bataille de Nájera (3 avril 1367) – CUVELIER, *La chanson de Bertrand Du Guesclin*, British Library, Yates Thompson 35, fº 177 (fin du XIVe s.)

Como podemos observar na iluminura, as armas de Du Guesclin podem ser vistas ao centro da batalha, portanto bastante valorizadas pelo artista. Todavia, o embate se mostra confuso contra vários soldados sarracenos, identificados pela pele mais escura e os turbantes, e que se servem de lanças e trompetes, presença que referendaria o chamado do papa a uma cruzada. Além disso, supõem-se pela imagem, o desfecho sangrento do combate em campo aberto.

Um pouco antes da batalha, Ayala afirma que todo o pelotão do pendão de Santo Estevão do Porto abandonou Henrique e juntou-se à parte de Pedro, seria a primeira perda

do grande efetivo que as crônicas afirmam estar ao lado de Henrique[246]. A linha de frente, composta por Don Sancho, Du Guesclin, os cavaleiros do Pendão da Banda e os homens a pé, partiu ao embate contra Lencastre e John Chandos. Já nesse primeiro encontro a batalha se revela duríssima, pois deixando as lanças, partiram ao ataque com as machadas e adagas, numa luta corpo a corpo. Nesse momento, apesar de parecer que os do Príncipe recuavam dando vantagem aos homens de Henrique para atacar com mais veemência, Don Telo abandona o irmão e foge do campo com seus homens que compunham a batalha à mão esquerda, o que acarretou em graves consequências. Ao perceber a fuga, os da esquerda e direita do Príncipe atacaram a vanguarda de Henrique, onde Du Guesclin, Audrehem e o Bègues de Villaines tentavam conter os ingleses. Os homens de Henrique não o seguem para defender a linha de frente e mais uma vez o novo rei sofre perdas em seus pelotões. Não havendo outra alternativa, ele mesmo por sua vez abandonou o combate e fugiu para salvar a vida.

A vitória da coalizão entre Pedro I e Príncipe de Gales foi absoluta, pois apenas alguns poucos de seus homens caíram no campo naquele dia, já Henrique perdeu aos milhares. Os que não foram mortos, foram feitos prisioneiros, entre eles o cronista Pero Lopez de Ayala e com ele, outros como Don Sancho, o marechal Audrehem, o Bègues de Villaines, o conde Denia e Du Guesclin, levado a Bordeaux. Ayala prossegue ainda dizendo que Pedro matou ou fez matar alguns bons cavaleiros de Castela que lhe haviam sido entregues ao cumprir-se o artigo do tratado de que falamos acima.

Ainda que a vitória petrista na batalha de Nájera não tenha tido desdobramentos a longo prazo, cabe ressaltar, como faz a historiadora Covadonga Valdaliso, que a "batalha indagou reflexões de seus coetâneos" e não apenas dos cronistas, mas sobretudo dos atores nela envolvidos[247]. Todavia, ainda seguindo o raciocínio da pesquisadora, esses documentos não servem como narrativas, são as crônicas que fornecem à historiografia os indícios de como essa batalha foi reconstruída segundo um esforço de memória[248].

Como bem lembra a historiadora M. L. Guimarães, Ayala narrou os trágicos acontecimentos da batalha de Nájera sabedor da continuidade feliz de que seria agraciado

---

[246] Assim como a contagem dos efetivos anglo-castelhanos se mostra confusa segundo as fontes, os efetivos elencados de Henrique variam entre 1000 e 100 mil homens de armas, entre cavaleiros, homens a pé, besteiros e arqueiros.

[247] Como a carta do Príncipe de Gales enviada a sua esposa em 5 de abril de 1367 com algumas considerações sobre o embate.

[248] VALDALISO, C. Construcciones de la memoria: la batalla de Nájera en las crónicas de la época. in *VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média*. Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaça, Batalha, 2009. V. II. p. 295-308.

Henrique, partido defendido pelo cronista, que via nesse combate apenas a "antessala de uma vitória muito maior para si: Montiel"[249].

Como podemos nos perguntar, Cuvelier empregou centenas de versos para contextualizar a batalha de Nájera, por que teria se esforçado tanto para isso? Ao inventar diálogos, descrever os inimigos do partido de Henrique como infiéis, atribuir a Pedro um caráter em nada elogioso, percebemos que talvez a campanha castelhana ainda pudesse suscitar controvérsias entre seus contemporâneos. Era necessário à glória do condestável que a derrota em Nájera fosse envolvida em complôs e má conduta por parte de inimigos tão inclementes, assim como foi retratado o Príncipe de Gales, apesar de uma introdução de enaltecimento de sua cavalaria, como vimos nos versos 11569-11570. Somente assim a honra do condestável seria preservada e justificada a sua captura. Em momento algum, o público de Cuvelier seria levado a pensar que a campanha se tratava de um ultraje ao rei legítimo de Castela, muito pelo contrário. Assim como o trovador tecia a Du Guesclin um perfil de salvador dos territórios perdidos do reino francês, libertador de um povo oprimido pelas investidas inglesas, por que não dar a ele o mesmo papel em terras estrangeiras? Isso só aumentaria ainda mais a fama do condestável lembrado nos versos de Cuvelier como um grande herói de combate, em quem se encontravam reunidos todos os atributos de um "melhor cavaleiro do mundo", a "fina flor da cavalaria", e não de qualquer cavalaria, como a do Príncipe, por exemplo, mas daquela que servia ao rei e ao reino franceses como um corpo militar distinto.

Dos eventos que se seguiram à batalha de Nájera, é para nós a remição de Du Guesclin o mais relevante. Como prisioneiro, Cuvelier afirma que o bretão só aceitou entregar-se ao Príncipe e sob sua guarda permaneceria alguns meses, "Rendo-me ao Príncipe, porque é o mais valente! ". A negociação de seu pagamento configura-se como um episódio bastante interessante, um tanto divertido, no que se refere à ousadia do cavaleiro e ao renome que passou a ter depois do ocorrido.

Como vemos nos versos de Cuvelier, Du Guesclin teria negociado com o Príncipe pessoalmente, a quantia final da remição foi de 60 mil dobrões de ouro, não sem a surpresa do herdeiro dizendo que por quatro vezes menos o teria liberado ao que Du Guesclin respondeu:

> "Senhor Príncipe, disse ele, Henrique pode celebrar
> Porque sobre Castela sempre há de reinar,
> Rei de Castela será até a morte, custe o que custar;

[249] GUIMARÃES, M.L. A polifonia de Nájera. *Revista Territórios & Fronteiras,* Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014, p. 185.

E de minha remição que a mim cabe quitar,
Pagará a metade, com menos não há de presentear,
E o outro remidor, pela fé em Santo Omar,
Emprestar-me-á o rei que a França há de guardar.
E ainda vos digo, ouso me vangloriar,
Se com esses dois eu não puder contar,
Das fiandeiras da França que trabalham a fiar
Ganharei minha remição como o fio a trabalhar,
Pois sei que de vós elas querem me libertar".
Quando o Príncipe o ouviu, pôs-se logo a falar:
"Que homem é este que vejo aqui estar?
Não hesita nem um pouco em feito ou pensar,
Que tenha logo o ouro que está além-mar
Assim que se ponha a governar;
Em remição está, devemos bem recordar,
Sessenta mil dobrões! Onde irá encontrar?
Eu o teria deixado bem por dez mil se retirar".
(*La Chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 14546-14565)[250]

A ordem real expedida por Charles V em janeiro de 1371, indica que de fato o rei francês se encarregou de quitar ao menos uma parte da remição de Du Guesclin, a soma aventada no documento é de 30 mil dobrões de Castela que o rei fez pagar "por ele [Du Guesclin] como resgate ao Príncipe de Gales de quem havia sido feito prisioneiro na batalha em Castela"[251]. Ao ser posto em liberdade, deixando os domínios da Inglaterra

---

[250] « Sire princes, dist il, Henrys se peut vanter
Que d'Espaigne voura tousjours roy demourer,
Roy d'Espaigne moura, quoy qu'il doie couster ;
Et de ma raençon qu'il me convient trouver,
Paiera la moitié, mains ne lui peut couster,
Et l'autre remanant, foy que doy saint Omer,
Me prestera li rois qui France doir garder.
Et de tout vous di bien, je m'en ose vanter,
Que se je ne pouoye a ses deux cy aller,
N'a filleresse en France pour filé labourer
Qui ne gaignast ainçois ma finance a filer,
Qu'elles ne me voulsisent hors de vos las oster. »
Quant li princes l'oÿ, adonc dist sans cesser :
« Quel honme es ce ci que je voy cy ester ?
Ne s'esbahist noient plus en fait ne en penser,
Qu'il eüst trestout l'or qui est oultre la mer
Ne deça ensement a lui a gouverner ;
A finance c'est mis, c'on doit bien recorder,
Soisante mille doubles ! Ou les poura trouver ?
Je l'en voulsise bien pour X^{m} quitter. »

[251] Nas peças justificativas de seu segundo volume da edição de *La vie vaillant Bertrand Du Guesclin* (1839), em que transcreve a obra em verso de Cuvelier, Ernest Charrière apresenta vários documentos inéditos até então e, entre eles, as ordenanças de Charles V a seu tesoureiro para que pagasse parte da remição de Du Guesclin: seriam dois pagamentos de 15 mil dobrões de Castela destinados ao Príncipe de Gales realizados em abril de 1368, como parte dos 100 mil prometidos por Du Guesclin (*Chronique de Bertrand Du Guesclin* par Cuvelier, Trouvère du XIVe siècle. Publiée pour la première fois par E. Charrière. Collection de Documents Inédits sur l'Histoire de France Publiés par ordre du Roi et Soins du Ministère de l'Instruction Publique, Première Série – Histoire Politique, 2 Tomes. Paris: Firmin-Didot, 1839. p. 405-407; e também *Mandements et Actes divers de Charles V*, 1874, p. 437).

em Bordeaux, Du Guesclin partiu em auxílio do duque de Anjou que colocava cerco em Tarascon, na Provença[252], já nos primeiros meses de 1368.

No ano seguinte, Bertrand Du Guesclin voltaria a Castela para que Henrique pudesse enfrentar mais uma vez o irmão, refugiado em um castelo. O cerco a Montiel duraria apenas uma semana, mas poderia ter ido mais longe, não fosse pela tentativa de fuga de Pedro, motivada em parte pela penúria de seus homens, embora fosse sua obstinada vontade em derrotar o irmão bastardo a força motriz que o levou a empreender a saída frustrada tarde da noite, passando pela muralha de pedras construída pelos homens de Henrique. Sobre esse episódio há controvérsias entre os cronistas, principalmente no que se refere ao papel que Bertrand Du Guesclin teria desempenhado antes e no momento que culminou na morte de Pedro, e se teria recebido ou não certa quantia em dobrões de ouro para deixar Pedro escapar. Sobre isso Cuvelier, convenientemente, silencia dizendo apenas que Pedro havia tentado subornar o Bègue de Villaines ao ser surpreendido no meio da noite[253]. Sob a bandeira de Du Guesclin, na imagem abaixo, está o Bègue de Villaines, conforme o texto de Cuvelier, imagem que veiculada em um dos manuscritos da *Chanson* isenta Du Guesclin de uma atuação mais efetiva na captura do rei castelhano[254], colaborando para a representação de sua passagem por Castela bastante positiva.

---

[252] O duque Louis d'Anjou, conde da Provença (1384-1417), irmão de Charles V, intentava estender sua autoridade sobre o território em direção ao Mediterrâneo e aproveitando da ausência da rainha Jeanne de Nápoles, pôs cerco diante da fortaleza de Tarascon, situada às margens do Rhone, importante rota para o sul, em direção à Península itálica (Cf. http://chateau.tarascon.fr/histoire-chateau.html. Consultado em junho de 2016). Ver também CLAYET-MICHAUD. R. 1388, la dédition de Nice à la Savoie: *Actes du Colloque International de Nice (sept. 1988)*. Paris : Publications de la Sorbonne, 1990, p. 41-43.

[253] O episódio está nos versos 17551 a 17558 da canção de Cuvelier.

[254] Laurence Moal afirma que há várias ilustrações nos manuscritos daquele período que não implicam Du Guesclin na morte de Dom Pedro, pois nem mesmo mostram as armas do bretão. Ver MOAL, L. *Du Guesclin*. Images et histoire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015, p. 83.

Capture de Pierre I (23 mars 1369) – CUVELIER, *La chanson de Bertrand Du Guesclin*, British Library, Yates Thompson 35, fº 246 (fin du XIVᵉ s.)

Muito distante da narrativa de Ayala, o relato de Cuvelier continua com imagens bastante impiedosas ao contar como o corpo de Pedro foi tratado: sua cabeça teria sido estocada em uma lança e levada a Sevilha e seu corpo desnudo teria sido colocado em um saco e pendurado em uma das torres do castelo de Montiel. Tal retrato é deveras cru e está longe da exaltação que Ayala, mesmo pertencente ao campo adversário, registrou em seu texto: na opinião do cronista castelhano, morria um rei de 35 anos de idade, muito ardido, amante de mulheres, bom caçador, esforçado, bom guerreiro e rico homem, mas havia matado muitos pelo reino "por lo qual le vino todo el daño que avedes oido". Assim, ao engrandecer um rei, exaltava o sucessor: Henrique alcançara o seu objetivo e era senhor absoluto de Castela.

Apesar da grande derrota que as hostes franco-castelhanas sofreram em Nájera em 1367, batalha que se configurou como uma das mais importantes da guerra civil castelhana e em que os reforços francês e inglês atuaram como coadjuvantes[255], a vitória em Montiel e a morte de Pedro I em 1369, asseguraram que Henrique fosse aclamado único rei de Castela. Começava assim uma nova dinastia, a dos Trastâmara, apoiada pelo reino da França. Dessa forma, o que se nota é que o banimento a que foram submetidas as companhias se configurou como um empreendimento bem-sucedido, garantindo mais um período de paz nos campos franceses e fortes alianças político-militares. Por exemplo,

[255] Sobre isso consultar GUIMARÃES, M. L. A polifonia de Nájera (1367). *Revista Territórios & Fronteiras,* Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014, p. 189.

ficaria acertado entre Charles V e Henrique que este supriria o reino francês com suas galés, conferindo ao reino a possibilidade de enfrentar os ingleses com um reforço em suas forças marítimas[256].

Todavia a campanha das Grandes Companhias não trouxe apenas benefícios ao reino da França, pois havia sido um empreendimento exitoso também para Du Guesclin pessoalmente, pois havia cumprido a missão designada por Charles V de quem anunciava ser vassalo e a quem jurara obedecer prontamente, estando a seu serviço e honra antes de estar em Castela sob as pagas de Henrique. Assim, segundo Cuvelier, teria dito Du Guesclin ao final da campanha de Montiel:

> Senhor, disse Bertrand que fez por merecer,
> Pela fé, quero ir ao rei Charles ver,
> Irei convosco, pé a pé sem estremecer.
> Gibões farei tecer e baús encher,
> Com armaduras para no combate valer.
> Ouro, prata, joias e nosso estado manter.
> Na cidade não ficarei mais que um anoitecer,
> E estarei no reino que devemos defender.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 18278-18285)[257]

No entanto, Du Guesclin não deixaria a região antes de receber do novo e definitivo rei algumas retribuições, como atesta o documento oficial da atribuição do ducado de Molina que lhe foi conferida por Henrique:

> Nós Dom Henrique pela graça de Deus Rei de Castela [...], reinando junto a Rainha Senhora Jeanne, minha esposa e com o Infante Dom Juan meu filho primeiro herdeiro de nossos reinos de Castela e de Leão, reconhecemos que nosso caro e amado Senhor Bertrand Du Guesclin Conde de Longueville, quando entramos em nosso Reino de Castela e de Leão no ano da era de 1404 [1366], vós, o dito Senhor Bertrand viestes conosco para nos acompanhar e ajudar a reconquistar nossos Reinos e trouxestes a maior tropa de gentes de guerra que pudestes [...]. Nós vos damos por puro dom e por herança, tanto no presente como no porvir, nosso Burgo de Molina, com o Castelo do dito Burgo e o poder de vos nomear Duque de Molina [...][258].

---

[256] Em 8 de junho de 1369, Henrique se compromete a cumprir o que se estabelecera anteriormente quanto do apoio de Charles V na disputa contra Pedro: envio de navios de guerra dentro de dez dias e auxílio em pessoa em qualquer conflito em que a França viesse a se envolver "in Nos & in Personam nostram" (*Foedera, conventiones, literae...,* Publicada por RYMER, T. Londres :J. Tonson, t. VI, 1727, p. 622).

[257] « Sire, ce dist Bertran, qui tant fait a chierir,
Par foy, je vuil aller le roy Charlon veïr,
Et yrai avec vous, pié a pié sans faillir.
Coutes feray troucer et les males emplir,
Armeüres chargier pour estour maintenir,
Or et argent, joyaulx pour nostre estat tenir.
En ville ne vouray plus d'une nuit dormir,
Cy seray ou royaulme que chascun doit chierir. »

[258] "Nous Dom Henry par la grace de Dieu Roy de Castille […], regnant ensemble avec la Royne Dame Jehanne ma femme & avec l'Infant Don Jehan mon fils premier heritier de nos Royaumes de Castille & de

O que se percebe é que Du Guesclin havia conquistado em Castela um status bastante seguro e que lhe garantiria sustento, por que razão voltar à França? Seria sua fidelidade a Charles V tão relevante a ponto de se distanciar de um rei que ora se mostrava tão benevolente? Ambicionava recolher junto aos seus os louros de sua bela e efetiva atuação em Castela? Poderia ele pensar que estaria em suas mãos livrar o reino francês dos ingleses, já que o tratado de Brétigny havia sido quebrado e que as hostilidades haviam sido retomadas? É tarefa difícil conhecer as verdadeiras motivações do cavaleiro, no entanto, como se sabe, Du Guesclin veio a ser escolhido, por eleição, o novo condestável das hostes reais já no ano seguinte, em 1370[259].

Os 10.000 versos compostos por Cuvelier para narrar a campanha em terras ibéricas, na versão de Faucon, apontam para a importância desses episódios na construção de uma imagem do condestável muito favorável à propagação de sua fama ao construir:

> A imagem de Bertrand Du Guesclin como chefe de guerra, exercendo a autoridade guerreira da expedição; conformar sua ação militar ao conjunto das características legitimadoras da guerra justa; enfim [...] legitimar *a posteriori* os abusos de uma guerra sangrenta, sem piedade e, no fim, sem fé nem lei[260].

Mas os fatos que levam a considerar a campanha em Castela como abuso foram todos abafados no discurso de Cuvelier pela legitimidade que a autoridade de Du Guesclin conferida por Charles V proporcionava a suas ações em campo e como eficiente conselheiro de Henrique Trastâmara. Aliás, na *Chanson*, a vitória de Henrique sobre Pedro só se deve ao protagonismo de Du Guesclin quando do ataque em Montiel, pois em

---

Leon, recognoissons que vous nostre cher & bien-amé Messire Bertrand de Glaquen Comte de Longueville, au temps & lors que nous entraîmes en nos Royaumes de Castille & de Leon l'an de l'ere mil quatre cents quatre, vous dit Messire Bertrand vinstes avec nous pour nous accompagner & aider à recouvrir nos Royaumes & amenastes à vostre suite le plus de troupes de gens de guerre que vous peustes […]. Nous vous donnons en pur don & en heritage, tant pour le present, que à toujours, nostre Bourg de Molines, avec le Chasteau dudit Bourg, & pouvoir de vous nommer Duc de Molines […] », *Mémoires pour servir de preuves à l'histoire ecclésiastique et civile de Bretagne tirés des archives de cette province, de celles de France et d'Angleterre, des recueils de plusieurs sçavans antiquaires*, et mis en ordre par Dom Hyacinthe Morice. Paris : Charles Ormont, t. 1, 1742, col. 1629.

[259] Na ode "A Dona Clamença" (*Mémoires pour servir de preuves à l'histoire ecclésiastique et civile de Bretagne*, t. 1, 1742, col. 1616-1620), um poeta, do qual não se sabe o nome, canta à referida dama os feitos dos quatrocentos cavaleiros de Toulouse que acompanharam Du Guesclin à Castela. As 48 sextilhas exaltam o cavaleiro bretão conferindo a ele os créditos por tão exitosa campanha, após "ganhar seis batalhas e em seis meses reconquistar Madrid, Burgos e toda Castela, ainda pôde ver a cabeça de Pedro cortada e enviada a Sevilha", recebendo por recompensa a *connétablie*. É possível situar a composição da ode entre os anos de 1380 e 1389, década em que os feitos de Du Guesclin se difundiram ainda mais após sua morte. Acredita-se que Dona Clamença tenha sido a fundadora de alguns dos prêmios em forma de flor que eram conferidos durante os Jeux Floraux em Toulouse, competição entre poetas que surgira em 1323 e que deu origem à Académie des Jeux Floraux existente até nossos dias (Ver PONSAN, G. *L'Histoire de l'Académie des Jeux Floraux*. Toulouse: Imprimerie de la Veuve, 1764 e o site oficial www.jeuxfloraux.fr. Acesso em junho de 2016).

[260] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*…, p. 265.

Nájera pouco pudera fazer o condestável. Era preciso enfatizar a justiça de se tirar um rei mau e tirano do poder e não deixar que uma participação no fatricídio manchasse a memória de Du Guesclin.

2.6) Du Guesclin, condestável das hostes régias (2 de outubro de 1370)

Estando ainda em terras ibéricas, Du Guesclin teria recebido várias mensagens de Charles V convocando-o a retornar ao reino da França, novamente atacado pelas forças inglesas. No entanto, houve certa demora em atender ao rei, o que não parece muito coerente com a imagem de vassalo tão dedicado quanto àquela que a historiografia buscou cristalizar ao eleger seus heróis[261].

A menção à insistência do rei ao enviar ao cavaleiro pelo menos cinco mensageiros, é relatada por Cuvelier de modo bastante peculiar, pois a reação de Du Guesclin ao receber o quinto enviado do rei, o marechal Audrehem, não foi exatamente a de obedecer calado e prontamente, senão de criticar a falta de iniciativa do rei em reunir homens para combater os ingleses:

> Disse Bertrand, por meu juramento sagrado!
> Vós sois o quinto mensageiro enviado
> Pelo rei a quem sou subordinado
> Mas a quem não obedeci dedicado
> Não valho, nem devo assim ser achado,
> A honra que o bom rei tem me dado.
> [...]
> Em Castela, tenho muito realizado,
> Pelo rei Henrique, lealmente amado,
> Quanto pela terra com que fui presenteado.
> Assim sou fiel, não ficarei calado.
> Por que o rei não fez nobre chamado
> De vinte ou trinta mil soldados
> E que um bom capitão os tenha comandado
> Para combater esse bando tão malvado?
> (*La Chanson de Bertrand du Guesclin*, v. 18250-18265)[262]

---

[261] A tradição oitocentista legou a Du Guesclin uma característica que era a de ser um servo tão fiel ao reino francês e incapaz de defender seus próprios interesses a ponto de jamais abandonar a causa dos Valois e seu reino, se é que o êxito junto a Henrique Trastâmara tenha mesmo provocado em Du Guesclin o desejo de permanecer em definitivo ao lado deste monarca. A fidelidade devida a Henrique pode ter sido motivada pelos bens e títulos recebidos ainda em Castela, como vimos no capítulo anterior.

[262] « C'est voir, ce dist Bertran, par le mien serement!
Vous estes le Ve mesaige proprement
Qu'envoié m'a li roy, dont j'ay le cuer dolant
Qu'a lui n'ay obeÿ tres le conmencement,
Car voir je ne vaulx pas ne ne doy ensement
L'onneur que le bon roy me porte tellement.
[…]
En Espaigne ay eü a faire grantdement,
Tant pour le roy Henry que j'aisme loyaument,
Tant pour garder la terre dont il me fist present.
Sy sui mariz, ne le celeray noient.
Pour quoy le roy n'a fait un noble assemblement
De XX ou XXX^{M} de sa tres bonne gent
Et c'un bon chevetaine ne prent isnellement
Pour combatre ces gens qui lui font tel bestent ? »

Ao colocar essas palavras nos lábios de Du Guesclin, Cuvelier, sem dúvida, constrói a oportunidade ideal para mais uma vez louvar as grandes qualidades do bretão, pois na resposta de Audrehem encontramos, além de alguns fatos confirmados em outros documentos, muitos elogios àquele que viria a assumir o comando das hostes reais em um momento crucial nas disputas com a Inglaterra. Ademais, ainda segundo Cuvelier, Audrehem teria revelado o verdadeiro motivo de Charles V em requerer a volta do cavaleiro ao reino, dessa forma Du Guesclin, sabedor de seu alçamento a condestável, não teria como negar um pedido do rei de quem se proclamava mais próximo:

> Mas minha camisa está mais a mim agarrada
> Do que minha malha jamais estará chegada!
> (*La Chanson de Bertrand du Guesclin*, v. 18256-18257)[263]

A metáfora do trovador picardo nos aponta o que pode ter acontecido com Du Guesclin, o fato é que se encontrava um tanto dividido entre a fidelidade a Henrique e a seu compromisso com o reino francês, porquanto só fora a Castela a mando de Charles a quem jurara obedecer. No entanto, os dois reis lhe completavam e faziam dele uma peça importante para as batalhas, sua armadura ora se apresentava bem sustentada pelo favor dos dois monarcas. Há que se tomar a devida precaução, porém, para que não atribuamos a Du Guesclin uma ambição para além daquela de ser um excelente homem de armas, já que suas verdadeiras motivações jamais conheceremos. O que nos resta é tentar compreender as informações que outros documentos nos fornecem sobre a "promoção" que recebia em outubro de 1370.

O posto de condestável (*comes stabuli*)[264] fora ocupado até aquele ano por Robert de Fiennes (1356-1370), chamado Moreau, senhor de Fiennes, de importante linhagem, que havia herdado a baronia do pai e demonstrado em vários feitos de guerra sua valentia, o que teria lhe rendido a nomeação. Mas o que significava ser condestável da França e quais atribuições lhe eram conferidas? O posto de condestável existiria na França desde os tempos das dinastias merovíngias e carolíngias e teria sido ocupado sempre por um laico, nos primeiros momentos, responsável apenas pelos estábulos do rei. Com o passar do tempo e com a organização da corte, já no século XII, o condestável assumiu funções

---

[263] « Mais ma chemise m'est plus pres certainement
Que ma cote ne scet, c'est un fait evident ! »

[264] *Connétable* em francês, o termo derivou da expressão latina que designava o responsável pelos estábulos de um senhor, *comes stabuli*, conde do estábulo. Essa transformação do vocábulo denota a importância que o cargo foi alcançando a partir do século XII para então referir aquele que depois do rei, era chefe das hostes francesas, comandante supremo sobre os comendadores e marechais do reino, ou seja, o mais alto cargo que um militar da época poderia obter (Cf. *Dictionnaire encyclopédique de la noblesse de France*, t. 1, 1816, p. 438-440, e o site do *Dictionnaire du Moyen Français*, verbete *connétable*, ver: www.atilf.fr/dmf/).

militares tornando-se chefe das hostes na ausência do monarca[265]. Daí em diante o cargo passou a ser conferido aos privados do rei, representantes da aristocracia, ou seja, era, além de um posto ligado ao ofício de guerra, um cargo de prestígio entre os nobres para o qual contavam muito a linhagem e as posses do nomeado. O *Dictionnaire des arrêts ou jurisprudence universelle des parlemens de France*, confere ao cargo de condestável ainda mais: aquele que ocupasse tal empresa seria também investido de um poder jurídico, enquanto chefe do Conselho de Guerra passaria a julgar, juntamente com os marechais, causas que implicassem oficiais de guerra, o que de fato era bastante usual. Além disso, seria o chefe da cavalaria e responsável por todos aqueles que servissem junto às tropas do reino sob as pagas do rei, tendo o direito de reter para si uma parte de seus salários[266].

Ainda em junho de 1369, o rei Eduardo III declarara guerra contra a França proclamando-se rei, posição a que não renunciaria como prometera na ocasião do Tratado de Brétigny. No documento em que tece suas justificativas, Eduardo III elenca a falta de compromisso de Charles V em manter o que havia acordado e convoca seus homens a tomar cidades, castelos e fortalezas com a força das armas[267]. Assim, após o rompimento oficial das tréguas acordadas pelo tratado de 1360, Charles V confisca, em 14 de maio de 1370, o ducado da Aquitânia e todas as terras anteriormente ocupadas pelos ingleses o que só faz arraigar as hostilidades entre os dois reinos[268].

Se no contexto de escrita da *Chanson* de Cuvelier o própro rei Charles VI ainda não governava o reino da França, era preciso ao menos chamar a atenção do então condestável Olivier de Clisson para que este exercesse a *connétablie* tão fielmente quanto seu predecessor. Essas eram lições importantes para que Charles VI mantivesse o seu chefe de guerra a seu lado, sempre disposto a cumprir suas ordens, segundo o que também dizia seus conselheiros.

Froissart comenta a composição do conselho de Charles formado por "nobres, prelados e pela voz comum do todo o reino" e que não queriam outra coisa senão outro chefe, comandante nomeado condestável, e nenhum outro poderia ser eleito por eles em lugar de Du Guesclin[269].

---

[265] SCHNERB, B. Connétable. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A. ; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge…*, 2002, p. 330.
[266] *Dictionnaire des arrêts ou jurisprudence universelle des parlemens de France,* 1727, vol, 2, p. 347.
[267] *Foedera, conventiones…,* t. VI, 1740, p. 626, 644.
[268] *Ordonnances des Rois de France…*, vol. 6, 1741, p. 508-510.
[269] Jean Froissart. *Chroniques…*, 1835, t. 1, p. 621.

Cuvelier, aliás, se serve do encontro entre o duque de Anjou e Du Guesclin para reforçar a importância que a casa dos Valois daria à nomeação, colocando palavras de grande importância para a glória do futuro condestável, como vemos nos versos abaixo:

> Em Paris vos aguarda meu irmão, o valoroso
> Para vos dar a espada cujo golpe é vigoroso,
> Não a recusai, amigo eleito e valioso!
> Fazei a vontade de meu irmão, juro-vos por Jesus, o ditoso,
> Que para sempre seremos vossos amigos, honroso;
> A França damos ao vero Deus lá do alto, glorioso,
> E a vós em seguida, sois escudo de fato elogioso,
> Jamais após vossa morte haverá outro venturoso.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 18388-18395)[270]

Os adjetivos usados por Cuvelier salientam a eleição de Du Guesclin como condestável e seu valor para o reino e por virem do próprio irmão de Charles V denotam a deferência com que o trovador tratou o episódio. Além disso, nas palavras do duque, a França jamais viria a ter outro condestável melhor: vê-se aí a construção do mito do cavaleiro como aquele que defenderia o reino como ninguém. São trechos como esse que fazem da canção de Cuvelier um panegírico dos Valois e ao colocar o duque de Anjou diretamente implicado na escolha de Du Guesclin só favorece a hipótese de que o financiamento para a composição da canção pode ter vindo do entorno próximo de Charles V[271].

Após a decisão do conselho, Charles V ordenou chamar Du Guesclin a Paris para então investi-lo da *connétablie*. Percebemos que na narrativa de Froissart, Du Guesclin não sabia qual era o intento do rei, mesmo assim partiu prontamente. Chegando à presença do rei, Du Guesclin foi informado de sua eleição, o que segue é uma grande hesitação por parte do bretão, dizendo que não era digno de tal posto, ainda que tivesse sido alvo de boa fortuna. Como o rei não gostaria de contrariar o conselho, recomendou a Bertrand que aceitasse a oferta, porém, pela segunda vez Du Guesclin tenta declinar com o seguinte discurso:

---

[270] « A Paris vous atent mon frere li membrus
Pour vous donner l'espee dont le brans est pointus,
Ne la refusés mie, doulz amis esleüs !
Faites le gré mon frere, je vous jur sur Jésus,
A tousjours mais serons vos amis et vos drus ;
France reconmandon au vray Dieu de lasus,
Et a vous en après qui estes vray escus.
Jamais après vo mort ne sera tel veüs. »

[271] Elisabeth Gaucher, autora da obra *La biographie chevaleresque*. Paris: Honoré Champion, 1994, afirma em vários trechos de seu volume que Cuvelier seria próximo de Charles V e de seu sucessor, muito embora isso não se averiguaria com relação à família de Du Guesclin e ainda menos com ele próprio (ver p. 223 e passim).

> Caro senhor e nobre rei, não desejo, nem posso, nem ouso desfazer de vosso bom prazer; mas é bem verdade que sou um pobre homem e de baixa origem. E o ofício da *connétablie* é tão grande e tão nobre que convém, ao que bem a desejar, exercê-la e explorá-la e comandar antes de tudo e ainda mais sobre os grandes como sobre os pequenos. Eis meus senhores, vossos irmãos, vossos sobrinhos e vossos primos que terão ao encargo gentes de armas em hostes e em cavalgadas; como ousaria eu comandar sobre eles? Certamente, senhor, as paixões são tão grandes que devo temê-las. Se vos agrada, liberai-me desse ofício e outorgai-o a um outro, que mais voluntariamente tomá-lo-á e que melhor saberá fazê-lo[272].

São as palavras de Froissart que, sabemos, exaltava os grandes feitos da cavalaria e os seus grandes homens, por isso é interessante observar o valor que o cronista atribuía a tal posto junto às tropas do rei. Para ele, não seria compatível um homem que não conhecesse a tamanha honra que lhe era conferida com a *connétablie*. Era preciso que Du Guesclin se mostrasse humilde e capaz ao mesmo tempo, merecedor do favor de toda uma corte.

O mesmo momento nos versos de Cuvelier denotam para além da exaltação da cavalaria como faz Froissart, a hombridade de Du Guesclin, contribuindo mais uma vez para sua mitificação de cavaleiro perfeito e modelo dos *preux*, pois é o próprio rei que tece largos elogios a seu fiel cavaleiro:

> Bertrand, diz o rei, fiz-vos chegar,
> Muitas nobres mensagens, fiz enviar.
> Ora vós aqui vindo, devo a Deus reverenciar;
> Mas vossa vinda nada passará a custar,
> Se logo meu querer não fizer acordar
> E tomar um ofício, se assim quero vos dar,
> Pois tendes graça para o mundo melhorar
> O mundo, mais feliz cavaleiro, não há de reputar,
> Nem mais ardido para batalha começar,
> Nem que queira seu corpo em nada poupar;
> Por isso um ofício vos quero outorgar
> Para vosso corpo em honra exaltar.
> Condestável sereis, se posso a vós endereçar,
> E vos darei a espada de aço a empunhar,
> Para todo nosso reino guardar sem aviltar.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 18855-18869)[273]

---

[272] «Cher sire et noble roi, ne vous veuil, ni puis, ni ose dédire de votre bon plaisir ; mais il est bien vérité que je suis un povre hom et de basse venue. Et l'office de la connétablie est si grand et si noble qu'il convient, qui bien le veut acquitter, exercer et exploiter et commander moult avant, et plus sur les grands que sur les petits. Et veci mes seigneurs vos frères, vos neveux et vos cousins qui auront charge de gens d'armes en osts et en chevauchées ; comment oserois-je commander sur eux ? Certes, sire, les envies sont si grandes que je les dois bien ressoingner. Si vous prie chèrement que vous me déportez de cet office, et que vous le baillez à un autre, qui plus volontiers le prendra que moi, et qui mieux le sache faire», Jean Froissart. *Chroniques*…,1835, p. 621.

[273] « Bertran, ce dist le roys, certes je vous ai chier,
Maint nobille mesaige vous ai fait envoier.
Or estes vous venus, s'en doy Dieu gracier ;

Pode-se notar que as atribuições conferidas a Du Guesclin no momento de sua investidura deveriam ser exercidas em todo o reino, imagem que já era esperada de um condestável nos séculos anteriores: tratava-se de um "chefe de estado maior" que exerceria o controle sobre todas as hostes do rei, concentrando funções burocráticas e de combate. A sensível diferença em nomear Du Guesclin estaria na sua origem diferente da alta nobreza[274].

Há mais, no entanto, no texto de Cuvelier. Trata-se de uma passagem muito mais singular, a que descreve a chegada de Du Guesclin à presença de Charles V, no hotel Saint-Paul[275], apresentado por Bureau de la Rivière, camareiro-mor e primeiro escudeiro do rei. O ritual descrito recupera a cerimônia que era usada anteriormente nos adubamentos dos nobres, com a peculiaridade de ter se estendido até o dia seguinte, pois em sua ousadia, Du Guesclin teria "exigido" do rei que houvesse consenso de todo o conselho e de toda a corte e que fosse por meio de eleição o seu alçamento a condestável da França! Nada mais inusitado naquele momento que se mostrava tão grave para a segurança do reino. Acolhido o pedido de Du Guesclin, o rei deixa estabelecido que a reunião do conselho se daria no dia seguinte, dia 2 de outubro de 1370, conforme as *Grandes Chroniques*, com a presença de príncipes, duques, barões, prelados, burgueses, cavaleiros e escudeiros, e sim, foi unânime a aclamação, todos o queriam como condestável, visto que era o único que poderia conter os ingleses. O próprio Robert de Fiennes teria dado a recomendação de se nomear Du Guesclin em seu lugar. Logo após, finalmente, o rei pôde prosseguir com o ritual e acolhendo o juramento do cavaleiro[276], colocou a espada nos ombros de Du Guesclin e legitimou a nomeação da seguinte forma:

Mais de vostre venue ne donroie un denier,
Ce trestout mon vouloir ne voulez otroier
Et prenre aucune office, se je le vuil baillier,
Car vous avez la grace, par le monde planier
Qu'ou monde n'a de vous plus eureux chevalier,
Ne plus hardi aux armes a estour conmencier,
Ne qui vuille son corps en rien mains esparnier ;
Et pour ce vous vouray une office donner
Telle que pour vo corps en honneur exaucier.
Connestable serés, se g'i puis adrecier
Et vous donray l'espee qui la point a d'acier,
Pour tout nostre royaume garder sans enpirer ».

[274] HÉLARY, X. *L'armée du roi de France*..., cap. 3. E-book, s/p.

[275] Palácio erigido por Charles V nos anos de 1360 sobre uma antiga construção da época de Louis IX, hoje não restam mais que indicações de onde se situaria exatamente a antiga moradia, no bairro do Marais em Paris.

[276] A edição de Ernest Charrière da obra de Cuvelier apresenta em suas *Pièces Justificatives* a transcrição da ata do juramento de Du Guesclin: "Institutus fuit in dicto officio per dominum regem per ejus litteras datas .xi die octobris anno 1370, et illa die de sero in domo sua Sancti-Pauli fuit, solitum juramentum et per traditionem unius ensis nudae et evaginatae per ipsum dominum regem tradite, dicto domino Bertrando

Ora sim, disse o rei, Bertrand, estou a ordenar!
O ofício da *connétablie* deveis aceitar.
Por esta espada cuja ponta foi afiada
Em vossa mão meu senhorio estou a colocar,
E minhas gentes de armas e mesnadas vos dar,
Para tê-las todas sob vosso comandar;
Esforçai-vos para que a França logo volte a se alegrar
Ela que tantos ingleses teve de suportar.
[...]
– Senhor, disse Bertrand, melhor não ouso buscar"
Então recebeu a espada, com todos a observar
E beijou a boca do rico rei que estava a reinar.
Assim foi condestável Bertrand aquele que estou a cantar,
Gentes de armas foram a ele de corpo e alma se apresentar,
E Bertrand cuidadosamente os fazia abraçar.
(*La Chanson de Bertrand du Guesclin*, v. 18956-18963 ; 18989-18994)[277]

posuit ipsum in possessionem dicti offîcii, presente maximo consilio regis etc. Litterae sic : Par le roy, Yve. visae et ostensae fuerunt in Camera redditae gentibus suis" (*Chronique de Bertrand Du Guesclin* par Cuvelier, Trouvère du XIVe siècle. Publiée pour la première fois par E. Charrière. Collection de Documents Inédits sur l'Histoire de France Publiés par ordre du Roi et Soins du Ministère de l'Instruction Publique, Première Série – Histoire Politique, 2 Tomes. Paris: Firmin-Didot, t. 2, 1839, p. 407).

[277] «Or sa, se dist ly roys, Bertran, je vous prie!
L'office recevés de la connestablie.
Par ceste espee cy a la pointe aguisie
Vous mes en vostre main toute ma seignourie,
Et toutes mes gens d'armes et toute ma mesnie,
Pour mener tout par tout a vostre conmandie ;
Metés paine que France soit briefment resjouie
Que par Englois a tant esté souvent blecie.
[…]
– Sire, s'a dit Bertran, et je mieulx ne demant »
Adonc receut l'espee, present chascun voiant,
Et baissa en la bouche le riche roy sachant.
Ainssi fu connestable Bertran dont je vous chant
Gens d'armes vont a lui cuer et corps presentant,
Et Bertran les ala doulcement recepvant ».

Du Guesclin nommé connétable – *Chronique de Bertrand Du Guesclin*,
(début du XVe siècle), Bibl. mun. Rouen, ms. 1143, f° 4.

A iluminura acima atesta a importância dada aos conselheiros do rei no momento da eleição de Du Guesclin a condestável. Devemos dizer que, na data da realização da obra, os conselheiros do rei Charles VI haviam sido depostos pelos tios, haja vista suas recorrentes crises de demência, dessa forma, o manuscrito ainda coloca em grande importância uma realidade já não mais vista, o que pode até mesmo significar uma crítica ao contexto por que passava o frágil reinado do sucessor do rei sábio.

É preciso evocar aqui a tradição literária da espada, como vimos nos dois trechos citados acima da obra de Cuvelier. Até o início do século XII, a espada era a principal arma do cavaleiro e sofreu vários aprimoramentos tanto para um combate mais eficiente, como para carregar em si as marcas de uma aristocracia, em ornamentos e inscrições. Se nas lendas arturianas a espada se configura como extensão do poder divino ao ser conferida ao cavaleiro, sendo que esse poder era referendado pela igreja que "absolveria"

as violências cometidas com ela[278], em Cuvelier, mantém-se a sua materialidade em evidência, agora como extensão mais contundente do poder régio. Receber a espada de condestável pelas mãos do rei era ter a legitimidade para agir conforme a necessidade estabelecida pelo monarca.

Outras nomeações à *connétablie* não tiveram o mesmo destaque. As *Grandes Chroniques de France*, a *Chronique des quatre premiers Valois* e a *Chronique Normande*, por exemplo, ao se referirem aos condestáveis Jacques I de Bourbon-La Marche (1354-1356); Gauthier VI, de Brienne (maio a setembro de 1356); Robert de Fiennes (1356-1370), e Olivier de Clisson (1380-1407) nem mesmo citam com demora suas nomeações, quando o fazem. No entanto, ao se reportarem a Du Guesclin, não deixam de referir a nomeação pelo rei e por seu conselho, tecendo ainda vários elogios ao cavaleiro.

O uso da eleição, segundo Laurence Moal, "havia sido imposto desde 1366 para cada novo conselho. Mas é a primeira vez que ela é usada para o condestável". A historiadora ainda acrescenta que cartas régias de 5 de outubro de 1370 atestam a consulta ao Grande Conselho, conferindo ao episódio uma solenidade particular[279].

Notemos que aqui a canção de Cuvelier nos apresenta uma sensível mudança de expectativas, pois se até aquele momento as tropas se organizavam para a guerra segundo um modelo feudal, ou seja, um modelo de recrutamento em que o rei não se implicava diretamente na qualidade das armas apresentadas por seus soldados, Du Guesclin proporia o contrário, era necessário que houvesse mudanças para que a França voltasse a ter êxito nos empreendimentos bélicos. No entanto, é preciso salientar que sim, desde o século XIII, os reis do Ocidente latino estavam mais comprometidos em sustentar suas tropas, mas não do modo tão pragmático, como o proposto por Cuvelier[280]. Assim, é importante observar que o trovador atribui ao condestável da França o mérito em demandar ao rei a

---

[278] FLORI, J. Armés pour le combat! In: CONTAMINE, P. (org.) *Les chevaliers*. Paris: Tallandier, 2006, p. 57-58; AURELL, M. Arthur, Excalibur et le perron: mythe, sacre royal et théocratie (XIIe-XIIIe s.). Conferência proferida nas *Semaines d'Études Médiévales*, CESCM, Un. de Poitiers em junho de 2015.

[279] MOAL, L. *Du Guesclin*. Images et histoire. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2015, p. 89-90.

[280] Philippe Contamine, especialista da Guerra dos Cem Anos, afirma que era necessário haver uma contrapartida dos nobres que faziam parte da cavalaria a serviço da coroa, possuir benfeitorias de um mínimo específico de renda e ser adubado cavaleiro para então usufruir dos financiamentos do rei, sendo que as mais efetivas reformas ocorreram no reino inglês, sob Eduardo I (cf. CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris: PUF, 1980, p. 157-207). Já a historiadora Claude Gauvard afirma que, ao longo do século XIV, a organização e a formação do exército inglês se mostravam bastante móveis em comparação ao francês, sendo que "a ossatura deste exército é a cavalaria, a rainha das batalhas, composta por combatentes nobres. O serviço feudal está na base do recrutamento; se o vassalo pode sustentar esse serviço, ele o deve entretanto a seu senhor. O recrutamento é com frequência completado por um soldo, mas os cavaleiros e os escudeiros se armam a suas próprias custas, o que significa que o rei não tem nenhuma segurança com relação à qualidade do equipamento de suas tropas" (GAUVARD, C. *Le temps des Valois*..., 2013, p. 70).

sistematização do financiamento das tropas, o que pode ser corroborado pelos decretos de 1351 e de 1374, já mencionados, em que há a intenção de organizar e sistematizar os pagamentos dos homens de armas, segundo sua hierarquia, bem como garantir que fiquem à disposição de seus capitães, únicos a poder dispensar ou recrutar mais combatentes.

Vê-se que a guerra foi o grande motor de muitas das decisões concernentes à cavalaria, isso parece óbvio, no entanto, as leis militares que acabaram derivando de tais mudanças afetaram diretamente o cotidiano econômico-social até mesmo das gentes comuns do reino, habitantes dos campos e das cidades mais afastados de Paris.

A partir daí, justifica-se a escolha do ordenamento régio de Jean II le Bon, de 30 de abril de 1351, que após o desastre de Crécy em 1346 deve ter percebido a necessidade de estabelecer um grupo de homens de armas mais homogêneo, mais facilmente controláveis, pois distribuídos em grupos menores, e que recebessem pelo dia de serviço ao rei, o que talvez tenha sido a maior contribuição desse ordenamento.

O despacho régio de Charles V de 13 de janeiro de 1374 mostra-se o mais transformador do século XIV. Deve ter sido:

> Proclamado em Paris, nas fronteiras e outros lugares notáveis do reino, pela iniciativa do conselho real e dos oficiais devido ao fato das guerras; deviam prestar juramento sobre os evangelhos de guardá-lo e de cumpri-lo os lugares-tenentes do rei, o condestável, os marechais, o mestre dos besteiros, os capitães dos homens de armas[281].

Além disso, foi o ordenamento que visou a regulamentar a cavalaria como grupo de 100 homens colocando muito mais responsabilidades sobre seus capitães e controlando de modo mais sistemático as revistas das tropas. A partir dessa ordem seria apenas o rei aquele que designaria seus chefes de batalha, havendo, portanto, uma maior centralização do poder régio durante as formações dos pelotões.

Já os ordenamentos de Charles VII, de 2 de novembro de 1439 e de 26 de maio de 1445, ainda que distante do nosso recorte temporal para a recolha de fontes documentais, expressam com clareza a necessidade que ainda havia de melhor legislar sobre os homens que agora constituíam grupos mais bem formados, segundo sua capacitação para a batalha, e reunidos em lugares específicos. O contato entre essas tropas e a população civil deveria dali em diante ser bastante regulado por leis que regessem o comportamento

---

[281] « Publiée à Paris, aux frontières et autres lieux notable du royaume, à l'initiative du conseil royal et des officiers sur le fait des guerres ; devaient prêter serment sur les évangiles de la garder et de l'accomplir les lieutenants du roi, le connétable, les maréchaux, le maître des arbalétriers, les capitaines des gens d'armes. » CONTAMINE, P. Préface. In: BESSEY, V. *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François Ier. Turnhout : BREPOLS, 2006, p. 10.

dos homens de armas e a contrapartida de recursos a serem oferecidos pelos munícipes que passariam a exercer papel fundamental para o bom funcionamento e provisão dos pelotões. A diferença entre esses dois ordenamentos estaria fundamentalmente baseada sobre essa participação popular e só pôde ser de fato instituída quando das Tréguas de Tours concluídas em 20 de maio de 1444 entre franceses e ingleses e que durariam 22 meses[282], de onde a justificativa no início do texto em fazer "enviar cada um em sua casa e domicílio fazer suas atividades e viver como tinham o costume de fazer antes de virem à guerra", somente um período de paz poderia proporcionar uma triagem dos soldados eficaz a tal ponto.

Mas as exigências de Du Guesclin não se detiveram nas contingências financeiras, houve ainda um outro pedido do cavaleiro para que o rei não desse ouvidos a comentários contrários ao bretão sem antes consultá-lo. Cuvelier talvez ressalte com isso a circunstância de Du Guesclin ser o único bretão presente na privança do rei, situação bastante delicada, basta-nos lembrar de que a Bretanha estava sob as mãos do duque Jean IV de Montfort, aliado dos ingleses. Aliás, alguns anos mais tarde, Du Guesclin chegaria a ser acusado de traição pela nobreza bretã[283]. O biógrafo de Du Guesclin, o historiador Georges Minois, infere que a nomeação de um bretão ao posto ajudaria Charles V a reequilibrar a influência inglesa sobre o duque da Bretanha, "dali em diante, antes de ser vassalo de Jean IV, antes de ser bretão, Du Guesclin é o homem do rei" (1993, p. 368). Não saberíamos dizer, no entanto, se já naquele contexto havia uma identidade bretã clara, mesmo assim é interessante observar que anos mais tarde, Du Guesclin foi considerado

---

[282] BESSEY, V. Construire l'armée française. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François Ier. Turnhout : BREPOLS, 2006, p. 102.

[283] Entre os anos de 1371 e 1377 houve intensa correspondência e troca de favores entre Jean IV e o rei inglês Eduardo III constituindo alianças para que Charles V não conseguisse estabelecer seu poder na Bretanha (Cf. *Mémoires pour servir de preuves à l'histoire ecclésiastique et civile de Bretagne tirés des archives de cette province, de celles de France et d'Angleterre, des recueils de plusieurs sçavans antiquaires*, et mis en ordre par Dom Hyacinthe Morice. Paris : Charles Ormont, t. 1, 1742, col 1672-1675e 1744, col. 40-45). E mesmo após a morte de Eduardo III, Jean IV continuou a manter-se próximo dos ingleses e ao novo rei Ricardo II, sendo até mesmo nomeado condestável da Inglaterra (Cf. *Chronique des Quatre premiers Valois...*, 1862, p. 226), o que feria constantemente a sua condição de vassalo de Charles V. Para Du Guesclin não havia dúvidas até ali de quem era o seu senhor e a quem deveria ser fiel, no entanto, após uma reviravolta no intento da aristocracia bretã, primeiramente contrária a Montfort, Du Guesclin se viu sozinho nessa fidelidade à monarquia francesa, pois temendo que Charles V impusesse aos barões bretões sua autoridade fazendo com que perdessem o senhorio sobre seus domínios, a nobreza bretã, ao longo do ano de 1379, declarou apoio a Jean IV. Du Guesclin e Olivier de Clisson passariam dali em diante como traidores de sua terra natal. Em um episódio subsequente em que Du Guesclin foi incumbido de impedir que Jean IV entrasse em Saint-Malo, em 1379, sua demora em cumprir a tarefa levantou suspeitas junto aos privados de Charles V, porém essas desconfianças foram logo apaziguadas, de qualquer forma foram anos difíceis para o cavaleiro bretão (MINOIS, G. *Du Guesclin...*, 1993, p. 437-445; MARTIN, H. *Mentalités médiévales*, XIe-XVe siècle. Paris: PUF, 1998, p. 465).

como traidor na Bretanha ao apoiar o rei Charles V contra o duque Jean IV, na ocasião das tentativas de anexação do ducado ao reino francês, em 1373 e 1378[284].

Com a morte de John Chandos[285] e o descontentamento dos barões devido à alta da carga tributária imposta aos senhores da Aquitânia, o Príncipe Negro reorganiza suas forças para impedir que as tropas dos irmãos de Charles V avancem sobre seu principado. O retorno de Du Guesclin representaria ao Príncipe um perigo cada vez maior, já que o novo condestável usava de estratagemas nada convencionais para empreender cercos e ataques surpresa contra as tão bem guardadas cidades pelos ingleses. A investidura de Du Guesclin daria um novo fôlego aos embates doravante favoráveis ao rei francês.

As considerações de Christine ligam a nomeação de Du Guesclin ao cerco de Robert Knolles a Paris, levando seu leitor a acreditar que somente o bretão poderia libertar a cidade e seus habitantes de tais invasores, já que o rei jamais os faria lutar contra soldados experimentados. A solução se daria pela investidura de Du Guesclin como condestável e caberia a ele dar novo fôlego à cavalaria francesa, pois, nas palavras de Christine:

> Nosso muito sábio rei Charles sabendo que a cavalaria começava a declinar em seu reino, que tinha perdido o vigor de outrora e que vinha se mostrando com uma negligência preguiçosa, de modo que os inimigos, mais ainda que antes, se colocavam a se encorajar na França e a escarafunchar sem medida o solo do reino, [...] preferiu agir de outro modo. [...] sendo assim, pelo rei e por seu conselho foi eleito a ser condestável da França o bom bretão, cavaleiresco e valente senhor Bertrand Du Guesclin[286].

---

[284] Sobre a tarefa de Du Guesclin como comissário do rei juntamente com outros três bretões enviados ao ducado para fazer valer o ordenamento do rei, ver POCQUET DU HAUT-JUSSE, B. La dernière phase de la vie de Du Guesclin, l'affaire de Bretagne. In: *Bibliothèque de l'école des chartes*. 1967, tome 125, livraison 1. p. 142-189. É significativa a maneira como Guillaume de Saint-André, funcionário de Jean IV e autor do *Livre du bon Jean duc de Bretagne* se refere a Du Guesclin na ocasião de sua missão na Bretanha, tinha o coração dividido entre o dever para com o rei e o apreço por sua terra natal e seus companheiros de armas:
"Glequin, qui connestable estoit,
Trop grand duel en son cuer avoit
De la guerre et dissencion
Estant entre sa nacion
Et les Franczois que il amoit :
Marri estoit, plus ne povoit. » (v. 3526-3531).

[285] A morte de John Chandos se deu em uma emboscada sobre uma ponte na entrada da cidade de Lussac, ao sul de Poitiers em dezembro de 1369 pelo golpe certeiro de um escudeiro chamado Jacques de Saint-Martin. Froissart dedica a ela todo um capítulo de suas crônicas e o arauto de Chandos tece versos emocionados sobre o desaparecimento daquele que tão bem havia servido ao Príncipe. Sua morte representaria mais um duro revés a ser enfrentado pelo herdeiro inglês já bastante enfraquecido pela doença. Chandos talvez tenha sido o maior de todos os oponentes de Du Guesclin e contra quem não teve oportunidade de vingar a prisão em Nájera.

[286] «Nostre trés bon sage roy Charles, avisant, en un temps, ou contenu de ses guerres, que le fait de la chevalerie en son royaume commençoit aucunement à descheoir, ne par tel vigueur n'estoit maintenu comme souloit, ains venu ainssi comme en une négligence affétardie, parquoy ses ennemis, plus que ne souloyent, se prisdrent à enhardir en France, et moult fouler et démarchier le royaume, […] ama mieulx y

Não queremos neste momento indagar sobre o porquê desse declínio referido por Christine, mas sim como ela via Du Guesclin como a alternativa ao alcance de Charles V para interromper o avanço das hostilidades do inimigo inglês. Para isso vejamos algumas justificativas de que a escritora se serve para a nomeação do cavaleiro bretão.

Para introduzir o principal argumento de Charles V em nomear Du Guesclin como condestável, Christine ilustra a decisão do soberano com o exemplo de um príncipe da região do Peloponeso que intentava o êxito contra o exército inimigo, e como parte de sua preparação para a guerra, procurou um oráculo que lhe deu o seguinte parecer: para que o príncipe fosse vitorioso, o rei adversário deveria morrer em batalha, assim seu exército se desfaria. Como o príncipe não tomou o conselho para si mesmo, não se poupou de ir a campo e morreu na batalha. Assim, para que Charles V não precisasse lutar nas batalhas contra os ingleses, Christine disse que ele arrazoou e chegou à conclusão de que a cavalaria francesa necessitava de um chefe melhor para liderá-la. O que estava por trás do raciocínio do rei são suposições, mas Christine dá elementos suficientes da inteligência estratégica do monarca francês ao escolher seu comandante supremo, de quem ela ainda elenca muitos predicativos desde suas capacidades militares para o combate, como ser um valente e bom líder, capaz de motivar as tropas, possuidor das virtudes da cavalaria e devotado ao rei a quem a carreira devia. Christine deveria em sua obra responder às críticas que Charles V havia sofrido em vida, ao ser comparado ao pai que de fato havia sido um cavaleiro na prática. Seguindo sua argumentação, podemos adiantar que ser um cavaleiro da corte de Charles V não significava ocupar um posto qualquer, havia todo um preparo físico e intelectual encontrado apenas nos "melhores entre mil", os *milites*, ainda que se trate de uma falsa etimologia. E ainda, o cavaleiro deveria prestar evidências de quatro virtudes: boa sorte, inteligência, diligência e força; e além disso, trabalhar em conjunto com seus pares formando uma "corrente de vários anéis", e merecer a pensão financeira oferecida pelo reino e pelas cidades.

Mas como seu objetivo último era tratar da vida de um monarca que aprendeu as lições deixadas por seus antecessores, no que se refere a estratégias militares fracassadas[287], Christine o apresenta como aquele que usou de prudência para organizar

---

pourvoir par autre voye. […] par le Roy et son sage conseil, fu lors esleu à connestable de France le bon Breton, chevalereux et preux messire Bertram Du Clequin», *Livre des fais et bonnes meurs du sage Roy Charles V*, 1836, p. 24-25.

[287] O reinado de seus predecessores Jean II, le Bon e Philippe VI, pai e avô de Charles V, não havia dado à França uma organização militar que a protegesse durante os conflitos da Guerra dos Cem Anos. Ainda que os convocados fossem devidamente remunerados e obedecessem a certa hierarquia segundo suas linhagens, não havia um treinamento eficaz e muito menos estratégias de guerra para que houvesse coesão na armada

melhor sua armada, agora eficaz, embora ainda pouco numerosa, composta de voluntários, dos quais uma parte em permanente disposição, formada por nobres e bastante hierarquizada[288]. Logo, em Charles V, a cavalaria não era mais caracterizada "por decisões sem reflexão, por ações extravagantes e por ataques desorganizados e apressados [...], trata-se de uma cavalaria intelectual fundada sobre o bom conselho, a reflexão e a ordem, em resumo, sobre a sabedoria prudente em pensamento, em palavra e em feitos"[289], conforme a exposição de Christine nos leva a concluir.

As conquistas de Du Guesclin foram de fato muito importantes para a dinastia dos Valois. Grandes cidades e pontos estratégicos para que a França voltasse a se sobrepor contra os ingleses, como por exemplo Poitiers e La Rochelle, foram reconquistados em 1372. Dali em diante, o condestável seria alvo da propaganda régia e também faria aumentar seu próprio renome. Há que se considerar, no entanto, que foi após sua morte em 1380 e as honras que lhe conferiu Charles V que Bertrand Du Guesclin veio a se tornar um personagem a ser lembrado ao longo da escrita da história. É o que veremos a seguir, nas páginas que encerram a primeira parte de nossa tese.

---

real, o que levou o reino francês a sucessivas derrotas diante dos ingleses (CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris: PUF, 1980).

[288] GUENÉE, B. Philippe Contamine, Guerre, État et Société à la fin du Moyen Âge. Compte rendu. In : *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 29e année, nº 6, 1974, p. 1533.

[289] DUDASH, S. Prudence et chevalerie dans le Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V. *Cahiers de Recherches médiévales et humanistes*, nº 16, 2008, p. 226.

2.7) O nascimento do mito: a morte de Bertrand Du Guesclin em 13 de julho de 1380

O favor do rei Charles V sobre Bertrand Du Guesclin não se limitaria à sua existência terrena. Após receber a notícia da morte de seu condestável, o monarca ordenou que, ao contrário do que o próprio cavaleiro havia expressado em seu testamento, como veremos nas linhas que seguem, o corpo de Du Guesclin ganhasse uma sepultura digna da família real francesa na basílica de Saint-Denis, necrópole reconhecida há séculos[290], e ainda determinou que o local fosse aos pés da tumba que havia encomendado para si mesmo aos vinte e sete anos de idade, vê-se aí a manutenção da relação entre o mestre e seu servidor. Nada seria mais notório entre as homenagens que o bretão viria a receber.

Escultura tumular, datada de 1397, sobre a sepultura de Bertrand Du Guesclin, violada durante a Revolução e reposicionada na Basílica de Saint-Denis, ao lado da de Charles V e de Jeanne de Bourbon (Acervo da autora)

[290] Saint-Denis, elevada a Catedral em 1966, acolheu desde o século VI até o século XIX as sepulturas de 43 reis, 32 rainhas e 10 servidores da monarquia, sendo que ali estão os exemplares mais nobres da arte tumular, as estátuas de corpo inteiro. Com o túmulo de Du Guesclin, a abadia se tornaria uma espécie de panteão. Além de ser necrópole real, Saint-Denis também abrigou o prestigioso atelier de escrita da história tanto em latim quanto em francês (BEAUNE, C. Saint-Denis. In: GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. (orgs.) *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF, 2012, p. 1268. Ver também: http://www.saint-denis-basilique.fr/, Consultado em agosto de 2016.

Como podemos observar na foto acima, a estátua de Du Guesclin que repousa sobre o túmulo em mármore negro apresenta uma leitura bastante coerente com a descrição física do cavaleiro contida no texto de Cuvelier: baixa estatura, corpo troncudo, ombros largos, pescoço curto, testa alta e olhos salientes. Nela Du Guesclin se apresenta com suas armas, mas suas vestimentas são próprias de um *chambellan du roi* e não de um guerreiro em campo de batalha, como aponta a historiadora Laurence Moal, pois os escultores não devem ter tido à disposição uma máscara mortuária, baseando-se antes em algum retrato dessa fase da vida do bretão. Os olhos abertos e as mãos em posição de oração denotam a devoção atribuída a Du Guesclin e a "espera pelas realidades eternas do além"[291]. Ainda assim, há bastante realismo na representação pictórica do cavaleiro.

Antes, porém, vejamos em que circunstâncias ocorreu a morte de Du Guesclin e o que ficaria registrado sobre isso nas fontes escritas analisadas e que relatam o episódio. É notório que tal fato tenha recebido a atenção de cronistas e outros homens e mulheres de saber da época, denotando que não se tratava apenas de um simples servidor da monarquia, mas de um representante da cavalaria que deixava seu posto no auge de seu desempenho militar e que conferia a Charles V a glória dos empreendimentos contra os ingleses, fazendo com que a França reconquistasse grande parte das possessões ocupadas pelos homens de Eduardo III e de seu filho, o Príncipe Negro.

Prova disso, como podemos observar em Cuvelier, a narrativa da morte de Du Guesclin é antecedida justamente pelos feitos que recobraram fortalezas e grandes extensões de terras, por exemplo, Chatellerault, Moncontour e Chizé, obrigando os ingleses a se refugiar em Niort, tomada posteriormente. Então, depois de tantas conquistas, o trovador da Picardia salientou que a morte do condestável seria uma enorme perda para o reino francês. No entanto, Cuvelier coloca em evidência as conquistas de Du Guesclin efetivadas no início dos anos de 1370 até 1373, mais exatamente, omitindo vários episódios importantes entre 1373 e 1378, como a doação de Charles V do senhorio de Pontorson e do condado de Montfort l'Amaury, as campanhas na Normandia e as mortes da rainha francesa, do rei inglês e da esposa de Du Guesclin, Tiphaine de Raguenel, bem como omite suas novas núpcias, com Jeanne de Laval, sem contar ainda o cisma da Igreja. Isso denotaria, talvez, a intenção em colocar de forma mais explícita os feitos de batalha atribuídos ao condestável, ao invés de retomar dados cronológicos que dissolveriam tal ênfase. Dessa forma, Cuvelier alcança um efeito interessante em seu

[291] MOAL, L. *Du Guesclin*. Images et histoire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015, p. 42-44.

público: o lamento pela perda de um homem que não era um senhor comum, mas o braço direito do rei, a peça chave para o que viria a ser considerado como um importante período de "liberação do reino" e Du Guesclin, um grande salvador.

> E Bertrand depois disso a Paris voltou.
> E, segundo me contaram, ali não tardou,
> E à Guiana[292] o nobre Bertrand retornou
> Pois convinha que fosse, mas de lá não regressou
> Morreu ali Bertrand, desse século passou
> Diante de Châteauneuf de Randon ficou.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 24169-24175)[293]

Como se tratava de uma fortificação bastante eficaz, o cerco a Châteauneuf de Randon[294] ordenado pelo condestável teria durado vários dias, ainda que as negociações fossem constantes, seus homens numerosos e que o cerco estivesse instalado em toda a volta do castelo. Cuvelier reporta o longo diálogo entre Du Guesclin e o capitão inglês responsável pela resistência, colocando nos lábios deste que, ainda que reconhecesse todo o poder do condestável e de seu rei, não havendo outro capaz de ser tão sábio e forte, ele e seus homens não poderiam se render jamais. A razão dada pelo capitão foi simples: estavam muito bem guarnecidos e providos de víveres, o que configuraria sua rendição como traição contra o rei da Inglaterra e disso ele não aceitaria nunca ser acusado! A resposta de Du Guesclin não foi outra senão dizer que jamais sairia dali sem tomar o castelo. Assim, ordenou um ataque, provavelmente o mais vigoroso desde que chegara ali, mas sem sucesso, o que desanimou e muito seus homens. Logo após essa investida, Du Guesclin teria se sentido doente, sido levado à tenda e colocado sobre seu leito, ficando acamado por pelo menos uma semana e de onde não sairia mais com vida.

Ainda convalescente, Du Guesclin teria feito chegar ao capitão inglês a ordem para que se redesse de qualquer modo, do contrário, haveria muitas mortes e que o fizesse

---

[292] O ducado da Aquitânia seria designado como Guiana a partir do século XIII e assim permaneceria por alguns séculos mesmo após sucessivas reestruturações políticas do território. Durante a Guerra dos Cem Anos, o ducado foi alvo constante das disputas de poder entre a França e a Inglaterra, cuja possessão foi alternada entre os dois reinos, muito embora a presença inglesa tenha sido permanente e refratária aos acordos de paz propostos pela França, como, por exemplo, na primavera de 1380, com a proposta de casamento oferecida por Charles V, entre sua filha Catherine de France, tendo por dote o território, e Ricardo II, rei inglês coroado em 1377 (GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge* – du Ve au XVe siècle. Paris: PUF, 1996, p. 410-416).

[293] « Et Bertran s'en revint a Paris par deça,
Puis ne demoura gaires, si con on me compta,
Que Bertran le gentilz en Guienne rala
Par itel convenant que puis ne retourna ;
Et Bertran y mouru, du siecle trespassa
Droit devant Chastel Neuf de Randon par dela »

[294] A cidade hoje está situada no departamento da Lozère, na região Languedoc-Roussillon-Midi-Pyrénées, no sul da França.

para honrar seu falecimento próximo. No entanto, o capitão disse aquiescer somente com a presença do condestável, mas o marechal Sancerre[295], encarregado do informe, disse não ser possível:

> E disse o marechal: Bertrand jurou
> Que não vos falará e não terminou
> Pois vos destruirá, a todos, afirmou,
> [...]
> Que conselho vos daria para dizer que a todos quer salvar?
> Se vós quiserdes as chaves a seu leito levar
> Vossa honra, segundo meu poder, hei de guardar.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 24283-24293)[296]

Apesar de Cuvelier não atribuir a Du Guesclin uma vida de observância aos costumes religiosos da época, em sua morte, o condestável teria tido tempo de se confessar e de receber os sacramentos, prática comum a qualquer pessoa naquele contexto, já que se tratava de um momento bastante significativo da trajetória de um cristão, o que Du Guesclin era de fato. Suas últimas palavras teriam sido as recomendações a Deus de sua mulher, do rei Charles V, dos duques, irmãos do rei e da França, a "doce França[297], amiga" que em breve deixaria. Pediu ainda a Sancerre que devolvesse ao rei a espada de condestável e que servisse bem ao monarca. Era uma sexta-feira, dia 13 de julho de 1380 quando em sua tenda, sob forte calor, Bertrand Du Guesclin deu seu suspiro final.

> Bertrand Du Guesclin quando doente se sente,
> Quando vê que não pode ser diferente,
> Faz-se deitar em um leito belo e decente
> Ali se deitou o valente mui dignamente
> Para a morte receber calmamente
> Confessou-se, recebeu o sacramento
> Dizia seus lamentos tão piedosamente
> Que fez seus barões chorar piedosamente.
> Dizia Bertrand, o de aguerrido talento:
> "A Deus entrego minha mulher elegante!
> A Deus entrego o rei a quem a França pertence!
> Assim como ao rei servi mui lealmente,
> Que Jesus me dê perdão, inteiramente.
> Ó, duque de Anjou! Deus vos livre de tormento!

---

[295] Louis de Sancerre (1342-1402) companheiro de Du Guesclin nas campanhas no Languedoc, foi nomeado condestável da França em 1397, após a morte de Olivier de Clisson que havia substituído o cavaleiro bretão.

[296] « Et dit li marechaux: « Bertran en a juré,
Ne vous en parlera en jour de son aé,
Ains vous destruira tous ; ainsi l'a empensé,
[…]
Que conseil ne creez pour vostre sauveté ?
Se vous volés les clefs emporter en son tré,
Vostre honnour garderai selon ma poesté »

[297] Expressão muito recorrente na *Chanson de Roland*.

E a vós, duque de Berry! A Deus minha nobre gente!
A Deus, duque de Bourgogne, que honra compreende!
A Deus, duque de Bourbon, gentil príncipe excelente!
Ah, doce França, amiga, deixar-te-ei brevemente!
Queira o Deus de glória que por seu comando
Tem bom condestável rapidamente,
Que te valha melhor em honra plenamente!"
(*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 24235-24252)[298]

Cuvelier emprega um tom bem mais elevado ao colocar nos lábios de um Du Guesclin em agonia tantas recomendações a Deus e, ao menos nessa transcrição de Faucon, tantas exclamações. Aqui podemos dizer que o poeta elenca os senhores da França a quem o cavaleiro foi fiel até a morte e ao referi-los coloca sobre eles também a responsabilidade de bem guardar o reino em favor da coroa, assim como acredita que fez o herói de seus versos. A morte sendo percebida por Du Guesclin, eleva sua posição entre os homens, porque estava entre os dois mundos, e, como afirma Philippe Ariès, somente o "moribundo avaliava o tempo que lhe restava"[299]. Pode ser também um lembrete, assim como tantas imagens da dança macabra[300], que a morte chegaria aos príncipes igualmente. Muito embora essa igualdade tenha sido evocada com frequência na Baixa Idade Média,

---

[298] "Bertran du Guesclin, quant malade se sent,
Qu'il ne se puet aidier ainsi ne autrement,
Adonc se fist coucher en .I. lit bel et gent.
La s'adreça li bers moult bien et dignement,
Pour la mort recevoir s'adreça bonnement ;
Moult bien se confessa, receut son sacrement
Et disoit mains regrez et si piteusement
Qu'il faisoit les barons plourer piteusement.
Souvent disoit Bertran a l'aduré talent :
« A Dieu conmant m'amie, ma moiller au corps gent !
A Dieu conmant le roy ou toute la France apent !
Ainsi conme je l'ai servi tres loyalment,
Me face Jhesus Crist pardon entierement.
Hé, noble duc d'Anjou ! Dieux vous gart de torment !
Et vous, duc de Berry ! A Dieu, ma bonne gent !
A Dieu, duc Bourgogne, ou toute honneur comprent !
A Dieu, duc de Bourbon, gentilz prince excellent !
A, doulce France, amie, je te lairay briefment !
Or veille Dieu de gloire par son conmandement
Que si bon connestable aiez prochainement,
De coi vous vailliez mieulx en honnour plainement ! »

[299] ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Trad. Luiza Ribeiro. São Paulo: Ed. Unesp, 2014, p. 6.

[300] As imagens assustadoras das artes macabras, como diz Ariès, se tornaram bastante presentes nos últimos séculos da Idade Média e continuram a surgir até meados do século XIX, compondo a iconografia da *artes moriendi* (p. 144; 393).

morria-se segundo sua condição e o enterro se dava segundo uma ordem reconhecida por todos[301].

O historiador Ariès ainda nos lembra que a oração recitada na hora da morte, a *commendacio ainimae*, recomendando a Deus uma intervenção em favor dos santos, era bastante comum naquela temporalidade[302], ainda que Du Guesclin tenha acrescido nela seu pedido de perdão, o que denota uma transformação por que passavam os costumes cristãos para individualizar o momento da morte e a busca pela salvação pessoal.

Ao prolongar os momentos de agonia de Du Guesclin, Cuvelier lhe dá oportunidade para morrer bem, ter sua "boa morte" em vez de uma má, a morte súbita[303], e cumprir todos os rituais a que seu público poderia esperar, e, além disso, dar oportunidade ao herói, mesmo agonizante, de ser o vencedor da campanha a que fora enviado, pois a ele os ingleses sitiados teriam se rendido.

O poeta e encarregado de várias funções administrativas na corte francesa, Eustache Deschamps[304], já mencionado em nosso trabalho, comporia a balada 206, que traduzimos a seguir, em louvor ao cavaleiro bretão após a sua morte. Estes versos ficariam gravados na história da produção lírica de Deschamps como os mais comoventes sobre o condestável.

Raiz de honra e árvore de pujança
Coração de leão cheio de ousadia,
A flor dos valentes e a glória da França,
Vitorioso e ousado combatia,
Era sensato nos feitos e bem fazia,
    Soberano homem de guerra,
Vencendo gentes e conquistando terra,
O mais valente que jamais existiria,
Cada um por vós deve enlutar-se e clamar:
Lamentai, lamentai, flor da cavalaria.

Ó Bretanha, chora tua esperança,
Normandia, dá honra a teu ausente,
Guiana também, e Auvergne ora, avança,
E Languedoc, pede dele seu presente.
Picardia, Champanha e Ocidente
    Devem por lamento suplicar
Dramaturgos, Aretusa virá buscar
Que em lágrimas a vida passaria,
Sua morte todos os corações venha apertar:
Lamentai, lamentai, flor da cavalaria.

---

[301] BEAUNE, C. Mourir noblement à la fin du Moyen Âge. In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 6e congrès, Strasbourg, 1975. La mort au Moyen Âge, p. 125.
[302] ARIÈS, P. *O homem diante*..., p. 130.
[303] CORVISIER, A. *Les danses macabres*. Paris : PUF, 1998, p. 20.
[304] Em 1372, na ocasião do nascimento de Louis d'Orléans, Deschamps compôs a primeira balada em que exaltou as qualidades de Du Guesclin. Daí em diante o poeta foi um grande propagador do renome do cavaleiro bretão.

Ei! Gentes de armas, tenhais na lembrança
Vosso pai, vós éreis sua posteridade;
O bom Bertrand, que tanto teve pujança,
Que tanto vos teve amado de verdade;
Guesclin bradava; orai com sinceridade
Que ele possa paraíso conquistar;
Quem não se enlutar, está a se enganar,
Pois do mundo está a aurora fria:
Com toda honra fora a direita firmar:
Lamentai, lamentai, flor da cavalaria.[305]

A balada 206 faz essencialmente dois movimentos. O primeiro, e que é mais notório, se compõe dos versos de Deschamps que louvam o personagem Du Guesclin pelos vários atributos que lhe conferem: valentia, força, sabedoria, características fundamentais para um militar ocupando a *connétablie*. Em segundo lugar, nas duas últimas estrofes, Deschamps convoca as regiões por onde o condestável atuou em favor do reino francês e nas quais possuía bens senhoriais e também as "*gens d'armes*", a flor da cavalaria, para que então, órfãos de seu "pai", chorassem e se lembrassem de Du Guesclin que tanto os amara.

---

[305] « Estoc d'oneur et arbres de vaillance
Cuer de lyon esprins de hardement,
La flour des preux et la gloire de France,
Victorieux et hardi combatant,
Saige en voz fais et bien entreprenant,
Souverain homme de guerre,
Vainqueur de gens et conquereur de terre,
Le plus vaillant qui onques fust en vie,
Chascun pour vous doit noir vestir et querre :
Plourez, plourez flour de chevalerie.

O Bretaingne, ploure ton esperance,
Normandie, fay son entierement,
Guyenne aussi, et Auvergne or t'avence,
Et Languedoc, quier lui son mouvement.
Picardie, Champaigne et Occident
Doivent pour plourer acquerre
Tragediens, Arethusa requerre
Qui en eaue fut par plou convertie,
Afin qu'a touz de sa mort les cuers serre :
Plourez, plourez fleur de chevalerie.

Hé ! gens d'armes, aiez en remembrance
Vostre père, vous estiez si enfant ;
Le bon Bertran, qui tant ot de puissance,
Qui vous amoit si amoureusement ;
Guesclin crioit ; priez devotement
Qu'il puist paradis conquerre ;
Qui dueil n'en fait et qui ne prie il erre,
Car du monde est la lumiere faillie :
De tout honeur estoit la droicte serre :
Plourez, plourez flour de chevalerie ».

Os cronistas que relataram sua morte, por sua vez, também não pouparam elogios, morria o "mais valente e o sempre leal" Bertrand, "pois era um muito bom cavaleiro e que muito bem havia feito ao reino". Nem mesmo Froissart economizou nas palavras que encerraram a vida de Du Guesclin em suas *Crônicas* dedicando-lhe todo um capítulo. O que mais ocupou a pena do cronista de Valenciennes, porém, foram as honras fúnebres dedicadas ao condestável da França, tanto pelos companheiros como pelo próprio rei Charles V.

No quadro abaixo, composto pelo original e a tradução por nós realizada, buscamos apresentar de que forma a narrativa da morte de Du Guesclin foi referida em diferentes textos:

Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin	***« Car vous estes grãt foyson, & des meilleurs que l'en pourroit trouver » […].*** ***Mesmement plusieurs Englois, qui ses ennemiz estoient, en ourent grant compassion. Mais sur tous autres le noble Roy CHARLES de France se plaint & regretta, comme Charlemaigne fist son neveu Rolãt, […]***	**"[E disseram os ingleses sitiados]: Pois sois muitos e os melhores que poderíamos encontrar" [...].** **Até mesmo os vários ingleses, que eram seus inimigos, tiveram grande compaixão. Mas acima de todos, o nobre Rei CHARLES da França se queixou e lamentou, como Carlos Magno fez com Rolando [...].**
Chronique des quatre premiers Valois	*Et duquel chastel les Anglois qui le tenoient lui apporterent les clefs du dit chastel, grant piece apres qu'il l'oult assiz pour la tres grande renommée et doute qu'ilz avoient de lui […].* *De sa mort fut moult grant domaige au royaume de France. Et en fut le roy moult dolent et couroucé.*	Do castelo os ingleses lhe trouxeram as chaves, grande feito após tê-los sitiado, pelo grande renome e grande medo que tinham dele [...]. Por sua morte foi grande o lamento no reino da França. E ficou o rei muito triste e contrariado.
***Chroniques* de Froissart**	*De celle maladie messire Bertran de Claiquin mourut ; dont ce fut dommage, pour ses amis et pour le royaume de France […] et fut mis en son sarcueil et apporté à Saint-Denis en France ; et là fut ensepveli assez près de la tombe du roi Charles de France […] Et puis fit faire en l'église Saint-Denis son obsèque aussi révérement et aussi notablement comme si ce fût son fils […] Quand le roi de France vit les gens de son connétable, si se ratenrit pour la cause de ce que moult l'avoit amé, et fit à chacun selon son état grand profit.*	Dessa doença messire Bertrand Du Guesclin morreu ; foi uma pena para seus amigos e para o reino da França […] e foi colocado em seu caixão e levado a Saint-Denis na França; e ali foi enterrado bem perto da tumba do rei Charles da França [...] E depois fez realizar na igreja de Saint-Denis suas obséquias de modo tão reverente e nobre como se fosse a um filho [...]. Quando o rei da França viu as gentes de seu condestável emocionou-se por causa desse que o tinha amado, e fez a cada um, segundo seu estado, grande proveito.
***Le livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*, de Christine de Pizan**	*Ainssi le bon conestable, Bertram de Clequin, lequel estoit porteur des faiz de la chevalerie dudit Roy, trespassa […] de laquelle mort moult pesa au sage Roy, et en tousdiz récompensant la bonté, service et loyauté d'icellui conestable […] laquelle mort dudit connestable fu plainte et plourée de maint vaillant, et comunement de tout le royaume, lequel faisoit perte de trés vaillant champion et deffendeut de lui*	Assim o bom condestável, Bertrand Du Guesclin, que era portador dos feitos da cavalaria do Rei, morreu [...] e essa morte muito pesou ao sábio Rei, e recompensando a bondade, o serviço e a lealdade do dito condestável [...] cuja morte foi lamentada e chorada por muitos valentes e também por todo o reino, que perdia o muito valente campeão e defensor que lhe era propício. Assim foi a morte do muito virtuoso [...].

	trés propice. Si fu la mort de lui trés virtueux […].	
Chroniques des règnes de Jean II et de Charles V, les Grandes Chroniques de France	*[…] mais par la volonté de Nostre Seigneur le dit connestable fu malade […] et trespassa de ce siecle le vendredi du mois de juillet […], qui fut grant domaige au Roy et au royaume de France, car c'estoit un moult bon chevalier et qui moult de biens avoit fait ou royaume et plus que chevalier qui lors vesquist.*	[…] mas pela vontade de Nosso Senhor, o dito condestável caiu doente [...] e morreu na sexta-feira do mês de julho [...], o que causou grande pena ao Rei e ao reino da França, pois era um muito bom cavaleiro e que muito bem havia feito ao reino mais que qualquer outro cavaleiro que havia existido.

A escrita elogiosa se faz evidente em todos os exemplos recolhidos, pensamos, portanto, que de fato o renome alcançado por Du Guesclin já circulava muito bem nos meios letrados para que a narrativa de sua morte salientasse a grande perda que ela significou para o reino francês, pois mais do que qualquer outro servidor do reino, o condestável havia lutado em sua causa, sendo que a glória pessoal viria em consequência, ao menos é isso que Cuvelier e seus coetâneos escolheram registrar em seus textos. É válido observar igualmente o uso dos adjetivos, muito bom, melhor, servo, leal, virtuoso, campeão, benfeitor do reino, pois trata-se de linguagem pouco habitual para designar os condestáveis que precederam ou sucederam a Du Guesclin, segundo nossas leituras.

> Du Guesclin morre em um momento favorável – sem dúvida até mesmo o mais favorável – para seu renome póstumo. De fato, a situação política da França havia melhorado consideravelmente desde os desastres do reino de Jean le Bon e sua morte sobrevém no contexto de uma campanha vitoriosa[306].

De fato, a sepultura de Du Guesclin foi erigida em Saint-Denis na capela destinada a Charles V. Todavia, não havia sido esse o desejo do condestável, pois segundo seu testamento, ditado durante os dias em que esteve acamado diante de Châteauneuf de Randon, no dia 9 de julho, o bretão teria imaginado voltar a sua região natal, a Bretanha, e ser sepultado em Dinan[307].

Em seguida, o condestável conferiu ao sobrinho, que levava seu nome, a quantia de 200 libras, a propósito, seu homônimo seria citado novamente no codicilo acrescentado

[306] " Du Guesclin meurt à un moment favorable – sans doute même le plus favorable – pour sa renommée posthume. En effet, la situation politique de la France s'est considérablement améliorée depuis les désastres du règne de Jean le Bon et sa mort survient lors d'une campagne militaire victorieuse », MOAL, L. *Du Guesclin* - Images et histoire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015, p. 16.

[307] Provando sua ligação com a região de origem, Du Guesclin ainda encomendou que um peregrino fosse até o sepulcro de Charles de Blois, a quem naquele período atribuíam-se vários milagres, como já comentado anteriormente, e a São Ivo (Saint Yves), canonizado em 1347, levando para cada um, 500 libras de velas. É de fato curioso o interesse de Du Guesclin por cultos estabelecidos recentemente, isso denotaria talvez uma forte ligação com sua região de origem. Na sequência, Du Guesclin fez dons à igreja de Chizé e às paróquias situadas em suas herdades e encomendou que uma missa diária lhe fosse oferecida na então igreja de Saint-Sauveur.

ao testamento no dia seguinte, como único herdeiro de Du Guesclin, filho de seu irmão Olivier:

> Ampliando nossa graça ao dito Bertrand, porque ele leva nosso nome e será por nós e pelo favor de vários bons e agradáveis serviços que nosso dito irmão nos fez e esperamos que fará no futuro, de nossa plena ciência e graça especial, a Bertrand demos e outorgamos, e pelo presente damos e outorgamos as ditas duzentas libras de renda [...] porque não tivemos de nossa carne nascido nem procriado em casamento [...].[308]

Não sabemos se Du Guesclin teve filhos, ao menos não há referência a eles em seu testamento. Levando-se em conta a importância das famílias de suas esposas, Raguenel e Laval, no ducado bretão, poderíamos afirmar que não. E se houvesse filhos bastardos, por que não citá-los, já que tal reconhecimento era comum naquela época? E ainda, acrescentar no codicilo que "não nasceu de nossa carne e nem procriamos em casamento". São esses dados que nos levam a considerar que talvez Du Guesclin fosse estéril, mas tivesse em si o desejo de posteridade, daí o favorecimento do sobrinho e o intento que ele portasse o seu nome: a importância do sangue e da linhagem era real no cavaleiro da média nobreza bretã, embora o mito que nascia ali com sua morte apontasse para a importância do serviço à coroa francesa independentemente de traços linhagísticos.

Du Guesclin encerraria seu testamento conferindo a seus servidores e companheiros de armas dons em dinheiro e em terras, bem como pedindo para que, havendo necessidade, os executores de seu testamento vendessem seus bens para que todos fossem ressarcidos e suas dívidas pagas. Essa atitude do bretão confirmaria o que Cuvelier salientou em diversos trechos de sua obra, a generosidade de Du Guesclin para com os seus homens, em detrimento até mesmo de sua viúva, Jeanne de Laval, que ficaria apenas "com os bens residuais" após a execução do testamento, conforme podemos observar no trecho a seguir:

> Damos e deixamos a nossa amada companheira, pelos bons e agradáveis serviços que ela nos fez, todo o resíduo de nossos bens móveis, sendo nossa dita execução previamente realizada, e com isso queremos e ordenamos que ela usufrua, no curso de sua vida sozinha, das conquistas feitas por nós [...][309].

---

[308] « En amplifiant nostre grace au dir Bertrand, pour ce qu'il porte nostre nom, & de par nous, & pour faveur de plusieurs bons & agreables services que nostredit cousin nous à faits, & esperons qu'il fera au temps à venir, de nostre certaine science & grace speciale, à iceluy Bertrand avons donné & octroyé, & par la teneur de ces presentes donnons & octroyons les dits deux cent livres de rente […] ou cas que nous n'ayons hoir de nostre chair né & procrée en mariage […] », *Mémoires pour servir de preuve à l'Histoire de Bretagne*, t. 2, 1744, col. 289.

[309] « Nous donnons & laissons à nostre amée compagne, pour les bons & agreables services qu'elle nous a faits, tout le residu de nos biens meubles, nostre dite execution préalablement accomplie, & avec ce voulons & ordonnons qu'elle jouisse, le cours de sa vie seulement, des conquests faits par nous […] ». *Mémoires pour servir de preuve à l'Histoire de Bretagne*, t. 2,1774, col. 288.

Como salienta Philippe Ariès, observamos que o testamento de Du Guesclin segue o que o historiador diz a respeito das partes a serem observadas no documento: primeiramente as "cláusulas pias e em seguida, a distribuição da herança", pois:

> No fim da vida, o fiel confessa a sua fé, reconhece os pecados e os resgata por um ato público, escrito *ad pias causas*. Reciprocamente a Igreja, por obrigação do testamento, controla a reconciliação do pecador e toma da sua herança um dízimo da morte, que ao mesmo tempo alimenta sua riqueza material e seu tesouro espiritual[310].

Ainda que o rei Charles V desconhecesse o conteúdo do testamento de Du Guesclin, é muito relevante que ele tenha mandado trazer seu esqueleto para o sepultamento em Saint-Denis, entretanto será seu filho e sucessor, Charles VI, que dará ao finado condestável prova de seu renome duradouro com cerimônias em sua homenagem em maio de 1389[311]. Houve, na ocasião duas missas em dois dias, a primeira daria conta de um serviço fúnebre póstumo com o posicionamento de um caixão coberto com as armas de Du Guesclin em tecidos de seda próximo ao altar; a segunda cerimônia, conforme as palavras do cronista, se daria de um modo militar jamais visto na abadia até então. A descrição das cerimônias feita em latim pelo monge Michel de Pintoin, na *Chronicorum Karoli Sexti*[312], relata que os ilustres senhores que dirigiram o luto, dentre eles o condestável Olivier de Clisson, que seguiu a Du Guesclin na função, o marechal Louis de Sancerre e o irmão de Du Guesclin, Olivier, estavam todos vestidos de preto, como para o funeral de um amigo, nas palavras do religioso. Outros personagens da alta nobreza também estiveram presentes, o rei Charles VI que acompanhava o prelado até a entrada do coro e os príncipes de sangue, entre os quais, Louis de Orléans[313], irmão do rei, o conde de Nevers, primo do rei e Pierre de Navarra, filho do rei de Navarra que levavam pela ponta espadas desembainhadas. Fizeram adentrar na basílica, quatro cavaleiros armados com as armas de Du Guesclin; outros quatro levando suas insígnias;

---

[310] ARIÈS, P. *O homem diante*..., p. 250-251.

[311] As cerimônias fúnebres estavam inseridas em um contexto de festa. O rei havia recebido um pedido do papa Clemente VII para que auxiliasse a viúva de Louis, duque de Anjou, e seus dois filhos, para que não perdessem o reino da Sicília. Então, Charles promove uma grande festa, de vários dias, de 1º a 9 de maio, compreendendo justas, torneios, banquetes, bailes e o adubamento dos dois descendentes, em honra a seus parentes e declarando seu apoio militar e político na questão.

[312] *La Chronique du Religieux de Saint-Denis*, como é mais conhecida, compreende o reinado de Charles VI, de 1380 a 1422. Seu autor, componente do coro e cronista de Saint-Denis, por causa de suas funções, tinha acesso à vasta documentação da chancelaria régia, o que pode justificar a tamanha precisão com que reportou os episódios referentes ao reino de Charles VI (HASENOHR, G.; ZINK, M. (dir.). *Dictionnaire des Lettres Françaises*..., 1992, p. 1250-1251).

[313] Louis de Orléans havia descido às aguas batismais em 1372 tendo como padrinhos o conde de Estampes, Olivier de Clisson e o próprio Du Guesclin que lhe deu uma espada, colocando-a em sua mão, dizendo que "Deus e São Jorge fizessem dele um bom cavaleiro" (*Chronique des quatre premiers Valois*..., 1862, p. 226).

oito cavaleiros com seus escudos; e outros cavaleiros e escudeiros carregando seus elmos e bandeiras com as armas de Du Guesclin. Cortejo volumoso e reverente diante do altar que ao se aproximar do coro, depositou ali suas ofertas, as armas do condestável, e recebeu a benção com o toque do prelado sobre a cabeça de cada um dos seus componentes.

O detalhe mais marcante da cerimônia, no entanto, foram as palavras do bispo de Auxerre, o oficiante que celebrou os trabalhos: segundo o cronista, que pode ter estado presente, haja vista a riqueza de detalhes e porque fazia parte do coro da abadia, o bispo declarou que Du Guesclin havia sido a flor da cavalaria francesa e o modelo dos valentes (*preux*), enumerando seus feitos de armas, relembrando o tamanho bem que havia feito à França. Dirigiu-se ainda aos cavaleiros presentes advertindo que a cavalaria havia sido instituída no interesse de todos para servir ao bem comum do reino. Podemos imaginar que a cerimônia tenha sido de fato muito solene e tenha feito relembrar as ações do condestável morto há quase uma década[314].

> E prosseguiu, citando vários exemplos da história, à exortação da cavalaria como serviço militar como trabalho em prol da coisa pública, devendo ser observadas a autoridade do príncipe, a causa justa e as intenções retas por parte dos guerreiros, para o avanço do bem e a prevenção do mal, dando bons frutos e louvando o nome de Cristo[315].

Temos conhecimento de que Du Guesclin recebeu quatro sepulturas, mas apenas três permanecem nos dias de hoje, após restaurações devidas às violações e depredações das guerras religiosas e da Revolução. Quando seus homens transportavam seu corpo de Châteauneuf de Randon em direção à Dinan, repousaram uma noite em Montferrand, na Igreja dos Cordeliers, e ali teriam deixado suas carnes conforme o processo de embalsamamento, dessa sepultura não se tem vestígios. A segunda parada teria sido feita na Igreja de Saint-Laurent no Puy-en-Velay onde suas vísceras foram deixadas, com exceção do coração que, como já dissemos, foi levado à Dinan, devido à decomposição

---

[314] Desse período data uma descrição da cerimônia, em versos, feita por um clérigo de Avignon, de nome Guilherme, em 1390. Supondo que o texto do religioso de Saint-Denis ainda não tivesse sido difundido mesmo entre os clérigos, podemos inferir que o dito Guilherme de Avignon possa ter estado presente nas cerimônias de Saint-Denis, pois assim como o religioso autor da crônica, ele também descreve minuciosamente as etapas dos obséquios celebrados na basílica um ano antes (Cf. *Thesaurus novus anecdotorum*, 1717, t. 3, col. 1501-1504).

[315] "Inde procedens ad exhortacionem militum, institutam miliciam ad opus rei publice, et ut illa muniatur tanquam dextera prepotenti, neque illam exercendam sine principis auctoritate, interveniente eciam justa causa ac bellancium intencione recta, sirnilibus ut malum vitetur vel bonum promoveatur, congrue ostendit multis racionibus et exemplis. Et cum fructum milicie multiplicem acquirendum, si bene continuetur, apud Deum et homines, per antiquas hystorias ostendisset et probasset, predicacioni finem fecit, ut perageret divina jam incepta ad laudem nominis Christi" (*Chronique du Religieux de Saint-Denis…*, 1839, t. 1, p. 604).

que o corpo sofria sob o calor daquele mês de julho. Ali no Puy localiza-se a outra efígie existente de Du Guesclin sob a inscrição, restaurada no século XIX e que traz a mudança da data da morte do condestável de 13 para 14 de julho de 1380[316]. Ainda no caminho para realizar o desejo do condestável, o cortejo teria sido interrompido pelos homens do rei, foi então que seu esqueleto seguiu para Saint-Denis e seu coração para a Bretanha.

É interessante observar que o ato de enterrar as partes do corpo do cavaleiro Du Guesclin fazendo de suas sepulturas diferentes monumentos fúnebres reforça o que Paul Ricœur diz a respeito, pois o filósofo considera a sepultura como gesto pontual que "não se limita ao momento do enterro [...]; seu trajeto é o mesmo do luto que transforma em presença interior a ausência física do objeto perdido. A sepultura como lugar material torna-se, assim, a marca duradoura do luto[...]"[317]. Sem dúvida, já naquele contexto, a homenagem póstuma que se prestava ao condestável faria com que seu renome se difundisse não apenas com os escritos de cronistas e poetas propagados em manuscritos e também oralmente, mas como um lugar de memória coletivo, onde qualquer integrante daquela sociedade, letrado ou não, "pudesse ler o essencial" da história daquele personagem[318].

> Se o túmulo designava o local necessariamente exato do culto funerário é porque também tinha por objetivo transmitir às gerações seguintes a lembrança do defunto. Daí seu nome de *monumentum*, de *memoria*: o túmulo é um memorial. A sobrevivência do morto não devia ser apenas assegurada no plano escatológico por oferendas e sacrifícios; dependia também do renome que era mantido na terra, fosse pelo túmulo com os seus signa e suas inscrições, fosse pelos elogios dos escrivães[319].

Talvez devêssemos acrescentar, dada a citação de Ariès, que a canção de Cuvelier alcançou ser um memorial para o herói morto, pois a difusão de sua obra tornou a morte de Du Guesclin apenas mais uma etapa na vida póstuma de cavaleiro e seus versos alimentaram muitas outras obras que se ocuparam em resgatar a história do bretão marcando o início de um mito que é relido até os dias de hoje.

Encerrando nosso recorte de produção dos escritos sobre Du Guesclin, Christine de Pizan, por sua vez, já no início do século XV, em 1404, apresenta, em sua biografia real oficial de Charles V, a figura de Du Guesclin como um servo fiel da monarquia

---

[316] Segundo o historiador Georges Minois, tal "erro" não seria inocente, dado o esforço em fazer de Du Guesclin um nobre herói representante da então nação francesa (MINOIS, G. *Du Guesclin*..., 1993, p. 453).
[317] RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007, p. 377.
[318] BEAUNE, C. Les sanctuaires royaux. De Saint-Denis à Saint-Michel et Saint-Léonard. In : NORA, P. (dir.). *Les Lieux de mémoire* I. Paris : Quarto Gallimard, 2013, p. 625.
[319] ARIÈS, P. *O homem diante*..., p. 270.

francesa, espelho para todos os que almejassem a cavalaria. No entanto, sua morte não seria mais que um triste presságio da morte próxima de Charles, e para evidenciar isso, Christine usa o que se dizia a respeito de Alexandre, o Grande, e a morte de seu cavalo, Bucéfalo. Du Guesclin era o braço de Charles na guerra, a extensão do poder do rei em campo de batalha, cuja morte, segundo Christine, "causara profunda tristeza ao monarca e como este desejava recompensar a coragem, o serviço e a lealdade do condestável, fez-lhe uma sepultura de grande valor em Saint-Denis". A morte do condestável não foi detalhada por Christine, nem mesmo citou o local e o que fazia, ainda assim a mulher de letras colocou em evidência os bons serviços prestados por ele ao rei e a falta que faria, portanto tratava-se de uma grande perda para o reino daquele que Christine exaltou como o mais sábio dentre os soberanos da França, como pudemos ver no trecho incluído no quadro comparativo acima.

Como afirma Philippe Contamine, "suscitar e sustentar o mito Du Guesclin apresentava reais vantagens para a monarquia" fragilizada pelas várias derrotas ao longo do século XIV[320]. Visto que o condestável não mostrava ambições políticas, atuava como um verdadeiro militar e era fiel vassalo dos Valois, usar seu renome como instrumento de propaganda fez com que Charles V e seu sucessor mantivessem o apoio da aristocracia e principalmente do povo, parcela da sociedade sobre a qual pesava o grande custo da guerra ainda longe de acabar.

O que buscamos apontar com os epidódios referidos nesta primeira parte da tese, foi que o conteúdo tratado por Cuvelier, principalmente, foi fundamental para a construção de uma identidade narrativa de Bertrand Du Guesclin em que os valores cavaleirescos se concentraram em um único: o serviço fiel e eficaz ao rei e ao reino da França. Com isso, queremos dizer que os autores estudados souberam recuperar em seu entorno informações pertinentes a uma causa, a de seus financiadores, muito provavelmente, para colocar em palavras aquilo que acabava, por extensão, se tornando a história do público receptor da obra. Se os versos de Cuvelier alcançaram o povo mais distante na hierarquia social tanto quanto devem ter alcançado os grupos mais próximos ao topo da pirâmide, não sabemos. Todavia, acreditamos que ao referir a vida do cavaleiro bretão esses autores escreveram linhas muito importantes e fundadoras para a história do reino francês no final do século XIV. Será essa escrita da história o objeto estudado na segunda parte desta tese, conforme veremos a seguir.

---

[320] CONTAMINE, P. Bertrand Du Guesclin, une gloire usurpée ?. In : _____ (org.). *Les chevaliers*. Paris : Tallandier, 2006, p. 88.

3) ***A Escrita da História na França da Baixa Idade Média***

3.1) Introdução à segunda parte

Nesta segunda parte da tese, buscamos aprofundar a análise da escrita de cada um de nossos autores, no que diz respeito à Escrita da História naquele final de século XIV e início do século XV na França. Com isso, queremos dizer que, ultrapassando os dados biográficos de Du Guesclin contidos em suas obras, veremos de que forma Cuvelier, o autor da passagem para a prosa e Christine de Pizan se colocavam no texto, isto é, como eles pensavam e representavam seu mundo e como se relacionavam com o entorno. Afinal, eram "gentes de saber", tal como sugere Jacques Verger, que

> Desejavam [...] melhor servir [a] ordem estabelecida, de acordo com suas doutrinas e sem negligenciar seus próprios interesses [...] eram homens de autoridade [...] mais inclinados a servir e a melhorar a ordem existente do que a assumir o risco de subverter as hierarquias sociais onde eles próprios não estavam tão mal colocados e onde eles aspiravam a uma ascensão ainda mais alta.
> Não resta dúvida que, em tais condições, eles reconheceram no saber um poder essencialmente integrador e modernizador, que eles tenham visto no mesmo saber o cimento da coesão social e política e que eles não tenham jamais sido mais felizes como no momento em que tiveram por interlocutor um rei "sábio" partilhando de suas convicções e aberto para algumas reformas, tal como o rei da França Charles V.[321]

Vejamos, portanto, se esse ambiente propício da corte de Charles V se manteve quando do início do reinado do filho e sucessor Charles VI, e em que medida esses letrados se mantiveram distantes de subverter as hierarquias sociais. Há que se considerar que o contexto por que passava o reino francês nos dois momentos do tempo de escrita de que tratamos nesta tese, a primeira década após o desaparecimento de Bertrand Du Guesclin e os primeiros anos do século XV, eram muito semelhantes devido à fragilidade do novo monarca, seja pela sua minoridade, seja por seu estado mental. A instabilidade derivada de tal situação colocaria as casas principescas, e, por conseguinte a nobreza, em uma posição de destaque diante de um rei enfraquecido. Além disso, o grande Cisma da Igreja (13788-1417) com a divisão do papado entre Roma e Avignon demandaria daqueles que dominavam a pena suas reflexões sobre o momento de crise que atravessava a cristandade no Ocidente latino. Sob Charles VI[322], podemos pensar que havia uma forte

[321] VERGER, J. *Homens e saber na Idade Média*. Trad. Carlota Boto. Bauru, SP : EDUSC, 1999, p. 205-206.
[322] Segundo a « subtração de obediência » de 1398 a 1403, estava fundamentada a desobediência ao papa que mantivesse a igreja separada, pois isso se configuraria em um crime contra a unidade da cristandade.

motivação em reunir novamente a cristandade, o que se confirma nas linhas dos homens e mulheres de saber que contemplamos em nossas pesquisas. Já aqui vê-se uma diferença entre Charles VI e seu pai, Charles V, a quem atribui-se um "julgamento" desigual do papa Urbano VI, papa em Roma, em favor de seu parente, o antipapa Clemente VII, estabelecido em Avignon com o claro apoio da monarquia francesa. O cisma também serviu a opor mais uma vez os reinos da França e da Inglaterra e seus correspondentes aliados, haja vista este último apoiar o papado de Roma. Parece ter sido necessário, portanto, colocar a atuação de Charles V a favor da cristandade e amenizar sua responsabilidade no começo do Grande Cisma por ter apoiado o exílio de Avignon em 1378[323].

Apesar do contexto do período que estudamos se apresentar tão conturbado, é preciso assinalar que os reinos de Charles V e Charles VI se apresentam:

> De modo semelhante por uma profunda mutação das letras francesas. Enquanto que a prosa acaba por se impor como o modo de expressão privilegiado da narrativa, o verso se faz veículo da escrita do eu, combinando estética narrativa do dito e o lirismo da paisagem puro dos poemas de formas fixas. Mas, mais ainda, a renovação da paisagem literária se vale da expansão da literatura de ideias, cuja riqueza de conteúdo e leveza formal não se comparam com a produção didática dos séculos anteriores[324].

Para tal análise, são os prólogos das obras estudados mais cuidadosamente, para que, sendo possível, vejamos o que cada autor pensava sobre sua escrita, seu desempenho, sua noção de memória, sua relação com o passado, com o público para quem escrevia, o potencial histórico de cada obra e também sua relação com outras obras. Enfim, elementos que nos auxiliem a reconstruir o horizonte histórico medieval em que se inseriam aqueles letrados.

> Esses prólogos que os historiadores dos séculos XIX e XX durante muito tempo viram como trechos convencionais que poderiam negligenciar sem prejuízo algum, os historiadores da Idade Média os leram por vezes com a

(MILLET, H. "Schisme". In: GAUVARD, C.; LIBERA, A. ; ZINK, M. *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris : PUF/Quadrige, 2004, p. 1294).

[323] GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge…*, p. 422.

[324] « Semblablement par une profonde mutation des lettres françaises. Tandis que la prose finit de s'imposer comme le mode d'expression privilégié du récit, le vers se fait le véhicule de l'écriture du moi, combinant l'esthétique narrative du dit et le lyrisme pur des poèmes à forme fixe. Mais, plus encore, le renouvellement du paysage littéraire tient au foisonnement de la littérature d'idées, sont la richesse de contenu et la souplesse formelle sont sans commune mesure avec la production didactique des siècles antérieurs » (DEVAUX, J. « Introduction. Littérature et Politique sous les premiers Valois ». *Le Moyen Âge* nº 3, Tome CXVI. Paris : De Boeck Supérieur, 2010, p. 534).

> maior atenção. Eles se inspiraram neles para realizar seus próprios prólogos e, o mais importante, suas próprias obras.[325]

Ainda que os prólogos e prefácios das obras medievais sejam permeados de lugares comuns, enfrentamos sua leitura em busca daquilo que era esperado desses gêneros, ou seja, como expressão do que era aceito naquela sociedade.

As características gerais de cada fonte serão igualmente objeto de análise para observarmos como a Escrita da História se alimentava de formas conhecidas naquele contexto sociocultural, alcançando assim uma boa recepção do público. Nesse sentido, interrogamo-nos sobre a passagem do verso para a prosa da canção de Cuvelier e o que isso pode nos dizer sobre o horizonte de expectativas[326] que cercava essas obras. Acreditamos que a passagem para a prosa possa ter ocorrido segundo uma demanda que havia crescido consideravelmente a partir do século XIII: a demanda por crônicas, isto é, compilações bem fundamentadas e bem escritas que satisfizessem o leitor em seu interesse pela *história*, como narrativa de grandes feitos, para além da cronologia a que esteve ligado o termo[327].

Procuramos discutir igualmente as proximidades e diferenças entre Literatura e História e o que isso implica no trabalho do historiador da nossa contemporaneidade, pois trabalhamos com fontes escritas de uma época em que não havia essa separação entre domínios do saber, muito embora os letrados de que tratamos aqui conhecessem com muita consciência os diferentes estilos da linguagem escrita a que se lançavam: verso ou prosa, expressões líricas subjetivas do eu e narrativa histórica, por exemplo.

Essas análises serão balizadas nas considerações do filósofo Paul Ricoeur sobre a representação na história a partir de sua explanação sobre as três *mimeses* e seus conceitos

---

[325] « Ces prologues que les historiens du XIXe et XXe siècles ont longtemps vus comme des morceaux conventionnels qu'ils pouvaient négliger sans dommage, les historiens du Moyen Âge les ont parfois lus avec la plus grande attention. Ils s'en sont inspirés dans leurs propres prologues et, ce qui est plus important, dans leurs œuvres mêmes ». GUENÉE, B. L'écho d'un prologue : de Guillaume de Tyr à Michel de Pintoin. In : *Les prologues médiévaux*. Actes du Colloque international organisé par l'Academia Belgica et l'Ecole française de Rome avec le concours de la F.I.D.E.M. (Rome, 26-28 mars 1998). Turnhout : BREPOLS, 2000, p. 242-243.

[326] Empregamos o conceito de "horizonte de expectativa" segundo o que diz Hans Robert Jauss em sua obra *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária* em que desenvolve doze teses sobre a importância da história da Literatura para sua compreensão e teorização na sua evolução literária e como elemento constitutivo da sociedade. Assim, por "horizonte de expectativa" entenda-se uma "predisposição específica do público com a qual um autor conta para determinada obra [...] tornando possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público [...] dando a conhecer a história de sua recepção" (JAUSS, H. R. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ed. Ática, 1994, p. 29, 31 e 35).

[327] GUENÉE, B. Histoire et chronique, nouvelles réflexions sur les genres historiques au Moyen Âge. In : POIRION, D. (dir). *La chronique et l'histoire au Moyen Âge, colloque des 24 et 25 mai 1982*. Paris : Presses de l'Université de Paris Sorbonne, 1986, p. 10-11.

de *representância* e de *identidade narrativa* discutidos em duas de suas obras, a trilogia *Temps et Récit*, dos anos de 1980 e *La mémoire, l'histoire et l'oubli* dos anos 2000, tendo em vista que tomamos as obras dos autores estudados como narrativas que *presentificam* um passado que não existe mais segundo uma operação que pode ser chamada de *mimese*, ou recriação de uma realidade em forma de escrita. Ricoeur propôs como um círculo hermenêutico na História três mimeses: a mimese I está fundamentalmente concentrada na atividade do historiador quando aborda as fontes e recupera os elementos do passado, é o momento da pesquisa propriamente dito; a mimese II quando os elementos recuperados são colocados em linguagem narrativa, fase em que o historiador se serve da escrita, e finalmente a mimese III com a recepção do texto, o momento da leitura, no trabalho de reconstrução daquele passado pelo leitor, aí retornaríamos à mimese I, completando o círculo[328], já que o leitor descobre também por sua vez um passado, não diretamente através das fontes, como o historiador, mas através da narrativa historiográfica.

Entendemos que a diferença entre o trabalho do historiador e aquele do escritor de ficção literária está essencialmente na mimese I, isto é, se o historiador busca suas referências no documento, o escritor pode buscar as suas apenas em sua imaginação, logo, não é o resultado-texto que diferencia um do outro, mas a fase de busca. Verossímeis e coerentes ambas as narrativas podem ser, no entanto, ficcionais já não se espera que o produto apresentado pelo historiador seja; ficção no sentido de total invenção do passado, pois é necessário que aquilo que conta o historiador tenha acontecido. Eis que voltamos a Aristóteles[329]! No entanto, por mais próximo da verdade que o historiador intente chegar, o resultado será uma *versão* do acontecimento, uma *reconstrução* a partir dos arquivos e das fontes que escolhe para sua tarefa. Seu êxito estará pautado na experiência de leitura que o público fará de sua obra, aqui mais uma vez é Ricoeur que conceitua o pacto existente entre leitor e historiador, a que o filósofo chama de *representância*, como uma intenção ou intencionalidade historiadora que pressupõe que autor e leitor de um texto histórico acordem que se tratará de personagens e acontecimentos que existiram. Cabe aqui indagar em que medida o historiador responde às expectativas de seu público

[328] RICOEUR, P. *Temps et récit*, Tome 1: L'intrigue et le récit historique. Paris : Points, 1983, p. 105-162.
[329] Em sua *Poética*, Aristóteles diferencia a História da Poesia usando exatamente essa oposição: a primeira fala do que aconteceu, a segunda do que poderia ter acontecido (cf. *Poética*, trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993, p. 451).

firmadas nesse pacto de leitura[330], ao construir uma *identidade narrativa* de um personagem ou de um grupo social reais.

Indagamos nossas fontes também no sentido de observar se há nelas o retrato de uma produção legitimada pelo poder monárquico e aristocrático que possa ilustrar as relações desse poder e o ambiente cultural da corte[331]. De onde nosso pensamento sobre o uso dessas obras como propaganda em prol da dinastia dos Valois, principalmente ao colocar em evidência o rei Charles V, como facilmente se atesta na obra de Christine de Pizan, mas como isso pode ser averiguado em Cuvelier e na transposição para a prosa? Perguntas a que lançamos nossas hipóteses.

Vejamos, portanto, de que forma *La chanson de Bertrand Du Guesclin*, sua transposição para a prosa e a biografia de Christine de Pizan oferecem elementos ao historiador que busca compreender como se dava a Escrita da História na França no período tardo-medieval. Que elementos são esses e de que forma os autores satisfizeram às expectativas de seu público e se o fizeram? E ainda, quais são as expectativas desse público de corte? Em um contexto em que a fragilidade política do rei, as implicações do Grande Cisma e a guerra contra os ingleses demandavam medidas de todos os extratos sociais, podemos dizer que dos letrados, já que não tomavam a espada e não pagavam os impostos requeridos do povo para financiar a guerra, por serem clérigos ou "funcionários" das casas principescas, a demanda implícita era a de que fornecessem conteúdos trabalhados em suas linhas que respondessem às expectativas tanto da monarquia quanto da nobreza que ao ouvir os feitos já conhecidos pudessem se reconhecer neles e tivesse sua parte de "entretenimento". Há que se considerar, no entanto, que apesar de trabalharem conteúdo atrativo a esses grupos, os homens e mulheres de saber também os criticaram e deixaram claras manifestações de seus posicionamentos diante das circunstâncias que se apresentavam naqueles anos.

Ao explanar nossas considerações sobre isso, fundamentamos igualmente nossa análise na proposta do pesquisador Leonardo Funes que formulou o conceito de *Poética do relato histórico medieval* tratando-se de uma investigação dos processos que dizem respeito às normas de escrita dos textos, bem como os componentes teóricos de que se revestem, restituindo assim, o horizonte histórico próprio do sistema cultural medieval

---

[330] RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alan François [et al.]. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2007, p. 289.
[331] CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013, p. XX-XXI.

nas suas representações discursivas[332], ou seja, veremos os *modos de escrever, de pensar e expor o que está escrito*[333] desses autores.

[332] FUNES, L. Elementos para uma poética del relato histórico. In: ARIZALETA, A. *Poétique de la chronique*. L'écriture des textes historiographiques au Moyen Âge (Péninsule Ibérique et France). Toulouse : CNRS, coll. Méridiennes, 2008, p. 241-273 ; _____. Reflexiones en torno a una poética del relato cronístico. *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre, BUCEMA*, Hors-série n° 2, 2008, p. 2-14. Disponível em : revue.org. Acesso em : agosto de 2014.

[333] BARROS, J. D'A. *O campo da história*. Especialidades e abordagens. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010, p. 80.

3.2) A representação na história e a poética do relato cronístico

Ainda que não seja possível "falar" em literatura francesa nos moldes como a entendemos hoje, concordamos com o professor Michel Zink quando ele afirma que já no século XIV:

> A literatura francesa existia realmente há pelo menos duzentos anos [...] Aplicado às obras literárias, o esforço reflexivo tem por efeito destacar as escolhas do autor e a imagem que ele quer dar de si mesmo. Os gêneros, as formas, seu equilíbrio e sua distribuição se modificam sob o efeito dessa consciência literária que olha a obra e que mostra voluntariamente como ela se vê sob seu próprio olhar[334].

A abordagem literária que durante muitos anos esteve sob a influência da semiótica estruturalista deixou a dimensão contextual de produção de uma obra um pouco de lado. No entanto, as análises consagradas à ficção histórica dos últimos vinte anos no Brasil, por exemplo, têm resgatado elementos externos à obra para tecer suas considerações, fato que acabou aproximando ainda mais essa disciplina da História[335].

Como então o historiador pode abordar uma obra literária sem deixar de imprimir em sua pesquisa a identidade de um caráter histórico? Ora, mostrando como a "literatura permite pensar a historicidade da experiência humana na sua relação com o tempo, com a espera, com a guerra ou com a morte"[336], extraindo dela informações que complementem ou até mesmo indiquem o que fontes, ditas oficiais, de arquivo, há muito são capazes de fornecer. Serão, sem dúvida, o método do historiador e sua postura científica ao reunir e inquirir as fontes comparando-as umas às outras, as bases de um bom trabalho historiográfico. Trabalho que, assim como a historiadora medievalista Marcella L. Guimarães, acreditamos não poder ser realizado sem documentos, pois, prossegue a autora,

> Nosso trabalho nasce das pegadas, dos indícios, dos bilhetes de socorro, das marcas que essas caças [o humano, em referência ao que disse Marc

---

[334] ZINK, M. *Froissart e o tempo*. Trad. Carmem L. Druciak e Marcella L. Guimarães. Curitiba: Ed. UFPR, 2016, p. 59.

[335] Estudos sobre o assunto podem ser conferidos nos trabalhos de AGUIAR, F. et al. *Gêneros de fronteiras*: cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997; BASTOS, A. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007; COSTA LIMA, L. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhias das Letras, 2006; WEINHARDT, M. (org.) *Ficção histórica*: teoria e crítica. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

[336] ANHEIM, Etienne ; LILTI, Antoine. Introduction. *Annales. Histoire, Science Sociales*, Paris, 65e année/2, Savoirs de la littérature, 2010, p. 257. Disponível em : http://www.cairn.info/revue-annales-2010-2-page-253.htm. Acesso em: 08 fev. 2017.

> Bloch] – nós próprios, nossos antepassados, as sociedades – deixaram. Muitas dessas marcas são textos e literários[337].

Ademais, as descobertas do historiador quando expostas em seus textos podem promover ao ato da leitura uma extensão daquela satisfação do historiador em apreciar algo pela primeira vez. Por isso, acreditamos ser bastante válido apresentar esses documentos em meio a análises por vezes muito densas, já que são eles que dão uma singularidade muito bem-vinda aos trabalhos científicos, dando ver ao leitor o caminho percorrido antes pelo especialista entre fontes de valor também estético.

Esses resultados a que pode chegar o historiador são lidos e em seguida "avaliados" por seu leitor. Fazemos essa afirmação com relação ao acordo existente entre a obra historiográfica e seu público: espera-se que ela revele a "verdade" sobre os fatos relatados ali. Esse horizonte de expectativas na História não pode ser ignorado, caso contrário ao da Literatura que pode transgredir e surpreender o leitor com elementos novos que o façam repensar as tradições a que poderia aludir aquele determinado texto[338]. Na História, o leitor espera que os elementos apresentados o levem a episódios *reais* e a um referente *conhecido* coletivamente.

Aqui cabe um breve retorno a conceitos que serviram como pontos de mutação na história da historiografia. Por exemplo, os debates em torno de conceitos como narrativa, verdade e ficção na escrita historiográfica e que animaram os círculos de discussão após a leitura das obras de Michel de Certeau, Hayden White, Paul Veyne e Paul Ricoeur[339]. Em nosso percurso acadêmico, esses autores acabaram por nos proporcionar a construção de uma ponte entre as disciplinas de que tratamos neste estudo. Dizemos isso, pois acreditamos que uma formação nas duas disciplinas, História e Literatura não torne necessariamente fácil o trabalho com fontes literárias, mas sem dúvida indica caminhos que podem ser trilhados. Assim, a operação historiográfica de Certeau e as análises que fez dela Ricoeur, passando pela corrente narrativista de White e Veyne, permite ao historiador ter elementos que sustentem seus argumentos como os que defendem que o

---

[337] GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de História : o trabalho com fontes*. Curitiba: Aymará, 2012, p. 11. Em *Capítulos de História: o trabalho com fontes*, Marcella L. Guimarães propõe aos profissionais de História que levem para perto de seu público as fontes que alimentam suas análises, bem como saibam de que maneira se "beneficiar de um campo maior e multifacetado de fontes históricas" (Ver p.12). Conferir também a memorável obra de Marc Bloch. *A Apologia da história*, ou, O ofício de historiador. Tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

[338] JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 28-29.

[339] Referimo-nos aqui, respectivamente, às obras *L'Écriture de l'Histoire* (1975); *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe* (1973/2014); *Comment on écrit l'histoire : essai d'épistémologie* (1970), e *Temps et récit*, 3 vol. (1983-1985).

texto historiográfico pode ser construído narrativamente, resgatando os acontecimentos, problematizando-os e não dando a eles apenas a ênfase dada pela historiografia positivista do século XIX, caracterizada por "levar tudo ao pé da letra" e não atentar para o simbolismo e para a retórica presente nos documentos[340]. Daí as novas abordagens e métodos da história cultural que deram origem à *microstoria* italiana e à escrita histórico-biográfica, por exemplo. Aliás, a necessidade de uma narrativa e de um enredo para organizar a compreensão que se tem da própria vida e dar-lhe sentido é inerente ao ser humano. As diferentes formas de se realizar essa narrativa é que podem prover ao historiador atento elementos novos e valiosos para seu trabalho, pois "a História é uma urdidura discursiva de ações encadeadas que, por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significados no tempo"[341].

Para Jörn Rüsen, contemporâneo de Paul Ricoeur e com quem partilhava dos conceitos caros a esta pesquisa, contruir um texto historiográfico narrativamente é a própria operação racional de sentido, ou seja, uma consciência histórica que se dá também através da linguagem escrita, já que

> A racionalidade do pensamento histórico pode ser descrita como um modo da constituição de sentido que consiste na forma de comunicação do raciocínio argumentativo. Para obter esse resultado a narrativa precisa ser concebida como uma operação mental de constituição de sentido e ponderada quanto à sua função constitutiva do pensamento histórico[342].

Com isso, podemos perceber que, além de ser construído historicamente, ou seja, dependente das "lições" de sua contemporaneidade, o sentido oferecido pela narrativa histórica aponta para uma relação entre "o passado, o presente e também o futuro, sentido esse no qual a experiência do passado é interpretada de forma que o presente possa ser entendido e o futuro, esperado"[343]. Compreender a consciência histórica dos autores estudados é alcançar um bom entendimento da *Poética do relato histórico*, como veremos nas linhas que seguem mais adiante.

Além do que, no caso da História, entendemos que sua narrativa sobre o passado se dá como uma *presentificação* do que já aconteceu e não existe mais, isto é, uma operação que pode ser chamada de *mimese*. Evocamos nas linhas seguintes deste trabalho

---

[340] BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução Sergio Goes de Paula. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 157 ; 163.
[341] PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. *Revista História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, nº 14, p. 33, set. 2003. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220. Acesso em: 08 fev. 2017.
[342] RÜSEN, J. *Razão histórica*. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília : Editora da UNB, 2001, p. 154.
[343] RÜSEN, J. *Razão histórica...*, 2001, p. 160.

o que Paul Ricoeur, na sua trilogia *Temps et récit* dos anos de 1980, e na obra *La mémoire, l'histoire et l'oubli* dos anos 2000, propôs como um círculo hermenêutico na História segundo três mimeses, pois:

> é tarefa da hermenêutica reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma obra se destaca do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim transforma seu agir. Para uma semiótica, o único conceito operatório permanece aquele do texto literário. Uma hermenêutica, por outro lado, se preocupa em reconstruir o arco inteiro das operações pelas quais a experiência prática alcança obras, autores e leitores[344].

Sobre a mimese I, aplicada à pratica historiográfica, podemos dizer que se trata da fase concentrada na atividade do historiador quando este aborda as fontes e recupera os elementos do passado que lhe servem a produzir história, isto é, é a fase de análise e de busca por elementos que respondam às suas indagações sobre um problema historiográfico. Seria a fase em que o historiador, ao mergulhar nos indícios de um passado através dos documentos, encontra os caminhos a serem trilhados, no sentido de desbravar essa trilha, e esse segundo passo se daria com as ferramentas da escrita, chegando à mimese II.

A mimese II, portanto, se dá quando os elementos recuperados são colocados em linguagem narrativa, para Ricoeur seria a fase em que o historiador pode tocar a ficção, no sentido de que aquilo que produz não é o *passado*, mas uma representação possível dele. São as estruturas comuns de linguagem, escrita no caso, que podem aproximar uma narrativa histórica de uma narrativa ficcional, no entanto, o que estaria em jogo seria a dimensão *referencial*, já que a "pretensão da narrativa histórica [seria] constituir uma narrativa "verdadeira"[345]. Assim, continua Ricoeur, não se trataria de abandonar a assimetria entre "passado real e mundo irreal", pois o problema seria mostrar exatamente "de que maneira, única em seu gênero, o imaginário se incorpora à visada do ter-sido, sem enfraquecer a visada "realista"[346]. Esse seria o papel fundamental do historiador como produtor da mediação entre essas duas dimensões: reinscrever o tempo da narrativa

---

[344] « C'est la tâche de l'herméneutique de reconstruire l'ensemble des opérations par lesquelles une œuvre s'enlève sur le fond opaque du vivre, de l'agir et du souffrir, pour être donnée par un auteur à un lecteur qui la reçoit et ainsi change son agir. Pour une sémiotique, le seul concept opératoire reste celui du texte littéraire. Une herméneutique, en revanche, est soucieuse de reconstruire l'arc entier des opérations par lesquelles l'expérience pratique se donne des œuvres, des auteurs et des lecteurs ». RICOEUR, P. *Temps et récit*. I – L'intrigue et le récit historique. Paris: Ed. du Seuil, 1983, p. 106-107.
[345] RICOEUR, P. *Temps et* récit. I... p. 125-126.
[346] RICOEUR, P. *Temps et récit*. III – Le temps raconté. Paris : Ed. du Seuil, 1985, p. 331.

no tempo do universo, usando as palavras do filósofo, *refigurar* o tempo, apresentando ao leitor um passado *escrito* possível.

O papel do leitor se dá, desse modo, na mimese III. É no leitor que a narrativa "tem seu sentido pleno", pois é nele, ou no ouvinte, que se completa o percurso da mimese[347]. A transição entre mimese II e III é operada pelo leitor. Ricoeur recorre às teorias do ato de leitura e da estética da recepção para melhor explicitar o que acredita constituir um pacto de leitura através do qual a obra atinge seu total significado: a *representância* na história[348].

Esse é o segundo conceito de Ricoeur observado em nossa pesquisa:

> A palavra "representância" condensa em si todas as expectativas, todas as exigências e todas as aporias ligadas ao que também é chamado de intenção ou intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos. Introduzimos acima essa relação sob a feição de um pacto entre o escritor e o leitor [...]. O autor e o leitor de um texto histórico convencionam que se tratará de situações, acontecimentos, encadeamentos, personagens que existiram realmente anteriormente, isto é, antes que tenham sido relatados, o interesse ou o prazer de leitura resultando como que por acréscimo. A pergunta agora colocada visa a saber se, como e em que medida o historiador satisfaz à expectativa e promessa subscritas nesse pacto[349].

Como é possível perceber, o conceito de *representância* está estreitamente ligado ao de horizonte de expectativa, no sentido que entendemos aqui, sendo como que complementares, porque se autor e leitor de uma obra que visa a representar os acontecimentos históricos convencionam de que se trata de uma "reconstrução do curso passado dos acontecimentos" baseados cada um em seu conhecimento prévio sobre aquele determinado assunto, a maneira pela qual o autor compõe sua narrativa deveria também corresponder ao que o leitor estaria preparado para receber. Essa relação, conforme as diferentes épocas na história, se dá de um modo único e com o passar do tempo, uma obra composta, como é nosso caso, para um público aristocrático será lida como em palimpsestos, ou seja, as diferentes leituras, para uma análise realizada hoje, mais de seiscentos anos após a composição da obra, deve levar em conta as diferenças entre seus públicos.

---

[347] RICOEUR, P. *Temps et* récit. I... p. 136.
[348] RICOEUR, P. *Temps et récit*. III... p. 286.
[349] RICOEUR. P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP : Ed. da Unicamp, 2007, p. 289.

Para realizar essa leitura, servimo-nos de um terceiro conceito de Paul Ricoeur, o de *identidade narrativa*. Isso se dá, pois, a pergunta sucitada por uma obra que trata de acontecimentos reais a partir da história de um personagem real, está diretamente ligada ao "quem" fez, "quem" agiu[350], a que o historiador responde construindo uma *identidade narrativa*, seja de um indivíduo ou grupo social. Entendemos que Cuvelier, o autor anônimo da versão em prosa e Christine de Pizan contruíram uma identidade narrativa de Bertrand Du Guesclin como um modelo para a cavalaria francesa como corpo militar permanente a serviço do rei e do reino naquele contexto de fragilidade da figura régia. E fizeram isso considerando o que já se sabia sobre o cavaleiro e a cavalaria, sobrepondo e transformando as informações a que tinham acesso:

> Vê-se de fato, como a história de uma vida se constitui por uma sequência de retificações aplicadas a narrativas prévias, do mesmo modo que a história de um povo, de uma coletividade, de uma instituição procede da sequência das correções que cada novo historiador traz às descrições e às explicações de seus predecessores, e, pouco a pouco, às lendas que precederam esse trabalho propriamente historiográfico. Como foi dito, a história procede sempre da história. O mesmo se dá com o trabalho de correção e de retificação constitutivo do retrabalho analítico: um sujeito se reconhece na história que ele conta a si mesmo sobre si mesmo[351].

Ao abordar os autores das fontes estudadas neste trabalho como escritores que se ocuparam da escrita da história, acreditamos, por extensão, que havia sim um pacto de leitura implícito, mesmo que se desse com um ouvinte, e que era regido por um horizonte de expectativas próprio daquela temporalidade. É aqui que o pesquisador e professor Leonardo Funes nos auxilia com seu conceito de *Poética do relato histórico medieval*. Tal conceito se fundamenta num movimento de investigação dos processos que dizem respeito às normas de escrita dos textos, bem como os componentes teóricos de que se revestem, restituindo assim, o horizonte histórico próprio do sistema cultural medieval em suas representações discursivas, pois no que se refere à escrita da história, "a ênfase

---

[350] Ricoeur ao discorrer sobre essa aporia remete-se ao « quem » da história colocado em análise por Hanna Arendt em sua obra *A Condição Humana* e por Martin Heidegger em *O Ser e o Tempo* (RICOEUR, P. *Temps et récit*. III..., p. 442).

[351] « On y voit en effet comment l'histoire d'une vie se constitue par une suite de rectifications appliquées à des récits préalables, de la même façon que l'histoire d'un peuple, d'une collectivité, d'une institution procède de la suite des corrections que chaque nouvel historien apporte aux descriptions et aux explications de ses prédécesseurs, et, de proche en proche, aux légendes qui ont précédé ce travail proprement historiographique. Comme il a été dit, l'histoire procède toujours de l'histoire. Il en va de même du travail de correction et de rectification constitutif de la perlaboration analytique : un sujet se reconnaît dans l'histoire qu'il se raconte à lui-même sur lui-même » (RICOEUR, P. *Temps et récit*. III, p. 444-445).

está na escrita enquanto processo formal de configuração"[352]. Isso quer dizer que a narrativa construída pelos autores estudados nesta tese se dá como "um procedimento multifacetado que engloba as realizações literária e histórica, sem que se confundam como discurso, e a imaginação sem que esta se confunda com mentira"[353].

Assim, os homens e mulheres de saber que estudamos nesta tese mantinham certos critérios historiográficos, ou seja, critérios "científicos": para registrarem apenas feitos verdadeiros; critérios técnicos: para expor claramente o que desejavam segundo as regras da retórica, e critérios morais: para observar o conjunto de valores que norteavam as relações sociais de sua contemporaneidade. Para isso, muitas vezes, nossos narradores recorreram à ficção para contar e dar a entender o que queriam, são os inúmeros diálogos e falas imaginados pelos autores que visavam a apresentar a verdade histórica, pois,

> Na mentalidade medieval, a ficção não é concebida como oposição à verdade, senão como um caminho alternativo para chegar à verdade. E isso se dá porque além do critério de verdade, por adequação, se aceitam outros critérios, como o consenso, a eficácia didático-moral, a tradição [...] Enquanto a literatura ficcional pode elaborar mundos possíveis distorcendo elementos da realidade com uma finalidade fundamentalmente estética, a escrita historiográfica elabora mundos possíveis distorcendo os elementos do passado real com uma finalidade ideológica[354].

É preciso salientar, no entanto, mais uma vez, que esses critérios se organizavam segundo noções individuais, não podendo haver uma mentalidade única. Porém, é preciso aquiescer que naquele contexto tardo-medieval, "os critérios para a eleição da verdade ficariam entre a autoridade, a verossimilhança e as lições que se pode tirar da observação das transformações das sociedades", transformações a que estavam atentos esses homens e mulheres de saber, "bem informados das tradições com as quais seus textos dialogam"[355] e que de certa forma os inseriam em uma produção cultural que englobava a todos eles, bem como a seu público.

---

[352] FUNES, L. Reflexiones en torno a una poética del relato cronístico, *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre | BUCEMA* [En ligne], Hors-série n° 2 | 2008, mis en ligne le 28 février 2009, p. 2. Disponível em : http://cem.revues.org/10813. Acesso em setembro de 2014.

[353] GUIMARÃES, M. L. O discurso cronístico e a narratividade histórica. In: MARCHINI NETO, D.; NASCIMENTO, R. C. S. *A Idade Média*: entre história e historiografia. Goiânia: Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012, p. 55-56.

[354] FUNES, L. De Alfonso el Sabio al Canciller Ayala : variaciones del relato histórico (Conclusiones del seminario dictado en la Universidad de Buenos Aires, agosto-noviembre de 2002). Documento sem paginação. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1201844. Acesso em : outubro de 2016.

[355] GUIMARÃES, M. L. As intenções da escrita da História no outono da Idade Média. In: BASSI, R e TEIXEIRA, I. S. (orgs.). *A escrita da história da Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 88.

Não vamos partir para uma leitura que nos leve a pensar que os autores estudados não faziam nada além de manipular o imaginário de seus contemporâneos, ao contrário, pensamos que eles sim queriam participar de uma identificação social dando "sentido à conduta individual e à práxis social em relação a cosmovisões inteligíveis"[356], queremos dizer com isso que a escrita da história visava a legitimar o mundo tal como ele se apresentava.

Sem dúvida, "a ação discursiva que supõe a escrita da história é subsidiária de uma ação política que consolida um poder, sua função é legitimar o poder"[357], um modo de fazer o "discurso literário servir para construir o discurso político dentro do discurso histórico"[358]. Entendemos com isso que as obras de que tratamos neste estudo fazem parte de uma ideologia sustentada pelo poder monárquico para a consolidação e legitimação do mesmo, o que faz desses textos também elementos propagandísticos, concentrando na figura do rei o ponto para o qual deveriam convergir todos os atores das esferas sociais como um todo. Incluam-se aí os valores cavaleirescos.

Dessa forma, ainda que Du Guesclin, segundo o relato de Cuvelier, tenha optado por estratégias não conformes aos códigos de uma tradição cavaleiresca de seus antecessores (batalhas *rangées,* por exemplo), a sua fidelidade ao rei e ao reino da França acabava por legitimar seus feitos, já que deles vieram as importantes vitórias do bretão em seus anos de *connétablie*. Não podemos deixar de referir que as qualidades de Du Guesclin que o aproximavam dos grandes heróis épicos e dos *preux* foram uma ferramenta discursiva para compará-lo ao que no imaginário de seus contemporâneos havia de mais eficiente e valoroso em um cavaleiro, artifício que facilitava o entendimento do público que ora se prestava a ouvir os versos do trovador ou a ler as linhas da crônica em prosa. Contudo, devemos considerar que nem todas as virtudes cavaleirescas tinham o mesmo lugar na ideologia nobiliárquica, como a *vaillance*, ou *courage*, virtudes essenciais aos *preux*. Nesse sentido a fidelidade se mostrava de modo bastante ambíguo nesse contexto: em Du Guesclin, ela se mostra na canção de Cuvelier como uma virtude dedicada ao rei e ao reino, em detrimento da linhagem e do sangue.

O relato cronístico pôde tomar a frente dos versos épicos, justamente por ter se servido deles no que se refere à apropriação da representação da vida com a riqueza e a profundidade que antes do século XIII só se via na épica. Daí a passagem dos versos para

---

[356] FUNES, L. De Alfonso el Sabio al Canciller Ayala … (sem paginação).
[357] FUNES, L. Reflexiones en torno a una poética del relato… p. 7.
[358] FUNES, L. De Alfonso el Sabio al Canciller Ayala … (sem paginação).

a prosa e não o contrário. Essa vivacidade daquilo que se passou a narrar pode também ser uma das justificativas para o crescimento do interesse da aristocracia por textos que pudessem ser apreciados em uma leitura silenciosa. Além disso, deve-se levar em conta que ao colocar em prosa uma canção de gesta cujo conteúdo histórico fazia mais apelo que sua forma, evidenciava-se um discurso muito mais próximo da forma natural de narrar, de contar algo em uma conversa corrente entre pessoas reunidas. Pois ademais, a prosa era a forma da narrativa bíblica e a forma da narrativa histórica em latim que agora era feita em língua vulgar, alcançando um público mais amplo, aproximando-o do texto, dando a ele meio de se reconhecer em um discurso mais humano: "Desde o início do século [XIV] adivinha-se que a grande síntese do saber elaborado no século XIII vacila e que está prestes a surgir um intelectual de um tipo novo, diferente do clérigo definido indissocialvelmente por essa única palavra, como homem da Igreja e homem de saber, mais crítico [...]"[359]. Essa nova perspectiva "do mundo trazia consigo necessariamente uma forte reação contra a escolástica medieval, devido a seus exageros alheios à realidade, estranhos a qualquer fundamentação no mundo natural tal como este era na realidade, como era concebido e como se acreditava que deveria ser concebido"[360]. Talvez, a passagem para a prosa, para além de atualizar a linguagem, para além da brevidade requerida e da fluidez do texto e da busca por exatidão, responderia também à crise da escolástica com uma nova forma de propor a história, mais próxima de seu público e de seu horizonte de expectativa, mais humana portanto, entendendo-se esse movimento, claro, como pré-humanista.

Passemos, portanto, aos dados que nos ajudam a entender de forma mais clara qual seria o horizonte histórico próprio que envolvia os autores de nossas fontes principais. Em busca desses elementos, trataremos de alguns dados biográficos dos autores, de aspectos formais de suas obras, bem como do ambiente imediato de sua produção.

---

[359] « Dès le début du siècle on devine que la grande synthèse du savoir élaboré au XIII vacille et qu'est près d'apparaître un intelectuel d'un type nouveau, différent du clerc défini indissociablement par ce seul mot comme homme d'Église et homme de savoir, plus critique » (ZINK, M. *Littérature française du Moyen Âge*. Paris : Quadrige/ PUF, 2004, p. 321-322). Zink ainda cita nesse trecho de sua obra Petrarca que teria ultrapassado a "formalização escolástica para dar à Antiguidade seu verdadeiro rosto". O fato é que, mesmo que na Itália, de onde sopravam esses novos ventos nesse final de século XIV, a transposição para o verso de obras em prosa verificada no século XVI abrangeram obras literárias em sua grande maioria e não históricas, o que nos leva a pensar que foi no século XIV, com os homens e mulheres de saber dentre os quais os autores que estudamos, que a história em língua vulgar e em prosa se estabeleceu como gênero na cultura letrada.

[360] ULLMANN, W. *Principios de gobierno y política en la Edad Media*. Trad. Graciela Soriano. Madrid : Alianza Editorial, 1985, p. 301.

3.3) A memória nos prólogos de Cuvelier, do autor anônimo e de Christine de Pizan

Dois meses apenas após a morte de Du Guesclin apagava-se a vida de Charles V, em agonia, segundo o relato de Christine de Pizan, mas sem deixar de cumprir vários rituais acompanhado por Bureau de la Rivière, entre eles a aceitação do sofrimento aproximando-o de Cristo; as últimas palavras em seu leito de morte a barões, prelados, cavaleiros, clérigos e gente do povo, bem como a bênção dada ao delfim, futuro Charles VI, cujo reinado se estenderia de 1380 a 1422:

> Assim como Abraão a seu filho Isaque com o orvalho do céu e a riqueza da terra, abundância de fermento, vinho e azeite, abençoou e determinou acrescentando que quem o abençoasse fosse abençoado e quem o amaldiçoasse fosse amaldiçoado; assim aprouve a Deus que a este Charles fosse dado do orvalho do céu e da riqueza da terra e a abundância de fermento, vinho e azeite e que as linhagens o servissem, sendo o senhor de todos os seus irmãos que a ele devem se inclinar, assim como os filhos de sua mãe, quem o abençoar será bendito e quem o amaldiçoar será maldito"[361].

Ainda que Christine tenha cometido um pequeno engano ao se referir a Abraão e não a Isaque quando este abençoou o usurpador Jacó[362], o delfim deveria dali em diante se impor realmente contra o domínio que seus tios viriam a exercer sobre o reino. Não seria na condição de um enganador, muito embora as dificuldades que viria a enfrentar, não só no contexto político de conflitos internos, mas em seus corpo e mente, pudessem levantar dúvidas sobre sua capacidade em governar à altura de seu pai.

Se politicamente e economicamente o reino estava em dificuldades, as manifestações culturais e notadamente, dada a relevância para nossa pesquisa, as atividades intelectuais voltadas para a escrita, estavam florescendo e ultrapassando as fronteiras do clero letrado com mais propriedade e legitimidade reconhecida pelo poder monárquico. Seria a consolidação de uma atividade que ora se apresentaria com características profissionais? Não se pode deixar de mencionar por exemplo que Charles V já havia encomendado a Pierre d'Orgemont, seu chanceler, que retomasse as *Grandes Chroniques* redigidas em Saint-Denis e as completasse. Esta seria a primeira vez em que

---

[361] « Ainssi comme Abraham son filz Isaac, en la rousée du ciel, et en gresse de la terre, et en l'abondance de froment, vin et oeile, beney et constitua, en enjoingnant que, qui benistroit lui, fust beneit, et qui le mauldiroit fust rempli de maleisson; ainssi plaise à Dieu qu'à cestui Charle doint la rousée du ciel et la gresse de la terre et l'abondance de forment, vin et oile, et que les lignées le servent, et soit seigneur de tous sez freres, et s'enclinent devant luy les filz de sa mère qui le beneistra soit beneit et qui le mauldira soit remply de maleiçon » (Christine de Pizan. *Le Livre des faits et bonnes moeurs du sage Roi Charles V*, t. II, 1836, p. 144).

[362] Cf. *Gênesis* 27: 28-29.

os textos que se ocupavam das origens da linhagem dos Valois deixariam de estar a cargo dos monges[363] passando às mãos de encarregados próximos ao rei, os homens e mulheres de saber que ora se dedicariam ao registro de conteúdos caros à monarquia[364]. Há que se lembrar que esse foi um movimento amplo que ocorreu em vários reinos naquela temporalidade.

Primeiramente, consideramos importante discorrer sobre o conceito de memória que se difundia muito provavelmente entre os letrados da corte dos primeiros anos do reinado de Charles VI e por aqueles que se ocupavam da atividade de registrar os acontecimentos, a *Escrita da História*. Contrária ao esquecimento e ao silêncio, a memória ainda hoje representa aquilo que se busca guardar do que é passado. Tal conceito, no medievo tardio, poderia ser facilmente associado ao de história, crônica ou narrativa[365], dessa forma, concordamos, pois, com o historiador Pierre Courroux que afirma que na historiografia francesa existe apenas um gênero longo, descritivo e narrativo a que as palavras *geste*, *estoire*, *chronique* se referem[366]. Para isso, recorre-se a tantos meios que visem à garantia de que aquilo que se quer guardar permaneça, de modo a não ter um limite de tempo para que ocorra uma possível perda de informação. Ainda hoje, a grafia é um dos suportes para que a sombra do esquecimento não se sobreponha a uma história relatada que aqui, neste estudo, era registrada em palavras escritas à mão sobre pergaminhos e papeis.

No entanto, a memória não se mostra simplesmente como uma antítese ao esquecimento, e isso já se pôde constatar ao longo da Idade Média, em que surgiram o

---

[363] Sabemos que crônicas em latim continuaram a ser escritas, mas o que prezamos ao referirmo-nos a esse recorte temporal, é que o fato de haver textos oficiais de chancelaria régia produzidos em vernáculo chama a atenção para uma mudança e, mais precisamente, um alargamento das fronteiras de um mundo letrado que antes era exclusividade de um meio eclesiástico.

[364] A Biblioteca Nacional da França em suas Classes BNF afirma que a biblioteca organizada a pedido de Charles V foi considerada no século XIX como a ancestral da Bibliotaca Nacional. De qualquer maneira, a biblioteca de Charles V distribuída em três salas do Louvre "chama à memória uma aliança entre o rei e seus servidores letrados, a serviço de uma política do saber" (Cf. Classes BnF classes.bnf.fr, arquivos disponíveis em PDF).

[365] Aqui um pequeno exemplo da aproximação entre os vocábulos *história* e *memória* usados já no início do século XIV como aquilo que ficou ao longo do tempo enquanto conhecimento e costumes e o resultado da atividade que esperava conservar tais experiências. « Car de long tamps en est l'hystoire/ Et prinse sur vieille mémoire,/ Et les memoires ancïennes/ Sont aux josnes phisicïennes/ En exemples, en mencions,/ En biens et en fondacions,/ En manieres, en ordonnances,/ En meurs, vivres et circonstances,/ En humilité, en servir,/ En la grace de Dieu desservir,/ Qui autrement fu desservie/ Et sainte Eglise mieux servie/ D'oeuvres et de devocion/ - Si comme on voit la noncion/Es vrays livres que ceüs sont/ - Que es presens qui orez sont. » (*Le Roman de Renart* le contrefait, t.1, v. 229-244. Publié par Gaston Raynaud et Henri Lemaître. Genève **:** Editeur Slatkine, 1914, p. 3. Disponível em : http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4082m/f33.image. Acesso em : outubro de 2016).

[366] COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises* (XIIe-XVe siècle). Paris : Classiques Garnier, coll. Histoire Culturelle, 2016, p. 859.

registro escrito de acontecimentos no Ocidente latino cristão, bem como a produção a que se pode chamar de intelectual em língua vernácula, referimo-nos aqui às produções poética e cronística do período tardo-medieval, mais especificamente. Ainda que os produtores desses documentos não tenham desenvolvido um conceito de autoria tal como o concebemos hoje, esse fato não os impediu de valorizar cada palavra que registravam, e mesmo que motivados pelas Escrituras e pelo valor dado à palavra, segundo uma hermenêutica bíblica, facilmente reconheceram que a escrita favorecia a permanência no tempo de um conhecimento que intentavam repetir e também elaborar.

Neste trabalho, desejamos demonstrar como os homens e a mulher de saber na França do período tardo-medieval que elencamos como nossas fontes primordiais trataram o tema da memória, essencialmente confundido com a escrita, para a realização de uma Escrita da História. Os três prólogos analisados são encontrados nas obras de Cuvelier; na crônica em prosa de autor anônimo, e na biografia real oficial em prosa de Christine de Pizan. A partir de um pequeno levantamento semântico-lexical, esperamos igualmente identificar como esses homens e mulheres de letras entendiam sua relação com a história.

É válido ressaltar que das três obras, a de Cuvelier não apresenta um prólogo em separado, mas entendemos que as duas primeiras *laisses* de sua canção fazem a vez de uma introdução à matéria, já que é ali que o autor se apresenta, nomeia sua obra e define o seu público. Poderíamos dizer com isso, que a canção de Cuvelier é uma obra muito mais retórica do que era normalmente a poesia naquela época.

A fim de melhor visualizarmos o emprego de certos termos, segue o quadro abaixo que se compôs a partir da tradução dos referidos prólogos do francês para o português.

Memória:	**Cuvelier**	**autor anônimo**	**C. Pizan**
para o autor e/ou obra	*E cantarei a vós* ***começo e fim****/[...]* *Venham até mim! Creio que vós ouvireis/ Um* ***livro notável novo e rimado****/[...]* *A fim de que os belos feitos* ***não esqueçamos****/[...]*	*Todos aqueles cujo coração é gentil e apreciam e desejam honra, nobreza, gentileza e naturalmente se deleitam muito em* ***ler ou fazer ler e recordar para trazer à memória*** *os nobres feitos dos bravos Cavaleiros e nobres ardidos nas armas que viveram no tempo passado, para conhecer as proezas e cavalarias e façanhas que por seu grande senso e coragem fizeram e cumpriram em seu tempo.* *Porquanto os* ***feitos dos valentes devem ser rememorados*** *naturalmente, pois convém antes recitar ou relatar e aos ouvidos mais deleitoso ouvir e compreender os feitos daqueles de quem se teve*	*... quando [eu] empreender expor os* ***feitos que minha memória concebeu*** *[...] as* ***lacunas*** *de meu fraco saber sejam* ***compensadas por*** *qualidades através das quais* ***o entendimento e a palavra possam se desenvolver*** *[...] esta obra é empreendida para* ***rememorar*** *sua vida e seus louváveis costumes e virtudes, dignas de uma* ***eterna memória.***

		notícia pela própria visão ou por conversas sobre quem não viram nem de suas batalhas souberam, então ***por narração da escritura****.*	
para o leitor/ouvinte	*Senhores,* ***ouvi****, por Deus o rei divino !/[…]* *Ora,* ***querei ouvir-me****, cavaleiro e jovenzinho/[...]* *As* ***crônicas*** *são muitas,* ***não deixai de acreditar****,/* *Em Saint-Denis na França,* ***escritas*** *em latim./[...]* ***Vós que amai razão e honra guardai****,[...]*	*É muito proveitoso a todos os jovens que com suas forças pensam em seguir suas obras,* ***para tomar como exemplo*** *a fim de que por vassalagem e vigor de seus corpos possam adquirir reputação e feitos de armas para serem elevados em honra e em grandeza como estes foram.*	*[...] Os* ***elementos*** *proveitosos e também* ***necessários à edificação*** *dos costumes julgados comumente virtuosos e louváveis,* ***os sábios os remetem a nós em memória através de seus escritos para instruir-nos*** *na ordem do bem viver[..., exemplos verídicos e notórios vêm certificar as* ***coisas apresentadas na ordem da palavra****.*

É notória a relação entre os substantivos: *memória, conhecimento, entendimento, palavra, escritos*, e marcante o uso dos verbos: *guardar, [não] esquecer, rememorar, trazer à memória, instruir, ouvir, cantar, acreditar, tomar como exemplo*. Esse levantamento nos remete ao pensamento medieval concernente ao platonismo em que a "memória permite acessar ao verdadeiro conhecimento" e também ao que Santo Agostinho entendia sobre o tema, a memória como "consciência de si, do mundo e de Deus"[367]. E, sem dúvida, a relação entre história e verdade perpassa essas declarações, pois sabemos que pensadores como Cícero e Políbio eram consultados por esses letrados, e assim o pensamento de que a história era "a luz da verdade"[368] e contava o que era verdade não era posto em dúvida[369].

Além disso, podemos dizer que o conceito de memória, no pensamento tardo-medieval, era desenvolvido na passagem pela escrita, seja daquele que a compunha, ao instruir a si próprio, seja daquele que a recebia pela leitura ou audição, instruindo-se por palavras alheias. É válido dizer que aqueles que escreviam desejavam primeiramente instruir seu público, porque detinham um conhecimento que não era de todos conhecido. E o que era de fato relevante, é que os homens e mulheres de saber dessa época não se questionavam se havia imaginação como invenção em seus escritos, não era isso que importava, mas sim o *reconhecimento*. Neste ponto, referimo-nos à obra de Paul Ricœur,

[367] DECK, P. Mémoire. In: GAUVARD,C. ; LIBERA, A. ; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge…*, 2002, p. 900.
[368] Referência à célebre frase de Cícero (106-43 a.C.): "A história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz nada é recomendado senão a imortalidade do orador", em *Da oratória*.
[369] LE GOFF, J. *Histoire et mémoire*. Paris : Folio Histoire, 1988, p. 309.

em que o filósofo declara que "é no momento do reconhecimento, em que culmina o esforço da recordação, que essa busca de verdade se declara enquanto tal. Então, sentimos e sabemos que alguma coisa se passou, que alguma coisa teve lugar, a qual nos implicou como agentes, como pacientes, como testemunhas"[370]. E aqui, no movimento cognitivo da memória, portanto inerente a todo ser humano, e, por conseguinte aos autores estudados, o reconhecimento implica em entendimento e conhecimento adquiridos através do ato de registro da escrita.

Pode-se dizer mais, que o reconhecimento proporcionado pela memória relatada se dava também com relação ao tema apresentado nas obras e ao recurso narrativo escolhido para dar suporte ao que era contado: o conteúdo relatado era conhecido de seu público e a forma apreciada. Tal ensejo foi garantia do sucesso e da permanência dessas obras através do tempo, pois "sua função [a da memória] é criar um passado útil assegurando custe o que custar continuidade e unidade entre passado e presente", já que "o conteúdo da memória serve de referente para o presente e o processo de recomposição é contínuo"[371]. É possível alargar a análise dos prólogos em direção à ideologia[372] subjacente ao êxito que essas obras tiveram, porque a escrita realizada no entorno do rei militava por uma virtude cavaleiresca diferente daquela das canções de gesta mais tradicionais e anteriores a Cuvelier, em que os valores cavaleirescos eram apresentados de modo funcional. A escrita de que participava o trovador passaria a estar a serviço do bem comum como instrumento da monarquia, ponto a ser discutido mais adiante.

No que se refere à consciência histórica de nossos autores, é lícito dizer que, ao compor suas obras em louvor a personagens já falecidos naquela ocasião (*memoria* dos mortos), eles buscavam também recuperar os acontecimentos passados que faziam parte de um conhecimento coletivo, de onde o *reconhecimento*[373], a que fizemos menção há

---

[370] RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2007, p. 70.

[371]DECK, P. Mémoire. In: GAUVARD,C. ; LIBERA, A. ; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge…*, 2002, p. 900.

[372] Sobre isso, mais uma vez Paul Ricœur contribui para nossas observações ao discorrer sobre a memória manipulada e as instâncias de poder: "A ideologia acrescentaria uma espécie de mais-valia à nossa crença espontânea, graças à qual esta poderia satisfazer às demandas da autoridade. [...]. Ora, os tipos de crença constituem, cada um a seu modo, razões para obedecer. Por sinal, é assim que se define a autoridade, como poder legítimo de se fazer obedecer. " (RICOEUR, P. *A memória, a história...*, 2007, p. 96). De fato, a monarquia francesa se serviu da atividade de profissionais da escrita para difundir e perpetuar seus valores que, no caso das três obras em questão, versavam sobre a cavalaria enquanto virtude a ser almejada por nobres e príncipes.

[373] O reconhecimento não era tão dialógico como o que o vocábulo pode expressar, pois se havia um reconhecimento, por causa de um conhecimento coletivo, ele era colocado nas obras pelo viés da retórica, já que o poeta era aquele que sabia e ensinava.

pouco, e também a escrita em língua vulgar que se configurava como escrita da história. Essa escrita não era necessariamente produzida por clérigos, não tinha por gênero a escrita hagiográfica, nem se encaixava no modelo dos anais e crônicas régias, tais como eram redigidas em latim, sendo assim, portanto, destinada a uma parte da sociedade que ora se interessava pelo passado e se entretinha com ele, visto que a memória era também "espelho de vida" corroborando com o entendimento do presente e talvez com a concepção e consciência de um futuro, referimo-nos aqui ao âmbito social de corte. De fato, no século XIV, o vernáculo escrito ainda estava ao alcance de uma elite apenas, e uma elite que passava a fazer uso do francês com intenções também políticas para criar uma identidade de reino diferente daquela favorecida pelo uso do latim no meio clerical.

O medievalista Jacques Le Goff ainda aponta que apesar dos escolásticos e das universidades serem "indiferentes e mesmo hostis à história, que não era ensinada", houve um grande interesse pela história por parte de um público laico (cavaleiros, nobres e comerciantes) no fim do medievo. Portanto, se por um lado, durante os séculos precedentes e principalmente, os séculos XI, XII e XIII, os monges contribuíram para o crescimento da documentação, por outro, na baixa idade média, foi a aristocracia leiga que com seu gosto pela história contribuiu para que fosse formada uma cultura histórica nesse contexto[374]. É o que percebemos na prática de Froissart, Ayala e Ibn Khaldun, como aponta a historiadora Marcella L. Guimarães:

> No outono da Idade Média, os que escreviam História sabiam que conviviam com narradores de outros gêneros literários dentro de um mesmo campo, mas não viam o seu texto confundido com seus congêneres. Se a intenção da escrita da História no contexto tardo-medieval sabia reclamar a verdade como meta, as narrativas entregariam as condições a que ela estava submetida: favor, prazer, edificação, leis, vícios e virtudes consentidas, na matéria narrada, e procedência e nuances políticas, na voz do narrador[375].

Muito embora nosso levantamento semântico-lexical colabore com o que o medievalista Bernard Guenée chamou de lugar-comum em prólogos de obras medievais de cunho histórico, concordamos com o pesquisador, que foi além desse raciocínio, afirmando que os autores do contexto referido sabiam se distinguir do restante das criaturas pelo conhecimento do passado e por "justificar a ambição da história em ser a memória do passado", e mais, alguns escritores chegaram a afirmar em seus prólogos que "a história é a via pela qual a memória do passado é transmitida do presente ao futuro [...]

---

[374] LE GOFF, J. *Histoire et mémoire*…, 1988, p. 312-313.
[375] GUIMARÃES, M. L. As intenções da escrita da História ..., 2015, p. 89.

mantendo ininterrupta a linha do tempo"[376], através da escrita. A nós coube perceber em tais escritos o que era aceito naquela sociedade como proposta de uma memória coletiva. Nesse sentido concordamos também com a ideia de que os prólogos medievais manifestam as intenções do autor, as atitudes mentais, o mecenato recebido[377], ainda que fiquem implícitos no corpo do texto ou até mesmo abandonados conforme se deu a escrita da obra. E são questões profundas muitas vezes, como interrogações intelectuais sobre o sentido da história, o papel individual de seus atores, o providencialismo, entre outras. Assim, então:

> Quando nessa mise-en-scène inicial que é o prólogo em que são repartidos os papéis do locutor-enunciador, do receptor e do público potencial, mais amplamente, surge a fórmula aqui analisada. Pode-se interpretar isso efetivamente como um engajamento, e ver ali o sinal de que o historiador, mais precisamente o cronista, se dá um lugar e uma função sociais bem determinadas. É ele quem assume ou se atribui o papel de elaborar e de dizer a verdade sobre o passado do grupo social ao qual pertence. O que nos revela a fórmula em primeira pessoa é a maneira com a qual ele coloca em evidência o ato pelo que, enquanto indivíduo, anuncia e se faz garantia, através da escrita, de uma verdade coletiva, do que se vale a memória oficial de sua comunidade[378].

Assim, pudemos observar que nos três prólogos estudados, se a memória é considerada como alvo, a escrita é seu suporte e as duas, bem coordenadas, constituem a história, mesmo que seja, naquele contexto tardo-medieval, uma história sem problematizações profundas, no caso francês, ainda assim uma história que fez sentido àquela sociedade de corte e que foi constantemente requerida por ela. Há em nossos autores um esforço, ao colocar por escrito, em convencer a nobreza a ser, digamos, submissa ao rei, por exemplo, se considerarmos que essa escrita partia do mecenato do rei, de sua autoridade.

Como já foi dito, o uso do vernáculo, pode ter sido um dos elementos que marcaram em definitivo a produção escrita da Baixa Idade Média. Desde meados do

---

[376] GUENÉE, B. Histoire, mémoire, écriture. Contribution à une étude des lieux Communs. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 127e année, N. 3, 1983, p. 447-448.
[377] GUIMARÃES, M. L. As intenções... p. 77.
[378] « Lorsque dans cette mise en scène initiale qu'est le prologue où sont répartis les rôles du locuteur-énonciateur, de l'allocutaire, du public potentiel plus généralement, apparaît la formule ici analysée. On peut interpréter effectivement comme un engagement, y voir le signe que l'historien, plus précisément le chroniqueur, se donne une place et une fonction sociales bien déterminées. Il est celui qui assume ou s'attribue le rôle d'élaborer et de dire la vérité sur le passé du groupe social auquel il appartient. Ce que nous révèle la formule en je, etc, c'est la manière dont il met en scène l'acte par lequel, en tant qu'individu, il énonce et se porte garant, par l'écriture, d'une vérité collective, de ce que se veut la mémoire officielle de sa communauté » (MARCHELLO-NIZIA, C. L'historien et son prologue : forme littéraire et stratégies discursives. In : POIRION, D. (org.). *La chronique et l'histoire au Moyen Âge*. Paris : Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 1984, p. 24).

século XII, as línguas derivadas do latim, as chamadas línguas vulgares, entre elas o francês, começaram a tomar forma, e eram também denominadas línguas *romance*. Datando da segunda metade desse século, as primeiras obras narrativas do que se entende hoje por Literatura francesa. Dentre suas expressões mais simbólicas, está a canção de gesta, gênero que foi bastante frutuoso até nosso recorte temporal: o final do século XIV.

3.4) *La chanson de Bertrand Du Guesclin de Cuvelier* (1380-1385) e o uso renovado de um gênero estabelecido

É nesse contexto, ainda movente, que se insere a única obra conhecida de Cuvelier[379]. Para este trabalho, servimo-nos da edição crítica em três volumes organizada por Jean-Claude Faucon, pelas Editions Universitaires du Sud – EUS, Toulouse, 1990-91, em que a canção de Cuvelier é transcrita após um levantamento minucioso de vários manuscritos ainda hoje conservados em várias bibliotecas[380] cujas características filológicas e literárias são amplamente estudadas pelo editor.

Trata-se de uma canção de gesta tardia, composta em francês médio, sob a forma de um poema dividido em estrofes (*laisses*) monorrimas com mais de 24.000 versos alexandrinos[381], em que são contados os feitos de Bertrand Du Guesclin desde sua infância até sua morte em 1380. O termo *chanson de geste* já era usado desde o início da Baixa Idade Média e designava longos poemas épicos, aliás, a canção de gesta é a encarnação francesa do poema épico[382]. A palavra *geste* (latim *gesta*, "ação") significava

---

[379] A grafia do nome de Cuvelier aparece de diferentes formas conforme o manuscrito, Cuneliers; Cimeliers; Trueller; Jean Couvelier; Cuvillier, Jacquemart Cuvelier etc, adotaremos para este trabalho a grafia mais bem difundida entre os estudiosos da literatura medieval: Cuvelier. O site de referência Arlima, sobre a Literatura da Idade Média (www.arlima.net), elenca nove manuscritos, dentre eles alguns que foram desmembrados e embora sejam partes do mesmo manuscrito, hoje se encontram em bibliotecas diferentes. Consultado em 16/06/2014.

[380] Em 1839, o editor Ernest Charrière publicou a primeira transcrição impressa da canção de Cuvelier sob o título *Chronique de Bertrand Du Guesclin par Cuvelier Trouvère du XIVe siècle: La Vie vaillant Bertrand Du Guesclin*, pela coleção de Documentos Inéditos sobre a História da França em dois volumes e apresentando vários documentos oficiais, até aquela data nunca analisados, sobre os fatos envolvendo a trajetória de Du Guesclin. Como há algumas variações entre as edições de Faucon e Charrière, o texto oitocentista também foi consultado em vários momentos de nossa pesquisa. Para um estudo da tradição manuscrita da *Chanson* e de suas prosificações, bem como de sua recepção no século seguinte à sua composição, o que não se configura matéria de nossa tese, consultar a dissertação de Yvone Vermijn, *Chacun son Guesclin: la réception des quatre versions de l'oeuvre de Cuvelier entre 1380 et 1480*, Mémoire de Master de l'Université d'Utrecht, 2010.

[381] A oposição entre verso e prosa para a produção da literatura medieval desse período não é relevante, pois "desde o início do século XIII, o domínio do "romance" englobará todo um conjunto de narrativas em verso: canções de gesta, lais, contos, etc." (LE GOFF, J. Naissance du roman historique au XIIe siècle ?. *La Nouvelle Revue Française* nº 238, Paris : NRF, octobre 1972, p. 164). "De fato, a forma diferencial do verso, o número de sílabas ou acentos, é desprovida de significação em si mesma" (ZUMTHOR, P. *Essai de poétique médiévale*. Paris: Ed. du Seuil, 2000, p. 121). A isso, poderíamos recorrer ao que Aristóteles, na Poética, disse ao diferenciar o poeta do historiador: a diferença não estaria em que um usa verso e o outro prosa, mas sim no fato de que um relata o que poderia ter acontecido e o outro o que aconteceu, testemunhou, viu. No entanto, podemos aventar que Cuvelier não tenha testemunhado as aventuras de Du Guesclin, não tenha ido ao campo de batalha para isso, pois há em seus versos pequenos erros de localização geográfica, por exemplo.

[382] Considerando, no entanto, as características da epopeia, há diferenças entre ela e a canção de gesta, por exemplo, a ambientação da Antiguidade para a Idade Média; a intervenção dos deuses para aquela de anjos e santos; vários episódios para um único; a História é apenas um ponto de partida na gesta não sendo mantida uma cronologia dos fatos e nem mesmo assegurando a existência prévia de seus personagens, traços que não são aludidos na epopeia. O principal afastamento entre as duas manifestações literárias,

em francês "narrativa de altos feitos" e se reportava especialmente às tradições heroicas relativas seja a um personagem particular, seja à sua família, ou até mesmo à coletividade. A expressão "*chanson de geste*" pode constituir uma referência tanto à natureza do assunto tratado, quanto à fonte (real ou fictícia) que a inspirou[383]. Considera-se a canção de Cuvelier como tardia, pelo fato do gênero ter alcançado seu apogeu nos séculos XI e XII, sem desaparecer totalmente no século seguinte, "em uma época em que o romance havia conquistado a aristocracia"[384] contribuindo para o apagamento do gênero precedente.

Há que se considerar, porém, um fato interessante que reúne as canções de gesta tardias que foram realizadas sob a dinastia dos Valois e que engloba a canção de Cuvelier. O editor Jean-Claude Faucon aponta que as produções contemporânceas à *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, como *Li Bastars de Bouillon, Li Romans de Boudouin de Sebourc* e *Hugues Capet*[385], obras que Cuvelier deve ter conhecido, guardavam uma característica em comum, apesar do distanciamento da matéria tratada em cada uma: restaurar o prestígio da dinastia vigente, "esforço nada supérfluo em que Cuvelier trabalhou mais que todos", principalmente após o desastre da batalha de Poitiers em 1356[386]. Por que tal fato literário teria ocorrido? Por que usar de um gênero quase adormecido para restaurar a glória da monarquia francesa?

Podemos sugerir que após o sucesso do romance que tratava sobretudo de matéria cortês e de personagens fictícios ou oriundos de lendas longínquas transmitidas oralmente, o interesse por matéria histórica e por personagens reais tratados em língua

---

estaria na visão de mundo apresentada, se na epopeia o homem era livre, mas sofria a intervenção e manipulação dos deuses, na gesta o homem, já em um contexto cristão, era a imagem de Deus a serviço de uma causa cumprindo assim seu dever. Ainda assim, a gesta é considerada a primeira manifestação literária desligada da liturgia, em que se substituía a vida de um santo pela de um herói. Por esses elementos, também vemos o quanto Cuvelier se afastou dos moldes da gesta e se aproximou consideravelmente da crônica.

[383] ZUMTHOR, P. *Essai de poétique médiévale*…, 2000, p. 537.

[384] FAUCON, J.-C. « Introduction ». In : *La chanson de Bertrand Du Guesclin*, ed. J.-C. Faucon, T. 3. Toulouse : Editions Universitarires du Sud - EUS, 1990-91, p. 39.

[385] A canção de gesta mais antiga dessa série elencada por Faucon é a *Li Bastars de Bouillon*, datando da primeira metade do século XIV. O texto relata uma das campanhas do primeiro rei de Jerusalém, Baudoin I (1099-1100) que termina na rendição de Meca. *Li Romans de Baudouin de Sebourc* trata de uma lenda de Flandres versando sobre a Primeira Cruzada, desde a batalha de Civetot (1096) até o fim dos projetos do rei Baudoin I. Já *Hugues Capet* retoma a história do rei fundador da dinastia capetíngia a partir de uma lenda mencionada por Dante em um dos cantos do Purgatório, em que Hugues seria o neto de um açougueiro e que por sua bravura teria ascendido ao trono ao se casar com a herdeira do trono francês. Os especialistas consideram que *Hugues Capet* tenha sido composta entre os anos de 1356 e 1358, durante a crise por que passava o reino após a captura de Jean II Le Bon durante a batalha de Poitiers e que o cerco a Paris reportado por ela seja na verdade uma representação da vitório do delfin, futuro Charles V, sobre as hostes anglo-navarras que ameaçavam a capital. (HASENOHR, G., ZINK, M. *Dictionnaire des Lettres françaises* – Le Moyen Âge. Paris: Fayard, 1992, p. 1129, 132 e 690-691).

[386] FAUCON, J.-C. « Introduction »..., p. 48.

francesa tenha surgido naquela sociedade de corte. A canção de gesta favoreceria a difusão oral dos temas tratados nas casas senhoriais e chegaria mais facilmente também às camadas mais populares do reino, através das performances de leitores públicos e mesnestréis em festas e feiras ao ar livre por onde circulava uma burguesia nascente e disposta a prestar ouvidos a feitos muito próximos de sua contemporaneidade. Poderia ser o resgate de uma voz, como aquela presente em sete das dez crônicas que relatam a batalha de Hastings:

> Marchando à frente do exército normando, teria dado com seu canto o sinal do entrevero [...] uma versão da *Chanson de Roland*. Segundo diversos documentos, os comandantes gostavam de acompanhar-se de cantores épicos aptos ao combate. Numa sociedade que por natureza ainda era guerreira, esses homens exerciam uma função considerável; sua voz propagava uma virtude, efetuava a transferência de uma valentia ancestral aos combatentes de então[387].

A partir do pensamento de Paul Zumthor acima, podemos igualmente aventar que esses autores teriam feito valer sua voz como "testemunho de uma época em que todos os escritores, de todos os níveis, participavam da vida do reino e se esforçavam, segundo os meios que tinham, para agir sobre a opinião"[388]. Como participantes de uma "sociedade guerreira" e produtores de cultura escrita em língua vulgar, prestigiada portanto, não lutavam com espadas, mas com suas penas, com o objetivo de propagar o valor da monarquia, defendendo seu ponto de vista. No caso de Cuvelier especificamente, ainda podemos colocar que a total dedicação de Du Guesclin à causa do rei da França e a reorganização da cavalaria em um corpo militar permanente averiguada na maneira generosa com que o cavaleiro bretão tratava seus homens, atestaria certo intento em difundir uma necessária coesão das tropas de homens de armas, bem como uma melhor disposição a serviço da coroa francesa, como pode-se observar nos seguintes versos:

> Assim que Bertrand pagou suas gentes,
> Tanto com sua louça quanto com a renda
> Trazida da Espanha abundantemente,
> Ordenou que estivessem prontamente,
> Como para se defender de repente,
> E disse-lhes Bertrand que prontamente
> Faria recompensar os soldados presentes,
> Bacinetes lustrar, ajeitar belamente,
> Polir das espadas o aço resplandecente,
> Colocar hastes nos gládios belamente,
> E os cavalos ferrar e pregar firmemente;
> Cada um em seu lugar equipado nobremente,

---

[387] ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. A "literatura" medieval. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo : Companhia das Letras, 1993, p. 67.
[388] HASENOHR, G., ZINK, M. *Dictionnaire des Lettres françaises*…p. 691.

E diziam uns aos outros frequentemente:
"Viva Bertrand, viva! Reine verdadeiramente
Não nos deixará assim tranquilos longamente
Não esperará que ingleses astuciosamente
Venham colocar cerco, não certamente,
Assim irá contra eles forte e valentemente!
A tal homem deve-se dar ouro e prata,
E engajar soldados a seu comando
E a espada tomar pois a condestável pertence."
(*La chansond de Bertrand Du Guesclin*, v. 19143-19163)[389]

O trecho acima relata o momento de preparação para a batalha de Pontvallain, logo após Du Guesclin ter sido nomeado condestável e, na canção de Cuvelier, ter exigido do rei o montante para pagar seus homens. Todavia, como o pagamento vertido por Charles V não teria sido suficiente, Du Guesclin teria vendido sua louça para que seus homens não ficassem sem soldo e não precisassem abandonar as tropas para pilhar a região, conforme alguns outros versos do mesmo epidódio[390]. Além de Cuvelier contribuir com a ideia de um corpo militar bem organizado e bem pago, atribuía ao condestável a capacidade de um bom gerenciamento de seus homens e de seus equipamentos, o que vai ao encontro de dois despachos de Charles V referentes a quantias destinadas ao condestável para o pagamento de seus homens[391], bem como de uma carta de Du Guesclin aos tesoureiros do rei, datada de dezembro de 1370, apresentado a *montre*

---

[389] "Quant Bertran de Glaiequin si ot paié sa gent,
Tant de sa grant vaisselle conme de son argent
Dont il avoit d'Espaigne rapporté largement,
D'eulx tres bien aprester leur fist conmandement,
Conme pour eulx deffendre, ce besoing leur seurprent.
Et bien leur dist Bertran qu'acés prochainement
Leur fera deservir les soudaies c'on prent,
Bacinés esclaicir, bien bonnir gentement,
Et espees fourbir dont li aciers resplent,
Et enhanter ces fers de gleves gentement,
Et ces chevaux ferrer et clouer fermement ;
Chascun en son endroit se pourvoit noblement,
Et dit li uns a l'autre a la fois et souvent :
« Vive cil Bertran, vive ! Qu'i regne tellement
Qu'i ne nous lara mie si jouchier longuement
Et n'atendera mie qu'Englois nesunement
Le vienent requerir n'asegier nulement
Ainçois yra sur eulx bien et hardiement !
A tel honme doit on donner or et argent,
Et bailler soudaier a son conmandement
Et l'espee bailler qu'a connestable apent ».

[390] Nos versos 19026 a 19028, Cuvelier coloca nos lábios de Du Guesclin a seguinte acertiva: "Ora, será muito ruim se não puder lhes pagar/ É o que ensina as gentes a pilhar/ Maus pagamentos e mandar voltar".

[391] São quatro os despachos datados de novembro de 1370 em que Charles V assegura o valor de 156 francos de ouro "para pagar as gentes do condestável" (*Mandements et actes divers de Charles V (1364-1380)* : recueillis dans les collections de la Bibliothèque Nationale / publ. ou analysés par M. Léopold Delisle, Paris: Imprimerie Nationale, 1874, p. 372-373).

de suas gentes: 23 cavaleiros *bacheliers*, 270 escudeiros montados e armados recebidos em Caen "para servir ao Rei nosso senhor, sob nosso comando", e pedindo o pagamento de todo o efetivo, "assim eu peço que os soldos dos acima citados sejam preparados e pagos do modo justo"[392].

Compondo uma canção de gesta, Cuvelier celebrou a glória do condestável, atestada, pode-se imaginar, pela tradição oral recente de seus feitos, mas ao mesmo tempo pode-se sugerir que a "necessidade de propaganda" da corte do rei da França conferiria à *Chanson* uma mensagem de "celebração da cavalaria a serviço do Estado com a lealdade como virtude suprema [o que] se associa extremamente bem aos interesses régios"[393].

Avançando na análise da canção de Cuvelier, segundo os princípios formais da epopeia, poderemos observar que tais elementos aparecem, todavia de modo mais diluído, haja vista a extensão do poema e as marcas enunciativas que separam bem o volume de texto que era possível a um menestrel decorar para uma performance pública, por exemplo. Quanto a esse ponto, um dos biógrafos de Du Guesclin a que já nos referimos, o historiador Thierry Lassabatère, elenca 75 sequências narrativas principais[394] que organizam o texto de Cuvelier em episódios. Na maioria dos casos, essas sequências narrativas correspondem às divisões em *laisses*, ou estrofes. Em meio a essas marcas retóricas, podemos dizer que encontramos a estrutura de base da epopeia, ou seja, a proposição, a invocação, a dedicatória, em alguns poucos casos para além das primeiras *laisses*; e a narração propriamente dita dos feitos. O epílogo em Cuvelier se dá na última *laisse*, quando dos versos sobre a morte de Du Guesclin, quando acaba o poema. Vejamos como esse esquema se apresenta na primeira *laisse* da canção e em seus últimos versos, observando as palavras em negrito e que compreendem a estrutura da epopeia assinalada entre parêntesis:

> **Senhores**, ora **escutai**, **por Deus o rei divino**! *(proposição e invocação)*
> Que nosso Senhor Deus, que da água fez vinho
> [...]
> Queira a vós todos guardar e dar bom fim.
> Ora, **queiram ouvir-me**, cavaleiro e jovenzinho, *(proposição)*
> Burguesas e burgueses, padres, clérigos, jacobinos,
> **E a vós cantarei começo e fim**
> **Da vida do valente Bertrand Du Guesclin**, *(proposição)*
> Condestável da França, o valente paladino.
> [...]

[392] JONES, M. *Letters, orders and musters of Bertrand Du Guesclin*, 1357-1380. Woodbridge: The Boydell Press, 2004, p. 136.
[393] VERMIJN, Y. *Chacun son Guesclin….*, p. 39.
[394] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*. Vie et fabrique d'un héros médiéval. Paris : Perrin, 2015, p. 505-507.

> **Assim findou Bertrand**, de quem Deus seja amigo! *(epílogo)*
> **Deus, o pai nos dê paz e paraíso,**
> **E que queira punir logo nossos inimigos**.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 1-9 ; 24344-24346)[395][grifo nosso]

Quanto à dedicatória, são os versos 24 e 25 que, já na segunda *laisse* do poema, podem fornecer a quem Cuvelier dedicava seu trabalho: "E por amor do príncipe, que em Deus seja resguardado,/ A fim de que os belos feitos sejam lembrados". Vemos que é ao "príncipe", o que nos leva a pensar no jovem rei Charles VI. Entre esses elementos da épica está a narração propriamente dita. Ademais, o início de cada *laisse* pode trazer novamente a invocação e a proposição, bem como um lembrete do que foi dito na *laisse* anterior, marcando bem o que poderia ser o início e o fim de uma sessão de apresentação do menestrel.

No que se refere ao tema desenvolvido pelo trovador, temos a vida do cavaleiro francês Bertrand Du Guesclin, salientando sobretudo seus empreendimentos guerreiros. Os "altos feitos", de que nos dá notícia a canção de Cuvelier, vêm da extraordinária trajetória desse personagem histórico: vindo da nobreza bretã, Du Guesclin foi alçado ao cargo mais elevado para um militar na sua época, sendo nomeado *connétable* (condestável) das hostes francesas pelo rei Charles V (1338-1380) em 1370, devido a sua habilidade estratégica para a guerra, descomunal força física, bem como sua atitude de fidelidade para com os companheiros de batalhas, e para com a coroa francesa. Além dos feitos corroborados por documentos oficiais das monarquias europeias, os relatos de Cuvelier nos dão um retrato muito instigante de Du Guesclin, ele é descrito como o décimo dos *preux* (valentes) da França, listagem que engloba personagens históricos, bíblicos e mitológicos e que eram figuras bem conhecidas e reverenciadas naquele contexto, assunto de que trataremos mais adiante.

---

[395] « Seigneur, or escoutez, pour Dieu le roy divin !
Que nostre sire Dieux, qui de l'yaue fist vin
[…]
Vous vueille touz garder et donner bonne fin.
Or me vueillez oïr, chevalier et meschin,
Bourgoises et bourgois, prestre, clerc, jacobin,
Et je vous chanteray conmencement et fin
De la vie vaillant Bertran de Glaiequin.
[…]
Cy fine Bertran, a qui Dieu soit amys !
Dieux li peres nous doint et paix et paradis,
Et il vuille amender trestouz nos anemys ! »

Na verdade, a canção de Cuvelier, sob uma roupagem cavaleiresca, apresenta um esquema novo para a ascensão de Du Guesclin: sem o aparato do reinado de Charles V, essa elevação seria impossível, pois na feudalidade não havia organização militar completamente hierarquizada. Portanto, Cuvelier propõe uma mudança ao conferir à cavalaria não apenas virtudes já tradicionais, mas também um corpo militar que exigia um comandante que pudesse bem responder a uma demanda por um serviço militar permanente e mais eficaz e fiel ao rei e ao reino franceses.

Jacques Ménard, medievalista canadense, afirma que "a perspectiva histórica estética utiliza meios artísticos: ela não relata os fatos, mas os ressuscita poeticamente, escolhe os acontecimentos marcantes e representativos intensificando-os"[396]. Sem dúvida, o texto de Cuvelier serve à historiografia, dando a ela elementos para reconfigurar um passado de que nos chegam apenas vestígios e consegue fazer isso com fôlego e inventividade envolventes, próprios de uma obra de ficção.

Pois, a literatura de ficção, seja em verso, seja em prosa, e da qual faz parte a canção de gesta, segundo a romancista Oldenbourg, "não tem por objetivo pintar a realidade [...] nem ensinar uma arte de viver, nem divertir e distrair – mas encarnar sob uma forma simbólica e libertadora as obsessões profundas às quais é urgente encontrar uma expressão", e ela avança dizendo que cabe ao escritor de ficção "o dom de traduzir em uma linguagem coerente os temas que respondem às necessidades de sua época"[397]., o que também se verifica na Idade Média. Portanto, é lícito afirmar que para a média nobreza, composta por membros da corte e cavaleiros no final do século XIV, apesar destes já um tanto desacreditados, depois do fim do círculo arturiano, havia ainda um lugar e uma esperança em louvar os feitos de alguns personagens para "coroar a ascensão social através de uma conquista cultural"[398], visto que o herói cortês já habitava na memória do público daquela época. E foi o que fez Cuvelier, fazendo ecoar a fama de Du Guesclin para além do tempo: atendeu ao público contemporâneo e atende a nós, leitores de hoje, instituindo e restituindo uma consciência histórica que, em última análise, configura um dos desígnios do romance histórico[399], sem deixar de mencionar os romances de cavalaria que afinal mantiveram o interesse do público até o século XVII.

---

[396] MENARD, J. Lukács et la théorie du roman historique. *La Nouvelle Revue Française* nº 238, Paris : NRF, octobre 1972, p. 233.
[397] OLDENBOURG, Z. Le roman et l'histoire. *La Nouvelle Revue Française* nº 238, Paris : NRF, octobre 1972, p.135 ; 137.
[398] LE GOFF, J. Naissance du roman historique au XIIe siècle ? *La Nouvelle Revue Française* nº 238, Paris : NRF, octobre 1972, p. 163-173.
[399] MENARD, J. Lukács et la théorie du roman… p. 234.

Cuvelier foi, muito provavelmente, um clérigo próximo da corte de Charles VI (1380-1422), não temos, porém, nenhum outro dado para que reconstituamos sua biografia. Sabemos que ele compôs seu poema em forma de canção de gesta à glória do condestável guardando nela um forte potencial histórico, ainda que haja pequenos erros geográficos e ligeiras confusões cronológicas, alguns não sem propósito. Parecendo estar bem informado e ter acesso à documentação oficial daquela monarquia[400], Cuvelier faz referências a suas fontes de modo bastante recorrente e é seu texto o único registro de como poderia ter sido a infância de Du Guesclin. Como soube "criar uma obra original, também ajudou a forjar o mito do cavaleiro, que, para além da exaltação política régia, difundiu uma nova ideologia: o serviço à coroa"[401].

> Senhores, fazei paz e a mim prestai ouvido,
> Vós que quereis razão e honra tendes amado,
> Vinde até mim! Escutai, pois creio ter realizado
> Um livro notável, novo e rimado.
> Aquele que o pôs em rima é Cuvelier nominado;
> E por amor do príncipe, que em Deus seja resguardado,
> A fim de que os belos feitos sejam lembrados
> Do bravo condestável, que foi mui denodado,
> Fiz os belos versos nobremente ordenados.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 19-27)[402]

Como podemos perceber, Cuvelier aqui se identifica, revela qual será o tema de sua composição, a razão pela qual a concebe e a quem a oferece, como já foi dito acima. Além disso, informa-nos sobre o modo ainda muito usual na época para difundir seu trabalho: a apresentação oral, como já inferimos, performance por vezes realizada por outros "profissionais", os menestréis[403]. Ora, ao tratar da figura de Du Guesclin

---

[400] Ao referir-se às *Chroniques de Saint-Denis* (texto escrito e reescrito entre os anos de 1274 e 1518), ao recuperar informações contidas nas *Chroniques normandes* (1369-1373), na *Chronique dite de Jean de Venette* (1368), entre outras, e dar evidências de ter consultado alguns despachos régios, Cuvelier mostra ter tido acesso, por exemplo, à biblioteca de Charles V, situada no Louvre, na torre da Fauconnerie, além de inquirir, muito provavelmente, os companheiros de Du Guesclin durante a feitura de seu poema. Tal atividade denota que havia certa preocupação por parte do trovador em buscar sua matéria em elementos concretos, portanto, ligados à realidade passada.

[401] HASENOHR, G. ; ZINK, M. (dir.). *Dictionnaire des Lettres françaises…*, 1992, p. 363.

[402] « Seigneur, or faites paix et a moy entendez,
Vous qui voulez raison et qui honneur amez !
Or vous trayez vers moy ! Je croy que vous orrez
Un livre souffisant qui nouvel est rimez.
Cilz qui le mist en rime est Cuveliers nonmez ;
Et pour l'amour du prince, qui de Dieu soit sauvez,
Afin c'on n'eüst pas les bons faiz oubliez
Du vaillant connestable, qui tant fu redoubtez,
En a fait les beaus vers noblement ordenez. »

[403] É válido ressaltar que esses grupos de artistas são de difícil definição durante o período medieval na França, havendo pouquíssimos documentos que indiquem como se dava a atividade dos menestréis, por

imediatamente após sua morte em julho de 1380, o trovador tocava em matéria de sucesso garantido, haja vista o renome já consolidado do condestável entre seus coetâneos[404]. Evocando a memória, Cuvelier aponta que obras tais como a que compunha serviam muito bem a guardar os feitos daqueles que não mais viviam entre os seus. Essa memória era, ademais, digna de ser evocada ante o príncipe, no caso, Charles VI, filho e sucessor de Charles V (1364-1380), rei a quem Du Guesclin serviu e por cujas mãos fora feito condestável em 1370.

Acreditamos que, ao receber a encomenda do poema, Cuvelier tenha se mantido em campo seguro tanto na forma quanto no conteúdo de seu trabalho. A canção de gesta, principal expressão da epopeia na literatura medieval, preparava seu público, sobretudo aristocrático, a esperar pela narrativa de um herói que, incarnando aspirações coletivas, no caso, um combatente eficaz contra as investidas inglesas em plena Guerra dos Cem Anos (1337-1453), respondesse aos anseios da população francesa já há muito sofredora dos males desse longo conflito e ainda mais pesarosa pela perda de um grande cavaleiro. Era também necessário "convencer" essa aristocracia, ainda bastante arraigada a valores feudais, sobre a importância do serviço ao reino.

Como afirma o pesquisador Dominique Boutet, a canção de gesta demonstrava se transformar também naquele século, tendendo a transpor-se em "canção de aventuras" assumindo um papel de entretenimento e alimentando a imaginação, o que poderíamos compreender como caraterísticas de um texto sem pretensões historiográficas. Entretanto, Cuvelier agregou a seu texto um valor que evitou seu esquecimento na história e para a história: "propagar uma ideologia do serviço à coroa em proveito da dinastia francesa"[405], fundamentando seu intento em um esforço, que podemos considerar historiográfico, que o fez recuperar os episódios mais relevantes da trajetória de Du Guesclin, aqueles socialmente úteis.

---

exemplo. Somente no final do século XIII surgem grupos que podem ser chamados de "funcionários escritores" (ZUMTHOR, P. *Essai de poétique*... p. 87).

[404] Du Guesclin é referido em muitas crônicas produzidas no final do século XIV e início do XV: as *Grandes Crônicas da França*, *Le Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V* de Christine de Pizan, a *Chronique des quatre premiers Valois*, no contexto francês; as *Cronicas de los reyes de Castilla* de Pero Lopez de Ayala e a *Chronica del Rey de Aragon*, no território ibérico; a *Vie du Prince Noir* do arauto do cavaleiro John Chandos, para citar apenas um exemplo do contexto inglês e as *Crônicas* de Froissart que ultrapassaram os limites dos reinos envolvidos nas disputas das quais trata.

[405] BOUTET, D. L'épopée. In : LESTRINGANT, F. ; ZINK, M. *Histoire de la France littéraire*. Naissances, Renaissances. Moyen Âge – XVIe siècle. Paris : PUF, 2006, p. 864.

> Senhores, escutai, por Deus, rosa ceifada,
> Assim, ouvi a história que deve ser contada
> Feita de verdade e de coisa comprovada.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 14207-14209)[406]

Ao lermos esses versos, podemos dizer que Cuvelier buscava atender às expectativas de seu público dando-lhe uma história bem fundamentada ao contextualizar a ação de seu personagem principal. Du Guesclin pode ser considerado, segundo os indícios do poema, como figura importante para a consolidação da monarquia na pessoa do rei, através de seus grandes feitos em combates e como figura que poderia ter representado também, de forma mais moderada, as camadas mais populares, visto que sua baixa linhagem e seus hábitos nada convencionais para a alta nobreza aproximavam-no de realidades que se encontravam também fora do círculo mais íntimo do monarca.

Mesmo havendo momentos em que os referentes a que faz menção o trovador pudessem estar um pouco afastados do contexto de seu público, como as cruzadas, por exemplo, Cuvelier demonstra esforçar-se para tornar sua narrativa familiar aos olhos de seus receptores, daí uma razão para ter realizado seu trabalho em forma de canção de gesta, pois, de fato:

> Como em qualquer narrativa dirigida aos leigos, considerados incapazes de abstração, o público deve poder identificar-se nos pormenores e no espírito geral; a verossimilhança das atitudes mentais e o realismo dos elementos materiais (o famoso "efeito de realidade") são, por conseguinte, obrigatórios [...], mas isso, que nos aparece como uma carência tipológica, talvez permita ao público reconhecer mais facilmente ideias familiares[407].

Além das marcas enunciativas que colocam o narrador chamando a atenção de seu público, como vimos, a canção coloca em evidência o discurso direto, a descrição dos feitos de guerra e em muitos momentos evoca a verdade daquilo que se presta a contar/cantar, afirmando que "assim dizem os escritos" sobre o cavaleiro, ou seja, o registro escrito como a "voz" de autoridade a todo momento lembrada fazendo com que o público acreditasse naquela história, como vimos nos versos citados acima.

Afora os aspectos formais, o que podemos salientar também é o tema de eleição explorado por Cuvelier: a guerra. Dessa forma, seu discurso sobre Du Guesclin no que se

---

[406] « Seigneurs, or escoutés, pour Dieu qui fist rousee,
Si entendez l'istoire qui doit estre comptee,
Faitte de verité et de chose aprouvee .»

[407] BOISSELLIER, S. Ideologia da guerra ou ideologia dos guerreiros? Mais algumas interpretações do relato da batalha do Salado (1340) no Livro de Linhagens do Conde Dom Pedro. *Diálogos Mediterrânicos*. Curitiba, nº 7, 2014, p. 95. Disponível em: http://www.dialogosmediterranicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/138. Acesso em janeiro de 2015.

refere à infância, aos primeiros torneios ainda na região da Bretanha, seus feitos valorosos que o levaram à Castela, a nomeação como condestável, a recuperação territorial diante da inimiga inglesa até sua morte durante a campanha de Châteauneuf-de-Randon, levam o público a concluir que Du Guesclin era um grande combatente e digno cavaleiro, com razão de ser incluído como o décimo nome na lista dos valentes, *les neuf preux*[408], um guerreiro afinal capaz de dar a vitória ao partido francês. Ademais, mesmo sendo uma canção de gesta, o texto de Cuvelier não deixava de ser original, pois como salienta o editor da canção:

> O assunto não era mais uma vaga narrativa de cruzada ou de linhagem, mas de combates cujos efeitos cada habitante do reino havia visto ou sofrido. O herói não era mais, de início, uma figura legendária ou mítica, mas um personagem real e popular cujo desaparecimento acabavam de chorar, cujo nome havia ressoado da Bretanha à Provença, da Normandia aos Pireneus, incarnando aos olhos de muitos a paz que retornava graças à dispersão das companhias[409].

Ora, os ouvintes ou os leitores de uma obra tal como a de Cuvelier jamais questionariam se o que o trovador lhes oferecia era verdade ou não; a verdade estava posta na obra e por ela mesma, e ainda mais porque se tratava de um personagem próximo a muitos deles. Seria a transformação da matéria do gênero em seu aspecto referencial, de natureza muitas vezes ficcional, em matéria real. Os ouvintes de uma canção de gesta esperavam que o aedo falasse de guerras e de batalhas, e foi isso que Cuvelier lhes deu. Memória e reconhecimento coletivos eram prementes; segundo Ricoeur, são esses dois elementos de comparação que podem evidenciar até que ponto, a *representância*, o pacto entre o autor do texto de intenção histórica e o seu público foi mantido, pois são eles que revelam se uma obra ambicionou ou não "compensar por sua cadeia de mediações a carência do momento de reconhecimento que faz com que a memória permaneça a matriz da história"[410]. Aliás, a importância da poesia na conservação dessa memória pode ser averiguada em muitos exemplos, haja vista o riquíssimo conteúdo conservado nos

---

[408] Sobre esse tema discorremos mais adiante.

[409] FAUCON, J.-C. Introduction. In: CUVELIER. *La chanson de Bertrand Du Guesclin*. Editor : J.-C. Faucon. Toulouse : Editions Universitaires du Sud, t. 3, 1990-1991, p. 65. Como já vimos, as companhias eram compostas de grupos de homens de guerra que durante os períodos de trégua entre França e Inglaterra passavam a saquear e aterrorizar os habitantes dos campos franceses para obter seus ganhos, esses agrupamentos eram conhecidos pelo nome de *Grandes Compagnies*. Em 1366, Du Guesclin foi incumbido de conduzir grande parte desses grupos (2000 homens aproximadamente) para fora do reino, à Castela, onde apoiaram as investidas de Henrique Trastâmara contra seu irmão, Pedro, o Cruel pela coroa daquele reino ibérico (Ver BUTAUD, G. *Les compagnies des routiers en France* 1357-1393. Clermont-Ferrant: LEMMEedit, 2012, p. 17).

[410] RICOEUR, P. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 55e année, nº 4, 2000, p. 745-747. Disponível em : http:// www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_2000_num_55_4_279877. Acesso em 14 fev. 2017.

cancioneiros medievais. Isso também foi o assunto explorado pelo pesquisador Hermenegildo Bastos em seu artigo "Ficcional e Verídica (Notas sobre a historicidade da poesia)", em que coloca que "a poesia evoca e preserva os fenômenos históricos decisivos. Por fazê-lo converte-se em memória da humanidade [...]. Uma memória de que a humanidade não pode se desfazer"[411], o que nos faz referir Homero.

A forma privilegiada por Cuvelier e o tema da guerra tecido sobre essa base nos leva a considerar a *Chanson de Bertrand Du Guesclin* dentre uma das categorias que a especialista responsável por uma das transcrições da *Vie du Prince Noir* do arauto de Jean Chandos, Diana B. Tyson, ao trabalhar com o texto estabeleceu: um elenco de quatro formas de escrita histórica produzida entre os reinos da França e da Inglaterra no século XIV e que se ocupou dos acontecimentos contemporâneos. Podemos resumir essa categorização do seguinte modo:

- narrativas históricas que descrevem os acontecimentos correntes, como as *Crônicas* de Froissart;
- obras de caráter épico descrevendo os feitos espetaculares de guerreiros da época, categoria em que a pesquisadora insere a *Chanson de Bertrand Du Guesclin*;
- poemas curtos que descrevem acontecimentos particulares ou regionais, e
- escritos que descrevem e lamentam não apenas acontecimentos particulares, mas principalmente a "miséria geral e as dificuldades causadas pela guerra e as desastrosas situações por que passavam os reinos", em que a autora elenca os poemas de Eustache Deschamps, por exemplo.

Diana B. Tyson ainda afirma que essa escrita histórica teria se dado em dois extremos: por um lado, textos com descrição realista da vida na época, bem como dos acontecimentos militares e sociais; e por outro, textos que configurariam uma literatura moralizante com nuances didáticas e tendência a imitar obras anteriores que retratavam as virtudes da cavalaria[412]. Com essa categorização, entendemos poder atribuir a Cuvelier uma escrita que tenha se desenvolvido entre esses dois extremos, já que tratou de acontecimentos militares exaltando as virtudes da cavalaria em seu herói Du Guesclin, de onde a preferência pela forma da canção de gesta.

---

[411] BASTOS, Hermenegildo. Ficcional e Verídica (Notas sobre a historicidade da poesia). *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, nº 94, p. 39; 46, jun./dez. 2016. Disponível em: http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/46090 . Acesso em: 14 fev. 2017.

[412] TYSON, D. B. "Introduction". *Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie*. Vol 147. La Vie du Prince Noir by Chandos Herald. Tübingen : Max Niemeyer, 1975, p. 18-22.

Ainda que o poema de Cuvelier tenha sido esquecido durante algum tempo, devido ao sucesso que sua transposição em prosa alcançou nos séculos seguintes, a força de memória que sua composição demonstra tem sido resgatada desde o século XIX, com a primeira edição impressa dos versos de Cuvelier em 1839. Além disso, nos últimos vinte anos, o interesse que a composição em versos suscitou entre os pesquisadores pode ser conferida nas muitas obras editadas sobre o condestável e que têm na canção muitos questionamentos respondidos[413]. Entendemos que ao se prosificar a canção, seu conteúdo foi facultado de um caráter histórico ainda mais evidente para o público.

Ao ter todos esses argumentos em mente, a pesquisa historiográfica que propomos a partir da canção de Cuvelier se fundamenta outrossim em seu caráter narrativo que o aproxima e muito das crônicas históricas de seus contemporâneos, no que se refere principalmente à maneira de narrar os acontecimentos envolvendo uma batalha. Isso acontece quando Cuvelier acelera a narrativa ao contar os altos feitos do condestável, sacrificando em muitos momentos a qualidade de seus versos ao forçar a assonância. É o que ocorre, por exemplo, na narrativa do início da refrega em Nájera, quando Du Guesclin aconselha seus homens a não confiar nos castelhanos, preferindo combater os homens de Pedro I a pé:

> "Senhores, disse Bertrand, ficai ouvindo:
> Fiquemos todos juntos e não partindo.
> Contra esses Espanhois não ficai batendo,
> Pois são gentes em quem não estou confiando."
> E lhe responderam: "Certo estai falando."
> Senhores, naquele dia até a hora primeira soando,
> Foram todos cavaleiros e sargentos se apresentando.
> Assim, todas as trombetas foram tocando;
> Bertrand Du Guesclin, sua trombeta levando,
> Valentement à frente se posicionando,
> Colocou-se a soar tão fortemente
> Que mesmo um surdo estaria escutando.
> Toda a tropa soou energicamente
> Mesmo ao longe, segundo o que estou sabendo,
> Desceram a pé tanto o pequeno quanto o grande.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 12645-12659)[414]

---

[413] Lançadas principalmente após a edição crítica da canção por Faucon (1990-1991), as biografias de Du Guesclin perfazem um número que ultrapassa muito uma dezena, sendo que nos últimos quatro anos, foram sete edições; além desses trabalhos recentes, houve também reedições de pesquisas realizadas logo após a primeira edição dos versos de Cuvelier em 1839.

[414] « Seigneurs, se dist Bertran, alés moy escoutant:
Tenons nous touz ensemble et n'alons departant.
Avec ses Espaignolz ne vous alez boutant,
Cair ilz sont une gent ou ne me vois fiant. »
Et cil ont respondu : « Vous alez bien parlant ».
Sire, a ce jour cy jusqu'a prime sonnant,
Furent tuit apresté chevalier et sergant.

O trecho, além de atribuir a Du Guesclin a perspicácia de propor o combate a pé, que teria dado um melhor resultado aos homens de Henrique, ao colocar a troca de palavras entre o capitão bretão e seus homens, confere ao episódio uma aproximação do público com os bastidores do enfrentamento, recurso bastante usado por Cuvelier. Tal construção da narrativa conferiria ao texto traços do romance[415], levando, por exemplo, o leitor/ouvinte a compartilhar das intenções dos personagens durante a ação. No que se refere à estrutura formal do verso, Cuvelier emprega o gerúndio para que a sonoridade se encaixe ao compor os versos assonantes, forçando uma rima, se pudermos assim explicar, já que o modo verbal parece bem pouco usual para a sintaxe da estrofe. Essa mistura de gêneros deu ao texto de Cuvelier ao longo do tempo qualidades de "crônica rimada", "epopeia romanesca", "epopeia cavaleiresca" e mais recentemente "biografia cavaleiresca do tipo histórica"[416].

Além disso, será frequente ao longo da canção essa descrição um tanto ambígua de Du Guesclin, o que pode salientar a transformação por que passava a cavalaria. Além disso, novidade discutida em tratados de direito de guerra[417], como poupar os civis, conforme vimos na batalha de Cocherel, era uma ideia que demonstrava que Cuvelier estava atento e até mesmo defendia um ponto de vista que propunha uma mudança bastante sensível na conduta dos príncipes da época, o que também condenava a atitude dos homens de guerra que compunham as companhias[418]; os que acompanhavam Du Guesclin, no entanto, eram cantados por Cuvelier como soldados dignos de serem "cantados em boas canções" (v. 4538-4539).

Ademais, ao longo dos séculos, notamos que, como afirma o medievalista Philippe Contamine:

Adonc vont a touz lés trompetes botidant ;
Bertren de Claquin ot sa trompe devant,
Qui moult hardiement devant ce va metant,
Et prinst si a sonner et d'une voiz si grant
Qu'i n'y avoit si sourt ne la voist escoutant.
L'asemblee cornerent haultement en oyant.
Ainsi qu'a demie lieue, selon mon esiant,
Descendirent a pié le petit et le grant. »

[415] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*..., p. 18.

[416] GAUCHER, Elisabeth. *La biographie chevaleresque*. Typologie d'un genre (XIIe-XVe siècle). Paris : Honoré Champion [Nouvelle Bibliothèque du Moyen Âge], 1994, p. 299.

[417] Ver por exemplo as obras de Honoré Bovet, a *Arbre des batailles* e o *Songe du Vieux Pèlerin* de Philippe de Mézières, ambas oferecidas a Charles VI em 1389.

[418] Mais adiante, nos versos 18574 a 18582, quando da narrativa do cerco de Paris, pouco antes de Du Guesclin ser nomeado condestável em 1370, Cuvelier reprova com veemência a conduta dos soldados que acompanhavam o capitão inglês Robert Knolles devido à violência impingida aos habitantes: clérigos e cidadãos comuns eram assassinados, jovens moças violentadas e burgueses eram aterrorizados.

> Obedecendo a motivações variadas, os poderes e as autoridades militares procuraram com frequência impor a suas tropas a "disciplina da cavalaria", cujo respeito não trazia por resultado apenas certa humanização da guerra, mas também o reforço da eficácia de suas forças armadas[419].

Podemos imaginar que tenha sido a eficácia de Du Guesclin o principal contribuinte para seu renome a ponto da escrita de Cuvelier nos dar a pensar que seus métodos inovaram a referida "disciplina de cavalaria" que não mais era exclusividade dos nobres, como durante o período feudal. A proximidade que tinha com as companhias e suas estratégias de chefe de bando deram a Du Guesclin a oportunidade de modificar a atmosfera da guerra, isso pode ter contribuído e muito para a formação dos exércitos nacionais no século seguinte[420].

Para além do conteúdo ligado ao tema da guerra, afirmamos igualmente nesta tese que na canção de Cuvelier ocorra uma tensão dialógica que se cria entre a vida, o autor e o leitor, o que foi bem explorado por Paul Ricoeur em seu círculo hermenêutico: o leitor é o elemento de ligação entre as três *mimeses*, dialogando com o autor e a obra, torna-se ele próprio um produtor de sentido quando da recepção do texto. Aí está o horizonte de expectativas de que falamos anteriormente. Se o retrato da sociedade francesa daquela época apontava para uma vida dominada por conflitos, derramamento de sangue, pilhagem, violência e peste, seria esperado que os homens e mulheres de letras abordassem esses acontecimentos em seus textos. Se o povo comum estava assolado não só pelas *chévauchées* inglesas, mas também pela alta carga de impostos e taxas estabelecida pela coroa, sendo também obrigados a realizar pagamentos de resgates a mercenários que entre uma batalha e outra obtinham seu sustento às custas dos camponeses, os letrados tinham ali um tema cuja difusão seria bem-sucedida, porque todos condenavam a crise que havia tomado conta do reino francês. A Igreja não parecia mais uma instituição segura após o cisma e a monarquia estava enfraquecida durante a minoridade de Charles VI. Por que não se beneficiar de todos esses fatos para mostrar que o bem-comum poderia ser restabelecido com um rei que deveria seguir os passos do pai sábio ao se apoiar em uma cavalaria que de modo eficaz e permanente pudesse afastar os verdadeiros inimigos do povo francês, os ingleses?

---

[419] CONTAMINE, Philippe. *La Guerre au Moyen Âge*. 5e ed. Paris : PUF [Nouvelle Clio], 2014.

[420] O decreto régio de Charles VII (1422-1461) de 2 de novembro de 1439 estabeleceu os primeiros preceitos para a grande reforma dos exércitos do reino francês regulamentada em 1449. Nessas ordenações, Charles VII estabelecia, por exemplo, que a atuação de companhias independentes não seria aceita e que somente o rei poderia arregimentar soldados, segundo pagamentos regulares para que seus homens estivessem à disposição em caso de necessidade. Sobre isso discorreremos na terceira parte da tese.

O poeta Eustache Deschamps teria composto a seguinte balada em 1385, data em que Cuvelier estaria acabando a sua canção de gesta. Não é difícil estabelecer paralelos entre os dois autores no que se refere à aversão aos ingleses e a exaltação da França e suas raízes bretãs. Aliás, Deschamps também exaltaria em Du Guesclin uma valentia ancestral.

> França e Escócia, os bretões antigos,
> Os filhos de Bruto e sua geração
> Gritarão seus nomes em um conflito,
> Haverá grande batalha e aflição.
> Do sangue dos mortos de cada facção
> Rios correrão, e com certeza
> Os filhos de Bruto morrerão em tristeza,
> E, nesse dia, faltará de misericórdia:
> Extintos serão, será finda sua vileza
> Diremos até: Inglaterra foi ceifada.
> (*Contre l'Angleterre*, Balada 26, Eustache Deschamps)[421]

O momento em que a literatura atinge sua eficiência mais elevada é talvez aquele em que coloca o leitor na situação de receber uma solução para a qual ele mesmo deve encontrar as perguntas apropriadas, aquelas que constituem o problema estético e moral colocado pela obra.

> [...] os eventos contados em uma narrativa de ficção são fatos passados pela *voz narrativa* que podemos considerar aqui por idêntica ao autor implicado, quer dizer a um disfarce fictício do autor real. Uma *voz* que conta o que, *para ela*, aconteceu. Entrar em leitura é incluir no pacto entre o leitor e o autor a crença que os eventos reportados pela voz narrativa pertencem ao passado dessa voz [grifos do autor].
> [...] é, poderíamos dizer, enquanto quase histórica que a ficção dá ao passado essa vivacidade de evocação que faz de um grande livro de história uma obra-prima literária[422].

Na canção de Cuvelier, o que podemos observar é uma mescla dessas vozes, visto que o "je", designando o trovador-narrador, aparece seguidamente, fazendo com que haja uma distância entre aquilo que se narra e o momento da enunciação. Isso causa um efeito bem interessante quando voltamos à ação dos personagens, que aparecem muitas vezes

---

[421] Eustache Deschamps. *Oeuvres complètes d'Eustache Deschamps* : publiées d'après le manuscrit de la Bibliothèque nationale par le marquis de Queux de Saint-Hilaire et Gaston Raynaud. Vol 1. Paris: Firmin-Didot, 1878-1903, p. 106-107. Referimo-nos à balada 362, composta em 1373, quando Du Guesclin ainda vivia, quando evocamos a valentia ancestral do condestável, pois nesse poema Eustache Deschamps coloca o herói bretão entre os *neuf preux*.

[422] « […] les événements racontés dans un récit de fiction sont des faits passés pour la *voix narrative* que nous pouvons tenir ici pour identique à l'auteur impliqué, c'est-à-dire à un déguisement fictif de l'auteur réel. Une *voix* parle qui raconte ce qui, *pour elle*, a eu lieu. Entrer en lecture, c'est inclure dans le pacte entre le lecteur la croyance que les événements rapportés par la voix narrative appartiennent au passé de cette voix. […] C'est, pourrait-on dire, en tant que quasi historique que la fiction donne au passé cette vivacité d'évocation qui fait d'un grand livre d'histoire un chef-d'œuvre littéraire. » (RICOEUR, P. *Temps et récit*. III… p. 344-345).

em discurso direto[423], e entramos novamente na narrativa das aventuras do cavaleiro. O uso desse recurso, quando pensamos na apresentação oral dos menestréis cabia bem, dando ao público o tempo necessário para absorver as informações, no entanto agora, na leitura do texto, quando o narrador aparece, damo-nos conta de que ele interferia um pouco na história que contava, dando alguns indícios de características psicológicas dos personagens, aspecto raro nas canções de gesta anteriores a Cuvelier[424]. Um momento da narrativa em que Cuvelier aponta para os sentimentos e pensamentos de Du Guesclin, seriam os versos a seguir, em que o heroi hesita entre a fidelidade a Henrique e aquela, mais sólida e atiga, a Charles V, quando da convocação a retornar ao reino francês, após sua atuação em Castela, como vimos na primeira parte desta tese:

> Mas minha camisa está mais a mim agarrada
> Do que minha malha jamais estará chegada!
> (*La Chanson de Bertrand du Guesclin*, v. 18256-18257)[425]

Tal como vemos na canção sobre Bertrand Du Guesclin, é possível conceber o ambiente de produção a que Cuvelier esteve ligado, isto é, um grupo de letrados próximos à monarquia que, ao dominar a escrita, podiam conservar a memória daqueles por quem essa monarquia se interessava, não apenas para diversão e entretenimento, mas para sua própria glória[426].

Hoje, ao analisar a obra do trovador da Picardia, o historiador pode também ver nela o potencial histórico que lhe permite extrair informações importantes para propor um panorama da Escrita da História na França tardo-medieval, levando em conta o nível de elaboração da realidade e igualmente as perspectivas dos contemporâneos da obra. O historiador também colabora, desse modo, "propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo"[427].

Se insistimos na contribuição da cultura literária e mesmo de textos mais conhecidos por seu valor literário como fonte histórica, tanto por seus aspectos externos

---

[423] Esse recurso narrativo também era conhecido e largamente utilizado pelos cronistas régios em seus textos em prosa: dar voz ao rei, por exemplo, era uma maneira de estabelecer a veracidade do que se contava, bem como dar mais dinamismo ao relato.

[424] Nos trechos que seguem, podemos ter uma ideia da interferência do narrador, v. 107-110 "E sua fisionomia muito bem considerou/ Eu não sei o que ela viu ali, nem o que diferenciou dele/ mas tudo o que disse e propôs/ Aconteceu desde o dito e desde esse fato". Já nos versos 282-285, o narrador relata uma mudança de pensamento do herói: "Ali permaneceu Bertrand um ano/ Até que a paz com seu pai foi acordada/ E então mudou Bertrand em um outro pensamento".

[425] « Mais ma chemise m'est plus pres certainement
Que ma cote ne scet, c'est un fait evident ! »

[426] GUENÉE, B. *Histoire et Culture historique dans l'Occident Médiéval*. Paris : Flammarion, 2011, p. 63.

[427] CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 8ª.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, p. 169.

(contexto de produção e recepção) e em seus componentes internos (objeto trabalhado e forma de apresentação) o fizemos para salientar uma abordagem historiográfica que não faz unanimidade nos meios acadêmicos. Ainda mais quando a fonte em questão é também uma biografia, traço que não lhe conferiria confiabilidade. Concordamos com Elizabeth Gaucher, quando a pesquisadora chama a atenção para como o trabalho de autores como Cuvelier é apreciado pela comunidade historiadora:

> No que se refere à biografia medieval, a crítica tem, às vezes, a tendência de confundi-la um pouco apressadamente com outros gêneros: como fez Marc Bloch, em seu estudo sobre a historiografia na época feudal ao falar de uma "moda" da biografia, na qual ele coloca tanto as vidas dos santos quanto a genealogia do conde de Anjou, Foulque de Réchin e de sua linhagem[428]. Ora, desde a Antiguidade, a biografia se colocou à distância das produções históricas. Ela não tinha o mesmo objeto: à história eram reservados os acontecimentos marcantes da humanidade, à biografia vinham os detalhes reveladores sobre um ou outro indivíduo. No entanto, os autores de nosso corpus pretendiam fazer obra de historiadores e o afirmam em sua maneira de designar seu trabalho[429].

É dessa mesma forma que François Dosse considera a biografia que fez Cuvelier de Du Guesclin, obra em que a "realidade histórica permanece marcada por uma evocação daquilo que impressionou a memória coletiva"[430]. Sim, Dosse ainda acrescenta a isso a imaginação do autor, que a nosso ver não deixa de conferir à obra o caráter historiográfico que a ela atribuímos. E se para realizar sua canção, Cuvelier atendeu às expectativas de poderosos que poderiam lhe remunerar o trabalho, isso também nos informa como se dava a escrita da história naquele fim de século, de "tal maneira que, se a história não estava mais a serviço da teologia e do direito, transformava-se bem oficialmente em auxiliar do poder"[431].

---

[428] BLOCH, M. *A sociedade feudal*. Trad. Liz Silva. Lisboa : Edições 70, 2012, p. 117.

[429] « En ce qui concerne la biographie médiévale, la critique a parfois tendance à la confondre un peu hâtivement avec d'autres genres : ainsi Marc Bloch, dans son étude sur l'historiographie à l'époque féodale, parle d'une « mode » de la biographie, dans laquelle il range aussi bien les vies des saints que la généalogie du comte d'Anjou Foulque le Réchin et de sa lignée. Or, dès l'Antiquité, la biographie s'est placée à l'écart des productions historiques. Elle n'avait pas le même objet : à l'histoire étaient réservés les événements remarquables de l'humanité, à la biographie revenaient les détails révélateurs sur tel ou tel individu. Pourtant, les auteurs de notre corpus entendaient faire œuvre d'historiens et l'avouent dans leur manière de désigner leur travail. » (GAUCHER, E. *La biographie chevaleresque*. Typologie d'un genre (XIIe-XVe siècle). Paris : Honoré Champion [Nouvelle Bibliothèque du Moyen Âge], 1994, p. 77).

[430] DOSSE, F. *O Desafio Biográfico*..., p. 153.

[431] « De telle sorte que, si l'histoire n'était plus la servente de la théologie et du droit, elle devenait très oficiellement l'auxiliaire du pouvoir » (GUENÉE, B. *Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval*…, p. 345

3.5) *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin* (1387) e a prosa historiográfica

Como a obra de Cuvelier atendeu tão bem ao horizonte de expectativas de seu público, logo recebeu uma adaptação para a prosa que, aliás, assegurou uma melhor difusão da narrativa sobre o cavaleiro[432]. O que denota o interesse da nobreza pela matéria e por que não pela leitura silenciosa, mais íntima, para os que sabiam ler, dispensando assim o intermédio dos menestréis e dos grandes serões da corte com seus músicos e outros artistas, ou então, aqueles que dispunham de um letrado para lhes fazer tal leitura, ter a possibilidade de uma atividade mais particular[433]. Na figura a seguir, por exemplo, a cena retratada é do rei Charles V em sua *roue à livres* lendo o Antigo Testamento. A ilustração está no prólogo da obra *Policraticus* de John of Salisbury, traduzida para o francês por Denis Foulechat. O que nos chama à atenção, obviamente, não é o exemplar escolhido pelo rei, mas sua atitude de leitura silenciosa e solitária, muito embora a obra afirme o "poder do príncipe, garantia do interesse público, forte com uma majestade que não se lesa impunemente, limitado, no entanto, pela lei de Deus que está acima de tudo"[434].

BnF, manuscrits, Français 24287, fº 1.

---

[432] VERMIJN, Y. *Chacun son Guesclin*..., p. 41.

[433] Roger Chartier sugere até mesmo que o fato de haver mais ilustrações nas obras em língua vulgar, destinadas aos laicos, do que nas em latim, destinadas aos estudiosos, é um indício de que a leitura dos códices em língua vulgar estava destinada a uma leitura visual e privada (CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: _____. (org.). *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 82). Devemos considerar que nem todos os nobres estavam aptos a uma leitura direta do texto e que, além disso, o livro era um objeto de luxo.

[434] BARTHÉLEMY, D. *La chevalerie*. Paris: Perrin, 2012, p. 414. A obra de Jonh de Salisbury exalta o ideal cavaleiresco, mas propõe uma cavalaria executante das ordens do príncipe, como na disciplina romana. O autor aliás, afirma que os cavaleiros (*milites*, no texto em latim) deveriam combater tanto a cavalo quanto a pé.

A edição a que recorremos da *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin Connestable de France, Duc de Molines, Comte de Longueville & de Burgos, contenant les guerres, batailles & conquestes faites sur les Anglais, les Espagnols & autres, durant les regnes des Rois Jean & Charles V*[435], embora datada da modernidade, é a que acreditamos trazer a transcrição da adaptação de Cuvelier para a prosa mais próxima em conteúdo e forma tal qual foi produzida em 1387, ou melhor 1388, devido à Páscoa ter sido celebrada em 29 de março, início do ano naquela contemporaneidade[436]. Claude Ménard, em 1618, apresentava ao rei, na condição de seu conselheiro e lugar-tenente de Angers, sua transcrição completa com o prólogo, a apresentação dos temas em capítulos e o *explicit* da obra contendo a preciosa informação sobre a data de sua produção, bem como de seu comitente.

> Em um tempo em que há de ver renome,
> Do castelo Real de Vernon,
> Que foi aos campos e à cidade,
> Fez Jehannet d'Estouteville
> Do dito castelo então Capitão
> E também de Vernon-sur-Seine
> E do rei escudeiro de corpo,
> Colocar em prosa, bem me recordo,
> Este Livro extraídas as rimas,
> Terminado em Março, dia dezenove,
> Quem do ano a data não sabe,
> Mil trezentos e oitenta e sete.[437]

Se em 1388 a obra de Cuvelier já havia sofrido uma grande interferência, isso vem comprovar que o trovador havia mesmo terminado sua canção entre 1384 e 1385 e tal

---

[435] Disponível no site books.google.com.

[436] Após a encomenda de 1388, houve uma segunda reescritura em prosa da canção de Cuvelier financiada por Marie de Blois, duquesa de Anjou (1360-1384), esposa de Louis I d'Anjou, irmão de Charles V. Marie já era viúva de Louis quando encomendou a obra, mas ela era filha de Charles de Blois, primeiro senhor que favoreceu Du Guesclin. Podemos assim, considerar que as raízes bretãs de Marie podem a ter levado a homenagear o capitão que defendera seu pai em campo de batalha. A versão dessa segunda reescritura a que tivemos acesso é a editada por Francisque Michel: *Chronique de Du Guesclin*. Collationnée sur l'édition originale du XVe siècle. Paris: Imprimerie de Béthune, 1830. Documento disponível no portal Gallica da Biblioteca Nacional da França.

[437] « En un temps qui a yver nom,
Du chaflel Roial de Vernom ,
Qui yst aux champs & à la ville,
Fist Iehannet d'ustovteville,
Dudit chaslel lors Capitaine,
Aussi de Vernonnet sur Sayne,
Et du Roy Escuyer de corps,
Mettre en prose , bien m'en recors
Ce Livre cy extrait de ryme ,
Complet en Mars dixneusyme:
Qui de l'an la date ne scet ,
Mil trois cens quatre vingts & sept ».

obra já estava em circulação nesse período, dado o conhecimento de Jehannet d'Estouteville sobre ela. Como não há menção desse personagem na canção em versos, não acreditamos que tenha sido sua família a encomendar tal empreitada, muito embora, devesse ter havido certa aproximação entre a família Estouteville e o comitente das rimas de Cuvelier.

Através de um documento firmando a doação de bens da parte de Du Guesclin em 1374 ao mesmo Jehannet d'Estouteville da versão em prosa, podemos dizer que se tratava de um escudeiro de Charles V, mais exatamente um "*écuyer tranchant*". A transcrição do ato de doação foi publicada por Paul Le Verdier em agosto de 1887, no *Bulletin de la Société de l'Histoire de Normandie*[438]. Isso queria dizer que Jehannet juntamente com um corpo de escudeiros era responsável pelo corte das carnes na ocasião dos banquetes do rei. Se ocupasse a primeira posição entre os seus pares, a ele seria conferida a tarefa de levar o estandarte do rei aonde quer que este fosse, o mais próximo possível do rei, logo atrás dele[439], o que denota a privança de que poderia usufruir Jehannet. A doação concernia todos os bens móveis e imóveis, assim como todos os empregados do senhorio anteriormente pertencente ao cavaleiro Guillaume de Briençon, executado em Rouen, por ordem do rei[440]. Como o senhorio se encontrava nos limites do condado de Longueville, de possessão de Du Guesclin, a ele foi dada a posse de tudo o que fora tomado do cavaleiro condenado. Na condição de conde e de condestável da França, Du Guesclin acha por bem favorecer a Jehannet d'Estouteville por seus "bons e vários serviços", e por seus "bons comportamento e governo" para que viesse ainda servir de forma melhor ao rei. No documento em questão, Du Guesclin fez constar que era notória a busca de Jehannet por outros bens, "querendo crescer em possessões, bens e riquezas" o que lhe daria condições, a ele e à sua linhagem, de servir de forma melhor ao rei.

Cabe aqui salientar que para um escudeiro, ainda mais irmão de um cavaleiro, o senhor de Torchy ou Torcy, como era o caso de Jehannet, ser cavaleiro era bastante dispendioso, e somente através de uma boa renda isso seria possível, além, de necessitar que outro cavaleiro ou senhor o elevasse a tal grau, através de um adubamento ou de um gesto semelhante de investidura. Podemos assim inferir que Du Guesclin agia como

---

[438] Disponível no portal gallica.bnf.fr.
[439] *Dictionnaire enyclopédique de la noblesse de France*, vol. 1, p. 315.
[440] A longa lista dos bens que passariam à propriedade de Jehannet constante do ato é bastante curiosa: desde dos grãos já beneficiados ou a ser beneficiados, dos diferentes tipos de louça, dos animais adultos ou filhotes, dos empregados, até aquilo que poderia vir a ser reconhecido como pertencente anteriormente ao antigo senhor, no total de 1500 francos de ouro, tudo isso passaria a Jehannet, obrigado dali em diante a "*foy et homage*" para com Du Guesclin.

padrinho de Jehannet em sua trajetória, o que era possível por seu posto de condestável, embora devamos nos lembrar que o cavaleiro bretão se mostrara inúmeras vezes benevolente para com seus homens, dentre os quais muito provavelmente Jehannet tenha estado antes de ser um privado do rei, e isso talvez até por intermédio dele próprio. Devemos admitir que a relação entre Du Guesclin, vindo da média nobreza bretã, e Jehannet, de família normanda, se dá em um contexto em que os vínculos não eram exclusivos de vassalagem, dado que o condestável favorecia antecipadamente um homem que já poderia não estar sob sua proteção, muito embora, Jehannet a partir daquele momento devesse prestar homenagem ao conde de Longueville pelas benfeitorias de que se tornava senhor e lhe conferisse parte da renda que viesse a obter com sua propriedade.

Podemos supor que foi em retribuição ao que Du Guesclin lhe fez naquele ano de 1374 que Jehannet tenha encomendado a adaptação para a prosa da canção de Cuvelier, mesmo passados mais de seis anos da morte do condestável. Agora, na condição de senhor de Vernon e ainda escudeiro de corpo do soberano francês, Charles VI, servindo à mesa do rei, admitido à sua familiaridade, ao encomendar uma obra escrita arcando com os custos de tal produção, Jehannet prestava sua homenagem. Até sua morte, em 1416, o escudeiro não deixou de ter um papel notável no entorno régio[441]. Bem, se assim Jehannet procedia, tendo acesso a outros funcionários próximos a Charles VI, talvez tenha sido desse círculo que o autor da *Histoire* tenha vindo. No entanto, estudamos seu texto sem jamais saber o seu nome e o que exatamente fazia na corte e se além disso era um clérigo.

Acreditamos que, ao referirmo-nos ao conceito de memória contido nos prólogos das obras estudadas, o autor anônimo da crônica em prosa de Du Guesclin, além de salientar a importância de se apreciar o conteúdo de seu volume, também deixou claro o porquê de tal transformação. Na verdade, a prosa lhe permitia abreviar a extensão da longa obra de Cuvelier e ainda, sua apresentação em capítulos, possibilitava a rápida consulta de seus leitores que não quisessem ler todo o volume ordenadamente, "*sans lire tout aourné*", como uma obra a ser consultada, estudada por aqueles que se interessassem por Du Guesclin, podendo acessar diretamente o episódio que lhes interessasse, um público que ora se voltava à história escrita. Além da ênfase na leitura, o autor faz igualmente alusão ao "ouvir" sobre os feitos dos cavaleiros que se busca ter como exemplo, dada a realidade do analfabetismo dos membros daquela sociedade, contudo, é mencionado apenas o deleite de ouvir sobre os feitos daqueles que povoaram as conversas

[441] BUTAUD, G. *Présentation du manuscrit 93 de la BMVR de Nice : Histoire en prose de Bertran du Guesclin*. Disponível em : http://manuscrits.nice.fr/_app/index.php. Acesso em março de 2017.

e estiveram à vista. Agora, com sua obra, o autor espera que a composição de seu livro favoreça antes a leitura ou o fazer ler as proezas daquele que "por valentia e largueza pode e deve ser acompanhado dos nove *preux*, pelos belos feitos que fez e cumpriu quando em vida"[442].

O autor manteve com fidelidade, sem "adição nem diminuição", a ordem de apresentação dos episódios elencados por Cuvelier, o "*romant compilé en paroles rymées*". Seu *romant* por sua vez, trazendo transformações nas palavras buscando brevidade, seria tratado em *prose*. Instiga-nos a consciência do autor ao realizar a tarefa que lhe fora posta, pois nota-se que além de compreender bem as diferenças entre os gêneros com os quais trabalhava, não questionava a veracidade de seu texto de origem, o de Cuvelier, tratando-o primeiramente como fonte de verdade para recordar os feitos de Du Guesclin. Isso pode corroborar com o fato de que, ainda que a canção de Cuvelier remeta em forma às canções de gesta e seus personagens fictícios, como já aludimos, ela alcançava outros horizontes e ia adiante, servindo como fonte de informação para um texto agora mais próximo de uma história oficial que implicava seus contemporâneos, pessoas que chegaram a conviver com o protagonista.

Não há na *Histoire*, é preciso dizer, tantas recorrências e alusões à autoridade e à legitimidade conferida pelos escritos como faz Cuvelier, "*si con dit li escrips*" (v. 20231); "*l'escripture l'aprent*" (v. 22791); "*si con treuve lisant*" (v. 9742), por exemplo. Talvez isso se deva ao fato de que a obra em prosa já se fundamentava sobre outra escrita, o que salienta mais uma vez que não se questionava a verdade do que fora narrado por Cuvelier. Se os autores que estudamos acabaram por se inspirar em outras canções de gesta e no romance em francês, eles não deixaram, contudo, de se apoiar igualmente sobre uma documentação oficial, produzida também pela chancelaria régia, como já dissemos anteriormente.

Isso pode denotar que, além da adaptação para a prosa já ter sido retirada de uma obra escrita, informação clara no prólogo ao texto, essas marcas tenham sido mais relevantes para apontar as sequências narrativas quando da recitação do texto em verso, por outro lado, a prosa se apresenta em capítulos encabeçados por longos títulos que marcam bem esses episódios. Todavia, sabemos que evocar a autoridade da escrita era um *topos* da cultura letrada no medievo. Aliás, nas Escrituras da Bíblia:

---

[442] « qui de vaillance, & de largesse puet & doit estre accompaigné aux neuf Preux, pour les beaux faiz qu'il fist,& acheva en son vivant », *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin*…, 1618, p. 2.

> Os livros históricos, modelo último de qualquer historiador medieval, são escritos em prosa latina [...], a prosa é a linguagem de Deus. A escolha da prosa para os cronistas vernáculos lhes oferece então uma verdade confortada por um modelo religioso que se impunha[443].

Dessa forma, seguindo a reflexão do historiador Pierre Courroux, podemos sugerir que o cronista autor da *Histoire* já se beneficiaria da forma que usou para narrar os feitos da vida de Du Guesclin, estando nela mesma a legitimidade daquilo que se propunha a contar, não havendo necessidade de fazer referência tantas vezes à autoridade da escrita.

Outro ponto importante a ser observado é o fato do narrador da *Histoire*, em vários momentos, sugerir sua própria opinião sobre os fatos narrados, algo de que se pode dizer pouco frequente entre os cronistas de séculos anteriores. O que corrobora com a tese de que a adaptação para a prosa da canção de Cuvelier não foi fruto apenas de uma *prosificação*, mas uma tentativa de *reescritura*[444]. No entanto, o autor não se distancia o bastante do texto de Cuvelier, ao contrário, segue-o muito de perto. Isso não impede mesmo assim de interferir na história que se propôs a "compilar". Vejamos o quadro abaixo em que salientamos as principais interferências do cronista a partir dos episódios estudados na primeira parte desta tese. Em itálico, estão as traduções dos termos que aparecem nos textos originais.

	La chanson de Bertrand Du Guesclin (1380-1385)	**Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin (1386-1387)**
Elogios a Du Guesclin sob forma de canção	v. 1740-1743 – Devido ao grande *renome de Du Guesclin, canção deveria ser cantada*	-- Não há referência a canção para exaltar Du Guesclin na versão em prosa
Elogios a Charles V	v. 8121 – *Charles V estaria muito aborrecido com a presença das companhias em seu reino*, por isso convoca Du Guesclin. v. 24337, 24339 – *Charles, o bom rei, já não reinou mais.... Após ele, foi coroado seu filho mais velho.*	Charles V convoca Du Guesclin para levar para longe as companhias *por muito amar seu povo e por querer socorrê-lo*. A narrativa da morte de Du Guesclin é perpassada por largos elogios a Charles: *foi quem mais sofreu pela morte de Du Guesclin*, comparado a *Carlos Magno, Rei Davi e Alexandre, o Grande: verdadeiro católico, amante da Justiça, largo, guerreiro, aventuroso, conquistador de terras.* Deixou seus filhos: Charles VI: *o maior tesouro de sua nobre linhagem, muito bonito, valente, já guerreiro em sua pouca idade.* *Louis, duque de Touraine e conde de Blois: belo e bondoso.*

[443] COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises* (XIIe-XVe siècle). Paris : Classiques Garnier, 2016, p. 287.
[444] FUNES, L. Versiones cronísticas de las *enfances* de Rodrigo: ¿prosificación o reescritura? *Letras* nº 67-68. Enero-diciembre 2013, p. 100.

		Catherine de France: jovem muito bela e bondosa.
Discurso atenuado de Du Guesclin	v. 1566-1599 – Ao encontrar o burguês que havia fugido de Rennes para buscar ajuda, Du Guesclin o ameaça, em discurso direto, prometendo-lhe *cortar a cabeça se fosse um espião*. Cuvelier coloca em pouco mais de trinta versos a tentativa do burguês em convencer Du Guesclin de que falava a verdade. v. 8290-8306 – Bertrand Du Guesclin convoca seus capitães para deixar a França, pois haviam cometido os maiores crimes de violência, deveriam sem demora, portanto, *abandonar o diabo: damas violentadas, casas invadidas, homens e crianças mortos ou feitos reféns, animais mortos para alimentar as companhias, pilhagens frequentes, ataques contra igrejas e religiosos, tudo isso os tornava piores que ladrões.*	A passagem correspondente na versão em prosa, o discurso direto de Du Guesclin ameaçando o burguês é transformado em discurso indireto e em poucas linhas o assunto é resolvido. Mantém-se a ameaça de *cortar a cabeça*, mas as palavras não estão nos lábios do cavaleiro bretão, o que atenua muito a violência da cena. Du Guesclin convoca seus homens à missão em Castela para *expiação dos pecados, pois haviam feito muitos e também muitos males como cada um sabe segundo sua fé.*
Du Guesclin como décimo preux	v. 10853-10859 – Versos de muita importância na canção, em que Du Guesclin é nomeado o décimo *preux*, devendo ser aclamado junto aos outros nove.	A menção ao nove *preux* não está no corpo do texto, mas no prólogo da versão em prosa. Isso denota ainda muita importância ao renome do condestável, muito embora a ausência na passagem correspondente implique em uma perda na valorização da campanha em Castela.
Valores oferecidos a Du Guesclin	v. 14669 – Hugh Calveley oferece a Du Guesclin *20 mil dobrões de ouro* para ajudá-lo a pagar seu resgate junto ao Príncipe de Gales.	Na versão em prosa o valor oferecido pelo companheiro de Du Guesclin é de *30 mil dobrões de ouro*.
Número de homens envolvidos nas batalhas	v. 16870-16875;16889 – o número de batalhas de D. Pedro: 5 com o total de *50 mil* homens, com a vantagem de *5 para 2* contra Henrique Trastâmara. v. 18707 – Pouco antes da eleição de Du Guesclin ao posto de condestável, o número de ingleses que cercavam Paris, segundo Cuvelier, era de *40 mil.*	A versão em prosa exagera nas duas ocorrências: *60 mil* homens, numa vantagem de *6 para 2*. Na versão em prosa, eram *60 mil* ingleses que cercavam a capital.
A importância do povo e dos pobres	v. 18266-18277 – Ao ser informado do desejo do rei de fazê-lo condestável pelo Marechal Audrehem, Du Guesclin fica ciente do *quanto o rei o queria no posto deixado por Robert de Fiennes.*	A versão em prosa afirma que, além do rei, quem mais desejava ter Du Guesclin por condestável *era o povo e em especial os pobres, pois Du Guesclin era do agrado do povo.*
Exigência por pagamento das tropas e ameaça de deixar a *connétablie*	Trecho inexistente na *Chanson*.	Pouco antes da narrativa da morte de Chandos, o cronista insere um diálogo entre o rei Charles e Du Guesclin, em Paris, em que o condestável teria exigido ao rei que seus homens que lutavam no sul, na fronteira com a possessão inglesa, fossem pagos, senão ele *renunciaria à Connétablie*!
A narrativa da morte de Du Guesclin	v. 24235-24346 – Cuvelier salienta o debate entre Du Guesclin moribundo e	A versão em prosa também não menciona os homens do condestável,

	os ingleses sitiados, e suas orações pelo rei, pela França e pelos príncipes. Não fornece detalhes sobre quem acompanhou sua morte, pois nenhum de seus homens aparece nominalmente.	mas diz que se colocaram a caminho da Bretanha para satisfazer o desejo de Du Guesclin em ser enterrado em sua terra natal, muito embora o próprio rei tenha ordenado interceptar o cortejo.
O perdão da esposa de D. Pedro	V. 7925 – A rainha Blanche, esposa de D. Pedro ao receber a "visita" de seu algoz clama pelo *perdão de Jesus* ao marido.	A fala da rainha Blanche não menciona o nome do Cristo, apenas pede perdão pelo esposo *que não sabe o que faz*.
Número de homens que ajudaram na tentativa de fuga de D. Pedro	v. 17384 – *Quatro* homens tentam ajudar D. Pedro a fugir	Mais um exagero do cronista, ao dizer que foram *cinco* homens auxiliando Pedro.

Há três momentos em que o autor da versão em prosa interfere consideravelmente na narrativa, sem ter o texto em verso como sua fonte: durante o cerco do "60 mil" ingleses a Paris, pouco antes da eleição de Du Guesclin à *connétablie*, e na abertura do capítulo que relata a morte do condestável.

Expressando sua opinião sobre as batalhas "em diversas partes do mundo", segundo suas palavras, o cronista interrompe a narrativa do cerco a Paris para tecer vários comentários elogiosos a Charles V, pois ali se tratava de um caso em que a "narração seria prolixa e necessária":

> Como o Rei, que era o mais sábio Príncipe Cristão, que ora reinava, amava perfeitamente seu povo e queria guardá-lo, não seria ele o suficiente para colocar à aventura e expor seu povo a tal perigo? Mas desejava impedir segundo boa opinião e discernimento, por boa deliberação de seu conselho, fazer perseguir e combater seus inimigos, quando fosse tempo e lugar, como outrora havia feito. E desenvolvia o caso a tal ponto, assim o desejava mais que qualquer outra pessoa. Pois o fato o tocava mais ao coração do que a qualquer outro. Pois tinha na memória os feitos de alguns de seus predecessores, assim desejava que seu governo tivesse maior discernimento por maior prudência e temperança. Sem proeza e valentia não se pode reinar muito tempo. Mas o Rei combatia inteligentemente e seguramente seus inimigos.[445]

Nota-se que o tempo verbal ao falar do rei Charles está no passado o que se configura como um corte bastante importante na narrativa de uma crônica que, em última análise, deveria manter justamente a cronologia dos episódios narrados. No entanto, como

[445] « Et pour ce que le Roy, qui estoit le plus sages Prince Chrestien, que pour le temps regnast, amoit parfaitement son peuple, & le voulait garder, ne souffiroit-il pas à le aventurer & exposer à tel peril ? Mais y vouloit abvier, &au moins de grief de son peuple vouloit par bon advis & discretion, par bonne deliberation de son conseil, faire poursuir & combatre ses ennemiz, quant il en seroit temps & lieu, comme autresfoiz avoit fait. Et combien qu'il desliast la chose, si le desiroit-il sur toute personne. Car le fait lui touchoit plus au cuer que à nul quelconques. Car il avoit en mémoire les faiz des aucuns de ses predecesseurs, si vouloit le sien gouverner plus discretement, & par greigneur prudence & attrempence. Sans laquelle proesce & hardement ne pevent par longuement regner. Mais le Roy combatoit soubtieument & sceurement ses ennemiz », *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin*…, 1618, p. 395-396.

aqui se trata de uma descrição do estado do monarca diante de uma situação de perigo iminente, o cronista achou por bem salientar as virtudes do rei trazendo para o presente da narração aquilo que, para o autor, Charles V havia deixado como o legado de um grande soberano. Estaria aí, talvez, certo intento de transformar a crônica de Du Guesclin em espelho de príncipe? De qualquer modo, o narrador, como aquele que sabe contar o que ocorreu, detém em seu poder o conhecimento e sua escrita sempre servia de algum modo à edificação de seu público. Aliás, este é um dos elementos que insere em seu prólogo como objetivo do texto: dar exemplo aos mais jovens.

Há que se considerar, no entanto, que na canção de Cuvelier, Charles V aparece pouquíssimas vezes, em duas delas apenas com certa importância: antes da tomada de Meulan, que antecedeu a batalha de Cocherel e na posse de Du Guesclin como condestável. Por outro lado, podemos dizer que a transposição para a prosa devolveria, com essas intervenções do cronista, um lugar de enorme destaque ao rei, pois em seu texto não podemos dizer que a estrutura da épica em que o rei é contraposto ao seu sujeito, herói da obra, de modo a ser uma figura mais fraca, foi mantida, ao contrário. Seria isso um indício de que o comitente do texto, Jehannet d'Estouteville, ousasse defender esse ponto de vista, ainda mais no contexto conturbado do início do reinado de Charles VI, em que a figura do rei estava apagada pela regência dos tios? De qualquer maneira, nesse ponto, se acreditamos haver uma crítica à regência dos tios, tanto Cuvelier quanto o cronista podem ter colaborado, o primeiro por salientar a importância dos conselheiros de Charles V e o outro por exaltar o próprio rei.

Já o trecho em que o cronista relata o diálogo entre o rei Charles V e Du Guesclin no Hôtel Saint-Pol em Paris, é uma inserção de todo um episódio sobre a organização das tropas, principalmente no que se refere às finanças. Sobre o tema, os dois decretos régios, o de Jean II le Bon de abril de 1351 e o de Charles V de janeiro de 1374, já haviam instituído o pagamento regular das tropas segunda a hierarquia vigente: capitães, cavaleiros, escudeiros e valetes, sem mencionar a cobrança de impostos específicos para isso. Assim, pode-se dizer que o cronista nos informa sobre as discrepâncias entre os decretos e a realidade no quatidiano dos homens de armas e que a situação se arrastava para além do tempo da narrativa, já que as críticas que ele coloca nos lábios de Du Guesclin apontam para o contexto do reinado de Charles VI e a regência dos tios, como no trecho a seguir:

> – Senhor, disse Bertrand, que muito estava contrariado, de quê viverão, para passar a estação, as gentes de armas que deixei para trás guardando a

> fronteira e o reino se não têm dinheiro? Para eles será conveniente pilhar a região e fazer pagar as pobres gentes. E então, irão chamá-los de maldosos saqueadores. Mas esses que falam são tão propensos a blamar, e mantêm vosso dinheiro guardado, a ponto de que não podeis abrir vossos cofres à vossa vontade. − Bertrand, disse o rei, não posso fazê-lo. Sou apenas um homem sozinho, não posso me opor contra todos aqueles de meu conselho[446].

Na sequência, o cronista reporta que o rei finalmente teria prometido 20 mil francos para o pagamento dos homens de Du Guesclin dali três dias, quantia insuficiente para os 8 mil homens e pelo período de seis meses que o condestável havia requerido. A isso, Du Guesclin teria ameaçado abandonar a França e seu posto de condestável, situação que o rei não permitiu, para tanto, forneceu o montante "exigido" por seu capitão para o pagamento das tropas. O debate se encerra com as seguintes palavras de Du Guesclin, como que proverbiais: "Pois daquele que não tem mais do que um pouco querem arrancar, e àquele que tem pão querem dar", ao se referir ainda à carga excessiva de impostos cobradas do povo. Diante da injustiça a que era submetido o povo, o cronista oferece um retrato daqueles primeiros anos de reinado de Charles VI: o sucessor do rei sábio reinava, mas não governava; a descrença do povo que sofria os constantes ataques ingleses de que o rei poderia mudar sua situação; a injustiça na cobrança de impostos, privilegiando um grupo às custas de outro; a necessidade de organizar as tropas para que, mesmo em ausência de batalha, continuasse à disposição do reino.

Se o autor anônimo da crônica em prosa colocou ênfase na pessoa do rei como aquele que foi "mui verdadeiro católico, honrava a igreja, amava a justiça, retribuía largamente os feitos de cada um. E guerreava habilmente como jamais fez outro Príncipe, guardando seu povo sem opressão"[447], podemos aventar que a centralização na pessoa do rei proposta por Charles V no que se refere à designação de seus comandantes militares pode não ter passado despercebida pelo cronista.

---

[446] « Sire, dist Bertran, qui moult estoit courcié, dequoy vivront, pour passer la saison, les gens d'armes que j'ay laissiez derriere pour la frontiere tenir & garder le pays, si n'ont argent ? Il convendra fuster ledit pays pour eulx, & paier sur les pouvres gens. Et puis les vouldra l'en appeler faux pilleurs. Mais ceux qui le font, sont plus fort à blamer, que tellement tiennent vostre argent enfermé, que vous n'en pourrez ouvrer à vostre plaisir. Bertran, dist le Roy, je ne le puis amender. Je ne suis que un seul homme, si ne puis pas estriver contre tous ceulx de mon conseil. » *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin*, p. 457.

[447] « Tres-vray Catholique, honnouroit l'Eglise & amoit justice & retribuoit largement les faiz d'un chacun. Et guerrioit le plus destrement, que oncques mais feist Prince, en gardant son peuple sans foulement », *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin*, publiée par Claude Ménard à Paris : La Boutique de Nivelle, 1618, p. 542.

Outro acréscimo e que merece um olhar mais atento, é a interferência que o narrador realiza ao final da obra, quando do relato da morte de Du Guesclin. O autor abre o último capítulo de seu livro da seguinte forma, não constante da canção de Cuvelier:

> Finalmente, dos feitos de Bertrand Du Guesclin e dos nobres Senhores com quem estivera e foram antes recordados tal como se encontram no Livro, do qual este presente foi extraído e compilado[448]. E se alguma falta há neste Livro, para mais ou para menos, seja na substância ou em linguagem, o autor faz bem em se desculpar por viva razão e justa, pelo que pretendeu com este presente Livro, que, por medo de realizar um tratado prolixo e tedioso a quem o ouve, será agora concluído. E se ele foi colocado em muito rude linguagem, queiram recebê-lo de bom grado. Pois, impossível coisa é a um homem mortal redigir um tratado e (...) para o prazer de todos. Pois, segundo o Filósofo, para cada cabeça uma opinião. Mas quanto a voltar à conclusão deste Livro [...].[449]

Apesar de se desculpar, e pela segunda vez pelo trabalho que ora apresentava, pois já no prólogo havia feito o mesmo, o autor não parece tão receoso quanto à aceitação da obra, o que nos leva a pensar que a matéria já garantiria o sucesso do empreendimento, apesar de seu volume, mesmo após os esforços na tentativa de abreviá-lo, como parece ter almejado o autor. A impressão que se tem é que o próprio autor parecia um tanto cansado de manejar tamanha narrativa, querendo logo concluí-la.

Antes, porém, o autor interfere com pequenas inserções sobre o lamento dos homens de Du Guesclin e dos vencidos ingleses, comparando tal sofrimento àquele dos troianos pela morte de Heitor, dos gregos pela morte de Aquiles, muito embora tenha sido o sofrimento do rei Charles o mais agudo, como apontamos no quadro acima, comparado ao desamparo de Carlos Magno pela morte de Rolando e o do rei Davi por Jônatas. O que se percebe é que com tais adições, o autor elevou o valor da perda de Du Guesclin para aquele grupo social e igualmente para o comitente da obra. Ressaltar sua ausência daria mais prestígio ainda aos feitos realizados em vida. Obviamente, era uma *memoria* dos mortos, avivada talvez pela expectativa de um rei que ainda não havia assumido o poder, como era o caso de Charles VI.

---

[448] E preciso chamar a atenção para a disparidade entre prosificação e compilação. Ainda que o autor, no prólogo, tenha dito ambicionar abreviar a obra de Cuvelier, como se escolhesse apenas alguns trechos, não é isso que faz, mas uma verdadeira prosificação, já que segue os versos de Cuvelie com muita fidelidade.

[449] « Atant partie des faiz Bertran du Guesclin, & des nobles Gentilzhommes lors avecques soy estans avez cy devãt oy recorder, ainsi comme il est trouvé ou Livre, dont ce present est extrait ou compillé. Et ce aucune faulte a en ce Livre de plus ou de mains, soit en la substance ou en langage, l'autheur en fait bien à s'excuser par vive raison & juste, par lui pretendue de cedit Livre present, lequel pour doubte de traictié prolixe & ennuyeux aux escoutans sera en present conclut. Et s'il est mis en trop rude langage, il leur plaise à recevoir en gré. Car impossible chose est à un homme mortel trayctier & … au plaisir de tous. Car selon le Philosophe, tant de testes, tant d'opinions. Mais quant à venir à la conclusion de ce Livre […] », *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin…*, 1618, p. 537.

Outro detalhe acrescentado pelo autor anônimo foi a alusão ao intento dos homens de Du Guesclin de levarem seu corpo para ser enterrado em sua terra natal, a Bretanha. É lícito lembrar que a anexação do ducado à coroa francesa foi omitida por Cuvelier, mas ocorreu entre os anos de 1378 e 1379, ainda que por um curto período de tempo. Naquele contexto, de relativa paz com a Inglaterra, era primordial manter boas relações com o duque da Bretanha, pois Charles V morreria antes de concluir as negociações com Jean IV de Montfort. Os irmãos do rei, então regentes enquanto da minoridade do delfim, chegaram a mediar a assinatura de um segundo Tratado de Guérande, em que a neutralidade do ducado deveria ser mantida com relação à guerra contra os ingleses, em fevereiro de 1381[450].

A adaptação para a prosa denota que a importância em se registrar o passado de Du Guesclin era sustentada pelos nobres daquela corte. Se na *Histoire* o cavaleiro já não falava por meio de rimas e nem seus excessos eram assinalados, podemos sugerir que seu renome passaria dali em diante a servir a uma imagem do rei que colocasse sobre os ombros de um digno condestável a responsabilidade da manutenção do bem comum, valor bastante caro aos pensadores da corte de Charles VI.

[450] Cf. *Chronique du Religieux de Saint-Denis…*, 1839, Livro 1, cap. VIII, p. 57.

3.6) Le *Livre des fais et bonnes meurs du sage roi Charles V* de Christine de Pizan (1404) e a historiografia a serviço de uma dinastia

O período que engloba nosso recorte de produção das fontes escolhidas favoreceu muito a atividade de escritores, historiadores, chanceleres e homens de letras que tinham assegurados seus postos entre aqueles que podiam legitimar ideias e conceitos, assim como garantir o sustento financeiro desses letrados. Eram tempos de grandes desordens sociais: o cisma da Igreja, a demência de Charles VI[451], a invasão inglesa e as disputas entre os príncipes Valois. Se não tomavam a espada, os autores que estudamos tomaram a pena para refletir sobre os acontecimentos tão perturbadores que envolviam toda a sociedade da época. Para Christine, no caso, foi a pedido do duque de Bourgogne que a levou a pensar e escrever sobre tais circunstâncias. Ele a favoreceu para que escrevesse a biografia de seu irmão, o falecido rei Charles V, como veremos nas linhas que seguem.

O lapso de tempo que se encontra entre os anos de 1380 e 1404, portanto, no decorrer da Guerra dos Cem Anos (1337-1453), pode ser estudado como um período propício ao surgimento de uma literatura em língua românica, e da historiografia tal como a concebemos em nossos dias. De onde nosso interesse pela escritora, poeta e pensadora da política, Christine de Pizan (1364- *ca.*1430), autora de vasta obra, conservada ainda hoje em centenas de manuscritos, e por sua obra dedicada à figura do rei Charles V, estudo que nos permite situar Christine entre outros autores já referidos dessa época, cuja produção corrobora para a Escrita da História, como esperamos demonstrar nas páginas que seguem.

Antes, porém, uma breve explanação de alguns dados biográficos sobre a autora. Por volta de 1365, Thomas de Pizan foi requisitado por Charles V a fazer parte de sua corte. Médico e professor de astrologia originário de Pizzano, na Itália, tendo atuado em Bolonha e Veneza, o pai de Christine de Pizan pôde levar a família à França três anos após sua chegada, privilégio de poucos dentre os conselheiros do rei[452]. Foi dessa forma que a pequena Christine, então com quatro anos de idade, chegou à corte francesa. É verdade que pouco se sabe sobre esse período de sua vida, mas podemos estimar que ela e seus irmãos tenham recebido uma educação de alto padrão naquele contexto e que

[451] Há registros na crônica do Religioso de Saint-Denis de pelo menos três crises anuais em que o jovem rei era acometido por temporadas em que ficava "ausente" dos acontecimentos à sua volta nesse início de século. Ver GUENÉE, B. *La folie de Charles VI*. Paris : Perrin, 2004, p. 294-295.
[452] DULAC, L. Christine de Pizan. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A. ; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge…*, 2002, p. 288.

tenham frequentado a corte. Logo aos quinze anos, a adolescente foi dada em matrimônio a um jovem secretário do rei, Étienne du Castel, pai de seus três filhos. O casamento, várias vezes referido na obra de Christine, parece ter sido feliz, embora breve, já que aos 25 anos, ela se encontrava viúva e responsável pela família, situação decorrida também do falecimento de seu pai cinco anos antes.

A sua produção, essencialmente obras líricas em verso no início, data de 1394 e prolongou-se até o ano de sua morte em 1430, aproximadamente; obra numerosa que, para além da poesia de corte das linhas iniciais, tratou de filosofia, de moral e de política, temas, aliás, que garantiram o amparo financeiro de Christine, visto que interessavam e muito aos irmãos de Charles V e suas famílias, marcando a obra da maturidade da autora, e garantindo-lhe a figura de mulher de letras e sustentada por elas! Feito a ser salientado, já que Christine teve de se impor em um meio masculino e sobretudo clerical, pois, tratava-se, para Christine, de fundamentar sua obra no saber para alcançar então uma "palavra autorizada"[453]. Escritora por excelência de quem se tem notícia do medievo. Se nos primeiros momentos de sua atividade, Christine compôs poemas e discutiu a produção poética e literária de seus contemporâneos, como o debate que empreendeu sobre o *Roman de la Rose* condenando, por exemplo, a misoginia que via no texto[454]; a partir de leituras e de traduções de Boécio, Aristóteles, Vegécio, Homero, Virgílio, Dante, Boccaccio e Tomás de Aquino, citando apenas alguns, Christine tomou sua pena com autoridade, sendo capaz de empreender obras ambiciosas aos olhos de qualquer letrado daquele período[455].

Em 1403, Christine acaba a composição do seu *Livre de la mutation de la Fortune*, obra que, permeada de figuras alegóricas, comporta também dados autobiográficos, apresentando além disso, um ensaio de história universal em tom profético[456] e que é oferecido, no ano seguinte, a Philippe II, le Hardi, duque da Borgonha e irmão de Charles V. Pode ter sido o sucesso desta obra que incitou o mesmo duque a encomendar de Christine *Le livre des fais et bonnes meurs du Sage Roy Charles V*[457] (doravante, citado

---

[453] DEMARTINI, D. ; LE NINAN, C. ; PAUPERT, A. ; SZKILNIK, M. *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*. Paris : Honoré Champion, 2016, p. 11.
[454] HUIZINGA, J. *O outono da Idade Média...*, 2010, p. 188-194.
[455] DULAC, L. Christine de Pizan. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A. ; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*, 2002, p. 288; Christine de Pizan. *Le livre des fais et bonnes meurs du Sage Roy Charles V*. In : *Nouvelle Collection des Mémoires pour servir à l'Histoire de France*, par MM. Michaud et Poujoulat. Paris : Imprimerie d'Édouard Proux, Tome II,1836, p. 588.
[456]BLANCHARD, J. Introduction. In : Christine de Pizan. *Livre des faits et bonnes mœurs du sage roi Charles V*. Paris : Pocket, 2013, p. 10.
[457] A edição privilegiada para a citação de trechos de *Le livre des fais et bonnes meurs du Sage Roy Charles V* neste trabalho é a dos editores da Nouvelle Collection des Mémoires pour servir à l'Histoire de France,

neste trabalho como *Livre des fais*), que "propõe como modelo político a nobreza moral do rei, sua sabedoria militar e a forma superior de sabedoria que ele adquirira através de uma ampla cultura filosófica"[458]; ademais, é a própria Christine que, ao relatar os detalhes da encomenda, refere-se ao *Livre de la mutation,* como um dos motivos de ter sido incumbida da nova tarefa em uma entrevista que o duque pessoalmente lhe concedera no palácio do Louvre. Christine relata tal encontro para atender aos "possíveis curiosos":

> Com grande alegria me foi dito e reportado pelos lábios de Monbertaut, tesoureiro do dito senhor, que lhe agradaria que eu compilasse um Tratado tocando certa matéria que não me foi inteiramente declarada, para que eu ouvisse pela vontade do dito príncipe; e por essa razão me dirigi, acompanhada de minhas gentes, aonde ele se encontrava, em Paris, no castelo do Louvre, e ali, por sua bondade, informado de minha chegada, me fez ir até ele, e levada onde ele estava, [...] ali encontrei-o, recolhido, bastante solitário, acompanhado de seu muito nobre filho, Antoine, senhor conde Retel[459].

Vale indagar por que motivo o duque de Bourgogne encomendava uma biografia do irmão, o rei que havia colocado seus esforços militares para fazer frente às invasões inglesas e reconsquistado boa parte dos territórios perdidos no tratado de Brétigny, objetivando a unificação de todo o reino, se ele, o duque, origem do partido dos Bourguignons, estava mais inclinado a anexar Flandres a seu ducado garantindo uma boa extensão de terras em detrimento do reino francês, contando com a ajuda dos ingleses para isso. Seria uma tentativa de estabelecer uma conexão mais estreita com o aclamado rei sábio para defender uma causa própria? Pensamos que sim, e evocamos mais uma vez Bernard Guenée para dizer que o que Philippe II, le Hardi, poderia fazer com tal

---

Michaud e Poujoulat, de 1836, pois além de ser uma edição que apresenta a transcrição direta do manuscrito Bnf, fr. 5025, da Biblioteca Nacional da França, está disponível em linha através do site *Gallica*. A edição crítica bastante eficaz de Suzanne Solente, da Société de l'Histoire de France, publicada em 1936-1940, em dois volumes, cuja fonte manuscrita é o BnF, fr. 10153, é hoje bastante usada entre os especialistas. Esta edição também serviu como base para a nova tradução para o francês contemporâneo, apresentada sem o texto original, de Joël Blanchard e Michel Quereuil, lançada em 2013 pela Pocket, coleção "Agora", à qual também recorremos em certos momentos. Ambos os manuscritos provêm do atelier de Christine, mas o fr. 5025 deve ter sido confeccionado pela própria escritora, segundo os especialistas (LASSABATÈRE, T. Le mythe littéraire de Bertrand Du Guesclin : écriture, diffusion et lecture des œuvres de Christine de Pizan et de ses contemporains, *Actes du VIe Colloque international sur Christine de Pizan (Paris, 20-24 juillet 2006)*. Paris : Honoré Champion, 2008, p. 93).

[458] DULAC, L. Christine de Pizan. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A. ; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge…*, 2002, p. 289.

[459] « À grant joye me fu dit et rapporté par la bouche de Monbertaut, trésorier dudit seigneur, que il luy plairoit que je compillasse un Traictié touchant certaine matiere, laquelle entierement ne me déclairoit, si come sceusse entendre la pure voulenté dudit prince ; et pour ce, […] me transportay, avec mes gens, où il estoit lors, à Paris, ou chastel du Louvre ; et là, de sa bonne grace, luy informé de ma venue, me fist aller vers luy, menée où il estoit […] là, le trouvay retrait assez solitaire, accompaigné de son trés noble filz, Anthoine, monseigneur conte de Retel. », Christine de Pizan. *Livre des fais…*, 1836, p. 592.

encomenda seria "pedir à história precedentes que justificassem o presente"[460], pois ao se ligar à imagem de Charles V, o duque legitimaria suas ações e se investiria de um poder muito necessário diante do fortalecimento do partido de Louis d'Orléans, líder dos Armagnacs e irmão do então rei Charles VI[461] que, acometido pela demência, havia deixado o caminho livre para que Louis dirigisse o Conselho, atribuísse a si próprio extensões de terra, doações e pensões, enquanto reduzia os repasse antes destinados ao ducado da Bourgogne[462]. Ao duque da Bourgogne a encomenda de uma biografia real oficial, permitiu a Christine de Pizan traçar as linhas de um rei que por ser exemplar, um modelo a ser seguido, podia exercer sua autoridade. Talvez era a esse lugar que o duque almejava quando financiou a escrita de cunho histórico a Christine: uma posição de autoridade que ultrapassasse as fronteiras de seu ducado e se estabelecesse em Paris, "capital, ponto de encontro das rotas comerciais entre as lãs de Flandres e o vinho da Bourgogne, nó político de onde partem as decisões e aonde chegam as finanças"[463]. Além disso, pode-se dizer que o duque da Bourgogne teria "compreendido, melhor que qualquer um, o lugar determinante que a cultura política ocuparia dali em diante no exercício do poder"[464]. Com a morte do duque, pouco antes de concluir sua obra, Christine recebeu por sua composição 100 escudos do herdeiro, Jean Sans Peur, e ofereceu uma cópia da obra a outro irmão de Charles V, Jean, duque de Berry[465].

Após ter sido informada do conteúdo a ser trabalhado na obra encomendada, uma biografia real oficial, Christine de Pizan deve ter consultado várias fontes, como ela mesma nos diz: crônicas e outros documentos escritos, depoimentos orais de pessoas importantes e serviçais da corte de então e também de Charles V. E, a partir dessas fontes, teria sido possível chegar à estrutura proposta no *Livre des fais*, dividida em três grandes partes, na seguinte ordem, "*noblece de courage, chevalerie et sagece*", que podemos

---

[460] GUENÉE, B. *Histoire et culture historique*…, p. 350.
[461] A situação se agravaria consideravelmente após a morte de Philippe II, le Hardi, com o conflito que viria a ser conhecido como a Guerra civil entre Armagnacs et Bourguignons e que duraria até 1435.
[462] MINOIS, G. *La guerre de Cent Ans*. Paris : Perrin, 2008, p. 342.
[463] « Capitale, point de rencontre des routes commerciales entre les laines flamandes et le vin de Bourgogne, nœud politique d'où partent les décisions et où arrivent les finances » (GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge*…, p. 458).
[464] « Cet homme avait compris, mieux qu'un autre, la place déterminante que la culture politique occupait désormais dans l'exercice du pouvoir » (DEVAUX, J. De la biographie au miroir du prince : le Livre des fais et bonnes meurs su sage roy Charles V de Christine de Pizan. *Le Moyen Âge* nº 3, Tome CXVI, Paris : De Boeck Supérieur, 2010, p. 593).
[465] Acredita-se que o *Livre des fais* tenha sido "concebido em parte à intenção do jovem delfim Louis de Guyenne, que acabava de noivar com Marguerite de Bourgogne, filha mais velha de Jean Sans Peur e de Marguerite de Bavière, e estava, portanto, colocado sob a égide do duque Philippe que intencionava prover sua educação" (DEVAUX, J. De la biographie au miroir du prince..., p. 594).

traduzir como nobreza moral, cavalaria e sabedoria, virtudes de que o rei Charles V era, segundo a mulher de letras, o detentor mais ilustre. A propósito, o título do livro adotado por ela concentra bem o conteúdo tratado, já que "*bonnes meurs*" pode designar, ainda no medievo, "o respeito e a prática das virtudes" e, segundo a autora, quem o fazia era um "sábio" rei. O que devemos observar em sua organização, é o fato de não ser própria de uma escrita cronística, no entanto, para nosso estudo, é interessante observar o uso que faz a letrada dos episódios que recolheu em outras crônicas ao propor uma nova fórmula que de qualquer maneira serviu a propósitos históricos declarados em seu prólogo, por exemplo.

As três partes do estudo de Christine são subdivididas em pequenos capítulos, sempre bem explorados segundo a proposta temática do todo: exaltar as virtudes de Charles V, sobretudo sua prudência, maior e mãe de todas as outras virtudes, tal como a examinaram Aristóteles e Tomás de Aquino, os autores mais citados por Christine ao longo do texto, com os quais ela constrói uma argumentação bem concisa, ilustrada com eventos da vida do monarca francês e de outros reis. No entanto, a discussão que se pode fazer sobre essas virtudes e o papel delas em obras como os espelhos de príncipe[466], por exemplo, não são o alvo deste trabalho, embora seja importante referir que a prudência era requerida do príncipe ou do legislador da Idade Média para que tomasse decisões para o bem comum, visando sempre ao melhor em todos os casos[467]. Essa virtude seria a prova de que o soberano tinha seu livre arbítrio regulado segundo uma inteligência pura fundamentada em princípios cristãos.

O foco principal desta parte de nosso trabalho é analisar como o personagem do cavaleiro da média nobreza bretã, Bertrand Du Guesclin, alçado a condestável das hostes reais pelo próprio Charles V, aparece na biografia do rei, de onde nossa atenção à parte do *Livre des fais,* em que Christine expõe seus conhecimentos e suas referências problematizando o conceito e a existência da cavalaria.

---

[466] Christine de Pizan deve ter conhecido o gênero dessas obras, pois o *speculum principum* ou *speculum regum* foi bastante difundido durante toda a Idade Média e apesar de ser popular e consultado até o início do século XVIII, eram escritos com destinatários bem definidos, normalmente realizados por clérigos. Além disso, era um tratado político dirigido aos príncipes e aos herdeiros das coroas, em que as virtudes dos monarcas, dos bons monarcas, eram elencadas e aconselhadas, de modo a servir de modelo àqueles que recebiam tais lições (BOURGAIN, P. Miroir des princes. In: GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*, 2002, p. 931-932). A partir disso, podemos talvez afirmar que o *Livre des fais* seja uma redefinição do gênero, principalmente porque traz uma reflexão já amadurecida sobre o pensamento aristotélico.

[467] POIREL, D. Prudence. In : GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*, 2002, p.1159.

Primeiramente, é interessante observar que a letrada, ao estabelecer a ordem de apresentação das partes do *Livre des fais,* insere a cavalaria no centro da obra. Não se pode aventar, de modo algum, que isso não tenha sido pensado pela autora, pois ao tratar da vida de um monarca, que aprendeu as lições deixadas por seus antecessores, no que se refere a estratégias militares fracassadas[468], Christine o apresente como aquele que usou de prudência para organizar melhor seu corpo de homens de armas, agora eficaz, embora ainda pouco numeroso, composto de voluntários, dos quais uma parte em permanente disposição, formada por nobres e bastante hierarquizada. Talvez, no entendimento de Christine, fosse necessário chamar a atenção para a transformação por que passava a cavalaria. Se naqueles anos de que trata a letrada, o rei não mais saía a campo de batalha, era preciso que tivesse um comandante que ocupasse seu lugar nos combates. O mesmo se dava com Charles VI, apesar se sua inclinação para a luta e os jogos com armas, preferindo o elmo à coroa[469], era um rei enfraquecido pela doença e sem herdeiros na maioridade naquele ano de 1404. Christine acaba por conferir à cavalaria, como corpo militar, a estabilidade tão requerida naquele tempo de instabilidades.

Em segundo lugar, o que ela diz entender sobre cavalaria aparece logo no início dessa grande divisão. Aliás, este é um procedimento recorrente na obra: a autora expõe o ou os conceitos daquilo que se propõe a estudar, justificando e embasando ali seu pensamento. Pois bem, diz ela, convém determinar primeiramente "Que é a ordem que se diz da cavalaria ; como ela surge ; como ela foi estabelecida; o que lhe convém; para que serve; e a que pode ser comparada"[470]. Característica própria ao método escolástico.

Ao longo dos 39 pequenos capítulos da parte em que trata desse tema, Christine realiza um compêndio das atribuições daquele que seria um dos mais simbólicos grupos sociais da Idade Média, para tanto esmiúça conhecimento sobre as táticas militares para os cercos a castelos, com ou sem fosso; o uso das armas nas batalhas, detalhes e posições dos golpes mais eficazes; os procedimentos para bater em retirada ou para avançar; como

---

[468] O reinado de seus predecessores Jean II, le Bon e Philippe VI, pai e avô de Charles V, não havia dado à França uma organização militar que a protegesse durante os conflitos da Guerra dos Cem Anos. Ainda que os convocados fossem devidamente remunerados e obedecessem a certa hierarquia segundo suas linhagens, não havia um treinamento eficaz e muito menos estratégias de guerra para que houvesse coesão na armada real, o que levou o reino francês a sucessivas derrotas diante dos ingleses (CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris: PUF, 1980, p. 296-306 ; GUENÉE, B. Philippe Contamine, Guerre, État et Société à la fin du Moyen Âge. Compte rendu. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 29e année, nº 6, 1974, p. 1532-1533). Sobre esse aspecto trataremos mais adiante, na terceira parte desta tese.

[469] GUENÉE, B. *La folie de Charles VI*. Paris : Perrin/CNRS Editions, 2016, p. 60 ; 254.

[470] « Quelle chose est celluy ordre que on dit de chevalerie; comment il vint; pour quel chose il fu estably; quelles choses y conviennent; de quoy il doit servir; et à quelles comparaisons se peut assimiler », Christine de Pizan. *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*. 1836, t. II, p. 4.

manter ou consumir os víveres, enfim, levando em conta os momentos em que a cavalaria estivesse, ora no ataque, ora da defesa, devendo saber avaliar o próprio exército e o opositor. A autora faz tal exercício com maestria e diz estar registrando por escrito o que era de conhecimento até mesmo de uma criança, porque a memória não conseguia reter tudo sempre, aliás, sobre essa função da escrita ela já havia desenvolvido algumas ideias no prólogo à obra, como vimos anteriormente. Havemos de desconfiar da autora, que deveria se impor com autoridade no meio em que atuava, mas sabemos que ela sorveu muito do conhecimento já difundido de Vegécio.

Seguindo sua argumentação, podemos adiantar que ser um cavaleiro da corte de Charles V não significava ocupar um posto qualquer, havia todo um preparo físico e intelectual encontrado apenas nos "melhores entre mil", os *milites*. E ainda, o cavaleiro deveria prestar evidências de quatro virtudes: boa sorte, inteligência, diligência e força; e além disso, trabalhar em conjunto com seus pares formando uma "corrente de vários anéis", e merecer a pensão financeira oferecida pelo reino e pelas cidades.

É neste momento da exposição que ocorre a primeira menção a Bertrand Du Guesclin, no capítulo em que ela relata as circunstâncias da coroação de Charles V na cidade de Reims, em 19 de maio de 1364. O que nos faz observar que a autora não discorre sobre os acontecimentos da vida de Du Guesclin antes de seu contato mais próximo com a coroa francesa. Apoiando-se nas fontes documentais a que teve acesso, principalmente nas *Grandes Chroniques de France*[471], a escritora afirma que os inimigos do reino francês haviam se reunido em número de mais de três mil homens de armas para impedir que o delfim Charles seguisse de Paris a Reims a fim de ser sacramentado rei. Porém, as forças francesas, encabeçadas pelo comandante Du Guesclin, garantiram a linhagem dos Valois no poder do reino da flor de lis, com a vitória na Batalha de Cocherel três dias antes da coroação.

> E longe de se mostrar ingrato, seguindo assim a via traçada pelos príncipes cavaleirescos, exortando assim os cavaleiros à bravura, ele [Charles V] deu a Bertrand Du Guesclin o condado de Longueville para recompensá-lo pelas proezas realizadas nesta batalha e pelo passado. Este capítulo ilustrou

[471] As Crônicas Latinas de Saint-Denis são obras oficiais iniciadas sob a monarquia franca na abadia de Saint-Denis, em meados do século IX. Compõem-se de relatos de rotina régia, bem como de ordem clerical ou hagiográfica. Ao longo de mais de seis séculos a obra acompanhou a história do reino, sendo escrita em latim e em francês e recebendo, conforme o monarca, nomes e ênfases diferentes. O historiador Bernard Guenée aponta o intervalo entre os anos de 1274 e 1518 como o período de composição das *Grandes Chroniques de France*, incluídas na tradição de compilação e composição dos monges do atelier de Saint-Denis (GUENÉE, B. Les "Grandes Chroniques de France". Le Roman aux rois 1274-1518. In: NORA, P. (dir.). *Les Lieux de mémoire* I. Paris : Quarto Gallimard, 2013, p. 739-758).

> suficientemente pela prova a necessidade da boa sorte para um bom cavaleiro[472].

É instigante perceber que a última frase do trecho citado acima pode se referir tanto a Charles quanto a Du Guesclin, pois ambos ilustram o conceito desenvolvido pela autora. O príncipe demonstrava, dessa forma, as virtudes cavaleirescas pela palavra de comando e o soldado pelos feitos valorosos, num efeito de espelho que corrobora com uma tradição historiográfica que trata da ligação entre esses dois personagens-chave da Guerra dos Cem Anos[473]. Isso acabou reforçando a relação de interdependência que se configurara com a aproximação de dois homens tão diferentes e ao mesmo tempo tão complementares, como o provérbio que Christine cita, mais adiante na obra, ao referir-se às qualidades de Du Guesclin que justificaram sua escolha como condestável em 1370: "tal mestre, tal servidor".

Ela continua a discorrer sobre a cavalaria e cita o episódio em que Charles V, recém coroado, precisa decidir o que fazer com as Grandes Companhias, grupos de mercenários que, desocupados nos períodos entre as batalhas, acabavam impondo uma rotina de terror ao povo francês: pilhagens, violência e morte. Nas fontes escritas, como crônicas e talvez despachos régios, sobre o período a que deve ter tido acesso nossa autora, não fica evidente qual teria sido o motivo do envio dessas companhias ao reino de Castela, no entanto, comentamos sobre isso já na primeira parte deste trabalho, ao tratarmos das incursões de Du Guesclin e as Grandes Companhias a Castela. A razão elencada por Christine para deslocar o muito bom capitão, Du Guesclin, a terras ibéricas teria sido o comportamento escandaloso do rei castelhano Pedro, o Cruel, um "*maulvaiz et pervers crestien*". Não se pode negligenciar a estratégia militar de Charles V.

Bem, assim estava estabelecido o álibi perfeito para que a coroa francesa combatesse Pedro, em favor de seu irmão bastardo, Henrique Trastâmara para que ele tomasse o poder em Castela[474]. No entanto, sabe-se que Pedro havia buscado apoio junto

---

[472] « Et, loin de se montrer ingrat, suivant ainsi la voie tracée par les princes chevaleresques, exhortant ainsi les chevaliers à la vaillance, il donna à Bertrand Du Guesclin le comté de Longueville pour le récompenser des exploits qu'il avait accomplis dans cette bataille et par le passé. Ce chapitre a suffisamment illustré par la preuve la nécessité de la bonne fortune pour un bon chevalier ». Christine de Pizan. *Livre des fais...*, 2013, p. 132-133.

[473] Ver as obras de Siméon Luce e R. Delachenal do século XIX; Georges Minois, dos anos de 1990 e mais recentemente Thierry Lassabatère e Laurance Moal, já referidas nesta tese.

[474] Pode-se aventar que os primeiros detalhes registrados em língua francesa sobre as campanhas castelhanas (1367-1369) venham da *Chronique normande*. Esse texto anônimo relata eventos da corte francesa entre os anos de 1297 e 1372 e exalta os feitos militares de Bertrand Du Guesclin, levando alguns estudiosos a propor como seu autor algum nobre, homem de armas, que tenha apenas se informado com algum companheiro do capitão francês, cometendo erros de geografia tão evidentes que mostram que o escritor não esteve presente nos combates em Castela (Ed. Molinier, 1882 – disponível no site *Gallica*).

aos ingleses para fazer frente ao irmão e que este era favorável aos franceses. Estava ali um ótimo ensejo para a coroa francesa levar os conflitos da Guerra dos Cem Anos para longe de seus territórios e no caminho ainda intentar aniquilar as forças do Príncipe Negro, filho de Eduardo III, rei da Inglaterra, que lutou ao lado de Pedro contra Du Guesclin, reavendo várias possessões que haviam sido concedidas aos ingleses pelo tratado de Brétigny, assinado por Jean II, le Bon e Eduardo III, em 1360. Christine não poderia deixar de expor tal desempenho, justamente quando a situação política da França voltava a ficar bastante delicada por causa da ameaça inglesa diante da fragilidade do reinado de Charles VI.

Ao retornar de suas campanhas em Castela em 1370, Du Guesclin se apresenta ao rei agora não como um simples cavaleiro da média nobreza bretã que havia tido sorte na batalha, mas como um verdadeiro comandante de muito sucesso nos empreendimentos militares, além de ter sido premiado com terras e títulos, tanto franceses quanto castelhanos.

Para introduzir a justificativa de Charles V em nomear Du Guesclin como condestável, a autora ilustra a decisão do soberano com o exemplo de um príncipe da região do Peloponeso que intentava o êxito contra o exército inimigo, e como parte de sua preparação para a guerra, procurou um oráculo que lhe deu o seguinte parecer: para que o príncipe fosse vitorioso, o rei adversário deveria morrer em batalha, assim seu exército se desfaria. Como o príncipe não tomou o conselho para si mesmo, não se poupou de ir a campo e morreu na batalha. Assim, para que Charles V não precisasse lutar nas batalhas contra os ingleses, Christine disse que ele arrazoou e chegou à conclusão de que a cavalaria francesa necessitava de um chefe melhor para liderá-la, saía, portanto, de cena Moreau de Fiennes, condestável desde 1356, já envelhecido, e entrava Du Guesclin, eleito pelo Grande Conselho do rei, em 2 de outubro de 1370. Aqui se constata que Christine de Pizan referenda a escolha de "novos" homens para compor a cavalaria, aqueles que demonstrassem habilidades técnicas para a guerra, eram ainda nobres, mas se tratava de indivíduos de origens menos prestigiosas[475].

Restam assim, as *Cronicas de los reyes de Castilla*, relato de Pero Lopez de Ayala, como a narrativa mais próxima desse contexto, já que o autor lutou ao lado de Henrique Trastâmara contra Pedro, o Cruel (Cf. cap. 4 da Primeira Parte deste trabalho).

[475] Situação análoga a de Nun'Alvares Pereira, condestável das hostes portuguesas a partir de 1383, muito embora a vida piedosa que empreendeu no fim de sua existência tenha lhe conferido a beatificação no início do século XX, o que o afasta consideravelmente de seu contemporâneo Du Guesclin.

O momento da candidatura de Du Guesclin apresentada por Charles V é referido desta maneira, nas palavras do historiador George Minois, "a situação impõe que ele [o novo condestável] seja de uma fidelidade absoluta [...], que ele não pertença a nenhuma família muito ilustre. Bertrand Du Guesclin preenche exatamente as condições. E ainda, é um bretão, o que permite reequilibrar a composição geográfica do entorno real"[476]. O que estava por trás do raciocínio do rei são suposições, mas Christine dá elementos suficientes da inteligência estratégica do monarca francês ao escolher o comandante supremo de suas hostes, de quem ela ainda elenca muitos predicativos desde suas capacidades militares para o combate, como ser um valente e bom líder, capaz de motivar as tropas, possuidor das virtudes da cavalaria e devotado ao rei a quem a carreira devia. Novamente, a letrada concentra o dever de fidelidade para com o rei, autoridade que, segundo o conceito de guerra justa, poderia empreender e dar início a um combate. Ainda que Christine escrevesse sob a encomenda de Philippe II, le Hardi, um dos tios de Charles VI que estavam na regência, ao iniciar a segunda parte de sua obra, a autora recebe a notícia de que o príncipe havia morrido. Poderíamos pensar que sem a presença do comitente e tendo sido incumbida de louvar os feitos de Charles V, a letrada teria tido um pouco mais de liberdade para defender seu ponto de vista sobre o governo que estava estabelecido no reino francês? Christine continua sua obra segundo os propósitos que havia elencado no início da primeira parte, sendo fiel a isso até o fim de sua narrativa.

O que é curioso, no entanto, é que no seguimento em que Christine discorre sobre a família de Charles V, falando dos irmãos, do cunhado e dos filhos, ela se refere, ao tecer suas considerações sobre o atual rei, Charles VI, à doença que o acometia e às possíveis murmurações que poderiam estar se produzindo na corte contra o governo dos príncipes. É então que Christine lembra que fora o próprio Charles V que assim havia desejado enquanto da menoridade do delfim. Na sequência, a letrada diz que se o soberano estava doente, a causa eram os pecados do povo punidos na pessoa do rei, pois "seria impossível governar a coisa pública agradando a todos". Ora, Christine em outros vários momentos jamais deixou de considerar que o governo do rei deveria antes de tudo primar pelo bem público e que até mesmo a cavalaria seria para isso um instrumento. Como então, agora seria impossível manter em bom andamento o bem comum? Podemos aventar que de alguma forma Christine aquiesce às críticas lançadas contra os irmãos de Charles V? Principalmente depois da morte de Philippe, le Hardi, considerado por ela o mais bem

[476] MINOIS, G. *Du Guesclin*..., 1993, p. 367.

preparado para governar?[477] Difícil afirmar, visto que a submissão e respeito absoluto aos seus financiadores era uma importante premissa na atividade desses homens de saber. Ainda assim, sabendo que Christine acompanhava o pensamento de alguns dos conselheiros que haviam auxiliado Charles VI em 1388 frente aos tios, os Marmousets, como veremos mais adiante, é possível lançar tal hipótese, já que ela deixava transparecer sua inquietação[478].

Após as justas homenagens ao braço direito de Charles V, a letrada relata algumas das ações de Du Guesclin durante os seus dez anos de *connétablie* fazendo sempre referência aos escritos que pôde consultar, dentre os quais, já citamos, as *Grandes Chroniques de France* e também uma obra em versos de onde a escritora extraiu alguns detalhes breves da adolescência do bretão, o texto de Cuvelier. Ao se referir à sua fonte, podemos supor que o texto esteve acessível à autora nos primeiros anos do século XV como uma obra que ela citou da mesma forma como as obras de Aristóteles, Flávio Vegécio e Egídio Romano, apenas o título e com a seguinte observação: "aquele que quiser conhecer em detalhe os feitos de Bertrand Du Guesclin, tenha a sabedoria de mergulhar no *Livre des fais* de Bertrand Du Guesclin"[479], apontando o fácil acesso aos seus leitores. Os versos de Cuvelier foram transpostos em prosa e receberam o título de *Livre des fais de Bertrand Du Guesclin* em alguns dos manuscritos conservados, exatamente o título da obra que a escritora cita como fonte.

Finalmente, ao completarmos os dados biográficos sobre Du Guesclin a partir do *Livre des fais*, avançamos a leitura para a terceira, mais longa e última parte do estudo da obra de Christine, versando sobre a sabedoria de Charles V. E como quase toda biografia termina com a morte do biografado, Christine descreve os últimos momentos do soberano francês fornecendo detalhes preciosos à historiografia, detalhes que diz ter ouvido de seu pai, homem honesto e que, lembremos, fez parte do corpo médico do monarca, presenciando, possivelmente a morte de Charles V; acrescente-se a isso os empréstimos

[477] O herdeiro de Philippe, le Hardi, e novo duque de Bourgogne, Jean sans Peur viria a protagonizar o episódio que daria início à guerra civil entre Armagnacs e Bourguignons, sendo o mandante do assassinato de Louis d'Orléans, no caso um possível sucessor de Charles VI, já que o rei estava incapacitado e não tinha filhos na maioridade. Os ânimos estavam deveras acirrados após a morte de Philippe, e as ambições dos príncipes fizeram dividir o reino (GUENÉE, B. *La folie de Charles VI*..., 2004, p. 237-240).

[478] Em razão dessas formulações, Christine de Pizan é considerada por muitos autores da nossa contemporaneidade, como uma pensadora da política (GAUVARD, C. *Le temps des Valois*..., 2013, p. 213).

[479] « Que celui qui voudra connaître en détail les exploits de Bertrand Du Guesclin ait la sagesse de se plonger dans le Livre des faits de celui-ci », Christine de Pizan. *Livre des fais*…, 2013, p. 185.

dos escritos oficiais em latim sobre o falecimento do rei. E compondo com estilo essa narrativa[480], introduz o fim do rei com a morte de seu vassalo:

> Um pouco antes do falecimento do valoroso Alexandre, morreu seu bom cavalo Bucéfalo, que não tinha semelhante no mundo, segundo o que diz a história, caso que foi considerado como um prodigioso presságio anunciando que a vida de seu mestre seria breve. A mesma coisa sucedeu antes do falecimento do rei Charles: o bom condestável Bertrand Du Guesclin, que conduzia todos os empreendimentos de guerra desse rei, precedeu-o por pouco na morte e morreu na sexta-feira 14 de julho de 1380[481].

Ainda que tenha cometido o pequeno engano sobre a data da morte do cavaleiro, 13 e não 14 de julho como coloca, Christine recupera informações sobre as homenagens que o rei prestou a seu condestável, mandando construir uma tumba na abadia de Saint-Denis, a necrópole real, em que sepultaram o cavaleiro, um túmulo "de grande valor, com grande solenidade, veneração e pompa excepcionais"[482], ao pé do sepulcro que ele mesmo ocuparia poucos meses depois.

Pode-se aventar que Christine de Pizan tenha feito recortes bem precisos ao relatar a trajetória de Bertrand Du Guesclin na biografia do rei. Para ela, não seria interessante discorrer sobre o início da carreira do militar bretão, já que ele havia sido chefe de bando na Bretanha, por exemplo. Também não foi necessário, podemos assim dizer, apontar as investidas violentas do cavaleiro quando de sua atividade como capitão das companhias, como podemos observar na obra de Cuvelier[483]. Houve claramente escolhas da parte da autora para que Du Guesclin, vindo de linhagem pouco importante, não fosse assim apontado em sua obra, ao contrário, era preciso exaltar sua fidelidade ao serviço do rei, bem como sua capacidade tática de modo a enaltecer seus anos como condestável como os mais eficientes do reinado de Charles V no que se refere ao combate contra os ingleses.

---

[480] No capítulo de número 68 da terceira parte, a autora discorre sobre a poesia, demonstrando profundo conhecimento sobre o gênero poético, assim como sobre as discussões que até ali se fizeram acerca dele, notadamente por Aristóteles, Tomás de Aquino, Virgílio, Ovídio, Platão e Sócrates, sobretudo, no que se refere ao conceito de verdade. A autora revela também ter consciência de que "textos das ciências" poderiam usufruir de estilos de linguagens para dissertar sobre quaisquer coisas, tornando-os mais atraentes e aprazíveis (Christine de Pizan. *Livre des fais...*, 2013, p. 340).

[481] « Un peu avant le trépas du valeureux Alexandre, mourut son bon cheval Bucéphale, qui n'avait pas son pareil dans le monde, selon ce qu'en dit l'histoire, ce qui fut considéré comme un prodigieux présage annonçant que la vie de son maître serait brève. La même chose arriva avant le décès du roi Charles : le bon connétable Bertrand Du Guesclin, qui conduisait toutes les entreprises guerrières de ce roi, le précéda de peu dans la mort et trépassa le vendredi 14 juillet [1380] ». Christine de Pizan. *Livre des fais…*, 2013, p. 343.

[482] Christine de Pizan. *Livre des fais*, 2013, p. 344.

[483]CUVELIER. *La chanson de Bertrand Du Guesclin*. Éditeur J.-C. Faucon. Toulouse : Editions Universitaires du Sud, Tomo 1, 1990, p. 151-200.

A seriedade do discurso de Christine de Pizan é atestada pela demonstração de sua metodologia ao buscar fontes que lhe dessem informações e legitimação, bem como pela exploração dos conceitos vigentes na sua época sobre os temas abordados por ela. Além disso, a autora prevê e responde a possíveis críticas que poderiam impingir a ela, não permitindo que o tom laudatório que assumiu, ao compor a biografia oficial de Charles V, fosse um motivo para o descrédito de suas linhas, pois eram suas fontes, escritas ou orais, que lhe haviam fornecido tal material, não buscando favor algum deles. O passado relatado por Christine e do modo como foi relatado dava ao presente uma imagem consoladora permitindo que seu público tivesse uma visão alternativa diante de uma realidade desfavorável[484].

Em seu *Livre des fais*, Christine coloca Bertrand Du Guesclin como o modelo de cavaleiro a ser observado pelos príncipes, procurando no passado uma reação cabível ao presente que estava posto naquele período de frágeis tréguas na Guerra dos Cem Anos. As virtudes do cavaleiro, que deveriam enaltecer ainda mais as do rei, eram próprias às de um homem experimentado nos combates, dessa forma, para além do ideal cavaleiresco, o serviço militar "profissional" devotado ao rei seria muito bem-vindo. É desse modo que, ao mesmo tempo em que coloca a cavalaria como uma virtude régia, a autora a concebe como um exército regular que deveria estar à disposição de um reino centralizado na figura de um rei forte que detivesse as prerrogativas do poder, dentre elas, fazer a guerra[485], não deixando dessa forma o poder ser dissolvido nas mãos dos nobres do seu entorno que ora poderiam se apresentar como opositores. Portanto, a obra de Christine se mostrava também como um instrumento para influenciar a política dos poderosos de modo a talvez mudar o rumo da História.

---

[484] FUNES, L. Reflexiones en torno a una poética del relato cronístico, *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre | BUCEMA* [En ligne], Hors-série n° 2 | 2008, mis en ligne le 28 février 2009, p. 8. Disponível em : http://cem.revues.org/10813. Acesso em setembro de 2014.
[485] DEMARTINI et al. Introduction. *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge…*, 2016, p. 14.

4) *A cavalaria como tema da Escrita da História na França da Baixa Idade Média*

4.1) Introdução à terceira parte

A terceira parte da tese será dedicada à cavalaria como tema escolhido pelos autores das fontes. Sabemos que a cavalaria não foi a única matéria trabalhada por esses letrados. O que intentamos realizar em nossa pesquisa, porém, é mostrar como esse tema foi inserido em suas obras de modo que hoje possamos buscar nelas elementos que nos informem sobre esse grupo de homens de armas que ora atuavam no reino da França. Para isso, veremos com qual ou quais noções de cavalaria os autores trabalharam em suas obras, já que a guerra era parte do cotidiano de todos naquele período, pois então "convinha pensar sobre ela [a guerra], ensinar o príncipe a conduzi-la e incluí-la na reflexão política"[486], a nós, historiadores da contemporaneidade, cabe entender como essas "gentes de saber" organizaram suas considerações sobre a cavalaria e sua atuação nos conflitos da Guerra dos Cem Anos no espaço da escrita, no sentido de produto cultural que hoje informa sobre o período. Levaremos em conta, obviamente, o horizonte de expectativas de que já falamos na segunda parte da tese, pois tanto a realização quanto a recepção da obra, vistas aqui num recorte sincrônico, são construções, provindas e modificadas pelo meio em que são produzidas, no caso um grupo social que não podendo se expressar pela espada usava, portanto, a pena.

Como se tratava de um tempo de redefinição dos valores cavaleirescos tal como eram conhecidos até ali, os letrados interferiram em seu ambiente próximo e registraram suas considerações sobre o tema. O que recolhemos de suas linhas mostra que todos, cada um à sua maneira e gênero literário, consideravam a cavalaria como um corpo militar que necessitava ser permanente para fortalecer a figura régia dando a ela meios de assegurar o bem comum do reino.

Estabelecendo um quadro comparativo entre as três fontes, veremos como a cavalaria era apresentada, como ela difere de uma obra a outra, se é que isso ocorreu, e também, na medida do possível, se o que entendiam como cavalaria estaria de acordo com o que acontecia durante a atuação dos grupos de cavaleiros em batalha, isto é, se em suas obras há orientações ou críticas com relação a isso. A maneira que encontramos para tecer nossas considerações, alargando um pouco nosso corpus, foi trazer, para esta terceira parte da tese, as obras de Philippe de Mézières, *Songe du Vieux Pèlerin*, e de Honoré

[486] DEMARTINI, D. [et al.] (org.). *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*. Le Livre des faits d'armes et de la chevalerie de Christine de Pizan. Paris : Honoré Champion, 2016, p. 13.

Bovet, *L'Arbre des batailles*. As duas obras datam de 1389 aproximadamente e foram oferecidas ao sucessor de Charles V, Charles VI (1380-1422), e escritas por supostos integrantes do grupo de conselheiros do rei, chamados de *Marmousets*, atuantes durante os primeiros anos do reinado de Charles VI, de 1388 a 1392, ano em que o rei é acometido pela demência.

L'Arbre des batailles é um tratado de direito de guerra em que seu autor, o prior Honoré Bovet, nascido na Provença, licenciado em Direito, discorre sobre a guerra, durante os conflitos da Guerra dos Cem Anos, como fenômeno salutar à sociedade, desde que obedeça ao conceito de guerra justa. Ao usar a figura da árvore, Bovet estabelece certa hierarquia dos movimentos de guerra e conceitua, ao longo do livro, a natureza da batalha, quem são os agentes legítimos a atuar nela e de que forma devem fazê-lo. Ele ainda caracteriza, em diversos trechos da obra, a atividade dos cavaleiros e, por extensão, acaba informando sobre toda a cavalaria enquanto grupo legitimado pelo rei e a serviço dele e de seu reino. Concentrar-nos-emos nos capítulos em que Bovet enumera características louváveis dos cavaleiros, procurando identificar elementos que mostrem diferenças e continuidades no que se refere à atividade militar exercida por esses homens de armas em nosso contexto espaço-temporal. Cabe salientar que Honoré Bovet está presente na obra de Christine de Pizan de forma clara, muito embora possamos levantar que tanto na obra de Cuvelier, quando na transposição para a prosa, certas noções já estivessem presentes. Um dado a mais para que observemos entre esses autores uma convergência de valores que contribuíram para o retrato da cavalaria que apontamos aqui.

O *Songe du Vieux Pèlerin*, por sua vez, obra alegórica em que o próprio Philippe de Mézières é levado através de um sonho a percorrer os reinos da cristandade latina, foi composta como um espelho de príncipe para Charles VI. Nessa obra, o letrado incorpora vários símbolos para discorrer sobre a melhor maneira de governar e de que deveria ser exemplo o rei. Para essa tarefa, o monarca deveria ser apoiado pela cavalaria que lhe daria condições de governar sobre os diversos grupos sociais, do clero ao povo, est último mais distante da privança do rei. Cabe observar na obra de Philippe de Mézières que se nela ainda ressoavam valores cruzados ligados a uma cavalaria ideal elaborada pelo letrado, evidenciava-se o distanciamento que a cavalaria como grupo social tomava da igreja, o que para nossa pesquisa é interessante no sentido de perceber como Philippe ponderava sobre os acontecimentos. O que para o homem de saber significava um declínio, poderia ser na verdade uma exacerbação ou "a exaltação das tendências profundas de uma época [pois], quando atingimos as camadas profundas da história, o que vemos são

continuidades"[487], e justamente, a continuidade da cavalaria mostraria que ela "gerou sua própria luz"[488]. Os traços dessas continuidades que ganham características novas ao longo do tempo serão também alvo de nossas considerações.

É interessante observar outro ponto, o fato de que ambos os letrados fazem menção ao bem comum da cristandade ou bem público, ou ainda coisa pública. Concepção também presente em Christine de Pizan que aliás considerou Du Guesclin como um de seus promotores.

Além disso, para a análise das obras de Honoré Bovet e Philippe de Mézières, concentrar-nos-emos nos trechos de suas obras em que os letrados deixam transparecer suas maneiras de pensar com respeito à conduta de um bom cavaleiro, e por extensão sobre a cavalaria de modo geral.

Ao analisar as três obras estudadas e que compõem nosso grupo principal de fontes, percebemos que a tradição cavaleiresca dos *neuf preux* foi retomada pelos autores de maneira recorrente. Portanto, dedicaremos a esse fato algumas páginas tecendo considerações a respeito do modo como Bertrand Du Guesclin personificou essa tradição, merecendo um lugar entre esses nove valentes. A lista canônica dos nove *preux* foi fixada em uma canção de gesta do início do século XIV, os *Voeux du paon*, de Jacques de Longuyon. Nessa canção, que faz parte do ciclo da gesta de Alexandre, o Grande, são elencados os nomes de personagens célebres reunidos da seguinte forma, três heróis da Antiguidade, Heitor, Alexandre, o Grande e Júlio César; três heróis do Antigo Testamento, Davi, Josué e Judas Macabeus, e três heróis cristãos da Idade Média, o rei Artur, Carlos Magno e o cruzado Godefroy de Bouillon. São narrados ali feitos dos heróis em situações de batalhas, duelos e justas. A lista já deveria ser bem conhecida quando Cuvelier compôs sua canção em honra de Du Guesclin, deve ter sido, portanto, um recurso a um motivo literário constituído[489], e não prova de ousadia, que o poeta o incluísse como o *décimo* dos valentes, nominando-o exatamente dessa forma. As reverberações desse acréscimo são vistas na obra de Eustache Deschamps, por exemplo, tais poemas serão referidos ao longo destas páginas, quando assim contribuírem para um entendimento mais amplo do alcance do renome de Du Guesclin como décimo *preux*, já que:

> A lista dos nomes é uma forma ao mesmo tempo aberta e fechada; fechada no que ela pode se estruturar em torno de cifras simbólicas, nove valentes,

[487] Entrevista de Jacques Le Goff a Claude Mettra. In : HUIZINGA, J. *O outono da Idade Média*. Trad. Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 589.
[488]COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises* (XIIe-XVe siècle). Paris : Classiques Garnier, coll. Histoire Culturelle, 2016, p. 630.
[489] LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*. Vie et fabrique d'un héros médiéval. Paris : Perrin, 2015, p. 419.

> nove musas, estruturas que funcionam como verdadeiras diretrizes de pensamento; aberta em que toda enumeração faz apelo a um acréscimo, um encadeamento. O objetivo desejado pelo escritor que emprega esse procedimento é assim escrever seu nome ou o nome de quem ele quer louvar em tal enumeração. Ele o faz acessar dessa maneira a uma forma de autoridade.[490]

Assim, esperamos apontar que a proposta de uma cavalaria reformada e institucionalizada ocupou as páginas na Escrita da História enaltecendo a figura de Bertrand Du Guesclin que, na construção do mito, mantinha ainda a glória de personagens que guardavam valores tradicionais da cavalaria. No entanto, à luz do que apresentamos nas seções anteriores, Du Guesclin também favorecia a introdução de novos métodos na conduta dos homens de armas a serviço da coroa francesa, o que faz dele o modelo daquela cavalaria em transformação.

[490] « La liste des noms est une forme à la fois ouverte et close ; close en ce qu'elle peut se structurer autour de chiffres symboliques, neuf preux, neuf muses, structures qui fonctionnent comme de véritables cadres de pensée ; ouverte, en ce que toute énumération est appel à un ajout, un enchaînement. Le but poursuivi par l'écrivain qui emploie ce procédé est alors d'inscrire son nom ou le nom de qui il veut louer dans une telle énumération. Il le fait accéder ainsi à une forme d'autorité ». CERQUIGLINI-TOULET, J. Fama et les preux : nom et renom à la fin du Moyen Âge. *Médiévales*, n°24, 1993, p. 36.

4.2) Philippe de Mézières e a proposta de uma nova cavalaria para defesa do bem comum

Charles V foi um rei de gabinete e não do campo de batalha. Portanto, é lícito que compreendamos sua relação com a cavalaria também através dos escritos de homens de letras que seu governo favoreceu e também porque encontramos muitas interferências desses letrados entre si quando versaram sobre o tema. Para isso elencamos duas obras que foram produzidas nos primeiros anos do reinado de seu filho, Charles VI, por dois dos componentes do grupo de conselheiros que ficou ao lado do jovem rei quando este assumiu o poder, retirando de cena os tios, os *Marmousets*[491].

Acreditamos que essas obras são importantes no sentido em que, se Cuvelier, o autor anônimo da crônica em prosa e Christine de Pizan podem nos fornecer elementos para avaliarmos qual era a relação do rei com os valores cavaleirescos ao realizarem obras de cunho biográfico, esses valores já estariam em difusão na corte. No entanto, é preciso assinalar que Cuvelier e o autor anônimo da transposição para a prosa podem ter obtido conhecimentos que deveriam estar bem difundidos há mais tempo na corte, mesmo de forma oral; Christine de Pizan, por outro lado, era uma erudita por função, tendo acesso e buscando conhecimento junto a obras escritas para além dos testemunhos orais de que dispunha igualmente, e tratava-se de uma mulher de letras que já naqueles primeiros anos do século XV possuía seu próprio ateliê de escrita, o que a diferencia, no que se refere a recursos, dos dois primeiros.

Assim, lançamos a hipótese de que as diretrizes de um governo que tivesse como fundamento a organização e a manutenção de uma cavalaria permanente e com guerreiros dignos possa ter sido sugerido por Philippe de Mézières e Honoré Bonet, autores cuja influência podemos identificar nas obras biográficas, em que Bertrand Du Guesclin foi representado como o exemplo desse corpo de homens de armas fiel à pessoa do rei e ao reino francês.

O primeiro deles, Philippe de Mézières. Homem de saber e de ação, ávido defensor das cruzadas, Philippe de Mézières (1327-1405) foi um homem atento aos acontecimentos de seu tempo. Escreveu abundantemente sobre o que se passava nas

[491] O grupo de conselheiros de Charles VI, posteriormente chamado Marmousets (favoritos do príncipe), compunha-se de intelectuais ligados à universidade e que a convite do rei auxiliaram-no durante seu governo a partir de 1388 quando o jovem Charles fazia frente à regência dos tios, buscando exercer um governo mais sólido, promovendo a função pública e sustentando o papa de Avignon (AUTRAND, F. Marmousets. In: GAUVARD, C.; LIBERA, A. ZINK, M. (dir.). *Dictionnaire du Moyen Âge*, 2002, p. 885).

cortes onde atuou de modo a nos fazer pensar sobre o quanto buscou influenciar seus senhores com seus escritos. Para Mézières, a espada foi uma arma que lhe incitou reflexões que são caras para este trabalho: sua concepção de cavalaria, ou seja, que características o homem de saber atribuía para tal grupo de guerreiros? O que representavam naquela sociedade, segundo Philippe de Mézières, e quais seriam suas funções e valores no seio daquela sociedade? E como atuavam esses homens, ou melhor, qual diagnóstico o letrado dava dessa cavalaria? Veremos como o letrado avaliava esse corpo militar na França do final do século XIV, a ponto de compor um espelho de príncipe ao jovem rei Charles VI (1380-1422), propondo nele uma reforma com base nos valores das cruzadas e no desempenho militar visando ao bem comum do reino francês.

Entendemos que ao observar a cultura letrada que era produzida na corte francesa da Baixa Idade Média, podemos tecer considerações sobre os temas trabalhados por homens e mulheres de letras em suas práticas discursivas, bem como sobre a recepção de tais escritos e o que neles o público via representado, retomamos aqui, portanto, os conceitos do pesquisador Leonardo Funes em sua *Poética do relato histórico medieval*, tal como vimos na segunda parte da tese. Dessa forma, nos interessamos pela organização da obra e as inovações que ela apresenta para que as analisemos com o objetivo de melhor compreender a prática discursiva de Philippe de Mézières e de observar de que maneira sua visão de mundo referente ao papel da cavalaria na corte de Charles VI foi colocada na obra *Songe du Vieux Pèlerin*. Ademais, assinalamos a importância dos "sujeitos e receptores de cultura – o que abarca tanto a função social dos 'intelectuais' [...] até o público receptor, o leitor comum, ou as massas [...]"[492]. Para isso, veremos, por exemplo, qual gênero textual e quais figuras de linguagem o letrado empregou para alcançar a atenção de seu público precípuo, o rei e sua corte.

Parece-nos lícito observar, antes de detalhes biográficos, de que forma Philippe de Mézières caracterizava a cavalaria por ele proposta. Segundo seu entendimento, seria um grupo definido em constante prontidão, formado por indivíduos que tinham um denominador comum, um objetivo único de existência: assegurar o bem comum de toda a cristandade, usando de suas armas e táticas de guerra para essa tarefa. Aliás, essa era a proposta de cavalaria que Mézières oferecia a Charles VI, com o intuito de uniformizar a

[492] BARROS, José D'Assunção. *O campo da história*: especialidades e abordagens. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 61.

conduta de seus membros, até então diverso, em benefício do reino, com "objetivos mais utilitários"[493].

Aqui cabe igualmente um rápido esclarecimento, conforme nossas leituras, sobre o que Philippe de Mézières concebia como bem comum, bem público ou coisa pública[494], que hoje poderia designar o que chamamos de bem-estar social e espiritual, guardada as diferenças cronológicas. Mézières absorveu, provavelmente, o conceito contido nas obras de Tomás de Aquino, em que o dominicano trata do bem comum como algo a ser buscado em favor da multidão, favorecendo o indivíduo consequentemente, pois "aquilo que é próprio divide, o que é comum une", conforme a obra *De Regimine Principum*[495]. É justamente o anseio pela união de toda a cristandade e de todos os seres, fiéis e infiéis, demonstrado por Mézières, que nos faz ligá-lo dessa forma ao conceito tomista. Além da unidade, para Mézières quatro pilares estariam na base do bem comum: a paz, a verdade, a justiça e a misericórdia que, personificadas em rainhas, tecem um parecer moral sobre a situação do reino e nomeiam quatro das casas do jogo de xadrez, símbolo usado por Philippe de Mézières na instrução de Charles VI, como veremos mais adiante. Ademais, era o rei quem primeiro deveria zelar pelo bem comum, evitando primar por seus próprios interesses:

> Caro filho, jovem Moisés, diz a rainha, como dissemos várias vezes, tu és o servidor dos habitantes do reino da Gália e dos súditos da coroa da França e, enquanto verdadeiro servidor, tu deves procurar o bem público de teus súditos muito mais do que o bem particular da tua real majestade. Lembra-te da grande caridade de teu ancestral simbólico, Moisés, o amigo de Deus que para o bem do povo de Israel, do qual era servidor, pediu a Deus para apagá-lo do Livro da Vida[496].

Mas quem foi esse intelectual que, conselheiro de sete soberanos cristãos tanto do Oriente quanto do Ocidente, percorreu o continente ora lutando, ora cumprindo tarefas

---

[493] FLORI. Jean. *A cavalaria*. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média. Trad. Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2005, p. 183.

[494] O termo "bem-comum" é de uso corrente nos estudos teológicos da época e se associa principalmente à bondade e à paz, acepção que logo foi incorporada pela diplomacia, já que os tratados de paz, por exemplo, justificavam sua importância a fim de se alcançar o tal "bem-comum" do reino. Já no século XV, o "bem-comum" passaria a ser associado primeiramente ao bom governo do príncipe (Cf. OFFENSTADT, N. *Faire la paix au Moyen Âge* – discours et gestes de paix pendant la guerre de Cent Ans. Paris: Odile Jacob, 2007, p. 71-74).

[495] PEDRERO-SANCHÉZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média*: textos e testemunhas. São Paulo: Ed. UNESP, 2000, p. 213.

[496] "Cher fils, jeune Moïse, dit la reine, comme on l'a souvent dit, tu es le ministre des habitants du royaume de Gaulle et des sujets de la couronne de France et, en tant que vrai ministre, tu dois rechercher le bien public de tes sujets bien plus que le bien particulier de ta royale majesté. Souviens-toi de la grande charité de ton ancêtre symbolique, Moïse, l'ami de Dieu, qui pour le bien du peuple d'Israël, dont il était le ministre, demanda à Dieu de l'effacer du Livre de Vie" (MÉZIÈRES, Philippe. *Songe du Vieux Pèlerin*. Traduit de l'ancien français par Joël Blanchard. Paris : Agora, Pocket, 2008, p.844-845).

diplomáticas? Philippe de Mézières nasceu em 1327 em Amiens, na Picardia, região norte da França, em uma família de tradição guerreira que em 1345 o enviou à Itália para se submeter a uma formação nas armas. Já no ano seguinte, o jovem se engajou na expedição militar e religiosa de Humberto II, delfim de Viennois (1333-1349), partindo de Veneza em direção a Esmirna[497], hoje província da Turquia. Seria um dos acontecimentos importantes e definidores da carreira de Mézières, visto que foi armado cavaleiro após a batalha e também porque ali fez os primeiros contatos com a família Lusignan, do então rei de Chipre, Hugo IV (1324-1358). Após essa expedição, Mézières foi à Terra Santa, sem deixar de atender à família real de Chipre, colocando-os sempre a par de suas intenções de cruzada. Supõe-se igualmente que entre os anos de 1354 e 1357, Mézières tenha estado na França, na Universidade de Paris, mais precisamente. Em 1358, o sucessor e filho do rei cipriota, Pedro de Trípoli (1358-1369), ao assumir o trono, nomeou Mézières seu chanceler e juntos empreenderam percorrer os reinos da cristandade em busca de apoio para seus intentos de guerra santa. Todavia a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) impediu que o rei francês, Jean II Le Bon (1350-1364), por exemplo, fizesse parte de um contingente em direção à Jerusalém, o que fez com que o sonho de cruzada de Pedro e de Philippe de Mézières fosse adiado.

Como estava no âmago de Mézières seu caráter de peregrino, característica que marcou de forma absoluta seus escritos, datam desse tempo, muito provavelmente, os elementos de que se serviu para redigir as regras de uma nova ordem de cavalaria, a Cavalaria da Paixão de Jesus Cristo (*Nova Passionis religio*). As primeiras redações dessa obra datam de 1368 e vão até 1396, quando o próprio Mézières traduz o texto do latim para o francês, intitulando-o *Chevalerie de la Passion*. Nesse texto, o intelectual recupera os princípios de uma ordem pautada sobretudo na condição devota de um guerreiro que se quer cavaleiro da fé católica cuja missão se daria em forma de cruzada, pois tratava-se de uma guerra santa em favor do Cristo, sendo o cavaleiro seu imitador. Nesse contexto, Jerusalém e os lugares santos seriam o destino final de uma peregrinação empreendida pelo cavaleiro. Outra produção desse período é a obra objeto deste capítulo, *Songe du Vieux Pèlerin*, redigida em francês entre 1386 e 1389, que pautada sobre as

[497] Essa expedição, aos anseios de cruzada, era a segunda na intenção de atender ao apelo do papa Clemente VI conforme a bula publicada em 30 de setembro de 1343, chamada de *Insurgentibus contra fidem*, cujo objetivo era impedir o levante turco na Ásia Menor (Ver CONTAMINE, Philippe. Croisade, réformation religieuse, politique et morale de la chrétienté au XIVe siècle : Philippe de Mézières. *Mélanges de l'École française de Rome* – Italie et Méditerranée modernes et contemporaines, 124-1, Roma, 2012. Disponível em: http://mefrim.revues.org/138. Acesso em: 17 de março de 2017).

reflexões anteriores de Philippe de Mézières com relação à *Nova Passionis religio*, avançou sobre o campo político, constituindo-se em espelho de príncipe para Charles VI a quem foi dedicada. Serão os pensamentos inseridos nessa obra o objeto deste trabalho, visto que na obra *Songe* Mézières tece suas considerações, sob forma de regras, a respeito da conduta do homem de armas digno de compor a cavalaria francesa, sugerindo que houvesse uma reforma da cavalaria que ora atuava na França.

Em 1365, o rei de Chipre e seu chanceler chegam a reunir reforços para a tomada de Alexandria, mas o intento de cruzada não se realizaria totalmente. Como Pedro I foi assassinado em 1369 em Chipre, Philippe de Mézières se refugiou em Veneza, onde se "consagrou à instauração no Ocidente de uma festa, que era uma das mais importantes da Igreja grega: a festa da Apresentação da Virgem Maria no Templo"[498]. Apesar da morte do monarca, Mézières continuou a prestar serviços àquela corte, agora sob o reinado de Pedro II (1369-1382) que o enviou ao papa em Avignon como embaixador. Desse período, data a aproximação de Philippe de Mézières da corte francesa, já que em 1373 Charles V (1364-1380) requisitou a presença do letrado como conselheiro, o que legitima sua carreira de homem de saber. Ademais, Charles V lhe legou a instrução de seu filho e futuro sucessor Charles VI. Era o momento em que Philippe de Mézières trocaria em definitivo a espada pela pena.

Segundo Jacques Verger, Philippe de Mézières não teve uma formação comparável a outros homens e mulheres de saber da Baixa Idade Média, como muitos dos escritores e tradutores que estiveram a serviço da coroa francesa nesse período, pois possuía uma "cultura de cavaleiro autodidata" e não teria contribuído de fato, através de seus escritos, com os esforços de propaganda empreendidos pelos príncipes daquela época. É interessante observar que ter conhecimento sobre algo, na obra de Philippe de Mézières, pode ser entendido como uma forma de experiência. Ainda assim, é importante a sua participação na corte de Charles V como conselheiro, visto que participar de tal privança era "um dado fundamental da vida pública" constituindo-se tal conselho como "organismo de deliberação política por excelência no seio do qual eram tomadas, pelo rei e pelo conselho, as decisões mais importantes"[499]. A historiadora francesa, Claude Gauvard, afirma que Philippe de Mézières fez parte do grupo de conselheiros, chamado

---

[498] HASENOHR, G. ; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire des Lettres Françaises* : Le Moyen Âge. Paris : Le Livre de Poche, La Pochothèque, 1992, p. 1144.
[499] VERGER, Jacques. *Homens e Saber na Idade Média*. Trad. Carlota Boto. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 173-183.

posteriormente de *Marmousets*, e que auxiliou Charles VI a retomar as rédeas do reino ora nas mãos dos tios, em 1388. Ela sustenta ainda que o objetivo desses conselheiros era de se "constituir em um corpo para governar em obediência ao rei [...] compartilhando do mesmo ideal político [...]. Nascendo assim, graças a eles, o estatuto da função pública"[500]. O grupo foi afastado do poder quando das primeiras evidências de insanidade de Charles VI, a partir de 1392.

Poderíamos, talvez, assinalar que, assim como seu status de conselheiro veio a ser transformado em função pública, como sugere a historiadora, Philippe de Mézières tenha tido uma noção semelhante com relação à função de cavaleiro. De onde seu esforço em mostrar ao rei Charles VI a importância de estar atento a esse corpo militar e sua conduta, como apontamos nas linhas seguintes.

Durante o tempo em que sustentou uma atuação pública junto aos monarcas da cristandade, Mézières alimentou seus sonhos de cruzada para reconquistar Jerusalém e os lugares santos, então, após o cisma entre a Igreja latina e a Igreja grega, tornou-se seu objetivo maior reuni-la novamente. Para isso, deveria contar com o apoio dos dois principais reinos daquele contexto ocidental, França e Inglaterra na perspectiva de reunir a cristandade latina. Havia, no entanto, o problema da menoridade dos príncipes[501]. Tal situação favoreceu um período longo de tréguas nas batalhas da Guerra dos Cem Anos. Philippe de Mézières então ganhou tempo para debruçar-se sobre a redação da obra *Songe du Vieux Pèlerin*, dedicado a Charles VI, a quem se dirige na obra como a maior de suas esperanças ao restabelecimento da paz desejada, uma das premissas para a manutenção do bem comum.

Vejamos alguns elementos essenciais da obra de Mézières. A obra se inicia com o sonho[502] do Velho Peregrino, solitário em sua cela no convento dos Celestinos, onde o letrado se retirou no fim de sua vida. Esse sonho estrutura toda a obra, que composta sob

---

[500] GAUVARD, C. *Le temps des Valois* 1328-1515. Paris: PUF, 2013, p. 97-98.

[501] Na França, Charles VI havia subido ao trono, após a morte do pai em 1380, aos doze anos, o que acarretou na regência dos tios, os duques de Berry, de Anjou e de Bourgogne. Já na Inglaterra, o rei inglês, Ricardo II havia sido coroado em 1377, com a idade de 10 anos.

[502] O sonho para Philippe não detinha em si o caráter transgressor ou pagão rechaçado ao longo de vários séculos pela Igreja, ao contrário, era um modo de estar em contato com a revelação de Deus, ou seja, a verdade, sem jamais lançar mão da astrologia. Também não há no sonho de Philippe a predição do futuro, mas uma constatação de realidade acompanhada de uma advertência. Segundo Jacques Le Goff, o sonho tornou-se "um dos motores da criação literária [...] Ele é ao mesmo tempo a ressurgência de uma prática muito antiga e a afirmação da nova autonomia da criação artística" (LE GOFF, Jacques. Sonhos. In: LE GOFF, J., SCHMITT, J.-C. (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol. II Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 524).

forma alegórica, apresenta os personagens Ardente Desejo e sua irmã Boa Esperança, figuras que designam o próprio Philippe de Mézières, guiando as damas ou rainhas:

> Verdade, Paz, Justiça e Misericórdia pelo mundo, para que examinem o estado moral e espiritual dos reinos e encontrem um lugar propício para forjar *les bons besants* [talentos, virtudes e boas obras] expulsos do mundo pela falsa moeda das hipocrisias de toda espécie. O fim da viagem será na França, onde as Virtudes conferem a Charles VI, o jovem Cervo voador, um tratado de governo pelo viés do jogo de xadrez.[503] [grifo nosso]

Esse pequeno resumo nos permite atentar para pontos bastante relevantes da obra *Songe* de Philippe de Mézières. Primeiramente, a forma alegórica, cabendo aqui fazer algumas pontuações sobre o que seria tal gênero na tardo-medievalidade. Tratava-se de um estilo de exposição literária e não interpretação, sendo uma forma de apresentar uma visão de mundo, usando a personificação e os símbolos sem necessariamente situá-los no tempo. E em "tal perspectiva, a alegoria, ultrapassando a singularidade do acontecimento e do sentimento, pod[ia] esperar designar a verdade"[504].

Em segundo lugar, a forja como método usado pelas virtudes para reformar a cristandade: além de ser um local onde materiais metálicos são trabalhados e transformados, a forja também remete à alquimia, uma forma de medicina que, para Mézières, seria mais nobre que a rechaçada astrologia. Além desse caráter mais prático da forja, a figura de linguagem é interessante também por referir-se ao aspecto de fazer surgir, de fabricar algo que antes não havia ou, como no caso, algo que havia se perdido nos reinos cristãos. Para Mézières, a pedra filosofal é o próprio Jesus Cristo e a forja das damas que personificavam as virtudes são "as boas obras da Igreja de Deus e a santa religião católica".

Prosseguindo, um outro aspecto, ainda ligado à forja é o uso das moedas ou talentos como símbolos das boas obras e virtudes que o homem pode expressar, são as virtudes divinas, naturais e morais. Ora, Philippe de Mézières trabalha muito bem, ao longo de toda a obra princípios financeiros muito provavelmente aprendidos em Veneza, como por exemplo, um sistema bancário que favoreceria tanto os mercadores, representando o povo, quanto o rei, "uma mesa de câmbio chamada de *banco do comum*"[505]. Há que se reconhecer que, ao falar dos impostos e da crueldade monetária a que a população era submetida, o letrado critica severamente a prática usual das

---

[503] HASENOHR, G ; ZINK, M. (dir.). *Dictionnaire des Lettres Françaises*, 1992, p. 1144.
[504] POIRION, D. Allégorie. In : FAVIER, J. ; MARTIN, H. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge* : Littérature et Philosophie, Paris : Encyclopédia Universalis, Albin Michel, 1999, p. 44.
[505] "Une table de change nommée *la banque du commun*" (Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin*, 2008, p. 387).

monarquias daquela época, oferecendo em contrapartida um outro caminho para a gerência dos recursos financeiros disponíveis, sempre em benefício do bem comum.

Finalmente, o jogo de xadrez, e seria a introdução dessa figura a grande novidade apresentada na obra *Songe*. Por esse viés, Philippe de Mézières reuniria o "modelo vetero-testamentário e a intenção reformadora"[506], já que Charles VI, destino final do texto, é apresentado também como Moisés, entre outras alegorias, tais como Cervo voador, Falcão branco, grande Mestre, grande Jardineiro e grande Mercador. Mézières apresenta o jovem soberano com tais nomes segundo o tema que trabalha nos capítulos da obra, conforme o princípio que quer ensinar ao jovem rei. Como Moisés, recebedor das tábuas da lei, Charles VI é o recebedor dos ensinamentos das virtudes, muito embora deva saber igualmente jogar com as peças de xadrez no grande tabuleiro, devendo antes de tudo agir, sem deixar de observar o que cada casa significa. Ademais, para Mézières, o jogo representa a sociedade e o que conta na verdade são as casas percorridas, não exatamente as peças tomadas. É preciso lembrar que, se Philippe não discorre a respeito das peças, poderia ser um reflexo para não colocar em discussão a falta de alcance que a peça do rei tem diante de outras como a torre, o bispo e a rainha, por exemplo que percorrem mais de uma casa por vez, ao contrário do rei. Devemos considerar, no entanto, que o rei é a peça essencial do jogo, geralmente a maior em relação às outras, bem representado, e a que a todo custo deve ser protegida, não devendo se lançar no campo de batalha de um jeito qualquer[507], mais um motivo para que a cavalaria se tornasse um corpo militar bem organizado para combater as batalhas de seu rei. Além disso, no centro do tabuleiro de Philippe há uma cruz, representando o espírito da reforma proposta por ele cujo fim é o Cristo.

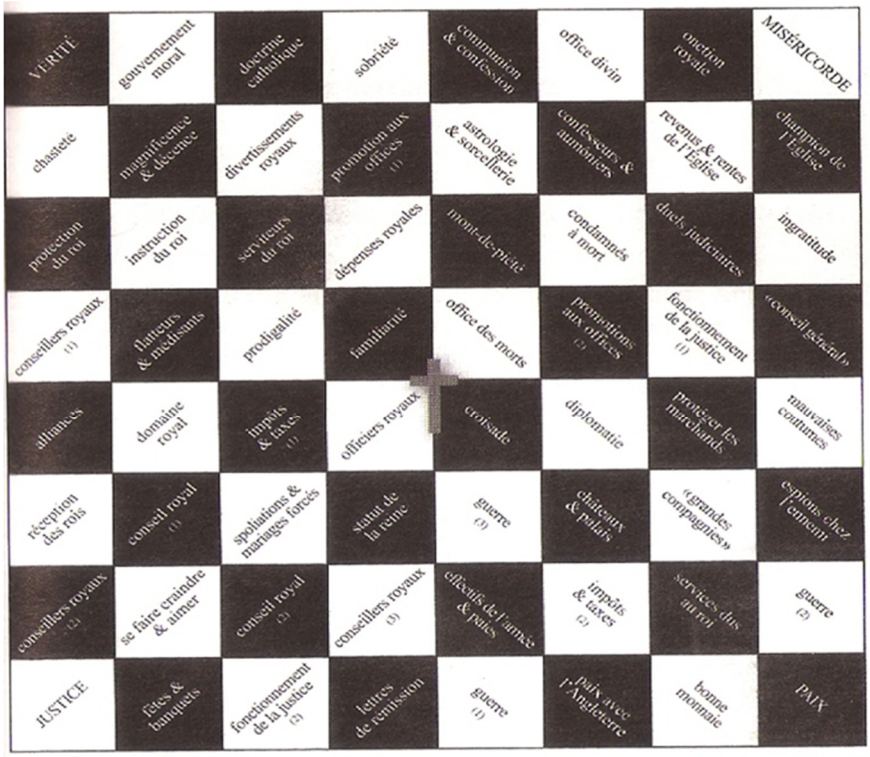
Havemos de considerar a simbologia em torno do jogo de xadrez e principalmente do tabuleiro, tão importante na explanação de Philippe. Não podemos dizer que o homem de saber detinha esse conhecimento, no entanto, é válido salientar que sua experiência no oriente, junto à corte em Chipre deva ter dado a Philippe acesso a uma simbologia mais abrangente que a difundida do Ocidente latino cristão. Dessa maneira, gostaríamos de evocar, conforme salienta o *Dicionário de Símbolos*, que o jogo de xadrez representaria o uso de estratégias de guerra num campo limitado pelos quatro orientes, devendo seu

---

[506] BLANCHARD, Joël. Avant-propos. In: Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin*…, 2008, p. 41.
[507] PASTOUREAU, M. Le roi du jeu d'échecs. In: HILTMANN, T. (org.). *Les "autres" rois* – Études sur la royauté comme notion hiérarchique dans la société au Bas Moyen Âge et au début de l'Époque Moderne. E-book, Oldenbourg, 2013, p. 158. Disponível em: www.degruyter.com. Acesso em: junho de 2017.

jogador dar provas de inteligência e rigor: no caso o rei, que deveria exercer ali sua capacidade "intelectual da atividade régia". Sobre o tabuleiro e seu desenho em quadrados, o *Dicionário* nos informa que as forças contrárias, representadas pelas casas, se enquadrariam em uma situação de conflito, ou seja, a organização de uma batalha em seu início. Assim, o espaço do tabuleiro representaria o lugar em que a razão seria testada diante do destino e a ordem diante da sorte, num jogo bem refletido de "operações e combates" [508]. Isso nos leva a pensar que ao aliar as capacidades intelectuais que Charles VI deveria ter herdado do pai e as estratégias de guerra e combates que a cavalaria poderia lhe oferecer, o jovem rei não teria nada aquém de um reinado exitoso.

Para Philippe, o jogo representa a sociedade e o que detém valor, na realidade, são as casas percorridas, não exatamente as peças tomadas. Além disso, no centro do tabuleiro há uma cruz, representando o espírito da reforma proposta por Mézières cujo fim é o Cristo, como podemos notar na imagem a seguir.



Philippe de Mézières : l'Échiquier et la Croix

(*Songe du Vieux Pèlerin*, 2008, p. 577)

Outros requisitos para o rei, a quem Philippe orientava, eram as sessões com os poetas, caros servos do reino para os momentos de repouso do rei, após as atividades

[508] CHEVALIER, J. (org.). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1996, p. 67-68; 396.

régias. Dentre eles, é muito interessante observar a indicação de um poeta feita pelo velho peregrino, Cuvelier:

> Além disso, caro filho, podes ter poetas dignos e de qualidade que declaram belos ditos evocando a Deus e a Virgem e que contam histórias honoráveis, morais e cheias de piedade, como aquela do pobre companheiro Cuvelier; a essas narrativas, caro filho, experimentarás em alguns momentos uma maior devoção do que em um hábil sermão[509].

O que chama a atenção no trecho acima, é que a obra de Cuvelier foi indicada essencialmente pelo seu conteúdo, ponto que já salientamos nesta tese, e não por seus versos que bem poderiam ser recitados e acompanhados pelas performances musicais. O que mais interessaria ao jovem rei seriam as histórias e as narrativas de Cuvelier, por vezes mais instrutivas do que um bom sermão, o que confirma a tradição épica em que se insere o poema de Cuvelier. E sabedores de que as narrativas e as histórias de Cuvelier não mostraram nada além dos feitos de armas de Du Guesclin em favor do reino francês, podemos supor que o que mais poderia ser útil ao jovem seria isto mesmo: guardar os valores cavaleirescos não só como uma virtude moral, mas como força militar pronta para o combate.

Para alargar ainda mais a compreensão da obra de Philippe de Mézières, é valido salientar o quão didático o intelectual foi ao compor a obra *Songe*. Para isso, vejamos alguns detalhes sobre sua organização.

A obra *Songe* é composto de um prólogo em que o autor se remete à parábola dos talentos, presente nos Evangelhos; declara assistir ao jovem Charles VI, segundo o que lhe havia pedido a Divina Providência, e resume o conteúdo dos três livros da obra. A isso seguem uma lista com o significado de cada alegoria, bem como o conteúdo dos três livros, sempre divididos em capítulos. Não há um epílogo propriamente dito, no entanto, as virtudes concluem seus ensinamentos, nos últimos capítulos do terceiro livro, com considerações finais nada otimistas e o Velho Peregrino é despertado do sonho para ser consolado pela mesma Providência Divina do início.

No segundo livro, Philippe de Mézières também apresenta uma interpretação sua a respeito da hierarquia que organizava a sociedade daquele contexto, e a inovação de tal conteúdo está em problematizar as três ordens em quatro hierarquias: a primeira, representada pela Igreja; a segunda pela nobreza (príncipes e cavaleiros); a terceira pelos

---

[509] «En outre, cher fils, tu peux avoir des poètes dignes et de qualité, qui déclarent de beaux dits évoquant Dieu et la Vierge, et qui racontent des histoires honorables, morales et pleines de pitié, comme celle du pauvre compagnon Cuvelier ; à ces récits, cher fils, tu éprouveras parfois une plus grande dévotion qu'à un habile sermon ». Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin*. Paris : Pocket, 2008, p. 710.

homens da lei, e a quarta hierarquia, pelo povo. Essa apresentação em hierarquias é principalmente uma evocação do Pseudo-Dionísio, o Areopagita (séc.V)[510].

Georges Duby, ao realizar sua análise sobre as três ordens na Idade Média, retoma em dado momento as palavras de Adalberão de Laon sobre a organização ternária dos grupos que compunham a Igreja de Deus no mundo, segundo a visão do bispo: os *oratores*, os *bellatores* e os *laboratores*. Visão bem difundida nos estudos sociais sobre a Idade Média. Todavia, o mesmo Duby aquiesce que a sociedade estava sofrendo transformações e apresentava forte diversificação, principalmente na camada dos trabalhadores, fenômeno devido à urbanização que colocava as cidades como eixo da "riqueza, do poder e das criações do espírito". Fenômeno que nos informa igualmente sobre a "laicização de um grande número de valores e de imagens. É um fato que os principais focos de criação escapam progressivamente à tutela da Igreja e se deslocam para as cortes dos príncipes" [511]. Entendemos assim, que Philippe de Mézières estava atento a essas transições, bem como seguro de seu papel de preceptor.

Portanto, Philippe de Mézières pode servir de exemplo de tal transformação, embora seu intento fosse o de fazer convergir novamente à Igreja uma sociedade que se lhe escapava:

> Essa prática nova em busca da reforma do mundo será escrita e mostrada a todas as gerações de fiéis e infiéis [...]. A rainha Verdade, em companhia das três damas já evocadas, Paz, Misericórdia e Justiça que, segundo os teus escritos, Ardente Desejo, são indispensáveis em tua peregrinação para o verdadeiro comércio e para a fabricação das puras boas obras[...], [oferecem] novamente sua moeda ao mundo inteiro, particularmente ao Branco Falcão de bico e patas dourados e ao reino da Gália[512].

Philippe ainda atribui parte dos males por que passava a cristandade à hierarquia que acrescenta ao modelo ternário: os agentes da lei. Mézières se refere a eles, como os

---

[510] A obra do neoplatônico cristão, atuante na Síria ao final do século V, chamado de Pseudo-Dionísio, o Areopagita, tornou-se conhecida no século VIII e foi traduzida por Jean Scot Érigène (século IX) no ano de 840 cuja versão teve amplo sucesso sendo retomada por nomes como Fulbert de Chartres (970-1028), Adalberão de Laon (fim do séc. X-1030) e Tomás de Aquino (1224-1274), ver BLANCHARD, Joël. Les hiérarchies de l'honneur. Avatars d'une grille conceptuelle à la fin du Moyen Âge : Mézières et le Pseudo-Denys. *Revue historique*, nº 648, 2008/4, p. 789-817. Disponível em: www.cairn.info. Acesso em: 2 de abril de 2017. Sobre o tema, ver DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Tradução Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

[511] DUBY, Georges. *Sociedades Medievais* – Lição inaugural proferida no Collège de France, em 4 de dezembro de 1970. Tradução de Augusto Joaquim. Lisboa: Terramar, 1999, p. 36 e p. 45.

[512] "Cette pratique nouvelle en vue de la réforme du monde sera écrite et montrée à toutes les générations de fidèles et infidèles […]. La reine Vérité, en compagnie des trois dames déjà évoquées, Paix, Miséricorde et Justice, qui, selon tes écrits, Ardent Désir, sont indispensables dans ton pèlerinage pour le véritable commerce et la fabrication des purs besants […], offrir à nouveau leur monnaie au monde entier, particulièrement au Blanc Faucon au bec et aux pattes dorés et au royaume de Gaulle" (Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin*…, 2008, p. 103).

que, visando a auxiliar o rei em sua virtude da justiça, haviam corrompido o funcionamento dos reinos, tanto juridicamente quanto economicamente, deturpando essa virtude. De onde o sistema bancário de Veneza, na opinião de Mézières, proteger o povo permitindo que ele próprio gerenciasse suas economias. Seriam esses agentes, advogados, escrivães, procuradores, tesoureiros e oficiais do reino que, aliás, deveriam rivalizar com Philippe em suas funções na corte. Sobre sua má influência, o autor afirma que

> os reis e os príncipes do reino estão enfeitiçados por tais oficiais e mestres de suas finanças, eles que aceitam ter o olhar envolvido pela pena de tais oficiais em todo instante, tanto no inverno quanto no verão, para o verdadeiro prejuízo da coisa pública e da majestade real. Eis o que se passa com a pobre cavalaria e com o povo da França[513].

As outras três hierarquias, na exposição de Philippe de Mézières, manter-se-iam *grosso modo* da mesma forma como a apresentada pelas leituras posteriores do Pseudo-Dionísio, embora à figura do rei, Mézières atribuísse grande responsabilidade no bom funcionamento da coisa pública.

Como responsável pela reforma da cristandade, Charles VI deveria saber jogar e bem com as peças do xadrez, não permitindo, por exemplo, que a "pobre cavalaria" da França fosse prejudicada, ao contrário, que ela servisse ao rei de forma eficaz no restabelecimento do bem comum. Mas a qual cavalaria se refere Mézières? E quem eram seus membros? No tabuleiro de xadrez, que aparece no terceiro livro, estão as casas referentes à guerra, a pagamento aos homens de armas, bem como a promoções dos oficiais. Há, da mesma forma, a casa que trata da paz com a Inglaterra, um dos meios a ser alcançados para o fim maior: a união de toda a cristandade. Pois bem, acreditamos que Philippe de Mézières concebia a cavalaria, tal como a conceituava Raimundo Lúlio no século XIII ou bem antes dele, Vegécio (fim do séc. IV-início do séc. V), citado aliás na obra *Songe*. Seria um grupo composto por cavaleiros cujo ofício era "manter e defender o seu senhor terreno, pois nem rei, nem príncipe, nem alto barão poder[iam], sem ajuda, manter a justiça entre as suas gentes"[514].

---

[513] "Le roi et les princes du royaume sont envoûtés par de tels officiers et maîtres de leurs finances, eux qui acceptent d'avoir les yeux frottés par la plume de semblables officiers à tout moment, hiver comme été, au réel préjudice de la chose publique et de la majesté royale. Voilà ce qu'il en est de la pauvre chevalerie et du peuple de France" (Philippe de Mézière. *Songe du Vieux Pèlerin*..., 2008, p. 386).

[514] LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem da Cavalaria*. Tradução Ricardo da Costa. Disponível em: http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/o-livro-da-ordem-de-cavalaria-c1274-1276. Acesso em: 12 de março 2017.

Dessa forma, vejamos quais seriam as características que poderiam moldar um perfeito cavaleiro disposto a servir Charles VI em sua empreitada? É o que veremos nas linhas a seguir.

Para bem atuar no jogo de xadrez, Charles VI deveria ser auxiliado por homens de armas, tenentes e capitães que observassem quinze regras essenciais[515]. Essas regras seriam impostas a todos aqueles a quem era conferida a ordem da cavalaria, sendo o objetivo comum do grupo o cumprimento de todas elas. Sobre isso, Philippe de Mézières discorre no segundo livro, ao falar da segunda hierarquia, sobre a qual deveria reinar "a virtude moral" acima de tudo. Cada regra é ilustrada com exemplos bíblicos e históricos da antiguidade, da alta Idade Média e da contemporaneidade do autor, proporcionando uma leitura fluida e bastante interessante. Devemos observar que, se o letrado elencava essas regras como essenciais à cavalaria, muito provavelmente a realidade era bem diferente, até mesmo contrária.

Como defensor ardente da fé católica, Mézières coloca, como primeira regra a ser observada, justamente o respeito e a observância da "santa religião católica". Ao cumpri-la, o cavaleiro estaria apto a prosseguir com as tarefas designadas pelo seu senhor, bem como propenso a executar as duas regras seguintes: dizer a verdade (em palavras e escritos) e exercer a justiça, duas virtudes essenciais para evitar prejuízos ao bem comum e garantir a vitória nos combates.

Da quarta até a décima quinta regra, Philippe de Mézières elenca uma série de comportamentos que os cavaleiros deveriam manter em campo de batalha, discorrendo sobre atitudes bem práticas do cotidiano das tropas e que o capitão das mesmas deveria assegurar. Podemos organizar essas regras da seguinte forma: regras referentes a recursos (bélicos e financeiros) – o capitão deveria separar ⅓ de suas finanças ao pagamento de espiões; estar bem provido de armas e equipamentos; dar o dízimo à igreja e compartilhar o butim de modo a motivar a combatividade dos homens de armas – evitando sempre a avareza. Regras sobre profissionais de outras áreas – as tropas deveriam dispor de doutores versados em direito civil e canônico junto a seus homens, resolvendo assim eventuais problemas ligados às leis; cuidar dos soldados doentes e feridos acompanhando-os com a ajuda de médicos, não recorrendo à astrologia – realizando o devido pagamento a esses homens de saber. Outras regras se remetem ao trato das tropas – o capitão deveria dar de comer aos homens, evitando banquetes exagerados, ou seja,

[515] Nada mais coerente em uma sociedade bastante regrada desde o movimento monástico.

"ser moderadamente generoso"; passar as tropas em revista, evitando "soldados fantasmas"; evitar excessos (comidas, bebidas, luxos e jogos). Já duas regras se aplicam aos cuidados para com os inimigos – o capitão das tropas deveria sempre proteger as informações concernentes a suas hostes, evitando que os inimigos tomassem conhecimento de quaisquer coisas, podendo usar de códigos de linguagem para proteção de dados; ele deveria igualmente evitar as desconfianças e suspeitas de traição, estando sempre acompanhado de alguns de seus homens quando das entrevistas com os inimigos.

Duas outras regras chamam a atenção por tratarem da relação dos homens de armas com a população durante os combates e as campanhas. A décima terceira regra garante aos comerciantes e "àqueles que vão e vem" direito a ter a passagem protegida por escolta específica, a fim de bem garantir suas vidas, assim como assegurar o aprovisionamento das tropas.

Já a décima segunda regra versa sobre a proteção aos bens e à integridade física dos indivíduos do povo, portanto o capitão jamais deveria reclamar a paga de impostos, tributos ou gabela que não fosse por ordem do rei. Além disso, Mézières diz que os cavaleiros e homens de armas deveriam cuidar para não realizar pilhagens, roubos e muito menos violência física, principalmente contra as crianças e contra as mulheres, que "deveriam ser protegidas como se fossem as irmãs de seus comandantes". Esses homens deveriam proceder da mesma forma para com as igrejas e seus servos. O discurso de Mézières nesses trechos nos remete a outro homem de letras da tardo-medievalidade, Honoré Bovet (1345-1405), cuja obra *Árvore das batalhas* trata de direito de guerra. Ambos conferem à população em geral, isto é, aos *oratores* e *laboratores*, direitos ligados à vida, a ser preservada acima de qualquer interesse.[516]

Philippe de Mézières arremata o elenco das quinze regras afirmando que, se assim procedessem os capitães e cavaleiros, seria forjada "uma boa moeda para o bem e a honra do rei, das gentes de armas e do povo", pois ele bem sabia, como podemos observar nos trechos que seguem, que tais regras não eram praticadas e que "uma cavalaria mal-educada" era responsável por muitos males. Note-se que o trecho a seguir é uma crítica severa à cavalaria francesa:

> O que dizer do pobre povo da França, batido, morto, devorado, taxado não somente pelo inimigo, mas, o que é pior, por sua própria cavalaria? [...]. Os pobres homens são batidos e torturados, as mulheres desonradas, as virgens forçadas em público e violentadas, tudo como infração às regras da

[516] DUVAL, Frédéric. *Lectures françaises de la fin du Moyen Âge* : petite anthologie commentée de succès littéraires. Genebra : Droz, 2007, p. 260.

> verdadeira cavalaria descritas acima nas quinze regras dos valentes capitães [...]. Por causa dessa prática excessiva de castigo do povo e crueldade de que dá provas essa cavalaria, sem mencionar o erro para com a religião e para com a caridade que disso derivam, grandes males surgem a ponto de ser difícil repará-los antes que se passe muito tempo[517].

Essa mesma violência de que faziam prova também certos capitães ingleses, por exemplo, seguindo o texto de Cuvelier, é reprovada pelo trovador. Pouco antes de ser nomeado condestável, Du Guesclin é chamado pelo rei a Paris para justamente agir como libertador da cidade, ora cercada pelos inimigos:

> Assim, diante de Paris Robert Knolles se deixou estar,
> E incitava seus ingleses a fazer o mal e ficou a ensinar
> Um a um padre, portanto no colo sua estola, matar.
> A outro um mosteiro com sua loucura dilapidar,
> Ao terceiro com seu furor as donzelas violar,
> Ao quarto com tormentos um homem de bem mutilar;
> Por mal fazer vários de colocaram a pressionar.
> Mas por Deus, soubesse Bertrand, que não gostava de estudar,
> Teria sido melhor para eles [os ingleses] bem longe estar.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 18574-18582)[518]

Ainda que o destrato com a igreja, no que se refere aos bens e riquezas, no momento em que dirigia as Grandes Companhias a Castela, tenha sido observado em Du Guesclin, é preciso admitir que a violência contra os civis não foi reportada por Cuvelier como uma prática do cavaleiro bretão, o que fazia dele, um exemplo a ser seguido.

Cabe salientar que Philippe de Mézières parece ser bastante consciente das categorias de pessoas que poderiam formar a cavalaria. Segundo sua explanação, podemos entender que, por cavalaria, Mézières concebia um corpo militar regular encarregado da defesa e proteção do rei, do reino e do povo, bem próximo em organização dos exércitos, principalmente daquele que mais tarde veio a ser formado por Charles VII (1422-1461) e que muito deveu ao exemplo da prática do rei inglês, Eduardo III (1327-

---

[517] "Que dire du pauvre peuple de France, battu, tué, dévoré, rançonné, pas seulement par les ennemis, mais, ce qui est pire, par sa propre chevalerie ? […]. Les pauvres hommes sont battus et torturés, les femmes déshonorées, les vierges forcées en public et violées, en infraction aux règles de la vraie chevalerie décrites ci-dessus dans les quinze règles des vaillants capitaines […]. A cause de cette pratique excessive de châtiments du peuple et de cruauté de cette chevalerie, sans mentionner de tort à la religion et à la charité qui en découle, de grands malheurs arrivent qui seront impossibles à réparer avant bien longtemps" (Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin…*, 2008, p. 463-464).

[518] « Ainci devant Paris se tint Robin Canole,
Qui ces Englois semont de mal faire et escole.
Ly uns ocist un prestre a son col son estole,
Et li autre ou moustier par sa foleur desole,
Li tiers par sa folleur les pucelles viole,
Et li cars par jehaine un prodonme affole ;
A mal faire pluseurs s'i mirent la en mole.
Mais ce Dieu saut Bertran, qui onc n'ama escole,
Il leur valsist mieux estre trestouts a la Riole. »

1377), no que se referia à formação e ao pagamento dos seus soldados.[519] Assim, podemos apontar uma hipótese de como essa cultura escrita reverberou na prática de um corpo militar. Não dizemos, porém, que os escritos dos letrados que se ocuparam da cavalaria nesse período tenham sido os únicos a influenciar as decisões dos monarcas que vieram a assumir os tronos no Ocidente latino. Muito embora não possamos deixar de pensar que, para além dos exemplos deixados pelos campos de batalha, a cultura letrada também teve sua parcela de contribuição na construção de uma cavalaria em transformação, não mais ligada, portanto a privilégios dados pelo nascimento.

O que nos chama a atenção é, portanto o que consta no ordenamento de Charles VII de 26 de maio de 1445 com relação ao estabelecimento das obrigações dos munícipes. Esse desígnio nos remeteu ao que havia recomendado Philippe de Mézières a Charles VI em seu *Songe du Vieux Pèlerin*, como já apontamos no início desta terceira parte: homens aptos para a guerra e de prontidão, bem alojados e supridos em guarnições instaladas junto às cidades, esta seria a "valente e verdadeira cavalaria do reino da Gália". Mas Philippe também refere quase que na íntegra o ordenamento de Charles V de 1374, passados já mais de dez anos:

> Diz a rainha, é preciso que os encargos das gentes de armas, os pagamentos e as provisões dos grandes capitães sejam novamente reformados e limitados convenientemente em proveito da guerra [...]. Convém que as verdadeiras gentes de armas sejam engajadas e pagas incluindo-as nos efetivos de gentes de armas. Para lembrar certa prática dos pagamentos dos médios e pequenos capitães, é preciso que seus pagamentos sejam fixados em função do encargo e do número de gentes de armas desses capitães, para lhes permitir se manter e dirigir as gentes de armas a seu encargo [...] instaladas nas fronteiras e às vezes em boas cidades onde terão de recrutar as tropas, e os capitães e as tropas serão pagos na aplicação do ordenamento régio[520].

---

[519] Siméon Luce nos relata que Eduardo III organizou um serviço militar obrigatório entre seus sujeitos: aqueles que possuíssem quarenta litros de terra ou mais (cerca de um alqueire, 24.000 m^2), ou renda anual por três anos pelo menos e que ainda não fossem homens de armas deveriam abraçar a profissão militar. Outros com menos recursos deveriam ter cavalos e armaduras, outros uma espada, aqueles que quase nada tivessem deveriam ao menos ter arcos e flechas. (Ver LUCE, Siméon. *Histoire de Du Guesclin et de son époque*. Paris : Librairie Hachette, 1876, p. 147-149).

[520] « Dit la reine, il faut que les charges des gens d'armes, les gages et les provisions des grands capitaines soient à nouveau réformés et limités convenablement au profit de la guerre […]. Il convient que les véritables gens d'armes soient engagés et payés en les incluant dans les effectifs de gens d'armes. Pour rappeler certaine pratique des gages des moyens et des petits capitaines, il faut que leurs gages soient fixés en fonction de la charge et du nombre de gens d'armes de ces capitaines, pour leur permettre de tenir leur train de vie et de mener les gens d'armes de leur charge […], installés aux frontières et parfois dans des bonnes villes dont ils auront la charge de recruter les troupes, et les capitaines et les troupes seront payés de leurs gages en application de l'ordonnance royale », Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin*. Paris : Pocket, 2008, p. 879.

Como vemos, Philippe de Mézières de certa forma cobrava que os ordenamentos vigentes fossem cumpridos, o que nos informa também sobre a distância que havia entre os decretos e a realidade vivida pela sociedade em geral.

Se nos séculos anteriores o surgimento das ordens militares e a aproximação da Igreja aos homens de guerra indicou certa perda de protagonismo do rei, a partir do final do século XIV, o soberano passou a encabeçar a organização de um grupo fixo de homens de armas visando aos interesses políticos de seu reino, disso foi pioneira a dinastia dos Valois de Charles V, conforme destaca o pesquisador da Guerra dos Cem Anos, Philippe Contamine.[521] Dessa maneira, vemos como Philippe de Mézières contribuiu para que o serviço ao rei fosse um legitimador da nova cavalaria que propunha, tal transformação se estenderia por séculos. É o que verificamos, por exemplo, na passagem abaixo, em que Philippe se refere ao direito régio de convocar a *arrière-ban*, a sub-vassalagem, de que já falamos, em ocasiões de embate:

> Segundo meu conselho, caro filho, serve-te pouco do direito régio chamado *arrière-ban* que acarreta um grande número de inconvenientes muito demorados a explicar. Lembra-te, caro filho, que um número adequado de gentes de armas de elite no entorno de tua majestade, após um conselho elaborado de forma madura, pela graça de meu Pai, te fará obter uma maior vitória do que um bando de sujeitos reunidos em massa na *arrière-ban*, alguns de boa vontade, outros de malgrado, sem regra em comum, como se eles se dirigissem à feira. Lembra-te ainda, caro filho, que agrada mais a meu Pai [...] dar vitória pela coragem com um número mediano de gentes de armas bem disciplinadas do que com uma turba reunida em que reinam com frequência a glória vã e a arrogância.[522]

Como podemos observar, há alguma permanência no que se refere à convocação dos sujeitos do rei para a batalha, mas, como salientamo, há igualmente transformações apontadas pelos letrados. Philippe era contrário ao apelo à *arrière-ban*, o que vai ao encontro do que já mencionamos: uma transformação nas maneiras de se manter e convocar uma hoste. Além do letrado salientar o risco de tal convocação, também chama a atenção para a necessária organização das tropas do reino para que dessem mostra de

---

[521] CONTAMINE, Philippe. *La guerre au Moyen Âge*. 5e ed. Paris : PUF «Nouvelle Clio», 1980, p. 296-306.

[522] « Sur mon conseil, cher fils, sers-toi peu du droit royal dit arrière-ban, qui entraîne un grand nombre d'inconvénients trop longs à expliquer. Souviens-toi, cher fils, qu'un nombre adéquat de gens d'armes d'élite entourant ta noble majesté royale, après un bon conseil mûrement élaboré, par la grâce de mon Père, te fera obtenir une plus grande victoire qu'une foule de tes sujets réunis en masse en tant qu'arrière-ban, les uns de plein gré, les autres de mauvais gré, sans règle commune, comme s'il se rendaient à une foire. Souviens-toi encore, cher fils, qu'il est bien aisé à mon Père […] de donner la victoire par le courage avec un nombre moyen de gens d'armes bien disciplinés, plutôt qu'à une foule assemblée, où règnent souvent la vaine gloire et l'outrecuidance ». Philippe de Mézières. *Songe du vieux pèlerin*…, p. 858.

disciplina e eficácia para a batalha e não apenas de valores tão ligados anteriormente ao desempenho individual de uma cavalaria de outrora obtida pela linhagem.

Há que se considerar, além disso, que os conflitos políticos da Baixa Idade Média acabaram favorecendo uma delimitação mais clara sobre territórios e domínios, pois "as monarquias que conseguiram fortalecer sua autoridade moral o fizeram, graças a uma política realista, transmutar os interesses puramente dinásticos em interesses coletivos da sociedade"[523]. E a reforma que propunha Philippe de Mézières se revelava bastante atenta ao bem comum da coletividade proporcionado pelo corpo militar representado pela cavalaria.

Todavia, esse corpo militar, ao qual faz menção Mézières, poderia ser formado pela nobreza; pelos cavaleiros e escudeiros, e a terceira categoria sendo aquela composta por não-nobres, homens de pequena condição, camponeses ou artesãos, alguns até mesmo *routiers*. Todas as três categorias deveriam obedecer às regras acima referidas para que cumprissem o desígnio da existência da cavalaria. Mas não era isso que estava acontecendo, daí a necessidade de aconselhar ao rei fazer algumas mudanças para melhor conduzir seu reino de modo que a própria cristandade fosse liberada de tais práticas. Aliás, contra os nobres Philippe de Mézières lança uma severa crítica, dizendo que naqueles dias iam à guerra apenas quando o rei estava presente. No trecho a seguir, o letrado dá o seu diagnóstico sobre o estado da cavalaria:

> Que dores e que lágrimas deveriam ter os franceses ao ouvir recitar para sua vergonha tal exemplo de cavalaria da França, que antes tinha o hábito de ser crédula, amada e estimada, mas que hoje está destronada em um lamaçal cheio de restos de orgulho, de avareza, de infame luxúria por causa de sua falta de fé em Deus e do medíocre comando dos chefes de guerra e dos senhores que deveriam tomar conta do bem comum do reino e da coisa pública[524].

Para alcançar o objetivo de sua proposta reformadora, Philippe de Mézières propõe o que talvez fosse bastante inusitado naquele contexto: ordenar regimentos e comandantes nas cidades e que esses estivessem em permanência em tais localidades

---

[523] "Las monarquías que lograron fortalecer su autoridad moral lograron, merced a una política realista, transmutar los intereses puramente dinásticos en intereses colectivos de la sociedad" (MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. La Cristiandad Medieval y Las Formulaciones Fronterizas. In: _____ [et.al.] Fronteras y Fronterizos en la Historia. Valladolid: Instituto de Historia Simancas, 1997, p. 47).

[524] "Quelles douleurs et quelles larmes devraient avoir les Français en entendant réciter pour leur honte un tel exemple de la chevalerie de France, qui jadis avait l'habitude d'être crainte, aimée et estimée, mais aujourd'hui elle est déchue dans le bourbier d'ordure de l'orgueil, de la cupidité, de l'infâme luxure, à cause de son manque de crainte de Dieu et du médiocre commandement des chefs et des seigneurs qui devraient prendre soin du bien commun du royaume et de la chose publique" (Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin...*, 2008, p. 467).

dando-lhes proteção contínua e sendo reconhecidos pelos habitantes. Os regimentos seriam supervisionados por um "burguês, um clérigo e um conselheiro laico, escolhidos pelo povo e remunerados" e que estariam encarregados, entre outras atividades da municipalidade, de assegurar o pagamento daqueles homens de armas[525]. Pagamento aliás, que deveria sempre ser realizado, em parte pelos vilões, não sobrecarregando assim os capitães, e nem mesmo o reino. Serão exatamente essas medidas adotadas por Charles VII em seus despachos de 2 de novembro de 1439 e de 26 de maio de 1445, ao institucionalizar o serviço militar que se manteria sem modificações até o século XVI.[526] Sobre esse ponto especificamente, é valido reproduzir o trecho da obra em que a rainha Verdade se dirige ao jovem Charles VI, como Moisés:

> Caro filho, graças a esse remédio [pagamentos regulares] que te desencarrega de uma parte de tuas tarefas, cada vez que quiseres, com uma simples ordem, terás às ordens de tua real majestade seis mil, sete mil ou oito mil lanças e besteiros inteiramente prontos e bem pagos, que serão a *valente e verdadeira cavalaria do reino da Gália*, sem contar teus pares, príncipes e barões que, em companhia de bom número de gentes de armas, te servirão magnificamente, como devem, de modo que o serviço deles será renovado [...]. Além disso, caro filho, graças a esse claro método, teu condestável e teus marechais estarão desobrigados de uma dura tarefa: pagar, reunir e organizar as tropas. Pois essa valente cavalaria, graças a esse método, estará tão perfeitamente pronta que esses condestáveis e marechais não farão nada além de dar ordens às gentes de armas e de colocá-los em ordem de guerra. [Grifo nosso][527].

Obviamente, a reforma que propunha Philippe de Mézières não seria concretizada tão facilmente. Aqui, pois devemos indagar se a avaliação do letrado era reflexo do pensamento da corte sobre o que se dizia a respeito da cavalaria ou se acabava mostrando-se como algo totalmente novo e revolucionário; nem tampouco podemos deixar de inferir o que os próprios integrantes da cavalaria julgavam ser lícito ou não praticar[528]. No trecho

---

[525] Cavaleiros vilões, naquele contexto já era uma realidade no reino de Portugal.

[526] BESSEY, Valérie. *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François I. Turhnout : BREPOLS, 2006, p. 88-105.

[527] "Cher fils, grâce à ce remède qui te décharge d'une partie de tes tâches, chaque fois que tu le voudras, sur un simple ordre, tu auras aux ordres de ta royale majesté six mille, sept mille ou huit mille lances et arbalétriers, entièrement prêts et bien payés, qui seront la vaillante et véritable chevalerie du royaume de Gaulle, sans compter tes pairs, princes et barons qui, en compagnie de bon nombre de gens d'armes, te serviront magnifiquement, comme ils le doivent, de sorte que leur service sera rénové […]. En plus, cher fils, grâce à cette claire méthode, ton connétable et tes maréchaux seront déchargés d'une lourde tâche, celle de faire payer les gens d'armes, de les réunir et de faire les retenues. Car cette vaillante chevalerie, grâce à cette méthode, sera si parfaitement prête que ces connétables et maréchaux n'auront rien d'autre à faire que de donner leurs ordres aux gens d'armes et de les mettre en ordre de guerre" (Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin*…, 2008, p. 875-876).

[528] É válido mencionar que o porta-auriflama do reino francês, Geoffroy de Charny (1355-1356), morto em combate na batalha de Poitiers, manteve uma atividade escrita bastante interessante, por exemplo, o seu *Livre de Chevalerie* em que discorre sobre as dificuldades em ser cavaleiro. (HASENOHR; ZINK (org.). *Dictionnaire des Lettres Françaises*…, 1992, p. 498).

acima, Philippe de Mézières não deixa de considerar os nobres, cuja linhagem lhes dava acesso à cavalaria. Essa característica devedora de tradições anteriores denota que, em um panorama mais amplo, havia continuidades no pensamento sobre a cavalaria.

Ainda assim, é muito atraente a ideia de Philippe de Mézières sobre um corpo militar que, ao ser composto por homens dignos e bons observadores de suas regras, estivesse de prontidão, à espera tão somente de um apelo real para agir em benefício do bem comum. Tal estratégia asseguraria a Charles VI a fidelidade das camadas populares do reino, pois sabemos que:

> A relação do rei com suas bases municipais é muito mais institucional, impessoal e centralizadora. As cobranças são muito maiores que os benefícios oferecidos, e quando um rei [...] privilegia as relações de natureza pessoal em detrimento de uma política de poder público própria do nível régio-municipal, este desequilíbrio abala a fidelidade devida ao rei por parte dos súditos comuns que estão na base da organização [...][529].

Pois sabemos que, apenas algumas décadas antes, Paris e o interior da França haviam sido palco de revoltas populares bastante significativas, levando o reino a uma crise política que duraria ainda muito tempo e com severos desdobramentos. Referimo-nos aqui à revolta liderada por Étienne Marcel (1310-†1358), *prévot des marchands*, oficial responsável pela administração municipal de Paris. Esse personagem liderou a revolta popular (e principalmente da burguesia endividada) contra as sucessivas medidas adotadas pela monarquia francesa, através dos Estados Gerais, com relação a aumento de impostos, fiscalização financeira e recursos para o pagamento do resgate do rei Jean II Le Bon, cativo em Londres. Outro exemplo foi a Jacquerie, revolta de camponeses que ocorreu também no ano de 1358. Podemos facilmente inferir que Philippe de Mézières tinha sobre esses acontecimentos alguma informação, o que explicaria seu cuidado ao se referir à população em geral, isto é, grupo de indivíduos que não compunham a aristocracia, nem se beneficiava da privança do rei.

Como pudemos ver, a obra de Philippe de Mézières é apresentada ao rei como um *exemplum* para que o jovem monarca fizesse as reformas na cavalaria francesa. Esse corpo militar, heterogêneo, não mais sustentado pelos privilégios das linhagens, seria agora o promotor do bem comum, com base nos valores das cruzadas e no mérito de uma boa e eficaz conduta em campo de batalha. Assim, segundo o historiador da cultura medieval, Bernard Guenée:

---

[529] FERNANDES, F. R. A nobreza, o rei e a fronteira no medievo peninsular. *En la España Medieval*, vol. 28, Publicaciones Universidad Complutense de Madrid, 2005, p. 172.

> No século XIV [...], muitos compreenderam que suas proezas poderiam dali em diante tirá-los da obscuridade e lhes permitir a se alçar mais alto na sociedade. Durante muito tempo, o mérito havia tido contra o nascimento um combate muito desigual. No século XIV, as esperanças dos obscuros se fizeram mais vivas [...]. Mas a palavra era frágil. Apenas o livro podia garantir um renome durável[530].

Em momento algum Philippe de Mézières menciona a linhagem ou a importância do sangue para que um cavaleiro fosse *adubado*, aliás, tal rito não é mencionado enquanto requisito para um bom cavaleiro. Mesmo assim, sabemos que o próprio Philippe de Mézières foi feito cavaleiro após a batalha de Esmirna e que mencionou homens de guerra que teriam "recebido" a cavalaria. O que não há na obra *Songe* é a descrição da cerimônia como um ritual a ser ainda observado e mantido para que um homem de armas fizesse parte do corpo militar. O que há é um adubamento simbólico do jovem Moisés, figura de Charles VI, realizado por uma das rainhas, a Verdade, para que o rei exercesse sua divina cavalaria moral e régia[531].

Talvez o que fosse corrente naquele contexto seria o reconhecimento por parte de cavaleiros mais experientes das mesmas características em outros, ao identificá-los como semelhantes, *fratres*, e a estes eram dadas a espada, de forma mais simples. Além disso, acreditamos que, por tratar também dos vilões como integrantes da cavalaria, Mézières até mesmo ultrapassa os limites da elite a que tradicionalmente se associou a cavalaria, problematizando aquela categoria de homens a serviço da coroa francesa, pois "só a compreensão deste contexto e de suas regras originais nos permitem compreender as opções de uma elite que se transforma nestes séculos finais da medievalidade e vai trocando o respeito ao sangue pela primazia do serviço ao rei"[532].

Segundo as palavras do historiador citadas acima, era necessário que aqueles que dessem provas de valentia e realizassem proezas, sendo membros da cavalaria, também tivessem a cultura letrada a seu favor. Somente dessa forma seu renome e, no caso, sua

---

[530] "Au XIVe siècle [...], beaucoup comprirent que leurs prouesses pourraient désormais les sortir de l'obscurité et leur permettre de se hisser plus haut dans la société. Pendant longtemps, le mérite avait mené contra la naissance un combat par trop inégal. Au XIVe siècle, les espoirs des obscurs se firent plus vifs […]. Mais la parole était fragile. Le livre, seul, pouvait garantir une renommée durable" (GUENÉE, Bernard. *Du Guesclin et Froissart*. La fabrication de la renommée. Paris : Tallandier, 2008, p. 102-103).

[531] Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin*, 2008, p. 941-942. Devemos observar que o fato de não haver menção ao ritual de adubamento não significa que ele não ocorresse. Na História de Guilherme, o Marechal também não há menção ao rito, muito embora no século XIII, ele ocorresse. A importância do momento talvez, a partir do século XIV foi sendo dada a ocasiões mais precisas e ligadas ao combate, ou ainda, ligada ao prestígio dos príncipes, como foram os adubamentos na ocasião das comemorações oferecidas à memória de Du Guesclin em 1389, por Charles VI.

[532] FERNANDES, F. R. Usurpações, casamentos régios, exílios e confiscos, as agruras de um nobre português no século XIV. *Rev. História Helikon*, Curitiba, v.2, n.2, p. 02-15, 2º semestre/2014, p. 15.

institucionalização seriam assegurados. Aqui podemos inferir que ao traduzir a realidade percebida[533] em espelho de príncipe, Philippe de Mézières acabou contribuindo com os nossos estudos historiográficos sobre a cavalaria francesa da Baixa Idade Média oferecendo elementos que ajudam substancialmente o trabalho do historiador que lança seu olhar para aquela temporalidade.

A reforma que Mézières propõe sobre a cavalaria nos leva a pensar sobre as relações de poder que permanecem entre autoridades e seus funcionários. Para o letrado, havia a necessidade de encerrar uma rede de privilégios oriundos das linhagens para que o conhecimento técnico, se assim podemos dizer, ganhasse a primazia entre os membros da cavalaria ali referida. Podemos sugerir que o letrado, enquanto autor de um espelho de príncipe, tentava dar sentido a uma sociedade em transformação, pensando sobre o passado para vislumbrar um futuro melhor em seu ponto de vista. É preciso considerar, no entanto, que o contexto frágil em que se encontrava o reinado de Charles VI, recentemente tendo tomado o poder das mãos dos tios, deu a Philippe de Mézières elementos para sugerir as reformas. Ao passo que os tios poderiam representar uma época fonte de críticas, o jovem rei era visto como principal agente reformador, portanto promotor, ele próprio do bem comum.

Ademais, Philippe de Mézières nos lega um panorama sobre a situação em que se encontrava a cavalaria na França da Baixa Idade Média, ora em transformação, mas que detinha suas originalidades e permanências. Na obra *Songe*, a cavalaria, compreendida na organização hierárquica quaternária da sociedade, é forjada e repetidas vezes moldada aos interesses do reino ao "qual o serviço de Deus e da Igreja e a defesa dos humildes deveriam estar estreitamente associados"[534]. Eram, portanto, bem-vindas as habilidades de relacionamento e as estratégias para os combates, assim como o bom trato para com os vilões, sem deixar de lado, absolutamente, nem a fidelidade ao senhor, no caso o rei, e nem o temor a Deus, fazendo permanecer o ideal cruzado.

---

[533] Ver LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 11.
[534] CARDINI, Franco. Guerra e cruzada. In: LE GOFF, SCHMITT (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol. I, Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 482.

4.3) Honoré Bovet e o perfil do bom cavaleiro

A segunda obra que acreditamos refletir um pensamento que permeava a corte é a de Honoré Bovet, a *Árvore das batalhas*, como a designaremos daqui em diante, que assim como a de Philippe de Mézières, foi oferecida a Charles VI.

Nascido em uma família da região da Provença francesa por volta de 1345, Honoré Bovet (ou Bouvet)[535] foi monge beneditino, mas apesar da formação religiosa não permaneceu em uma vida contemplativa, ao contrário, especializou-se, após sua formação em Direito, tornando-se Doutor em leis pela Universidade de Avignon em 1386, formação que lhe rendeu bom trânsito tanto na esfera política quanto religiosa na corte do monarca francês Charles VI (1380-1422). Residente de Avignon, Honoré Bovet "parece ter exercido alguma função na corte do papa Clemente VII e afirma-se efetivamente como clementista convencido" na obra que apresentamos aqui[536]. O que se sabe é que esteve presente como conselheiro do rei entre os anos de 1392 até sua morte no ano de 1405, o que para alguns estudiosos pode significar que tenha participado do grupo dos *Marmousets* ou ao menos tenha sido próximo a eles.

A obra em língua francesa mais conhecida de Honoré Bovet e a que é estudada neste trabalho é *L'Arbre des batailles*, e para isso utilizaremos a edição de Ernest Nys de 1883 que traz a transcrição de um dos manuscritos mantidos na época pela Biblioteca Real da Bélgica. A obra se configura como um tratado de direito de guerra, dividido em quatro partes, dedicado ao soberano Charles VI em que o autor apresenta suas reflexões sobre a guerra a partir de um ângulo jurídico, ainda que para isso não faça uso dos jargões característicos desse domínio, antes serve-se de uma linguagem bastante acessível já que

[535] Estudos realizados a partir de meados do século XX, confirmaram que a grafia mais acertada para o nome do autor estudado no presente capítulo seria Bovet, por isso, apesar de utilizarmos a transcrição empreendida pelo editor Ernest Nys no final do século XIX e que apresenta o autor como Honoré Bonet, privilegiaremos a grafia atualizada de seu nome. (Cf. OUY, G. "Honoré Bouvet (appelé à tort Bonet) prieur de Selonnet", *Romania*, LXXXV, 1959, p. 255-259 e também o site de referência sobre Literatura Medieval, ARLIMA www.arlima.net).

[536] HASENOHR G., ZINK, M. (orgs.) *Dictionnaire des Lettres Françaises* – Le Moyen Âge. Paris: Fayard – La Pochothèque, 1992, p. 685.

A Árvore das batalhas pode ser definida como um "manual prático de casuística[537] guerreira e portanto facilmente compreensível"[538].

A obra foi redigida em várias fases, sendo a última redação do ano de 1389, e então oferecida a Charles VI que ora hospedava-se em Avignon[539] e em língua francesa, o que já denotava que o público visado ia além daquele do ambiente jurídico. Tudo isso talvez justifique a sobrevivência até nossos dias de quase uma centena de manuscritos da obra de Bovet, em sua grande parte sem miniaturas e realizadas no século XV, trazendo apenas o texto em versões completas ou reduzidas. Mas alguns manuscritos iluminados também foram confeccionados e entre eles o que possui a Biblioteca Britânica sob a identificação Royal 20 C VIII e que apresenta um diagrama da árvore referida por Bovet, conforme a ilustração a seguir, e uma miniatura do autor entregando o livro ao duque Jean de Berry, tio de Charles VI, bem como as armas do duque na borda ricamente ornada em ouro. A Biblioteca Britânica indica que seu manuscrito deve ter sido composto no primeiro quarto do século XV encomendado pelo duque de Berry, morto em 1416, de onde suas armas ilustradas no documento e a data estimada de sua confecção.

---

[537] Casuística, segundo o *Dictionnaire du Moyen Âge* – littérature et philosophie, é um método utilizado em Teologia, Direito e Medicina e que consiste em resolver problemas colocados pela ação concreta por meio de princípios gerais e estudos de casos similares; e como ciência aplicada, a casuística não pode prescindir do julgamento da consciência pessoal (VEREECKE, L. G. Casuistique. In: FAVIER, J. ; MARTIN, H. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge* – littérature et philosophie. Paris : Albin Michel, 1999, p. 238). Daí percebemos como Honoré Bovet pôde exprimir sua própria opinião tão abundantemente em primeira pessoa ao longo de toda a obra.

[538] DUVAL, F. *Lectures françaises de la fin du Moyen Âge* : petite anthologie commentée de succès littéraires. Genebra : Droz, 2007, p. 260.

[539] HASENOHR, G. ZINK, M. (DIR.). *Dictionnaire des Lettres françaises*…, 1992, p. 685.

British Library - ms Royal 20 C VIII, fº 2v
http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IllID=40798

Como podemos observar na figura acima, a árvore é um símbolo bastante importante na explanação de Honoré Bovet e nos remete ao livro do Gênesis, ao representar a vida, mas também o conhecimento do bem e do mal. Em uma representação daquela sociedade em forma de hierarquia e em estado de guerra, cujos dois lados opositores são representados e chefiados pelos dois papas, Urbano VI e Clemente VII, a quem Bovet apoiava. Como a árvore representada na iluminura não apresenta raízes, então seria a sua dimensão visível, aquela em contato com a superfície da terra, sua parte mais relevante; se bem que sua copa, ou seu alcance do que é celeste, é bem enfatizada pelo artista, o que atribui a Deus, obviamente, as decisões finais sobre quaisquer conflitos.

É no Prólogo à obra que Honoré Bovet declara intentar a realização de um livro em louvor a Deus, à Virgem Maria e ao próprio rei a quem se apresenta como doutor em

leis e se dirige em primeira pessoa, explicando quais as razões de seu trabalho: a necessidade de se fazer algo com relação às tribulações por que passava a Igreja, desde o cisma em 1378, à falta de paz no reino devida à guerra, aos conflitos na Provença portadores de grandes sofrimentos aos habitantes da região[540], e finalmente, como Bovet se coloca em posição de profeta, a quarta razão, dizer ao monarca francês que dele, representante de tão nobre linhagem, viria o remédio aos males por que passava a cristandade. Bovet ainda afirma em seus prolegômenos que para compor *A Árvore das batalhas* se baseou nas Escrituras, nas leis e na filosofia e que se "uma tal imaginação" lhe ocorreu ao apresentar a figura de uma árvore já no início de seu livro foi para melhor discutir sobre a tribulação da Igreja e o cisma, a dissensão entre reis e príncipes cristãos e o desacordo entre as comunidades. Como bem se pode observar no diagrama[541], sua explanação serve bem aos fins que podemos chamar de didático-metodológicos, pois as quatro grandes divisões da árvore orientaram a divisão do livro também em quatro partes, como o próprio autor assinala no prólogo:

> A primeira será sobre as tribulações da Igreja desde o advento de Jesus Cristo nosso Senhor [interpretação do Apocalipse] e em seguida, a segunda parte, será sobre a destruição e as tribulações dos quatro reinos que já não existem mais [Babilônia, Macedônia, Roma e Cartago]. A terceira parte será sobre as batalhas em geral [simples introdução à quarta parte]. E a quarta parte será sobre as batalhas em especial [542].

Trata-se de uma obra composta muito provavelmente entre os anos de 1386 e 1389, datação estimada devido às inúmeras referências a fatos históricos (o Cisma, a adoção de Louis d'Anjou pela rainha de Nápoles, os conflitos naquela região, etc.), e por outro lado, a falta de referências à viagem empreendida por Bovet em 1390 na comitiva real à região do Languedoc e às crises de demência de Charles VI, iniciadas em 1392, por

---

[540] Os conflitos na região da Provença a que Honoré Bovet se refere se deram durante a disputa pela sucessão da região, após a morte de Jeanne I, rainha de Nápoles e condessa da Provença (1326-1382). Como Jeanne havia feito de Louis d'Anjou, filho do rei francês Jean II, le Bon, seu herdeiro por adoção, a coroa francesa se colocou no direito de assumir a província, mas isso não foi bem aceito pelos nobres da primeira casa de Anjou, que já estavam sediados ali. Essa disputa recebeu o nome de guerra da União de Aix, referência à capital, Aix-en-Provence (1382-1387).

[541] A Biblioteca Britânica descreve o diagrama da árvore da dor, como também é designada na obra, da seguinte forma: a árvore é encabeçada pela Fortuna e sua roda, em seguida, sobre os galhos, a figura dos dois papas, Clemente VII e Urbano VI com as faces rasuradas; na sequência, os reis da França, Charles VI, e da Inglaterra, Ricardo II; o rei de Jerusalém e de Nápoles, Louis d'Anjou; o duque da Borgonha, Philippe le Hardi; os reis de Castela e Leão, João I, e de Portugal, Fernando; o rei dos Romanos e o rei da Hungria e Polônia. Abaixo, já em solo, os respectivos cavaleiros e suas mesnadas batalhando entre si.

[542] « La premiere sera des tribulations de l'Eglise jadis passées devant l'advenement de Jhesucrist nostre Seigneur et apres la seconde partie sera de la destruction et des tribulations des quatre royaulmes qui jadis furent. La tierce partie sera des batailles en general. Et la quarte partie sera des batailles en especial ». Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles*. Publié par Ernest Nys. Londres & New-York: Trübner & Cº, Paris: Durand & Pedone-Lauriel, 1883, p. 3.

exemplo. Dedicada a Charles VI, como já inferimos, *A Árvore das batalhas* é repleta de empréstimos diretos e indiretos da *Epitoma rei militaris* de Vegécio (século IV), do *Chronicon pontificum et imperatorum*, de Martin de Troppau (século XIII), da *Historia ecclesiastica nova*, de Ptolomée de Lucques (início do século XIV), da obra do canonista bolonhês João de Legnano, *De Bello, de Represaliis et de Duello*, de 1360, bem como Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, citados nominalmente no texto de Bovet[543], o que era bastante comum na atividade de escrita do período em que a referência a autores consagrados conferia autoridade e visibilidade a um novo volume.

Aliás, de Agostinho e de Tomás de Aquino, Bovet tomou o conceito de guerra justa, ou seja, a guerra empreendida pela autoridade do príncipe, segundo uma causa justa tendo em vista o bem comum, sem ser dirigida pela vingança, nem pela crueldade. E adaptando-o ao contexto dos conflitos da Guerra dos Cem Anos, que haviam assolado o reino da flor de lis, Bovet o faz tanto para incitar as ações que esperava do rei frente aos inimigos ingleses, como também para moldar os comportamentos dos cavaleiros e dos homens de armas, afirmando que a batalha enquanto desavença que visasse ao acordo e à razão vinha do direito divino de se retornar à paz, e comparando-a à medicina, levar a cura à cristandade. No entanto, os males por ela empreendidos são condenáveis e "se durante a batalha são feitos muitos males, não é pela natureza da batalha, mas pelo mau uso dela"[544].

Não se pode, no entanto, afirmar que Bovet condenava a violência guerreira de modo geral, pois naquele contexto, não havia considerações contrárias aos atos de violência, tal como se pensa em nossos dias, mas sim contra seus excessos. Assim Bovet condena a guerra particular e seus duelos, conflitos que seriam motivados por causas pessoais, sem levar em conta o bem comum, ainda que fossem empreendidos por nobres; e tantas outras batalhas que não respeitassem o conceito de guerra justa em que ele se fundamentava[545].

---

[543] Ver MONTEIRO, J. G. *Entre romanos, cruzados e ordens militares*. Ensaios de História militar Antiga e Medieval. Coimbra: Salamandra, 2010, p. 88, e DUVAL, F. *Lectures françaises de la fin du Moyen Âge* : petite anthologie commentée de succès littéraires. Genebra : Droz, 2007, p. 260.

[544] Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles*, 1883, p. 83-84.

[545] Sem dúvida, apesar de os juristas da época de Honoré Bovet se prevalecerem das reformulações da São Tomás de Aquino sobre a guerra justa, é preciso relembrar que a legislação conciliar da Paz de Deus e em seguida da Trégua de Deus, defendida a partir dos concílios episcopais desde o século X, era com frequência reiterada nos discursos moderados pela Igreja que afirmava com certa veemência que a guerra deveria poupar os inermes. Afinal, numa concepção tripartite da sociedade, os *bellatores* deveriam defender os *laboratores* (LAURANSON, C. Paix de Dieu. In: GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*…, 2002, p. 1035-1037).

> Responder injúria com injúria é do domínio do possível, até mesmo do necessário, mas acrescentar propósitos ou gestos que infrinjam as regras do combate é levar a discussão para um campo que lhe modifica o sentido e que se qualifica de "vilão", até mesmo de "desumano" [...]. Assim se esboça a ideia de que pode haver uma violência lícita quando ela respeita as leis mais ou menos tácitas que obrigam um combatente claramente anunciado entre as partes adversas"[546].

Era, portanto, também lícita a *guerra mortal* (a guerra de fogo e sangue) que, segundo o comportamento dos combatentes, entenda-se, nada mais era do que o conflito compreendido dentro do conceito de guerra justa em que atos de violência eram permitidos. A este conceito de guerra opunha-se o de *guerra guerreável* ou *leal* que tratava de conflitos em que eram respeitados os preceitos da justiça de armas, isto é, não haveria entre os combatentes nem má intenção e nem perversa atitude[547]. Dessa forma, é possível compreender como Bovet explica, segundo seu entendimento de guerra justa, os conflitos entre reinos cristãos: as gentes de armas seriam nada mais do que o flagelo de Deus para punir os pecadores, e se as guerras atingiam os bons e os justos, isso seria creditado para sua glória quando recebidos nos céus. Além disso, seria um indício de uma guerra *injusta* aquela motivada pela cobiça dos grandes senhores em ter grandes domínios e ocupar cidades, reinos e senhorios pertencentes a outrem, o que daria o direito reconhecido ao lesado de empreender guerra e recuperar o que lhe pertencera[548].

Sendo conhecido o contexto um tanto conturbado desse início de reinado de Charles VI face aos tios, apesar do relativo apaziguamento dos conflitos com a Inglaterra, qual seria o objetivo de um futuro conselheiro do rei em realizar um tratado de casuística jurídica de guerra, visto que assim podemos designar o trabalho de Bovet, ao levar em conta que do total de 171 capítulos da obra, 132 compõem a quarta parte que trata do assunto especificamente?

Como hipótese a essa indagação, lançamos a ideia de que *A Árvore das batalhas* se insere em um mesmo contexto de produção escrita do qual participaram outros intelectuais ligados à corte francesa de Charles V e de seu filho Charles VI. Engajados também com o registro dos acontecimentos, estavam Philippe de Mézières e Christine de Pizan que, além das referências a Vegécio e das cópias entre si, compartilhavam com

---

[546] GAUVARD, C. Violência. In LE GOFF, J. e SCHMITT, J.-C., *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2 v., 2006, p. 607.
[547] CONTAMINE, P. L'idée de guerre à la fin du Moyen Âge ; aspects juridiques et éthiques. In : *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 123e an., nº 1, 1979, p. 84 ; e _____. *La guerre au Moyen Âge*. Paris : PUF, 1980, p. 458.
[548] Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles...*, 1883, p. 150-151; 113.

Bovet um ideal cavaleiresco que ora mantinha preceitos bem tradicionais, como o debate sobre as virtudes de um bom cavaleiro, ora lançava noções um tanto originais para a época, como a discussão sobre o respeito aos direitos civis por parte de cavaleiros e senhores, bem como o serviço à coroa francesa. Além disso, concordamos com a análise do medievalista Francisco García Fitz que afirma:

> Como se entendia que as batalhas podiam chegar a ser tão determinantes para o curso da história, todo aquele que pretendesse transmitir aos poderosos, aos que tinham nas suas mãos a tomada de decisões, os ensinamentos preciosos para o governo das terras e dos homens, tinha que deter-se a refletir sobre a guerra em geral [...]. A literatura didática, desenvolvida por tratadistas que aspiravam a educar os príncipes ou os nobres, não podia deixar passar a ocasião de aconselhar os seus possíveis discípulos sobre aqueles fatos[549].

Veremos, portanto, a partir deste ponto, como Honoré Bovet buscou aconselhar o rei Charles VI, de quem viria o "remédio para os males da cristandade", sobre o que seria um bom cavaleiro, isto é, o que seria um bom militar então a serviço do rei e do reino franceses[550], e não apenas um assoldadado defendendo seu senhor a quem devia fidelidade vassálica. Não intentamos com isso afirmar que as relações pessoais já haviam caído em desuso no contexto cavaleiresco no final do século XIV na França, ao contrário, era agora a figura do próprio rei que passava a ser mais próxima dos capitães e consequentemente de suas mesnadas enquanto alvo de proteção contra os outros que, a tal ponto da Guerra dos Cem Anos, eram os inimigos da coroa francesa, representados em geral pelos ingleses. Obviamente, isso não quer dizer que o rei em pessoa estivesse próximo de seus combatentes, mas que ao delegar poder a um corpo militar bem organizado, seus capitães o representavam, estendendo a relação de fidelidade até os soldados de categorias mais simples.

Lembremo-nos das palavras que Cuvelier colocou nos lábios de Du Guesclin, logo após sua eleição ao posto de condestável. Em sua conversa com o rei para obter recursos

---

[549] GARCÍA FITZ, apud MONTEIRO, J. G. *Vegécio, Compêndio da Arte Militar*, Coimbra: Annablume, 2011.

[550] Ambos medievalistas, Bernard Guenée concorda com Philippe Contamine, na resenha que faz de sua obra *Guerre, État et Société à la fin du Moyen Âge* de 1972, que no início da Guerra dos Cem Anos, o soberano francês Philippe VI não dispunha de uma força militar organizada nem fixa, devendo assoldadar aqueles que respondiam a seu apelo, ou seja, indivíduos oriundos da sociedade civil e não militar. Trinta anos depois, constatando que tal estratégia não dera bons resultados, Charles V, por sua vez, intentou manter unidades permanentes, no entanto a força da nobreza não permitiu que os homens de armas fossem recrutados segundo suas habilidades, exceto em casos bem pontuais, sendo mantido um efetivo mais ligado às linhagens, o que evidentemente não era garantia de sucesso nos empreendimentos de guerra (GUENÉE, B. Philippe Contamine, Guerre, État et Société à la fin du Moyen Âge. Compte rendu. In : *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 29e année, nº 6, 1974, p. 1533). Ainda assim, o que se vê é o rei e as instâncias próximas a ele arregimentando os combatentes.

para o combate aos ingleses que estavam na região da Normandia, o condestável pede dinheiro a seu senhor. A isso, o rei concorda em verter a paga de 1500 homens por dois meses, mas era pouco, aos olhos do trovador, então, Bertrand é colocado como um excelente intermediário entre o rei e os combatentes:

> "Gentil rei, disse Bertrand, com toda consciência!
> Não há dinheiro para um só feito de potência;
> Com a paga de mil e quinhentos homens de vossa incumbência
> Combater não posso vinte mil ingleses com potência.
> Rompei vossos sofres em que há tanta abundância:
> Príncipes avarentos não conquistam proeminência".
> Senhor rei, disse Bertrand, vos digo sem ilusionar,
> Não servirá bem quem boa paga não lograr".
> "Bertrand, disse o rei, vós ireis enfrentar
> Nossos cruéis inimigos e escondido andar
> Sem combater em campo aberto, nem os desafiar,
> Até que logreis muitos nobres cavaleiros juntar".
> Disse Bertrand: "Quero o justo Deus encontrar,
> Se não os puder pelos caminhos achar."
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 19004-19017)[551]

No entanto, o rei não cede mais do que a quantia primeiramente acordada, assim, é o próprio condestável que "emprestaria ao rei de suas riquezas" para o pagamento dos outros mil e quinhentos homens que havia reunido. É interessante como podemos encontrar a mesma ideia em Honoré Bovet, quando este trata dos direitos dos soldados que partem para a batalha de um senhor sem receberem remuneração antecipadamente: "pois dizem as leis que nenhum homem é obrigado a servir a outro em guerra com suas próprias economias"[552]

A organização dos capítulos da terceira e da quarta partes do livro de Bovet, com oito e cento e trinta e dois capítulos respectivamente, obedece ao que se conhece dentro da tradição universitária da escolástica como procedimento da "*questio*": a questão que

---

[551] « Gentilz rois, dist Bertran, par le mien essiant!
Ne voy cy pas argent pour faire un fait vaillant ;
De mille et .V. cens honmes que vous m'alés paiant
Combatre ne peut on .XXm. Englois vaillant.
Alés rompre ces coffres ou il a argent tant :
Escars princes n'yra ja honneur conquerant ».
« Sire rois, dist Bertrand, je vous di sans cuidier,
Ja bien ne servira qui n'ara bon louier.
- Bertran, se dist li roys, vous yrés hardier
Nos anemis felon et de pres costier
Sans combatre en plain champ et sans eulx deffier,
Tant qu'asemblé arés maint noble chevalier ».
Et dist Bertran : « Je veu a Dieu le droiturier,
Ce je les puis trouver en voie n'en sentier. »

[552] « Carl es droits dient que nul homme n'est tenu de servir aultrui en guerre à ses propres despens », Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles...*, 1883, p. 118-119.

serve de título e tema ao capítulo e que introduz duas respostas, uma "*pro*" e outra "*contra*" antes que o autor proponha a sua própria "*solutio*"[553], com direito a expressar suas opiniões pessoais, nem sempre convencionais para a época[554]. E Bovet se serve igualmente do discurso direto, dando a sua própria voz a escudeiros, cavaleiros, barões, clérigos, ao papa e ao próprio rei a fim de exemplificar com mais propriedade o que ocorria durante os conflitos. A terceira parte encerra o que podemos chamar de breve introdução à quarta parte, pois trata de conceitos mais gerais sobre o tema que ganhará muito em riqueza de exemplos ao longo dos capítulos posteriores na quarta parta.

Bovet não faz uma apologia a qualquer guerra, nem a qualquer batalha, ele defende em primeiro lugar a batalha que seja justa nas suas motivações e em seus procedimentos práticos, condenando atos de violência cometidos por senhores e cavaleiros. Bovet explica, ilustrando com exemplos históricos, que mesmo aquele que teve razão, estando em seu direito de batalhar, já havia perdido um conflito; prossegue afirmando que não se deve tentar a Deus buscando provar seus direitos e finalmente Bovet infere que tais batalhas demandariam o serviço de juízes a discutir em vão as questões levantadas pelos oponentes. Vemos que ao se referir a conflitos pessoais (batalhas e duelos em campo fechado) Bovet estende seus conselhos ao reino quando num mesmo capítulo vai de uma ilustração pontual entre dois oponentes aos conflitos gerenciados pelo papa e pelo rei da França[555], ao que o tratadista acrescenta que jamais se deve ferir o "direito dos costumes da realeza".

No entanto, Bovet aquiesce que o conflito é da natureza humana e que nem todos os homens apresentam a mesma constituição, sendo eles assim de "naturezas contrárias" logicamente se disputariam entre si. Mas, Bovet acrescenta sempre uma oposição,

---

[553] DUVAL, F. *Lectures françaises...,* 2007, p. 260.

[554] Tratando-se de opiniões pouco convencionais, vemos que, por exemplo, Bovet lança a pergunta se se deve ordenar batalha contra os judeus (IV, cap. 63): sim, desde que apoiada nas Escrituras, embora antes todos devam saber que Deus espera pela conversão dos judeus e que eles fazem lembrar da paixão de Cristo e ainda que se os judeus não fazem bem aos cristãos, estes por sua vez, também não fazem bem àqueles. Em outro capítulo (IV, cap. 88), Bovet se refere à prática corrente na época de ingleses que mantinham seus filhos na Universidade de Paris e que vinham visitá-los, a questão posta é se se pode fazer desses ingleses prisioneiros de guerra, diz ele que não, contrariando a opinião dos cavaleiros, pois a razão seria que não há "amor maior no mundo do que o de um pai pelo filho", o que justificaria a presença desses ingleses na cidade. Em outra ocasião (IV, cap. 2), Bovet se questiona sobre a legitimidade de se guerrear contra os sarracenos: "Se para receber o santo batismo nós não podemos lhes fazer guerra, por que poderíamos fazê-lo para tomar os bens que possuem? " (Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles...*, 1883, p. 86).

[555] A referência que Bovet evoca seria um "longo debate" entre o papa Urbano V e o rei francês Jean II, le Bon sobre um duelo em campo fechado entre um cavaleiro francês e outro inglês supostamente ocorrido na região de Avignon: o pontífice teria proibido ao público de acompanhar a luta e ao rei coube, portanto, prevenir que a batalha não fosse adiante para que não houvesse prejuízo dos costumes reais.

chamando aquele que o lê a ter bom senso e não ceder aos apelos da carne, inclinada à violência e ao pecado:

> Mas não digo que a Deus não seja possível promover a paz em qualquer lugar desde que os homens sejam bons e sábios, assim não lhes seria impossível viver em paz, pois todos dizemos que o homem sábio será senhor das estrelas [...]. Pois se por seu entendimento e inclinação carnal ou dos planetas ele [o homem] é tentado a fazer guerra, no entanto pela virtude da sabedoria ele venceria a inclinação da carne[556].

E avançando um pouco mais nas virtudes cardeais excelentes aos bons combatentes, Bovet discorre sobre a mais importante delas na sua opinião, a força (*fortitudo*), enfatizando a diferença entre força física e força da alma. O escritor afirma que a força física é fundamental para se empreender batalha, mas ela não serviria a nada se não a comandasse a força da alma que Bovet entende como inteligência estratégica para a batalha e temor aos ensinamentos das Escrituras. A essa primeira virtude, são acrescentadas mais três: justiça, temperança e sabedoria, todas elas próprias a manter o combatente perseverante nas batalhas e afeito a saber esperar, o que, segundo a referência que Bovet faz a Aristóteles, seria mais difícil do que atacar.

Muito embora a maior parte dos preceitos de Aristóteles seja observada e acatada pelo monge tratadista, não é sempre que há consenso entre suas ideias: no sétimo capítulo da terceira parte, Bovet se pergunta se seria lícito um cavaleiro escolher antes morrer que fugir diante de uma batalha difícil. Segundo Aristóteles, fugir seria covardia e uma grande vergonha, no entanto, Bovet afirma que se a morte daquele cavaleiro não produzisse um efeito positivo para seu regimento, ele bem poderia escolher evadir-se do campo de batalha, pois "é claro que viver é coisa muito mais agradável e prazerosa do que morrer, por isso é melhor fugir do que a morte esperar"[557]. E seguindo esse mesmo raciocínio, Bovet defende sempre a vida (a terrena ou a celeste) dos cavaleiros e dos civis, assegurando, por exemplo, que é lícita a não obediência ao senhor a quem se deve fidelidade se este engaja o vassalo a cometer um pecado (assassinar alguém sob o comando de seu senhor; acompanhar um sarraceno obedecendo um salvo conduto de seu senhor; matar uma dama antes de seu servo; etc.), já que às Escrituras deve-se obedecer em primeiro lugar.

Cuvelier também parece defender o direito à vida, quando após a batalha de Nájera, por exemplo, Pedro, o Cruel tenta negociar os prisioneiros com o Príncipe de

---

[556] Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles...*, 1883, p. 74-75.
[557] Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles...*, 1883, p. 80.

Gales para em seguida matá-los. O trovador coloca nos lábios do Bègues de Villaine, então prisioneiro do Príncipe a seguinte frase: "melhor vale a prisão do que a morte, pois o homem que é morto não se vê mais" (v. 13175-13176). É possível dizer que se trata de uma crítica ainda rápida à guerra mortal e injusta que não poupava seus prisioneiros. Triste realidade, portanto, viria a ser o desfecho de Azincourt anos mais tarde.

Em alguns trechos de seu livro, Bovet se refere a "novas leis" e quando o faz discute geralmente a questão da hierarquia (obediência e desobediência), um exemplo disso é o capítulo 63 da quarta parte em que o monge dá direito ao servo de se defender e de se vingar de um cavaleiro, seu senhor, que intentara assassiná-lo por desobediência. Primeiramente porque, segundo essas "novas leis", um senhor não teria mais o direito de matar nenhum servo; e depois haveria muito menos direito desse senhor matar o servo se este se negasse a obedecer alegando ser pecado a ordem recebida.

O que observamos até o momento é que além das quatro virtudes cardeais de que deveria dar mostras o cavaleiro, ele deveria observar com cuidado as Escrituras e as recentes discussões sobre os direitos civis. Aliás, sobre isso, o escritor diz haver "grande debate e duras discussões" que se estendem, ao menos na *Árvore das batalhas*, ao assassinato, à cobrança financeira, ao impedimento da circulação de homens idosos, mulheres e crianças, bem como de clérigos e peregrinos; a essas questões Bovet responde que os homens de armas não têm direito de intentar de tal maneira contra esses grupos de pessoas, nem contra suas propriedades[558]. São críticas severas contra a rotina das batalhas empreendidas naquele contexto, não eximindo nem mesmo o próprio rei, já que Bovet diz que este seria um "bom remédio" da parte do soberano: impedir que tais práticas ocorressem e assim haveria paz e vitória sobre seus inimigos.

Bovet é ainda mais didático ao elencar as características de um bom cavaleiro ao rei Charles VI. No sexto capítulo da terceira parte, o tratadista indaga "Por quantas coisas é um cavaleiro muito valente" e explica que um cavaleiro se mostra valente para conquistar a glória, para não perder a honra, para não ser feito refém, por ser um hábito, por conhecer e usar muito suas armas, ter um bom cavalo e um sábio e bem afortunado capitão, mas acima de tudo por possuir a virtude da força. E como se já não fosse o bastante, Bovet reconhece que há cavaleiros valentes por serem levados pela ira e pela simples ignorância, pois nem mesmo saberiam o que é a virtude da força e cegamente seguiriam o exemplo de outros cavaleiros inconsequentes. O monge também não se

[558] Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles…*, 1883, p. 202; 208.

esquece de referir os casos em que cavaleiros se mostraram valentes pelo desejo pecaminoso de obter riquezas. Todos esses exemplos, portanto, o rei deveria evitar seguir. É interessante notar, porém, que em momento algum Bovet faz referência à linhagem daqueles que poderiam ser chamados de cavaleiros, assim como fez o letrado anterior, Philippe de Mézières, sinal de que, naquele contexto, a aptidão e a prática estariam mais uma vez corroborando com o modelo de militar recuperado de Vegécio. Os preceitos desse cortesão cristão do século IV julgavam ser mal o ingresso de outros povos no exército romano[559], primando-se por uma pureza ligada ao sangue, poderíamos dizer. Entretanto, o que se vê entre os intelectuais que se propõem a escrever sobre a guerra na corte francesa nesse final de século XIV, é a revalorização da disciplina militar e do conhecimento técnico para a batalha[560].

O décimo capítulo da quarta parte de *A Árvore das batalhas* apresenta os casos em que um cavaleiro deveria ser punido e como (perder a vida, a montaria ou os bens), assim, fazendo uma leitura às avessas, é possível ainda elencar algumas outras qualidades de um bom cavaleiro, como por exemplo, dizer a verdade, promover a paz, proteger a integridade física de seus companheiros de armas, lutar apenas quando sob o comando de seu capitão ou senhor, não temer a morte e ser generoso. Bovet arremata este capítulo, contudo, com a inserção de um senão: o cavaleiro seria poupado de quaisquer punições se fosse provado que ele tinha sido um bom e leal cavaleiro. O que nos leva a pensar que, nas leis evocadas por Bovet, as atenuantes de um bom comportamento eram desejadas, mas que poderiam não estar sendo observadas, acarretando talvez em punições que segundo o tratadista seriam injustas e danosas ao reino francês[561].

É bastante visível que, apesar do rigor com que trata o comportamento dos homens de armas, Bovet exalta a importância da existência desses indivíduos para que o rei pudesse "curar" a cristandade. A exemplo disso, o capítulo cinquenta da quarta parte, em

---

[559] MONTEIRO, J. G. *Entre romanos, cruzados e ordens militares*. Ensaios de História militar Antiga e Medieval. Coimbra: Salamandra, 2010, p. 80.

[560] Assim como vimos em Christine de Pizan, por exemplo, na parte que dedica à cavalaria em sua biografia real oficial de Charles V, *Le Livre des fais et de bonnes meurs du Roi Charles V,* realiza o que se pode chamar de um verdadeiro compêndio das práticas militares mais eficazes para a época, instruindo como realizar a tomada de um castelo, como golpear e com quais armas, como privar o inimigo de seus víveres, como aproveitar a oportunidade de uma batalha que se mostra fácil, enfim, adaptando o conhecimento sobre os embates vindo de tratadistas anteriores, Pizan atualiza e confirma que os laços sanguíneos não eram garantia das vitórias de que tanto necessitava a França ante as investidas inglesas.

[561] Tudo isso remete a uma ideologia cavaleiresca da Baixa Idade Média que, além do que já foi apontado neste trabalho, também recorreu a procedimentos narrativos objetivando difundir no seio de uma sociedade aristocrática e laica o perfil do cavaleiro ideal, a serviço da coroa francesa e não apenas do Cristo, obedecendo doravante ao comando das hostes do reino e não ao de um senhor feudal.

que Bovet examina a necessidade de haver batalha em dias santos, e ele o faz estando consciente de que há decretos afirmando que não se deve batalhar em dias de festa e nem em feriados. Mas prossegue com sua argumentação dizendo poder provar que seria permitido batalhar em tais dias, pois em caso de necessidade, segundo o Antigo Testamento, seria sempre lícito empreender batalha, e no Novo Testamento, o próprio Jesus invalidaria a guarda dos dias santos, visto que curava em dia de sábado. Bovet ainda diz que se o rei da Inglaterra atacasse o rei francês, como não contra-atacar para defender sua honra e sua posição?

> Pois se eles [os cavaleiros] observam ser vantagem e bom cavalgar, assaltar castelos, pilhar e roubar tanto no dia de Páscoa quanto durante a Quaresma, que o façam para a utilidade pública, pois seriam desculpados por todo o mundo do pecado segundo uma opinião, e Deus sabe bem como hoje preocupamo-nos com a utilidade pública[562].

Considerado por Honoré Bovet como um argumento favorável à guerra lícita, o conceito de "utilidade pública" ou "bem comum", a que o intelectual se refere na citação acima, pode ser compreendido entre as causas justas da guerra permitida pelo movimento conciliar da Paz de Deus. Nesse contexto, a "utilidade pública" poderia ser assegurada tão somente pelo rei, seu soberano senhor e garantia, em oposição aos usos particulares e violentos da guerra privada, por exemplo.

Assim como vimos em Philippe de Mézières, para Honoré Bovet o bem comum viria pelas mãos do próprio rei, em forma do remédio a ser ministrado à cristandade assolada pelo ódio, pelas dissensões e pelas guerras, tal como o anunciou no prólogo. Ademais Honoré Bovet diz que, ao discorrer sobre a situação em que se encontrava o reino, o jovem rei teria condições de cumprir todas as profecias sobre sua pessoa a partir de suas obras, pois assim como o imperador, ao rei era o dever de "guardar e defender o bem comum com mão forte, o braço estendido, a espada em punho, se for necessário, para corrigir os rebeldes e punir os maus"[563]. Poderíamos aqui concordar com Philippe Contamine e dizer, portanto, que o bem comum vinha sendo "utilizado pelos príncipes para legitimar suas empreitadas bélicas, não sendo mais que uma prefiguração da razão de Estado"?[564]. Talvez pudéssemos dizer que o próprio conceito de guerra justa estava se modificando à medida das transformações por que passava a sociedade tanto de corte, quanto militar e por consequência, a civil de modo geral. O inimigo não era mais o infiel

---

[562] Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles…*, 1883, p. 145.
[563] Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles…*, 1883, p. 247-248.
[564] CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris : PUF, 1980, p. 454-455.

apenas e a terra a ser reconquistada não era mais Jerusalém, o que denota o alargamento do conceito, adaptado aos novos rumos que tomavam os reinos da cristandade.

Podemos concluir que, ao tecer tal retrato da cavalaria francesa da Baixa Idade Média, Bovet também "expressava na realidade a emergência de uma reflexão sobre o direito internacional da guerra[565], [pois] a ética cavaleiresca continuou a ser o fermento da sistematização jurídica da guerra"[566]. Era, portanto, de grande valia informar e aconselhar o rei Charles VI sobre tais homens, aqueles que mereciam ser tratados com honra até mesmo pelos inimigos, como o escritor mesmo sustenta: "Diremos nós que quando um cavaleiro é tomado durante a batalha, que devem fazer a ele todas as honras do mundo, festejá-lo, mantê-lo em grande alegria e diversão por ter tão nobremente se comportado". E ainda, esses homens seriam os detentores da cavalaria, referida como uma dentre as qualidades morais a que se poderia almejar, desejo que mesmo o rei deveria cultivar[567].

---

[565] Além das referências aos pais ingleses em visita aos filhos, Bovet traz vários exemplos que envolvem estrangeiros, como castelhanos, alemães, italianos, escoceses e outros casos referindo embaixadores de territórios inimigos à França. Todas as questões são trabalhadas pelo tratadista a partir de exemplos concretos da guerra: salvo-conduto, prisões e resgates, apreensão de bens e valores, etc.

[566] CARDINI, F. Guerra e cruzada. In LE GOFF, J. e SCHMITT, J.-C., *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2 v., 2006, p. 486.

[567] *A Árvore das batalhas* se encerra com um capítulo dedicado às atitudes próprias a um virtuoso, sábio e discreto rei, o que inscreve o capítulo no gênero clássico dos "espelhos de príncipe". Em certa altura, Bovet aconselha o rei, enunciando o seguinte: "[...] ele deve ser muito discreto e comedido ao ceder aos delitos carnais, ou seja, que ele não mantenha seu corpo deliciosamente nutrido, pois assim ele não estaria apto à guerra para a qual dizemos que a cavalaria de hoje não apresenta mais a ousadia que apresentou no passado, pois segundo as leis antigas, os cavaleiros comiam vagens, toucinho e carnes pesadas. Eles dormiam em solo duro e vestiam armaduras a maior parte do tempo. Permaneciam fora da cidade e apreciavam o ar do campo retirando-se das bastidas e das fortalezas, preferindo voluntariamente os campos. Assim, não guardavam o costume de beber o melhor vinho, bebiam água pura e por isso tinham capacidade para suportar todo tipo de mal e grandes trabalhos" (Honoré Bovet, *L'Arbre des batailles...*, 1883, p. 154; 255).

4.4) O conceito de cavalaria na *Chanson* de Cuvelier, na *Histoire* do autor anônimo e no *Livre des fais* de Christine de Pizan.

Vimos que, em seu conjunto, os feitos de Du Guesclin durante as disputas relacionadas à Guerra dos Cem Anos foram exitosos, ao menos assim o renome que alcançou ainda em vida e a tradição historiográfica concernente à sua biografia o trouxeram até nós, historiadores da contemporaneidade. Entretanto, atribuir unicamento ao cavaleiro bretão os louros de uma recuperação do reino francês diante dos ingleses, seria cometer certa injustiça contra as linhas da história feita também por vários outros personagens que protagonizaram episódios fundamentais para que o reino de Charles VI regozijasse de certa paz frente a inimigos externos entre os anos de 1380 e 1407. Circunstância que logo viria a ser conturbada após o assassinato de Louis d'Orléans, quando se inicia a Guerra civil entre Armagnacs e Bourguignons, na qual, os ingleses se envolveriam indiretamente mais uma vez, o que acarretaria em novos confrontos e, diga-se, desastrosos para a França, como a batalha de Azincourt em 1415.

Seria, porém, nesse contexto de relativa paz, até os primeiros anos do século XV, que Bertrand Du Guesclin viria a ser louvado por Cuvelier, pelo autor anônimo da crônica em prosa e por Christine de Pizan como o exemplo a ser seguido pela cavalaria, entenda-se pelo corpo militar, encarregado da defesa do reino da França e do bem comum do reino. E se acreditamos que esses autores tinham em mente uma concepção própria do que era história, não foi sem cuidado que elegeram Du Guesclin como o exemplo a ser observado pelo seu público alvo, pois,

> A escrita da História entre o fim do século XIV e início do XV busca a verdade com diligência. Cavalga para conhecer pontos de vista diversos, manda trazer história de outras paragens, inclina-se à escuta de testemunhos autorizados e elabora procedimentos de fé. Ilustra, conceitua e rechaça a impessoalidade (saberia empregar a primeira pessoa do singular a partir do prólogo!). Sabe que se reporta ao passado, mas está ansiosa por futuros, deseja participar de sua escrita com as suas lições – não tanto conselhos, é preciso lembrar, mas exemplos práticos[568].

Exemplos práticos do que poderia agir um corpo militar mais eficiente foi talvez a maior contribuição de Du Guesclin para a concepção de um exército que viria a ser formado no século seguinte. Não fazemos tal afirmativa com o objetivo de traçar no condestável as origens de tal corporação, no entanto, não é possível que sua atuação,

[568] GUIMARÃES, M. L. As intenções da escrita da História no outono da Idade Média. In: BASSI, R., TEIXEIRA, I. S. *A escrita da história da Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 88.

muitas vezes descompassada com certos códigos vigentes em sua época, tenham passado sem deixar marcas. Prova disso, a fácil lembrança de seus feitos de armas, decorridos mais de vinte e cinco anos, que vinham à mente como quem fala de seus parentes mais próximos, como vimos que fez, por exemplo, Christine de Pizan.

Ao darmos ouvidos às palavras de nossos autores, buscamos observar com que conceitos de cavalaria eles trabalharam. Nem sempre esse exercício se mostrou de fácil resolução, principalmente na obra de Cuvelier, em que o termo *chevalerie* serve essencialmente para designar o conjunto de cavaleiros de uma companhia e mesmo quando, em um combate, esses homens lutavam a pé[569]; mas também para designar um valor em que Du Guesclin foi provado e considerado como o melhor. Há inúmeros momentos em que o termo cavalaria aparece no texto de Cuvelier e não apenas para elogiar o condestável, mas também seus inimigos, como o Captal de Buch, quando da batalha de Cocherel e John Chandos, logo após a batalha de Auray, o que denota ainda mais o grande valor de Du Guesclin, pois ao elogiar seus inimigos, Cuvelier estendia o mérito a seu herói por enfrentá-los.

Duas passagens da canção em versos em que encontramos o termo *chevalerie* ligado a *fleur* merecem destaque. O primeiro está no início da narrativa do cerco de Melun que antecedeu a batalha de Cocherel em uma conversa entre Du Guesclin e Tiphaine, sua primeira esposa, experimentada na astronomia:

> E foi dama gentil e de nobre família
> Que Bertrand tomou para sua honraria
> O futuro em todo tempo de sua vida lhe deveria,
> Pois ela havia sabido pela astronomia
> Que Bertrand se tornaria a flor da cavalaria
> [...]
> E lhe disse: "Senhor, vos suplico, sabei
> Que em meu conselho crede, ou loucura fareis".
> Ali lhe ensinou como na batalha perfeita
> Ele combateria à espada polida
> Dias felizes lhe predisse e afirmou,
> Dizendo: "Se fizerdes o que vos digo
> Vossa gente não será derrotada nem vós vencido".
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 3467-3480)[570]

---

[569] Por exemplo, os versos 4514, 8199 e 8462.

[570] « Et fu dame gentil et de noble lignie.
Et celle prinst Bertran pour la grand seignorie
Qu'avenir lui devoit touz les temps de sa vie,
Car elle avoit trouvé par droite astrenomie
Que Bertran passeroit fleur de chevalerie.
[…]
Et lui dist : « Monseigneur, savez que je vous prie

Ao predizer que Du Guesclin viria a se tornar a *fleur de chevalerie*, Tiphaine afirma que ele seria o melhor, a elite, ou ainda, o indivíduo mais notável daquele grupo[571], não seria apenas uma virtude a ser provada pelo cavaleiro, mas uma capacidade de empreender bem a batalha para dela sair vencedor. Cuvelier parece empregar essas palavras não mais ligadas à honra ou à linhagem, pois o que verdadeiramente se mostrava importante seriam os feitos com eficácia garantida em que a morte do herói pouco ou nada ajudaria o rei Charles V. Ser a flor da cavalaria para Du Guesclin provaria que ele era imprescindível na batalha contra os inimigos do reino da França, e isso não por ser um herói solitário, mas por liderar suas gentes nessas batalhas. O individualismo, muito recorrente nas canções de gesta anteriores a Cuvelier, como na *Chanson de Roland*, por exemplo, dá lugar a um grande capitão que saberia comandar com êxito suas tropas. Vindo de uma nobreza sem grande relevância, Du Guesclin poderia representar uma transformação por que passava a cavalaria, mas jamais uma decadência. Não sendo um representante da alta aristocracia, Du Guesclin poderia ser um novo modelo para a "aristocracia dominante, habitada por certa emulação, ávida de distinção [que] não pode escapar a certo individualismo"[572]. Essa mesma ideia é desenvolvida por Jean Flori:

> O senso de honra, resultante da noção de reputação extensiva ao conjunto da família e da linhagem, exige a publicação das proezas de guerra individuais. Ele exalta as virtudes de coragem, de audácia e até de temeridade, como mostra bem o comportamento excessivo de Rolando, que podemos dizer comportava-se de maneira desmedida. Ele recusa com horror tudo o que pode ser assimilado à covardia, defeito imperdoável nos cavaleiros prontos a tudo para que os jograis e arautos de armas não possam "cantar uma canção ruim" acerca deles ou de sua linhagem[573].

Du Guesclin também refutava a covardia com veemência[574], no entanto, ele próprio e seus homens, principalmente os *compagnons*, não podiam jamais reivindicar a

---

Que mon conseil croiés, ou vous ferés folie. »
La lui aprent conment en bataille adrecie
Il se conbateroit a l'espee furbie,
Et les jours eüreux lui dist et certifie,
Et dist : « Tant que ferés se que vous signiffie,
Vous ne serés vaincus ne vo gent desconfie ».

[571] Essas acepções podem ser conferidas nos verbete "fleur" e "chevalerie" do *Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500)*, através do site: http://www.atilf.fr/dmf/

[572] BARTHÉLEMY, D. *La chevalerie*. Paris : Perrin (Tempus), 2012, p. 434.

[573] FLORI, J. *A cavalaria* – origem dos nobres guerreiros da Idade Média. Trad.Eni T. dos Santos. São Paulo: Madras, 2005, p. 91.

[574] Por exemplo, nos versos 4699-4700, pouco antes da batalha de Cocherel, Du Guesclin diz a seus homens que se houvesse ali algum covarde que abandonasse o pelotão. Já nos 12373-12376, nos momentos que antecederam a batalha de Nájera, Bertrand Du Guesclin é desafiado pelo conde d'Aine, que o acusava de estar com medo de lutar, ao que o bretão responde:
"Amanhã lhes darei batalha e contente

honra ligada a uma linhagem da alta nobreza. Se na canção de Cuvelier, as companhias mereceram belos versos, foi em virtude de seus bons serviços prestados ao reino da França, como já assinalamos na primeira parte desta tese.

O segundo trecho em que a expressão flor da cavalaria aparece e que gostaríamos de destacar é a *laisse* em que Cuvelier ressalta a valentia do Captal de Buch, um cavaleiro impetuoso durante a batalha de Cocherel, segundo as palavras do poeta. Quase no final da narrativa do embate, quando o trovador retoma alguns fatos já narrados para continuar sua narração, ele inicia sua *laisse* da seguinte forma:

> Cheio de grande valentia foi o Captal e ardido;
> Se o reino da França tivesse amado
> Da cavalaria teria sido a flor e o cabo.
> Mas por amor dos ingleses morreu de sofrimento
> Dentro de uma prisão onde pouco teve alento.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 5320-5324)[575]

Além de Cuvelier adiantar os fatos para seu ouvinte-leitor, pois o Captal viria a perder a vida em uma prisão em Paris no ano de 1376, mais de dez anos após os acontecimentos de Cocherel, o trovador sugere que o capitão teria sido merecedor de ser designado como flor da cavalaria, mas tão somente se tivesse sido fiel ao reino francês. Nesse sentido, podemos entender que se a cavalaria fosse apenas uma virtude ligada à honra e à valentia, o Captal não a teria perdido, pois havia provado em campo de batalha seu valor. O que observamos, porém, segundo os versos de Cuvelier é a designação da fidelidade a um reino e o serviço a ele. E como, no caso do trovador da Picardia, havia um lado a ser defendido e cantado, o serviço a ser louvado seria aquele prestado ao rei Charles V e ao reino da flor de lis.

Na *Histoire* o autor anônimo manteve os dois momentos destacados acima da canção de Cuvelier, sendo bastante fiel ao texto em verso. O que pudemos observar, no entanto, é que o uso da palavra *chevalerie* é bem reduzido na prosa. O que isso poderia nos dizer? Pensamos que ao refletir sobre os versos que transpunha para prosa, o cronista pode ter entendido, assim como nós, que o uso do mesmo termo por Cuvelier designava o conjunto de cavaleiros de uma companhia, por isso as ocorrências de *chevalerie* em

---

Serei o primeiro bem à frente!
Ali poderão ver minha grande virtude,
E se sou então traidor ou covarde".

[575] « Hardiz fut le castal et plain de grant vaillance ;
S'il eüst bien amé le royaume de France
De la chevalerie feust la fleur et la branche.
Mais pour l'amour d'Englois moru de grant pesance
Dedens une prison ou pou ot de plaisance. »

Cuvelier são "traduzidas" pelo cronista como, *plusieurs chevaliers et escuyers, plusieurs soudoyers, plusieurs chevaliers hardiz et combatans, chevaliers et autre gens d'armes, plente de chevaliers*, etc.

Em um outro trecho, logo após a nomeação de Du Guesclin ao posto de condestável, tanto Cuvelier quanto o autor da crônica em prosa fazem menção ao debate que houve entre os ingleses que haviam cercado Paris sobre o mérito de Du Guesclin em ter recebido a *connétablie*. Os capitães ingleses teriam discutido se era legítima a nomeação do bretão, é nesse momento que Hugh Carveley interfere, pois havia lutado ao lado de Du Guesclin e, portanto, segundo sua opinião, não haveria outro que merecesse mais que o companheiro de armas. A estratégia de Cuvelier para que tais elogios chegassem a Du Guesclin foi fazê-lo encontrar um arauto inglês, interceptado por outro, aliado do bretão, que teria tudo ouvido. O detalhe mais relevante, no entanto, é a forma como o arauto do bando inimigo resume a conversa dos barões ingleses:

> Em vossa ascensão não deveis demorar
> Pois aos ingleses deveis vosso métier mostrar
> E batalha empreender, quero-vos rogar,
> Como o melhor e certo cavaleiro a lutar
> Que vos coloqueis a cavalo cavalgar,
> O mais venturoso que sabe guerrear,
> Combater vos querem, acabaram de acordar.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 19487-19493)[576]

No mesmo trecho em prosa é ainda mais clara a associação entre a *connétablie* e a prática guerreira de que dava provas Du Guesclin:

> E ainda contou a Bertrand como Hugh Carveley e Cressoul haviam partido chamar os ingleses em seus castelos e fortes par vir em seu socorro. Assim encontrariam Bertrand, a quem era o começar da batalha e que não devia recusar sua dita ascensão: mas lhes deveria mostrar de seu métier como o melhor cavaleiro que hoje pode montar sobre o cavalo e o mais venturoso para começar batalha[577].

---

[576] « A vostre avenement ne devés detrier
Qu'aux Englois ne vueillez monstrer de vos mestier
Et bataille livrer, on vous en veult prier,
Conme pour le meilleur et certain chevalier
Qui se merle au jour d'ui de cheval chevauchier,
Les plus aventureux qui saiche guerrier,
De combatre vous veultm conmunement prier ».

[577] « Et en oultre conta à Bertran, comme Hue de Carualay & Cressoualle estoient allez descoucher les Engloiz de leurs chasteaulx & fors pour venir à leurs secours. Si trouveroit Bertran, à qui commencier bataill, lequel il ne devoit refuser à sondit avenement : mais leur devoit monstrer de son mestier comme le milleur Chevalier, qui pour le jour peust monter sur cheval, & le plus aventureux pour commencier bataille », *Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin…*, 1618, p. 411.

O que podemos observar é que ser cavaleiro, e um cavaleiro valente, eficiente na batalha, havia dado a Bertrand Du Guesclin a legitimidade em ser condestável da França. A cavalaria de que se tornaria exemplo não poderia mais ser aquele ligada à linhagem e ao sangue, mas ao bom serviço militar prestado por ele ao reino.

> Du Guesclin, cavaleiro de "baixa origem" havia se tornado duque, pequeno chefe de bando promovido a condestável, ao final de uma magnífica trajetória, oferece um dos melhores exemplos desses êxitos sociais que as guerras do século XIV tornaram possível em vários países do Ocidente. As etapas de sua progressão se encontram concretizadas nos números, sempre crescentes, das diferentes remições que teve que pagar sucessivamente [...]. O mesmo ocorre em seus dois casamentos: por volta de 1363, casa-se com Tiphaine Raguenel, de modesta nobreza bretã; ficando viúvo, casa-se novamente, em 1373, com Jeanne de Laval, que pertencia a uma das maiores famílias do ducado.[578]

O levantamento lexical que Jean Flori realizou, estudando as canções de gesta do século XII[579], levou-o a concluir que as epopeias analisadas apresentavam os vocábulos *chevalerie* e *chevalier* evocando conceitos não tão carregados de valores sociais, morais ou espirituais quanto poderíamos pensar. A noção de cavalaria que essas obras difundiam estava, segundo o historiador, muito mais atrelada às atividades do soldado do que do homem de corte. O cavaleiro, portanto, estaria ligado pelo seu serviço de armas a um senhor, a quem deveria fidelidade pela condição de vassalo. Estando longe de compreender um grupo homogêneo, já que cavaleiros poderiam ser príncipes e também vilões, esses grupos teriam desenvolvido sua própria hierarquia, podendo ser chamados de corporações. Ainda segundo Flori, o que ocorreu foi, na verdade, uma transformação no uso da palavra ao longo dos séculos seguintes por parte dos autores, e que denotava como o vocábulo também era apropriado por nuances morais, éticas e religiosas, daí a grande modificação de sentido que a palavra *chevalerie* sofreria. O historiador lembra que a obra de Chrétien de Troyes, por exemplo, demonstraria bem essa mesma progressão de sentido visto na gesta, pois em seus romances: primeiramente a cavalaria seria militar

---

[578] « Du Guesclin, chevalier de « basse venue » devenu duc, petit chef de bande promu connétable de France, au terme d'une magnifique trajectoire, offre l'un des meilleurs exemples de ces réussites sociales que les guerres du XIVe siècle rendirent possibles dans plusieurs pays d'Occident. Les étapes de sa progression se trouvent concrétisées dans les chiffres, toujours croissants, des différentes rançons qu'il dut successivement verser […]. Il en va de même pour ses deux mariages : vers 1363, il épousa Tiphaine Raguenel, de modeste noblesse bretonne ; devenu veuf, il se remaria, en 1373, à Jeanne de Laval, qui appartenait à l'une des plus grandes familles du duché », CONTAMINE, P. Bertrand Du Guesclin, une gloire usurpée ? In : _____. (org.). *Les chevaliers*. Paris : Tallandier, 2006, p. 81.

[579] Ver FLORI, J. La notion de chevalerie dans les chansons de geste du XIIe siècle. Étude historique du vocabulaire. *Le Moyen Âge*, 81/2, 1975, p. 211-244/407-444.

e feudal, como na obra *Erec*; depois se mostraria em ideal cortês, *Lancelot*; ética e social, *Yvain*, e finalmente cristã, *Perceval*.

A partir dessas reflexões, entendemos por que razões as referências a tais personagens são recorrentes no poema de Cuvelier. Ao comparar seu herói a seus "antepassados literários", o trovador insere Du Guesclin nessa linha progressiva, colocando-o como o modelo da cavalaria que aquele contexto social apresentava: uma corporação militar bem hierarquizada a serviço de um senhor, no caso, o rei Charles V, corporação de que se esperava muito mais em termos de vitórias coletivas, do que feitos individuais.

Se na canção de Cuvelier e na crônica em prosa a tradição da cavalaria segundo seus heróis mais conhecidos é abundante, no *Livre des fais* de Christine de Pizan, tais referências literárias desaparecem. Para a mulher de saber, na época de Charles V, a cavalaria não era mais caracterizada "por decisões sem reflexão, por ações extravagantes e por ataques desorganizados e apressados [...], trata-se de uma cavalaria intelectual fundada sobre o bom conselho, a reflexão e a ordem, em resumo, sobre a sabedoria prudente em pensamento, em palavra e em feitos"[580], conforme a exposição de Christine nos leva a concluir. A demonstração moral que a autora visa a realizar para seu comitente é permeada pelo "desejo de lembrar os momentos importantes da vida de um rei que ela realmente conheceu"[581]. Por isso, ao estabelecer as partes de seu livro, ainda que Christine intente apontar a cavalaria como virtude moral de que fez prova Charles V, os acontecimentos de que se serve para exemplificar sua narrativa nos levam a perceber que a letrada também considerava a cavalaria como grupo ou corporação militar que remetem aos exércitos regulares que seriam formados no decorrer do século XV. A cavalaria na biografia do rei será evocada essencialmente com relação à "guerra, técnicas e competências militares e feitos guerreiros"[582].

Como já apontamos previamente, no *Livre des fais*, Bertrand Du Guesclin passa a ter lugar a partir da segunda parte da obra, justamente a que trata da cavalaria e quando da narrativa, ainda que breve, da batalha de Cocherel.

---

[580] DUDASH, S. Prudence et chevalerie dans le Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V, *Cahiers de Recherches médiévales et humanistes*, nº 16, 2008, p. 226.
[581] BLANCHARD, J. Introduction. In: Christine de Pizan. *Livre des faits et bonnes mœurs du sage roi Charles V*. Paris : Pocket, 2013, p. 20.
[582] BLANCHARD, J. Introduction. In: Christine de Pizan. *Livre des faits ...,* 2013, p. 36.

Ao dar início às considerações sobre o que era a cavalaria, como ela era estabelecida e a que poderia ser comparada[583], Christine arremata esse pequeno capítulo de introdução à matéria com a necessidade, sentida pelo rei, de eleger entre seus homens aquele que pudesse encabeçar esse grupo de soldados responsáveis pela defesa de sua pessoa, do povo, do clero, das mulheres, dos trabalhadores e de seu reino, aquele que o pouparia de ir em pessoa às batalhas. Seria ele chamado o "príncipe da cavalaria", o que entendemos como o condestável das hostes régias. Daí a importância em incluir uma breve memória de Du Guesclin na biografia do rei. Para Christine, o condestável representaria o próprio monarca em campo de batalha.

Como o rei era o primeiro defensor da ordem pública, com as leis, e do bem comum, com a cavalaria, seriam esses dois eixos os mais importantes na condução de seu governo. Acreditamos que Christine atribuísse, dessa forma, a responsabilidade do cumprimento das leis à cavalaria que, na prática, deveria resguardar a todos os grupos da sociedade no intuito de manter o bem comum. Aliás, o conceito de bem comum que vimos em Philippe de Mézières se aplica da mesma forma na obra de Christine.

Christine continua e discute o conceito de cavaleiro, designando aquele que cavalga sobre cavalos, tão difundido desde "as antigas histórias" alargando-o para aquele que deveria combater os inimigos do bem comum. Disso podemos dizer que o mais relevante na atuação da cavalaria não era mais, na opinião da letrada, se seus componentes estavam a cavalo ou a pé, mas que enfrentasse os inimigos do bom governo do rei.

A apresentação anunciada pela autora dá a entender que a cavalaria fora criada pela necessidade daqueles que, desde o início dos tempos, se propuseram a lutar contra o mal, segundo ela, foram sempre os mais importantes homens, dando provas de suas virtudes e de seu saber, que criaram a ordem de cavalaria. Contudo, desenvolvendo um pouco mais seu raciocínio para situá-lo em sua contemporaneidade, Christine assenta a cavalaria em uma sociedade já mais estratificada do que aquela dos primeiros escritos sobre a organização tripartida[584], mas que ainda guardava seus princípios centrais. Nessa explanação, a cavalaria ocuparia, sem dúvida, um lugar de destaque na condução de um bom governo, como o de Charles V tinha sido o exemplo.

---

[583] Christine de Pizan. *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*. 1836, t. II, p. 4.

[584] Ver, por exemplo, o texto de Adalbéron de Laon, em que o clérigo apresenta uma representação idealizada da sociedade em sua época, século XI, "a casa de Deus, que acreditam uma, está pois dividida em três: uns oram, outros combatem, outros, enfim, trabalham" (PEDRERO-SÁNCHEZ, M. G. *História da Idade Média:* textos e testemunhas..., 2000, p. 91).

Além de afirmar que o rei havia demonstrado em vida todas as quatro virtudes fundamentais a um bom cavaleiro, sendo elas boa fortuna, inteligência, diligência e energia[585], Christine diz que o rei era sensível à situação do reino naqueles anos de 1370. Foi então que, seguindo o bom conselho de seus conselheiros, elegeu Bertrand Du Guesclin ao posto de condestável. O rei sábio saberia bem escolher um cavaleiro semelhante a si para ser seu representante em campo de combate. Ainda mais quando este cavaleiro voltava de Castela tendo bem cumprido suas missões: levar para fora do reino as companhias e obter para o rei Charles o apoio de Henrique Trastâmara, recém coroado, contra os ingleses. Assim como Cuvelier, o autor anônimo da crônica em prosa e outros cronistas contemporâneos seus, Christine ajudou a perpetuar a ideia de que Pedro I teve a cabeça cortada por bem merecer esse destino, já que havia sido um "mau e perverso cristão". São esses momentos de sua escrita em que podemos ver sua intenção à eficácia moral antes da histórica[586].

Conforme as palavras de Christine, Charles V sabia que homens simples do povo não poderiam estar à frente da batalha contra os inimigos experimentados na guerra, por mais essa razão teria escolhido Du Guesclin ao posto de condestável, por ter experiência no combate. Nesse ponto de sua explanação a mulher de saber elenca várias qualidades que tal chefe deveria apresentar, segundo suas leituras do livro de Egídio Romano, *De Regimine Principum*, citado no texto, muito embora os princípios constantes na obra de Vegécio também sejam citados pela autora.

De qualquer modo, ao se referir ao espelho de príncipes concebido no século XIII para a instrução de Philippe le Bel (1285-1314), Christine insere sua própria obra no ensejo de servir à instrução de um príncipe, no caso, o delfim da França, Louis de Guyenne, neto de Charles V, a pedido de Philippe II, le Hardi, duque de Bourgogne, como já dissemos anteriormente. E se a dinastia capetíngia havia sido exemplo nesse gênero de obra, a dos Valois também construiria uma tradição em favorecer a composição de obras originais e de tradução que também auxiliaram o fortalecimento do poder régio.

> É importante ressaltar a relação dos tratados doutrinais com a corte capetíngia, uma vez que o fato dessa tradição de elaborar Espelhos de Príncipe para os reis capetos, comprovam a conformidade e aproximação desses tratados com o contexto histórico. Assim, mesmo que esses tratados

[585] As quatro virtudes estão assim designadas na edição de 2013 de Joël Blanchard, no entanto, para nós, traduzir assim o vocábulo *force*, presente na transcrição da edição de 1836, acarreta uma perda referencial com relação às quatro virtudes cardinais de Raymon Lull: justiça, prudência, *fortaleza* e temperança.

[586] LASSABATÈRE, T. La fonction de connétable et le commandement militaire dans le Livre des faits d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan. In : DEMARTINI et al. (org.). *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*. Paris : Honoré Champion, 2016, p. 79

> ainda possuam características ligadas a idealização, remanescente da tradição carolíngia, estes possuem também o início de um diálogo mais condizente com a realidade histórica do momento de produção, sendo que seus ensinamentos tornam-se mais específicos e adequados a realidade política da época – no caso da Franca, o fortalecimento do poder e autoridade real[587].

Da estrutura da obra ao tema desenvolvido, nota-se que a obra de Egídio Romano orientou Christine em detalhes, no entanto, se para o teólogo o princípio bem comum estaria ligado ao respeito a Deus e à salvação eterna[588], a letrada, por sua vez, coloca a base do bem comum sobre o bom andamento do governo do príncipe e a manutenção da ordem pública, estabelecendo uma noção um tanto mais prática e concreta desse princípio.

> Mensuramos paralelamente a evolução do conceito de cavalaria. Se há cavalaria, ela deve estar a serviço do poder régio, do interesse geral e da coisa pública, adotando além disso um corpus preciso de normas de comportamento relativo à disciplina no exército do rei.
> Por sua promoção de um direito de guerra, Christine de Pizan prega um certo modelo de combatente e uma modernização do exército. Atravessando o filtro dos valores cavaleirescos, é o homem de armas profissional e pago, fiel ao príncipe e especialista da guerra que transparece[589].

Voltemos então às características de que Du Guesclin fez prova para merecer a ascensão à *connétablie*, recompensa pela fidelidade ao rei e eficiência guerreira. Além de virtudes cavaleirescas como dito acima, sabedoria, coragem e proeza, Christine se atém àquelas voltadas diretamente ao conhecimento prático da guerra: habilidade com as armas de combate e experiência no ofício da cavalaria e em toda operação de guerra e de combate. Além desses requisitos, Du Guesclin saberia muito bem escolher seus homens, somente os melhores, o que lhe daria condições de formar um corpo bem preparado à defesa do rei e do reino, "como uma corrente forte em seus vários anéis". A partir desse ponto, a letrada passa ao que já apontamos como um compêndio de arte militar, em que discorre sobre poliorcética; técnicas de confronto homem a homem; táticas de ataque e

---

[587] SANTANA, E. V. *Ca insegna quali virtù ei príncipi debbiano avere : a contenção régia por meio das virtudes no tratado De Regimine Principum de Egídio Romano*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013, p. 86.
[588] SANTANA, E. V. *Ca insegna quali virtù...,* 2013, p. 91.
[589] « On mesure parallèlement l'évolution du concept de chevalerie. Si chevalerie il y a, elle doit être au service du pouvoir royal, de l'intérêt général et de la chose publique, en adoptant de plus un corpus précis de normes de comportement relatif à la discipline dans l'armée royale.
Par sa promotion d'un droit de la guerre, Christine de Pizan prône un certain modèle de combattant et une modernisation de l'armée. Au travers du filtre des valeurs chevaleresques, c'est l'homme d'armes professionnel et soldé, fidèle au prince et spécialiste de la guerre, qui transparaît ». CAZAUX, L. Pour un droit de la guerre ? In : DEMARTINI et al. (org.). *Une femme et la guerre*…, 2016, p. 101.

retirada; estudo do campo de batalha e das características do inimigo; estratégias para economia de víveres e outros recursos. O uso de termos técnicos na escrita de Christine poderia apontar para o fato da autora ter de "provar sua legitimidade" e recorrer a esses vocábulos que serviriam de balizas autorizariam e autentificariam o saber[590] ali apresentado por ela.

Assim como Philippe de Mézières, Christine mostra que o conhecimento gera experiência, pois da mesma forma como:

> Ela escrevia sobre o amor, não para incitar as mulheres a amar, mas para prevenir dos perigos da vida amorosa e lhes dar informação, ela comporá [outras obras] para preparar os homens a uma guerra que não terá outro objetivo senão a paz[591].

O tema da paz estaria imbricado na obra de Christine como parte essencial do bem comum a ser mantido pelo rei. Nesse ponto, a obra de Honoré Bovet, a qual a letrada tanto recorreu em suas obras[592], pode ser uma importante referência no desenvolvimento da biografia do rei Charles V, já que, assim como ele, recorre aos modelos da cavalaria da Antiguidade[593] para propor suas reformas. Aqui mais um motivo da escolha de um grande capitão para chefiar as hostes régias, como Du Guesclin, cuja qualidade de devoção a Charles garantiu-lhe um lugar de destaque, antecedendo a sua morte à do sábio rei, como um presságio.

> Assim o *bom condestável*, Bertrand Du Guesclin, que era *portador dos feitos de cavalaria do dito Rei*, passou desse mundo pouco antes, que foi o dia quatorze de julho desse mesmo ano; essa morte causou muito pesar ao sábio Rei, e buscando recompensar, pois não era ingrato, a bondade, o serviço e a lealdade daquele condestável, honrando o corpo de tão solene cavaleiro, e pensando em sua alma, pois era certo, quis que ele fosse enterrado em alta tumba, com grande solenidade, honra e recomendação, em Saint-Denis, onde são enterrados os reis da França, e justamente na capela que para ele havia sido feita, ao pé de sua tumba, onde pouco tempo depois foi sepultado[594][grifo nosso].

---

[590] BIU, H. "Et la gist la maistrie": de l'Arbre des batailles au Livre des faits d'armes et de chevalerie. In : DEMARTINI et al. *Une femme et la guerre*…, 2016, p. 159.

[591] « Elle écrivait sur l'amour, non pour inciter les femmes à aimer, mais pour les prévenir des périls de la vie amoureuse et les prémunir, elle composera […] pour préparer les hommes à une guerre qui n'aurait d'autre but que la paix ». DEMARTINI et al. (org.). Introduction. In: _____. *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*. Paris : Honoré Champion, 2016, p. 12.

[592] Ver principalmente o *Livre des faits d'armes et de chevalerie*, em que Christine aprofunda consideravelmente sua proposta de cavalaria como "exército voltado aos interesses do rei e do reino", cf. CAZAUX, L. Pour un droit de la guerre? In: DEMARTINI et al. (org.). *Une femme et la guerre*…, 2016, p. 94.

[593] BIU, H. "Et la gist la maistrie": de l'Arbre des batailles au Livre des faits d'armes et de chevalerie. In : DEMARTINI et al. (org.). *Une femme et la guerre*…, 2016, p. 150.

[594] "Ainssi le bon conestable, Bertram de Clequin, lequel estoit porteur des faiz de la chevalerie dudit Roy, trespassa pou avant, qui fu le vendredi quatorziesme jour de juillet, ce mesme an ; de laquelle mort moult pesa au sage Roy, et en tousdiz récompensant, comme non ingrat, la bonté, service et loyaulté d'icellui conestable, en honorant le corps de si solemnel chevalier, et pensant de l'ame, comme raison estoit, volt

Na narrativa da morte, mais uma vez, Christine coloca os dois homens como dois representantes complementares da cavalaria em que acreditava, ao menos aquela necessária visto o contexto do reino naqueles anos: demência de Charles VI, regência dos tios, efervescência dos ânimos na Bourgogne, principalmente após a morte de Philippe le Hardi. Tudo isso atravessava a produção da biografia de Charles V. Vemos que ela buscou responder às crises de seu presente recorrendo "à erudição do passado e do sábio conselho de seu tempo, a fim de apresentar um modelo político exemplar para as gerações futuras"[595].

qu'il fust enterrez en haulte tumbe, à grant solemnité, honneur et recommandation, ou propre lieu où sont enterrez, à Saint Denis, les roys de France, et mesmement en la chappelle que pour luy avoit fait faire, au piez de la tumbe, où, en peu de temps après fu ensevelis ». Christine de Pizan. *Livre des fais et bonnes meurs du sage Roy Charles V*. Publié par MM. Michaud et Poujoulat. Paris : Editeur du Commentaire Analytique du Code Civil, 1836, t. II, p. 140.

[595] DUDASH, S. J. Prudence et chevalerie dans le Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V. *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 16 | 2008, p. 227. Disponível em : http://crm.revues.org/10872. Consultado em setembro de 2014.

4.5) Bertrand Du Guesclin como *preux chevalier* na *Chanson* de Cuvelier, na *Histoire* do autor anônimo e no *Livre des fais* de Christine de Pizan.

Bertrand Du Guesclin é referido pelos autores de nossas fontes como o mais valente dos *preux chevaliers* (vaillant, courageux, valeureux)[596]. Como apontamos na introdução à esta terceira parte, nas linhas que seguem intentamos mostrar como o recurso a esse tipo de autoridade que as listas de nomes poderiam conferir a quem as referisse foi empregado na documentação estudada nesta tese.

Primeiramente, vejamos a que tradição os autores recorriam ao incluir Bertrand Du Guesclin entre os *neuf preux*. Motivo literário e estético[597], a lista dos *neuf preux* foi fixada por Jacques de Longuyon na sua única obra, os *Voeux du Paon* (Votos do Pavão), composta por volta de 1312 sob a encomenda do bispo de Liège. Trata-se de um poema típico das canções de gesta em versos alexandrinos distribuídos em estrofes monorrimas, as *laisses*. Desenvolvendo os temas cavaleirescos, por excelência, como torneios, justas e duelos, Jacques de Longuyon narrando os feitos de Alexandre na tomada de Defur, quando ele parte ao socorro de Gadifer e Betis, filhos do herói vencido pelos gregos numa batalha campal. O voto do pavão surge na história quando os personagens relembram os votos que eram feitos pelos cavaleiros em uma época longínqua a uma nobre ave, o pavão[598]. A matéria explorada pelo autor é justamente os feitos valorosos a que os cavaleiros se entregavam para a conquista cortês do coração da dama desejada.

Jacques Le Goff menciona algo muito importante para que entendamos em que a tradição dos *neuf preux* poderia favorecer a construção de um renome de Du Guesclin que fizesse sentido a seus contemporâneos, pois, tanto as ordens de cavalaria, ainda nascentes no século XIV, quanto a tradição literária dos nove valentes:

> Provam a existência de uma nostalgia do passado, um renascimento da mística arturiana. Elas tendem a perpetuar a glorificação da proeza, o sentido da honra, da generosidade e da grandeza da alma.
> É nesta atmosfera que nasce e afirma-se um novo tema no interior do mundo dos heróis maravilhosos da cavalaria medieval, os nove valentes. Este tema ilustra a concepção dos letrados da Idade Média, que tinham tendência de retomar o mesmo ideal transmitido pelas três civilizações, das quais a medieval provinha: a judia e o Antigo Testamento, a pagã antiga e a cristã medieval[599].

---

[596] Valente, corajoso e valoroso, qualidades cavaleirescas esperadas daqueles que atuavam na cavalaria para um bom desempenho no combate. Ver *Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500)*: http://www.atilf.fr/dmf/definition/preux

[597] Ver anexo.

[598] HASENOHR, G; ZINK, M. (dir.). *Dictionnaire des Lettres françaises*…, 1992, p. 734-735.

[599] LE GOFF, J. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2011, p. 98-99.

A partir de sua morte, o renome de Du Guesclin só aumentaria, prova disso são os vários manuscritos conservados até o presente, tanto da obra de Cuvelier como a do autor anônimo da crônica em prosa, bem como as diversas esculturas realizadas já no início do século XV, por exemplo, as que estão na Igreja Sainte-Catherine du Val-des-Écoliers e no castelo de Coucy. Aliás, nesta última, Du Guesclin é representado entre os *neuf preux*. A lista canônica dos nove *preux* traz os nomes de personagens célebres reunidos da seguinte forma, três heróis da Antiguidade, Heitor, Alexandre, o Grande e Júlio César; três heróis do Antigo Testamento, Davi, Josué e Judas Macabeus, e três heróis cristãos da Idade Média, o rei Artur, Carlos Magno e o cruzado Godefroy de Bouillon. Segundo a Biblioteca Nacional da França, a obra de Jacques de Longuyon, foi muito "apreciada na metade norte da França antes de conhecer uma difusão considerável no final do século XV", com uma obra, dedicada ao rei Charles VII e que retomava a tradição dos nove valentes, *Triomphe des Neuf Preux*. Teria sido o autor dessa obra, que permanece anônimo, quem acrescentaria aos valentes um décimo nome, o de Bertrand Du Guesclin[600]. No entanto, já em Cuvelier Du Guesclin é qualificado com o adjetivo *preux* e contado entre eles:

> A Bertrand Du Guesclin, cuja alma seja louvada!
> O melhor cavaleiro que já portou espada[601].
> Por sua cavalaria que bem foi provada,
> Foi-lhe, após sua morte, grande graça dada
> E bem sempre poderá ser renomada
> Pois entre os nove valentes é sua graça contada
> O décimo chamado por sentença ordenada.
> (*La chanson de Bertrand Du Guesclin*, v. 10853-10859)[602]

Vale ressaltar que os versos acima estão no início da narrativa da campanha de Du Guesclin em terras ibéricas. O que nos diz sobre a importância dada pelo trovador a esses episódios, como um feito fundamental para que o renome do condestável se estabelecesse no panteão dos grandes guerreiros.

---

[600] Conferir o site da exposição BnF http://expositions.bnf.fr/arthur/grand/044.htm. Consultado em agosto de 2016.

[601] Seria, pela pena de Cuvelier, Du Guesclin um novo *Marechal*? O fato é que, em verso ou em prosa, a escrita contribuiu para que o renome dos bons cavaleiros ultrapassasse a barreira do tempo e do esquecimento.

[602] «A Bertran de Glaiequin, qui ame soit sauvee!
Le meilleur chevalier c'onques portast espee.
Pour sa chevalerie qui bien fu esprouvee,
Luy fu après sa mort une grace donnee
Qui a tousjours pourra bien estre renonmee,
Car avecques les .IX. preux est sa grace nombree,
Le .Xe. appellé par sentence ordonnee.»

Apesar de Cuvelier ter construído um retrato de Du Guesclin distante de um velho ideal cavaleiresco de beleza, de cortesia e de riqueza, o que percebemos é que se o cavaleiro é incluído na sequência de grandes heróis, embora não tenha sido o único e receber a ilustre menção[603], ele passaria a representar, no imaginário medieval, um cavaleiro digno de glória e de exemplaridade. Sendo a lista intimamente ligada à Bíblia e igualmente à tradição épica, sem deixarmos de mencionar, os romances de cavalaria, Cuvelier emprestaria sua voz para oferecer a seu público um cavaleiro que pudesse em si unir a tradição à novidade. Referimo-nos à novidade que seus métodos guerreiros inseriam dali em diante no "código" da cavalaria, de que também nos falou Christine de Pizan, como já salientamos. Se Du Guesclin não pertencia a nenhuma grande linhagem, como seus predecessores condestáveis, ele pertenceria, segundo a listagem dos *preux*, a uma filiação que ultrapassaria o tempo. Poderia haver melhor legitimidade? Vemos que "o renome se torna um substituto possível da nobreza de nascimento", e ainda, referenciado pela escrita, o que contribuiria diretamente para a memória[604].

Vejamos agora que momentos Cuvelier, o autor da crônica em prosa e Christine de Pizan escolheram para colocar em evidência tal adjetivo ao se referirem a Bertrand Du Guesclin. Como já vimos na segunda parte da tese, o uso do adjetivo foi um dos fatores de diferenciação entre a canção de Cuvelier e sua transposição para a prosa.

	Chanson	***Histoire***	***Livre des fais***
No início da obra	v. 71-78 – Na terceira *laisse*, Cuvelier apresenta um pequeno resumo de sua obra e ao final da estrofe diz cantar o "largo, *preux* e cortês Bertrand".	No prólogo à obra – por sua valentia, sua largueza e por seus belos feitos deveria ser acompanhado dos nove *preux*.	---
No cerco ao castelo de Fougeray, pouco antes do cerco de Rennes	v. 1160-1161 – os sitiados em Fougeray teriam se rendido a Bertrand somente porque se tratava do mais "*preux* que existia no mundo"	Passagem correlata a Cuvelier: era o mais "*preux* do mundo".	---
Antes da batalha de Cocherel	---	Quando do desafio entre Bertrand Du Guesclin e Guillaume de Felton: este o temeria muito, pois era	---

[603] Guillaume de Machaut, por exemplo, em sua *Prise d'Alexandrie* ou *Chronique du roi Pierre I de Lusignan* elegeu o próprio rei Pierre como o décimo *preux*. Cf. CERQUIGLINI-TOULET, J. Fama et les preux: nom et renom à la fin du Moyen Âge. *Médiévales*, nº 24, 1993, p. 37.
[604] CERQUIGLINI-TOULET, J. Fama et les preux: nom et renom à la fin du Moyen Âge. *Médiévales*, nº 24, 1993, p.38 ; 40.

		"*preux* e de mui grande renome".	
Na campanha em Castela	v. 10858-10859 – Antes da batalha de Nájera, quando da reunião das companhias junto aos homens de Henrique, Cuvelier tece seu maior elogio ao cavaleiro, pois "entre os nove *preux* estaria seu renome".	---	---
Quando eleito condestável – batalha de Pontvallain (Edição de Ernest Charrière, 1839)	v. 18505-18506 – os sitiados em Pontvallain teriam se rendido a Du Guesclin, pois era aquele que "deveria portar coroa e junto aos nove *preux* ser colocado".	Na passagem correlata a Cuvelier, o autor anônimo afirma que os homens de Du Guesclin se reuniram a ele, pois o tinham por "o de grande renome, o mais soberano cavaleiro, o mais *preux* e o mais bem-aventurado de quem se tinha notícia".	Entre a nomeação e a referência à batalha de Pontvallain, Christine de Pizan elogia grandemente Du Guesclin, empregando o vocábulo quatro vezes: cavaleiresco e *preux*; ardido como leão, valente cavaleiro e *preux*; valente e *preux*; sábio mestre e *preux*.
Na sua morte	v. 24220-24320 – Cuvelier emprega o termo três vezes na narrativa de sua morte: junto a renome; "em cem anos" seria o mais *preux*, e junto a leal.	---	---

A partir do levantamento acima, podemos inferir que o emprego do vocábulo foi usado essencialmente para qualificar Bertrand, ou seja, era o seu adjetivo. E era digno de tê-lo recebido por seus feitos de armas, não por causa de sangue ou linhagem. Tal distinção fica mais clara no texto de Christine de Pizan em que ao discorrer sobre a nomeação à *connétablie*, a letrada não deixa de legitimar o fato através do uso de *preux*. Cabem aqui, além disso, duas observações: não se trata da primeira menção de Du Guesclin na obra da autora; e o uso de preux já havia aparecido na biografia do rei em pouquíssimas ocorrências ao se referir ao próprio rei, Charles V e a seu filho, o duque de Orléans e a três dos nove valentes: Alexandre, o Grande, Heitor de Troia e Carlos Magno. Vemos aí a deferência com que Christine tratava o "bom condestável" Du Guesclin.

Ademais, no capítulo 23 da segunda parte do *Livre des fais* em que trata da cavalaria do rei, Christine prossegue com seus elogios ao condestável como se fossem justificativas para a escolha do único *preux* digno de Charles V:

> "Tal mestre, tal servidor", pois, segundo a dignidade do sábio mestre, a saber, o rei Charles, era instruído tão cavaleiresco e virtuoso lugar-tenente e servidor: o que me faz crer que em seu tempo, foram os dois mais solenes

> homens, cada um em sua faculdade, que existiram no mundo de quem faço menção. A propósito desse Bertrand, Aristóteles diz [...]: "A experiência torna o homem mestre". [...]. Este mesmo Bertrand Du Guesclin, a partir da idade de quinze anos, como dito dele é, se colocou, por natureza, apesar de seus pais, ao exercício das armas e sempre prosseguiu; e sem falha, tornou-se mestre nisso, assim como mostraram suas obras e seus empreendimentos[605].

Mesmo que Christine não dê uma lista completa dos nove *preux* nem inclua nela o nome de Bertrand Du Guesclin, podemos, a partir dos indícios nos trechos mencionados acima, sugerir que a autora conhecia essa tradição a que o condestável tinha sido ligado logo após sua morte pelos versos de Cuvelier, e principalmente por ligar o adjetivo à experiência nas armas de que ela fala, pois, se voltamos ao texto de Jacques de Longuyon, a principal característica que justifica a ligação entre os nove nomes é a:

> Superioridade militar e um poder de conquista que se realiza pela destruição dos inimigos e a apropriação de seu território e de seus bens. Esses Preux comandaram um exército, governaram um povo e demonstraram seu poder fazendo a guerra. O que falta explicitamente nos versos, é a menor referência às qualidades morais expressadas desde o século XII na literatura de cavalaria e de cortesia, tais como a honra, a generosidade, a medida, a sabedoria, qualidades complementares da proeza e requisitadas pela nobreza. Esses heróis fornecem modelos a um rei que empreende uma guerra de conquista[606].

Nada mais relevante no contexto em que os autores das fontes trabalharam em seus textos, Cuvelier e o autor da prosa viviam a transição conturbada de poder ora nas mãos dos tios de Charles VI ora nas dos conselheiros, chamados *Marmousets*; já Christine no calor dos acontecimentos que começavam a envolver Armagnacs e Bourguignons, logo após a morte de Philippe le Hardi, duque da Bourgogne e irmão de Charles V.

---

[605] « A tel maistre, tel varlet ou serviteur », car, selon la digneté du sage maistre, c'est assavoir le roy Charles, estoit aduisant si chevalereux et vertueux lieutenant et serviteur : laquelle chose croy, qu'en leur tems, furent deux des plus solempnelz hommes, chascun en sa faculté, qui fussent ou monde, dont fois mencion. A propos d'icelluy Bertram, Aristote dit […] : « L'expérience rent l'omme maistre ». […] Celluy Bertram de Clequin, trés en l'aage de quinza ans, si comme il est récité de luy, se prist, par droite nature, maulgré ses parents, à l'exercice des armes, et toujours puis si les continua, que, sanz faille, il en estoit trés souverain maistre, si comme il paru à l'effet de ses œuvres et emprises », Christine de Pizan. *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*. Publié par MM. Michaud et Poujoulat. Paris : Editeur du Commentaire Analytique du Code Civil, 1836, p. 39.

[606] « Supériorité militaire et un pouvoir de conquête, et qu'elle se réalise par la destruction des ennemis et l'appropriation de leur territoire et de leurs biens. Ces Preux commandèrent une armée, gouvernèrent un peuple et démontrèrent leur pouvoir en faisant la guerre. Ce qui manque explicitement dans les vers, c'est la moindre référence aux qualités morales exprimées dès le XIIe siècle dans la littérature de cavalerie et de courtoisie, telles que l'honneur, la générosité, la mesure, la sagesse, qualités complémentaires de la prouesse et requises par la noblesse. Ces héros fournissent des modèles à un roi qui entreprend une guerre de conquête ». CROPP, G.M. Les vers sur les Neuf Preux. *Romania*, tome 120, nº 479-480, 2002, p. 459-460. Disponível em : www.persee.fr. Acesso em julho de 2017.

Outro poeta daquela contemporaneidade também compôs versos em que Du Guesclin aparece juntamente com os nove *preux* e que confirmam o uso do adjetivo visto em nossos autores, Eustache Deschamps, cuja balada sobre a morte de Du Guesclin já apresentamos na primeira parte desta tese.

Na balada 362, composta quando Du Guesclin já havia sido eleito condestável e ainda vivia[607], Eustache Deschamps coloca o herói de seu senhor, Louis d'Orléans, em alta honra nos versos que seguem, da primeira estrofe e do envio, ao final do poema:

> Se Alexandre, o poderoso rei pagão,
> Júlio Cesar, Heitor e seus esforços,
> Davi, Josué, Judas Macabeus,
> Artur, Charles e Godefroy os corajosos,
> Que tanto de armas fizeram com seus corpos
> Que *preux* são em todos os lugares considerados,
> Vieram eles todos ao mundo,
> Para fazer o bem, valor, honra e pujança
> Seria entre eles bem vindo e amado
> B. Du Guesclin, condestável da França.
> [...]
>
> ENVIO
> Príncipe, digo que cavaleiro eleito,
> Que em poucos anos fez tantos feitos
> Para seu senhor e país, bem
> Deve com os preux lugar ter
> E ser amado e caro para todos.[608]

---

[607] No verso 49 da referida balada, o poeta diz sobre Du Guesclin: "*Com cinquenta anos tem todos esses feitos realizados*", por isso considera-se a data aproximada da composição entre os anos de 1370, após a eleição à *connétablie,* e 1374, devido às dúvidas sobre a data do nascimento do bretão. As datações dos poemas de Eustache Deschamps é um dos assuntos tratados no volume BOUDET,J-P. e MILLET, H. *Eustache Deschamps en son temps*. Collection Textes et Documents d'Histoire Médiévale. Paris : PUPS, 1997.

[608] "S'Alixandre, le puissant roy paien,
Julles Cesar, Hector et leurs effors,
David, Josué, Judas Machabeyen,
Artus, Charles et Godefroy li fors,
Qui tant d'armes firent tuit de leurs corps
Que preux sont par tout tenuz,
Estoient tuit au monde revenuz,
Pour faire bien, pris, honeur et vaillance
Seroit entr'eulx bien amez et venuz
B. du Guesclin, connestable de France.
[…]
L'ENVOY
Princes, je dy que chevaliers esluz,
Qui en pou d'ans a fait tant de vertus
Pour son seigneur et a son pays, bien
Doit o les preux lieu avoir ancien
Et estre amez de tous et chier tenus.
(Cf. Eustache Deschamps. *Œuvres Complètes*, édition de marquis de Queux de Saint-Hilaire et G. Raynaud, Paris, : Firmin Didot, vol. 3, 1882, p. 100-102.

A glória, a honra e o êxito nas armas de que fez prova Du Guesclin, não apenas em feitos de guerra nos combates de que efetivamente participou, mas, e talvez, principalmente, nas linhas de canções e crônicas, renderam-lhe o lugar que passou a ocupar no panteão dos grandes heróis, dos nove *preux*, que apesar de terem exercido sua soberania na efemeridade de suas vidas, sua memória se manteve, pelas diversas obras escritas, além de seu tempo, através delas venceram o esquecimento e a morte[609].

[609] Ver MOAL, L. *Du Guesclin* – Images et histoire. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2015, 335p. Na conclusão de seu volume, a historiadora Laurence Moal afirma que a imagem do condestável se mostrou de uma "surpreendente plasticidade" sendo usada conforme a época e sobre suportes bastante variados, da iluminura à história em quadrinhos.

5) Conclusão

O desastre na batalha de Poitiers em 1356 ficou registrado nas crônicas e nos tratados religiosos como uma falha da nobreza que compunha as linhas das hostes de Jean II, Le Bon[610]. Essa foi a ênfase, ao menos da *Complainte sur la Bataille de Poitiers,* texto composto provavelmente logo após o embate por um cônego da Notre-Dame de Paris:

> Houve grande traição, muito tempo escondida,
> Na hoste dita acima, confirmada;
> Pela qual a França é sempre desonrada,
> [...]
> Ao colocarem o rei onde o queriam tomar,
> Viram que era um ataque para prendê-lo,
> Não foram ao rei para então defendê-lo;
> Mas fugiram todos – Temos de enforcá-los!
> É pouco dizer deles essa verdade;
> Vis, traidores, desleais, indignidade;
> Por eles o rei sofreu calamidade,
> Aquele que é o mais nobre da cristandade.[611]

Podemos perceber que o religioso não poupa a nobreza, ou seja, a cavalaria que lutava nas hostes régias, da detratação, acusando-a de traição contra o rei e contra os príncipes e responsabilizando-a finalmente pela captura de Jean II. Ainda que a depreciação do cônego tenha sido exagerada, já que o abandono do campo de batalha pelo delfim e por seus irmãos mais jovens pode ter sido ordenado pelo próprio rei, há que se considerar que a aversão à cavalaria e seus membros estava na ordem do dia do letrado. Isso pode apontar para uma rejeição maior naquela sociedade, haja vista outros autores versarem sobre a má conduta dos cavaleiros[612].

---

[610] Colette Beaune, ao tratar das reações sobre a batalha de Poitiers, faz referência também ao texto do religioso François Montebelluna, o *Tragicum Argumentum*, em que a valentia do rei Jean é largamente admirada. Ver BEAUNE, C. *Le Grand Ferré*. Premier héros paysan. Paris : Perrin, 2013, p. 193.

[611] « Là très grant traïson qu'il ont lonc temps covée
Fut en l'ost dessus dit très clerement provée ;
Dont France est à touz temps par euls deshonorée,
[…]
Quant orent mis le roy ou le voloient rendre,
Et virent que ce fut à l'assaillir et prandre,
Ne s'adrecèrent pas d'aller le roy deffendre ;
Mais s'enfuirent tuit – Qu'ancor les puit on pendre !
Il n'est cueur qui peust d'euls dire trop laidure ;
Fauls, traistres, desloyaus, sont infame et parjure ;
Car par euls est le roi mis à desconfiture,
Qui est li très plus nobles de toute créature. ». BEAUREPAIRE, C. Complainte sur la bataille de Poitiers. In : *Bibliothèque de l'école de chartes*, tome 12. Paris, 1851, p. 262.

[612] O poeta Eustache Deschamps, Christine de Pizan, como já salientamos em nossos capítulos. Entre os religiosos, a hostilidade aos cavaleiros é um tema clássico desde o século XII, vindo a ser até mesmo proverbial: *militia* = *malitia*.

O que chama a atenção também é a admiração com que o religioso trata a pessoa do rei, já que ele mesmo era um combatente naquele dia funesto nas proximidades de Poitiers. A *Complainte* revela um diagnóstico sobre o qual era preciso intervir nos anos que se seguiram: Jean II, le Bon fora amado por ser um valente cavaleiro, muito embora desprovido de um corpo militar que estivesse à sua altura. Charles V, por sua vez, fora exaltado pela sabedoria, jamais por sua conduta em campo, pois ela não existiu. E não era necessário que o rei sábio lutasse, tinha por extensão de sua pessoa Bertrand Du Guesclin à frente de uma cavalaria que começava a se libertar de tão má fama, conforme a opinião de Christine de Pizan. Quantas esperanças podemos imaginar que foram lançadas sobre o reinado de Charles VI, de onde a benfazeja construção de um mito que alçasse com ele a dinastia dos Valois.

Mas o reinado daquele jovem rei não havia se estabelecido como um governo reparador do bem comum, como desejava Philippe de Mézières, nem como o remédio para toda a cristandade como havia imaginado Honoret Bovet. No entanto, o rei que em vida não recebeu nenhum epíteto[613], veio a ser o Bien-Aimé, aquele por quem chorou todo o povo quando de sua morte:

> Ele foi levado de seu Hôtel de Saint-Pol até Notre-Dame de Paris. No cortejo estavam todas as gentes da igreja de Paris, tanto mendicantes como outros, o colégio de Navarra, e outros colégios da Universidade de Paris, com um povo infinito de luto, lamentando e chorando, não sem razão. Nesse dia nada ficou aberto, nem mercearias, nem outros comércios. Causava pena ouvir as dolorosas queixas do povo[614].

Dessa forma solene, Jean Juvénal des Ursins relatou os funerais de Charles VI que enterrava com ele tantos votos por um cotidiano melhor. Seria essa a razão por tantas lágrimas pelo rei louco? Mas até mesmo a demência do rei poderia ter servido de mote aos letrados a quem era demandado reforçar a noção de "realeza sagrada", como percebemos em Christine de Pizan, nesse sentido, concordamos com o historiador Hervé Martin:

> Essa demência de repetição é interpretada como uma punição divina, por causa do cisma e dos pecados coletivos. Essa crise da monarquia muito

[613] « Mais c'est un fait que Charles VI lui-même n'eut pas de surnom de son vivant. Et, au lendemain même de sa mort, personne ne s'avisa de lui en donner un « à cry public et à son de trompe » (GUENÉE, B. *La folie de Charles VI*. Paris : Perrin/CNRS Editions, 2016, p. 265).

[614] « Il fut porté de son hostel de Sainct Paul jusques à Nostre-Dame de Paris. En la compagnée estoient tous les gens d'eglise de Paris, tant mendians que autres, le college de Navarre, et les autres colleges de l'Université de Paris, avec peuple infiny faisans dueil, lamentations, et pleurs, et non sans cause. Ce jour il ne fut rien ouvert, nu merceries, ny autres marchandises. C'estoit grande pitié d'oüyr les douloureuses complaintes du peuple » (Jean Juvénal des Ursins. *Histoire de Charles VI*, *Roy de France*. In : Nouvelle Collection des Mémoires pour servir à l'Histoire de France, par MM. Michaud et Poujoulat. Tome 2. Paris : Imprimerie d'Edouard Proux, 1836, p. 568).

> cristã nos permite observar suas consequências últimas, quando o soberano mediador e garantia da ordem do mundo se transforma em uma cena de Cristo bufão, recrucificado para a salvação de seu povo. Viríamos a nos perguntar se essa provação dramática não contribuiu em reforçar a noção de realeza sagrada[615].

A verdade é que Charles VI também não legava ao herdeiro um reinado fácil, nem mesmo seguro de sua sucessão. A Charles VII caberia, antes de ordenar as efetivas transformações em suas hostes, chegar ao trono, e obteve êxito somente graças a outro mito guerreiro construído em grande parte pelas palavras de letrados interessados na história contemporânea do reino francês, mas discorrer sobre isso já ultrapassaria a conjuntura desta tese.

Contudo, os ordenamentos de Charles VII não colocaram um fim à questão da manutenção ou não das hostes permanentes, muito embora, suas regras continuassem a servir para os reis que depois dele se deparam com o mesmo problema. Para que as hostes régias viessem a se transformar em exércitos dos Estados Modernos, sua formação deveria não ser apenas o resultado:

> Da evolução das instituições, de um certo nível alcançado pela economia monetária, nem mesmo das exigências propriamente militares; [o exército permanente] é também um fato de mentalidade; é plenamente introduzido apenas quando aqueles que são chamados a servir ali, os meios dirigentes e o conjunto da população o considerem como natural, engrenagem vista como normal e natural do complexo político-militar[616].

Somente depois de passadas algumas décadas do fim da Guerra dos Cem Anos é que os reis franceses e seus conselheiros, bem como a população puderam absorver as transformações necessárias decorridas dos conflitos contra os ingleses e seus aliados. Só então, colocaram em prática na coletividade das tropas dos exércitos existentes nos séculos seguintes o que os homens e mulheres de letras dos anos entre 1380 e 1404 haviam identificado em Bertrand Du Guesclin.

As obras de que tratamos nesta tese foram evocadas nesse sentido. Acreditamos que *La chanson de Bertrand Du Guesclin* de Cuvelier, a *Histoire de Messire Bertrand*

---

[615] « Cette démence à répétition est interprétée comme une punition divine, pour cause du schisme et de péchés collectifs. Cette mise en crise de la monarchie très chrétienne nous permet d'en observer les ressorts ultimes, quand le souverain médiateur et garant de l'ordre du monde se transforme en une scène de Christ bouffon, recrucifié pour les salut de son peuple. On en viendrait à se demander si cette épreuve dramatique n'a pas contribué à renforcer la notion de royauté sacrée ». (MARTIN. H. *Mentalités médiévales*…, p. 467).

[616] «De l'évolution des institutions, d'un certain niveau atteint par l'économie monétaire, ni même des exigences proprement militaires ; elle est aussi un fait de mentalité ; elle n'est pleinement introduite que lorsque ceux qui sont appelés à y servir, les milieux dirigeants et l'ensemble de la population la considèrent comme allant de soi, rouage censément normal et naturel du complexe politico-militaire.» (CONTAMINE, P. *La guerre au Moyen Âge*. Paris : PUF, 1980, p. 300-301).

Du Guesclin, do autor anônimo e o *Livre des fais et bonnes meurs du sage Roi Charles V* de Christine de Pizan tenham mostrado ser « natural, engrenagem vista como normal » a transformação da cavalaria para um corpo militar a serviço do rei e do reino franceses de modo permanente, cujo expoente e modelo foi para eles o cavaleiro bretão, o condestável Du Guesclin, pois:

> A evolução do ideal cavaleiresco, a extensão do modelo do príncipe letrado e sobretudo o conhecimento dos grandes conquistadores da Antiguidade, precedente glorioso de uma aliança exitosa entre as armas e as letras, exigem do chefe de guerra uma sabedoria e uma capacidade de reflexão que andam ao lado de uma cultura literária e histórica [...]. A leitura de boas obras deve permitir à nobreza preencher convenientemente as funções que lhe são impostas, a principal delas a guerra[617].

Devemos salientar que a contribuição de Cuvelier, ao representar Du Guesclin como um chefe de guerra exemplar a ponto de merecer toda uma obra dedicada à sua atuação, elevou sua composição a um patamar de importância considerável no meio a que foi delegada. Se a nobreza teve acesso à *Chanson de Bertrand Du Guesclin* foi também para se nutrir de uma obra que lhe fornecesse um conhecimento e um modelo para aprimorar sua percepção dos conflitos que fatalmente a envolviam. Além disso, Cuvelier ao compor uma canção de gesta sobre os acontecimentos de sua contemporaneidade e se autodenominar na primeira *laisse* do poema, construiu um valor autoral novo sobre um gênero bastante conhecido, visto que "a coincidência do tempo da matéria histórica com aquele da matéria narrativa oferece à subjetividade um valor autoral novo abrindo-lhe todo o espaço da obra"[618]. No autor da prosa isso não se averiguou e em Christine de Pizan a "consciência do tempo da matéria histórica" era já mais madura, dado que o tempo decorrido lhe abria um outro ponto de vista sobre os acontecimentos.

Afirmamos ao longo desta tese que, naquele período da Baixa Idade Média na França, guerra e cultura escrita se associaram para o serviço à coroa e consequente manutenção ou instauração do bem comum, ênfase frequente em nossos autores que

---

[617] « L'évolution de l'idéal chevaleresque, l'extension du modèle du prince lettré et surtout la connaissance des grands conquérants de l'Antiquité, précédent glorieux d'une alliance réussie entre les armes et les lettres, exigent du chef de guerre une sagesse et une capacité de réflexion qui vont de pair avec une culture littéraire et historique […]. La lecture de bons ouvrages doit permettre à la noblesse de remplir convenablement les fonctions qui lui sont dévolues, la principale demeurant la guerre. » (FOURCADE, S. De l'utilité des lettres dans la carrière des armes. Guerre et culture écrite en France au XVe siècle. *Le Moyen Âge* nº1 (Tome CXXI), Paris : De Boeck Supérieur, 2015, p. 39).

[618] « La coïncidence désormais du temps de la matière historique avec celui de la matière narrative offre à la subjectivité une valeur auctoriale nouvelle et lui ouvre tout l'espace de l'œuvre. » GALDERISI, C. Conscience littéraire et émergence de l'indicidu au Moyen Âge. In : LESTRINGANT, F ; ZINK, M. *Histoire de la France Littéraire*. Naissances, Renaissances. Moyen Âge – XV^{le} siècle. Paris : Quadrige/PUF, 2009, p. 676.

estavam além disso, servindo à dinastia de um príncipe letrado. Ao evocar o passado glorioso tanto do rei quanto de seu fiel condestável, homens e mulheres de letras atribuíram a ambos um passado que era digno de ser registrado, legitimado pela escrita, e acima de tudo que deveria ser copiado pela geração seguinte, num esforço de colocar a Escrita da História a serviço de um reino.

Para isso, intentamos mostrar como cada um dos autores, segundo o gênero literário de que se serviram, construíram na ordem do discurso, ou seja, no espaço da escrita, uma representação de Bertrand Du Guesclin que viesse ao encontro das necessidades político-militares que eles, os autores, apesar de seus limites, entendiam ser devidas naquele contexto de crise, atendendo assim às demandas de seus patrocinadores. Se ao rei era necessário obter de sua cavalaria o serviço que não estava mais atrelado aos benefícios da linhagem e da privança, foi dessa forma que os letrados relataram os feitos de armas de Du Guesclin, mesmo que para isso tenham amenizado ou até mesmo ocultado alguns fatos da carreira do bretão durante as missões que ele desempenhou. Isso pudemos averiguar na primeira parte da tese com relação à atuação supervalorizada de Du Guesclin na batalha de Cocherel e naquelas em que atuou em Castela, para citar alguns exemplos de sua trajetória militar contemplada neste trabalho.

Por esse motivo, pudemos perceber igualmente uma tentativa em manter alguns valores como, por exemplo, referendar a inclusão de Du Guesclin entre os *neuf preux*, na continuidade de um imaginário tanto histórico quanto literário para também obter o tão preciso sucesso junto ao público que via dessa maneira seu horizonte de expectativas atendido, já que acreditamos que havia, naquele fim de Idade Média, um interesse de toda a aristocracia pelo romance de aventuras, mas que agora deveria estar bem alicerçado na história de personagens reais. Sendo assim, vemos que os biógrafos de que tratamos neste trabalho deveriam "mostrar um personagem idealizado a fim de edificar um modelo de comportamento para seu público"[619].

A vida de Bertrand Du Guesclin deu a esses homens e mulheres de letras o modelo de cavaleiro ideal a serviço de um rei também idealizado. Se não foram imparciais em suas linhas, Cuvelier, o autor anônimo da crônica em prosa e Christine de Pizan foram fieis àquilo que em cada contexto era possível fazer.

Ao colocar a Escrita da História da Baixa Idade Média como um dos fatores contribuintes para a organização da cavalaria enquanto corpo militar permanente, tendo

[619] COURROUX, P. *L'Écriture de l'histoire dans les chroniques françaises*..., p. 594.

como modelo de chefe de guerra Bertrand Du Guesclin, esperamos ter traduzido essa escrita medieval de modo a mostrar que os autores estudados realizaram uma forma de mimese ao fazer corresponder uma realidade literária a uma realidade referencial externa, ou seja, histórica. Assim, recorremos à poética do relato histórico para buscar entender o que para esses letrados, ora debruçados sobre os acontecimentos do reino francês, era importante dizer e como dizer, tendo por objetivo último, dizer a verdade. Ainda que fosse uma verdade suscitada não só pela situação que podiam observar de seus gabinetes, mas aquela que favoreceria uma dinastia.

6) Anexos

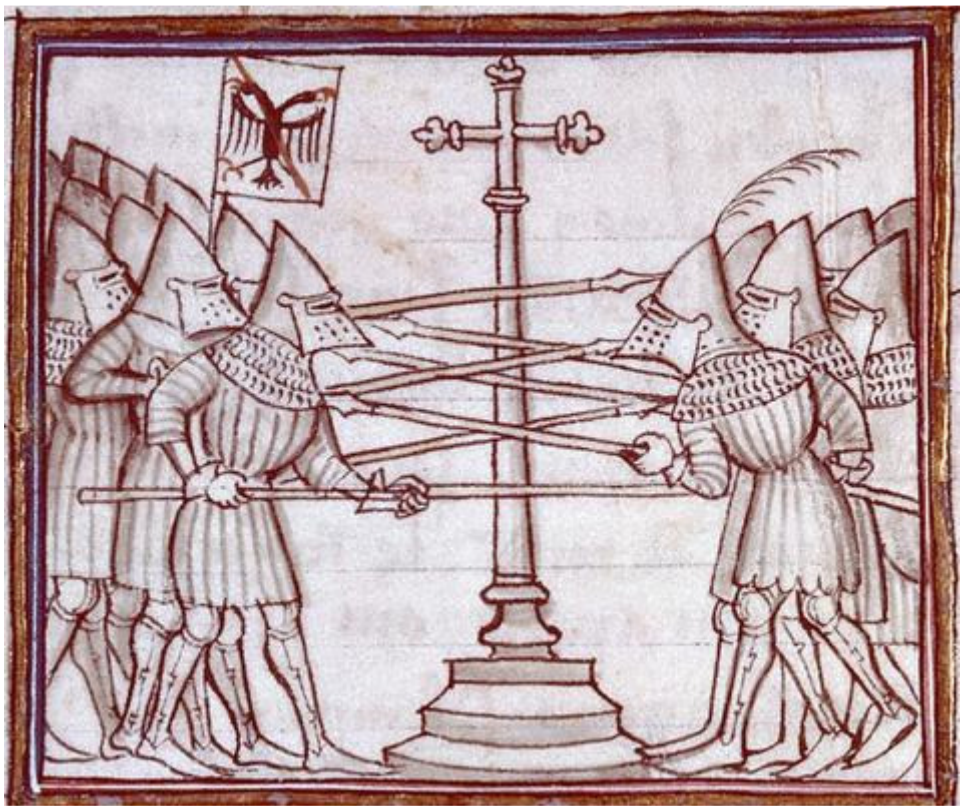
6.1) Dossiê iconográfico

6.1.1) Curso do rio Vilaine, de Redon a Rennes. Imagem produzida em 1543. gallica.bnf.fr. Bibliothèque Nationale de France. Consultado em setembre de 2015.

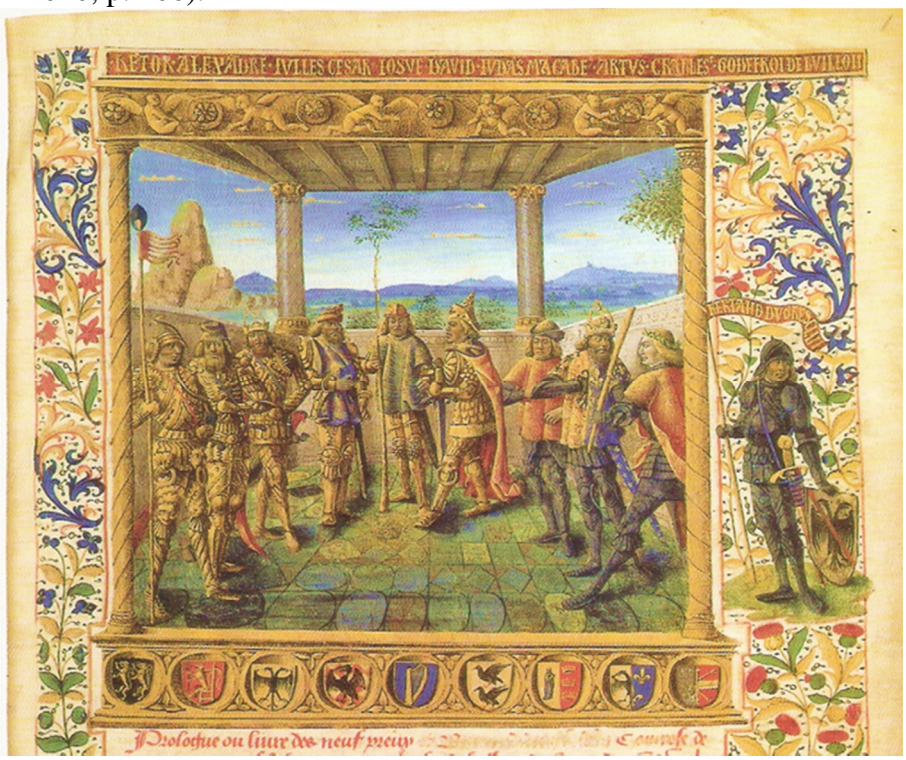
Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

6.1.2) A conquista do castelo de Fougeray.
CUVELIER, *Chanson de Bertrand Du Guesclin*, séc. XIV. British Library, Yates Thompson 35, fº 16. Disponível em http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IllID=8162. Consultado em outubro de 2015.

6.1.3) Bertrand liderando a "guerra justa" em Castela.
Bernard Gui, *Fleurs des chroniques*. Bibl municipale de Besançon, ms. 677, fº 100. http://manuscriptminiatures.com/fleurs-des-chroniques-besancon-bm-ms677/4065/. Acesso em junho de 2017.



6.1.4) Sébastien Mamerot, *Histoire des Neuf Preux et des Neuf Preues*, séc. XV. Bibl. Nacional da Áustria, ms. Lat. 2577, fº 1. (In: HUIZINGA, J. O outono da Idade Média. Trad. Francis P. Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 106).



6.2) Quadro comparativo elencando as principais diretivas dos despachos régios que auxiliaram na concepção das tropas oficiais do reino da França entre 1351 e 1445, segundo os decretos de Jean II, le Bon, Charles V e Charles VII.

	Jean II le Bon 30 abril 1351	**Charles V 13 janeiro 1374**	**Charles VII 2 nov. 1439**	**Charles VII 26 maio 1445**
Razões do decreto	Escassez de recursos e pagamentos muito baixos	Recebimentos indevidos, não repasse dos soldos aos homens de armas por parte de seus capitães.	Fazer cessar as pilhagens.	Fazer cessar as pilhagens e dispersar para suas casas os combatentes ociosos.
Número de combatentes	Tropas de 25 até 80 homens. Um cavaleiro pode comandar de 25 a 30 homens.	Tropas de 100 homens.	----	Estabelece o número de homens por lança: 6 (1 homem de armas; 1 homem com espada; 1 pajem; 2 arqueiros; 1 valete + 6 cavalos).
Organização das tropas	Cavalos devem ser marcados e substituídos em caso de morte; partidas anunciadas e se autorizadas; os homens a pé devem ter seus equipamentos e ser distribuídos em tropas.	Licenças somente com cartas assinadas. Descontar pagamentos dos ausentes. Somente o rei designa os chefes das tropas	Somente o rei designa os capitães das tropas. Somente homens hábeis devem compor as tropas. Licenças por cartas e autorizadas pelo capitão. Capitães devem estabelecer guarnições próximas às fronteiras.	Tropas em guarnições fora das cidades. Víveres fornecidos pela população (estabelece a quantidade por homem/ano e por cavalo/ano). Os munícipes são os responsáveis pelo controle de produção e distribuição dos víveres aos combatentes.
Controle das tropas	Chefes de batalha são responsáveis por seus homens: fazer revistas (2/mês) e conservar o número de combatentes. Punição aos que não obedecerem ao regulamento.	Número de senhores designados para realizar a revista das tropas é limitado a 12. Revistas válidas somente aquelas com presença atestada. Capitães responsáveis por seus homens: fazer a triagem	Elenco de dezenas de proibições concernentes à população (vida, bens móveis e imóveis). Capitães responsáveis por seus homens: aplicar punições e reembolsar bens.	Fazer os desocupados voltar aos afazeres anteriores ao combate, cada um em sua propriedade.

		dos mais hábeis e expulsando os estranhos; impedir pilhagens; reembolsar prejuízos.		
Pagamento das tropas	Estabelece o pagamento da diária dos diversos senhores envolvidos na guerra: cavaleiros, escudeiros e valetes.	Pagamento por tropa ou companhia: 100 homens=100 francos	----	----
Impostos/taxas	----	----	Estabelece a *taille* como único imposto permitido a ser pago pela população (pedágios e quaisquer outras cobranças devem ser suspensos).	(Aos habitantes próximos às tropas, seria o abastecimento dos homens de armas.)

7) Referências bibliográficas

Das fontes

Christine de Pizan. *Le Livre des Fais et Bonnes Meurs du Sage Roy Charles*. In : *Nouvelle Collection des mémoires pour servir à l'histoire de France,* depuis le XIIIe siècle jusqu'à la fin du XVIIIe s Publié par MM. Michaud et Poujoulat. Tome II. Paris : Editeur du Commentaire Analytique du Code Civil, 1836, p. 4-145.

_____. *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*. Présentation de J. Blanchard, Traduction de J. Blanchard et M. Quereuil, Paris: Pocket, 2013.

Chronique de Du Guesclin. Collationnée sur l'édition originale du XVe siècle, et sur tous les manuscrits par Francisque Michel. Paris : Imprimerie de Béthune, 1830.

Cuvelier. *Chronique de Bertrand Du Guesclin par Cuvelier Trouvère du XIVe siècle.* Publiée pour la première fois par E. Charrière. Collection de Documents Inédits sur l'Histoire de France Publiés par ordre du Roi et Soins du Ministère de l'Instruction Publique, Première Série – Histoire Politique Paris: Firmin-Didot, 1839, 2 vol.

_____. *La chanson de Bertrand du Guesclin*. Editeur J.-C. Faucon, Toulouse : Editions universitaires du Sud, 1990-1991, 3 t.

Histoire de Messire Bertrand Du Guesclin, mise en lumière par M. Claude Ménard. Paris : Chez Sébastien Cramoisy, 1618.

Honoré Bovet. *L'Arbre des batailles*. Edição de Ernest Nys. Bruxelles et Leipzig: Librairie Européenne, Muquart; Londres et New-York: Trübner ; Paris : Durand & Pedone-Lauriel, 1883.

Philippe de Mézières. *Songe du Vieux Pèlerin*. Edição e tradução de Joël Blanchard. Paris : Pocket, Agora, 2008.

De outras obras e documentos produzidos na Idade Média e na Antiguidade

Annales Ecclesiastici, ed. Caesaris Baroni. Tomo XXVI – 1356-1396. Paris: Consociationis Sancti Pauli, 1880.

Aristóteles. *Poética*, trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

Chronique de Jean II et de Charles V : les grandes chroniques de France. Publiée pour la Société de l'histoire de France par R. Delachenal, t.1-2, 1920.

Chronique des quatre premiers Valois (1327-1393) / publiée pour la première fois pour la Société de l'histoire de France, par M. Siméon Luce. Paris : Jules Renouard, 1862.

Chronique normande du XIVe siècle. Publ. pour la Société de l'histoire de France par Auguste et Émile Molinier, Paris : Librairie Renouard, 1882.

Crónica des Rey de Aragon D. Pedro IV, El Cerimonioso. Trad. Antonio de Bufarull. Barcelona: Ed. Imp. Alberto Frexas, 1850.

Cronique de Flandres ancienement composée par auteur incertain et nouvellement mise en lumière par Denis Savvage. Lyon : Guillaume Roville, 1562.

Eustache Deschamps. *Oeuvres complètes d'Eustache Deschamps* : publiées d'après le manuscrit de la Bibliothèque nationale par le marquis de Queux de Saint-Hilaire et Gaston Raynaud. Paris: Firmin-Didot, 1878-1903. 11 v.

Foedera, conventiones, literae, et cujuscunque generis acta publica : inter reges Angliae, et alios quosvis imperatores, reges, pontifices, principes, vel communitates, ab ineunte saeculo duodecimo, viz. ab anno 1101, ad nostra usque tempora, habita aut tractata : ex autographis, infra secretiores. Publicada por RYMER, T. Londres :J. Tonson, t. III e t. VI, 1727-1741. Disponível em: gallica.bnf.fr.

Guillaume de Saint-André. *Le Libvre du Bon Jehan, duc de Bretaigne*. In : Cuvelier. *Chronique de Bertrand Du Guesclin par Cuvelier Trouvère du XIVe siècle.* Publiée pour la première fois par E. Charrière. Collection de Documents Inédits sur

l'Histoire de France Publiés par ordre du Roi et Soins du Ministère de l'Instruction Publique, Première Série – Histoire Politique Paris: Firmin-Didot, 1839, vol 2, p. 421-560.

Henri Knighton. *Historiae Anglicanae Scriptores decem*, publicada por Roger Twysden, Londres: Typis Jacobi Flesher, 1652. Disponível em: archive.org.

Jean Froissart. *Les chroniques de sire Jean Froissart : qui traitent des merveilleuses emprises, nobles aventures et faits d'armes advenus en son temps en France, Angleterre, Bretaigne, Bourgogne, Ecosse, Espaigne, Portingal et ès autres parties*. Par J. A. C. Buchon, t. 1-3. Paris : Desrez, 1835.

Jean Juvénal des Ursins. *Histoire de Charles VI*. In : *Nouvelle Collection des mémoires pour servir à l'histoire de France,* depuis le XIIIe siècle jusqu'à la fin du XVIIIe s Publié par MM. Michaud et Poujoulat. Tome II. Paris : Editeur du Commentaire Analytique du Code Civil, 1836, p. 333-569.

Jean le Bel. *Chronique de Jean de Bel* Publiée pour la Société de l'Histoire de France par Jules Viard et Eugène Déprez. Paris :Librairie Renouard, 1904-1905, 2 t.

La chanson de Roland ou de Roncevaux du XIIe s. Ed. de Francisque Michel, Paris: Silvestre Libraire, 1837.

Le Prince Noir – Poème du hérault d'armes Chandos. Edition de Francisque Michel. Paris/Londres : F. G. Fotheringham, 1883.

Le Roman de Renart le contrefait, t. 1. Publié par Gaston Raynaud et Henri Lemaître. Genève **:** Editeur Slatkine, 1914. Disponível em : http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4082m/f33.image

Les Grandes Chroniques de France – Chronique des règnes de Jean II et Charles V publiée pour la Société de l'Histoire de France, R. Delachenal. Paris: H. Laurens. Tome II – (1364-1380), 1910-1920.

Lettres de rois, reines et autres personnages des cours de France et d'Angleterre depuis Louis VII jusqu'à Henri IV. Publicadas por CHAMPOLLION-FIGEAC Paris : Imprimerie Royale, t. II, 1847. Disponível em : gallica.bnf.fr.

Li Livres du Gouvernement des Rois, a XIIIth Century French version of Egidio Colonna's Treatise – De Regimine Principum, by Molenaer, S. New York: Ed. MacMillan, 1899.

LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem da Cavalaria*. Tradução Ricardo da Costa. Disponível em: http://www.ricardocosta.com/traducoes/textos/o-livro-da-ordem-de-cavalaria-c1274-1276.

LOPEZ DE AYALA, P. *Cronicas de los Reyes de Castilla don Pedro, don Enrique II, don Juan I, don Enrique III,* con las emiendas del secretario Geronimo Zurita. Madrid: 1779-1780. 2 v.

Magnum Bullarium romanum. Luxemburgo: André Chevalier Imprimeur, 1730, t. 9.

Mandements et actes divers de Charles V (1364-1380) : recueillis dans les collections de la Bibliothèque Nationale / publ. ou analysés par M. Léopold Delisle, Paris: Imprimerie Nationale, 1874.

Mémoires pour servir à l'histoire de Charles II, roi de Nvarre et comte d'Évreux, surnomé le Mauvais, par M. Secousse, de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Paris : Durand, 1758.

Mémoires pour servir de preuves à l'histoire ecclésiastique et civile de Bretagne tirés des archives de cette province, de celles de France et d'Angleterre, des recueils de plusieurs sçavans antiquaires, et mis en ordre par Dom Hyacinthe Morice. Paris : Charles Ormont, t. 1, 1742.

Michel de Pintoin. *Chronica Karoli Sexti. Chronique du religieux de Saint-Denys : contenant le règne de Charles VI, de 1380 à 1422*. Publiée en latin pour la

première fois et traduite par M. L. Bellaguet. Paris : Imp. De Crapelet, 1839-1852. Tome 1.
Monuments du procès de canonisation du Bienheureux Charles de Blois, por Fr. Antoine de Sérent (ed.). Saint-Brieuc : René Prud'homme, 1921.
Ordonnances des Roys de France de troisième race, par M. Secousse. Paris : Imprimerie Royale, 1732, 12 vol.
Recueil de pièces servant de preuves aux mémoires sur les troubles excités en France par Charles II, dit le Mauvais, Roi de Navarre et comte d'Évreux, par M. Secousse. Paris : Durand, 1755.
Thesaurus novus anecdotorum Tomus Tertius. Chronica Varia. Monumenta Historica. Ed. Edmundi Martene e Ursini Durand, Paris, 1717.
Végèce. *Traité de l'art militaire*. Trad. de Victor Develay. Paris, 1859.

De obras de estudo

ANHEIM, Etienne ; LILTI, Antoine. Introduction. *Annales. Histoire, Science Sociales*, Paris, 65e année/2, Savoirs de la littérature, 2010, p. 257. Disponível em : http://www.cairn.info/revue-annales-2010-2-page-253.htm.
ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Trad. Luiza Ribeiro. São Paulo : Ed. UNESP, 2014.
AUERBACH, E. *Mimesis*. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1998.
AURELL, M. Arthur, Excalibur et le perron: mythe, sacre royal et théocratie (XIIe-XIIIe s.). Conferência proferida nas *Semaines d'Études Médiévales*, CESCM, Un. de Poitiers em junho de 2015.
AUTRAND, F. Marmousets. In: GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 885.
BARROS, J. d'A. *O campo da história*: especialidades e abordagens. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
BARTHÉLEMY, D. *La chevalerie*. Paris : Perrin (Tempus), 2012.
BASTOS, Hermenegildo. Ficcional e Verídica (Notas sobre a historicidade da poesia). *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, nº 94, jun./dez. 2016. Disponível em: http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/46090 .
BEAUNE, C. *Le Grand Ferré*. Premier héros paysan. Paris : Perrin, 2013.
_____. Les sanctuaires royaux. De Saint-Denis à Saint-Michel et Saint-Léonard. In : NORA, P. (dir.). *Les Lieux de mémoire* I. Paris : Quarto Gallimard, 2013.
_____. Mourir noblement à la fin du Moyen Âge. In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 6e congrès, Strasbourg, La mort au Moyen Âge, 1975.
_____. Saint-Denis. In: GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. (orgs.) *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF, 2002, p. 1268.
BESSEY, V. *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François I. Turhnout : BREPOLS, 2006.
BIU, H. "Et la gist la maistrie": de l'Arbre des batailles au Livre des faits d'armes et de chevalerie. In : DEMARTINI et al. *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*. Paris : Honoré Champion, 2016, p. 149-162.
BLANCHARD, J. Les hiérarchies de l'honneur. Avatars d'une grille conceptuelle à la fin du Moyen Âge : Mézières et le Pseudo-Denys. *Revue historique*, nº 648, 2008/4, p. 789-817. Disponível em: www.cairn.info.
BLOCH, M. *A Apologia da história*, ou, *O ofício de historiador*. Tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *A sociedade feudal*. Trad. Liz Silva. Lisboa : Edições 70, 2012.
BOISSELLIER, S. Ideologia da guerra ou ideologia dos guerreiros? Mais algumas interpretações do relato da batalha do Salado (1340) no *Livro de Linhagens* do Conde Dom Pedro. *Diálogos Mediterrânicos* nº 7, dez de 2014, p. 84-103.
BOUDET,J-P. e MILLET, H. *Eustache Deschamps en son temps*. Collection Textes et Documents d'Histoire Médiévale. Paris : PUPS, 1997.
BOUTET, D. L'épopée. In : LESTRINGANT, F. ; ZINK, M. *Histoire de la France littéraire*. Naissances, Renaissances. Moyen Âge – XVIe siècle. Paris : PUF, 2006, p. 850-873.
BOUHAÏK-GIRONÈS, Marie. L'historien face à la littérature : à qui appartiennent les sources littéraires médiévales?. *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 38e congrès, Île de France, 2007. Être historien du Moyen Age au XXIe siècle. p.161. Disponível em : http://www.persee.fr/doc/shmes_1261-9078_2008_act_38_1_1950.
BOULET, N. « La canonisation de Charles de Blois (1376) », *Revue d'Histoire de l'Église de France*, vol. 28, nº 114, 1942.
BOURGAIN, P. Miroir des princes. In: GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*, 2002, p. 931-932.
BRAUDEL, F. *Escritos sobre a História*. Trad. J. Guinburg e Tereza da Mota. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
BURKE, P. *A Fabricação do Rei*: a construção da imagem pública de Luís XIV. Trad. Maria Luiza Borges. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
_____. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Goes de Paula. 2ª ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
_____. e HSIA, R. Po-chia (orgs). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Roger M. dos Santos. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
BUTAUD, G. *Les Compagnies de routiers en France 1357-1393*. Clermont-Ferrant : Lemme edit, 2012.
_____. *Présentation du manuscrit 93 de la BMVR de Nice : Histoire en prose de Bertran du Guesclin*. Disponível em : http://manuscrits.nice.fr/_app/index.php.
CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 8ª.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
CARDINI, Franco. Guerra e cruzada. In: LE GOFF, SCHMITT (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol. I, Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 473-487.
CASSARD, J.-C. Les coulisses de la sainteté ? Charles de Blois vu par son entourage. *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*, Presses Universitaires de Rennes, 2009.
CAZAUX, L. Pour un droit de la guerre ? In : DEMARTINI et al. (org.). *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*. Paris : Honoré Champion, 2016, p. 89-102.
CERQUIGLINI-TOULET, J. Fama et les preux : nom et renom à la fin du Moyen Âge. *Médiévales*, n°24, 1993.
CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
CHARTIER, R. *A História Cultural* – entre práticas e representações. Trad. Maria M. Galhardo. 2ª ed. Lisboa : DIFEL, 2002.
_____. Do livro à leitura. In: _____. (org.). *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
CHEVALIER, J. (org.). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1996.
CLAYET-MICHAUD. R. 1388, la dédition de Nice à la Savoie: *Actes du Colloque International de Nice (sept. 1988)*. Paris : Publications de la Sorbonne, 1990.

CONTAMINE, P. Aperçus sur la propagande de guerre, de la fin du XIIe au début du XVe siècle : les croisades, la guerre de Cent ans In: *Le forme della propaganda politica nel Due e nel Trecento. Relazioni tenute al convegno internazionale di Trieste (2-5 marzo 1993)*. Rome : École Française de Rome, 1994, pp. 5-27 . Disponível em Persée www.persee.fr

_____. Bertrand Du Guesclin, une gloire usurpée ? In : _____. (org.). *Les chevaliers*. Paris : Tallandier, p. 75-89.

_____. Croisade, réformation religieuse, politique et morale de la chrétienté au XIVe siècle : Philippe de Mézières. *Mélanges de l'École française de Rome* – Italie et Méditerranée modernes et contemporaines, 124-1, Roma, 2012. Disponível em: http://mefrim.revues.org/138.

_____. Guerre. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 618-620.

_____. *La guerre au Moyen Âge*. Paris : PUF, 1980.

_____. *La guerre de Cent Ans*. 4e. tir. Paris : PUF, 2013 [1968].

_____. (org.) *Les chevaliers*. Paris : Tallandier, 2006.

_____. Les compagnies d'aventure en France pendant la Guerre de Cent Ans. *Mélanges de l'Ecole française de Rome*. Moyen-Age, Temps modernes T. 87, N°2. 1975

_____. L'idée de guerre à la fin du Moyen Âge ; aspects juridiques et éthiques. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 123e an. nº 1, 1979.

_____. Préface. In: BESSEY, V. *Construire l'armée française*. Textes fondateurs des institutions militaires. Tome 1 : De la France des premiers Valois à la fin du règne de François Ier. Turnhout : BREPOLS, 2006, p. 5-11.

CORBELLARI, A. ; TILLIETTE, J.-Y. *Le rêve médiéval*. Génève : Droz, 2007.

CORVISIER, A. *Les danses macabres*. Paris : PUF, 1998.

COSNEAU, E. *Le connétable de Richemont (Arthur de Bretagne) 1393-1458*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1886.

COURROUX. P. *L'écriture de l'histoire dans les chroniques françaises* (XIIe-XVe siècle). Paris : Classiques Garnier, coll. Histoire Culturelle, 2016.

CROPP, G.M. Les vers sur les Neuf Preux. *Romania*, tome 120, nº 479-480, 2002, p. 459-460. Disponível em : www.persee.fr.

CURRY, A. Brétigny (Traité de). In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 194.

_____. Lancastre. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 810-811.

CURSENTE, B. Gascogne. In: GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 576.

DAHAN, G. Juifs en Occident. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 785-794.

DECK, P. Mémoire. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 900-901.

DEMARTINI, D. ; LE NINAN, C. ; PAUPERT, A. ; SZKILNIK, M. *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*. Paris : Honoré Champion, 2016.

DEMURGER, A. Ordre du Temple. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p.1023-1024.

DEVAUX, J. De la biographie au miroir du prince : le Livre des fais et bonnes meurs su sage roy Charles V de Christine de Pizan. *Le Moyen Âge* nº 3, Tome CXVI, Paris : De Boeck Supérieur, 2010, p. 591-604.

_____. Introduction. Littérature et Politique sous les premiers Valois. *Le Moyen Âge* nº 3, Tome CXVI. Paris : De Boeck Supérieur, 2010, p. 533-543.

DOSSE, F. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUBY, G. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Tradução Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

_____. *Guillaume le Maréchal ou le meilleur chevalier du monde*. Paris: Fayard, 1984.

_____. *Idade média, idade dos homens* : do amor e outros ensaios. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

_____. *Sociedades Medievais* – Lição inaugural proferida no Collège de France, em 4 de dezembro de 1970. Tradução de Augusto Joaquim. Lisboa: Terramar, 1999.

DUDASH, S. Prudence et chevalerie dans le Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V. *Cahiers de Recherches médiévales et humanistes*, nº 16, 2008.

DULAC, L. Christine de Pizan. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 288.

DUMONT, J; MASSON, C. Pour une étude croisée des armes et des lettres. *Le Moyen Âge* nº 1, Tome CXXI, Paris : De Boeck Supérieur, 2015, p. 9-20.

DUVAL, Frédéric. *Lectures françaises de la fin du Moyen Âge* : petite anthologie commentée de succès littéraires. Genebra : Droz, 2007.

FERNANDES, F. R. A nobreza, o rei e a fronteira no medievo peninsular. *En la España Medieval*, vol. 28, Publicaciones Universidad Complutense de Madrid, 2005.

_____. (org.). *Identidades e fronteiras no medievo ibérico*. Curitiba: Juruá, 2013.

_____. Usurpações, casamentos régios, exílios e confiscos, as agruras de um nobre português no século XIV. *Rev. História Helikon*, Curitiba, v.2, n.2, p.02-15, 2º semestre/2014

FLORI, J. *A cavalaria: A origem dos nobres e dos guerreiros da Idade Média*. Trad. Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2005.

_____. *Aliénor d'Aquitaine. La reine insoumise*. Paris: Payot & Rivages, 2004.

_____. Armés pour le combat ! In : CONTAMINE, P. (org.). *Les chevaliers*. Paris : Tallandier, 2006, p. 57-59.

_____. *Chevaliers et chevalerie au Moyen Âge*. Paris: Fayard, 1998.

_____. La notion de chevalerie dans les chansons de geste du XIIe siècle. Étude historique du vocabulaire. *Le Moyen Âge*, 81/2, 1975, p. 211-244/407-444.

FOURCADE, S. De l'utilité des lettres dans la carrière des armes. Guerre et culture écrite en France au XVe siècle. *Le Moyen Âge* nº1 (Tome CXXI), Paris : De Boeck Supérieur, 2015, p. 21-40.

FUNES, L. De Alfonso el Sabio al Canciller Ayala : variaciones del relato histórico (Conclusiones del seminario dictado en la Universidad de Buenos Aires, agosto-noviembre de 2002). Documento sem paginação. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1201844.

_____. Elementos para uma poética del relato histórico. In: ARIZALETA, A. *Poétique de la chronique*. L'écriture des textes historiographiques au Moyen Âge (Péninsule Ibérique et France). Toulouse : CNRS, coll. Méridiennes, 2008, p. 241-273.

_____. "Reflexiones em torno a una poética del relato cronístico". *Bulletin du Centre d'études médiévales d'Auxerre, BUCEMA*, nº2, 2008.

_____. Versiones cronísticas de las *enfances* de Rodrigo:¿prosificación o reescritura?. *Letras*, nº 67-68, Enero-diciembre, 2013.

GALDERISI, C. Conscience littéraire et émergence de l'indicidu au Moyen Âge. In : LESTRINGANT, F ; ZINK, M. *Histoire de la France Littéraire*. Naissances, Renaissances. Moyen Âge – XVIe siècle. Paris : Quadrige/PUF, 2009, p. 667-677.

GAUCHER, Elisabeth. *La biographie chevaleresque*. Typologie d'un genre (XIIe-XVe siècle). Paris : Honoré Champion [Nouvelle Bibliothèque du Moyen Âge], 1994.

GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge* – du Ve au XVe siècle. Paris: PUF, 1996.

_____. *Le temps des Valois* 1328-1515. Paris: PUF, 2013.

_____. Violência. In LE GOFF, J. e SCHMITT, J.-C., *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2 v., 2006, p. 605-613.

GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios.* Trad. Antonio Narino. Lisboa:DIFEL; Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil, 1989.

_____. *Le fromage et les vers. L'univers d'un meunier du XVIe siècle*. Paris: Aubier, 1980.

GUENÉE, Bernard. *Du Guesclin et Froissart.* La fabrication de la renommée, Tallandier, 2008.

_____. Histoire et chronique, nouvelles réflexions sur les genres historiques au Moyen Âge. In : POIRION, D. (dir). *La chronique et l'histoire au Moyen Âge, colloque des 24 et 25 mai 1982*. Paris : Presses de l'Université de Paris Sorbonne, 1986, p. 3-12.

_____. *Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval*. Paris : Flammarion, 2011 [1980].

_____. « Histoires, annales, chroniques. Essai sur les genres historiques au Moyen Âge » In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 28e année, N. 4, 1973. p. 997-1016. Disponível em Persée www.persee.fr

_____. Histoire, mémoire, écriture. Contribution à une étude des lieux Communs. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 127e année, N. 3, 1983.

_____. *La folie de Charles VI*. Paris : Perrin, 2004.

_____. L'écho d'un prologue : de Guillaume de Tyr à Michel de Pintoin. In : Les prologues médiévaux. Actes du Colloque international organisé par l'Academia Belgica et l'Ecole française de Rome avec le concours de la F.I.D.E.M. (Rome, 26-28 mars 1998). Turnhout : BREPOLS, 2000, p. 229-243.

_____. « Les 'Grandes Chroniques de France' Le Roman des roys 1274-1518 ». In: NORA, P. *Les Lieux de mémoire I*, Paris: Quarto Gallimard, 2013. pp. 739-758.

_____. Philippe Contamine, Guerre, État et Société à la fin du Moyen Âge. Compte rendu. In : *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*, 29e année, n° 6, 1974, p. 1533.

GUIMARÃES, M. L. A polifonia de Nájera. *Revista Territórios & Fronteiras,* Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014, p. 183-195.

_____. As intenções da escrita da História no outono da Idade Média. In: BASSI, R e TEIXEIRA, I. S. (orgs.). *A escrita da história da Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 76-89.

_____. *Capítulos de História: o trabalho com fontes*. Curitiba: Aymará Educação, 2012.

_____. Cultura na Baixa Idade Média. In: GIMENEZ, J. C. (org.). *História Medieval II*: a Baixa Idade Média. Maringé: EDUEM, 2010, p. 113-136.

_____. (org.) *Por São Jorge! Por São Tiago! batalhas e narrativas ibéricas medievais*. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.

_____. O discurso cronístico e a narratividade histórica. In: MARCHINI NETO, D.; NASCIMENTO, R. C. S. *A Idade Média*: entre história e historiografia. Goiânia: Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012, p. 53-77.

_____. Sintomas de renovação na poética tardo-medieval. (Inédito)
HÉLARY, X. *L'armée du roi de France* : la guerre de Saint Louis à Philippe le Bel. Paris: Perrin, 2012. (Livro eletrônico, Kobo)
HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.
JONES, M. *Letters, orders and musters of Bertrand Du Guesclin*, 1357-1380. Woodbridge: The Boydell Press, 2004.
LAPLANE, G. La mort de Blanche de Bourbon. Essai d'interprétation d'un cas historique. *Bulletin Hispanique*, 1964, vol. 66, n. 1, p. 5-16.
LASSABATÈRE, T. *Du Guesclin*. Vie et fabrique d'un héros médiéval. Paris : Perrin, 2015.
_____. La fonction de connétable et le commandement militaire dans le Livre des faits d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan. In : DEMARTINI et al. (org.). *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*. Paris : Honoré Champion, 2016, 73-87.
_____. Le mythe littéraire de Bertrand Du Guesclin : écriture, diffusion et lecture des œuvres de Christine de Pizan et de ses contemporains, *Actes du VIe Colloque international sur Christine de Pizan (Paris, 20-24 juillet 2006)*. Paris : Honoré Champion, 2008.
LAURANSON, C. Paix de Dieu. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 1035-1037.
_____. Trêve de Dieu. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p.1406-1407.
LE GOFF, J. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2011.
_____. *Histoire et mémoire*. Paris : Gallimard, 1988.
_____. Naissance du roman historique au XIIe siècle ? *La Nouvelle Revue Française* nº 238, Paris : NRF, octobre 1972, p. 163-173.
_____. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
_____. Sonhos. In: LE GOFF, J., SCHMITT, J.-C. (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol. II Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 511-529.
LEROY, B. Charles II de Navarre. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF/Quadrige, 2002, p. 264.
LUCE, S. *Histoire de Bertrand Du Guesclin et de son époque*. La jeunesse de Bertrand. Paris : Librairie Hachette et Cie, 1876.
MARCHELLO-NIZIA, C. L'historien et son prologue : forme littéraire et stratégies discursives. In : POIRION, D. (org.). *La chronique et l'histoire au Moyen Âge*. Paris : Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 1984.
MARTIN, H. *Mentalités médiévales*, XIe-XVe siècle. Paris: PUF, 1998.
MENARD, J. Lukács et la théorie du roman historique. *La Nouvelle Revue Française* nº 238, Paris : NRF, octobre 1972.
MINOIS. G. *Du Guesclin*. Paris : Fayard, 1993.
_____. *La guerre de Cent Ans*. Paris : Perrin, 2010.
MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. La Cristiandad Medieval y Las Formulaciones Fronterizas. In: _____ [et.al.] Fronteras y Fronterizos en la Historia. Valladolid: Instituto de Historia Simancas, 1997.
MOAL, L. *Auray 1364*. Un combat pour la Bretagne. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2012.
_____. *Du Guesclin* – Images et histoire. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2015.

_____. La bataille d'Auray, 2016. Disponível em : http://bcd.bzh/becedia/fr/la-bataille-dauray.
MONTEIRO, J. G. *Entre romanos, cruzados e ordens militares*. Ensaios de História militar Antiga e Medieval. Coimbra: Salamandra, 2010.
_____. *Vegécio, Compêndio da Arte Militar*, Coimbra: Annablume, 2011.
NORA, Pierre. *Les Lieux de mémoire I*, Paris: Quarto Gallimard, 2013.
OFFENSTADT, N. *Faire la paix au Moyen Âge* – discours et gestes de paix pendant la guerre de Cent Ans. Paris: Odile Jacob, 2007.
OLDENBOURG, Z. Le roman et l'histoire. *La Nouvelle Revue Française* nº 238, Paris : NRF, octobre 1972.
OUY, G. "Honoré Bouvet (appelé à tort Bonet) prieur de Selonnet", *Romania*, LXXXV, 1959.
PASTOUREAU, M. Le roi du jeu d'échecs. In: HILTMANN, T. (org.). *Les "autres" rois* – Études sur la royauté comme notion hiérarchique dans la société au Bas Moyen Âge et au début de l'Époque Moderne. E-book, Oldenbourg, 2013, p. 158. Disponível em: www.degruyter.com.
PAYEN, J. C. *Histoire de la littérature française* – Le Moyen Âge. Paris : GF Flammarion, 1997.
PEDRERO-SÁNCHEZ, M. G. *História da Idade Média*. Textos e testemunhas. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. *Revista História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, nº 14, set. 2003. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220.
POCQUET DU HAUT-JUSSE, B. La dernière phase de la vie de Du Guesclin, l'affaire de Bretagne. In: *Bibliothèque de l'école des chartes*. 1967, tome 125, livraison 1. p. 142-189.
POIREL, D. Prudence. In : GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge*, 2002, p. 1159.
POIRION, D. Allégorie. In : FAVIER, J. ; MARTIN, H. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge* : Littérature et Philosophie, Paris : Encyclopédia Universalis, Albin Michel, 1999.
PONSAN, G. *L'Histoire de l'Académie des Jeux Floraux*. Toulouse : Imprimerie de la Veuve, 1764.
PROU, M. Étude sur les relations politiques du pape Urbain V avec les rois de France Jean II et Charles V (1362-1370). *Bibliothèque de l'École des hautes études* ; 76e fascicule, Paris : F. Vieweg, 1888, p.128-129.
RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
_____. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. 55e année, nº 4, 2000. Disponível em : http:// www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_2000_num_55_4_279877.
_____. *Temps et Récit*. Paris: Ed. du Seuil, 3v., 1983-1985.
RÜSEN, J. *Razão histórica*. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília : Editora da UNB, 2001.
SANTANA, E. V. *Ca insegna quali virtù ei príncipi debbiano avere : a contenção régia por meio das virtudes no tratado De Regimine Principum de Egídio Romano*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.
SCHNERB, B. Connétable. In : GAUVARD, C. ; LIBERA, A. ; ZINK, M. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge…*, 2002, p. 330-331.

TOUREILLE, V (dir.). *Guerre et société* 1270-1480. Neuilly : Atlande, 2013.
TYSON, D. B. "Introduction". In: *Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie* vol. 147. La Vie du Prince Noir by Chandos Herald. Tübingen : Max Niemeyer, 1975, p. 18-22.
ULLMANN, W. *Principios de gobierno y política en la Edad Media*. Trad. Graciela Soriano. Madrid : Alianza Editorial, 1985.
VALDALISO, C. Construcciones de la memoria: la batalla de Nájera en las crónicas de la época. in *VI Jornadas luso-espanholas de estudos medievais – A guerra e a sociedade na Idade Média*. Campo Militar de S. Jorge (CIBA), Porto de Mós, Alcobaça, Batalha, 2009. V. II. p. 295-308.
VERGER, J. *Homens e saber na Idade Média*. Trad. Carlota Boto. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
VEREECKE, L. G. Casuistique. In: FAVIER, J. ; MARTIN, H. (org.). *Dictionnaire du Moyen Âge* – littérature et philosophie. Paris : Albin Michel, 1999, p. 238.
VEYNE, P. *Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar [et al.]. Brasília, UnB, 1982.
ZINK, M. Bricoler à bonne distance. *La lettre du Collège de France* : Hors-série 2| 2008, mis en ligne le 24 juin 2010. Disponível em : http://lettre-cdf.revues.org/218.
_____. *Froissart e o tempo*. Trad. Carmem L. Druciak e Marcella L. Guimarães. Curitiba: Ed. da UFPR, 2016.
_____. *Introduction à la littérature française du Moyen Âge*. Paris : Le Livre de Poche, 1993.
_____. Literatura(s). In: LE GOFF, J.; SCHIMITT, J.-C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. 2. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 79-93.
_____. *Littérature française du Moyen Âge*. Paris: Quadrige/PUF, 2004.
ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a literatura "medieval"*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa P. Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
_____. *Essai de poétique médiévale*. Paris: Ed. Du Seuil, 2000 [1972], 622 p.
_____. *Falando da Idade Média*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
_____. *Perfomance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa P. Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Casac Naify, 2007.

De obras de referência

ARLIMA – Archives de littérature du Moyen Âge – site internet.
Dictionnaire des arrêts ou jurisprudence universelle des parlemens de France, 1727.
Dictionnaire du moyen français. Site internet - http://www.atilf.fr/dmf/
Dictionnaire encyclopédique de la noblesse de France, 1816.
ENCICLOPÉDIA Einaudi. *Memória-História* [v.1]. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.
GAUVARD, C., LIBERA, A. et ZINK, M. (orgs). *Dictionnaire du Moyen Âge*. 4e ed. Paris: PUF, 2012 [2002], 1548 p.
GODEFROY, F. *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IXe au XVe siècle :* composé d'après le dépouillement de tous les plus importants documents manuscrits ou imprimés qui se trouvent dans les grandes bibliothèques de la France et de l'Europe [Reprod.] par Frédéric Godefroy, 1881-1902. Disponível em linha: http://micmap.org/dicfro/search/dictionnaire-godefroy/
HASENOHR, G; ZINK, M. (dir.). *Dictionnaire des Lettres Françaises*. Paris: Fayard, 1992.
LE GOFF, J. e SCHMITT, J.-C., *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP:

Edusc, 2 v., 2006.
LE PETIT ROBERT - *Dictionnaire de la Langue Française*. Version numérique, 2013.
LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.